



# *Dominados*

MILA WANDER

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Dominados**

**Mila Wander**

*Para as mulheres de todo o mundo. Sejam guerreiras. Vençam.  
Conquistem. Dominem. Mas nunca deixem de amar.*

## **Agradecimentos:**

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da escrita, que só podia ter vindo Dele, e só Ele sabe o quanto estou feliz com tudo isso.

Agradeço também às minhas queridas leitoras betas: Patricia Silva, Lily Gonçalves, Helen Moro, Sara Cândido, Denise Costa, Joyce Moraes, Luciana Maia, Gabriela Alves, Josy Alcântara, Gisele Souza, Juliane Gomes e Vitória Freitas. Vocês não fazem ideia do quanto me ajudaram nesta nova jornada. Devo a conclusão deste livro a vocês, incentivadoras, puxadoras de orelha e amigas especiais. Obrigada!

Agradeço de todo o meu coração aos meus leitores maravilhosos. São os melhores do mundo. A minha gratidão por ter vocês pertinho, apoiando-me, incentivando-me, surtando junto comigo, não conhece limites. Eu não sou absolutamente nada sem vocês.

Por fim, agradeço ao Henry Cavill por simplesmente ser quem é. A minha inspiração para o Henrique só foi bem sucedida por causa dele.

Espero que gostem da leitura, pois escrevi com muito carinho para você, querido leitor.

Beijos,

Mila Wander

**Este é um aviso de que a obra é nacional, cem por cento brasileira, e de que o compartilhamento do PDF não é autorizado pela autora. Diga não à pirataria! Ajude o autor nacional a vender seus livros. Incentive a compra dos e-books nacionais, assim tornaremos o mercado literário brasileiro mais viável para ambas as partes: autores e leitores.**

**Se estiver lendo este livro através de um arquivo PDF pare agora! Informe-se sobre como adquirir esta obra legalmente. Jamais compartilhe PDF de livros em grupos ou e-mails sem se informar sobre como fazer para adquiri-lo.**

**Cópia parcial ou total terminantemente proibida.**

**Copyright – 2014.**

# 1º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Meio-dia. Estou morrendo de fome e o otário não para de me encher a paciência. Alguém deveria lhe dizer que não se inicia uma conversa perto do horário do almoço, principalmente com uma mulher faminta que odeia passar vontade. Se o que dissesse fosse ao menos útil talvez eu não estivesse fazendo uma careta grotesca.

Ele percebia a minha cara de puta da vida, mas mesmo assim ignorava. Ele sempre me ignorava. Duvido muito de que me ignorasse se eu o amarrasse com cordas grossas e nó de marinheiro. Eu o faria se o imbecil não fosse tão desprovido de beleza; esse cara não é pegável nem no escuro. Só o movimento que sua boca faz, gerando uma babinha ridícula nos cantos dos lábios, me dá nojo. Uma vontade de torturá-lo apenas pelo prazer de vê-lo gritar de dor.

O prazer seria apenas meu. Não dele. Não que eu me importe com o prazer de alguém, porém meu próprio prazer estaria distante de alcançar um nível sexual. O que justifica meu desinteresse.

– E é por isso que você deve aprender de uma vez por todas o meu trabalho – continuou tagarelado. Mal sabia do que estava falando, visto que era complicado desviar os olhos de suas bochechas cheias de espinha. Eca. Como alguém aos quarenta anos tem espinhas? – Quero que consiga essa vaga, Laura.

Laura? Laura?! É Doutora Laura Diniz, seu verme!

Estiquei os lábios, prendendo meus dentes um contra o outro. Precisava esmurrar alguém. Era uma necessidade, uma coisa que queimava o meu cérebro, fazendo alguns neurônios pipocarem.

– Que vaga? – perguntei com a voz rígida. Foi quase um rosnado, que fez com que o sujeito parasse e me encarasse com ainda mais seriedade.

Seus olhos se amuaram na velocidade da luz. Não devia estar intimidando meu próprio chefe, mas era impossível não fazê-lo. Ficava cada vez mais constante, pois minha paciência para aturar aquele emprego ia para os ares a cada segundo que passava. Era um ótimo emprego, claro, sempre ganhei muito bem, porém meu destino – e meus próprios ideais de vida – dizia que eu merecia muito mais do que aquilo. Eu realmente mereço.

– Você estava me ouvindo? Acorda, Laura!

Laura é o cacete!

– Repita – murmurei, cerrando os punhos por debaixo da mesa.

O otário soltou um suspiro irritante. Seus braços magros se apoiaram do outro lado da mesma mesa na qual eu agora escondia o meu dedo do meio erguido.

– Vou falar tudo de novo: estou deixando o cargo por causa da minha nova empresa. Chamaria você para trabalhar comigo, mas não posso te pagar tão bem quanto o que te pagam agora. Laura, a presidência precisa de uma direção geral, e sei que você pode conseguir a vaga. Na verdade só conheço duas pessoas nesta empresa que são aptas para o trabalho: você e o Henrique Farias, coordenador do departamento de contabilidade.

Todos os músculos do meu corpo se enrijeceram mediante àquele nome. O tesão atingiu tal limite que me deixou com vontade de vomitar.

– Por isso que indiquei ambos – continuou. – Não precisa me agradecer, apesar de não nos darmos tão bem quanto eu gostaria, sei que é competente. Vou te ensinar tudo que sei antes de ir. Estou



torcendo por você nesta parada, embora o Henrique seja tão bom quanto.

Tirando o fato de que meu diretor geral queria me ensinar tudo o que sabia – mesmo eu sabendo muito mais do que ele e seja a pessoa que, de fato, resolve todos os problemas que eram seu dever solucionar –, o que disse acabou me deixando um pouco menos afetada. Afinal, eu teria uma chance. Uma oportunidade rápida e única de começar a ganhar o triplo do que ganho. Mais prestígio, mais status e um salto imenso rumo à presidência. Eu sei que sou ambiciosa, ok? O céu é o meu limite. Fui feita não apenas para ir além, mas para ser além. Finalmente aquele bando de riquinho metido a merda reconheceria o meu valor e minha total capacidade de comandar qualquer um que seja.

O poder percorre as minhas veias. Não tenho dúvidas disso. Só preciso exercê-lo em mais um âmbito da minha vida; o que faltava para me deixar absolutamente completa.

Minhas expressões faciais se tornaram bem mais amenas. Meu chefe pareceu relaxar junto comigo, respondendo imediatamente aos meus gestos. Gosto disso. Gosto muito.

– Ótimo – falei. – Eu conheço cada processo do seu trabalho, Agenor. Não há pessoa mais qualificada do que eu. Nem devia ter colocado o nome do Henrique Farias nesta jogada.

Agenor começou uma sessão irritante de estraladas nos dedos das mãos. Sua face comprida perdeu todo resquício de controle. Ele agora era um homem perturbado e temeroso. Não sabia o que o maldito tanto temia, mas curtia a ideia de que era eu quem lhe causava aquele pavor.

– A presidência pediu dois nomes – murmurou meio rouco, como se tivesse perdido o ar.

Respirei fundo.

– Tudo bem. Não vejo problemas em competir com alguém inferior. Na verdade vai ser divertido.

Agenor, que havia desviado os olhos dos meus de um jeito que me deixou silenciosamente possessa, tornou a me olhar. Seus olhos castanhos me avaliaram por longos instantes. Depois ele apenas sorriu, mostrando dentes amarelados e contornos faciais envoltos por rugas e uma barba por fazer.

Não me dignei a lhe devolver o sorriso.

– Será simples para você – ele murmurou, ousando pela primeira vez me observar dos pés a cabeça. Eu estava sentada de pernas cruzadas numa das cadeiras da sua ampla sala, que em breve seria minha, trajando um terninho escuro muito elegante com gravata cinza-escuro.

Era só o que me faltava. Receber olhares do chefe depois de quase cinco anos aguentando seus chiliques. Se soubesse o quanto o guardava em uma parte do meu coração, a parte que serve apenas para odiar, jamais me olharia daquela forma.

– É claro. – Levantei-me imediatamente, e ele me acompanhou. Ajustei a saia escura e observei o relógio. Meio-dia e dez. Um prato de arroz, farofa, picanha grelhada e salada me esperava no restaurante ao lado do imenso prédio da Construtora Marcos Delacox, a maior e mais bem sucedida construtora do país.

Antes de qualquer coisa, sou uma boa arquiteta. A diferença é que me debulhei em livros, concluí o mestrado, arrasei no doutorado e tenho um dos melhores currículos da empresa, que inclui formação completa nas mais variadas áreas da construção civil. Entrei na CMD como uma simples arquiteta e, no período de cinco anos, tornei-me coordenadora geral do departamento de estratégia, um dos mais importantes na empresa. Sou chefe de um monte de gente, mas infelizmente ainda tenho que aturar a direção e a presidência – além de outros coordenadores que são considerados

pertencentes ao mesmo nível, embora meu trabalho seja absurdamente mais complicado.

Sou respeitada e admirada. Também sou desejada, mas ninguém nunca me interessou fisicamente. Ninguém exceto o maldito Henrique Farias. O cara é uma coisa estrondosa, mas seu jeito de menino bonzinho é irritante e constrangedor. Tão irritante que me faz querer ficar bem longe do sujeito. Pode parecer loucura, para uma mulher como eu muita coisa não faz sentido, porém meu alarme apita quando preciso de alguma informação da contabilidade. Ele sempre olha pra minha cara como se eu fosse uma fatia de torta de chocolate e depois franze a testa de um jeito que dá vontade de lhe lamber onde o sol não toca até que fique todo esfolado. Eu o faria, com certeza. Nem pensaria duas vezes, e podia até ampliar os cinco segundos semanais em que trocamos meias palavras, mas, como já disse, meu alarme apita. Eu confio no meu alarme, não quero e nem preciso de mais um homem cheirando a problema na minha cola.

Não importa se o cara é gostoso.

Saí da diretoria com um meio sorriso nos lábios. Passei por inúmeras mesas justapostas, onde o pessoal de marketing falava alto demais para o meu gosto. Minha sala ficava no décimo andar, portanto teria que descer sete por meio do elevador. Enquanto o esperava chegar, guardei meu sorriso em algum lugar escondido dentro da minha autosatisfação e continuei mantendo a minha fama de durona e temível. Algumas pessoas passaram por mim, parando suas conversas bruscamente e me cumprimentando com acenos leves de cabeça. Estava de bom humor, por isso correspondia aos acenos como se realmente me importasse com o que achavam de mim e da minha conhecida brutalidade.

Meu celular tocou de repente. Retirei-o do pequeno bolso do terninho e vi que era o mala do Agenor. Não contive um suspiro de irritação.

– Diga – atendi.

– Esqueci de avisar que a reunião será às treze horas – falou meio vacilante.

– Que reunião? – Olhei o relógio. Meio-dia e quinze. Porra, me deixem almoçar!

– Com a presidência. Eles querem conversar com você e com o Henrique.

– Ótimo. Só isso?

Ouvi o imbecil batendo freneticamente as mãos em cima da mesa.

– Er... Na verdade não. Eu... que... queria saber se... se...

Urgh. Minha vontade foi de desligar o celular na cara dele, mas me obriguei a ouvir sua babaquice até o fim.

– Se não gostaria de... jantar no almirante hoje. É que... Minha nova empresa que preciso comemorar queria que você viesse comigo porque você me ajuda e você me...

Parei de escutar quando ele começou a falar rápido, alto, sem vírgulas e sem um pinga de vergonha na cara.

– Não – respondi simplesmente. Encerrei a ligação e guardei o celular.

Busquei fôlego enquanto entrava no elevador vazio.

Que merda de dia difícil era aquele?

\*\*\*

*Senhor Henrique Farias*

Desliguei o telefone e apoiei todo o meu corpo no encosto da poltrona confortável. Estava na minha humilde e bagunçada sala.

Papéis sobrevoavam o ambiente, seguindo o movimento de um ventilador preto e grande. Maldito ar-condicionado quebrado!

Pus os pés em cima da mesa e simplesmente sorri. Foi um sorriso de esperança, um sorriso que dizia: "cara, esta é a sua chance!". O dia ganhou um novo brilho; há poucos minutos estava estressado com algumas contas, mas toda a preocupação se esvaiu como se tivessem puxado a tampa de uma enorme banheira.

Uma ótima notícia vinda do Agenor, diretor geral da Construtora Marcos Delacox. Ele iria deixar seu cargo na direção - aleluia, pois nunca vi homem mais incompetente para o serviço - a fim de abrir uma nova empresa no ramo da construção civil. Ou seja, o cargo estava vago.

Apesar de trabalhar na CMD há apenas dois anos, meus serviços sempre ganharam muitos elogios partidos de todos os seguimentos da empresa. Os anos a fio na faculdade de administração, e depois na de contabilidade, renderam-me um currículo amplo quando o assunto é finança empresarial. Já havia resolvido tantos abacaxis para aquela empresa que, não tinha dúvidas, o cargo na direção geral era apenas o começo da minha ascensão.

Eu merecia.

Minha evolução sempre foi notável. Afinal, meu senso de direcionamento e raciocínio rápido, além da capacidade de resolver situações às pressas, havia me colocado no cargo de coordenador do departamento de contabilidade em menos de quatro meses. Um bom emprego, uma ótima renda, mas um lugar muito pequeno para as minhas habilidades. Estava na empresa certa, a maior construtora do país não é qualquer coisa, porém conseguia ver o meu futuro em algum alto cargo da presidência. Ambição demais? Talvez. Sou mesmo ambicioso.

Em todos os âmbitos da minha vida a ambição está presente. O desejo pelo controle, a força da liderança. Está na minha

personalidade, faz parte de mim. Sou desse jeito: paciente, mas incansável. Apaziguador, porém feroz. Eu morde e assopro com a mesma facilidade. Tenho jogo de cintura e posso convencer qualquer pessoa a fazer qualquer coisa. Claro que toda empresa precisa de um cara como eu.

Óbvio que a CMD precisa de um diretor geral como eu.

Ouvi batidinhas tímidas na minha porta. Já sabia quem era: Helena, minha secretária. Era um dos poucos coordenadores que tinha uma. Havia exigido uma profissional para me acompanhar, e tem dado certo. Helena é competente, inteligente, atenciosa e gostosa. O que mais posso esperar de uma secretária?

- Entra, Helena! - falei alto demais, sorrindo de orelha a orelha. Não via a hora de compartilhar a minha vitória.

- Doutor Henrique, o senhor vai querer que eu traga seu almoço? - ela perguntou ainda entrando na sala, com a cabeça abaixada e a voz fina quase inaudível. Sequer olhou para mim, entretanto, quando decidiu fazê-lo, deixou sua pele branca como papel corar até parecer que tinha levado uma surra. Uma delícia de observar.

Seus cabelos loiros estavam incrivelmente soltos. Eram cacheados e me incitavam a puxá-los até o chão. Controlei-me ao máximo e continuei sorrindo.

- O novo diretor geral da CMD precisa comemorar. Você já almoçou? - Levantei e me espreguicei, erguendo os braços até sentir a coluna estalar. Havia passado a manhã inteira sentado, estava com a bunda amassada e o pescoço dolorido.

Helena desviou os olhos, encarando a ampla janela de vidro - que tinha uma bela vista da cidade - como se ali houvesse algo mais interessante do que eu. O problema era um só: ela era casada e se sentia péssima por me achar atraente. Claro que isso não a impedia de deixar ser fodida em cima da minha mesa quando me dava

vontade. Não costumava fazer com frequência, pois o tipo de relação que tínhamos não me atraía o suficiente.

- Na... Não. Mas... Como assim? Novo diretor geral? - Ela finalmente me olhou.

Peguei o terno azul-marinho, que estava disposto em cima de um sofá pequeno, e o vesti. Gostava de trabalhar de terno, embora não fosse uma exigência da empresa. Não o fazia com intuito de aparecer ou de me gabar, eu realmente gostava de estar sempre elegante. Simples assim.

- Agenor vai deixar o cargo. Estou sendo cotado, tenho uma reunião às... - Verifiquei meu relógio dourado de pulso. Tinha me custado o olho da cara. - Daqui a meia hora! Vou almoçar no Grill e seguirei direto para a sala da presidência. Vem comigo? É por minha conta.

- Vou só pegar a minha bolsa.

- Não demore!

Não era a primeira vez que convidava a Helena para almoçar. Só o fazia quando estava de bom humor, e ela sempre ajudava a amplificá-lo. Minha secretária era uma boa companhia; apesar de tímida, era divertida e muito educada. Estava sempre disposta a ouvir e apontava sua opinião de maneira respeitosa e inteligente. Além de que fazia um sexo oral divino. Toda vez que ela movia a boca eu tinha vontade de abrir a braguilha da minha calça.

Cinco minutos depois, estávamos no Brasa Grill, uma churrascaria que ficava ao lado do enorme e moderno prédio da CMD. Executivos circulavam para lá e para cá, o lugar era sempre cheio na hora do almoço. Foi difícil achar uma mesa vazia, mas enfim conseguimos. A refeição precisou ser rápida por causa do tempo; engoli tudo quase sem mastigar.

Helena conversou pouco, mas fez sua presença valer a pena quando começou a sugar o suco de manga através de um canudo.

Estupidamente sexy. Fiquei excitado na maior parte do tempo, contudo precisei me acalmar. A reunião com a presidência tinha que dar certo.

Faltava um minuto para as treze horas quando solicitei os dois elevadores ao mesmo tempo. Ia me atrasar, com certeza. Vinte e três andares não era brincado numa empresa como aquela, com alto fluxo de pessoas. Ainda mais no horário de almoço. Isso sem contar que a presidência se localizava na cobertura; era praticamente uma viagem chegar até lá. Estava sozinho, visto que a Helena ficou de pagar algumas contas pessoais, aproveitando o horário vago.

Senti um cheiro incrível bem ao meu lado, e olhei imediatamente. Doutora Laura Diniz trajava um terninho charmoso e mantinha a sua velha cara de quem se achava a rainha da cocada preta estampada na face. Ela parecia estranhamente preocupada, mas relaxou quando me viu. Chegou até a torcer os lábios. Acho que foi um sorriso, não tive certeza. Aquela louca nunca sorria. Era considerada o maior demônio daquela empresa, não existia um ser que não a temesse.

Se eu nunca a tivesse visto antes diria que estavam exagerando. Mas não estavam.

- Boa tarde - saudei, sabendo que era pouco provável que eu recebesse qualquer resposta.

Doutora Laura sacudiu a cabeça como se seus cabelos estivessem soltos para acompanhar o movimento. Porém era óbvio que não estavam. Nunca estavam. A vida daquela mulher era prender os cabelos pretos todo para trás, finalizando com um coque que era tão elegante que fazia parte primordial do conjunto "todo-mundo-tem-medo-dela".

Um cara como eu não tem medo de mulher. É basicamente impossível. Só basicamente, pois admito que algo dentro de mim se incomodava quando ela estava por perto. A sujeita era tão sexy e



bonita que dava vontade de fodê-la até não existir amanhã, porém suas expressões indicavam uma maldade estranha e enraizada. Acho que era uma espécie de psicopata, sei lá. Não ficaria surpreso se soubesse que ela tinha matado alguém.

O elevador finalmente chegou. Quatrocentas pessoas saíram de dentro dele, a maioria me saudou, e nenhuma sequer olhou para a infeliz coordenadora do departamento de estratégia. Os que pensaram em fazê-lo desistiram quando viram o rosto rígido e impaciente da mulher.

Entramos juntos. Para minha surpresa, Doutora Laura apertou o botão que indicava o número vinte e três. Perfeito. Uma viagem dentro de um elevador com uma louca. Era claro para mim que alguém ia entrar no meio do caminho, e minha vontade primordial estava direcionada para que não demorasse.

- Pelo menos os dois estão atrasados - ela rosou depois que passou o quinto andar, e nada de o elevador parar. Sua voz dura e comedida aguçou uma parte gigante e extremamente masculina, rodeada de testosterona, que habitava dentro de mim.

Encarei-a firmemente. Doutora Laura fez o mesmo.

Olhos cor-de-mel tão brilhantes quanto o sol se uniram ao meu azul-escuro. Foi um impacto, deu para sentir. Meu corpo respondeu muito rápido; meu pau ficou duro de um jeito constrangedor. Doutora Diniz não percebeu, pois ainda segurava meu olhar de um jeito... dominador.

Era isso. Como não tinha percebido antes? Aquela mulher era uma dominadora nata.

Algo dentro de mim se decepcionou bastante.

Ergui um pouco a cabeça e fixei ainda mais meus olhos sobre os seus. Ela não reagiu, continuou com a tortura. Depois do décimo quinto andar, ainda estávamos em uma luta brutal de olhares firmes.

Era uma batalha invisível que se travava entre dois bons combatentes.

- Um dominador reconhece o outro. Estou surpresa, Henrique.

- Senhor Henrique Farias para você, Laura.

Ela então amansou a expressão, olhando-me agora como se eu fosse um idiota. Claro que me irritou.

- Doutora Laura Diniz para você.

- Ótimo.

- Espero que eu não me torne um desafio para você. Não vai funcionar - alertou de um jeito quase erótico, como se tivesse acionado um botão dentro de si chamado "foda com a vida desse cara".

- Será? - murmurei, adorando a sensação do meu sangue fervendo de desejo e luxúria. A vadia era mesmo muito sexy. Aquela pele morena-nescau contrastando com o amarelo de seus olhos era uma mistura que lembrava doce de leite e diamante negro. Bizarra, cruel e gostosa.

Precisava da boca dela em mim, e rápido.

- Vai ser impossível - concluiu.

- O quê?

- Você. Já é um desafio. Estou altamente tentada a te amarrar, Henrique - falou o meu nome como se fosse um palavrão ofensivo.

Comecei a rir. Foi uma gargalhada de verdade.

Laura continuou séria, impassível.

Eu ia dizer alguma coisa, mas o elevador soltou um longo apito e, do nada, abriu as portas. Uma sala gloriosa se fez presente. Estávamos na presidência.

Meu pau continuava duro.

## 2º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

A minha descoberta com relação ao Henrique Farias me deixou tão excitada que precisei respirar fundo antes de sair do elevador. O pior de tudo era que eu tinha apenas jogado verde – não fazia a mínima ideia de que o Henrique sabia o que era dominação e submissão –, e acabei colhendo maduro. Fui surpreendida, e talvez por isso tenha ficado tão abalada. Meu coração ainda batia em um ritmo frenético, trazendo-me verdadeiro ódio.

Um enorme e iluminado hall estava logo adiante, dando acesso a vários corredores e amplas portas. Tudo ali era mais organizado do que no restante do prédio, como se fizessem questão de nos avisar o quanto ganham rios de dinheiro à custa do nosso trabalho. Óbvio que o meu lugar era aquele; iria lutar para ingressar de cabeça erguida e alma lavada.

Só havia um idiota me atrapalhando. Um idiota metido a dominador.

Não me leve a mal, adoro desafios. Henrique havia se transformado no meu novo alvo de um segundo para o outro, antes mesmo da minha descoberta. O que me irritava de verdade era o fato de ele ainda não ter saído do elevador. Precisei olhar para trás, pois não havia sentido sua presença por perto, e constatei que o imbecil ainda me olhava com aquela testa levemente franzida. Parecia um menino perdido, mas, ao mesmo tempo, seu olhar não negava que de menino não tinha nada.

Complicado até de entender, eu sei. Por isso o tamanho ódio. Não há nada mais perturbador do que não conseguir decifrar um

olhar. Sei fazer isso muito bem, obrigada. Aliás, sempre pensei que soubesse.

– Vai ficar aí? – preendi os lábios e rosnei. Minha careta assustava qualquer um, mas o Henrique continuou me encarando. – Não estrague o sabor do meu desafio agindo de maneira tão sentimental. Controle-se, não seja um molenga! Quando eu te foder não quero que me olhe como um franguinho.

Pensei que o Henrique iria me odiar depois das minhas palavras – e eu ficaria grata se acontecesse, pois só aumentaria o teor do desafio –, porém ele apenas riu de leve, mostrando dentes maravilhosos. Uma parte sugestiva do meu corpo se contorceu ao ver aquele sorriso, mas meu olhar permaneceu intacto. Sou a rainha do autocontrole. Só isso me faz estar muitos passos à frente dele; Henrique mantinha expressões muito passionais. Exprimia seus sentimentos por meio do corpo, atitude atípica para qualquer ser que se diz dominador.

Eu realmente odeio sentimentos. Que isso fique bem claro.

Ele foi se aproximando devagar, mantendo o sorrisinho besta nos lábios. Não desviou os seus olhos de mim, mas era uma atitude que eu já esperava. Chegou perto o bastante, mostrando o quanto era alto e enorme. Ele devia ter um e oitenta, talvez até mais. Meus um e sessenta e oito – com a ajuda adicional dos saltos, claro – quase se transformaram em cinco centímetros. Quase. Meu olhar continuou rígido, seguro. Não vacilei. Jamais vacilo perante homem algum, prefiro morrer a demonstrar uma fraqueza que sequer possuo. Eu sou maior do que a minha altura.

Henrique Farias puxou a minha mão no sobressalto. Levei um pequeno susto com o seu toque feroz e decidido, porém me controlei rápido. Confesso que quase não acreditei quando senti uma coisa grande, grossa e extremamente dura se esfregando contra os meus dedos.

– Vou te mostrar que sou bem molenga, Laura – sua voz altiva, mesmo quando sussurrada, me fez querer amordaçá-lo. Ironia era pouco para traduzir o que disse, pois seu pau estava tão duro que a impressão que tive foi de estar segurando uma barra de aço.

Claro que fiquei excitada até o último fio de cabelo. Entretanto, algo conseguiu ser maior do que o meu tesão: a minha raiva. Ela sempre vence qualquer embate, não importam as circunstâncias.

Não sabia quem o Henrique Farias achava que eu era. Jamais lhe daria liberdade para me tocar daquela forma. Suas mãos envolvendo o meu pulso me trouxeram a sensação mais desconfortável que existe no mundo: a de estar presa. Foi por isso que segurei o seu pênis com força, prendendo-o também. Sempre estarei um passo à frente, ele precisa entender isso antes de qualquer coisa.

Henrique arregalou os olhos e desfez o sorriso, porém continuou me encarando e me agarrando.

– Solte a minha mão.

– Solte o meu pau.

Apertei-o com ainda mais força. Henrique prendeu os lábios.

Pensei que o sujeito amoleceria por causa da dor que certamente estava lhe causando. Enganei-me completamente. Continuava duro como pedra. Não havia diminuído nem um centímetro daquela extensão que considere maravilhosa. Sabia que um homem grande como ele não podia ter um pinto pequeno! Ficaria muito desproporcional, né?

Admito que o desafio se tornou mais estimulante sabendo o que me aguardaria. Queria tudo aquilo dentro de mim. Sou gulosa, desculpa aí.

– Henrique Farias, solte a minha mão. Agora! – enrijei o meu olhar. – Estou mandando.

O estúpido conseguiu rir. Dá pra crer numa coisa dessas? Claro que o apertei ainda mais forte. Sabia que não tinha para onde correr; meu pulso era mais resistente do que o pinto dele, até porque o cara nem estava aplicando força em mim. Apenas me mantinha presa, e não era eu quem tentaria me soltar. Seria o mesmo que admitir que estava sendo mantida.

– Laura Diniz... Você não manda em mim e jamais mandará. Aceite a realidade.

Ahá! Desafio! Amo demais! Vai ser sensacional quando ele estiver algemado à minha cama, fazendo tudo o que eu mandar, tim-tim por tim-tim.

Ok, você é um bom desafiante, agora solte a minha mão, seu infeliz!

– Solte-me agora ou sairá deste prédio sem o seu pênis enorme – rosnei como uma leoa e o apertei tanto que ele me soltou no impulso, afastando-nos.

Pensei que havia ganhado a empreitada, mas me assustei quando uma mulher se aproximou de nós.

– Senhores, desculpem-me interrompê-los, mas o Sr. Delacox os aguarda na sala de reuniões.

Fiquei tão envergonhada e assustada e com ódio e com a mais pura raiva que levei uma mão à boca. Só depois me lembrei que aquela era a mão a qual havia segurado o Henrique, por isso a abaixei de imediato. A secretária do Sr. Delacox, dono da construtora MD, era uma senhora conhecida pelo seu senso de humor e capacidade de espalhar boatos. Claro que o ocorrido havia sido um prato cheio em seu currículo.

E então todos da CMD rezariam para que eu resolvesse segurar os seus devidos pênis.

Isso se não fosse demitida. Quem já viu segurar o pinto do chefe do departamento de contabilidade no meio da presidência? Se

bem que qualquer mulher daquele prédio amaria estar no meu lugar. Eu seria muito invejada, afinal. Né não?

Olhei para o Henrique de soslaio, e para a minha surpresa ele mantinha a serenidade. Ódio. Deixe-me adivinhar: se ele estivesse segurando a minha vagina, seria taxado de sortudo. Aliás, ele será taxado de sortudo do mesmo jeito. Já no meu caso, serei taxada de vagabunda. As pessoas vão murmurar entre si quando estiver passando por elas.

Obrigada, mundo machista, amo vocês de todo o meu coração!

Nunca vou perdoar o Henrique Farias por isso. Vou castigá-lo tanto, mas tanto...

– Venham comigo, acompanho vocês até a sala – a secretária virou as costas e começou a caminhar com passos decididos. Fui atrás dela sem enxergar um palmo à minha frente.

Tinha alguns segundos para me recuperar, e até que consegui. Fodam-se as opiniões das pessoas. Aquela velhota era uma fofqueira, certamente também inventava qualquer qualidade de informações. Era só desmentir tudo e pronto. Fingir que nada aconteceu. As pessoas acreditam em mim querendo ou não. Elas não têm escolha.

Entramos em uma sala bastante iluminada e cheirosa. A presidência sempre cheirava a desinfetante, mas não de um jeito ruim como nos hospitais. Era agradável, trazia-me uma sensação reconfortante. Sentia-me em casa. Mais um motivo que me faz acreditar que o topo daquele prédio é o meu lugar: até o cheiro me faz bem.

Marcos Delacox, um senhor elegante, charmoso, inteligente e chato pra cacete já nos esperava. O cara era muito fodão. Queria ser como ele quando crescesse, pois além de rígido e sério, tinha poder exalando de sua tez enrugada. Os cabelos brancos eram um charme adicional, acredite. Ele metia medo em todo mundo da CMD, menos em mim, claro. Não tenho medo de ninguém. Possuo



a competência necessária para me manter intacta perante a sua intimidação.

Também estavam presentes na sala de reuniões, sentados perante uma mesa retangular feita de vidro, o idiota do Agenor, Sara Delacox – vice-presidente e esposa do Sr. Delacox – e mais dois sócios: Edmundo Bitencourt e Ana Vitória Salazar. Só gente pobrezinha, para não dizer o contrário. Inspirei todo o ar que consegui, a fim de me contaminar com a riqueza daquela gente.

Ainda bem que estava vestindo o meu terninho mais elegante. Ah, é mesmo, sempre visto o meu terno mais elegante. Todos eles são. Não dou bobeira quando o assunto é aparência. Cuido de mim do mesmo modo como cuido da minha carreira ou de qualquer coisa que me pertença. Por este motivo, sempre estou elegantemente maquiada, com as unhas feitas e a depilação em dia. Meus cabelos são complicadíssimos de serem mantidos naquele coque, mas perfeição é o mínimo que exijo deles.

Todo mundo se levantou para nos receber, cumprimentando-nos com apertos de mãos. Acabei olhando para o Henrique sem querer. Estava sorrindo, porém era um sorriso diferente. Digamos que se utilizou de algo mais formal e menos cafajeste.

Nem me dei o trabalho de sorrir. Não estava ali para brincar. Fui educada e só. Ninguém ali precisa me promover pelo meu senso de humor – se assim fosse, preferia eu mesma pedir demissão –, apenas a minha inteligência, habilidade, criatividade e competência me seriam úteis.

Todos se sentaram à mesa, tendo o Sr. Delacox na ponta. Sara Delacox sentou à sua direita. Henrique e eu fomos convidados a sentar ao lado esquerdo do chefão. Não queria ficar perto daquele mala, preferia uma posição em que pudesse vê-lo de frente, pois o seu perfume estava me enchendo de tesão fora de hora.

Seria estranho se eu dissesse que ainda conseguia sentir o pau dele entre os meus dedos? Bizarro, mas real. Henrique Farias

me pagaria cada centavo por aquelas situações constrangedoras. Precisava manter a calma, a concentração e a minha pose de durona, mas é difícil fazer isso enquanto se imagina um pênis na mão.

– Creio que o Agenor já lhes disse o motivo desta reunião, não? – Sr. Delacox fitou Agenor com um ar autoritário. O futuro ex-diretor geral pareceu tremer nas bases. Fiquei decepcionada, pois imaginei ser a única que conseguia tal efeito sobre o mané.

– Sim, já estão informados... – estalou os dedos de um jeito nervoso. Prendi os dentes um contra o outro, só assim a irritação diminuiria. Nunca vi homem mais insuportável.

Marcos Delacox resolveu nos observar.

– A CMD não pode ficar sem um diretor geral, vocês sabem bem disso, pois conhecem alguns processos. Pedi que Agenor sugerisse dois nomes para que pudéssemos realizar uma escolha, porém confesso que não consegui me decidir. Nenhum de nós conseguiu, esta é a verdade. Ambos têm sido de muita relevância para esta empresa, e acredito que possuem as características fundamentais para um bom cargo na direção.

Nem sei dizer se fiquei contente ou com raiva. Era um misto tão grande que a minha única reação foi manter a seriedade e os olhos no chefe. Henrique, por sua vez, riu de leve. Um barulhinho agradável, mas fora de contexto. Se eu pudesse, faria com que engolisse seu risinho e o defecasse em formato de cocô de cabra.

Eu realmente não engoli a ideia de ter o meu currículo equiparado ao do Henrique. Primeiro porque sou arquiteta, tenho duas especializações e sou doutora em construção civil. Tenho um MBA em gestão de projetos em engenharias e arquitetura. Que eu saiba, ele não passa de um contabilista. Sei que o diretor precisa entender das duas áreas, e eu entendo de contabilidade. Agora o que o Henrique sabe sobre arquitetura? Porra nenhuma.

– Pedimos desculpas por colocá-los nesta situação, sabemos que é meio constrangedora... – Sara Delacox tinha uma voz muito bonita. Era uma senhora loira e com cara de rica. Não só a cara, óbvio. Segurou o braço do marido e continuou: – Só podemos ter um diretor geral, é um cargo bastante individual, compreendem? Além de que tivemos algumas ideias e iremos precisar que coloquem a mão na massa.

A sala foi tomada pelo silêncio. Sabia que precisaria trabalhar dobrado, e estava pronta para começar a realizar qualquer atividade. Minha vida se resumiria àquilo, jamais descansaria até obter o cargo.

– Com licença, Sra. Delacox... Acho que não entendi direito – Henrique falou com uma voz mansa totalmente diferente de qualquer uma que tenha usado comigo, principalmente nos últimos minutos.

Nem olhei para o sujeito. Ainda morria de raiva, tentando entender o que havia de tão errado no meu currículo. Tentava superar o sentimento de derrota. Afinal, ninguém perde antes do fim. A ideia me tranquilizou, mas no segundo seguinte me lembrei de que aquilo significava que o Henrique ainda não tinha perdido também.

– Iremos disputar o cargo? – pareceu muito surpreso.

Tentei manter meu olhar apontado para frente, mas a vontade de conferir a expressão atônita do Henrique foi maior. Podia até apostar que estava com a testa franzida. Devia mesmo ter apostado, pois não me enganei.

Ele me encarou de volta e controlou suas expressões. É disso que estou falando; Henrique Farias é um fingido. Pensa que é o tal, mas não é nada. Veio com essa de “eu sou dominador” só para me tirar do sério. Duvido de que consiga dominar um cavalo manco, quanto mais uma mulher. Se bem que meu conceito sobre a maioria

das mulheres é muito baixo. Um cavalo manco às vezes consegue ser mais inteligente.

– Será uma disputa saudável – continuou Sara, sorrindo como se dissesse “o circo vai pegar fogo, seus animais”. Henrique não falou mais nada. – Iremos analisar o desempenho de vocês durante a confecção de um projeto em conjunto. Edmundo, entregue a eles, por favor.

Edmundo Bitencourt era um quarentão bem simpático, estilo George Clooney. Tinha os cabelos grisalhos e lábios desenhadinhos. Não era muito bonito, mas sua elegância notável lhe atribuíra certa beleza. Eu o conhecia mais do que os demais, pois era ele quem realizava a maioria das reuniões com os coordenadores. De um modo geral, era um homem flexível e agradável. Sorriu quando me entregou uma pasta.

– Este projeto está sendo estudado há um mês pela Ana e por mim, porém estamos com dificuldades – Edmundo olhou para a sócia, e esta corou um pouco. Não entendi sua reação. Tratei de abrir a pasta de uma vez, exibindo milhares de papéis organizados de um modo desordenado. Infelizmente não é todo mundo que tem o dom de deixar um projeto nos trinques. – É algo grandioso, que seria muito importante para a empresa caso saísse do papel. Passamos um tempo sem divulgá-lo, mas chegou o momento de obtermos ajuda. Toda a ideia está explicitada nesses documentos.

Tratava-se de um prédio. De início foi o que pensei, mas percebi algumas singularidades. Depois de analisar alguns papéis constatei que era uma espécie de museu, que seria considerado o maior do país. Se o governo aprovasse o projeto, a CMD lucraria horrores. Já havíamos projetado muitas coisas para o governo, mas nada tão espetacular quanto aquilo.

Meus olhos simplesmente brilharam.

– Vocês têm três meses para finalizar este projeto – Ana Vitória concluiu, mas não se referiu a mim. Seus olhos permaneceram

apenas no Henrique. Acho que alguém da presidência já havia feito uma escolha...

– Três meses? – a minha pergunta foi feita do jeito que eu queria. Significava: nenhum ser humano prudente terminaria um projeto tão grande neste espaço de tempo.

– Exatamente. É o tempo que o Agenor tem antes de deixar o cargo. Ele repassará todo o trabalho da direção a vocês, acompanhará cada processo e nos entregará relatórios – disse Sr. Delacoux.

A situação já beirava o medíocre. Um fogo intenso tomou conta do meu corpo; a raiva me dava boas-vindas outra vez. Agenor era o indivíduo que decidiria entre a minha derrota e a minha glória? O mundo só pode estar perdido mesmo.

– Realizaremos reuniões quinzenais também – Edmundo me olhou e piscou um olho como se tentasse me tranquilizar. Acho que eu estava fazendo uma careta feia de novo.

– Sr. Delacoux... Iremos trabalhar em um projeto grandioso enquanto ingressamos no cotidiano da diretoria? – Henrique perguntou. Ele também percebeu que seria uma missão impossível. Podia até ouvir a musiquinha e visualizar o Tom Cruise se arrastando nos dutos de ventilação.

– Tenho certeza de que os dois juntos se darão muito bem, são as mentes mais brilhantes desta empresa – Sara Delacox finalmente mostrou o quanto era ingênua. Coitada. – Vocês podem formar uma equipe com mais três integrantes, não mais do que isso. Agenor, informe-nos sobre os escolhidos, ok?

– Sim, senhora.

Fiquei aliviada quando pensei no Breno. O cara era um estrategista de primeira, embora nunca tenha admitido em voz alta. Nem jamais admitirei. Ele é o meu braço direito no departamento de

estratégia, sei que posso contar com seu raciocínio rápido e preciso. Se havia alguém que me ajudaria naquilo era ele.

– Então... Esse projeto será o desempate? – a obviedade das respostas para as perguntas do Henrique já estavam me irritando. – Quem tiver o melhor desempenho ocupará o cargo de diretor geral?

– Exatamente. Mas sabemos que vão se esforçar, por isso haverá uma bonificação muito interessante para quem não conseguir o cargo – Sr. Delacox era outro ingênuo. Não... Não ele. Alguma coisa não se encaixava naquela história toda.

Aqueles imbecis estavam colocando dois leões para brigar. Impossível não terem percebido. Já deviam ter comprado suas pipocas para nos assistir.

– Estudem o projeto e, havendo qualquer dúvida, Ana e eu estaremos à disposição – completou Edmundo. Ana Vitória sorriu de um jeito pseudo-inocente, provocando-me ira. – Também organizamos uma sala no andar da direção, lá será o local temporário para que realizem as atividades referentes ao projeto. Decidimos que trabalharão como coordenadores apenas pela manhã. À tarde, terão o projeto e a direção.

Ótimo, o tempo já reduzido acaba de ser dividido pela metade. Trabalho em dobro, correria ao triplo. Henrique e eu na mesma sala em todas as gloriosas tardes. O que mais falta ser adicionado à minha lista de coisas que me deixam puta de ódio?

– Quando começamos? – perguntei de uma vez, guardando os papéis dentro da pasta. Não ia adiantar pensar no que me aguardaria. É como estudar um livro chato para fazer uma prova importante: contar as páginas até o fim não é uma boa ideia.

– Amanhã à tarde. Encontrem o Agenor na direção e ele dará as coordenadas – respondeu Sara.

Marcos Delacox se levantou, fazendo todos os presentes o acompanharem. A reunião havia sido rápida, estúpida e louca.

Fiquei me sentindo vazia enquanto cumprimentava a todos com outro aperto de mão.

Nem sabia direito o que achar de tudo aquilo. Era certo que alguma coisa estava errada. Era certo também que eu estava disposta a entrar no jogo. O sentimento de inquietação só aumentava o meu desejo, funcionava como uma injeção que misturava adrenalina ao meu sangue.

la descobrir o que aquela gente queria conosco.

la dar o melhor de mim em cada procedimento.

la conseguir a vaga de diretora geral da CMD.

la ter o Henrique Farias amarrado à minha cama antes do fim.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

Saí da sala de reuniões me sentindo um verdadeiro rato de laboratório, onde os pesquisadores resolveram me trancafiar dentro de uma caixa de vidro quadrada e apertada, na companhia de uma fêmea que vive em constante TPM. O objetivo era sairmos daquela prisão o mais depressa possível, cada um por si. A minha primeira ideia, e tenho certeza de que a da Laura Diniz havia sido a mesma, foi a de tentarmos montar um no outro e saltarmos o mais alto que conseguíssemos. Quem ficasse para trás viveria eternamente naquela caixa de vidro, sentindo o sabor amargo da derrota.

Estava ainda mais chateado porque o Agenor não havia me dito um detalhe tão importante quanto aquele: a vaga ainda não era minha, seria concorrida entre mim e a mulher mais bruta da CMD. Talvez até do mundo inteiro. Nunca vi tanta brutalidade e orgulho em alguém que usa salto alto. Não estou acostumado a ser tão contrariado, mas ela parecia acostumada a contrariar o tempo todo.

Precisava tomar muito cuidado. Não sabia até onde Laura Diniz podia chegar e, pelo modo como caminhava de volta ao elevador, parecia ser capaz de qualquer coisa, inclusive de ser a primeira a pisar. Se estivéssemos em um desenho animado, certamente sairia fumaça da sua cabeça ou fogo das ventas. Segurava com força a pasta que havíamos recebido e mantinha a outra mão cerrada – a que tinha usado para segurar o meu pau, que, por sinal, ainda podia sentir os dedos dela o apertando.

Admito, a mulher tem pegada. Linda, gostosa e perigosa. Elegante, inteligente e cruel. Fria como gelo e dura como pedra. O que seria capaz de abalá-la?

Ela apertou o botão do elevador e olhou para a vidraçaria além de mim. Parei na sua frente de propósito. Seu rosto bem desenhado continuava demonstrando vigor, superioridade. Nunca vi um nariz tão empinado quanto aquele. A boca carnuda estava rígida, mas me provocou mesmo assim.

Sabia que Laura já era o meu desafio particular. Eu me conheço muito bem, sei que não vou descansar até submetê-la aos meus caprichos. O fato de saber que sou o seu desafio só me enchia de tesão – estava quase implorando para que começasse a tentar fazer o que disse que faria comigo –, porém aquela droga de competição pelo cargo havia tornado as coisas milhões de vezes mais sérias. Não era apenas uma questão sexual. Nossas profissões dependiam daquela guerra.

Resumindo, era tudo muito ridículo.

– Não precisa ser desse jeito, Laura. Não devia ser assim – encarei-a com mais afabilidade. Por mais que ela fosse desagradável, não significava que devia mudar o meu jeito de ser só para mostrar que podia ser pior do que ela. Eu sou educado e comunicativo com qualquer pessoa.

– Certo. É só você desistir, Henrique Farias – desviou o olhar da janela e me observou. Aqueles olhos amarelados contrastavam



demais com a sua pele, nem pareciam pertencer à mesma pessoa.

Como alguém tão linda podia ser tão... Nem sei dizer o que aquela mulher era. Devia ter algum trauma de infância, sei lá. Ou então era mal comida. Alguém precisava lhe foder com jeito para que parasse com tanta aspereza. Um pedaço de lixa perde feio pra ela.

– Por que você não desiste? – ri com desdém. É claro que eu jamais desistiria do cargo de diretor. Não tenho medo dela e nem do combate, só não achava justo que as coisas fossem feitas de uma maneira tão desconcertante.

Pela primeira vez, Laura me mostrou um resquício de sorriso. Foi mais uma careta do que um sorriso, mas eu gostei de ver uma parte de seus dentes.

– Nem morta. Está querendo desistir, Henrique Farias? Esperava mais de alguém com o pinto do seu tamanho.

Foi impossível não sorrir. Pelo menos tinha senso de humor, mesmo que ele fosse tão negro quanto ela.

– Não sei o que é desistir. Não desisto, Laura.

– Mas devia. Você já perdeu.

O elevador apitou e abriu as portas. Três pessoas saíram dele e nos cumprimentaram. Respondi a todas, mas Laura Diniz apenas as ignorou. Arrogância. Talvez essa seja a palavra certa para defini-la.

Minha maior vontade foi de fazê-la abaixar aquele nariz. Ela não fazia ideia do que eu seria capaz, principalmente com a raiva que comecei a sentir depois de ter dito com tanta veemência que eu sairia daquela derrotado. Ninguém canta vitória para o meu lado sem mais nem menos.

– Quero ver você tentar me vencer, Laura. Posso até apostar – entramos no elevador, e ela clicou no andar do departamento de

estratégia. Sequer lembrei de que devia apertar o botão referente ao andar da contabilidade. Já estava me sentindo enojado.

Laura se aproximou de mim, encarando-me daquele seu jeito ameaçador que mais parecia uma cobra peçonhenta prestes a dar o bote.

– Pode apostar, Henrique – sussurrou, e sua expressão se modificou de repente. Laura continuou soltando rosnados tão sensuais que pareciam gemidos: – Vou ser o seu maior inferno... e o seu paraíso. Você não vai descansar, não vai ter paz até implorar para me ter. Vai pensar em mim contra a vontade e se imaginar aos meus comandos até a ideia lhe parecer insuportavelmente atraente. Vou dominar você e a sua vida, Henrique Farias, vou te foder em todos os sentidos e, em troca, prometo que não rirei da sua cara.

Meu queixo deve ter caído ou um gato sorrateiro havia passado e comido a minha língua, pois perdi a capacidade da fala pela primeira vez em muito tempo. Laura sorriu um pouco e se afastou, tornando a endurecer o olhar fatal – acho que ele ficou tão duro quanto o meu pênis. Meu coração estava a mil por hora, fazendo os meus braços ficarem dormentes.

Um segundo se passou até que percebi que ela já tinha começado. A filha da mãe ia mesmo tentar pisar em mim, como o previsto. Seu erro foi ter usado a minha própria arma, era eu quem devia ter dito aquilo primeiro.

Não adiantava conversar, Laura precisava perder para entender que nem tudo é tão simples. Juro que nunca senti tanta vontade de acabar com alguém quanto quis acabar com ela naquele instante.

– É bem simples – retomei o controle do meu corpo, principalmente das minhas expressões. Tinha que parar de me chocar com aquele demônio em forma de mulher. – Eu aposto até de olhos fechados, vamos ver se você é capaz de apostar. A proposta é ótima.

– Já está apostado. Quem sabe que vai ganhar aposta qualquer coisa.

– Não vai nem querer saber qual é a aposta?

Ela fez uma careta e revirou os olhos como sinal de chateação.

– Diga.

Prendi os lábios e raciocinei por apenas um segundo antes de soltar:

– Quando essa palhaçada acabar... Quando este projeto estiver pronto e o diretor da CMD for escolhido... O perdedor terá de se submeter a ele por uma noite.

Laura não moveu sequer um músculo da face. Continuou impassível enquanto eu segurava um riso. Ela perderá o desafio pela própria arrogância. Será muito fácil pisar nela como uma barata. Não sou nenhum santo. Quando eu jogo é pra valer. Se Laura Diniz quer guerra, é isso que terá.

– Só uma noite? Uma pena... Mas, como disse, já está mais do que apostado. Posso até aumentar a proposta: você vai estar submetido a mim antes mesmo da escolha.

Desta vez eu gargalhei. Quem ela pensa que é, afinal? A rainha da cocada preta? A última Coca-Cola do deserto? A bala que matou Kennedy?

Não sou um desesperado e, sinceramente, já começava a odiá-la tanto que a minha vontade de dominá-la só massagearia o meu ego. Nada mais. Costumo ter certo apreço pelas minhas submissas, mas a Laura não passaria de uma espécie de vingança.

Bem que tentei conversar. Ela que não quis, então que aguente as consequências.

– Quero ver você tentar, Laura. Só quero que tente.

– Eu não tento, Henrique Farias. Quando menos perceber, em um piscar de olhos... – ela fez um gesto com as mãos, que lembrava o movimento de cílios piscando, antes de concluir: – Já terei conseguido.

As portas do elevador se abriram e ela saiu sem olhar para trás. Seus passos continuaram firmes e decididos através do corredor da ala de estratégia. Fiquei plantado, esperando o elevador me deixar na contabilidade, e só então me lembrei de que não havia escolhido o andar.

Fiz a escolha e balancei a cabeça.

Estava pronto para o primeiro round.

## 3º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Passei pela sala do Breno Siqueira, um dos engenheiros-chefe da CMD. Ele sempre reclamava que sua sala não lhe dava privacidade para pensar sem ser incomodado, e eu concordo muito; a parede era basicamente feita de um material de vidro, de modo que ele vê todo mundo que passa por ali, bem como todo mundo vê o que ele anda fazendo quando passa. Já havia solicitado que instalassem cortinas, mas estavam demorando a liberar o meu pedido. Acabei me esquecendo de cobrar e ficou por isso mesmo.

Breno Siqueira estava concentrado numa montanha de papéis, que eu mesma havia lhe repassado. Assim que ergueu os olhos na minha direção, apontei para ele e, logo em seguida, apontei para o lado onde estava a minha sala. Ele entendeu na hora, sabia que eu precisava de seus serviços com urgência.

Mal girei a chave da minha sala e ele já estava atrás de mim.

– Algum problema, Doutora Laura? – sua voz suave e sempre disposta a me bajular nunca me irritou. Confesso que gostava.

– Grandes problemas, grandes soluções. Preciso de que veja uma coisa.

Entramos na minha ampla e perfumada sala. Detesto o cheiro da ala de estratégia, fede a papel velho, tinta de impressora e desodorante vencido. Sou a única mulher do departamento, então ninguém mais percebe isso além de mim. Homens são todos iguais, não ligam para nada. Os engenheiros e arquitetos que ali viviam – digo que viviam porque a maior parte das nossas vidas acontecia naquele andar, somos os primeiros a chegar e os últimos a sair –

eram tão bitolados no trabalho que mal pausavam para um cafezinho. Eu realmente me identifico muito com o clima de trabalho intenso. Gosto de comandar cada partícula do coração da CMD.

Sentei à minha mesa e indiquei uma cadeira para o Breno se acomodar. Ele me atendeu, observando-me atentamente. Retirou os óculos e enxugou a tez. Breno não era considerado um cara bonito, mas e daí? Inteligência me atrai de um jeito incomum. Sou sexualmente atraída por caras inteligentes, porém nunca me permiti sequer cogitar alguma coisa com ele. Nossa relação era exclusivamente profissional, ainda mais porque sabia que Breno estava noivo. Não que tenha me dito, mas, em um dia qualquer, reparei uma aliança dourada no seu dedo direito. Mais tarde, ouvi um zum-zum-zum de que ele havia afirmado esse compromisso.

– Dê uma olhada – entreguei-o a pasta com o projeto.

Breno tornou a colocar os óculos e não hesitou em dar uma conferida geral nos papéis. Assobiou depois de um tempo, acredito que assim que percebeu do que se tratava.

– A ideia é boa, mas há falhas em muitas partes – concluiu, fazendo o favor de ordenar algumas folhas. É por isso que eu gosto dele; nunca vi profissional tão esforçado. – A senhora fez isso?

Fiz uma careta incrédula.

– Desculpa, é claro que não. Não faz o seu estilo – completou, devolvendo-me a pasta. Suspirei aliviada. Acho que até cheguei a sorrir.

Escolhi o cara certo para me ajudar. Sem dúvidas.

– Tenho três meses para deixar este projeto perfeito. Meu desempenho na confecção será avaliado pela direção e, caso for satisfatório, serei nomeada a nova diretora geral da CMD.

Breno riu um pouquinho, soltando um “uau”.

– Tenho certeza de que será satisfatório, doutora Laura. A senhora é perfeita.

Apoiei as minhas costas na cadeira e controlei a vontade de gargalhar. Aquele não era o momento certo de rir. Só o faria quando estivesse sentada à mesa da diretoria, com o Henrique Farias comendo na minha mão.

Fechei a cara assim que me lembrei daquele homem. Bem que podia ser menos atraente, ia ser mais fácil. Tudo nele era voluptuoso demais para o meu contentamento. Infelizmente, teria de ser retirado do meu caminho. Adoraria me divertir e observar seu jeito feroz ser amansado, mas eu não estava para brincadeira.

– Nem tudo é perfeito nesta situação. Há um pequeno contratempo.

Contei ao Breno sobre a saída do Agenor e sobre a disputa ao cargo, falando detalhadamente o que havia acontecido na reunião – menos a parte que segurei o pau do coordenador da contabilidade, claro. Meio que desabafei todas as coisas que acho desagradável no Henrique Farias, como sua incapacidade de ser o diretor, visto que nada sabia sobre a área.

– A senhora viu as questões financeiras do projeto? Há muito a ser resolvido... Coisas que não entendo e que certamente é da área dele – Breno tinha razão. Havia algumas folhas que tratavam de assuntos que, a princípio, não tive como compreender. – Concordo quando diz que ele não tem a capacidade de ser diretor, mas a senhora precisa dele para concluir o projeto.

Nem sei dizer se morri de raiva por ter ouvido a verdade ou se fiquei feliz por ter alguém tão esperto pensando numa velocidade parecida com a minha. É óbvio que já tinha entendido aquilo; Henrique era uma pedra no sapato, mas somente com essa pedra eu teria o equilíbrio do qual preciso para andar. Nem vou dizer que a sensação de dependência me deixava possessa.

– Preciso mesmo é de você, Breno – encarei-o com chamadas de coragem queimando os meus olhos. – O que acha do cargo de coordenador do departamento de estratégia?

Ele sorriu amplamente. Seus dentes imperfeitos não me causaram repulsa, muito pelo contrário, mostrou que Breno não precisava ser perfeito para ser fodão.

– Deixa ver se entendi, doutora Laura. A senhora quer que eu a ajude com este projeto e, quando conseguir o cargo, me deixará ocupar o seu?

– Vou ter poder o bastante para selecionar os coordenadores.

Seus olhos castanhos brilharam consideravelmente. Sabia que ganharia aquela com facilidade. Não me sentiria bem se Breno trabalhasse comigo como se fosse um favor; a coisa precisava ser vantajosa para ele também. Assim, a tal sensação de dependência se anuviou.

Dispensei-o com ótimas expectativas vibrando em meu peito. Estava ansiosa para começar aquele trabalho. O combinado foi que o Breno repassaria alguns papéis para outros engenheiros, a fim de se tornar menos ocupado para me ajudar a resolver qualquer questão mais complicada. Levaríamos trabalho para casa se fosse preciso. Como sempre levo trabalho para casa – e ele às vezes também – não seria nenhum bicho de sete cabeças.

O tempo curto pareceu se esticar bastante depois que percebi o quanto estava sendo boba por me preocupar com ele. Aqueles três meses de trabalho árduo valeriam muito a pena.

Só me restava descobrir o que faria com o Henrique. Sabia perfeitamente por onde começar: o que uma mulher como eu precisa fazer quando tem um novo desafio em mãos? Muita pesquisa. Quanto mais eu soubesse sobre a minha presa, mais cedo conseguiria fisgá-la. Estou acostumada com a situação – gosto de dar uma de detetive –, portanto não tive cerimônia de ligar para a Sônia, que trabalhava no departamento de recursos humanos.



Minha desculpa foi tão imbecil que precisei rir depois; tudo porque só falei a verdade. Expliquei que ingressaria em um novo projeto com o Henrique Farias e que estava precisando de seu currículo e das informações que a empresa tinha sobre ele. Sônia era uma mulher bem tranquila e de inteligência questionável – acho que ela tinha medo de mim –, nem pensou duas vezes antes de mandar para o meu e-mail todos os arquivos referentes ao Henrique.

Simples, rápido, prático. Era só fazer a análise e arquitetar um ataque preciso.

Quando finalmente voltei a trabalhar, minha mente estava tão dispersa que eu mesma me permiti uma pausa para um café. Ainda bem que não precisaria sair do lugar. Havia uma cafeteira elétrica na minha sala – e um pote com biscoitos de leite e pingos de chocolate, mas estou de dieta e finjo que eles não existem. Sentei-me em um sofazinho e esperei o café ficar pronto.

Tentava ter algumas ideias, por isso apenas fechei os olhos e deixei que elas se aproximassem. Imaginei tanta coisa que precisei fazer algumas anotações em um bloquinho improvisado. Eram reflexões sobre todos os âmbitos da minha vida; desde o maldito projeto, passando pelo Henrique Farias, e o tesão exagerado que me causava, e terminando no que devia fazer para a minha irmã mais nova sair da barra da minha saia.

Ah, também pensei no que devia dar de presente de aniversário para o Jaime. Pretendia ser um pouco misericordiosa, ele estava fazendo um trabalho muito bom, principalmente nos últimos dias. Os próximos meses seriam bem intensos, sei que vou descontar em demasia.

Eram quase oito horas da noite quando saí do trabalho. Estava resolvendo o máximo de assuntos pendentes – não que seja comum acumular alguma pendência, gosto de resolver tudo na hora, mesmo sendo praticamente impossível –, pois ia ser bem mais difícil a partir do dia seguinte. Morria de dor de cabeça, portanto decidi não

realizar exercício algum. Costumava seguir para a área de lazer localizada no primeiro andar, onde havia um salão enorme de jogos, uma academia completa, piscina e o lugar onde mais gostava de estar: o solo, que nada mais era do que um estrado especial para a prática da ginástica.

Liguei para o Jaime e, como sempre, ele já estava me esperando na garagem. Não gosto de dirigir. Na verdade não posso dirigir, porém é mais simples dizer que não gosto. Evita muitas perguntas desnecessárias. Jaime dirigia para mim todos os dias, deixava-me onde eu quisesse. Também era considerado uma espécie de guarda-costas – acho este termo muito ameno para defini-lo. Tenho uma definição bem precisa para o tipo de relação que tenho com ele, mas compreendo que seja desconcertante e taxado de anormal para a maior parte da população hipócrita. Eu não tenho medo ou vergonha de dizer; apenas a discrição necessária a qualquer mulher me impede de falar em voz alta.

Entrei no carro, murmurando um simples "boa-noite". Ele sabia, pela minha cara de cansaço, que era a única coisa que teria de mim. Se bem que... Droga, precisava descarregar a energia negativa que aquela empresa me fornecia o tempo todo. O encontro com o Henrique também havia me deixado em um estado de excitação crônica. Era tão natural sentir aquilo que nem fazia muita diferença, mas a sensação de que precisava de alguma coisa se mantinha constante. Sabia bem o que me faltava. Só restava descobrir se a dor de cabeça era maior ou não do que aquilo.

– Boa noite, doutora Laura. Como foi o seu dia? – Jaime era sempre muito animadinho, todo simpático com o mundo. Às vezes dava até pena, mas só às vezes. Não gosto de sentir pena, por isso acabo não sentindo de verdade.

Ele mantinha o olhar distante do meu, pois sabia que eu me incomodava quando me encarava pelo retrovisor. Gosto de seus olhos castanhos, eles são vivos e demonstram alegria constante, mas acho que sou a única pessoa no mundo que se sente

incomodada pela alegria. Certo, acho que fui bem bipolar. Como gostar dos olhos dele pela alegria e, ao mesmo tempo, odiá-los? Não faço ideia. Ou talvez faça; preciso de pessoas alegres para não me sentir louca, mas as odeio pelo fato de serem tão perfeitinhas. Desconheço motivos para agir desta forma. Sinceramente, prefiro não saber. Alegria é a porta de entrada da mais profunda tristeza, uma fachada medíocre que segura toda a dor interna. Lutei muito para ser imune a ambas. Não sinto alegria, tristeza ou dor. Só o tédio e a raiva, mas já me acostumei com ela. Somos amigas inseparáveis.

– Foi bem longo – limitei-me a dizer. – A faculdade? Você foi?

– Sim, claro, doutora.

Nem precisei olhar para o Jaime, sabia que tinha sorrido.

– Aula de Muay thai?

– Sempre, doutora Laura.

– Ótimo. Bom garoto.

– Jane ligou, desculpe por ter atendido... Ela não conseguiu falar com a senhora.

Droga. Irmã filha de uma puta. Literalmente.

– Deixei ordens restritas para ela não lhe importunar. Será possível que não consegue seguir uma simples ordem? O que ela quer?

– Não sei, algo relacionado a shopping, amigas e festa após o jantar. Estava muito barulhento, mal consegui ouvir coisa alguma, senhora. Desculpe.

– Vadia de uma figa – rosnei, percebendo que havia ligações não atendidas no meu celular. Deixamos o prédio da CMD, que àquela hora estava com luzes decorativas acesas, deixando a construção ainda mais imponente. As iniciais da empresa brilhavam

no alto, mostrando à cidade exatamente o que éramos: perfeitos no que fazemos.

Pela hora elevada, não havia muito trânsito. Jaime sabia que não devia correr muito, portanto seguimos tranquilamente rumo à minha casa.

– Onde cacete você está? – murmurei de um jeito azedo assim que Jane atendeu a ligação que realizei a contragosto. Por mim, ela podia se explodir. Mas eu tinha a sua guarda e costume ser responsável por tudo aquilo que é da minha responsabilidade. Simples.

Um barulho de gente bêbada se fez presente; risadas grotescas, copos tilintando e alguém cantando desafinadamente em um karaokê. Mal consegui ouvir a voz da miserável.

Retirei todas as concepções de responsabilidade da minha mente. Foi bem rapidinho.

– Foda-se, Jane! Não quero saber das suas palhaçadas hoje, pode morrer onde quer que esteja.

Desliguei e suspirei profundamente. Raiva. Raiva... Raiva... Dor de cabeça. Tesão. Um ciclo sem fim. Estou ficando velha. Sentime uma idosa raquítica aos meus trinta e dois anos. Deprimente.

Quando eu tinha a idade da Jane, dezessete anos, era uma garota bem mais responsável e madura. Trabalhava, estudava, cuidava dela como se fosse uma filha. Meu dinheiro a estava estragando. Jane não passava de uma drogada que não queria nada com a vida além de dar o rabo por aí.

– Ela foi ao colégio? – perguntei ao Jaime, mesmo sabendo que ele não tinha a obrigação de saber. Deixo os dois bem distantes, não quero que se relacionem nem como conhecidos.

Conheço a Jane muito bem, ela é uma ridicularzinha atirada. Confio meus pulmões ao Jaime, mas não confio na vadia nem

morta. Não pode ver um par de calças. E Jaime é um belo par de calças; grande, gostoso, musculoso, gostoso, simpático, gostoso... Que fique claro que não é ciúme, mas tenho que preservar tudo o que me pertence. É isso o que ele espera de mim, nossa relação só dá certo por causa da confiança que temos um no outro.

– Não sei dizer, doutora Laura. Desculpe.

Desfiz o nó da minha gravata, saboreando o gosto adocicado do mais transparente desejo. Puxei-a com delicadeza, mas não fui muito delicada quando a passei pelo pescoço dele. Não queria sufocá-lo, apenas prender o seu corpo no encosto do banco. Segurei levemente, apenas o bastante para conseguir o efeito que queria. Consegui.

Jaime soltou um suspiro e prendeu os lábios, mas não me olhou. Diminuiu um pouco a velocidade, até que parou em frente à porta da minha garagem. Nem tinha percebido que estávamos chegando.

Encostei os meus lábios ao seu ouvido. Foi bom sentir seu cabelo lisinho, meio aloirado, no meu rosto. Jaime estava cheiroso, mas ele sempre se mantinha perfumado para mim. Meu tesão aumentou consideravelmente.

– Está me pedindo muitas desculpas hoje, não acha? – sussurrei e lhe beijei o lóbulo da orelha com suavidade calculada.

– Acho que não vou poder me desculpar por isso, doutora Laura - sua voz mudou da água para o vinho. Preferia que ela fosse desejosa o tempo todo, era linda de se ouvir.

– Acertou... – estalei a língua e balancei a cabeça. – Não pode.

– E o que eu posso fazer pela senhora?

Uma parte do meu cérebro meio que congelava quando ele me fazia essa pergunta. Era a mais esperada, a que me deixava fora de mim. Eu não era mais eu quando o Jaime alcançava o limite da sua

submissão a mim. Porém, ao mesmo tempo, sabia que estava sendo mais autêntica quanto jamais fui.

Cliquei no botão da chave eletrônica que abria a garagem. O portão grande de alumínio foi se abrindo devagarzinho. Quase não suportei esperar aquela leseira abrir até o fim. A ansiedade circulava pelas minhas veias, mescladas com a excitação e a vontade esmagadora de dominar. De possuir.

– Entre e estacione – ordenei, e fui devidamente obedecida. Minhas mãos meio que suavam segurando a gravata, que ainda se encontrava em volta do pescoço dele. Um calor insuportável tomou conta do meu corpo.

Demoraram eternos segundos até que Jaime finalmente estacionou o carro e clicou no botão para fechar o portão. Nem esperei que fechasse até o fim; retirei a gravata de seu pescoço e mordi sua orelha antes de me afastar.

– Coloque o seu banco todo para trás.

Ele nem pensou duas vezes. Enquanto se inclinava até ficar quase totalmente deitado, comecei a tirar a minha roupa, começando pelos sapatos. Ergui a minha saia até a cintura e me livrei do terno. Jaime permaneceu imóvel quando terminou, ficou apenas me esperando.

Peguei a gravata novamente e lhe puxei uma mão, amarrando-a. Fiz com que a erguesse e enrolei o tecido no encosto de cabeça. O nó ficou bem apertado, do jeito que eu gosto. O pano que sobrou foi utilizado para amarrar a sua outra mão. Ambas terminaram erguidas na altura do seu rosto, deixando-o vulnerável e, pelas suas expressões, muito satisfeito.

Os braços fortes saltavam da camisa preta que usava; suas formas eram perfeitas, alongadas e curvilíneas. A pele bronzeada me dava vontade de morder. Jamais passo vontade. Curvei-me e comecei a lhe beijar o músculo do braço, que estava saltado pela posição. Distribuí vários deles. Coloquei meu dedo na sua boca

desenhada, fazendo movimento circulares na sua língua. Ele começou a lambê-la de um jeito sensacional.

Abri a minha boca e suguei a sua pele com força. Aquilo ia deixar marca, certeza. Ele soltou um longo suspiro; um gesto que indicava o quanto era meu e o quanto amava ser. Eu também amava que ele fosse meu, mas jamais diria aquilo.

Usei o meu dedo, o que brincava com seus lábios, para fazer seu rosto virar na minha direção. Encaramo-nos pela primeira vez. Jaime expressava a sua careta mais linda, a que indicava o quanto morria de medo do que eu podia fazer, a que gostava de sentir medo e a que não via a hora que eu fizesse com ele exatamente o que a minha mente perturbada queria.

Apertei seus lábios entre os meus dedos e lambi a pele do seu braço. Logo em seguida, fiz o que tanto almejava; mordi-lhe a carne com força. Ele não tentou se soltar. Sabia que seria pior se tentasse; o castigo para sua falta de fé em mim era muito duro. Jaime apenas absorveu a dor com os olhos fixos nos meus, a língua ainda procurando os meus dedos. Afastei-me devagar, visualizando a marca que os meus dentes deixaram. Lambi-a e a beijei suavemente.

– Por favor, doutora Laura – murmurou sofregamente. Nada podia ser mais excitante do que a sua voz me implorando.

Puxei seu cabelo loiro para o lado de modo agressivo, até seu rosto se encostar ao meu. Sua respiração ofegante ficou pior ainda, de modo que era só isso que eu podia ouvir dentro daquele carro. Estava quente pra burro ali, e a temperatura aumentava a cada segundo.

Lambi os seus lábios sem nada dizer. Jaime se inclinou para tentar me beijar, mas me afastei antes que o fizesse. Subi em cima dele em um segundo, deixando minhas pernas em volta da sua cintura, apoiadas na sua coxa grossa e malhada. Quase não achei lugar para mim, mas me posicionei de modo que não me senti

incomodada pela falta de espaço. Eu precisava de um carro maior, compraria outro assim que fosse promovida.

Uma dor latente fez a minha cabeça rodopiar. Achei que fosse desmaiar, por isso apoiei o meu corpo no Jaime, deixando meu peso todo contra ele. Fechei os olhos e tentei manter o controle. A ideia da promoção no trabalho me fez lembrar o projeto gigantesco, o estresse que seria aqueles meses e, conseqüentemente, o Henrique Farias. Devo confessar, não me fez nada bem.

– Algum problema, doutora Laura?

– Nenhum... Estou bem... – inspirei o cheirinho gostoso do Jaime e busquei forças para prosseguir. Ficaria me sentindo uma estúpida se desistisse de fazer o que já tinha começado.

Decidi acabar logo com aquilo. Não estava com paciência para jogos, portanto guiei minhas mãos até a sua calça jeans escura. Jaime já se encontrava deliciosamente excitado, prontíssimo para ser meu. Adorava o modo descomplicado como ele encarava os nossos momentos; era uma espécie de química que nos fazia confortáveis.

Deixei-o exposto para mim, com toda a sua extensão maravilhosa implorando pelo meu toque. Sua ponta tinha uma coloração rosada que quase me fez querer chupá-la. Quase. Não queria perder tempo lhe dando prazer; precisava alcançar o meu o quanto antes.

Afastei a minha calcinha para o lado, sentindo o tecido ceder um pouco. Encarei-o enquanto me encaixava no seu pênis. Jaime não desviava os olhos dos meus, mas fez alguns movimentos com os lábios até deixá-los completamente presos. Consegui abrir um espaço dentro de mim para ele. Aquele era o único que foi capaz de invadir, e assim seria para sempre.

– Você é meu – rosnei quando me senti repleta. Empurrei a sua camisa para cima, ainda sem me locomover, deixando os



gominhos do seu abdome visíveis. Apertei-os com força e passei as minhas unhas nos contornos, deixando marcas instantâneas.

Jaime soltou um gemido alto, um grito que indicava dor e prazer.

– Todo seu, doutora Laura. Todo seu! – murmurou entre gemidos.

Ergui o meu corpo, curvando-me para frente. Nossas bocas ficaram muito perto uma da outra. Com o movimento, nossos sexos retrocederam. Fiz com que se chocassem com força um segundo depois. Jaime mexeu um pouco as pernas, mas parou quando fiz uma careta brava. Ele sabia que não devia mexer um músculo sequer.

– Des... Desculpe.

– Cale a boca. Se me pedir desculpas mais uma vez, Jaime, juro que vai se arrepender amargamente. Entendido?

Retrocedi de novo e quase nos desencaixamos. Foi por muito pouco. Passei alguns segundos daquele modo, até que tornei a afundar em cima dele.

– Sim, senhora!

Comecei a me movimentar bem depressa. Chega de demoras! Jaime gritava, gemia, prendia os lábios e balançava a cabeça, mas não mexia mais nenhuma parte de seu corpo. Sempre fui silenciosa. Não vejo necessidade de gemer para o além como se fosse uma pata choca.

O meu primeiro orgasmo foi atingido em silêncio, logo no início. Jaime me conhecia, mesmo sem fazer alarde, sabia quando eu entrava no êxtase. Ele ficava ainda mais fora de si quando acontecia, porém estava terminantemente proibido de gozar sem a minha permissão.

Depois do segundo clímax, devidamente atingido por mim, acelerei ainda mais o ritmo do meu corpo. Jaime gemia coisas ininteligíveis, balbucios que só me instigavam a continuar. Nossos sexos se chocavam com tanta força que eu estava quase atingindo o terceiro.

– Por favor, doutora Laura... Por favor... Por favor, por favor. Não consigo!

– Aguenta firme!

– Por favor... Por favor!

Enrijei o meu olhar consideravelmente. Mantinha-o tão próximo ao seu que consegui sentir o raio de rigidez partindo de mim e o atingindo em cheio.

– Nunca mais me peça tantas desculpas!

– Sim, senhora. Nunca mais... Nunca mais...

Curvei-me para trás e apoiei as minhas costas no volante. Desacelerei o ritmo e fiz meu corpo rebolar em cima do seu, atiçando-o.

– Goze – ordenei.

Jaime gemeu alto e me preencheu de um jeito delicioso. Nosso relacionamento era completamente seguro, de tal forma que permitia que atingisse o êxtase dentro de mim sem preservativos. Mantínhamos exames periodicamente atualizados, além de que ele era proibido de ficar com outras mulheres. Eu não tinha proibição alguma, mas o respeitava bastante: caso tivesse relação com outro homem, teria de ser de modo seguro.

Abri a porta do carro – precisava de ar, estava quase morrendo sufocada – e nos desencaixei depressa. Fui retirando a gravata, mantendo meus olhos fixos nos seus. Ele nada falou, apenas esperou ser libertado.

Saí do carro e fui retirando toda a minha roupa. Deixei-as jogada por toda parte. Jaime continuou no carro, observando os meus movimentos.

– Não vai me contar o que aconteceu, doutora Laura?

Terminei de me despir em dois tempos. Os muros da minha casa eram altos e com cerca elétrica. Sabia que estava segura ficando completamente sem roupa ali.

– Vou ser promovida, mas antes preciso acabar com a raça de um cara – fui direta. Não queria falar sobre aquilo com ele, sinceramente.

– Isso está incomodando a senhora?

Pensei um pouco.

– Sim. Um incômodo chato, tipo a picada de um mosquito. Preciso exterminá-lo depressa – as palavras saíram duras como pedra da minha boca. – Pegue as minhas roupas, sim? Junte com as demais e vá à lavanderia amanhã.

– Sim, senhora. Pode deixar comigo.

Jaime saiu do carro e ficou me olhando de um jeito terno. Aquele que eu odiava. Sua altura intimidaria qualquer um, não a mim. Por incrível que pareça, não era seu corpo grande que me causava medo. Era aquele maldito olhar, que indicava sentimento. Uma pena, mas ele estava me perdendo aos poucos. Em breve precisaria lhe dar adeus.

Dei as costas e fui seguindo na direção da casa.

– Doutora Laura...

Parei e me virei para observá-lo. Jaime deu um raio x no meu corpo exposto. Seu queixo caiu, e eu fiquei muito irritada com aquele comportamento passional. Droga. Onde arranjaria outro cara tão competente quanto ele?

– Sim? – rosnei raivosamente.

Ele acordou do transe.

– Vai conseguir exterminá-lo. Não tenho dúvidas.

Fiz uma careta.

– É claro que vou.

Tinha certeza absoluta.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

Passei pela Helena voando como um foguete. Tranquei-me na minha sala quente – quando o maldito ar-condicionado seria consertado? – e creio que devo ter voltado a respirar só quando me vi diante das contas enormes que faziam parte do meu dia a dia. Um pouco de normalidade às vezes cai bem. Era disso que estava precisando; voltar a ser, fazer e agir como eu mesmo. Não que não tenha sido autêntico diante da Laura Diniz, mas aquela mulher me faz querer ser pior do que sou, como se o monstro que vive dentro de mim recebesse uma dose elevada de estimulante a cada palavra que proferia. Isso não é bom, sou consciente o bastante para admitir.

Helena chegou a bater na porta algumas vezes, mas a dispensei imediatamente. Sabia o que aquele desejo cruel, que circulava no meu corpo junto com a raiva – e que havia sido implantado por aquela louca –, acabaria me levando a caminhos não pretendidos.

Prometi que nunca mais comeria a Helena de novo. Se ela insistisse em vir falar comigo, realmente não sabia do que seria capaz. Era fato a minha necessidade de foder alguém, mas isso eu podia arranjar fora do meu convívio profissional.

Foi com um princípio de desespero agudo que percorri a agenda do meu celular; tinha mulheres de A a Z, todas loucas para uma noite comigo. Algumas eram submissas, outras nem tanto, porém a grande maioria era gostosa e certamente seria uma ótima companhia. Fazia mais de setenta e duas horas que eu não fodia alguém, o que não ajudava em nada. Ainda podia sentir a mão da doida me segurando com firmeza, com um poder que exalava junto com seu perfume.

Quem Laura Diniz é de verdade?

Eu não sabia, e isso me irritava. O desconhecido causa temor desnecessário. Precisava conhecer o meu combatente se quisesse vencê-lo, esta ideia é tão antiga quanto o mundo. Além da curiosidade que sempre me acompanhou – e sempre me acompanhará –, existia a necessidade de tomar conhecimento sobre a vida dela.

Pensei em mil modos de conseguir informações sobre a Doutora Durova – fiz isso enquanto descartava uma mulher atrás da outra, percebendo que a minha agenda precisava de uma repaginada, chega de mulheres apaixonadinhas – e parei quando percebi que tinha uma secretária disposta a fazer tudo o que eu pedisse. Literalmente.

Depois de duas horas de perturbação mental intensa – estava parecendo uma barata tonta, andando para lá e para cá pela minha sala, sem saber o que fazer –, chamei a Helena e, tentando me controlar para não depositá-la sobre a minha mesa, pedi para que reunisse todas as informações que conseguisse sobre a Laura. Pedi ainda que enviasse tudo para o meu e-mail, cada detalhe que encontrasse, mesmo que julgasse totalmente desimportante.

Helena não fez perguntas, porém sua careta ao ouvir o nome da doutora não foi lá das melhores. Não a culpo. Senti a necessidade de lhe explicar o que estava acontecendo; contei-lhe rapidamente sobre a questão do cargo na direção e a verdadeira guerra que havia sido travada entre nós – claro que omiti a parcela

sexual da batalha. Helena não precisava saber deste pequeno detalhe. A minha querida e gostosa secretária se mostrou disposta a me ajudar no que precisasse, como sempre.

Seus lábios carnudos e rosados se movimentando e falando que me ajudaria quase me fez perder o foco. Passei longos segundos encarando-a com ar de mistério, enquanto ela entreabria a boca como se estivesse prestes a ter um colapso nervoso. Helena era sempre muito óbvia, previsível. Pensei e repensei as mil e uma possibilidades de tê-la naquela sala, mas, por fim, meu autocontrole venceu. Dispensei-a as pressas e voltei para a minha agenda. Desisti. Retomei o trabalho. Voltei à agenda. Desisti de novo.

O dia passou exatamente daquele modo: minha indecisão, falta de vontade e coragem para aturar certas mulheres e os pensamentos loucos que tinha quando lembrava de um par de olhos amarelos me fez compreender o que eu já sabia: Laura era o meu desafio. Como tal, era apenas ela que me traria satisfação física. Eu podia foder a agenda inteira, de que adiantaria? Às vezes o desejo não é apenas um substantivo comum, às vezes ele tem nome e sobrenome.

Maria Laura Diniz da Silva é o nome do meu. Descobri depois que venci mais um dia e acessava o meu e-mail no vestiário da academia, local onde me encontrava todas as noites, logo após a jornada de trabalho. Estava tão curioso para saber se a Helena havia conseguido as informações que não pude me conter, tampouco esperar estar em casa. Como previsto, havia arquivos e mais arquivos, links, fotos e até trabalhos acadêmicos na minha caixa de entrada.

Seu nome era tão comum que, por um segundo, cheguei até a achar que se tratava de um ser humano normal. Só que eu sabia que não era; aquela mulher-monstro estava longe de qualquer coisa que indicasse normalidade. O seu currículo era tão monstruoso quanto ela, fiquei abismado e logo me senti um idiota. Seria mais do

que difícil vencê-la. Cada item da sua longa trajetória acadêmica me causava uma pontada no coração.

Suspirei profundamente e esperei o sangue voltar a circular pelas minhas veias. Por um instante, imaginei a doutora Laura Diniz me amordaçando, prendendo o meu corpo com tiras de couro e chicoteando a minha pele.

“Você perdeu, Henrique Farias”, pude até mesmo ouvir a sua voz sussurrando no meu ouvido, causando-me um tesão gigantesco e um pavor maior ainda.

Foi um lapso, eu sei. Mesmo assim, a sensação foi tão real que me vi ainda mais disposto a ferrar com a vida dela. Não gosto de apelar, porém seria necessário. Cenas como a que imaginei jamais aconteceriam; Laura nunca me teria em suas mãos.

Precisei iniciar o meu treino diário – estava tarde e eu não podia ficar sem colocar para fora toda aquela tensão –, por isso guardei o celular dentro da minha mochila. A CMD mantinha uma academia completa e uma espécie de ginásio, tudo terceirizado, porém qualquer funcionário possuía descontos de até cinquenta por cento em qualquer modalidade. Costumava praticar algumas artes marciais, porém meu horário apertado nunca me permitia chegar cedo para as aulas. Optei por fazer musculação, quase nunca deixava de treinar.

Enquanto puxava e erguia os pesos, ouvindo a minha melhor seleção de Capital Inicial no iPod, pensava na maldita, ignorava os olhares femininos – só alguns, confesso – e sonhava com uma fatia de torta de limão – doce é comigo mesmo! Também fazia cálculos mentais, resolvendo problemas da empresa por instinto. Por incrível que pareça, as melhores soluções que já alcancei foram pensadas enquanto estava malhando.

A ansiedade foi sendo aliviada aos poucos. A vaca só começou a ir para o brejo quando uma negra gostosa começou a rebolar em cima de uma das máquinas. Claro que estava se exibindo para

todos os caras que circulavam por ali – ninguém sem intenções treinava daquele modo sensual –, e confesso que fui um dos atingidos. Demorei a perceber que meu interesse provinha da cor da sua pele; era muito parecida com o achocolatado da Laura Diniz.

Tentei desviar a atenção, mas a maldita sempre se aproximava e inventava alguma desculpa para se agachar. Quando o fazia, sua malha colada na bunda ficava em um formato que considerei perfeito.

– Boa demais, né, cara? – comentou um homem que malhava perto de mim. Acho que ele trabalhava em algum departamento. Fiquei meio envergonhado, só que não deixei transparecer. Ainda bem que eu não era o único animal no cio do recinto.

– Comia até a última fatia – murmurei e ri um pouquinho.

Ele também riu.

– Acho que ela tá te dando mole. Saca só, já já olha pra você.

Esperamos apenas um segundo e a filha da mãe me encarou através de um dos espelhos. Nem me dei o trabalho de desviar os olhos. Foi ela quem acabou desviando, depois de um tempo.

A mulher não tinha o olhar amarelado da Laura Diniz. Na verdade, eram mulheres completamente diferentes; aquela não parecia agressiva, muito menos dominadora. Tinha os cabelos escuros soltos, provavelmente para aguçar a imaginação masculina. Foi impossível não imaginá-la sendo fodida por trás, com o cabelo todo enrolado no meu pulso.

Após o treino, sempre corro pelo menos meia hora na esteira. Esta atividade me dá muita agilidade e flexibilidade, dois fatores que julgo importantíssimos. Acabo saindo tarde pra caramba da academia, de modo que quase não sobra ninguém além dos instrutores.

Eram dez da noite quando desci o elevador, saindo do primeiro andar com destino à garagem. Não tinha uma alma viva, apenas



dois ou três carros estacionados em locais aleatórios. A garagem era longa e comprida. Gostava de estacionar a minha moto relativamente perto dos elevadores – sou apaixonado por motos, por isso meio que dispenseo o uso do carro no dia a dia –, e lá estava ela; reluzente do jeito que me deixava amarradão. O único fator incomum foi a presença de uma mulher, mais precisamente da gostosa da academia, parada em frente à máquina com os olhos brilhantes e sensuais apontados para mim.

Acho que fiz uma careta meio confusa. Sou o mestre em me fazer de desentendido.

– Oi – o movimento da sua boca foi o suficiente para a minha cara mudar de expressão; tenho certeza de que meus olhos pegaram fogo ao observá-la.

– Oi – aproximei-me. Parei na sua frente, intimidando-a. Que se dane, não dispenseo nenhum peixe que cai na minha rede. Certo, depende do peixe. Aquele ali me parecia bem saboroso.

Ela sorriu de um jeito envergonhado e desviou os olhos. Mirou o chão.

Segurei o seu queixo afilado e ergui seu olhar na direção do meu. Não falei nada.

– Desculpa – murmurou baixinho –, eu gosto muito de motos... A sua é linda.

Falando sério, elogiar a minha moto é a mesma coisa que me elogiar. Eu nem sabia o nome daquela maluca, e pouco me importava. Alisei o seu queixo e abaixei meus dedos na direção do seu colo. Ela não impediu ou se afastou; meu toque era absolutamente permitido. Fiquei impressionado com sua capacidade de ceder tão facilmente. Gosto de dificuldade, mas a ideia de uma presa fácil em um dia difícil se tornou atraente.

– É mesmo? – murmurei. Nem sabia mais do que estávamos falando. Imaginava mil formas de amarrá-la com a corrente de

proteção da minha moto.

– Acho melhor eu ir agora... – ela disse, porém nem se afastou. Fechou os olhos e continuou permitindo que eu a tocasse, como se tivesse acabado de dizer que era melhor ficar.

Uma grande parte de mim ficou muito decepcionada. Não ia haver nem um pingão de desafio? Que merda de situação!

Conheço mulheres como aquela de cor e salteado. Parece um acontecimento bom demais para ser verdade; são gostosas, permissivas e bem safadinhas entre quatro paredes. Os problemas vêm depois. Não sou nenhum menino, meus trinta e quatro anos não foram vividos em vão. Já tive tantas mulheres que sabia bem o que esperar de cada uma – fazendo um parêntese só para salientar que não sei o que esperar da Laura Diniz, mas este caso é bem particular –, tudo o que menos queria era outro problema na minha vida.

Estava quase beijando a gostosona quando simplesmente me afastei. Olhá-la de frente me deixou com resquícios de raiva. Talvez de mim mesmo.

– Com licença, preciso ir – comecei a destravar a moto, prestando atenção apenas em sair dali o mais depressa possível.

Só porque estou louco por uma noite de sexo não significa que devo comer qualquer uma. Sou um bom apreciador, gosto dos “melhores vinhos”. Não me contento com qualquer coisa. Pode parecer estúpido da minha parte falar deste modo, porém creio que existem mulheres e mulheres. Quero as melhores, pois sempre fiz por merecê-las.

Coloquei o capacete e subi na moto. Dei partida sem olhar para trás, simplesmente deixei a mulher plantada no meio da garagem deserta. Depois de um minuto sem que o desejo tenha largado o meu corpo, arrependime de ter sido tão grosso. Devia ter lhe oferecido pelo menos uma carona. Precisava de uma nova submissa com urgência, quem sabe aquela não era uma ótima

candidata? Pelo jeito como havia se entregado... Nossa, quero nem imaginar como seria!

Deixei a oportunidade escapar.

Seguia a toda velocidade rumo à minha casa, percebendo o quanto estava agindo feito um louco. Minhas ideias se mostravam a cada segundo mais bipolares, não sabia para que lado atirar.

– Ela já começou... A maldita começou! – gritei alto, sentindo o vento passar pelo meu corpo sem que conseguisse levar para bem longe aquela sensação de desespero.

Cheguei depressa a minha casa e me tranquei no meu quarto. Moro sozinho há anos, mas ainda insisto em trancar as portas como se houvesse outra pessoa em casa. É nisso que dá ser criado em um lar com tanta gente reunida. Sou o segundo filho dos cinco que meus pais fizeram o favor de procriar.

Tomei um banho rápido e liguei o computador, pronto para traçar as minhas estratégias. Tinha as informações sobre a Laura Diniz de um lado e, do outro, o maldito projeto. Não sabia por onde começar, pois o meu bom desempenho seria necessário nos dois casos.

Resolvi começar pelo mais simples. Pelo projeto, é claro.

## 4º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Depois de um banho quente com duração de quarenta minutos, de uma sessão de hidratação corporal completa e de vestir a minha camisola branca de seda preferida, finalmente voltei a me sentir limpa. O trabalho era bem difícil de ser feito – a parte de ter que escovar o cabelo era a pior –, contudo era só mais uma tarefa complicada que eu realizava incansavelmente. Estou vacinada; não desisto de mim. Aliás, não desisto de nada que prezo.

Pensei na Jane. Estava quase desistindo dela, mas também estava quase deixando de prezá-la. Minha irmã mais nova fazia questão de alimentar a raiva que existia dentro de mim, e fazia com plena consciência. Não me lembro de ter sido uma adolescente tão estúpida. Sei que a estupidez acompanha qualquer ser que esteja nesta fase da vida – tudo por causa dos malditos hormônios –, mas tem gente que acaba ultrapassando os limites. E, com sinceridade, a minha paciência já tinha feito a mesma coisa.

Preparei uma xícara enorme de café. Mesmo sofrendo de insônia – o médico me proibiu de tomar café tão tarde, esquecendo-se de que ninguém tem a capacidade de me proibir de nada que eu estiver a fim de fazer –, a cafeína estimula o meu raciocínio, inibe a ansiedade e está sendo uma ótima aliada na minha luta contra os cigarros. Decidi largá-los para não ser uma péssima influência para a Jane. Não adiantou em porcaria alguma, entretanto me sinto bem melhor sem eles. A tosse seca foi embora completamente, e o meu gás parece estar embutido em um recipiente maior. Faz oito meses que o meu pulmão se sente agradecido.

A minha casa se localiza em um bairro tranquilo da Zona Sul, trata-se de uma construção recente, ampla e muito bem estruturada.

Eu mesma a projetei; trabalhei horrores para conseguir colocá-la de pé e só eu sei o que passei para fazer dar certo. A equipe de construção quase nunca faz as coisas exatamente como no projeto – não sei se é preguiça ou algum mal que sofrem em conjunto –, mas isso não funciona comigo. Só fiquei satisfeita quando cada detalhe entrou no nível da perfeição que sempre busco atingir.

A varanda foi pensada para satisfazer ao meu vício noturno de olhar para o céu enquanto penso em coisas importantes. A posição parecia não ser das melhores; sentava na mureta larga de pedra e encostava o meu corpo na parede. Estendia as pernas para frente e empunhava um bloquinho, um iPad ou qualquer outro equipamento útil para organizar as minhas ideias.

Abaixo de mim, podia-se ter uma visão completa do jardim. Jane adora flores, mas fazia algum tempo que quem estava cuidando delas, além do jardineiro – que vinha dois dias na semana – era eu. Não curto coisas pelas quais podemos criar algum tipo de afeto prolongado, por isso não gosto de animais, plantas ou qualquer ser que a gente possa fingir que nos compreende mais do que as pessoas. Até porque qualquer merdinha tem um nível de compreensão maior do que muita gente.

O céu estava escuro, sem lua ou estrelas. Gostava mais daquele céu, não sei dizer direito o porquê. Havia beleza na negritude daquele manto, e a sensação de melancolia que me trazia não era um desconforto. Sentia-me mais em casa do que nunca.

A rua estava silenciosa, como sempre ficava. Era pouco movimentada, composta por casas grandes – como a minha –, onde habitava gente rica – o que ainda não é o meu caso. Tenho dinheiro e vivo bem, porém estou longe de ser mais uma riquinha metida daquele bairro. Ainda preciso dividir certas compras no cartão, e as parcelas do carro me deixam louca.

O colégio da Jane me custa uma pequena fortuna mensal, e a filha da mãe só vive faltando. Ela fica se achando só porque temos um motorista, uma bela casa e uma vida que é perfeita em sua

cabecinha oca. Tenho certeza de que daria mais valor ao que conquistei se soubesse o quanto ralo no meu emprego. Tento deixar isso claro, mas ela não entende. Prefere fechar os olhos e fingir que a vida é bela.

Lembrei-me de que devia estar trabalhando, e não pensando na morte da bezerra. Estava cansada e ainda com dor de cabeça, embora estivesse me sentindo melhor depois dos orgasmos com o Jaime. Decidi deixar o projeto para o dia seguinte, pois não daria para me concentrar como eu queria. Não adianta iniciar um trabalho sem que a paciência esteja presente.

Com uma xícara de café na mão e um iPad na outra, acessei o meu e-mail e, imediatamente, parei no que a Sônia havia me mandado. O título me chamava atenção mais do que o normal, e fui incapaz de não lê-lo repetidas vezes. O nome dele chamava por mim. Como toda mulher dotada de extrema curiosidade, abri o e-mail sem pestanejar e esperei a internet lenta que conseguia chegar à varanda fazer o seu serviço. Voltei a analisar o currículo dele.

Não era nada mal. Logo de cara, percebi que já tinha acesso ao seu endereço, telefone, idade e as coisas mais básicas. Ponto para mim. Henrique não morava tão longe assim, era em um bairro praticamente vizinho. Podia até dar uma passada lá algum dia... Assim, como quem não quer nada... Só para tirá-lo do sério. A ideia me pareceu fantástica.

Sua idade me deixou um pouco admirada, pois ele parecia ser bem mais novo. Tipo uns vinte e oito ou vinte e nove anos. Adoro homens na casa dos trinta, são delícias. A maioria já sabe o que fazer. De qualquer forma, sentime bem por ser mais nova do que ele. Não ficaria achando a nossa guerra infantil demais, embora fosse. Pensando melhor, era um desafio tão idiota que nem sei o que me deu para encará-lo como um caso de vida ou morte. Tudo bem que passou a significar no exato momento em que ele fez a aposta. A delimitação do prêmio final.

O poder de dominar.

Sua proposta só me deixava ainda mais centrada na vitória. A ideia de que teríamos a nossa noite juntos – independente do resultado – era um fator excitante demais. Ao mesmo tempo em que éramos oponentes, éramos também o nosso prêmio. Queríamos a derrota um do outro, mas queríamos um ao outro.

Pelo menos eu o queria.

Não era a minha intenção negar aquele desejo, nem nunca será. Já havia deixado claro que ele era o meu desafio, se souber bem o que isso significa, conseguirá compreender que jamais descansarei até tê-lo para mim. Suas atitudes me diziam a mesma coisa. Henrique me desejava. Também sei que estava espantado comigo, e é isso o que mais gosto de causar nos homens: espanto.

Devo ter esboçado um sorriso, pois senti meu rosto se contorcendo de um jeito esquisito. Suspirei e deixei que fosse embora. O foco sempre será a vitória, e não o Henrique. Os meios dos quais me utilizarei justificarão apenas o fim. Sei que vou jogar duro. Não brinco em serviço.

Deixei seu currículo para lá e dei uma olhada nas outras informações que a CMD possuía. Havia muitas coisas sobre os projetos nos quais já trabalhou. Tínhamos alguns em comum, mas, como pertencíamos a departamentos distintos, não havia como saber quem de fato trabalhava em cada aspecto deles. Eram muitas exigências e especificações a serem rigorosamente seguidas, às vezes um único projeto precisava passar por todos os departamentos.

Achei alguns comunicados e artigos que ele tinha confeccionado para facilitar a qualidade dos processos na CMD – interessantíssimo! Havia também uma publicação numa revista, uma entrevista rápida em um jornal da cidade... Fiz questão de conferir cada detalhe. O idiota era inteligente e escrevia bem, o meu interesse em seus escritos só fazia aumentar. Gosto de ler sobre economia.

Enchi a xícara umas quatro vezes. A dor de cabeça foi dando trégua aos poucos, e o meu corpo, embora cansado, não sentia sono. Eram quase duas horas da manhã e eu ainda me encontrava na varanda, recebendo em cheio a brisa fresca daquela noite de verão.

Estava começando a me preocupar com a Jane. Era impossível me manter indiferente – por mais que quisesse –, afinal, ela é quase uma filha para mim. Tenho raiva por me preocupar tanto com quem não merece. Àquela hora, devia estar bêbada em algum lugar ou dando para alguém. Meu sangue ferveu com a ideia.

Estava quase desligando o iPad e me preparando para procurá-la nos bares mais caros da cidade. Ela gostava de se exhibir com os amiguinhos riquinhos do colégio. No último instante percebi que faltava apenas um arquivo a ser conferido, portanto acabei tendo a atenção desviada. Para a minha total surpresa, estava com todos os contracheques do Henrique em mãos. Tudo o que ele havia recebido pela CMD, desde então, estava descrito em forma de extrato. No fim de cada um deles, o valor total de seu salário.

Conhecia aqueles documentos de cor, pois recebia um igual todo fim de mês. Bom, não tão igual. O que constatei me fez quase cair da varanda. Se acontecesse, poderia quebrar uma perna ou um braço – o que não era muita coisa, afinal, tinha acabado de quebrar a cara. Precisei me equilibrar, segurando uma pilastra. Meus olhos ficaram tão abertos que achei que saíam das órbitas.

Aquele número não batia. Não podia ser verdade. Revirei o arquivo de cabo a rabo, mas as evidências estavam diante do meu nariz: Henrique Farias ganhava mais do que eu. Pelo menos uns trezentos reais a mais.

– Impossível... – murmurei para o vento, estupefata.

Achei que todos os coordenadores recebessem o mesmo valor. Era a lógica. Aliás, se seguíssemos a lógica à risca,



chegaríamos à conclusão de que era eu quem devia receber mais. Tenho mais trabalho. Mais formação. Mais competência. Mais tudo.

Lágrimas se formaram nos meus olhos contra a minha vontade. Uma falta de ar horrorosa quase me matou ali mesmo. Saí da varanda às pressas e fui até o banheiro. Abri a torneira desesperadamente e joguei água gelada no meu rosto.

– Não... Não, não pode ser! Não pode!

Meus braços começaram a ficar dormentes. Conhecia aqueles sintomas, precisava respirar e me acalmar. Inspirei profundamente e cerrei os olhos com força. Liberei todo o ar dos meus pulmões com um movimento longo.

Reabri os olhos.

O que vi diante do espelho não conseguiu me tranquilizar. Muito pelo contrário, devo ter gritado desesperadamente em algum momento. Abracei a mim mesma, segurando a minha pele como se quisesse machucá-la. Eu não queria. Nem eu mesma tinha o direito de me machucar.

– É porque eu sou negra... – balbuciei. Mal consegui ouvir a minha voz, quanto mais compreendê-la. Jamais entenderia se não fosse eu quem tivesse falado. Aos pouquinhos, o desespero deu lugar à raiva. – É sempre assim. Sempre. Assim. Não importa... Não importa o quanto me esforce...

Patético. Odeio sentir pena de mim mesma. Claro que a raiva só aumentou. Cheguei a pegar o secador de cabelos, pronta para atirá-lo no espelho, mas percebi que ele não tinha culpa. Eu era a verdadeira culpada por não ser o bastante. O que estava faltando? O que mais podia fazer para ir além do que sou?

Meus pensamentos voaram longe, alcançando uma matéria que eu tinha lido em algum lugar. “Mulheres ainda ganham menos do que os homens, diz pesquisa”. Achei que me sentiria melhor com o esclarecimento, mas a coisa só piorou. A vida já era complicada

para quem possuía melanina demais na pele – sei disso perfeitamente –, imagina para quem também nasceu com uma vagina?

– É porque eu sou mulher? – fiz uma careta.

Precisava tirar a palhaçada a limpo. Aquilo não ia ficar assim. Varreria o contracheque até do capeta se fosse preciso; tal absurdo não podia permanecer como estava. Eu merecia, no mínimo, ganhar a mesma coisa do que ele. Não é pelos trezentos reais. Trezentos míseros reais não é porra alguma hoje em dia. Mas a minha dignidade, o meu esforço e a minha competência valem o sacrifício.

O barulhinho chato do meu celular tocando me tirou de um transe que estava fazendo o meu rosto deformar como se fosse o corcunda de Notre-Dame. Procurei o aparelho pelo quarto; revirei uma gaveta, espalhei papéis em uma mesinha e conferi o criado-mudo. Acabei encontrando o infeliz em cima da cama, escondido entre os lençóis. Atendi sem conferir quem era, pois algo me dizia que era a Jane, pedindo-me para ir buscá-la na delegacia. Não seria a primeira vez.

– Alô? – rosnei, já sentindo o cheiro da merda feita.

– Nossa! Pensei que você fosse mais mansinha a essa hora da madrugada – reconheci aquela voz de imediato. Era ele. O maldito. Henrique Farias.

Perdi a fala. Acho que até cheguei a gaguejar alguma coisa ininteligível.

– Já sei, é porque não estou aí contigo – continuou tagarelado. Eu ainda tentava encontrar sentido em tudo: será que estava sonhando com aquela ligação? – Se tivesse recebido o meu trato com certeza estaria mais feliz.

– Eu estaria mais feliz se você estivesse amarrado à minha cama – finalmente consegui responder. Se fosse um sonho, bom...

Dependia de mim fazê-lo acabar bem. – Tem certeza de que não quer me fazer feliz?

Ele demorou a responder. Hummm... Ótimo sinal.

– Não, obrigado, Laura Diniz – respondeu com rigidez.

– Então para quê a ligação? Aliás, onde conseguiu o meu telefone?

– Não finja que não tem o meu.

– Claro que eu tenho. Sei tudo o que você escreveu nos últimos cinco anos. Também sei que mora pertinho... A minha cama vai te receber muito bem, Henrique Farias. Basta você vir.

– Venha você. Vai adorar conhecer o meu quarto.

Calei-me. Será que tinha entendido direito?

– Você tem um quarto?

– Todo mundo tem um quarto – riu.

– Sabe do que estou falando.

– Claro que tenho, Laura. Você não?

– Não.

– Muito me admira! – gargalhou.

– Não gosto. Não é assim que eu domino.

Henrique ficou calado como se pensasse em algo interessante para dizer. Acho que desistiu e resolveu continuar com a sua série de zoação com a minha cara.

– Como você domina, então? – sua risadinha sarcástica estava começando a me irritar. Acabei me lembrando do seu contracheque, por um minuto tinha me esquecido completamente. A dor de cabeça voltou.

– Vem que eu te mostro – murmurei entre dentes.

– Se eu for, arrumarei um modo de te amarrar na sua própria cama, Laura.

– Só por cima do meu cadáver – deitei na cama e esperei que respondesse alguma coisa, mas ele se calou de vez. Fiquei apenas ouvindo a sua respiração forte. Henrique estava excitado?

– Bom... Até amanhã. Ou melhor, até daqui a pouco.

– Por que me ligou tão tarde?

– Só queria ouvir a sua voz – e a minha calcinha vibrou com a dele. Nossa... Que timbre delicioso! Nunca tinha escutado aquele partindo de sua boca.

– Apaixonado? Tão rápido? Lamentável, Henrique Farias.

Toquei o meu seio por cima da camisola. Ambos haviam ficado duros, do nada. Adoro quando surge um novo desafio. Aquele estado de excitação prolongada era uma delícia. Acho que devo ter tido uns dois ou três desafios além do Henrique, e ganhei todos eles. A diferença é que foram fáceis demais. Aquele estava sendo mais gostoso.

– Eu não me apaixono. Não sonhe acordada com isso, não faço o tipo que chega em um cavalo branco.

– Que bom. Fico feliz. Não estou esperando ninguém enquanto mofo no alto de uma torre.

– Quem nasceu para ser a madrasta má nunca vai ser uma princesa.

Abri a boca e apoiei um cotovelo no colchão, erguendo-me um pouco. O que aquele idiota tinha acabado de falar? Que... filho de uma puta!

Ele estava me tentando, só pode. Testando os meus limites.

– As princesas são chatas, superficiais, infantis e com certeza não sabem o que fazer entre quatro paredes. As madrastas são autênticas, espertas e ricas. Não precisam agradar ninguém. Obrigada, Henrique Farias, pelo elogio.

Ele gargalhou alto.

– Ficou bravinha?

– Vai pro inferno! – rosnei.

– Certo, certo... Vejo você amanhã. Boa noite.

– Tenha uma péssima noite. Espero que passe ela em claro!

– Só se for pensando na sua bunda gostosa. Tchau, madrasta.

E desligou. O jeito como falou sobre o meu traseiro me fez esquentar de imediato, mas nada aliviava o fato de não ter esperado que a última palavra fosse a minha. Estúpido. Claro que precisei ligar novamente. Ele atendeu no primeiro toque.

– Nunca me deixe sem a última palavra, Henrique Farias. Faça essa gentileza, seja cavalheiro.

– Está me fazendo um pedido? Hum... Não sei se te concederei, deixa eu pensar... Quero um agrado antes.

– Otário!

Desliguei. Meu celular tocou um segundo depois. Atendi.

– Acho que precisamos dormir juntos hoje para ninguém ficar com a última palavra. O que acha? Vem... Ainda quero a sua bunda.

– Vou colocar o meu vibrador enorme na sua se não desligar esta merda.

– Aposto que seu vibrador não é maior do que eu.

Pensei um pouco. Foi instantâneo, comecei a medir os dois mentalmente. A minha demora em responder acabou consentindo o

que ele disse.

– Não falei? – seu timbre fantástico estava de volta. Meus hormônios se agitaram. De novo. Era como se o Henrique estivesse sussurrando em meu ouvido. – Estou pronto pra você, Laura... Vem...

A ideia que tive foi genial. Perfeita. Muito louca.

– Também estou pronta... Vai ser por aqui mesmo. O que acha?

– Ao telefone?

– Sim... Um território neutro.

– Hum... Não faz o meu estilo, mas... pode ser.

– Maravilha... Comece me dizendo o que está vestindo.

No mesmo instante, ouvi buzinas e um som que tocava rap em volume alto. Vinha da rua. Levantei-me da cama para conferir. O barulho era tão ensurdecedor que não consegui ouvir o Henrique.

Assim que cheguei à varanda, consegui visualizar, além dos portões, a Jane saindo do carro de um cara.

Putaquepariu.

– Henrique Farias... Desculpa, preciso ir. Vejo você mais tarde. Tchau.

Desliguei o celular e queimei de ódio.

Jane estava aos beijos com o moleque. O sujeito a segurava pela bunda com força. Ela o abraçava como se quisesse dar ali mesmo.

Afastaram-se depois de alguns segundos e, falando coisas um para o outro enquanto gargalhavam, despediram-se. O mané deu um tapa na bunda dela assim que se virou de costas.

Cerrei os dentes.

Ela riu e continuou andando, achando tudo muito engraçado.

Fechei os punhos e fui saindo do quarto.

Jane estava fodida. Ela ia se ver comigo.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

A doida desligou na minha cara!

Acho que desistiu da proposta picante; sexo pelo telefone é meio esquisito, mas meu desespero era tanto que qualquer coisa serviria. Arrepentime de ter aceitado. Laura estava brincando comigo o tempo todo, não podia me esquecer desse importantíssimo detalhe. Eu também estava brincando com ela, porém sabíamos que o desejo era real. Ele existia e vibrava mais forte do que nunca.

Fiquei tão chateado que passei um tempão revirando na cama. Nenhuma posição era confortável – quase nenhuma é quando se tem um pênis e ele se recusa a amolecer. A ideia de aparecer na casa dela se tornou muito atraente. Descartei-a. Não pagaria esse mico, Laura certamente me rejeitaria. E então eu ficaria ainda mais chateado.

Havia errado quando falei que a Laura Diniz era a madrasta má. Na verdade ela era uma bruxa, uma feiticeira poderosa. A mandinga que tinha colocado em mim funcionou, e passei a noite inteira em claro. Quando dei por mim já eram sete horas da manhã e eu devia começar a me organizar para ir ao trabalho. Obviamente, estava morto. Não consegui pregar o olho nem por alguns minutos. Pensava nela, na sua bunda, nos seus olhos, na voz amena que falou comigo ao telefone... E também na grossa e sarcástica. Pensei no projeto, nas armadilhas que montaria e na loucura que seria quando eu ganhasse o desafio.

Acho que esses pensamentos me acompanhariam por um longo tempo. Só esperava não ter que madrugar outras vezes, pois cheguei à CMD parecendo um zumbi – havia olheiras enormes ao redor dos meus olhos e, por mais que tivesse passado gel e penteado os meus cabelos escuros, eles pareciam desgrenhados. Era uma sensação chata de estar acabado, jogado ao léu. Parecia que tinha apanhado. Não duvido de que a Laura tenha batido em mim em seus pensamentos.

Soltava um bocejo prolongado a cada minuto. Pedi a Helena que me trouxesse dezenas de xícaras de café, e a coitada as trouxe incansavelmente. Sempre disposta. Ainda bem que eu estava praticamente sem vida, pois sua obediência, em condições normais, me deixaria louco. Em algum momento da manhã, abri as janelas e quase dormi sobre a mesa. A brisa estava fresca naquele andar, embora soubesse que estava fazendo um calor dos infernos lá fora.

Não consegui me concentrar nos números, não resolvi problemas... A minha manhã se resumiu a uma completa porcaria – e isso significa que teria de ralar dobrado se quisesse ter mais tempo livre para o projeto. Ainda bem que era quinta-feira, só teria de suportar mais o dia seguinte e então poderia dormir o quanto quisesse.

Às onze horas, recebi uma ligação da presidência. Ana Vitória perguntou se estava tudo bem para começarmos as atividades no andar da diretoria. Quis saber se eu precisava de alguma coisa e me soltou informações sobre alguns detalhes do projeto. Confesso que não entendi muito da sua preocupação – ou entendi além da conta –, e acabei tratando-a tão bem que nossa conversa durou quase meia hora. Precisava cheirar o pé da presidência se quisesse aquele cargo, nada como cheirar o dela; Ana era gostosa, apesar de bem mais velha do que eu.

Helena percebeu o meu desânimo e me chamou para almoçar, desta vez, por conta dela. Pensei em não aceitar, mas a carinha de menor abandonado que fez me causou pena. Às vezes Helena



parecia uma criança; seu rosto meigo lhe dava um ar infantil, pena que eu sabia perfeitamente o que aquela menininha podia fazer com a boca. E com outras partes do corpo também. Não me enganava.

Topei almoçar, recusando-me a deixá-la pagar. Aquilo já era demais para mim.

– Senhor Henrique... Ontem fiquei até tarde fazendo as pesquisas das quais me pediu... Acabei achando uma coisa interessante.

Ergui os meus olhos. Não sei por que, mas sempre como olhando para a comida. Acho que em outra vida eu era um faminto, não conseguia fazer cara de paisagem e fingir que era educado. Ainda mais quando se tratava da comida do Grill. Sempre a adorei.

– Mandou para o meu e-mail? Conferi hoje de manhã e não tinha nada novo.

– Não... Não enviei para o e-mail do senhor. Achei melhor conferir se era verdade, acabei encontrando e imprimindo. Espera um pouco... – Helena pegou a bolsa, que estava pendurada em uma das cadeiras, e retirou dela um pedaço de papel ofício. Entregou-me logo em seguida, fazendo uma careta estranha.

Desdobrei o papel e visualizei uma matéria pequena em um jornal local. O título me fez franzir o cenho: “Mulher mantida em cativeiro por quase um mês”.

Meu coração acelerou quando vi uma foto da Laura Diniz ao lado. Era antiga, e estava completamente diferente da louca que conheço. Tinha os cabelos bem cacheados e soltos, olhos brilhantes e sorria de um jeito que pensei que ela jamais fosse capaz de sorrir.

– Que merda é essa, Helena? – quase não acreditei.

Fitei a minha secretária. Ela estava prendendo os lábios, aflita.

– Leia tudo, senhor... – apontou para o papel.

Claro que tive que conferir:

*“Na manhã de terça-feira, a arquiteta Maria Laura Diniz da Silva foi encontrada com vida em uma casa abandonada, na região Norte. Desnutrida, desidratada, com marcas de espancamento e violência sexual, Laura se encontra no Hospital Central em estado grave. Ela estava sendo procurada pela polícia depois da sua família ter denunciado o desaparecimento, há dezessete dias. O principal suspeito ainda é o seu ex-namorado, Celso Ferreira, que mantinha um relacionamento de quase cinco anos com a arquiteta. Segundo a sua família, ele se mostrou muito agressivo depois do término do namoro. Celso Ferreira não foi localizado em sua residência, mas as buscas continuam. A polícia e os familiares torcem pela recuperação da vítima, para que esta, quem sabe, possa explicar o que lhe aconteceu. Enquanto isso, o caso ainda é um grande mistério.”*

Meu estômago se contorceu, e achei que fosse vomitar. Engoli em seco.

– Cacete! Que loucura! Onde achou isso, Helena? Cadê o restante das matérias?

– Aí é que está, não encontrei mais nada em canto algum! Esta matéria está completando sete anos de vida, é antiga... Acho que a Doutora Laura nem trabalhava na CMD quando aconteceu.

Encostei-me na cadeira e afundei. Minha respiração ainda estava muito ofegante. Não sabia o que fazer com a nova informação sobre a Laura, mas a coisa era tão séria e explicava tanto que decidi simplesmente ignorar. Peguei o papel, dobrei e guardei no bolso do meu terno.

– Não fale sobre isso com ninguém – ordenei. Havia perdido a fome, por isso decidi pedir a conta. Helena ainda comia como se nada tivesse acontecido, o que me irritou bastante.

– Tudo bem, senhor.

Encarei-a seriamente. Helena parou o garfo cheio de comida no ar.

– Estou falando sério, Helena. Esta matéria vai ficar entre a gente. Entendeu?

– Sim, senhor... – murmurou e riu de leve, meio envergonhada. Acho que ela não entendia a gravidade da situação. Ou fingia que não. Sei lá.

Fechei minhas expressões e fiquei encarando o nada, esperando o garçom trazer a maldita conta. Mil coisas circulavam na minha mente, e só uma era óbvia: Laura havia sofrido um trauma tão medonho que sua única saída foi se comportar como uma maníaca. Ou então ela já se comportava como uma maníaca e teve uma lição dada por alguém. Será que aquele namorado era um de seus submissos? Um sub revoltado significa o fim da picada para qualquer dominador.

Já tive muitos problemas com submissas, claro que nenhum se compara àquele. Mas bem... É compreensível. Laura é uma mulher, um ser aparentemente mais frágil. Se um cara quisesse fazer alguma coisa com ela seria mais simples do que se uma mulher quisesse fazer algo comigo.

Nem me lembro de ter cumprimentado a Helena. Assim que paguei a conta, levantei-me e voltei para a CMD a passos largos. Não sabia o que queria, para quê a pressa? Precisei chegar ao andar da contabilidade para descobrir que as minhas tardes não seriam mais ali. Agora só éramos a direção e eu. E a Laura Diniz bem no meio para atrapalhar.

Lembrei-me da matéria e não consegui não sentir pena dela. Precisava me lembrar de ser mais gentil. Sem farpas desta vez. Nosso primeiro dia podia ser agradável, e os outros poderiam ser melhores se o nosso princípio seguisse um rumo bacana. Só dependia de nós. Sei que não nos odiávamos, já que nos

desejávamos. Eu a quero, mas também quero a vaga de diretor. Só isso.

Precisei pegar o elevador novamente. Demorou pacas, pois a movimentação no prédio estava intensa. Apesar de um pouco abalado – e muito cansado –, respirei fundo e me preparei para encarar a Laura. Rezei mentalmente para realizar aquele percurso por mais tempo do que aqueles curtos três meses. Quero estar no andar da diretoria. Agora, era dali para cima.

Encontrei o Agenor passando rapidamente por um corredor amplo. Parecia impaciente, nervoso. Sei lá. Perguntei-lhe para onde ir, e ele me indicou o caminho. Sabe quando você pergunta onde algum lugar se localiza e não consegue compreender nada do que a pessoa responde? E, no fim, ainda finge que entendeu? Foi o meu caso. O cara estava tão afobado que não quis tomar mais do seu tempo; eu mesmo saí de porta em porta, abrindo-as lentamente, tentando me lembrar do que ele tinha dito.

Ainda bem que encontrei a sala certa na quarta tentativa. Era a primeira porta de um corredor maior ainda. Abri-a devagarzinho e, logo de cara, vi a Laura Diniz sentada diante de uma mesa enorme. Ela estava de costas para mim, olhando através de uma janela imensa que ia do chão ao teto. Seus dedos tamborilavam a madeira escura que compunha a mesa, provocando um ruído característico.

Fechei a porta atrás de mim bem devagarzinho. Laura não tinha percebido a minha presença na sala. Prendi a respiração e dei um passo. Iria mesmo assustá-la? Era a minha real intenção. Faria como no colegial, e dane-se se for uma atitude infantil demais. Às vezes eu perco um amigo, mas não perco a piada.

Dei o segundo passo. Pensei que seria descoberto, pois a Laura empurrou para trás a cadeira giratória na qual estava sentada. Acabei levando um susto enorme, precisei me controlar ao máximo para não ser descoberto. Ela se levantou e caminhou vagarosamente na direção da janela. Não olhou para trás.

Seu corpo estava divinamente desenhado em um vestido bege elegante. Era um modelo que parecia básico, bem cortado e de um tecido pesado. Ele terminava em seus joelhos, e acho que nunca prestei tanta atenção em uma panturrilha antes. A dela parecia ser durinha, bem como a sua bunda. Os saltos eram um charme completo, aumentavam um pouco a sua estatura pequena. O contorno das suas costas exprimia poder, superioridade. A cabeça levemente erguida permitia que seu nariz se mantivesse empinado. A pele de aparência macia me tirou o foco e, cruz credo, nunca tive tanta vontade de comer alguém por trás.

O único defeito era aquele cabelo amarrado em um coque. Tudo bem que era charmoso, mas preferia que estivessem soltos. Gosto de pegá-los, puxá-los, assanhá-los... Sou fissurado em cabelos.

Dei outro passo. Olhava tão fixamente para a Laura Diniz que me esqueci de reparar na nossa sala. Nem sabia mais o que tinha ali dentro, tudo havia se tornado bem desimportante. Para mim, só existia a mesa. E a maldita só existia porque era em cima dela que eu queria foder aquela mulher.

Pensei em falar alguma coisa legal. Sei lá, uma piada? Uma frase sarcástica? Uma saudação mais perigosa? Acabei apenas dando mais um passo. Depois outro e mais outro. Ainda bem que os meus sapatos não faziam barulho no chão. Olhei para baixo: era cerâmica.

Do nada, Laura Diniz ergueu uma mão e socou com muita força o vidro da janela. Se eu disser que meu coração saiu pela boca estarei sendo muito ameno. O pulo que dei quase me deixou na lua, e foi impossível não soltar um grito curto. Eu realmente não sei como aquela janela não se partiu em mil pedaços, como se tivesse sido socada pelo incrível Hulk.

– Que susto, Laura Diniz!

A mulher se virou depressa e me encarou com os olhos esbugalhados.

– Aaaaaaaah! – gritou como uma criancinha, segurando o coração com uma mão. Um segundo de espanto foi necessário para que recuperasse a razão. – Porra, Henrique! Há quanto tempo está aí?

– O bastante para ter a certeza de que você é louca!

Ela fez aquela careta irritada que eu já conhecia.

– Não sou eu que fico espreitando – voltou a se sentar em uma das cadeiras. Acabei me sentando também. Fazer o quê, né? Meu coração ainda estava prestes a ter um ataque.

– Não sou eu que desligo o telefone na cara dos outros.

Laura parou e me encarou. Prendeu os lábios.

– Não foi porque eu quis. Acredite.

– O que houve? – resolvi perguntar, pois notei um timbre de ressentimento em sua voz.

Laura Diniz suspirou e fez uma cara tão diabólica que achei que seria sua próxima vítima de assassinato.

– Não te interessa.

– Claro que me interessa. Você não faz ideia do que é passar horas de pau duro.

Apoiei a cabeça no meu queixo e fiquei a observando. Pensei que riria, mas Laura quase nunca ri das minhas tiradas. Estava impecavelmente linda. Era uma beleza afro divina, na medida certa. Lábios carnudos, olhos penetrantes... Bem que ela devia ser mais simpática, né?

– Lamento. Deve ser complicado, ainda bem que não tenho um pênis. Só um de borracha, e ele ocupou bem o lugar do seu ontem.

– Abriu um notebook e começou a ligá-lo. Puxou alguns papéis de uma pilha farta. Era o projeto.

– Duvido muito.

Encarou-me.

– Não duvide. Você e todos os homens do mundo são substituíveis por um mero objeto, Henrique Farias. Ele é grande, grosso, vibra, faz gostoso e não enche o saco depois.

Precisei rir. Uma parte de mim curtia o seu humor-negro. Nem me importei por ter sido reduzido a um ser inferior a um consolo, sei reconhecer uma boa piada.

– Agora chega de ladainha, vamos começar esta merda? – Laura apontou para os papéis.

Só então olhei ao redor. A sala era ampla e toda equipada. Além da mesa grande, havia duas mesas menores nos cantos, separadas por um sofazinho marrom. Cada uma tinha um computador, além de cadeiras que pareciam bem confortáveis. Entendi que ali seria o nosso local de trabalho individual, enquanto a mesa maior seria para reuniões e assuntos para serem discutidos em conjunto. Tinha também um armário grande do outro lado, uma mesinha com uma cafeteira elétrica, um classificador e outra porta. Acho que era o banheiro, mas precisava conferir depois.

– Nada mal, hein? – abri os braços, referindo-me à sala.

– Graças a mim. Agenor iria nos jogar numa saleta quente e de péssima iluminação. Claro que exigi que trocasse.

– Por isso ele estava tão desesperado! – gargalhei. – Não tem medo de ele falar mal de você no relatório depois dessa?

– Dane-se. Não vou passar três meses numa saleta com você, Henrique Farias.

– Olhe pelo lado bom... Um espaço pequeno... Ficaríamos mais juntos... – aproximei a minha cadeira da sua. As rodinhas fizeram um barulho chato em contato com o chão.

Laura Diniz apenas me encarou. Ficou me olhando durante um tempão.

– Alguém já disse que você tem um queixo incrível? – perguntou, do nada. Sorri, nem sabia o que dizer. Ela me deixava sem jeito às vezes. – Você vai passar três meses usando este perfume? – continuou o questionário.

A sua cara não era condizente com as perguntas, de jeito nenhum. Ela parecia ter acabado de dizer que o mal estava reinando ou que o apocalipse zumbi estava prestes a ter início. Qualquer coisa muito sinistra.

– Não gosta? Te incomoda? – franzi a testa.

– Gosto até demais, Henrique Farias – inspirou profundamente. – Não sei do que sou capaz toda vez que olho pra você. Tente não me tentar. Isso aí... Gostei da frase: “tente não me tentar”.

– Vou tentar te tentar pra caramba, Laura Diniz – sussurrei.

Ergui uma mão para lhe tocar a face, mas a porta se abriu de repente. Separamo-nos no sobressalto, como se estivéssemos nos agarrando. Poderia ser engraçado se a presidência inteira não tivesse se materializado diante de nós. Ficaram nos olhando durante alguns segundos antes de entrarem.

Laura fechou a cara, certamente morrendo de raiva da situação. Eu não curti muito, mas deixei para lá. Não estávamos fazendo nada demais mesmo.

Passamos por uma reunião longa e cansativa, totalmente distinta da que aconteceu no dia anterior. Foram duas horas de informações, discussões e ideias trocadas. Helena e Breno – o cara do departamento de estratégia que a Laura chamou para ajudar,



basicamente um nerd metido a sabichão – chegaram durante a sessão e se juntaram a nós. No fim, já tínhamos uma dimensão mais ampla do que a presidência queria daquele trabalho.

Depois que a reunião acabou, Helena começou a me ajudar com inúmeras planilhas, enquanto a Laura e o Breno realizavam algumas decisões. Descobriram que o sistema comum da CMD não nos ajudaria como queremos, portanto precisaríamos da equipe de desenvolvimento para criar o projeto virtualmente. Eu conhecia muita gente do desenvolvimento, portanto me propus a facilitar o contato e garantir velocidade.

Sinceramente, pensei que as coisas seriam piores. Sobretudo entre mim e a Laura. Ela era tão profissional que precisei lhe dar os parabéns no fim do dia. Sei reconhecer quando alguém se esforça e se destaca. Acabei contestando que ela seria uma ótima diretora geral, porém claro que não me dei por vencido. Também sou um bom e competente profissional, prova disso foi o fato de ela mesma ter retribuído as congratulações.

Helena e Breno já tinham ido embora há duas horas. Não queria sair sem concluir uma conta, e a Laura remexia uns papéis incansavelmente. A academia acabou ficando para o segundo plano. Detestava perder o treino, mas era legal ficar na mesma sala com a Laura. Não dizíamos nada um para o outro, mesmo que às vezes parássemos tudo para nos encarar por alguns segundos.

– Preciso ir – ela depositou uma pasta em cima de sua mesa individual com força. Parecia esgotada. – Vai ficar?

– Não... Vou também. Está tarde.

– Ótimo.

Ela pegou o celular dentro da bolsa e o equilibrou entre a orelha e o ombro. Continuou organizando os papéis e desligou o computador. Eu não podia tirar as coisas do lugar, meu raciocínio estava disposto na ordem certa sobre a mesa. Foi por isso que

apenas me levantei, peguei a minha carteira e as chaves. Havia escolhido usar o meu carro naquele dia.

– Está aí embaixo? – Laura sussurrou ao telefone, dando uma curta pausa para concluir: – Estou descendo.

Fiquei morrendo de curiosidade para saber com quem estava falando. Será que a doida tinha um namorado? Um submisso? Provavelmente sim. Ela não tinha cara de quem ficava sozinha por muito tempo – como eu costumo ficar –, devia estar sempre com alguma companhia.

Laura Diniz murmurou um “boa-noite” sem graça e seguiu na direção da porta. Deu tempo de alcançá-la. Precisei segurar o seu braço, mas ela se soltou mais do que depressa. Acho que ficou surpresa, pelo menos sua careta feia não negou.

– Não me toque sem autorização – deixou claro, colocando um dedo em riste. Não tem coisa pior do que alguém apontando um dedo na sua cara. Não admito, sério.

Desta vez, fui eu que fiquei possesso. Segurei o seu dedo, e ela, com a outra mão, segurou o meu pulso. Cravou a unha comprida na minha pele. Ignorei a dor.

– Solte-me – rosnou.

– Nunca coloque o dedo na minha cara. Entendeu?

– Ok. Agora solte. Não tenho tempo pra isso.

Soltei-a completamente, e ela me soltou também. Ficou me olhando daquele jeito sério que indicava que era a rainha do mundo. Tudo balela.

Tentei me acalmar. Não adiantava me estressar com a Laura Diniz. Minha estratégia era deixá-la irritada sem me irritar. A partir do momento em que me chateasse, saberia que também estava me atingindo.

– Desculpa – falei tão baixo que rezei para que não tivesse ouvido. Claro que não tive essa sorte. Laura ficou sem reação por alguns instantes e terminou virando as costas para abrir a porta. – O que te espera em casa?

Ela parou diante da minha questão. Inclinou-se para trás.

– Não te interessa.

– Tudo bem, vou fazer outra pergunta. Estou com fome e moro sozinho, não me lembro de ter alguma coisa na geladeira. Quer sair pra jantar?

Laura se virou de vez e abriu a porta. Não ia adiantar segurá-la, por isso fiquei sem saber o que fazer para impedi-la. Depois daquela matéria bizarra, acho melhor não brincar com essas coisas. Vai que ela tenha algum tipo de fobia! Aquilo era um jogo, não um episódio de algum filme de terror.

No último instante, ela mesma acabou se permitindo uma pausa diante da porta. Fechou-a devagar, desistindo de partir. Prendi a respiração quando se virou para me encarar. Seus olhos amarelos faiscavam alguma coisa indecifrável.

– Vou deixar uma coisa bem clara, Henrique Farias: eu não sou a sua amiga. Não pretendo ser – sua voz era só rispidez. – Quero a sua derrota, quero que fraqueje. Eu te desejo muito, quero te foder de todas as maneiras possíveis, mas, no fim, realmente vou querer que se dane para bem longe de mim. Não vou fingir ser uma pessoa simpática, nem vou tentar te agradar ou lamber as suas bolas por aí. Não vou te defender, dar tapinhas no seu ombro, rir das suas piadas ou beber algo forte contigo. Eu não sou simpática, não sou legal, não gosto da companhia de ninguém e muito menos da sua. É bem simples de compreender: mantenha-se longe. Vai ser melhor para você, não que eu te deseje o melhor. O melhor que eu posso te dar é uma surra bem dada e um orgasmo tão profundo que você não terá outra saída além de implorar por mais.

Engoli em seco e preendi os lábios. Diante de mim estava a criatura mais monstruosa da face da Terra. E a mais excitante também. Fiquei a observando enquanto mudava suas expressões: a rigidez foi passando e terminou em um meio sorriso que era mais uma careta do que qualquer outra coisa.

E eu só conseguia me perguntar: quem é a Laura Diniz, de verdade?

Passar não sei quantos dias presa em uma casa abandonada justificava tudo aquilo? Ela precisava de um psiquiatra com urgência. Aquilo só podia ser doença. O cheiro de problema só fazia se alastrar, impregnava os meus sentidos e me deixava com vertigem.

– Vai se tratar, Laura – falei, por fim. – É uma pena ver uma mulher tão linda sendo consumida pela própria arrogância.

Avancei para a porta e fui embora mais do que depressa, deixando-a para trás. Ela nem parecia ser a mesma mulher que havia sido razoavelmente agradável durante toda a tarde.

Deus me livre ficar mais um segundo sozinho com aquela maníaca.

## 5º Capítulo

*NÃO COMPARTILHE O PDF DESTA OBRA. PIRATARIA É CRIME.*

*Doutora Laura Diniz*

Henrique Farias havia me deixado sem reação perante a porta da nossa sala. Não foi somente o que ele falou, mas o modo grosseiro como seu rosto se contorceu e suas palavras foram proferidas. Vi quando atravessou o corredor parecendo irritadíssimo, e pela primeira vez nos últimos sete anos achei que me arrependeria de alguma coisa que falei. Acabou sendo apenas um lapso, a sensação durou um simples minuto. Depois, liguei o "foda-se", aprumei a minha bolsa nos ombros e saí.

Não me arrependo de ter dito a verdade. Ninguém deveria se arrepender de ser sincero.

Andei na direção do elevador, morrendo de cansada por causa do dia longo e da noite sem dormir. Estava arrasada por dentro, mas, por fora, mantinha a segurança da qual preciso para viver em paz comigo mesma. Respondendo à pergunta do Henrique: não, não faço ideia do que me aguarda em casa. As coisas passaram dos limites na noite anterior, e sei que teria um problemão para resolver. O projeto era fichinha diante daquilo.

Ainda tinha a questão do meu salário. Pedi à Sônia para que me enviasse informações sobre os outros coordenadores, mas ela nada tinha enviado desde então. Encontrava-me apreensiva, pois estava prestes a descobrir por que ganhava menos que o Henrique. Se apenas eu dentre os coordenadores ganhasse menos, as coisas ficariam muito sérias. Juro que vou até o inferno para lutar pelos meus direitos.

Para a minha surpresa, Henrique Farias ainda esperava o elevador chegar. Era tarde, provavelmente não tinha viva alma trabalhando àquela hora. Mesmo assim, a academia funcionava até as dez e a movimentação era sempre intensa no primeiro andar. Infelizmente passaria mais um dia sem fazer exercícios. A abstinência estava me matando, mas o sono era pior ainda.

Assim que me aproximei dele, o elevador apitou e abriu as portas vagorosamente. Henrique percebeu a minha aproximação, mas fingiu que eu não existia: entrou no elevador e, ainda muito sério, fez cara de paisagem. Olhou cada detalhe que havia do chão ao teto sem colocar seus olhos azuis em mim. Nem sei como consegui fazer aquilo.

Não me movi. Estava disposta a lhe dar um pouco de espaço. Também queria o meu. Não há nada melhor do que ficar sozinha, imersa nos próprios pensamentos. Ia demorar a me acostumar a dividir uma sala, ainda mais com ele. Não daria certo, sei que não. A confusão estava apenas começando.

Sequer fiquei irritada por ele ter praticamente dito que eu era uma perturbada mental que precisava de tratamentos sérios. Sei bem o que sou e o que faço. Eu me conheço. Minha identidade reconstruída me agrada. Faz-me bem. Ser autêntica, dona de mim, sem medo, sem culpa e sem rodeios era o melhor que podia fazer para a minha consciência.

Silenciosos e eternos segundos se passaram até que o elevador decidiu fechar as portas novamente. No último instante, Henrique colocou a mão, obrigando as portas a não se fecharem.

– Não vai entrar?

– Não.

– Por quê?

Revirei os olhos. Era um saco ter de aturar as perguntas idiotas daquele cara, ainda mais sabendo que agia cinicamente. Ele

me chama para jantar, diz que sou psicótica, diz que sou arrogante e agora segura o elevador para mim. Só pode ser um cínico mesmo. Ou isso ou o mundo perdeu o sentido.

– Porque não.

– Não seja infantil, o andar inteiro está vazio e escuro. Não tem ninguém em pelo menos uns dez andares abaixo de nós.

– E daí?

– Não tem medo?

– De quê? – fiz uma careta.

Alguma coisa quente sacudia a minha calcinha quando ele franzia a testa. Parecia uma criança perdida, um menininho inocente. Sua altura e seu corpo enorme diminuía drasticamente de tamanho, e ele não se tornava nada além de dois olhos confusos. O rosto másculo, composto por um nariz que traduzia toda a gostosura do seu corpo grande, não fazia sentido quando linhas fantásticas brotavam do seu semblante.

– Vem, Laura. Não vou te deixar sozinha aí. O fato de você ser mal educada não significa que eu seja.

Era só o que me faltava. Cínico.

A raiva que o Henrique sentia de mim era óbvia, sua irritação e decepção quando eu o tirava do sério eram visíveis. Ele me detestava e me desejava, mas os sentimentos não se misturavam, como se fossem água e óleo? Como conseguia dividir? Os meus se misturavam até demais, e eu posso desejá-lo com a mesma intensidade que o odeio.

Só havia uma explicação: ele estava se fazendo de besta para o meu lado. Fingia ser legal, simpático... Fingia ser atencioso. Henrique Farias queria me conquistar. E eu não lhe daria o gostinho. Não sou qualquer mulher idiota que cai em armadilhas criadas por

homens medíocres. O coitado pensava que eu não tinha sacado qual era a sua.

Mas, como sempre, estou a vários passos à sua frente. Só me restava saber o que faria a respeito. Claro que devia tirar proveito do seu joguinho.

Uma luz brilhou na minha cabeça, e me lembrei de que não há arma mais mortal para se vencer um adversário quanto aquela que ele mesmo estiver usando. Estava pronta para abrir a boca dele e fazê-lo provar do próprio veneno. Iria empurrar goela abaixo.

– Tudo bem – entrei no elevador mansamente. – Obrigada.

Henrique se endireitou, largando a porta, e me olhou com os olhos bem abertos. Ficaram parecidos com duas azeitonas bem redondas.

– Você agradeceu? Meu Deus, vai chover!

– Não sou mal educada. Você não me conhece, Henrique, e jamais chegará a tanto.

Ele ficou calado, encarando-me. Uma grande parte do meu cérebro me implorava para que fizesse alguma coisa. Beijá-lo seria uma ótima ideia, aquela boca me chamava. O problema é que não sou nenhuma imbecil; ele é bem maior e mais forte do que eu, tinha a vantagem por causa disso. Se eu o segurasse com firmeza, sei que me seguraria com facilidade e tudo podia acabar sobrando para mim. Terminaria submetida a ele pela força.

– Sei mais sobre você do que imagina – falou de um jeito muito sério.

Sua frase me assustou, porém me mantive firme. A curiosidade logo martelou o meu juízo. Se ele tivesse ido tão a fundo quanto eu fui em minhas pesquisas, certamente já sabia o que não devia saber.

– Que "meda"... – desdenhei.



A porcaria do elevador demorava uma eternidade para chegar à garagem. Henrique não falou mais nada, e fiz questão de fingir que ele não estava ali. Quando as portas voltaram a se abrir, decidi controlar a minha irritação e lhe devolver algumas doses de veneno.

– Sabe... Qualquer noite podemos sim jantar juntos. Gosta de comida mexicana?

Henrique franziu a testa, e eu tive, de novo, vontade de agarrá-lo.

– Gosto...

– Pode ser na semana que vem?

Balançou a cabeça de leve, aquiescendo. Saímos do elevador e paramos diante dele. Decidi fazer algo que não fazia há anos. Aproximei-me, fiquei de ponta de pé e lhe beijei a bochecha. Foi rápido e estalado, mal nos encostamos. Senti seus pelinhos recém-barbeados pinicarem meus lábios. Um tesão sem fim me fez quase saltar em cima dele. Controlei-me.

O efeito da minha atitude foi exatamente a que previ. Henrique perdeu o chão. Ficou tão embasbacado e com cara de bobo que tive vontade de rir. Só não o fiz porque a minha própria atitude acabou me atingindo também. Por um instante, perdi o foco. Quase dei adeus ao controle, foi por muito pouco.

– Até amanhã. Você ainda está cheiroso, amo seu perfume – murmurei, e me senti tão imbecil que, imediatamente, percebi que aquilo não ia dar certo: jamais conseguiria fazer papel de mulherzinha que caía em armadilha. Não faz o meu estilo. Não mesmo.

Fechei a cara diante de um sorriso largo que ele me oferecia.

– Até amanhã... – balbuciou, incapaz de parar de sorrir. O cara ficava ainda mais gostoso quando sorria.

Aquilo me irritou até demais.

Henrique parou de sorrir quando mudei de expressão. Balançou a cabeça e pareceu chateado. Acho que percebeu o meu fingimento. Não sei, não fiquei para conferir. Dei as costas e entrei no carro; Jaime já me esperava e certamente havia assistido àquilo. Acabei criando mais um problema para resolver.

O clima no carro ficou meio pesado, deixando-me ainda mais irritada. Jaime respondeu ao meu “boa-noite” com um aceno de cabeça e só, nem tive paciência para lhe repreender. Não perguntou como foi o meu dia, muito menos fez algum comentário legal, coisa que sempre fazia. Ignorou-me até chegarmos, fazendo-me perceber que lhe devia ao menos uma explicação. Por mais que eu fosse uma mulher livre e desimpedida, sabia que devia ser transparente e lhe passar segurança. Era o meu dever.

– Aquele é o cara de que te falei – murmurei a contragosto.

Jaime estacionou o carro e ficou calado durante algum tempo, mas depois sorriu. Acompanhei pelo retrovisor.

– O que a senhora devia exterminar?

– O que *vou* exterminar. É só uma questão de tempo.

Saí do carro devagar, minha cabeça girava um pouco. Aquelas dores estavam ainda mais constantes, sei que me acompanhariam até quando aquela bagunça toda for organizada.

Jaime saiu também e se aproximou lentamente. Sua face exprimia o ciúme e o desejo, uma mistura mortal que não me causava boa impressão. Queria muito que ele não se apaixonasse, deixei claro para que não o fizesse, mas, naquele instante, descobri que era tarde demais. A desconfiança deu lugar à certeza: Jaime precisava ser descartado antes que as coisas piorassem.

O pior de tudo era que ainda precisava dele, agora mais do que nunca. Não podia mandá-lo embora com o meu mundo inteiro tremendo em cima de bases instáveis. Seria o meu fim.

Jaime esperava algum comando. Sei o que queria, o movimento subjugado do seu corpo não me enganava. Busquei algum tipo de vontade dentro de mim, porém a única que surgiu foi a de dormir como se não houvesse amanhã.

– Hoje não – respondi friamente. Ele abaixou a cabeça e consentiu.

– Como quiser, Senhora. Estarei sempre ao seu dispor.

Aproximei-me e lhe toquei a face. Era tão belo! Tão meu! Que droga... Por que o maldito foi se apaixonar? Por quê?

Cruzei minhas mãos na sua nuca e puxei o seu rosto para mim. Beije-o suavemente, tentando buscar dentro do meu peito algum tipo de sentimento novo. Não havia nada. Absolutamente nada. Só o desejo, o prazer em dominar, a superioridade. Nada em mim me fazia ser dele.

Larguei-o com agressividade e, irritada, desferi-lhe um tapa no rosto. Jaime gemeu e virou a cabeça para o lado, a respiração ofegante.

– Olhe para mim – ordenei.

Seu olhar era pura submissão. Ele brilhava, pedia, implorava para ser aniquilado por mim. Mas eu estava com tanto sono!

– Você é meu – rosnei.

– Todo seu, Doutora Laura – choramingou. Sua voz saiu tão fraca que chegou a me assustar.

Toquei sua face novamente, acariciando as marcas da minha mão em sua pele. Tinha ficado bem vermelho. Nem me dei conta de que havia usado tanta força, porém não me arrependi.

– Ajoelhe-se.

Fui obedecida. Jaime curvou-se e fitou o chão. Toquei o seu queixo, fazendo com que voltasse a me olhar.

– Por favor... – pediu.

– Não dormi a noite passada, querido... – falei mansamente. – Estou muito cansada.

– Tudo bem, Senhora. Descanse.

– Você é um bom garoto – acariciei seus cabelos loiros. – Continue sendo bom.

– Serei sempre o meu melhor para a senhora, Doutora Laura.

Curvei-me e lhe beijei mais uma vez, porém com selvageria. Mordí seu lábio inferior e depois o lambi. Afastei-me devagar e fui entrando em casa, disposta a tomar um banho e desabar.

O dia havia sido longo demais para o meu gosto.

Fui tirando as minhas roupas e jogando pela casa. Sabia que Jaime iria recolhê-las pela manhã, bem cedinho. Era um agrado que sempre me fazia, além de preparar o meu café do jeito que gostava e de dar uma arrumada na casa. Dona Helô vinha apenas duas vezes na semana, nos mesmos dias do jardineiro. Davam uma geral na casa sob a supervisão dele.

É por isso e por tantos outros motivos que o Jaime precisava continuar sendo meu. Não sei quem foi o otário que inventou essa história de paixão, só para deixar as coisas mais complicadas. Se eu o pegasse... Levaria uma surra tão grande que em um instante deixaria de frescura.

Subi as escadas e de cara ouvi um som bem alto. Jane estava em casa. O *funk* predominava no ambiente, era daqueles bem nojentos. Tenho até vergonha de falar em voz alta o que estava sendo cantado. E olha que não costumo ter vergonha de nada.

Bati na porta dela com força.

– Desliga esta merda! – berrei. Eram quase dez da noite, e só porque arquitetei a casa para deixar o som abafado, não significava

que euzinha não o escutaria. Jane parecia ignorar isso.

E ignorava mesmo, visto que o *funk* continuou rolando.

Bati com mais força ainda, fazendo o meu corpo se chocar contra a porta.

– DESLIGA ESTA MERDA!

O som desapareceu em um raio de segundo.

– Vá tomar no cu! – Jane gritou lá de dentro.

Uma coisa horrível fez o meu coração bater acelerado. Minhas mãos tremeram e podia sentir minhas pupilas se dilatando. Ódio. Muito, muito ódio.

– Rejane Diniz, me respeite! Vou lavar essa sua boca com soda cáustica.

– Falou a virgenzinha que não fala palavrão!

Choquei-me contra a porta. Queria matar aquela vadia. Não bastou a surra que havia ganhado na noite anterior? Eu tinha batido com muita, muita força. Será possível que nem isso fazia Jane engolir toda aquela prepotência?

– Vai apanhar de novo assim que eu derrubar esta porta! – berrei, chocando-me inúmeras vezes. Afastei-me um pouco e comecei a usar os pés. Cada choque provocava um barulho grotesco.

A porta era pesada, bem firme. Ia ser difícil colocá-la ao chão, mas o meu ódio vencía qualquer obstáculo.

– Sua sádica! Vai bater no teu namorado e me deixa em paz!

– NÃO ESTOU BRINCANDO, JANE!

– NEM EU, SUA SÁDICA! SÁÁÁÁDICAÁÁÁ!

Argh! É isso o que ganho por tê-la criado com tanto empenho? É isso o que me resta? Devia tê-la deixado ao léu com a drogada. Àquela hora estaria se prostituindo e mendigando na favela de onde nem devia ter saído. Tem gente que merece o berço em que nasce.

Parei de tentar destruir a porta e sentei no chão. A vontade de chorar me consumia, mas jamais daria a Jane esse gostinho.

– Só quero o seu bem! – gritei para os ares. – Você é uma ingrata!

– Você quase me mata de cacete e só quer o meu bem? Vai se tratar, Laura! Está doente! Nunca mais vai me bater de novo. Juro que chamo a polícia!

Congelei no tempo. Impressão minha ou ela e o Henrique Farias estavam mancomunados para me tirarem do sério? Só isso justificaria a coincidência de suas ideias ao meu respeito.

– Prefere apanhar do maconheiro? – tentei controlar a minha voz. Chega de gritos. Odeio gritar, e pior ainda que gritem comigo. – Muito bem, Rejane, muito inteligente. Apanhe dele até cansar.

Ouvi o seu choro abafado. Ela estava aos prantos, no limite do desespero. Eu não chorava, mas confesso que havia entrado em um estado ridículo de angústia. Uma dor gigantesca vibrava dentro de mim.

– Achei que preferisse apanhar de mim, que sou a única pessoa que você tem nessa sua vidinha medíocre.

– Você que... é... medíocre... – respondeu entre soluços. – Eu te odeio... Eu te odeio... Vou sair desta casa! Vai ver, vou pra bem longe de você!

– Não seja burra. Vai fazer o quê? Fugir com aquele cara? Eu te dou todo conforto, Jane. Você é uma metidinha que não sabe o que é viver.

– Qualquer companhia é melhor do que a sua. Qualquer pessoa me daria mais amor do que você. Sou uma obrigação na sua vida, Laura. Um estorvo. Não finja que não quer que eu vá embora!

Suas palavras me deixaram sufocada. A careta que fiz quase me fez derrubar lágrimas, mas me segurei ao máximo.

– Não é verdade. Jane... Não é verdade.

Solucei. Engoli em seco e fui me levantando devagar. Aquela conversa já tinha ido longe demais.

– Preferia ter a minha irmã de volta... – consegui ouvir seus murmúrios. – Aquela que cuidava de mim, que contava histórias... Que brincava de boneca comigo. Onde está aquela mulher normal?

Sentime estilhaçando.

– Morreu, Jane – respondi com firmeza. – Faça o que quiser. Fuja. Não te darei nem mais um centavo. Não vou bancar suas péssimas decisões.

Ela continuou chorando, e eu fui embora antes que tornasse a situação ainda mais constrangedora. Tranquei-me no meu quarto e desabei na cama. Terminei de me despir, fiquei completamente nua.

Sequer tomei banho ou comi. Simplesmente apaguei, cansada de tudo e de todos. O mundo, de repente, havia ficado pequeno demais para mim, e grande demais para que o carregasse em minhas costas.

\*\*\*

*Senhor Henrique Farias*

Já estava ficando estressado com o meu novo jeito de desistir de fazer as coisas que planejei. Havia prometido a mim mesmo que não deixaria me levar pela Laura, que seria firme nas minhas

atitudes e começaria a ignorar o seu jeito duro de ser. Minha pretensão era tomá-la de todo jeito, à força ou não. Estava com essa ideia circulando na minha mente, mas a maldita matéria acabou me desarmando.

Brincar com a Laura era pior do que brincar com o fogo. Não sou nenhum imbecil, sei que ela tem problemas e ignorá-los podia ser fatal. Desde o início não sabia o que esperar daquela mulher, e continuo sem saber. Suas palavras ríspidas não saíam da minha mente. O modo severo como falou que não queria o meu melhor, que desejava a minha derrota, causou-me uma sensação de vulnerabilidade que simplesmente detestei.

Uma mulher nunca me assustou. Nunca. Achei que fosse impossível, porém confesso: Laura Diniz conseguiu me deixar apavorado. Saí daquela sala sem acreditar que uma pessoa pudesse ser tão arrogante, tão... ridícula. Depois, quando vi seu rosto sério nitidamente controlando as próprias emoções, descobri que toda aquela arrogância não passava de uma casca grosseira que escondia alguma coisa muito, mas muito fraca.

Era essa fraqueza que eu buscava atingir.

Ela tentou jogar comigo, fingir ser legal, mas claro que não caí. Laura Diniz não consegue ser gentil ou simpática. Sua mente havia sido programada para exalar ódio, superioridade e medo. Mas ela era apenas um bicho indefeso que soltava veneno para se proteger do predador. Tipo uma ostra: grossa e praticamente inquebrável por fora, molenga por dentro.

Eu só precisava passar por cima de toda aquela dureza. Quebraria a ostra com toda a força que me fosse permitida e, no fim, ou encontraria uma linda pérola ou um monte de massa fétida fora do prazo de validade. Uma parte de mim queria encontrar uma pérola, mas sei que era apenas o meu lado fantasioso. Talvez não tivesse sobrado nada de valor dentro da Laura Diniz.



Eu tinha duas grandes opções diante de mim: podia ignorar sua prepotência e continuar sendo eu mesmo ou fingir que aquilo me atingia e começar a agir igual.

Depois de chegar à minha casa e raciocinar bastante, descobri que havia mais uma opção, que na verdade era uma mistura das anteriores: fingir que aquilo me atingia e continuar sendo eu mesmo. Não precisava ignorar seu jeito rude, devia sim deixar claro que sua atitude me irrita, quem sabe assim não perceba o quanto estava sendo errada? Podia encarar toda aquela carga negativa e, ainda assim, continuar sendo educado.

Não se vence o ódio com mais ódio. Laura devia estar acostumada a permanecer longe das pessoas – na verdade ela mesma as afastava –, e então eu estaria sempre por perto. Devia ser ignorada constantemente, e então eu a incluiria em tudo. Não era acostumada a sorrir, a se divertir ou a ser espontânea, e então eu chegaria e transformaria o seu mundo. Faria com que vivesse de verdade. Este diferencial não podia dar em outra coisa. Já dizia o ditado: água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Não que eu fosse mole. Mas que vou insistir... Ah, isso vou. E, quando estiver com ela em minhas mãos... Deixarei que fique completamente submetida. Presa em meus domínios, e ainda melhor, com seu total consentimento. Em outras palavras, Laura pediria arrego.

Sorri largamente depois que consegui amarrar os meus pensamentos e chegar a uma doce conclusão. Estava morto de cansado, sonolento e atirado entre os meus lençóis, mas mesmo assim não conseguia dormir, pensando na maldita e no que faria com ela. Nem me lembro de ter comido alguma coisa, só de ter tomado um banho rápido. Sequer cheguei a me vestir; fui me enxugando com a toalha e capotando na cama.

Uma parte do meu plano seria difícil de ser mantida – sou um cara esquecido pra caramba. Não aguentaria ficar acordado até as duas da manhã, por isso decidi modificar o horário. O primeiro dia

havia sido especial por justamente ser o princípio de tudo. Precisaria me adaptar aos poucos, e sei que era questão de tempo até adicionar mais um item à minha rotina.

Sendo assim, verifiquei o horário no relógio do meu celular; eram onze e quarenta e dois. Esperei dar meia-noite, fechando os olhos e os abrindo no susto. Devo ter caído em um trezentos abismos, mas pelo menos me esforcei para não pegar no sono de vez.

Assim que doze badaladas tocaram dentro do meu cérebro, procurei o número dela na agenda eletrônica e liguei sem pensar duas vezes. Nem sabia o que diria, mas aquilo era apenas um detalhe.

– Alô? – Laura Diniz com certeza estava dormindo. Sua voz quase não saiu. Ah, com certeza também não sabia quem era, do contrário seria bem grossa logo de cara. Deve ter atendido sem conferir o número.

– Boa noite, Cinderela! – murmurei, e só então percebi o tamanho da besteira que falei. Aquilo não era o nome de uma droga que os caras usavam para estuprar as mulheres nas baladas? – Está dormindo?

– Não seria Bela Adormecida? – sua voz ainda era sonolenta. Perguntei-me se Laura fazia ideia de com quem estava falando.

– Bom... É meia-noite, bem que você podia pegar a sua carruagem e vir pra cá. Tem uma coisinha te esperando.

Foi instantâneo, peguei no meu pau. Ele estava mole, mas era só uma questão de tempo. O sono me consumia, deve ser por isso que o danado ainda não havia dado sinal de vida.

– Pensei que eu fosse a madrasta... – Laura falou e bocejou alto.

– Ah, é mesmo... Desculpa aí. E então, que fruta pretende envenenar amanhã? – tentei puxar papo. Sacudi o meu pau, porém

ele permanecia amuado.

– Depende da que você for comer.

Filha da...

– Quero comer a *sua* fruta envenenada... – falei com malícia. Acho que ela entendeu, pois permaneceu calada.

– O que você quer, Henrique Farias? Preciso dormir, droga! – estava demorando a me oferecer doses do seu rancor. Por incrível que possa parecer, meu corpo soltou um espasmo leve, e o meu pau começou a endurecer aos pouquinhos.

Era disso que ele gostava; de ser contrariado. Quanto mais o contrariassem, mais tesão sentiria.

– Eu também preciso dormir, mas preciso de você antes – sussurrei, remexendo-me. – Estou completamente nu na minha cama... Ela é enorme, cabe você, sua arrogância e eu. Vamos ficar meio apertadinhos no canto, pois sua arrogância tem uma bunda gigantesca... Mas vai ser bom.

– Hunft... Vê se me erra – disse friamente e desligou.

Claro que não desisti. Cheguei a gargalhar um pouquinho, amava de paixão tirá-la do sério. Podia até ser o meu novo *hobby*, creio que jamais me cansaria de fazer aquilo.

Tornei a fazer a ligação. Ainda segurava o meu pau com a outra mão, ele já estava prontíssimo. O sono, de repente, tinha ido embora, dando lugar ao puro desejo. Aquela mulher ainda ia me matar de tesão, mas não antes de levá-la junto comigo.

Laura Diniz atendeu no terceiro toque. Prova de que, no fundo no fundo, gostava das minhas loucas investidas.

– Henrique Farias, não estou brincando...

– Estou de pau duro pra você – agarrei o meu membro com força. – Conta pra mim... Como você está?

Ficou calada durante longos segundos.

– Com sono. Tchau.

Imaginei que ela fosse desligar a ligação, mas me enganei. Permaneceu na linha, esperando a minha vez de falar. Sorri amplamente. A maldita gostava daquele jogo, e estava apenas começando.

– Quero dar uma chupada na sua boceta...

Dez segundos de silêncio. Eu contei.

– Boceta? – rosnou. – Fala sério, que nome horrível! Tenho vontade de vomitar toda vez que escuto essa palavra.

Gargalhei. Como ela conseguia sempre me fazer rir? Eu não tinha ideia!

– Como você a chama, então?

– Eu não chamo, ela está sempre aqui.

Ri de novo.

– Tem alguma sugestão? – custava nada perguntar. Adoraria chamar a vagina da Laura de um nome mais específico. Sabe-se lá por quê.

– Tenho. Simplesmente não a chame de nada, ela não te deu liberdade para tal.

– Deve ser porque ainda não conheceu a minha língua, nem meu pau.

– Conhecerá – disse em tom definitivo, porém muito excitante. Meu ventre soltou um espasmo. – Sob minhas condições, claro.

Meu corpo já queimava, era insuportável. Estava quase pegando as chaves e dirigindo rumo à casa dela. Pegaria aquela mulher de jeito. Laura Diniz nunca mais iria me esquecer. Nunca mais.

– Veremos... – falei roucamente, movimentando o meu pênis bem devagar. – Veremos quem ditará as condições. Enquanto isso, vou chamá-la de um apelido bem carinhoso... Que tal Laurinha?

Ela bufou. Acho que foi a coisa mais próxima de um riso que já me ofereceu.

– Criatividade não é o seu forte, é? Se for, tenho péssimas notícias...

– Como ela é? Laurinha ou Laurona? – se curiosidade matasse eu já estaria morto. Naquele instante, matava e morria para dar uma bela conferida nela. Será que era totalmente depilada?

– Credo, Henrique – suspirou. Havia algo diferente em sua voz, mas não consegui identificar. Devo achar estranho toda vez que a Laura não fala comigo com grosseria. – Não seja estúpido.

Gargalhei. Gosto de ser escroto às vezes. Sou assim, divertido.

– Quero vê-la – falei em tom de ordem. Senti meu próprio rosto se modificar numa expressão severa. Só Laura para me fazer mudar de humor de um segundo para o outro, e daquela vez ele foi modificado por causa do desejo absurdo que corroía os meus nervos.

– Vai ficar querendo.

– Laura, Laura... – suspirei. Estava na hora de falar um pouco mais sério. – Quanto mais doce fizer, mais vergonhoso será para você no fim. Não aumente o desafio se não souber dar conta depois. Vou cobrar cada centavo da nossa aposta, pode ter certeza disso. Não sou metido a superior como você, mas não significa que deva me subestimar.

Laura Diniz permaneceu calada por muito tempo.

– Eu confio em mim, Henrique Farias. Sou melhor do que você. Faço homens como você engolirem o próprio ego.

– Desta vez é você quem vai engolir o seu.

Ela suspirou.

– Você é brochante. Estava nua e começando a me tocar, pensando no seu pau enorme entrando em mim... Agora só penso em acabar com a sua raça em um contexto não sexual.

Arregalei os olhos e quase pirei o cabeçaço.

– É sério?

– Não minto, por mais que doa. Vou dormir que é o melhor que faço. Tchau.

– Ei...

– O quê? – puts, ela tinha mesmo se irritado. Praticamente gritou no meu ouvido.

Fiquei tão irritado quanto, por isso decidi tentá-la.

– A última palavra é a minha. Tchau, Laura Diniz! – e desliguei a ligação. De quebra, desliguei também o celular.

Se é para contrariar, então vamos contrariar. Chega de ser o único a sofrer consequências! O meu dever naquela noite já estava cumprido.

Só me restava conseguir dormir, o que acabou sendo impraticável. Não conseguia parar de imaginar a visão da Laura nua em cima de uma cama, tocando o próprio corpo enquanto pensava nas minhas carícias. Cheguei até a visualizar sua pele negra queimando de desejo, implorando pela minha presença, contorcendo-se em um orgasmo intenso. Não deu outra: precisei me masturbar pensando na maldita. Tive um clímax rápido e profundo, que foi capaz de aliviar um pouco as tensões. Só então consegui pregar o olho e, finalmente, dar adeus à todo aquele cansaço acumulado.

Acordei me sentindo outro cara. Já estava tomando banho antes mesmo de o despertador fazer o favor de tocar aquela musiquinha chata. Era sexta-feira – aleluia! –, e estava louco para tomar uma cerveja gelada assim que terminasse o expediente. Pensei em mandar mensagem para alguns amigos da faculdade mais tarde – sempre nos encontrávamos as sextas em algum barzinho – e saí de casa na minha moto.

Deu tempo de tomar um café forte e mastigar algumas bolachas que jaziam na pequena sala de descanso, localizada no departamento de contabilidade. Assim que entrei na minha sala, Helena estava com os cotovelos apoiados na minha mesa, conferindo alguns papéis em uma pasta.

Quase soltei um palavrão. Sua posição estava magnífica demais para o meu gosto; apesar de magrinha, Helena tinha uma bunda de respeito. Já havia apalpado e até dado alguns tapas naquele rabo incrível. Não podia negar que estava doido para repetir a dose; teria feito há muito tempo se ela não fosse casada. Mulheres casadas, problemas em dobro!

– Bom dia, Helena – praticamente rosnei, fingindo que estava de mau humor. Só assim ela sairia rápido dali. – Algum problema?

Ela se sobressaltou e ficou ereta, puxando a papelada consigo.

– Oh... Bom dia, Senhor Henrique.

A mulher parou para me encarar com aqueles olhos verdes redondos. Sua carinha de anjinho implorava pelo pecado. Tentei ignorar.

– E então, o que faz aqui?

– Ah... É... Desculpe-me... Estava verificando uma das planilhas... Pensei que o cálculo estava incorreto, mas me enganei.

– Dá aqui, deixa-me ver – estiquei o meu braço, pedindo por alguma coisa além da bendita planilha.

Helena me entregou o material e ficou me observando. Confesso que os números viraram desenhos, ficaram parecidos com aquelas pinturas rupestres sem sentido. Não dava para me concentrar com ela ali.

– Pode ir, Helena – sacudi as mãos, sinalizando para que desse o fora.

– Sim, Senhor. Ah... Sua mãe ligou não faz nem cinco minutos.

Parei para olhá-la.

– Minha mãe?

– Sim... Pediu para que o senhor retornasse pra ela.

Era só o que me faltava. Não estava nem um pouco a fim de encarar a Dona Elza. O pior de tudo era saber que não adiantava fugir. Era ligar ou me preparar para uma surpresa: ela já chegou a vir me procurar pessoalmente no trabalho depois que ignorei um de seus recados.

Assim que Helena saiu, retirei o meu terno – que calor dos infernos! –, joguei a planilha de lado e liguei para a mulher que criou a mim e aos meus irmãos com tanto empenho.

– Pensei que fosse me ignorar de novo, mocinho! – foi logo dizendo, sequer disse “alô”. Levei até um susto. – Por que não atende às minhas ligações?

– Que ligação, mãe?

– Seu celular, Henri!

Peguei o aparelho e constatei que estava desligado. Estranhei muito, não costumo desligar o meu celular. Demorou alguns segundos para me lembrar de que havia desligado para impedir a Laura de retornar a ligação, na noite passada.

– Droga... Descarregou, mãe – menti. – Mas eu estou bem... Estou me alimentando direito, dormindo bem e parei de levar



trabalho pra casa. Satisfeita? – era basicamente aquilo que ela queria saber de mim em todas as vezes que ligava.

– Não! Você anda ausente demais, nem liga para a própria família! – choramingou. Eu sabia que era charminho, mas senti pena. – Estou me sentindo abandonada!

Suspirei. A mulher havia tido cinco filhos, não é possível que ninguém tenha ligado nos últimos dias. Tudo bem que eu não tinha o hábito de ligar, mas não significava que havia me esquecido dela ou do meu pai. Beatriz, minha irmã mais velha, às vezes me ligava dando notícias. Até levei a mamãe para o médico na semana passada!

Aliás, acho que foi na retrasada. Ou foi no mês passado?

– Mãe... Não começa.

– Já comprou um presente pra sua irmã?

Fiz uma careta. Que presente? Que irmã? Por quê? Tentei buscar na memória a data do aniversário de todo mundo, e cheguei à conclusão de que nem a Beatriz e nem a Natasha fariam aniversário naquele mês. O do Luís era no próximo, mas apesar de eu desconfiar que o cara seja veado, duvido de que a mamãe chegasse a se referir a ele no feminino.

Não queria fazer aquela pergunta, mas não tive outra saída:

– Que presente?

– Ai, meu Pai Eterno! Você se esqueceu!

Peguei uma caneta e a transformei no meu novo brinquedo: comecei a apertar em cima repetidas vezes, fazendo a ponta sumir e aparecer sucessivamente.

– Mãe, estou muito ocupado agora. Diga logo quem vai fazer festa!

– Sua irmã vai se casar amanhã e você não lembra! Não acredito, Henrique! – certo, agora a coroa estava mesmo chorando.  
– Você não liga para os seus irmãos! Não criei um filho assim, tão distante!

Fiquei irritado comigo mesmo. Dona Elza tinha razão, não devia ter me esquecido do casamento da Natasha, a nossa caçula linda. A família sempre foi muito unida, daquelas que não fazem uma refeição sem que estivessem todos à mesa.

Eu seria o padrinho do casório – um privilégio que fez o Luís e o Marcos morrerem de inveja –, precisava presentear a Nat com alguma coisa bem cara, no entanto sequer havia cortado o cabelo ou feito a barba. Precisava correr contra o tempo, do contrário a minha irmãzinha me odiaria para sempre.

– Não se preocupe, mãe. Está tudo sob controle, não vou mais me esquecer. Tenho que ir agora, desculpe-me! Te amo, coroa! – falei bem depressa e desliguei de uma vez, sem dar oportunidade para que continuasse com o drama mexicano.

Adeus cerveja. Precisava ir ao shopping dar uma de dono de casa e comprar alguma coisa cara e útil para o lar, tudo ao mesmo tempo. Revirei uma gaveta e, no fundo, bem no fundo mesmo, encontrei o maldito convite. Já estava todo amassado, o coitado. Para a minha sorte, havia um papel com todas as lojas em que a Natasha havia feito lista de presentes.

Ufa! Ainda bem que a minha mãe tinha resolvido ligar. Meu esquecimento geraria uma confusão dos infernos!

Aquela foi por muito pouco!

## 6º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

O sol mal havia nascido direito e eu já estava na CMD. Pedi ajuda a dois funcionários para deixar a sala da diretoria equipada com os artigos dos quais eu precisaria para o projeto. Aquela sala tinha sido criada para reuniões com gente que só sabe falar, não para trabalho intensivo. Talvez fosse um lugar perfeito para o Henrique, mas não para mim.

Um arquiteto de verdade é bagunceiro e precisa de tantos instrumentos que, aos olhos de um leigo, são engenhocas de difícil compreensão. A ala de estratégia era o meu lar, sentia-me bem dentre as mentes mais brilhantes da empresa. Ali nasciam os projetos, as melhores ideias, as soluções. Desde o projeto de um simples quarto até um prédio de luxo eram pensados e repensados naquele ambiente perfeitamente equipado e, graças a mim, organizado. Sentiria falta de tudo aquilo, mas é para frente que se anda.

Preferia uma sala exclusiva para criar, afinal, preciso de paz, concentração e solidão. Tentei explicar isso ao Agenor quando o vi pelos corredores, entretanto ele se manteve irredutível. Disse-me que, além daquela, só estava disponível a saleta pequena onde havia me colocado antes de eu exigir a maior. Fiquei puta de ódio. Devo ter descido e subido pelo elevador umas trezentas vezes, ajudando os funcionários a carregar caixas, acessórios e toda a parafernália.

A minha sala ficou praticamente vazia. De última hora, decidi que seria mais inteligente realizar a mudança logo de uma vez. Eu não voltaria a trabalhar apenas na estratégia mesmo! Poderia muito

bem ficar na sala da direção o dia inteiro, pois não importava muito onde eu faria o trabalho desde que ele fosse feito.

Passei o resto da manhã organizando as coisas – ainda bem que aquela sala era ampla o bastante, espaço não seria problema de modo algum. Solicitei a uma das zeladoras para que fizesse uma limpeza mais específica, principalmente no banheiro. Odiava ter que dividi-lo – a minha sala na estratégia tinha um só para mim –, mas fazer o quê?

Arranjei também as chaves para ter a liberdade de trancar a porta no fim do expediente. Não queria ninguém desconhecido circulando e mexendo nas minhas coisas. Infelizmente o Henrique Farias teria uma cópia – a qual tratei logo de mandar a Helena fazer, pois a encontrei no elevador em uma das viagens que fiz –, e esperava, de verdade, que ele não fosse sacana a ponto de prejudicar o meu trabalho. Por mais que quisesse sua derrota, jamais faria isso com ele. Posso ser rígida, mas não sou uma bandida. Desfazer o trabalho alheio é absurdo demais até para mim.

Ele precisava perder pela própria incapacidade, só assim eu teria uma vitória justa. De que adianta ganhar se não for pelo seu próprio esforço? Odiaria a mim mesma para sempre se descobrisse que outros fatores, que não a pura competência, foram definitivos para a presidência realizar a escolha.

Montei uma mesa dobrável no canto, perto das janelas. Gostava de arquitetar olhando para o horizonte, e sei que ele me ajudava a clarear as ideias. Sempre surgiam inspirações inovadoras e soluções fantásticas. Às vezes dava crédito apenas à paisagem da cidade grande diante de mim, não ao meu cérebro. Ela parecia sussurrar coisas no meu ouvido quando eu mais precisava.

Depois de uma pausa curta para o almoço – estava tão empolgada que voltei a trabalhar em menos de meia hora depois –, finalmente me sentei com o projeto em mãos. Sorri, satisfeita. Adoro desafios, eles são os únicos motivos que possuo para sorrir. Peguei o caderno com as anotações que havia realizado durante a reunião

do dia anterior. Procurei pela base da construção e a encontrei depressa; tinha reorganizado todos os papéis, deixando-os na ordem correta.

Analisei os materiais e, instantaneamente, deixei o meu sorriso morrer. Peguei uma lapiseira, um esquadro, três réguas, um compasso especial e a calculadora, chegando à conclusão óbvia. Tão óbvia que nem sei por que não tinha visto antes: a base da construção estava completamente equivocada.

Iniciei uma sucessão de cálculos e, quanto mais calculava, mais percebia que aquilo não passava de um projeto arquitetado por alguém que não fazia ideia do que era uma construção decente.

Tentei fazer algumas correções na planta. Depois de mais de uma hora a minha cabeça estava quente e a base ainda continha erros. Peguei uma borracha, morrendo de ódio. Apaguei tudo. Aquela merda ia ser reprojeta desde o início, ou não me chamava Laura Diniz.

Ouvi batidas na porta.

– Entra! – gritei mais alto do que pretendia.

Breno entrou mansamente, empunhando uma cartolina e com a velha lapiseira equilibrada em cima da orelha. Parecia apreensivo.

– Boa tarde, Doutora Laura. Queria muito falar com a senhora...

Levantei-me.

– Esta merda precisa ser reprojeta do início! – rosnei, apontando para a papelada como se ela fosse um punhado de lixo fétido.

Breno sorriu de leve.

– Era exatamente isso o que eu ia dizer, Doutora. A base está errada, precisa ser refeita. O restante também está... Do começo ao

fim, nada faz sentido. Eles confeccionaram apenas a ideia, mais nada.

– Puta que pariu! – levei as mãos à minha cabeça e apertei. Não costumava falar palavrão na frente dos meus funcionários, mas escapuliu. – Fodeu!

Breno se aproximou e abriu a cartolina na mesa maior. Aproximei-me, rezando para que tivesse alguma solução.

– Fiz um rascunho da base, mas acho melhor a senhora dar uma olhada – seus dedos acompanharam os traçados. – Vai dar tempo se correremos... Tem que dar.

– Tem que dar – repeti. – Breno, reúna todo o pessoal da estratégia na sala de reuniões. Você tem meia hora. Temos que fazer um levantamento de todos os projetos e dividir o trabalho. Quero você totalmente livre para me ajudar, entendeu bem?

– Sim, Senhora.

– Eu fico com isso aqui – peguei a cartolina. – Não demore. Assim que estiver com todos reunidos, ligue para o ramal desta sala. Número 2011.

– Certo. 2011.

Breno já se afastava apressadamente na direção da porta. Alguém a abriu antes que alcançasse a maçaneta. Henrique Farias entrou lindamente, desejando boa tarde com aquele sorriso cínico estampado na face. Seu perfume incensou a sala, e também os meus instintos. Merda. Não dava para me concentrar com aquele homem por perto.

– Boa tarde, Senhor Henrique – Breno o saudou e saiu, porém não sem antes se virar na minha direção e gesticular um "ok".

Sequer lhe desejei boa tarde. A tarde não estava nada boa. Ainda morrendo de raiva, peguei a cartolina e comecei a analisar a

base confeccionada pelo Breno. Sentei-me na cadeira mais confortável que havia diante da mesa maior.

Henrique me ignorou. Sentou-se diante da própria mesa, a individual, e ligou o computador. Só então me lembrei de que ele ainda não sabia que todos os seus cálculos seriam inúteis: o projeto teria de ser recalculado desde o princípio.

– Largue todos os seus papéis, o projeto será refeito.

Ergueu os olhos azuis na minha direção. Franziu a testa. Minha calcinha tremeu. Meu corpo esquentou. Levou dois segundos para os meus batimentos cardíacos entenderem que foi aquele homem quem me deixou na mão na noite anterior, obrigando-me a usar o meu vibrador por duas noites seguidas. O ardor de desejo se transformou em ardor de ódio.

– O quê?

– Acho que devíamos brigar por um cargo na presidência, isso sim. São uns inúteis! – levantei-me e fui me aproximando da mesa dele. – O projeto está todo errado, do começo ao fim. Terá de ser refeito, e seus cálculos também.

– Mentira, né? Não brinca, Laura.

Fiquei irritada por ser chamada apenas de Laura. Era difícil me acostumar com aquilo, embora estivesse conseguindo ignorar muito bem. Não ia adiantar discutir com o Henrique, até porque jamais o chamaria de senhor. Fala sério. Senhor de quê? De quem? Meu que não é!

– Tenho cara de quem está brincando? – fiz uma expressão severa. – Estou puta. Tenho uma reunião daqui a meia hora com o pessoal da estratégia. Irei redefinir as funções, preciso me dedicar ao projeto integralmente.

– Isso explica tanto equipamento? – Henrique apontou para o material.

– Me mudei pra cá de vez hoje de manhã.

– Boa ideia. Acho que vou fazer o mesmo, até posso usar terno nesta sala – sorriu, galante. – A minha sala na contabilidade é deprimente.

Prendi os lábios. Não ia dar certo.

– Nem pensar – cortei o mal pela raiz.

– Por que não?

– Porque não, Henrique Farias. Preciso de concentração!

Continuou rindo.

– Eu tiro a sua concentração, Laura Diniz? – perguntou maliciosamente.

Bati as minhas mãos com tanta força contra a sua mesa que fez um barulho ensurdecedor. Inclinei-me e o encarei de perto. Muito perto. Henrique nem se mexeu, permaneceu sentado, encarando-me com a sua expressão dominadora. Pelo menos achei que fosse aquela a que usava para submeter.

– Você não me intimida – murmurou, deixando nossos rostos tão próximos um do outro que pude sentir o frescor do seu hálito.

Naquele exato momento, abriram a porta. Afastei-me tão rápido que acabei deixando a impressão de que fazíamos alguma coisa errada. Tive até medo de conferir quem havia nos flagrado. Respirei aliviada quando percebi que havia sido apenas a Helena, a secretária loira, gostosa e burra do Henrique.

Fiquei ainda mais furiosa.

– Boa tarde... – a mulher murmurou com vergonha. Sua voz era doce. Tão doce que me causava enjoo. Os olhos sempre abaixados, principalmente quando o Henrique estava por perto, fez com que me perguntasse que tipo de relação eles tinham. Parecia ir além do mero profissionalismo.



Mas eu não tinha nada a ver com aquilo.

– Boa tarde uma porra, Helena. Bata na porta antes de entrar – pela segunda vez, falei palavrão com um subordinado. Precisava voltar a ter o controle. Aquele projeto não podia acabar comigo.

– Descul...

Henrique fez menção de que ia interferir, mas eu ergui a minha mão, indicando para que nem começasse.

– Conseguiu o que pedi? – fui logo perguntando, referindo-me às chaves.

– Sim... Sim, Senhora. Aqui estão – entregou-me duas chaves, que estavam conectadas a um chaveiro feito de algum material resistente. O primeiro tinha a inicial “L”, já o outro, um “H”.

Que merda era aquela? Fiz uma cara bem feia.

– Tomei a liberdade de comprar esses chaveiros. Estava tão baratinho...

– Obrigada... – falei a contragosto, entregando a chave com o “H” para o Henrique. – Mas, da próxima vez, lembre-se de não tomar a liberdade.

Helena deixou os olhos vidrados em mim por apenas alguns segundos, depois abaixou a cabeça e esperou. Energúmena. Se todas as mulheres soubessem o tamanho poder que existe dentro de si, jamais abaixariam a cabeça diante de quem quer que fosse. Pode me julgar por conhecer o poder que possuo, no fim, quem vai realizar cada conquista sou eu. Sou eu quem vai ditar as ordens, liderar, chefiar... Sou eu quem vai ser lembrada, considerada e respeitada pela inteligência, e não por ser a esposa de alguém importante ou a mais gostosa do pedaço. Não faço questão de ser agradável, mas faço questão de ser corajosa, de ir além, de fazer a diferença. Ninguém pode reclamar de possuir uma vida inútil se só fizer coisas inúteis.

– Pre... Precisa de alguma coisa, Senhor Henrique? – ela perguntou, ignorando-me. Estava quase chorando, deu para notar.

Acho que ele teve pena.

– Não, Helena, muito obrigado. As chaves ficaram ótimas. – Percebi que ela sorriu um pouco. – Tem umas notas fiscais lá na sua mesa... Vou ficar por aqui.

– Certo... Qualquer coisa estarei à disposição. – E foi embora com o rabo entre as pernas, nitidamente confusa e abalada.

Henrique Farias me encarou severamente depois que voltamos a ficar sozinhos. Dei de ombros. Não me arrependo e ponto final.

– Precisava desse showzinho?

– Que showzinho? Poupe-me, Henrique.

Ele se levantou da cadeira e deu a volta na mesa, parando bem na minha frente.

– Não a trate desta forma. Ela não é a sua empregada, é a minha secretária e exijo que a respeite.

– Sua secretária? – bufei. – A mulher é burra como uma porta e não passa de uma fingida. Abre os olhos, Henrique Farias. Pense com a cabeça de cima! – encostei o meu dedo indicador na lateral da minha testa. – Uma secretária tem outras funções além de servir para uma trepada de vez enquanto!

Ele pareceu muito mais chateado do que planejei. Pensei até que riria daquele seu jeito bobo, porém continuou seríssimo. Será que ele tinha um caso de amor com a Helena?

Mas ele havia me dito que não se apaixonava!

– Você não a conhece, Laura. Helena me ajuda há um tempão, nunca me decepcionou. Já você me decepciona a cada segundo. Se for para escolher alguém para confiar, não tenha dúvidas de que não será você.

– Nem tudo é o que parece ser, Henrique.

– O que quer dizer com isso?

– Esta mulher... Pode ser a gostosona, mas não me engana. Não a quero sozinha nesta sala. Aliás, não quero ninguém sozinho nesta sala além de mim ou de você. Este é o motivo da chave – balancei-a na sua frente. – Só nós dois a possuímos.

Henrique olhou para a chave e depois para mim. Voltou a encarar a chave. O movimento dos seus olhos fazia as minhas mãos tremerem um pouco, e nem sabia dizer por quê.

– O que a faz pensar que a Helena não é de confiança? – perguntou confuso, finalmente parando seus olhos sobre mim. Guardei a chave no meu bolso.

– Sorridente demais. Sonesa demais. Conheço esse tipo, são as piores. Faz muito mal em comê-la, se eu fosse você conseguia uma foda melhor aqui na CMD.

Agora sim o Henrique sorriu, deixando claro que eu estava certa: eles se pegavam às vezes. Seus dentes eram legais vistos de pertinho. A boca ficava bem interessante naquele formato.

– Tipo quem? Você? – aproximou-se mais um pouco. Ele era grande. Enorme. E lindo, admito. Não consegui responder nada a tempo. – Ótimo... Aproveito e verifico se a chave funciona.

Deu as costas e caminhou até a porta. Girou a chave na maçaneta, e um barulhinho característico se fez presente. Estávamos presos.

– Olha só... Funciona – praticamente rosnou, virando-se para me encarar.

Meu coração já batia tão depressa que nem sei como ainda não tinha saído pela minha boca. Senti um desejo absurdo, porém ele veio acompanhado por algo que não sentia há muito tempo: medo. Admito que o olhar rígido do Henrique me deixou espantada.

Enquanto ele caminhava de volta para mim, tentava compreender o quê exatamente estava me causando temor. Eu não tinha medo dele. Ou tinha? Ou era o fato de estar trancada que me incomodava? Ou era a possibilidade de ele usar da força para me submeter? Não...

Será que ele era capaz de me estuprar?

Fiz uma careta.

– Tenho uma reunião daqui a pouco, Henrique Farias. Deixe de gracinha.

– Tenho cara de quem está brincando? – devolveu-me a pergunta.

Henrique chegou tão perto que precisei dar alguns passos para trás. Ele me acompanhou, aproximando-se mais e mais. Meu traseiro estacou quando se chocou contra a minha mesa individual. Droga!

Não podia sentir medo.

Ele se inclinou e apoiou as mãos na mesa atrás de mim, deixando nossos rostos tão pertos que fiquei zarolha.

– Como está a Laurinha? – perguntou de um jeito sacana. Muito, muito sacana mesmo.

Abri a boca para poder respirar melhor. Só o nariz não estava dando conta.

– Não te interessa – disse fracamente. Minha voz saiu patética. Forcei a garganta e repeti, criando forças não sei da onde: – Não te interessa.

– Interessa muito. Quero vê-la. Quero tocá-la, chupá-la... Quero que seja minha.

O movimento da sua boca me deixava tonta. Queria empurrá-lo, mas temi que segurasse as minhas mãos durante o processo.

Além de que admitiria que a sua aproximação me incomodava. Não era uma boa ideia.

– Nada meu jamais será seu – defini.

– Sua boceta, sim. Ops... A Laurinha, sim.

Henrique fez seu corpo encostar ao meu. Senti a sua ereção contra a minha barriga, e pensei de verdade que fosse morrer do coração. O cara era mesmo grande. Todo avantajado.

O movimento fez o meu cérebro perceber que, querendo ou não, estava sendo mantida. Fiquei meio sem saídas daquele jeito. Fechei os olhos devagar e encostei, de leve, as minhas mãos no peito dele. Meu objetivo era que pensasse que eu estava cedendo.

– Você a quer? – murmurei a pergunta. Senti a ponta dos lábios dele se encostando aos meus.

Eu já estava estupidamente molhada. Pronta para receber aquele pau enorme.

– É o que mais quero...

Sei que ele ia me beijar, porém, no último instante, juntei toda a força que foi possível e o empurrei na direção do sofá marrom, que dividia as nossas mesas. Henrique meio que caiu para trás, sentando-se com um baque. Imediatamente, subi em cima dele, deixando minhas pernas ao seu redor. Agradei ao mundo por estar usando calça de alfaiataria. Se estivesse de saia, ficaria me sentindo exposta e vulnerável.

Prendi as minhas pernas, utilizando-me de muita força. Henrique segurou a minha cintura com a mesma dose de agressividade. Mãos enormes e quentes me fizeram pirar.

Puxei os seus cabelos para o lado. Quando digo que puxei estou querendo aliviar, a verdade é que estava tentando lhe arrancar a cabeça. Ele urrou e, com um movimento louco, jogou-me

no sofá com tudo. Depositou seu corpo contra o meu, e então me vi novamente em desvantagem.

Soltei os seus cabelos e procurei os seus pulsos. Cravei a minha unha neles.

– Quero te foder agora, Laura. Chega de frescura. Chega de jogo.

Arfei sem querer. Estava sem fôlego com todo aquele peso em cima de mim. O cara me cobria por inteira. Eu não passava de uma sementinha perto dele.

Coloquei ainda mais força nas minhas unhas, mas ele parecia ignorar a dor. Desisti e voltei a lhe puxar os cabelos. Deixei a sua cabeça toda para trás. Henrique fechou os olhos e soltou um gemido louco, capaz de me fazer querer dar sem pensar duas vezes.

– Sob minhas condições! – rosnei com severidade.

– Nem pensar. Sem chance – disse entre murmúrios.

– Então, saia de cima de mim!

– Vai ser sob as minhas... – concluiu, forçando a cabeça para frente a fim de me encarar. Fiz uma careta de puro horror. Ele não podia... Não podia jogar tão baixo.

– Eu sou TOP, Henrique... Não... – deixei clara a minha incapacidade de ser dominada. Usa-se o termo TOP para definir as pessoas designadas para assumir o papel de dominador durante uma relação BDSM. Se o Henrique era quem dizia que era, saberia o que isso significa.

Senti lágrimas se formarem em meus olhos. Estava apavorada. Ele percebeu.

– Vamos tentar um baunilha? – propôs suavemente. Sua voz se transformou por completo, e os olhos pararam de exalar

superioridade.

Balancei a cabeça, negando. Não praticava sexo comum há... mais de dez anos. Não faria aquilo por ele. Não faria por ninguém. Nunca mais.

Nunca. Mais.

– Que droga, Laura! Eu também sou TOP!

Henrique começou a esfregar a sua ereção em mim. Estava me provocando, aticando... Deixando-me desajuizada. Devia estar prestes a alcançar o limite do desejo.

– Não... É sério, Henrique Farias. Não! – gritei, quando na verdade queria dizer sim. Que topava. Que me permitiria.

Sexo baunilha – ou seja, neutro – não faria mal. Faria?

Ele se inclinou na direção do meu pescoço. Inspirou o meu cheiro com vontade, provocando-me arrepios.

– Quero você, Laura... Quero muito...

Eu também o queria pra cacete! Ele sabia. Sabia muito bem disso.

Estava prestes a dizer alguma coisa quando o telefone do ramal tocou alto. Certamente era o Breno. Tomamos um susto tão grande que o Henrique se levantou na velocidade da luz. Desnorteada, sentei-me no sofá. Meu blazer havia ficado todo amarrotado, e havia fios de cabelo saindo do coque.

Levantei-me. Precisava estar pronta para encarar uma reunião, mas eu só conseguia estar pronta para uma transa com o Henrique.

Droga!

\*\*\*

*Senhor Henrique Farias*

Demorei muito a me recuperar daquele momento explosivo com a Laura. Aquela mulher ainda vai me matar, ou, no mínimo, me deixar louco. Já podia sentir a insanidade tomando conta dos meus pensamentos, era só uma questão de tempo até que tomasse conta das minhas atitudes também. Aquela era apenas o começo.

Que outras loucuras eu serei capaz de cometer, estando trancado com a Laura na mesma sala? As possibilidades eram infinitas.

Depois de bons vinte minutos apenas observando a cidade através das janelas e tentando fazer a minha excitação ir embora, resolvi voltar ao trabalho. De nada adiantava retomar o projeto, portanto ficaria livre para resolver uma bronca com as notas fiscais dos materiais de uma determinada obra.

Pouca coisa fazia sentido naquelas notas, e perdia mais ainda a cada vez que eu parava para pensar na Laura. Admito que isso aconteceu mais vezes do que quis. Seu cheiro ainda circulava dentro de mim, na verdade a sala inteira exalava o perfume dela. Devo ser mesmo muito estranho, mas aquele lugar ficou vazio sem sua presença. Sentia-me sufocado quando ela estava por perto – Laura Diniz faz questão de ocupar mais espaço do que uma multidão –, todavia a sua ausência havia deixado uma espécie de saudade difícil de ser compreendida.

Fiquei perturbado com as minhas conclusões. Sentir falta de uma pessoa antipática, chata, estressante e rude não podia ser boa coisa. Sempre gostei de pessoas agradáveis, sou adepto a boas conversas e momentos descontraídos. Laura Diniz era exatamente o oposto disso; sua personalidade acabava com qualquer clima legal, estragava todos os prazeres possíveis e ainda me deixava irritado constantemente.

Então por que queria tanto que ela estivesse ali? Deus me livre.



Disposto a eliminar pelo menos o cheiro dela de dentro da sala, desliguei o ar-condicionado, caminhei até as janelas e as abri uma a uma. O clima de fim de tarde estava bom, porém levei um susto quando um vento forte entrou e fez centenas de papéis ricochetearem. Fechei as janelas de imediato, praguejando internamente. O resultado foi catastrófico: a sala se transformou numa verdadeira bagunça.

Laura Diniz me mataria. Com certeza. Arrancaria o meu couro e o comeria no jantar, e ainda beberia o meu sangue. Principalmente porque a maioria dos papéis que foram bagunçados eram os seus, visto que a sua mesa ficava mais perto das janelas do que a minha.

Fiz besteira.

Recolhi a papelada do chão, tentando descobrir onde cada uma estava antes do vendaval. Foi difícil, a louca certamente descobriria, e pior, pensaria que eu estive mexendo nas suas coisas. Claro que eu não tinha medo da maldita, porém era um saco ter de suportá-la com péssimo humor. Preferia bem relaxadinha, de preferência embaixo de mim e deitada no sofá.

Fiquei igual a uma barata tonta, pegando os papéis e separando, tentando buscar alguma lógica na organização deles. Contudo a verdade era que eu não sabia onde nada ficava. Desisti da minha ideia de negar até a morte que havia mexido em alguma coisa; assim que chegasse, diria logo o que havia acontecido e arrancaria todo o mal pela raiz. Querendo ou não, Laura estava confiando em mim deixando todo o seu material naquela sala. O fato de ter me dado uma cópia da chave deixava isso bem nítido.

Estava quase terminando quando um papel me chamou a atenção. Havia um post-it grudado logo de cara, escrito “por quê?” em letras maiúsculas e vermelhas. Por trás dele havia uma folha de papel ofício comum, parecia a Xerox de um contracheque. E era mesmo. O que me deixou surpreso foi o fato daquele contracheque pertencer a mim. O que Laura Diniz estava fazendo com ele?

Fiz uma careta e me sentei na cadeira dela. Logo percebi um círculo vermelho enaltecendo o valor do meu salário. Havia ainda mais interrogações feitas de caneta por ali.

– Que estranho... – falei sozinho.

Percebi que tinha um segundo papel logo atrás. Tratava-se de outro contracheque, mas agora pertencente à Laura. Foi bem rápido: finalmente percebi qual era a sua dúvida com relação àquilo. Laura Diniz recebia trezentos e quinze reais e quarenta e sete centavos a menos do que eu.

Imediatamente, tive a mesma dúvida: por quê? Não fazia mesmo sentido.

Nossos cargos eram considerados iguais. Devíamos ganhar a mesma coisa, no mínimo. Se a Laura ganhasse mais do que eu, tenho certeza de que ficaria calado. Tenho muito trabalho – às vezes acho que vou enlouquecer com tantos números diante de mim –, porém compreendo que ela é uma peça-chave no desenvolvimento da empresa, afinal, ali era uma construtora e a Laura era a rainha dos projetos.

Porém, eu ganhava mais do que ela. Como podia ser possível? Será que ninguém havia percebido o quanto era injusto? Cadê o pessoal do departamento de Recursos Humanos para corrigir aquela loucura?

A coitada devia estar possessa com aquilo. Pelo pouco que a conheço, deve estar indignada. E com razão, venhamos e convenhamos.

Levantei-me com os contracheques em mãos. Tinha uma impressora, que também era scanner, na nossa sala. Resolvi tirar uma cópia daqueles documentos para mim; podia precisar deles depois. Não havia dúvidas de que a Laura estava correndo atrás de resolver a situação, portanto não me meteria naquilo. Só assistiria ao rumo dos acontecimentos. Sei que ninguém vai diminuir o meu salário mesmo...

Laura Diniz chegou quase duas horas depois. O relógio indicava seis e quinze da noite, e era quase certo de que pegaríamos horário extra, só para variar. Breno, o seu capacho nerd, veio junto, e ambos ficaram discutindo sobre o projeto com ar de que sabiam exatamente o que fazer. Fiquei os observando por algum tempo, mas precisei me concentrar no trabalho. Não ia adiantar me meter naquele início, a minha parte só viria após a conclusão da planta.

– Henrique, falou com o pessoal do desenvolvimento? – Laura chamou a minha atenção. Sua expressão estava no modo profissional, totalmente impassível.

– Sim, falei ontem com o coordenador, Sr. Lopes. Eles estão às ordens, disse até que ia mandar alguém especializado para trabalhar com exclusividade. Só estão esperando a planta.

– Vai demorar ainda, mas estamos pensando em utilizar o programa de uma vez, desde a planta.

– Ótimo, posso falar com ele na segunda-feira logo pela manhã.

– Certo... Obrigada.

Olha só... Até educada ela tinha ficado. Que bicho a mordeu? Eu nem a tinha mordido! Não que tivesse faltado vontade...

Helena apareceu na sala antes de ir embora. Ainda estava visivelmente desconcertada, e evitou a Laura o máximo que conseguiu. Liberei-a de uma vez, pois tudo o que tinha de ser feito poderia esperar até a segunda.

Breno estava com pressa para deixar o expediente. Laura percebeu e acabou o liberando também. Voltamos a ficar sozinhos, e a adrenalina já circulava pelo meu corpo mesmo diante do silêncio esquisito que se formou entre nós. Fiquei na minha.

Havia voltado a me concentrar nos cálculos de novo quando o Agenor entrou na sala sem bater, carregando consigo um monte de

pastas.

– Aqui estão – falou apressadamente, colocando-as em cima da mesa maior. – Na vermelha, tem o assunto do treinamento que vocês darão na segunda-feira com os coordenadores – sacudiu a pasta vermelha e depois pegou a azul. – Na azul, têm algumas pendências mais trabalhosas, coisas que ninguém conseguiu resolver e será o dever de vocês solucioná-las. Nas outras há apenas informações sobre a função da diretoria. Sr. Bittencourt irá fazer uma avaliação com vocês sobre essas informações na semana que vem. Ah... – tirou um envelope do bolso. – Um par de convites para uma festa daqui há três semanas. Tem todo ano, é como se fosse a confraternização das maiores construtoras do estado. Claro que a CMD tem de ser representada, e neste ano vocês serão os nossos representantes. Ordens do Sr. Delacox.

A minha cara já estava tão franzida que chegava a doer. Olhei para a Laura, ela parecia tão pasma quanto eu. Conferi a hora no relógio que ela havia pendurado na parede: eram quase oito horas da noite de uma sexta-feira. O que aquele filho de uma égua estava querendo mesmo?

– Alguma dúvida? – Agenor perguntou cinicamente, sorrindo de leve.

Eu detestava aquele cara. Incompetente, burro, chato e sem-noção. E feio. Nunca vi ser mais asqueroso.

Fui incapaz de responder alguma coisa. Laura também.

– Ótimo. Não tem mais ninguém no andar e eu preciso ir agora... Por favor, desliguem as luzes que estiverem acesas – falou e saiu rápido, como se quisesse evitar a nossa onda de ódio.

Assim que o maldito fechou a porta, Laura se levantou da cadeira e correu até ela, como se quisesse alcançá-lo. Parou com a mão na maçaneta. Podia até ver fumaça saindo da cabeça dela.

Levantei-me também.

– Eu vou matá-lo! – gritou, rangendo os dentes. – Eu mato esse filho da puta!

– Aí você vai presa e eu fico com o cargo na direção – respondi simplesmente, curvando-me para dar uma olhada nas pastas que ele havia deixado.

Laura rosnou alto.

– Vou matá-lo e incriminar você!

Encarei-a. Ela estava falando sério?

Devo ter feito uma cara tão estranha que Laura Diniz acabou relaxando um pouco. Soltou a maçaneta e suspirou profundamente.

– Estou brincando, Henrique Farias. Às vezes você me olha como se eu fosse uma psicopata.

Não evitei um riso.

– Às vezes você me olha como se você fosse uma psicopata!

Ela se aproximou, pegando a pasta vermelha.

– Não dá... – balançou a cabeça. – Não vai dar, Henrique. Desse jeito vai ser impossível terminar o projeto. Como vou me organizar para este treinamento na segunda-feira se fiquei de criar a base no fim de semana?

– Não se preocupe. Posso dar o treinamento sem problema algum.

Laura me olhou como se eu fosse muito estúpido.

– Ficou louco? Vão pensar que não tenho cacife para tal, e então você ficará na vantagem!

– Mas você está fazendo o projeto e eu só vou pegá-lo depois. Não é justo! Deixo isso claro para o Agenor...

– Ele é um idiota, Henrique. Não dá. Entenda, preciso fazer tudo o que ele solicitar. Dar o melhor de mim.

– Você está dando o melhor de si, Laura – falei sinceramente.

– Não é o bastante – concluiu. Prendeu os lábios de um jeito lindo e depois os soltou. O movimento me deixou hipnotizado.

Ela abriu a pasta vermelha. Havia uma apostila de umas quinhentas páginas dentro dela. Puts...

Nossas reações foram iguais; soltamos um suspiro de cansaço.

– Amanhã estarei aqui – ela definiu, mas seu timbre não mostrou firmeza no que dizia.

– Mas amanhã é sábado!

– E daí? Aqui tenho mais tranquilidade para trabalhar.

Não era justo. Não mesmo.

– Olha... Laura... – aproximei-me dela e lhe tomei a pasta das mãos. Depositei-a sobre a mesa. – Vamos fazer isso juntos. Certo?

Laura balançou a cabeça em negativa.

– Me escute... – continuei calmamente. – Deixa a base para depois, ligue para o Breno e peça para te ajudar. Amanhã a gente se encontra e organiza o treinamento, não deve ser tão difícil assim. Esses treinamentos são inúteis, você sabe que são. Já fomos a vários.

– Não faço nada mal feito, Henrique Farias. Se for para fazer, quero que seja o melhor de todos.

– Está certíssima. Também sou assim, só quis dizer que não devemos nos estressar em demasia. Está bem?

Laura cerrou os olhos com força. Levou a mão à cabeça como se sentisse dor.

– Você está bem? – tomei a liberdade de chegar ainda mais perto, só que ela se afastou um pouco.

– Sim... Certo. Então... Amanhã nós estaremos aqui?

– Que tal na minha casa? Ou na sua? Ficamos mais a vontade.

Juro que não tive segundas intenções com aquela proposta, mas a Laura entendeu errado. Encarou-me com severidade, irritadíssima e decepcionada.

– Você está me deixando doente, Henrique... – murmurou e se sentou, apoiando a cabeça nas duas mãos. Nunca a vi daquele jeito tão vulnerável. Acho que o cansaço finalmente havia lhe atingido.

– Olha para mim, Laura... – ela se ergueu e apoiou as costas no encosto da cadeira. Ofereceu-me seus olhos amarelos. – Falo sério. Vamos fazer isso juntos, sem estresse. Não quero te prejudicar. Quero ser justo, e que vença o melhor.

– É assim que eu penso.

Sorri.

– Fico feliz – respondi e ofereci uma mão a ela. Laura a segurou e encenamos um cumprimento que significou muito para nós.

– Vamos dar conta – murmurou. Seu semblante já havia voltado a ficar decidido, firme e profissional. Do jeito que devia ser. Do jeito que eu gostava.

– Sim. Vamos dar conta.

Alguma coisa muito esquisita aconteceu dentro de mim quando ela finalmente, depois de só ter me oferecido irritação e palavras rudes, sorriu de leve. Bem de levinho, mas, ainda assim, havia sido um sorriso.

Uma raridade diante de mim.





## 7º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Lindo, charmoso e inteligente. Três adjetivos que fazem qualquer uma perder a noção; embora eu não seja considerada uma mulher que se impressiona facilmente, Henrique Farias era capaz de me impressionar a cada minuto. Sim, ele me chateava. Deixava-me irritada, possessa, decepcionada e louca da vida. Mas também me excitava, trazia-me pensamentos imprudentes e abalava todas as minhas estruturas.

Pensei que jamais encontraria alguém como ele na CMD, um cara correto, justo, que pensa em se dar bem por ser ganancioso – e até mesmo orgulhoso –, mas que tem a consciência de que a competência é o fator mais importante. Por mais besteiras que tenhamos dito um ao outro, e por mais vontade que tínhamos de vencer aquele embate, não chegaríamos ao ponto extremo de prejudicar o trabalho alheio.

Saber disso me trouxe uma tranquilidade que não experimentava desde que o Agenor me informou sobre o cargo vago na direção. Vi no Henrique, pela primeira vez, um profissional digno e qualificado. Um homem paciente que não se desespera – confesso que me desesperei, porém quem não se desesperaria diante da situação? –, mantém-se firme diante das adversidades.

Por um momento cheguei a imaginar que faríamos uma ótima dupla de diretores, mas a vontade que tinha de estar acima dele acabou espantando a ideia. Não iria acontecer mesmo. E, se acontecesse, talvez brigássemos bem mais do que trabalhássemos. E certamente transaríamos por aí como animais selvagens. Não daria certo.

Precisei fechar as pernas com força – deixando minhas coxas as mais unidas possíveis –, pois o desejo que senti só de pensar em me atracar ao Henrique fez a minha calcinha balançar. Não podia deixar o controle ir embora. Quase havia cedido ao seu primeiro ataque mais preciso, e não era um bom sinal.

– Estou cansada, vou embora... – recolhi as pastas do Aгенor. Henrique também precisaria delas, e a única saída ou era tirar Xerox de tudo ou trabalharmos juntos. Ele havia deixado claro que preferia a segunda opção. – Posso levá-las?

– Sim... Onde nos encontraremos? – fez aquela cara de testa franzida.

Mais uma vez, reparei em seu queixo másculo. Era interessante analisar o risco que ele tinha bem ali, separando-se em duas proeminências. Não dava para ver direito como eu queria, pois sua barba estava por fazer, mas mesmo assim era impossível não notá-lo. Lamberia aquele risco facinho. Morderia também.

– Prefiro que seja na minha casa – falei. Não ia adianta me esquivar, e não queria ficar sozinha no território inimigo. – Bem cedo, temos muito a fazer. Nove horas da manhã está bom.

– Combinado – sorriu sugestivamente.

Deixei as minhas coisas relativamente arrumadas e parti, deixando Henrique Farias para trás. Apesar do cansaço, queria muito treinar. Meu corpo precisava de movimento, era uma terapia perfeita para mim. Estava estressada e desesperada pela falta de treino, sem dúvidas.

Cheguei ao primeiro andar – a movimentação era grande, mas me escondi em um dos nichos do vestiário feminino e saí de lá com a mesma roupa que entrei, só que, por baixo dela, usava o meu maiô preto tradicional.

Segui rumo ao ginásio. Como sempre, estava vazio. Apenas a Kátia, uma das instrutoras, estava se alongando no estrado. Fechei

a porta atrás de mim e a tranquei, como sempre fazia. Só então comecei a tirar a minha roupa, ficando apenas de maiô. Odiaria visitas inoportunas, e àquela hora todas as aulas regulares haviam findado. Ninguém mais usaria o ginásio, apenas a academia.

– Oi, Laura! Pensei que não viria mais esta semana! – gritou, fazendo um rolamento aberto perfeito. Quase a aplaudi. Era fã da Kátia. Apesar de ter quase quarenta anos, ainda tinha um gás de menina e participava de competições a nível nacional. Era baixinha e tinha o corpo definido pelos longos anos de treino.

A ginástica artística estava no meu sangue. Nunca cheguei a participar de campeonatos, embora a Kátia insistisse para que eu participasse. Não faz o meu estilo sair me expondo. Estou velha. Deixei o tempo passar sem que levasse os treinos a sério, pois precisei estudar e ir cuidar da Jane. O que podia ter virado profissão se transformou em mero hobby, mas sinceramente não me importo. Sinto-me bem treinando apenas para mim, sem estresse, sem compromisso, sem autocrítica. Meus movimentos são ensaiados apenas pelo desejo de fazer melhor.

Comecei a praticar depois que um ginásio, por incentivo do governo, foi aberto na comunidade onde nasci. Fiquei bastante interessada depois que vi um professor fazendo uma apresentação no solo. Fiz a minha matrícula no dia seguinte, que era totalmente gratuita, e decidi que queria ser uma ginasta. Um sonho bem tolo, obviamente. Mais tarde, aquele mesmo professor me ensinava todas as movimentações básicas. Sempre fui magra, embora não o bastante, mas meu corpo se adaptou bem aos movimentos. Fui me tornando flexível e, com muito esforço, consegui efetuar saltos difíceis, como o duplo twist carpado.

Claro que eu não conseguia mais fazê-lo. Na verdade não fazia muitas coisas que eu era capaz aos meus dezesseis, dezessete anos. Gostava de misturar os movimentos da ginástica com o *Street Dance*, mais conhecido como dança de rua. Havia aprendido aquela dança exatamente onde ela sugere: nas ruas da

comunidade. Kátia adorou quando fiz a proposta – depois de tantos anos, voltar a movimentar o meu corpo da mesma maneira da minha adolescência só me fez bem –, e brincávamos de ensaiar apresentações diferentes. Nada formal. O fato da CMD ter um ginásio e uma profissional especializada só podia ser obra do destino. Foi um grande e gratificante achado.

Ela estava tentando me convencer a fazer uma apresentação à parte em um campeonato que aconteceria no fim do ano. Estava me treinando e aperfeiçoando os movimentos sem me pressionar, mas sabia muito bem que queria contar com a minha participação. Eu nego todas as vezes que fala sobre aquilo. Não me acho boa o bastante para fazer uma abertura em um evento onde os melhores nomes da ginástica estarão presentes. Nada valeria pagar aquele mico.

– Ei, dos Santos, pensou no que te falei? – Kátia se aproximou e deitou ao meu lado no estrado, logo após o treino pesado que tivemos. Eu estava esbaforida. Ela me chamava daquele jeito se referindo à Daiane dos Santos, acredito que mais porque sou negra do que porque sou boa ginasta.

– Nem pensar, Kátia – quase não consegui falar. Minha voz saiu distorcida pela falta de fôlego. Faltar aos treinos sempre me causava aquela sensação de que não praticava há anos. – Não vou me apresentar nem fodendo.

– Ah... Mas, por quê? Você é ótima! Tenho certeza de que faria bonito. É uma das minhas alunas mais brilhantes, isso se não for a mais brilhante! – sorriu, disposta a me convencer.

– Tenho trinta e dois anos e um corpo cansado. Não dou conta.

– Dá sim! Viu o que fez hoje? Estamos quase concluindo toda a sequência sem um errinho sequer! Sua aterrissagem hoje beirou a perfeição.

Sentei-me prontamente e fechei a cara. Levantei com um salto e fui saindo do estrado, procurando pela minha mochila, que havia

sido depositada em cima de uns bancos de madeira. Olhei para trás; Kátia balançava a cabeça e fazia biquinho. Conhecia o meu humor, e sei que não se chatearia se eu a deixasse falando sozinha.

Foi o que fiz.

Liguei para o Jaime bem rápido, ele já estava me esperando na garagem há muito tempo. Entrei no carro animada por ter vencido mais um dia, e também com as energias recarregadas. Tudo me pareceu mais fácil depois que praticamente me deitei no banco de trás. Fiquei observando as cores da cidade refletirem no teto do carro, luzes distintas dançavam sem seguir nenhum ritmo. Foi ótimo observá-las.

Jaime olhava para trás toda vez que parava em um sinal. Encarava-me e sorria. Eu permanecia séria, mas o encarava de volta. Era como se estivéssemos no meio de uma conversa calorosa sem que nada precisasse ser dito. Estranho, mas genial.

Assim que descemos do carro, tratei de lhe encostar à primeira pilastra da garagem e de lhe beijar a boca como não fazia há muito tempo; de um jeito nem tão suave e nem tão grosseiro. Apenas lhe beijei, entrelaçando os meus braços no seu pescoço. Puxei suas mãos e as deixei na minha cintura. O comando ainda era meu, porém senti a necessidade de ser tocada. Não era tão incomum assim, Jaime era uma das poucas criaturas que tinham permissão de me tocar, desde que solicitasse antes.

– Está animada, Doutora... O que houve, a senhora pode me dizer? – perguntou entre os meus lábios. Senti que já estava excitado.

Desci uma mão e agarrei o seu pênis por cima da calça. Jaime sorriu maliciosamente.

– Nada demais... Sabe da Jane? Podíamos entrar na piscina... – isso sim era raro. Quase nunca propunha um momento mais *light* entre a gente.

Jaime gostava quando entrávamos nus na pequena piscina perto do jardim – parecia mais uma banheira de hidromassagem grande –, e brincávamos um pouco. Saíamos de lá sempre com bons orgasmos. Era exatamente disso que eu precisava.

– Jane está em casa sim... – quase não conseguiu conter a sua decepção. – Pelo menos estava quando eu saí.

Peguei a sua gravata – Jaime usava terno constantemente, sobretudo quando ia me levar ou buscar em algum canto – e a puxei, obrigando-o a me seguir como se fosse um animal de estimação sendo puxado pela coleira. Ele gostava, e eu... nem comento.

– Vamos conferir...

Constatei que Jane estava mesmo em casa assim que abri a porta de entrada. Ela se encontrava no sofá, aos beijos com o bandidinho que teimava em ser intitulado seu namorado. Separaram-se com temor quando perceberam que não estavam mais sozinhos.

Larguei o Jaime.

– Pensei que já estivesse dormindo... – Jane explicou em tom de súplica.

Sua cara de sonsa me desagradava muito. Ela parecia bastante comigo: negra, baixinha e olhos mais claros que o tom de pele. A diferença era que costumava usar os cabelos crespos soltos. Cachos fininhos e cheios ficavam sempre para cima, logo após alguma tiara, grampo ou qualquer elemento que tentasse dar vida a ele. Era um tipo de beleza que enchia a vista de poucos, eu pessoalmente tentava ignorar a minha vida inteira.

Diante do meu silêncio, o sujeito se levantou do sofá e pegou uma jaqueta. Começou a vesti-la, e algo me dizia que ela havia sido a primeira peça da noite a ser arrancada. Será possível que eu não sei o que acontece debaixo do meu teto quando chegava do

trabalho e me trancava no meu quarto? Muito provavelmente. Estava por fora da vida da Jane há muito tempo.

– Estão com fome? – perguntei simplesmente, ignorando todo o ódio que teimava em brotar das cinzas. Fui até a cozinha antes que matasse alguém, e o Jaime acabou vindo junto.

Ninguém me respondeu, nem mesmo ele. Todo mundo deve ter estranhado o fato de eu não ter reclamado, sequer levantado a voz. Eu não queria aquele cara dentro da minha casa, e o comportamento da Jane também me irritou, porém, sinceramente, não queria mais confusão. Nem gritaria. Partindo da Jane, pior ainda. A minha paz precisava ser conservada.

Brigar com a Jane naquela semana foi a pior coisa que me aconteceu. Ela realmente me odiava, a forma como disse aquilo não me deixou dúvidas. E eu sabia que a culpa era apenas minha. Sou uma péssima mãe, uma irmã horrível e uma pessoa despreparada para cuidar de uma adolescente. Mas o que posso fazer? Melhor deixá-la comigo do que jogada por aí. Apesar de tudo, Jane é a minha família. Não posso abandoná-la.

Abri a geladeira e alguns armários; Jaime sempre deixava as compras em dia, portanto tinha muita comida. Como sempre vivi de dietas, a maioria dos alimentos não enchiam a vista da Jane, ela reclamava o tempo todo de não ter nada “decente” para comer, como costumava dizer. Havia cereais, frutas e um monte de produto integral, *light*, *diet*, de baixa caloria...

– Vamos pedir uma pizza? – perguntei baixinho, com a cara dentro da geladeira. A salada de fruta e os restos de uma sopa de aspargos me deram repulsa. Precisava de algo gorduroso, coberto de queijo e catchup.

Jaime não respondeu. Fechei a maldita geladeira e fui caminhando de volta para a sala. Ele me seguiu, mas com um pouco de dúvidas no olhar. Sei que o estava tratando como se fosse

um amigo ou sei lá... Nosso relacionamento não funcionava à base de conversas comuns.

Percebi que a Jane e o tal namorado se despediam aos sussurros. Ele esperava, diante da porta aberta, ela pegar em um vaso o molho de chaves que servia para abrir o portão. Puxei o meu celular da bolsa, estava pronta para ligar para uma pizzaria que tinha no bairro. Anotei o número aleatoriamente na minha agenda, acho que tinha previsto que um dia como aquele chegaria.

– Vocês gostam de pizza de calabresa? – não ia adiantar deixá-los de fora da pizza. Até porque não queria comê-la sozinha com o Jaime. Ele não ia entender muito bem aquilo.

Jane olhou para mim como se eu fosse doida. O namoradinho fez o mesmo, mas seu olhar estava confuso e nitidamente envergonhado. Percebi o quanto era bonito: loirinho, olhos claros, alto... Uma beleza digna do cara mais popular de uma escola para riquinhos. O tipo de rapaz que eu passaria longe.

Aprendi com a vida a ignorar a beleza de certas pessoas; na maioria das vezes, a aparência é a única coisa boa que podemos recolher delas. Rapazes como aquele garoto eram uns mimados, uns otários. Se achavam demais e, sem dúvida, estava usando a minha irmã. O que um cara como ele queria com ela, afinal? Tudo bem que Jane era bonita, mas eu conheço o mundo e sei que, por ser negra, muitos caras a ignoram. Aconteceu comigo e ainda acontece.

Só me restava uma opção: o idiota estava com ela apenas por algumas trepadas. Nada mais.

– Gosto... – ele foi o primeiro a responder, acho que por ser o único ignorante da sala.

– Ótimo, vou pedir. Qual o nível da fome de vocês? Estou com muita! Acho que vou pedir duas... – virei-me para o Jaime. Ele sorria lindamente. – Já jantou?



- Já, mas faz tempo.
- Topa uma pizza?
- Topo!
- Perfeito.

Jane não respondeu nada. Largou as chaves de volta ao vaso e puxou as mãos do rapaz, fechando a porta logo em seguida. Sentou-se com ele no sofá e ficou olhando para o nada. Mais uma vez, ignorei seu comportamento. Ainda mais depois que percebi uma marca roxa enorme no seu braço. Sabia que havia sido criada por mim. Não que ela não merecesse, mas não gostei de ser chamada de sádica, embora essa palavra me definisse muito bem.

Seria meio redundante se dissesse que estava confusa.

Fiz questão de colocar a mesa. Com a ajuda do Jaime, tudo ficou ainda mais bonito. Até alguns arranjos de flores ele colocou para decorar. Comemos todos juntos, porém silenciosamente. Quebrei o silêncio poucas vezes, uma delas para perguntar o nome do sujeitinho: Luiz Fábio. Jaime comia e me olhava com aqueles olhos apaixonados. Sua atitude me dava raiva, porém a estava controlando junto com o desejo de amordaçá-lo.

Jane me ignorou totalmente; não falou, não olhou para mim, mal se mexeu, comeu pouco e deixou a mesa rapidamente, esperando apenas que o namorado acabasse para que o deixasse ir embora. Luiz Fábio, em contrapartida, agradeceu-me bastante pelo jantar e foi dedicado ao ponto de lavar seu próprio prato e o da Jane. Quase me convenceu, mas então me lembrei daquela tapa que deu na bunda da minha irmã, fazendo-me descobrir que a minha antipatia por ele permaneceria a mesma.

Depois que o Luiz partiu, ela subiu as escadas sem falar um piu e se trancou no quarto. Pelo menos não ligou o som...

– Foi muito bom o que fez hoje, Doutora Laura... – disse o Jaime, e sua voz apreensiva deixou claro que tinha medo de falar

aquilo.

Havíamos deixado tudo limpo, e estava o levando até a porta. Jaime morava em uma espécie de casinha que eu havia arquitetado após o jardim. Não era um lugar pequeno, tinha até uma cozinha e uma saleta. O quarto era amplo, bem como o banheiro. Havia pensado naquele ambiente exatamente para manter alguém como ele. Eu bancava todas as suas necessidades, desde a faculdade de Educação Física até as aulas de Muay Thai, bem como suas roupas, sapatos e o que mais ele quisesse e precisasse. Era o meu dever como sua senhora. O seu dever era simplesmente me servir, de todas as formas possíveis.

– Jaime... – decidi ser bem clara. – Não me afaste de você. Não quero que me olhe como me olhou durante o jantar.

Sua expressão ficou muito afetada.

– Eu...

– Não se apaixone por mim. Não quero ter que me livrar de você.

Ele arfou e balançou a cabeça depressa, negando o que era muito óbvio.

– Senhora, eu não...

– Só não faça isso, Jaime – interrompi-o. – Entendido?

Nem sei dizer se tive pena dele. Acho que não. Jaime não é nenhum ignorante; aceitou todas as minhas condições. Era ciente de cada detalhe que eu esperava que partisse dele. Paixão é um limite mais do que rígido para mim.

– Sim, Senhora – murmurou de um jeito ofegante. – Não se preocupe.

– Ótimo. Boa noite.

Dei-lhe um selinho rápido e fechei a porta antes mesmo que se afastasse. Às vezes uma simples verdade dita na cara elimina toda uma série de mal-entendidos.

Depois de um bom banho, deitei na minha cama totalmente relaxada. Sentia-me bem por ter evitado uma nova confusão, um novo motivo para deixar a minha mente perturbada. Pensei que estava dormindo quando o celular tocou. Sabe aquele estado de quase dormência em que perdemos a noção da realidade? Encontrava-me deste modo.

Puxei o aparelho, que havia se perdido entre as cobertas. Eu costumava dormir com o celular sempre por perto, pois tinha dificuldades para despertar – ele precisava tocar bem na minha cara para que eu levantasse na hora certa – e também para o caso de alguma emergência. Jane vivia saindo, não queria ser a última a receber qualquer notícia ruim que fosse. Uma parte de mim sempre se prepara para receber uma má notícia, é inevitável.

– Alô? – nem eu entendi direito o meu “alô”. Ficou parecendo mais um “nhô”.

– Pronta para amanhã? – aquela voz me causou arrepios. Arregalei os olhos, acordando de vez. Odeio a minha velha mania de atender sem conferir quem está me ligando...

– Henrique Farias, você vai mesmo me ligar todas as noites?

– Sim... – riu daquele jeito divertido. Podia até imaginar o formato dos seus lábios e os dentes brancos. – Pelo menos até o dia em que você estiver aqui comigo à meia-noite.

Nenhuma frase de efeito conseguiu ser formada na minha mente. Aquele homem me tirava do sério. Aparecia do nada e mexia comigo de um jeito tão forte que me causava falta de ar.

– Hoje você conseguiu escapar, não foi? – sussurrou, malicioso. Fechei os olhos e me lembrei do seu corpo grande

prendendo o meu. Minha nossa... – Mas você não me escapa, Laura Diniz.

– Quero nem pensar como vai ser o nosso sexo, Henrique.

E não queria mesmo. Um mero pensamento já me deixava quase pirada, prova disso foi ter ficado molhada só de lembrar o momento louco que tivemos na nossa sala. Tentava evitar ficar pensando na consumação do meu doce desafio. Ela viria, eu sabia. Só esta certeza me bastava.

– Por que não? Penso nisso o tempo todo... Toda vez que te olho estou pensando na sua boca em mim. Toda vez que você fala ou se move... Penso no seu corpo derretendo sob o meu.

Sacana. Muito sacana esse Henrique Farias. Estava me atiçando àquela hora, por telefone. De novo. Minha respiração já se encontrava ofegante diante das suas revelações quentes. O pior de tudo é que não podia negar que, toda vez que o olhava, um desejo louco de possuí-lo se enraizava na minha alma. Diante disso, claro que não podia ficar imaginando o nosso sexo. A atração era fatal demais para que suportasse até mesmo uma simples ideia.

O fato de saber que ele não cederia fácil aos meus domínios me deixava irritada. Ele era muito teimoso e orgulhoso. Além de ambicioso, charmoso e tudo de bom que possa terminar com “oso”, incluindo o gostoso como primeiro item da lista.

– Você não vai me fazer usar o meu vibrador de novo – mandei a real. Não estava a fim de me levantar da cama para brincar de “faz de conta que este é o pinto enorme do Henrique Farias”.

– Não precisa dele... Vem cá. As portas estão abertas para você desde o início – ele parecia estar muito excitado, sua voz suave não conseguia esconder. – A demora é culpa sua.

– Minha? É sua que não aceita as minhas condições – falei, chateada de verdade. – Deixe-me dormir, pelo menos! Vou desligar, é sério.

– Tudo bem, Doutora Durona... Vejo você amanhã logo cedo. Espero que tenha um lugar bem especial para nós dois em sua casa.

– Vamos trabalhar, unicamente. Não me venha com gracinhas, Henrique – reclamei e desliguei o celular na hora, sem lhe dar espaços para soltar ainda mais veneno.

Um veneno delicioso, sem dúvidas. Queria prová-lo, ao mesmo tempo em que entendia que não sairia ilesa depois que sentisse o seu sabor. Ele realmente sabia como deixar alguém excitada e possessa, com desejos ardentes e um ódio mortal; extremos que eu nem sabia que podiam coexistir com tanta facilidade.

Ou talvez o problema fosse comigo. Tudo bem, seria só mais um.

**NÃO COMPARTILHE O PDF DESTA OBRA. PIRATARIA É CRIME.**

\*\*\*

*Senhor Henrique Farias*

– Claro que já comprei o presente, mãe... – menti muito feio, a caminho da casa da Laura. Aquela era a décima primeira ligação da Dona Elza, a qual precisei atender para que não pensasse que eu havia sido abduzido.

Eram oito e meia da manhã e muitas lojas ainda se encontravam fechadas. Precisava comprar logo alguma coisa para dar aos noivos. Algo caro, de preferência, e então ninguém notaria que havia sido adquirido de última hora.

Desviei do meu rumo a contragosto. Laura ia ter que esperar. Aquele dia ia ser longo, não daria tempo de parar o nosso trabalho

para comprar o presente da Natasha. Nem sei como faria para sair de lá mais cedo; o casamento estava marcado para as dezenove horas, eu devia estar na frente da igreja às dezoito. Ou seja, precisava ir para casa e me arrumar bem rápido pelo menos às dezessete e meia. Isso porque já estava barbeado e com o terno devidamente separado em cima da minha cama.

Ainda bem que eu não sou uma mulher. Não preciso passar horas no salão de beleza.

O cerimonial queria deixar tudo organizado, e o padre já deixou avisado que não aceitava demoras. É por isso que odeio casamentos. Além de ser um caminho quase sem volta rumo ao estresse e ao horror que é comer uma mulher só pelo resto da vida, ainda vem carregado com uma série de frescuras que detesto de todo o meu coração. A única parte boa é a festa, claro, se você não for o noivo e tiver que tirar fotos enquanto todo mundo bebe as suas custas e aproveita o momento que levou meses, às vezes até anos, para ser quitado. Então tudo acaba em algumas horas, e o infeliz se vê amarrado, acorrentado e enjaulado pelo resto dos seus dias.

Uma burrice sem igual!

– Chegue cedo, Henri, pelo amor de Deus! – mamãe gritou. Precisei separar o meu celular do ouvido. – Sua irmã está contando contigo! Já sabe o endereço, não é? Não se perca!

– Certo... Certo... Preciso ir, estou dirigindo!

– Por que não me disse logo? Sabe que não pode falar ao telefone enquanto dirige, é perigoso!

Suspirei profundamente.

– Tchau, mãe.

Dona Elza nunca vai deixar de ser a louca de pedra extremamente cuidadosa. Foi desta forma que conseguiu criar cinco filhos muito bem. Já deu para imaginar a confusão que foi a minha infância e adolescência? Sempre fui o filho mais rebelde, a ovelha

negra. Não me arrependo. Hoje, sou o único que mora só, é independente e solteiro ao mesmo tempo. Beatriz é casada e dependente do marido, Marcos é independente, mas se divorciou e voltou recentemente a morar com os meus pais. Luís é solteiro, porém ainda mora com eles – mas fica falando o tempo todo que vai se mudar assim que se formar na faculdade – e a Natasha vai se casar.

Eu me dei muito bem, obrigado!

O presente mais caro da maldita lista era um micro-ondas de última geração. Nem quis olhar o preço. Tudo bem, eu vi o preço e passei um tempão enrolando, andando pela loja, pensando se levava ou não. Ia ser um corte grotesco no meu orçamento, mas a minha irmãzinha merecia. E ainda tinha a promoção no trabalho; em breve estaria ganhando o triplo, e aquele micro-ondas não seria nada para mim.

Deixei-o na mala do carro, depois teria que ver com o cerimonial como deveria entregá-lo. A entrega dos presentes é outro tipo de frescura nos casamentos que não faço questão de compreender. Só sei que não devia chegar no meio da festa com uma caixa enorme em mãos, seria deselegante. Eu podia entregá-lo na casa dos meus pais, mas sei que lá deveria estar um campo de guerra – como sempre fica às vésperas de qualquer comemoração, seja ela qual fosse. E não faço ideia de onde se localiza a casa em que a Natasha vai morar com o marido.

Cheguei à casa da Laura às dez e quinze. Ela ia ficar brava com a demora, mas dane-se. A minha irmã vem primeiro, certo?

Estacionei numa rua bem arborizada e tranquila, logo identificando a sua casa pelo número. Muros gigantescos e portões de alumínio compunham a entrada. Soltei um assobio involuntário. Nem precisei entrar para constatar que a casa era enorme, de gente rica.

Aproximei-me do portão de pedestres meio sem saber o que fazer. Havia uma campainha, porém talvez fosse melhor ligar primeiro. Não sei se era bom chegar de surpresa, embora ela certamente estivesse me esperando. Peguei o celular no meu bolso e estava procurando o número quando ouvi alguém falando no lado de dentro. Desisti de ligar e toquei logo a campainha. Quem quer que fosse, abriria logo o portão.

Como previsto, em menos de três segundos ele foi aberto, e uma garota extremamente gostosa, usando um biquíni branco espetacular com um shortinho curto cor-de-rosa se materializou na minha frente. Ela também usava óculos de sol e tinha os cabelos ultra cacheados em um penteado selvagem. Claro que se tratava de alguma parente da Laura, eram parecidas demais. Meu lado sacana não conseguiu parar de olhar as curvas que os seus seios faziam.

A mulher me encarou longamente e abriu um sorriso amistoso.

– Meu Deus! – gritou. Depois, pareceu desconcertada. Não contive um riso, e ela acabou rindo também. – Quero dizer, oi! Quem é você?

– Desculpa, sou o Henrique – ofereci-lhe uma mão, e ela a apertou ainda sorrindo amplamente. – Laura Diniz mora aqui, certo? Ela está me esperando.

A garota balançou a cabeça e continuou me olhando como se eu não tivesse dito nada. Acho que fiquei vermelho, sei lá. Sentime meio exposto, mesmo sendo ela quem estava usando um micro biquíni.

– Ja... Jane. Tipo assim, é Rejane, mas todo mundo me chama de Jane. Vai entrando aí, bonitão, vou chamá-la – abriu o portão totalmente e apontou para dentro. – LAURA! – gritou tão alto que me assustei enquanto entrava. – TEM UM GOSTOSÃO TE ESPERANDO!

Rachei de rir na mesma hora, foi involuntário. Que menina louca! Ela também riu e foi me acompanhando através de um



caminho de pedras e grama. Ultrapassamos um jardim composto por diversas plantas esquisitas, palmeiras, roseiras enormes e um pé de manga. Tinha também um de goiaba, adiante.

Nem sabia se ficava com vergonha, se admirava o jardim ou se babava pela casa enorme que ficava cada vez mais perto. Entramos por uma porta de vidro, e visualizei uma sala ampla, bem equipada e decorada. Parecia que eu estava no set da novela das oito.

– LAURA! – Jane gritou de novo, provocando-me novo susto. Será que aquela louca era tão perturbada quanto a Laura? Devia ser um mal de família, se é que eram mesmo parentes. – Senta aí no sofá, ela já deve ter ouvido o meu grito. Ela sempre ouve.

– Acho que o quarteirão inteiro ouviu – gargalhei.

Pensei que ela ficaria brava, mas a doida só riu e foi saindo da sala, oferecendo-me a visão do seu rabo delicioso. Suas costas arqueadas eram bonitas. Sua cor era um diferencial, um tom que mesclava desejo e pecado. O mesmo tom de pele da Laura.

Esqueci de me sentar no sofá tão concentrado fiquei em vê-la rebolando até a saída.

– Ela é de menor, Henrique Farias. Tome vergonha nessa sua cara feia!

Tomei um susto imenso ao ouvir a voz da Laura. Ela descia escadas modernas, pareciam feitas de ferro ou algum material muito resistente. Havia ornamentos decorando os degraus e o corrimão. Não que eu tivesse prestado tanta atenção assim nas escadas; Laura se encontrava muito diferente do que estava acostumado a ver na CMD. Como eu, trajava tênis, jeans e uma camisa branca, porém no estilo feminino. Ela deve ter percebido que havíamos combinado a roupa, pois fez uma careta quando me analisou de cima a baixo.

A maior surpresa foi o seu cabelo; estava preso em uma trança lateral que chegava até a altura um pouco acima dos seus seios.

– Sua irmã? Prima? – perguntei, erguendo uma mão para ajudá-la a descer os últimos degraus. Os caras sempre fazem isso nos filmes.

Laura, por sua vez, rejeitou a minha mão e desceu sozinha. Aquilo não acontecia nos filmes. As damas geralmente sorriem e ficam encantadas por estarem diante de um cavalheiro. Mas ela estava muito distante de ser uma dama comum.

– É a minha irmã. Toque nela e está morto, Henrique. Acabo com a sua vida, e desta vez não estou brincando – ela tinha ficado muito irritada mesmo. Já conhecia de cor e salteado aquela expressão de raiva, ódio e dominação que oferecia pela maior parte do tempo.

Levantei os braços em rendição, mas continuei rindo.

– Calma, meu bem, não precisa ter ciúmes. Só tenho olhos para você.

– Enfie esses olhos no seu rabo.

É. Ela estava mesmo possessa, e nem foi porque cheguei atrasado.

– Um dia eu juro que vou lavar essa sua boca suja, Laura Diniz.

Parou diante de mim e me ofereceu seu olhar amarelo durante longos segundos. Prendi a respiração. Foi uma reação meio impulsiva, algo em seus olhos me fazia perder a noção. Era a dose de desafio que circulava pelas minhas veias, junto com a adrenalina.

– Está atrasado. Comecei sem você.

– Desculpa... A minha irmã vai se casar hoje. Precisei comprar um presente antes de vir.

– Meus pêsames para ela.

Gargalhei. Laura pensava o mesmo que eu sobre casamentos? Que maravilha!

– Vamos, já estamos muito atrasados... – Laura voltou a subir as escadas, e eu a acompanhei.

A casa era mesmo enorme. Passamos por uma segunda sala, menor que a do andar de baixo, porém tão bonita quanto. Entramos em um corredor e, do nada, já estávamos em um escritório. O ambiente estava repleto dos mesmos materiais que a Laura usava na CMD. Era um tipo de bagunça organizada que só um bom profissional conseguia manter.

Impressionante!

– Foi você quem projetou a casa? – decidi perguntar. Tudo era belo demais para ser escolhido ao léu.

– Cada centímetro.

Sentou-se diante de uma mesa e apontou para uma cadeira bem ao lado. Sentei-me também.

Olhei ao redor; as prateleiras cheias de livros, armários de madeira enegrecida, cortinas brancas e esvoaçantes... Tudo parecia conversar um com o outro. Talvez fosse a coloração em tons de marrom que dava um ar sóbrio, mas ao mesmo tempo agradável, ao ambiente.

– É a casa dos seus sonhos? Todo arquiteto planeja uma...

– Mais ou menos. Precisei adaptar algumas coisas, mas sim... Basicamente, esta é a casa dos meus sonhos.

– Sabe que nem todos realizam este sonho, você é uma privilegiada. E parabéns, é linda... Encantadora.

Laura finalmente tirou a carranca e pareceu bem mais relaxada. Ela gosta de ser elogiada, sei que sim. Seu trabalho é o seu maior orgulho. E a filha da mãe é boa mesmo no que faz. Nem

preciso dizer que o seu senso profissional só me deixava ainda mais atraído.

Começamos a trabalhar no material para o treinamento com os coordenadores. A apostila era imensa, falava sobre a agilidade dos processos e a divisão de funções. Um monte de balela que todos os coordenadores já estavam cansados de saber. Sou formado em administração, e talvez tenha compreendido melhor cada aspecto da apostila; fui explicando à Laura e acabamos selecionando os âmbitos mais importantes a serem discutidos no treinamento. Também tomei a liberdade de acrescentar e adaptar alguns pontos que não estavam muito bem explícitos no material.

Fizemos várias anotações e montamos esquemas para facilitar o entendimento. Éramos uma bela dupla, sem dúvida alguma. Laura entendia as coisas muito facilmente, de modo que eu não precisava explicar mais de uma vez. Ela pegava o fio da meada e desenvolvia a ideia sozinha, como se já fosse uma expert no assunto. Fiz um comentário a respeito disso, e a sua resposta me deixou intrigado:

– Todo conhecimento requer lógica. Se você pega uma ideia e usa a lógica para desenvolvê-la, com certeza chegará a muitas conclusões sem precisar sequer ter estudado sobre o assunto. O que falta no mundo é um pouquinho mais de capacidade de raciocínio – prendeu o indicador e o polegar, dando ênfase ao “pouquinho”.

O modo como falou aquilo tinha um ar superior que fazia dela uma pessoa chata e arrogante, mas por incrível que pareça eu começava a gostar de toda aquela banca de mulher indomável. Em meu convívio social, não me lembro de ter cruzado com uma mulher como ela; inteligente, ligada ao trabalho, séria. Sua personalidade me assustava, enchia-me de ainda mais curiosidade e aumentava aquela coisa quente que me fazia não desistir de conquistá-la.

Nunca vi tantos opostos em uma só pessoa. Laura é extremista, tem opinião própria, não tem medo de falar a verdade, é dona de si, confia nas próprias ideias, acredita no próprio poder de

sedução e não liga se for odiada ou amada. Claro que ela tinha problemas psicológicos sérios, isso estava muito nítido. Destratava as pessoas e parecia odiar o mundo, coisas que considero imperdoáveis. Mas, e daí? Ninguém é perfeito e todo mundo tem um pouco de loucura. Uns mais, outros menos.

De verdade, naquele raio de instante, quis ser alguém como ela.

Infelizmente durou pouco. Tudo porque Laura começou a insistir para que não criássemos slides no Power Point para passarmos no data show. Eu discordava, pois o data show iria nos ajudar muito na hora da apresentação. Na verdade todo treinamento era passado em formato de slides.

– Ninguém presta atenção em slides, Henrique Farias – disse com uma careta severa.

– E daí? Problema de quem não prestar atenção. O treinamento está bem diferenciado, as informações que forem deixadas de lado farão falta para cada coordenador.

Passei as mãos pelo cabelo e me encostei à cadeira. Estava cansado, havíamos trabalhado pesado sem pausas. Laura estava implicando logo na reta final?

– Você é responsável pelo entendimento de quem assiste a uma apresentação criada por você mesmo – retrucou, cheia de ironia no timbre, apontando um dedo na minha direção. Pelo menos não foi na minha cara. Se fosse, ela ia ver onde eu enfiaria aquele dedo. – Se os coordenadores não entenderem, então os burros somos nós.

– Claro que não! Cada um é responsável pelo próprio entendimento! Ninguém vai obrigar ninguém a prestar atenção. Eu não sou o culpado pela burrice dos outros!

Laura Diniz inspirou profundamente e fechou os olhos. Voltou a abri-los e me encarou de um jeito sinistro. Não me afetou. Suas

caretas não me abalam mais.

– Um data show só serve de desculpa! – bateu uma mão na mesa. – É uma desculpa idiota para o apresentador fingir que sabe o assunto de cor, e uma desculpa para quem assiste olhar um ponto fixo, fingindo que está lendo!

Apertei os meus dedos nas têmporas. Ela me dava dor de cabeça às vezes.

– O que sugere, então, Laura Diniz?

– Sugiro que utilizemos apenas uma prancheta com as marcações dos âmbitos que serão discutidos. O resto, será olho no olho. Estaremos em uma mesa redonda e os coordenadores terão o direito de fazer perguntas... Enfim, de participar.

A ideia não era de toda ruim. Mas eu que não admitiria em voz alta.

– Mas então será um debate, não um treinamento – concluí.

– Não adianta ser um diretor se você vai fazer a mesma coisa que o anterior fez, sabendo que nunca funcionou. Que tipo de preocupação com o seu trabalho você tem, Henrique Farias?

Ela realmente me irritava. De verdade. Mesmo.

– Uma preocupação natural, como toda pessoa comum. Não sou viciada e bitolada como você.

Laura Diniz se pôs de pé, fazendo uma careta muito, muito feia. Seu rosto ganhou uma coloração arroxeadada. Estava queimando de raiva.

– Tem gente que não merece o salário que ganha – rosnou, e foi andando na direção da passagem que dividia a sala e o escritório.

– Espera, Laura... Espera! – levantei-me e corri até ela.

Estava muito chateado – acho que devido ao cansaço que o material havia nos fornecido –, mas suas palavras me fizeram lembrar o contracheque e o fato de ela ganhar menos do que eu. No fundo, sei que a Laura estava apenas dando o seu melhor. Ela não se importava de ter que trabalhar mais, nem tinha medo de fazer a diferença. Entrava de cabeça em tudo o que fazia, buscava a perfeição e a qualidade em cada detalhe.

Admiti o meu erro a mim mesmo.

Laura continuou andando. De repente, parou e se atirou em um sofá branco, sentando com tudo. Parei por trás do encosto, permanecendo de pé.

– Eu também estou cansado, me desculpe... Você está certa. Não vamos brigar, ok? Estávamos indo muito bem.

– Você é um grosseiro! – amaldiçoou.

– O sujo falando do mal lavado, hein? Vamos, deixa disso – ofereci a minha mão para que se levantasse.

Laura olhou o horizonte, e acompanhei o seu olhar; vi um relógio eletrônico numa parede, constatando que eram três e meia da tarde. Havíamos trabalhado mais do que imaginei, a base de muito café. Laura era viciada em cafeína.

– Estou com fome – informou. – Desculpa, sou uma péssima anfitriã. Não preparei nada. Gosta de China In Box?

– Hum... – eu também estava morrendo de fome, mas, por incrível que pareça, só havia descoberto naquele momento. – Gosto bastante.

– Ótimo. Vou pedir – levantou-se.

– Amigos de novo? – minha mão ainda estava esticada na sua direção.

Ela a pegou, e então a puxei em um gesto ousado. O sofá estava nos separando, fazendo com que Laura terminasse de joelhos sobre ele. No impulso, a louca também me puxou com tudo. Meu corpo foi atirado para frente; acabei com a cara no sofá e as pernas para o ar.

Foi então que aconteceu. Laura Diniz gargalhou.

Aprimei-me o mais depressa possível para não perder aquele acontecimento do século. Nunca pensei que a veria rir daquele jeito. O som do seu riso foi tão espontâneo, natural, e até comum, que o meu corpo inteiro se arrepiou. Fiquei a observando seriamente enquanto ela se contorcia de tanto rir. Até lágrimas saíram de seus olhos, e ela não parou por nada.

Depois de muito tempo gargalhando sozinha, ela finalmente foi parando aos poucos. Continuou ajoelhada no sofá, enquanto eu fiquei sentado, apenas a admirando. Enxugou as lágrimas avidamente.

– Ai, ai... Você é engraçado... – pareceu muito desconcertada.  
– Enfim, vou lá pedir a comida.

Foi se erguendo do sofá. Não aguentei nem um segundo sequer e puxei a sua mão. Dane-se se achasse ruim. Fiz com que se sentasse no meu colo como uma criança pequena. Ela gritou durante o percurso, debatendo-se, mas a segurei com muita força.

Encarei-a de perto.

Segurei a lateral do seu rosto.

Laura finalmente parou de tentar fugir e me encarou de volta, parecendo confusa e apavorada.

– Você devia rir mais... – murmurei muito baixo. Logo em seguida, aproximei nossos rostos devagar, para não assustá-la. Laura entreabriu os lábios.



Meu corpo se preparou para beijá-la de um jeito incomum; não ia usar da força ou qualquer resquício de selvageria. Pretendia que fosse um beijo leve, suave, totalmente diferente do que éramos. Talvez isso a surpreendesse.

Do nada, a louca decide ser o momento certo para deixar as suas garras de fora. Laura Diniz simplesmente se atirou em cima de mim, fazendo-me encostar totalmente ao sofá. Estava desavisado e, quando menos percebi, ela estava com suas pernas envolvendo a minha cintura e com as mãos prendendo as minhas ao longo do sofá. Usava de muita, muita força mesmo.

– Nunca me mantenha em seu colo, Henrique Farias – rosnou.  
– Não dê uma de espertinho. Como já falei antes... Não sou a sua amiga e nem pretendo ser.

Fiquei tão chateado com a situação que a empurrei de volta para o sofá e me levantei, afastando-me. Voltei para o escritório e peguei as nossas anotações como se não tivesse acontecido nada. Esperei que Laura retornasse, mas ela demorou um bocado. Aproveitei o tempo sozinho e fui aperfeiçoando nossas anotações, deixando-as mais claras.

Quase quarenta minutos depois, Laura apareceu trazendo pratos, talheres e as conhecidas caixinhas do China In Box em uma bandeja. Trouxe também uma jarra de suco de laranja e duas barrinhas de cereal. Comemos em silêncio. Não queria papo, ela não era a minha amiga mesmo. E pelo visto tinha falado sério, pois entrou muda e saiu calada, levando a louça suja consigo.

Aquilo estava errado. Meus planos nunca funcionariam se eu a tratasse da mesma forma como estava me tratando. A minha ideia original era justamente fazer o inesperado, o improvável. Só assim Laura perceberia diferença entre mim e qualquer outro cara com quem tenha convivido. Estava acostumada a afastar as pessoas de si, sem dúvidas. Não adiantava responder à sua indiferença com ainda mais indiferença.

– Já que está tudo encaminhado, estou indo embora – levantei-me da cadeira assim que voltou ao escritório novamente. – Tenho um casamento para ir.

Ela balançou a cabeça, afirmando. Percebi que estava meio chateada, mas de um modo distinto. Parecia triste.

– Certo. Vou passar tudo para o computador e envio no seu e-mail.

– Eu levo os papéis e amanhã faço isso. Não se preocupe – propus.

– Vou ficar em casa esta noite e você vai acordar tarde amanhã. Não gosto de fazer depois o que posso fazer agora.

Sorri. Mais uma vez, quis ser como ela. Em alguns contextos, claro. Em outros, era melhor ser alguém totalmente oposto.

– Por que não vem comigo? – nem me pergunte como tive a capacidade de chamá-la para uma festa familiar. – É bom espaiar... Festas sempre são bem-vindas.

Laura Diniz fez mais uma de suas caretas. Nada respondeu.

– Vai ser um casamento memorável... Uma cerimônia cheia de frescura. – Sua cara piorou consideravelmente. – Qual é? Toda mulher gosta de ir a casamentos!

– Não faço parte do time intitulado “toda mulher”.

– Sei que não, mas podemos nos divertir. Dançar, comer, beber a vontade...

Ela balançou a cabeça em negativa e ergueu a mão, recusando.

Claro que recusaria. Em quê eu estava pensando? Devo ter levado uma ou duas subs, no máximo, para me acompanharem em festas de família. Por que levaria logo a Laura Diniz, alguém desagradável e irritante?

– Certo – decidi não insistir. – Está bem, mas... Se mudar de ideia pode me ligar.

Encontrei um papel em cima da mesa e deixei o endereço tanto da igreja quanto do salão de festas anotados. Havia decorado para registrar no GPS do carro e, ainda bem, não caiu no meu velho esquecimento.

Laura ignorou o papel e foi me acompanhando até a saída pelo mesmo caminho por onde entrei. Não vi mais a sua irmã em parte alguma. Como já estava escurecendo, a casa entrou em um clima meio sombrio, silencioso demais para o meu gosto. Introspectivo... Diria até depressivo.

Fui embora com uma sensação de dever cumprido, mas, bem lá no fundo, sentia que alguma coisa estava totalmente fora do lugar.

Tentaria descobrir o que era.

## 8º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Voltei ao trabalho assim que o Henrique Farias foi embora. A casa estava ficando escura, e assim permaneceu; havia brigado com a Jane por causa da sua nudez desnecessária quando descendi para organizar o almoço. A maldita foi embora nem sei para onde, deixando claro o quanto me achava detestável. Dispensei o Jaime para visitar os pais em uma cidadezinha no interior do estado logo pela manhã. Ele só voltaria no domingo à noite.

Sendo assim, estava completamente sozinha. Louca por um cigarro. Havia jogado todos os maços fora para suportar momentos como aquele sem cair em tentação. Era deste modo que estava vencendo o vício, porém às vezes a vontade que tinha era de chutar o pau da barraca e desistir de tudo.

"Você precisa rir mais...", lembrei-me dos olhos azuis do Henrique brilhando enquanto sussurrava tais palavras docemente. Ele me olhou de um jeito... estranho. Uma suavidade incomum, uma expressão livre de malícia. Sem sacanagem ou aquele ar divertido que significava uma ironia quase crônica. Não... Ele havia sido diferente. Um Henrique que nunca tinha visto até então.

O idiota estava usando artilharia pesada. Brincava com o fogo. Era infantilidade demais que me tratasse daquela forma. Onde já se viu, me chamar para ir a uma festa tão íntima? Ele havia perdido a noção do jogo, só pode. Não tinha sido um convite apenas por educação, do contrário não teria feito questão de deixar o endereço do local. Mas... Tudo aquilo para quê? Com que objetivo? Havia acabado de deixar claro que não éramos amigos, nem nunca seríamos.

Henrique estava me confundindo. Brincando comigo, fazendo com que me sentisse culpada por ser realista o bastante. Usando os sentimentos para me fazer cair na sua armadilha, porém ele se esqueceu de que odeio sentimentos. Não os sinto. Não *quero* sentir. Sou uma mulher vacinada, diferente. Não sou uma bobinha que se apaixona, que se deixa levar pelo desejo, que aceita qualquer coisa por migalhas masculinas. Ele realmente não fazia ideia de com quem estava lidando.

Como sempre, eu estava a muitos passos à sua frente. Uma nova ideia me fez perceber que a minha possibilidade de disparar naquele embate estava bem diante do meu nariz. Mais propriamente, em cima da mesa do meu escritório.

Peguei os endereços, rabiscados com sua letra horrorosa. Nem sei como consegui entender.

Era simples; Henrique Farias era um cara comum, apesar de manter gostos sexuais distintos da maioria da sociedade, mas, mesmo assim, era um homem normal. Gostava de se divertir, sorrir, conversar... Era um ser social nato, incluso em grupos sociais específicos. Ele espera de mim sempre a rejeição, sei disso. Espera que eu o ignore, que o trate mal, que seja simplesmente eu, afinal, era isso que estava sendo o tempo todo desde que começamos a nossa guerra particular. Mas... E se um dia eu fizesse uma coisa que jamais faria em condições normais? E se, em vez de rejeitá-lo, ignorá-lo, eu... fosse à festa da sua irmã?

Mas, claro, sem deixar de ser eu. Não daria certo fingir que sou simpática. Sei bem disso, pois já tentei e me senti um lixo depois. Sou orgulhosa demais para fingir que sou humilde. Não precisava dar uma de atriz, apenas fazer coisas inesperadas. Só isso.

Ele ficaria louco. E confuso. Não entenderia os meus passos. Ficaria no escuro com relação aos meus objetivos, e então seria muito mais fácil fisgá-lo de vez. Seriam essas sutilezas na minha atitude que o fariam estar de quatro para mim antes mesmo da escolha do diretor.

Enquanto pensava, decidi tomar um banho demorado. Larguei o trabalho e comecei a arquitetar outra coisa, outro tipo de desafio. Não ia a uma festa há muitos anos. Mais de sete, com certeza. Fui à comemoração dos quinze anos da Jane, mas foi em uma boate e não permaneci nem por uma hora. Odeio barulho, agitação... Odeio gente bebendo até perder a noção de si perto de mim. Sobretudo, odeio sorrir sem motivos e perceber a falsidade no rosto de alguns.

Será que o Henrique Farias valia todo o sacrifício? Pensei um pouco mais, passando óleo corporal com cheirinho de frutas pelo meu corpo. Estava meio dolorida por causa do treino no dia anterior, por isso fazia uma pequena massagem em mim mesma. Decidi lavar o cabelo, ele estava horrível. A trança que fiz para receber o Henrique não convenceu ninguém, aquele pedaço de Bombril ia me dar trabalho até ficar aceitável para encarar um casamento. Não ia dar tempo para um salão de beleza, mas pelo menos as minhas unhas estavam inteiras e ainda pintadas de uma cor bege bem neutra.

– E então, Laura, vale ou não vale? – falei sozinha, referindo-me ao sacrifício que faria para dar um passo importante à frente do Henrique.

Lembrei-me de seus olhos azuis. Da sua boca. Do furo no queixo. Do seu corpo grande e másculo. Do seu pau enorme sendo esfregado em mim. Não pude deixar os pensamentos irem embora sem ficar completamente excitada. Meu corpo pegava fogo, estava na mesma temperatura da água quente que saía do chuveiro, talvez até pior. Uma comichão sinistra fez a minha barriga se apertar até quase virar pó.

– É claro que vale – respondi ao além.

Com uma toalha branca enrolada ao corpo, e outra ao cabelo, abri o meu guarda-roupa. Estava repleto de peças para trabalhar. Tinha muitas camisolas, lingerie e artigos bem sensuais. Algumas roupas de ficar em casa e nada, absolutamente nada, para ser usado em um casamento chique.

– Puta que pariu! – rosnei, morrendo de raiva. Eu não ia a festas, logo, não tinha roupas para festas.

Vasculhei todos os armários e achei um vestidinho preto ousado demais. Curto e decotado. Não ia ser bom aparecer assim, todos pensariam que eu era a sua putinha de luxo, que havia aparecido do nada para lhe importunar. Jogando todas as peças para o alto, encontrei um cor-de-rosa. Muito romântico. Todos pensariam que eu era a sua namoradinha coitada, que o esperava em casa nos fins de semana e o acompanhava no futebol, aos domingos. E ainda lavava suas cuecas. Blerg!

Senti verdadeira repulsa.

Cansada de procurar e quase pensando em desistir daquela ideia estúpida, lembrei-me de que a Jane sempre ia a festas. Para cada uma, ela me fazia pagar por um vestido novo. Nossos corpos eram parecidos, embora ela fosse mais gorda – não gorda, mas digamos mais encorpada – do que eu, e os seios eram um tanto maiores. Mas a minha bunda era maior. Hunft.

Seu quarto estava trancado, mas ela não fazia ideia de que eu mantinha cópias de todas as chaves da casa. Foi fácil invadir a sua intimidade. Ignorei as fotos de artistas, jogadores de futebol e astros do rock e do pop colados na parede. Ignorei o vibrador eletrônico em cima da cabeceira, junto com uma caixa de camisinhas e cinzeiros melecados de coisas que pareciam ir além do mero cigarro comum. Não sabia que ela estava fumando escondido. Teríamos uma conversa, mas depois. Bem depois que eu encontrasse um maldito vestido e fosse para aquela maldita festa.

Abri o seu guarda-roupa e revirei tudo. Achei mais de dez peças, e selecionei as que tinham mais chances de caber em mim. Depois de alguns minutos ali dentro, percebi que o quarto inteiro fedia a maconha. Abri as janelas, sentime enjoada. Um lapso me fez enxugar algumas lágrimas enquanto guardava de volta as roupas que tinha espalhado pelo chão.

Assim que concluí, decidi abrir as gavetas do armário. Estava em busca de alguns acessórios, talvez um brinco mais articulado ou uma das joias que Jane já havia me obrigado a comprar. Logo na primeira, encontrei algumas caixas que guardavam joias. Não conheci a maioria delas, e fiquei me perguntando onde a maldita havia comprado ou como teria conseguido. Recolhi algumas e continuei a busca implacável.

Na última gaveta, havia apenas agendas, todas cor-de-rosa. Achei interessante Jane manter agendas anuais, por isso peguei uma da gatinha Marrie, que estava logo na frente. Abri e, no impulso, comecei a ler onde havia um lenço marcando a página:

*"Querido diário, hoje o Luiz Fábio me levou a uma boate incrível. Adorei cada detalhe, e principalmente a forma carinhosa com a qual me tratou. Ele me faz bem, e sei que vou largar o vício enquanto ele estiver me ajudando. Eu o amo, vamos casar em breve. Faltam apenas duzentos e trinta e sete dias para os meus tão sonhados dezoito anos. Finalmente me livrarei daquela vaca."*

Levei uma mão à boca. Contive um soluço que partiu do fundo da minha alma. Enxuguei mais lágrimas. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo com a Jane. Não sabia de nada, absolutamente nada, sobre ela. Era uma desconhecida, uma pedra em seu sapato. Alguém que ela queria se livrar, assim como eu, quando era mais nova, quis sair de casa depressa por causa da minha mãe. A diferença é que não esperei a maioridade.

E de que vício Jane estava falando? Drogas? Jane era louca, mas nunca foi agressiva. Gritava comigo, mas só quando eu gritava com ela. Dizia-me coisas feias apenas porque eu fazia o mesmo. Era rebelde ao extremo e desobediente, mas qual adolescente não é? No geral, sei que é uma garota sensível, prestativa, inteligente e divertida. Por quais problemas ela passava sem que eu soubesse? Até eu já fumei maconha quando mais nova, não era algo natural? Uma fase?



Percebi que cada agenda, que na verdade eram diários, possuíam um número na frente que indicava o ano. Eram cinco agendas ao todo, portanto ela havia escrito sobre a sua vida nos últimos cinco anos. Não consegui me conter. Peguei a primeira – a mais antiga – e joguei o restante por cima, tentando disfarçar a ausência de uma delas. Jane jamais me contaria o que se passava na sua vida. Tudo bem. Não precisaria me contar nada. Eu saberia tudo. Leria cada detalhe daquelas agendas.

Guardei tudo o que espalhei com muito cuidado para não levantar suspeitas. Voltei ao meu quarto e provei os vestidos. A maioria não me agradou, mas acabei escolhendo um longo vermelho de cetim. Era todo justo, mas não tinha decote. Um pingente grande de brilhantes decorava entre os seios, e as alças eram largas. Batiam além do chão, mas escolhi uma sandália dourada com um salto enorme, e então o problema foi resolvido.

Voltei ao quarto da Jane para guardar os vestidos que não usaria. Fechei tudo e tranquei a porta, rezando para que não percebesse a minha invasão. Bom, se percebesse... Problema seu. A casa é minha e eu posso entrar onde quiser.

Não é?

O meu cabelo não deu jeito. Por mais que estivesse amarrotado de tanta progressiva, ele teimava em cachear e em me irritar. Já estava super atrasada, acabei fazendo o meu velho coque elegante. Decorei ao redor dele com uma faixa dourada que brilhava, e pronto. Em vez de por o cabelo todo para trás, separei uma franja para usar lateralmente e a fixei com um grampo invisível atrás da orelha, além de usar bastante laquê para não permitir que ficasse uma porcaria caso suasse. Meu cabelo ficou duro, mas e daí? Ele já era duro de nascença mesmo.

Concluí os acessórios com um brinco grande dourado roubado da Jane e um bracelete que não usava há anos. Dispensei o uso do colar. Fiz uma maquiagem mais forte. Com uma bela olhada no espelho, percebi que estava bem apresentável. Abusei do perfume,

peguei uma bolsinha dourada bem pequena, colocando meus documentos, dinheiro, celular e um batom da cor do vestido. Pensei em não levar o meu remédio, mas não era bom ignorá-lo. Levei apenas dois em uma caixinha diminuta apropriada para eles.

Chamei um táxi, afinal, não posso dirigir. O maldito demorou a chegar, ficou perdido no bairro. Estava atrasadíssima. Eram sete e meia da noite, o casamento já devia estar na metade, mas mesmo assim fui à igreja. Acho chato ir à festa de um casamento sem assistir ao casamento. Ainda mais sendo penetra e conhecendo apenas o Henrique.

Bastou descer do veículo para comprovar o quanto estava sendo imbecil. Estúpida. Burra. Eu não conhecia ninguém. Aquele não era o meu lugar. Henrique Farias era um otário desprezível. Eu só queria fodê-lo. O que fazia no casamento da irmã dele? Alguém me explica, por favor?

Indignada comigo mesma, sentei-me sozinha na última fileira, reparando em como tudo estava lindo. A decoração com rosas brancas e lavandas cheirosíssimas davam um ar muito romântico. A cada arranjo que observava – composto por vasos que pareciam de cristal –, soltava um suspiro involuntário.

O tapete vermelho de veludo, as faixas prateadas entre os bancos, as pessoas bem vestidas e perfumadas... A cerimônia estava perfeita. No altar, os noivos já trocavam as alianças. Não conseguia vê-los direito pela distância. Tinha centenas de pessoas na minha frente; visualizei um monte de penteados de todos os tipos. A igreja era enorme e tinha pilastras monumentais, parecia uma catedral. Fazia muito tempo que não frequentava uma missa.

Sequer consegui localizar o Henrique.

– E eu vos declaro marido e mulher... – disse o padre com uma voz metálica por causa do uso do microfone. Os noivos se beijaram, e todo mundo aplaudiu.

Perdi a deixa para aplaudir, pois havia ficado encantada com a beleza do vestido de noiva. Era enorme, com uma cauda digna de uma princesa. Os bordados eram divinos de se observar até de longe. De perto, então, devia ser uma obra de arte. A orquestra – que só depois percebi que estava localizada no canto esquerdo da igreja –, começou a tocar uma música bem melodiosa enquanto documentos eram assinados no altar.

Foi então que vi o Henrique.

Ele estava de braços dados com uma mulher. Separaram-se apenas para assinar os documentos, e só aí que percebi que ele era um dos padrinhos. Estava elegante, vestindo um terno cinza. Não consegui enxergar a cor da sua gravata. Precisava vê-lo de perto, porém a minha única vontade foi de ir embora. Cheguei até a me levantar, porém sentei novamente. A curiosidade para saber a reação do Henrique ao me ver ali falou mais alto.

Passei mais tempo do que o necessário reparando no vestido lilás da mulher que o acompanhava. Aliás, reparei em cada detalhe da criatura. Era branca. Meio aloirada. Cabelos compridos, lisos e cacheados na ponta. Bonita. Muito bonita mesmo. Recusei-me a formular a frase seguinte, que trazia uma comparação que me deixava em um nível inferior.

Eu não sou inferior a ninguém. Ponto final.

Fiquei repetindo aquilo enquanto fotógrafos faziam todo o trabalho chato de tirar fotos e mais fotos dos noivos e da família. Localizei o que devia ser os pais do Henrique; um senhor e uma senhora bem apresentados. Depois de longos minutos de flashes e mais flashes, que acompanhei sem conseguir evitar alguns bocejos, os noivos e os padrinhos se prepararam para a saída.

Os noivos vieram primeiro, seguindo pelo tapete vermelho. Estavam felizes, sorriam amplamente e não pareciam compreender que aquele momento bom passaria, e tudo o que teriam, depois de um tempo, seria o mais puro ódio e ressentimento um do outro. Ela

descobriria que ele não é um príncipe, que lavar roupas dá trabalho e cuidar de uma criança nem sempre é prazeroso. Ele vai se dar conta de que peitos caem, TPM é guerra e comer uma só pessoa não é tão bom quanto parece. Se é que parece. Para mim, está longe de parecer uma ideia atraente.

Eles passaram por mim alegremente. O noivo me olhou e sorriu, provavelmente pensando que eu era da família da noiva. O sujeito até que era gatinho. A irmã do Henrique estava olhando para o outro lado, cumprimentando algumas pessoas. Uma moça do cerimonial me deu um saquinho de arroz e pediu para que eu seguisse para o lado de fora. Percebi que muitos estavam fazendo o mesmo, carregando seus saquinhos e ansiosos para jogar o arroz nos noivos. Permaneci onde estava. Não ia pagar aquele mico, eu hein...

Deixei o saquinho em cima do banco de madeira e continuei observando a saída triunfal. Os pais do noivo e da noiva passaram por mim, e depois vieram os padrinhos. Havia seis casais, dentre eles, Henrique e a loira. Eles se aproximavam lentamente, enquanto eu a analisava de cada vez mais perto. Percebi que era oxigenada, aquela cor platinada não era natural.

Henrique estava do lado oposto, sorrindo do jeito de sempre. Parecia bem a vontade e contente. Por um milésimo de segundo, fiquei feliz por ele. Durou bem pouco. Ele só estava feliz porque sabia que a parte chata havia terminado e a noite era apenas uma criança. Quem sabe ganhasse aquela loira bonitona? E se ela fosse sua sub?

Espantei as ideias rapidamente; ele jamais me convidaria para uma festa correndo o risco de me ter cara a cara com uma submissa. Ou teria? E se aquele tivesse sido seu objetivo? Mostrar-me que não estava nem aí para o meu desafio?

De novo, quis ir embora. Daquela vez, a vontade foi tanta que me senti quase desfalecendo. Dei as costas antes que eles passassem por mim e segui para o lado de fora da igreja, morrendo

de vontade de socar todo mundo que impedisse a minha passagem. Tinha tanta gente por ali, e os tiros de arroz foram tão intensos, que sobrou até para o meu cabelo. Senti arroz escorrendo entre os meus seios e grudando na minha pele. Praguejei internamente, soltando milhões de palavrões.

Que ideia mais absurda ir àquele casamento!

Alguns convidados começaram a se cumprimentar. Outros partiram para os seus carros, prontos para seguirem rumo ao salão de festas. Não ficava tão longe dali, porém não dava para ir a pé. Espremi o meu corpo entre duas costas largas de um senhor e um rapaz. Passei por um monte de mulher histérica e acelerei o passo o máximo que consegui. Quando finalmente me vi livre da multidão, alguma coisa me chamou a atenção bem ao meu lado.

Henrique Farias conversava com um senhor, acho que era o seu pai.

Tentei sair de fininho e me misturar às pessoas que teimavam em se aglomerar, mas a pequena demora que usei para observá-lo melhor foi o suficiente para que virasse o rosto na minha direção.

– Droga – rosnei baixinho, entre dentes.

Ele primeiro só me olhou. Passou longos segundos me encarando de maneira impassível, até que sua testa franziu bem devagar. Logo em seguida, ele fechou os olhos e balançou a cabeça, voltando a olhar para o senhor com quem estava conversando.

Ótimo. Fui completamente ignorada. Puta da vida, cerrei os punhos e olhei na direção da rua. Bem que devia passar um táxi, mas eu precisaria chegar até a avenida se quisesse arrumar um. Ou ligar para o tele-táxi, o que ia demorar mais do que eu desejaria.

– Você veio.

Pulei de susto. Senti até os meus saltos deixarem o chão. Henrique Farias estava bem diante de mim, encarando-me de perto.

Percebi que a gravata que usava era exatamente da cor de seus olhos. O cabelo bem penteado e cheio de gel lhe atribuía muito charme. O pacote inteiro só ficava ainda mais interessante devido ao sorriso límpido que não deixava a sua boca em nenhum nível inferior à gostosura plena.

Não consegui falar nada. Se abrisse a boca, tenho certeza de que gaguejaria. Já fazia papel de idiota, não precisava piorar a situação.

– Você está linda.

Prendi os lábios. Quase falei que ele também estava.

– Henri, viu o Marcos? Ele está com a minha bolsa! – a senhora que supus que fosse a sua mãe se aproximou. Estava notavelmente feliz. O semblante satisfeito fazia seu rosto brilhar como purpurina.

Ele olhou para ela e depois para mim, meio desconcertado. A mulher percebeu a minha presença pela primeira vez. Sorriu amistosamente. Ergui uma mão e lhe ofereci um “tchauzinho”, o máximo que podia fazer para não parecer um peixe fora d’água.

De repente, Henrique Farias passou o seu braço pela minha cintura e nos uniu em uma espécie de abraço lateral. Minha cabeça girou com velocidade, deixando-me tonta e imediatamente indignada. Que porra era aquela?

– Mãe, esta é a Laura – falou com um sorriso malicioso nos lábios. – Laura, esta é a minha mãe, Elza.

A senhora me observou com mais atenção. Pensei em me desvencilhar do Henrique, mas meu corpo travou. Criei raízes ali, com a sua mão apertando a minha cintura. Minha mente ainda girava e a sensação de desconforto só fazia aumentar. Temi um desmaio, e seria pior se eu me separasse do Henrique e desse de cara com o chão.

– Oh... Encantada, Laura! – ela se aproximou e me abraçou meio sem jeito. Sequer consegui retribuir.

O fato de ter tanta gente me tocando de uma só vez quase me fez pedir a morte. Não conseguia entender mais nada. Parecia estar dentro de um pesadelo horrível.

Assim que Elza me libertou, olhou para o filho com ternura e tocou a lateral do seu rosto.

– Estava demorando, hein, Henri? Ela é adorável, parabéns...  
– virou para me observar. – Vocês têm a minha benção, querida.

Agora fodeu mesmo.

Abri os olhos ao máximo. As raízes que me prendiam viraram gelo, e me vi totalmente despida, aprisionada em uma jaula congelante.

Tudo só piorou quando Elza, muito emocionada, saiu espalhando para as pessoas que ainda se cumprimentavam na frente da igreja que a “namorada” do Henrique estava presente. Aquela louca seria eu? Poderia ter alguma dúvida quanto a isso, mas não me sobrou nenhuma quando fui apresentada ao pai dele, às tias, a um monte de primos e primas – duas delas me olharam atravessado – e a loira bonita, que depois descobri que era a sua irmã mais velha, Beatriz.

Henrique mantinha a sua mão na minha cintura. Perguntava-me porque raios ainda não havia corrido para bem longe daquela gente, e me lembrei de que não ia adiantar sair correndo; tropeçaria antes mesmo do primeiro passo.

Depois de muita tortura, cumprimentos falsos, sorrisos amarelos e bastante autocontrole, as atenções se desviaram de mim. Só então consegui dar alguns passos bambos para trás, afastando-me daquele louco. O que pretendia com aquela farsa? Por que não havia desmentido tamanho absurdo?

– Laura... – sua expressão não indicava mais malícia. – Relaxa!

– Eu não sou a sua namorada – balbuciei, esquentando de tanto ódio. – Não sou nada sua... Nada! – balancei a cabeça freneticamente.

– Não esquento, só fiz isso para pararem de encher o meu saco – foi se aproximando na medida em que eu me afastava. – Não faz ideia do que é ter trinta e quatro anos, ser solteiro e estar no casamento da sua irmã mais nova, que tem vinte.

Continuei balançando a cabeça. Virei as costas e desci alguns lances de escada. Senti o Henrique logo atrás, mas ele ficou calado. Fui andando pela rua rumo à avenida, mal conseguia raciocinar. Estava vazio por ali. Quase todo mundo já tinha ido embora para a festa.

– Laura... Laura, relaxa! Não faça tempestade em copo d'água.

Parei subitamente.

– Tempestade em copo d'água? – virei-me para encará-lo. – Você me mantém em seu braço, me exhibe para sua família como se eu fosse um troféu e não quer que eu fique puta da vida? Perdeu o juízo, Henrique Farias. Perdeu a noção. Nunca mais me trate desta forma. Este joguinho idiota termina aqui!

Ele pareceu bem chateado com o meu desabafo. Cuspi cada palavra com tanta rispidez que mal pude suportar tanta raiva queimando dentro de mim. Achei que fosse explodir.

– Tudo bem, eu agi mal. Desculpa. Não precisa sair correndo, posso te levar aonde quiser.

– Saia do meu caminho. Finja que eu nunca existi, Henrique – senti lágrimas se formarem nos meus olhos, e precisei engolir um nó na garganta. – Vá para essa merda de casamento e arranje qualquer vagabunda para fazer papel de sua mulher.



Henrique Farias passou as mãos pelo cabelo, nervoso.

– O que quer que eu faça? – perguntou-me. A expressão que fazia misturava inquietação e, ao mesmo tempo, certo ar animalesco. Estava com raiva, mas a minha era maior.

Abri os braços.

– Faça o que quiser. Estou fora dessa palhaçada.

Deixei meus braços caírem na lateral do meu corpo e voltei a me virar. Dei alguns passos, mas o maldito me fez parar de novo.

– Vai desistir?

Desistir. A tal palavra que apaguei do meu dicionário.

– Conheço os meus limites – falei para mim mesma, sem me dar o trabalho de virar para olhá-lo. – Você os ultrapassou sem um pingo de consideração. Foi sujo. Desleal.

Permaneceu calado, e eu me senti uma derrotada.

– Certo... Então... Eu posso... – Henrique gaguejou tanto que me mantive quieta, só esperando pelo que diria. – Deixo você... Ultrapassar um limite meu, e então ficamos quites.

Quase caí no chão de tão rápido que me virei. Pensei que tinha ouvido mal, porém Henrique estava muito sério. Não consegui duvidar.

– Que limite? – murmurei, já bastante interessada. A raiva foi embora como se tivessem dado descarga. Rápido e prático.

Imaginei tantas coisas em um espaço tão curto de tempo que a minha cabeça quase explodiu. Cem por cento do imaginado envolvia o Henrique amarrado à minha cama, por isso fiquei tão excitada que precisei soltar todo o ar dos meus pulmões. Aquele homem enorme estava se rendendo?

Assim, do nada? Como? Por quê?

– Não exagere, Laura. Só quero ser justo. Você ainda é o maior desafio da minha vida, não quero estragá-lo. Agi muito mal e fui inconsequente, tenho certeza de que você não ultrapassaria um limite meu contra a minha vontade. Sabe me respeitar, está respeitando o meu espaço até agora.

Blá-blá-blá. Eu já não escutava mais nada daquela ladainha.

– Diga qual é o limite.

Ele pensou um pouco.

– Deixo... Hum... Você pode amarrar as minhas mãos durante o mesmo tempo que levou toda aquela confusão lá em cima – apontou para a igreja.

Meu coração disparou.

– Ora, ora, Henrique Farias... – apoiei minhas mãos na cintura. Não pude deixar de sorrir. Aquilo era bom demais para ser verdade.

– Só amarrar, Laura. Nada mais. Não permitirei que faça qualquer outra coisa comigo. Como disse, quero ser justo. Se eu te mantive sem a sua permissão, nada mais justo do que ao menos permitir ser mantido.

Já não via a hora de aquilo acontecer. Tinha pressa, uma sede que eu sabia que era insaciável. Até me arrependi de não ter me deixado ser mantida antes. O mero resquício de arrependimento fez o meu cérebro dar um nó. Eu? Ser mantida com permissão? NUNCA.

Henrique Farias estava mexendo com a minha mente. Ele ainda jogava pesado e, devo confessar, subestimei demais a sua inteligência. Era um combatente melhor do que imaginei.

– Quando? Agora?

Ele riu.

– Preciso ir ao casamento da minha irmã, Laura. Ela vai me matar se eu não estiver lá. Pode ser depois da festa.

– Ótimo. Vá direto à minha casa e... Não tire a gravata. Estarei esperando – olhei-o de cima a baixo, parando na parte da sua vestimenta que seria usada para mantê-lo. Poderia usar uma das minhas algemas, mas aquela gravata ia me dar bem mais tesão.

– Não. Você está linda demais para ir pra casa. Vem comigo, Laura. Vamos nos divertir. Prometo que não ultrapassarei mais nenhum limite...

– Eu odeio festas – fui muito sincera.

– Então por que se produziu inteirinha? Por que veio? – franziu a testa. Estava mesmo confuso, do jeito que eu queria.

– Você me chamou e eu vim. Só.

Aquiesceu, mas claro que não se sentiu convencido.

– Topa? – perguntou logo de uma vez.

Suspirei alto.

– Primeiro, eu não bebo. Não me obrigue a fazê-lo. Segundo, não toque em mim sem permissão. Terceiro, não me apresente mais como a sua namorada – dava ênfase a cada item, gesticulando com os dedos. – Quarto, não tente nenhum outro tipo de gracinha. Quinto, esteja inteiro para ser amarrado depois da festa...

– Sexto, reserve uma dança para mim – ele me interrompeu e continuou: – Sétimo, não desminta esta história, falo sério quando digo que esse povo não me deixa em paz só porque adoro ser solteiro. Oitavo, tente não fazer cara feia. Nono, não vá embora sem mim. Décimo e último, nunca... Nunca diga que desistiu. Quero que tente ganhar este desafio, Laura. Minha vitória só terá graça se você estiver jogando – sorriu e piscou um olho.

Safado de uma figa!

– Combinado – estiquei uma mão para frente. Henrique a pegou e nos cumprimentamos sem desviar nossos olhares.

\*\*\*

A festa não estava tão ruim assim. Principalmente depois que nos sentamos à uma mesa redonda bem decorada, e a companhia não me deixou desconfortável graças a um dos irmãos do Henrique, o Luís. Ele era inteligente, divertido e bonito. Logo encontrou mil assuntos para falar comigo. Depois que descobriu que eu também trabalhava na CMD, pirou totalmente, pois estava cursando o quinto período de Engenharia Civil em uma Universidade renomada. Eu amo falar sobre o meu trabalho, amo mais ainda quando alguém está disposto a ouvir. Depois que descobriu o meu sobrenome, fiquei emocionada quando disse que já tinha lido vários artigos escritos por mim.

O garoto tinha apenas vinte e dois anos. Jane bem que podia arrumar um namorado como ele; respeitoso, educado e esforçado com os estudos. Nem precisaria mudar de nome, afinal. De Luiz Fábio para Luís Farias era um pulo curto, mas que fazia uma diferença bizarra...

O que eu estava pensando? O garoto era irmão do Henrique! Não ia dar certo se começassem a namorar; acabaria ligada ao Henrique Farias de uma forma ou de outra, coisa que não quero. Dispersei aquelas ideias mirabolantes depressa. Acho que era a preocupação com a Jane que me deixava perturbada. Não posso fingir que não me importo com ela.

Henrique pareceu achar bom o fato de eu ter me enturmado tão rápido; aceitei uma carona depois do nosso combinado, e, assim que chegamos, ele permaneceu tenso durante longos minutos, até que pegou o primeiro copo de whisky e relaxou as expressões. Ficou se balançando no ritmo das músicas que uma orquestra tocava e conversando ora com o Marcos, seu outro irmão – alto, grande e gostoso como ele –, ora com a Beatriz e o marido. Às

vezes se levantava e trocava congratulações com o restante da família, bem como tirava fotos, mas se manteve sempre por perto.

O salão de festas era exatamente como eu esperava; grande, moderno e podre de chique. Não havia dúvidas de que uma fortuna tinha sido torrada naquela festa. Achei o motivo bem banal, pois não acredito em casamentos. Pelo menos não em um feliz o bastante que valha a pena ser comemorado. Mas a vida é assim mesmo, repleta de hipocrisia. Os noivos fingem que tudo vai dar certo, nós fingimos que tudo vai dar certo e, no fim, todo mundo sabe que vai dar em merda.

Comi feito uma porca. Meu apetite estava nas alturas – acho que por saber de que precisaria de energia extra –, e o Luís não tinha cerimônia alguma. Também não bebia, então as festas, segundo ele, só valiam a pena por causa da fartura. Entrei na onda e enfiei o pé na jaca, dando adeus à dieta. Henrique me observava comer com cara de que gostava do que via. Aliás, não me lembro de tê-lo visto comendo quase nada; ele só bebia, e muito.

– Está se embebedando, Henrique Farias? – perguntei baixinho quando me levantei para ir ao banheiro. Ele estava de pé, olhando a pista de dança que ficava do outro lado do salão.

– Não espera que eu faça isso a seco, espera? – riu nervosamente.

– Não é tão ruim assim – claro que fui irônica.

Ele me olhou com profundidade.

– Já foi amarrada antes?

Fechei a cara e ignorei a sua pergunta. Impressionante como sempre tinha a capacidade de me deixar irritada. Fui ao sanitário me sentindo um pouco tonta, como se tivesse bebido tanto quanto ele. No caminho, peguei um copo com água na bandeja de um garçom.

O banheiro feminino estava bem barulhento. Passei pelas mulheres; a maioria me presenteou com um raio-X completo,

deixando-me desconfortável e ainda mais irritada. Entrei em uma cabine e tomei o meu remédio; um comprimido de Rivotril. Deixei o copo vazio em um apoio de mármore, não estava a fim de sair dali com ele nas mãos.

Depois, fiz mil e um malabarismos com o vestido para conseguir fazer xixi sem precisar encostar a minha bunda no vaso. Coisa que toda mulher detesta fazer, mas na hora do aperto vale tudo. Nem percebi que o banheiro ficava cada vez mais silencioso. Só reparei quando, do nada, comecei a ouvir apenas uma conversa:

– Viu a namorada do Henrique? – uma mulher falou do lado de fora, assim que destranquei a porta da cabine. Voltei a fechá-la de imediato e aguicei a audição. – Bonita, né?

Simplesmente não dava para saber quem estava falando de “mim”. Com aspas, porque não sou a namorada dele. Entretanto, nossa condição número sete dizia para que eu não desmentisse. Acabei fazendo até então, mesmo me sentindo uma idiota.

– É sim, mas... Sei lá, não faz o tipo dele – outra mulher respondeu.

– Por quê? O porte dela é bem centrado, combina com ele.

– De quem estão falando? – Oh, não, mais uma voz!

Prendi a respiração e levei uma mão ao peito. Ainda bem que já tinha tomado o remédio, do contrário teria um troço.

– Da namorada do Henrique, Laurene!

Bocó!

– Acho que é Laura...

– Ah, é! Laura.

– Hum... Não fui com a cara dela – definiu a terceira.

Meu estômago se contorceu. Daria a minha vida para saber quem eram aquelas estúpidas.

– Por que não? Só eu gostei dela? – a dita-cuja gargalhou.

– Não a conheço para dizer que não gosto, só não fui com a cara dela. Parece antipática. Henrique é tão divertido, sorridente... A mulher parece uma megera. Além de que nunca o vi com alguém como ela. As belezas não combinam.

– Eu nunca o vi com ninguém! – ouvi risos. – Achei até que fosse gay.

– Gay? Ah, não, ele é bem homem... Eu garanto!

Senti uma gota de suor escapar pela minha testa. Enxuguei-a com uma mão e preendi os lábios com força, quase os machucando.

– Sério, Mariana? Você e o Henrique já...?

Ouvi um barulho de porta se abrindo. Um monte de gente entrou no sanitário, acabando com o papinho ridículo. Achei que aquela era a minha deixa. Saí da cabine na maior cara de pau, sabendo que as malditas ainda estavam por ali. Fui até os espelhos e lavei as minhas mãos no lavabo. Discretamente, localizei-as através do espelho. Uma delas era uma prima que havia sido apresentada a mim. Nem me lembro do seu nome. As outras duas eu não conhecia.

O importante é que me olharam com olhos escancarados, ficaram mortas de vergonha. Fingi que nada havia acontecido. Enxuguei as minhas mãos, retoquei o batom e saí com a cabeça erguida e a expressão impassível.

Retornei à mesa e me sentei, carrancuda. Luís havia pegado um copo de suco de acerola para mim, sabendo que eu gostava. Agradei-lhe e tomei um gole, tentando melhorar o humor. Não ia adiantar fazer cara feia; aquelas vadias pensariam que eu tinha ficado abalada.

– Nossa... Eu amo essa música! – Luís começou a se remexer bastante, e percebi que estava tocando um hit da Beyoncé. – Quer dançar?

– Desculpe-me, não sei dançar – menti na maior cara de pau do mundo. – Mas vai lá, fico te observando daqui!

Ele riu e praticamente saiu correndo na direção da pista. Assim que chegou, iniciou longas séries de reboladas. Neste momento, meus planos para juntá-lo com a Jane foram para o bebeléu. Da fruta que eu usava e abusava, Luís comia até o caroço, lambendo os beiços.

Como não havia percebido?

Fiz uma careta. Nem deu tempo para refletir, senti alguém se aproximando, sentando-se ao meu lado. Era o Marcos. O que dizer dele? Vinte e sete anos, muito parecido com o Henrique; olhos azuis, cabelos despenteados, cara de cachorro sem dono. Ele não tinha a mesma elegância dos irmãos, mas a beleza era um atrativo que desviava a atenção da maioria das mulheres. A minha, não.

– E então, Laura...

Já estava ficando puta com todo mundo me tratando pelo primeiro nome. Ninguém faz ideia do quanto me irrita. Por hora, apenas o Henrique tinha permissão – mesmo que forçada – para fazê-lo.

– Hã?

– Vocês namoram há quanto tempo?

Pensei um pouco. Conhecia o Henrique há um ano ou dois, mas só por alto. Acredito que só passei a conhecê-lo “de verdade” há apenas quatro ou cinco dias. No geral, a gente mal se conhece.

– Não costumo contar – respondi simplesmente.



– Não brinca! A minha ex-esposa só faltava contar os segundos.

– Deve ser por isso que se separaram – alfinetei, desdenhosa. Estava sem paciência.

Marcos riu de um jeito meio encabulado. Senti um pouco de pena, mas passou. Um cara jovem como ele não devia ter se enforcado com qualquer mulher que fosse, mas cada um tem o que merece.

– Por essa e por outras coisas. Não quero falar nela, é meio recente. Também trabalha na CMD, não é?

– Sim.

Virei o rosto para outra direção. Ele meio que tinha se aproximado demais. Dava até para sentir o bafo de álcool exalando da sua boca.

– Hum... Você é bem bonita. Não sabia que o Henrique gostava de mulheres que não fossem loiras e brancas como leite.

Senti fumaça saindo do meu cérebro.

– Pois é... – murmurei.

Avistei o Henrique se aproximando e, antes mesmo que eu lhe mandasse um olhar de frustração, acelerou o passo. Ofereceu-me uma mão assim que nos alcançou, porém fitou o irmão seriamente. Peguei-a sem pensar duas vezes e me levantei pedindo uma licença forçada.

– Vamos dançar? – ele se inclinou para perguntar no meu ouvido. Soltei sua mão.

– Eu não danço.

– A condição número seis diz que uma dança seria reservada a mim.

– E a número quatro diz para você não tentar nenhuma gracinha.

– É só a porra de uma dança, Laura! – grunhiu asperamente. Afastei-me um pouco para observá-lo; estava muito estranho.

Resolvi ignorar. Olhei para o outro lado e esperei. Ele se aproximou de novo, desta vez quase encostando os lábios ao meu ouvido:

– Odeio não poder te tocar.

Observei-o novamente, tentando controlar arrepios que teimaram em percorrer a minha pele. Ele estava tão estranho! Não consegui identificar a diferença, mas estava ali, em algum lugar.

– Ótimo. Uma dança, mas eu conduzo – falei.

Henrique gargalhou alto.

– Enlouqueceu, Laura? Quem já viu uma dança com a mulher conduzindo? Você é bizarra! – sua voz saiu meio trôpega, e então entendi porque estava tão diferente; Henrique Farias estava bêbado.

– Então dançamos separados. Escolha.

– Não sei o que fizeram contigo, mas precisa de tratamento. Não há nada em você que não cheire a problema.

Ódio puro foi o que senti diante daquelas palavras.

Do nada, algumas luzes se acenderam e pude visualizar os noivos no centro da pista de dança, chamando as pessoas para mais perto. Avisaram que iriam começar a valsa.

Henrique e eu nos aproximamos do centro devagar. Não falamos mais nada. Fiquei de boca fechada, pois se começasse a falar com aquele ódio tão forte corroendo o meu intestino, acabaria armando o maior barraco.

Ele se manteve ao meu lado, um pouco atrás de mim.

O noivo segurava um microfone. Assim que os convidados fizeram um grande círculo ao redor deles, começou um breve discurso. Exaltou o quanto estava feliz, agradeceu a presença de todos e, aos embalos de uma música bem lenta – que até fez alguns casais se beijarem –, narrou uma verdadeira declaração de amor para a Natasha, a bela irmã mais nova do Henrique. Ela estava encantadora vestida de noiva.

Cada palavra do discurso fez um pedaço de mim cair ao chão. Quando a tortura acabou, reuni-os, encaixei o quebra-cabeça e me liberei da pior sensação que já senti na vida; a de estar estupidamente errada. Não podia me deixar levar pela cegueira dos sentimentos alheios. A única verdade é que o amor não passa de conveniência.

– Laura?

Apenas o desejo é sincero. Ninguém consegue fingir desejo, mas fingir amor é muito fácil. Qualquer idiota finge e qualquer idiota cai.

– Laura?

As pessoas precisam entender que não devem se deixar levar pelo que os outros dizem, sobretudo as mulheres. Estou cansada do cenário repetitivo; por que o homem tem que sempre estar à frente? Por que pode tudo? Por que as mulheres nunca podem nada? Aceitam qualquer negócio em troca de atenção.

– LAURA?

– Hã? – levei o maior susto. Henrique me olhava de um jeito esquisito.

Voltei a me concentrar na festa, e percebi que os noivos já valsavam. Alguns casais ao nosso redor também começaram a dançar, sobrando apenas o Henrique e eu. Acho que todo mundo que era solteiro – e que não fingia namorar alguém – meio que se afastou.

– Respeitando a condição número dois... Posso te tocar e, se possível, conduzir esta valsa?

– Por que os homens sempre conduzem a dança? – perguntei baixinho. Acredito que ainda pensava na guerra dos sexos e nas relações de gênero.

Henrique sorriu lindamente.

– Porque a mulher conduz todo o restante.

Sua resposta me fez corar. Nem me pergunte como aconteceu, mas tudo ficou muito quente. Henrique deixou seu corpo muito próximo. Ergui as minhas mãos lentamente. Uma delas encontrou a sua, já a outra se apoiou em seu pescoço. Senti quando me puxou, de leve, pela cintura. Nossos corpos se uniram totalmente.

– Foi sério o que acabou de dizer? – resolvi perguntar. A dúvida estava me matando. – Ou é um dos seus joguinhos?

Começamos a nos mover com lentidão. Ficamos totalmente fora do ritmo da valsa, mas nenhum de nós se importou.

– Presta atenção, Laura... Um homem só é um homem por causa de uma mulher. Cuidamos de vocês, damos carinho, sustentamos... Fazemos tudo porque, no fundo, são vocês que comandam. Seu feminismo grosseiro é infundado...

– Claro que não é. E não sou feminista. Não saio queimando meus sutiãs.

O som da sua risada me fez prender a respiração.

– É sim. Além de uma boa dominatrix.

Aceitei aquilo como um elogio. Só então me lembrei de que ele estava bêbado, nem se lembraria de tudo no dia seguinte. Observei seu rosto de perto; estava avermelhado pelo álcool.

– Você é um péssimo dominador – retruquei, mas a minha voz saiu mais doce do que planejei.

Henrique riu novamente. Ele se inclinou, fazendo seu corpo enorme me envolver por inteira. Sussurrou ao meu ouvido:

– Deve achar isso porque nunca entrou no meu quarto.

Não consegui responder nada por longos minutos. As pessoas começaram a aplaudir, e só então percebemos que a valsa havia terminado. Henrique se afastou depressa e pegou um novo copo de whisky com um garçom.

Voltei a me sentar à mesa, ignorando a hora da noiva jogar o buquê. Não tinha coisa mais deprimente do que assistir a um bando de mulher se esgoelando para conseguir a chance de passar o dia na beira do tanque, ou de servir cerveja ao marido barrigudo em dias de jogo. Eu tentaria pegar o buquê se ele significasse um alto cargo em uma empresa, ou se fosse uma bolsa de doutorado ou até mesmo passagens para uma viagem à Europa com tudo pago. Faria bem mais sentido.

Luís estava de volta, animado e disposto a conversar sobre Construção Civil. Passava da meia-noite, mas nunca me cansaria ou enjoaria de uma boa conversa. Passamos horas falando, falando e falando. Comemos tudo o que os garçons nos serviam. Pela primeira vez em muito tempo, senti que estava me divertindo.

Eram quase duas horas da manhã quando o Henrique, vindo de não sei onde, se sentou ao meu lado. Estava ainda mais bêbado, agora era inegável. Claro que fiquei absolutamente possessa.

– Você devia estar inteiro! – falei quando o Luís decidiu ir ao banheiro.

– Eu... estou. Vamos... embora? – o cara mal conseguiu falar!

– De jeito nenhum! Não vou a lugar algum com você assim.

Henrique fez careta.

– Deixa de ser chata uma vez na vida, Laura. Estou inteiro, *vambora!* Em nenhum momento eu disse que estaria lúcido quando

fosse amarrado. Na minha casa ou na sua? – balançou as chaves do carro.

Puxei-as de suas mãos. Olhei para os lados; Beatriz havia mudado de mesa e Marcos já tinha ido embora. O jeito foi esperar o Luís voltar. Quando finalmente se sentou ao meu lado e lhe perguntei se poderia levar o Henrique, informou-me que tinha sido reprovado duas vezes na baliza e tinha desistido, por hora, de aprender a dirigir decentemente.

– Não acredito que vai me fazer dirigir, Henrique Farias – rosnei, queimando de ódio.

– Qual o problema? Não era você quem gostava de conduzir?  
– riu.

Fiquei séria. Não tinha graça.

Luís me ajudou a colocá-lo dentro do carro, com muito custo. Henrique era pesado e estava completamente entregue. Seus pais vieram perguntar se estava bem e resolvi deixá-los tranquilos. Não queria que deixassem a festa da filha para socorrer o filho bêbado. Isso não existe.

Eu realmente não sabia se tirava uma foto para rir dele depois ou se morria de raiva. Era um misto insuportável de ser sentido. Luís se ofereceu para ir conosco, mas sua carinha de quem rezava para ser dispensado me fez rejeitar a oferta. Ele era legal, não merecia curar pileque de ninguém.

Além do mais, Henrique ia se ver comigo.

Dei partida no veículo, morrendo de pavor. Um medo horrórico. Dirigir é como andar de bicicleta; é difícil esquecer depois que se aprende, embora a falta de prática seja um empecilho.

O carro dele era moderno e com câmbio automático, o que facilitou demais a minha vida. Mesmo assim, não conseguia parar de pensar que o perigo de eu estar no volante talvez fosse maior de que se o Henrique estivesse dirigindo bêbado. Ele foi tagarelando

durante toda a viagem, falou tanta merda que não sei como o carro não começou a feder. Ignorei tudo, claro. Concentrei-me na pista. Pensei em levá-lo para a minha casa, mas não queria chegar lá daquele jeito. Acabei dirigindo até a casa dele. Sabia o endereço, mas Henrique fez questão de me ajudar a chegar lá.

Ele morava em um conjunto residencial bem bacana. Não chegava a ser luxuoso, mas as construções eram bem estruturadas. Identificamo-nos na portaria e seguimos. Paramos de frente a uma casa sem muros, era a dele. Foi complicado demais tirá-lo de dentro do carro, o cara não facilitava de propósito. Tive que ameaçar muito para que fizesse uma forcinha e reagisse.

Andou tropegamente até a entrada e se enrolou com as chaves. Fiquei esperando que abrisse a porta, indignada. Henrique finalmente conseguiu destrancá-la e saiu correndo, subindo umas escadas que ficava logo na frente, estilo bem americano. Pensei que fosse cair de cara no chão com a rapidez, mas conseguiu chegar ao primeiro andar sem um arranhão.

Otário. Que ódio!

Fechei a porta atrás de mim e, só então, observei a sua casa. Bonita, apesar de meio desorganizada. Não era tão grande, mas cada ambiente estava bem pensado e decorado. A maioria dos móveis parecia antiga. A sensação era de estar em uma casa de campo ou algo assim, ainda mais por causa da sala com paredes de alvenaria.

Subi as escadas devagar, incomodada com os saltos. Na metade, decidi tirá-los. Pendurei-os entre os dedos e terminei de subir. Passei por duas portas fechadas e entrei na única que estava aberta, e com a luz acesa.

Henrique tirava o cinto e desabotoava a calça. Já tinha se livrado do terno e da camisa, deixando seu tórax perfeito à mostra. Fiquei parada rente à porta, admirando a paisagem. Minha nossa... Não fazia ideia do que aquele homem guardava dentro do terno. Ele

não somente era grande como todo dividido. O peitoral era enorme, um desenho curvilíneo perfeito. Os pelos que o cobriam só atiçaram os meus hormônios. Já os braços... Precisei até tomar fôlego para compreender o quanto eram enormes. Diante de mim, havia um homem com o maior H do mundo inteiro.

Sua calça caiu no chão, e ele a chutou de maneira desengonçada. Observei suas pernas malhadas, composta por coxas grossas de aspecto rígido. Quando ele ia tirar a cueca, precisei desviar os olhos. Tinha recebido informações demais. Estava beirando a loucura só com o que consegui visualizar, imagina com o restante?

Só entrei no quarto quando percebi que ele havia entrado por outra porta, que supus que fosse a do banheiro. Além daquela, também tinha mais uma, e fiquei imaginando se seria a do seu quarto especial. Provavelmente sim. Fiquei curiosa demais para conferir, porém ignorei a vontade. Não seria prudente invadir a sua intimidade, ainda mais estando naquela condição.

Sentei-me na sua cama enorme, com lençóis desferrados. O quarto estava em uma espécie de bagunça organizada. Poderia ser pior, visto que era um homem solteiro e ocupado. O cheiro dele exalava por cada pedacinho daquele lugar.

Henrique voltou dois minutos depois, completamente ensopado e enrolado de um modo fraco em uma toalha branca. Ela estava quase caindo ao chão. Temi que acontecesse. Chacoalhou o cabelo para trás e pulou em cima da cama com tudo. Acompanhei cada movimento seu, sentindo-me desnorteada no terreno inimigo.

– Pronto... Vai logo antes que eu desista! – disse tropegamente, com aquela voz desafinada típica de bêbados.

– Nem pensar. Sem chance.

Ele me encarou, apoiando os cotovelos no colchão.

– Desistiu?



– Cale a boca. Não vou te amarrar assim.

– Por que não? Estou aqui, entregue, do jeito que você quer. Pode me amarrar – ergueu as mãos para cima e continuou me olhando esquisito. Reparei que a cabeceira era toda gradeada, típico de qualquer dominador que se preze.

Levantei-me devagar e, mais devagar ainda, fui retirando o zíper do meu vestido. Queria torturá-lo. Henrique abriu bem os olhos, meio sem acreditar no que via. Deixei o tecido cair no chão, exibindo a minha lingerie vermelha mais poderosa, com direito a meias e cinta-liga.

Ele mordeu os lábios e impulsionou o corpo para frente, levantando-se.

– Fique onde está – ordenei.

Henrique parou e me encarou com olhos vidrados.

– Cacete, como estou bêbado! Tem duas Lauras na minha frente, ambas gostosas, e não consigo raciocinar! – praticamente gritou, agitando-se sobre o colchão.

Passei as minhas pernas pela cama e me ajoelhei em cima dela.

– Você perdeu tudo esta noite – apontei para mim mesma. – Por causa de sua burrice. Não vou te amarrar assim. Sequer vou te tocar. Afaste mais para lá – gesticulei, deitando-me.

Ele se afastou, mas continuou olhando fixamente para o meu corpo com a boca aberta, que complementava a sua cara de besta. Quase ri da sua cara.

– O que está fazendo...? – murmurou baixinho e, mais uma vez, tentou se aproximar.

Precisei espalmar a minha mão sobre o seu peito másculo, impedindo-o.

– Vou esperar até que fique lúcido, pensa que vou desistir do que tenho direito? Não encoste em mim até lá.

– Laura... – segurou a minha mão que lhe empurrava.

– Solte – mandei.

Ele soltou e se afastou.

– Não acredito... Porra, vocês me deixam louco! As duas! – apontou para mim e para a segunda Laura, que só existia em seus delírios alcoolizados.

– Relaxa aí – murmurei, já me sentindo a vontade. Sua cama era espaçosa e confortável.

Aprimei um travesseiro, peguei um dos lençóis, que tinha o seu cheiro impregnado, e me virei de costas, tomando o cuidado de deixar, por alguns minutos, o meu traseiro descoberto. Tinha plena consciência do meu fio-dental.

Ouvi um longo suspiro e um palavrão. Pude até sentir o calor de suas mãos tentando se aproximar, mas desistindo de me tocar no último instante. Ri em silêncio.

Henrique Farias já estava fígado e nem sabia disso.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

Acordei lentamente. Meus olhos doíam, bem como todo o meu corpo. Ainda estava tonto pelo excesso de álcool da noite passada; acho que exagerei. Segui cambaleante até o banheiro e lavei o meu rosto. Olhei-me no espelho. Estava despenteado, mas só. Pensei que ficaria mais acabado do que aquilo. Escovei os dentes, tentando me lembrar do que havia acontecido na noite passada. Como fui parar em casa? Não me lembrava de ter dirigido. E a Laura? Com certeza ficou com raiva e me deixou sozinho.

Meio desnortado, fui voltando para a minha cama. No último instante, percebi uma porta aberta. Alguém havia invadido o meu quarto BDSM. Dei um pulo e corri até lá assustado, pensando que talvez alguém da minha família estivesse mexendo nas minhas coisas. A situação ia ficar, no mínimo, constrangedora.

Assim que entrei ofegante, Laura Diniz gritou de susto, jogando para os ares um chicote de cinco tiras, a minha compra mais recente.

– O que faz aqui? – perguntei meio confuso. Só depois reparei em seus trajes: Laura usava uma lingerie vermelha estupidamente sexy por baixo de uma camisa cinza de botões, que pertencia a mim. Apenas um botão, localizado na altura da sua barriga, estava fechado.

Prendi os lábios. Ela pareceu se recuperar do susto e ficou parada, olhando-me como se também me admirasse. Percebi que estava completamente despido.

– Da... dando uma... olhada... – respondeu baixinho, ainda me analisando com aqueles olhos amarelos, um ponto de luz incrível que quase me fazia desviar a atenção do seu corpo escultural.

Um tesão fora do comum deixou o meu corpo pegando fogo. Entrei no lugar mais divertido da minha casa e fechei a porta atrás de mim, bem devagar, sem deixar de encará-la. Desliguei a luz no interruptor ao lado da porta. Ficamos no completo escuro por alguns segundos, até que liguei a iluminação especial. Era sombria, com tons avermelhados. O corpo da Laura se adaptou perfeitamente à luz. Sombras fabulosas deixaram suas curvas ainda mais incríveis.

Achei que estivesse diante de uma deusa.

– O que está fazendo? – perguntou-me. Parecia amedrontada, coisa muito rara. Minha excitação só fez aumentar com seu tom de voz suave, quase submisso.

Ignorei a sua pergunta e caminhei lentamente até o armário atrás dela. Havia um aparelho de som embutido bem ali, resolvi ligá-lo. Uma melodia sensual se fez presente. Era uma coletânea que havia encontrado há algum tempo, e desde então compunha a trilha sonora dos meus momentos dentro daquele quarto.

– O que está fazendo, Henrique Farias? – sua voz agora era quase chorosa.

Virei-me em sua direção. Já sentia o meu corpo inteiro preparado. Tinha certeza de que até o meu olhar estava pronto, havia se modificado para ser tudo o que mais desejava ser e que, ali dentro, eu podia sem culpa. Aproximei-me devagar. Achei que Laura Diniz fosse recuar e sair correndo, mas ela continuou me olhando, levantando a cabeça mediante eu ficava mais perto. Parei bem na sua frente.

– Já sei bem como você faz; é daquelas que só sabem dominar com palavras – falei duramente. – Agora vou te mostrar como *eu* faço.

Lentamente, ergui uma mão e alisei o botão que prendia a minha camisa em seu corpo. Laura permaneceu parada, muda, com um olhar amedrontado que nunca pensei que veria nela. Desfiz o botão e, percorrendo as minhas mãos até a gola, fui retirando a vestimenta. O tecido escorreu sensualmente, deixando-a exibida. Estava mais linda do que nunca.

Soltei um breve suspiro de desejo, consciente de que o meu pau já estava ereto, quase se encostando ao umbigo dela. Dois ou três centímetros nos separavam. Eu não tinha pressa alguma. Estava tranquilo, decidido, firme. É assim que este meu lado age. Com concentração e astúcia, buscando a perfeição, o auge da sublimidade do desejo.

Afastei só um pouquinho para admirá-la melhor; estava descalça, as pernas desenhadas por meias finas, vermelhas. Ela era tão pequena, tão vulnerável. Tudo o que já havia me dito desde

então pareceu ridículo. Como podia ter me assustado com alguém tão indefesa? Sua ladainha podia causar efeito, mas seu corpo foi feito para ser manejado, submetido. A pele achocolatada foi feita para ser tocada, experimentada de todas as formas. Aqueles olhos foram criados para implorar. A boca, sempre vigorosa, inteligente e suja, pedia aos berros por um longo beijo. Um beijo devorador.

Precisei me curvar bastante para ouvir aqueles gritos ensurdecedores. Apoiei as minhas mãos espalmadas na sua cintura fina e a trouxe para a minha boca. Tinha sede. Aquele beijo havia sido esperado até demais. Chegava o momento de roubá-lo, obtê-lo, fazer com que pertencesse apenas a mim.

Seus lábios grossos cederam de encontro aos meus, que estavam rígidos e precisos. Pressionei o seu corpo no meu, unindo-nos, sentindo todo o meu vigor tomar forma e explodir em um beijo ardente, o melhor que podia oferecer a uma mulher como ela. A uma mulher que eu desejava tanto que chegava a me enlouquecer de verdade.

Devorei os seus lábios, o seu corpo, o seu espírito, deixando a minha língua dançar no céu da sua boca. Laura Diniz tinha um gosto divino, um sabor de urgência, de insuficiência. Apenas beijá-la não era o bastante, no entanto, a sensação era tão gostosa que foi quase impossível parar.

Em condições comuns eu não saberia se conseguiria suportar o restante. Mas ali era o meu lugar. O meu mundo. Meu habitat natural, onde sou o rei. Eu decido quando parar ou quando continuar. Decido cada detalhe do que acontece, e me sentia tão miseravelmente bem com isso que precisei controlar um sorriso de satisfação. Laura não passava de uma mosquinha. Um bichinho indefeso facilmente exterminável.

Subi as minhas mãos e as deslizei no tecido rendado de seu sutiã. Laura ergueu os braços, como se permitisse o meu toque. Depositou-os na minha nuca e intensificou ainda mais a entrega ardente do nosso primeiro beijo. Abri o sutiã lentamente, adorando a

sensação de vê-lo cedendo, libertando-a. Mesmo sem querer de verdade, afastei nossos lábios e arrastei Laura Diniz para uma parede estofada, perto de onde ficava a minha Cruz de Santo André. Puxei o seu sutiã para frente, e ela movimentou os braços para ajudar a retirá-los. Joguei-o fora.

Sem demora, minhas mãos urgentes encontraram seios espetaculares. Eram pequenos como ela, mas de uma singeleza que me deixou maluco. Era como se eu estivesse pegando em uma boneca de pano ou algo assim. A diferença era que eles se mantinham firmes, mesmo possuindo maciez e certa elasticidade, percebi quando puxei uma ponta com força e ela se esticou facilmente, arrebitando-se. Laura soltou um gemidinho que quase me fez arrancar sua calcinha e fodê-la de todo jeito, sem parar para raciocinar, sem jogos, brinquedos, sem porra alguma.

Eu sabia que não sairia daquela totalmente inteiro. Laura me matava, eu a desejava como o ar que respiro. Algo fundamental que já fazia parte da minha existência. Aquele desejo enraizado era um mal, mas que poderia ser usufruído de um jeito muito bom. Bom demais. E eu sei que cairia de cabeça na piscina da excitação, não importando o que poderia nos aguardar no futuro. Naquele instante, só existia ela, o desejo e eu; nós três não queríamos deixar o momento passar despercebido.

Curvei-me ainda mais e deixei a minha boca devorar aqueles seios. Ela era tão pequena que precisei levantá-la, apoiando-a na parede. Laura Diniz se encontrava tão permissiva – estranho demais ainda não ter dito nenhum desaforo – que abriu as pernas grossas e, com elas, abraçou-me pela cintura. Meu pau se chocou contra o tecido da sua calcinha, provocando-me, atijando-me, colocando mais lenha numa fogueira já vívida.

– Ah... Henrique... – delirou, e senti seu hálito massagear o meu cabelo.

Não pedi para que me chamasse de senhor, mas aquilo me incomodou. Suas mãos ainda me seguravam pela nuca como se

implorasse por algo que ela nem sabia o que era. Eu sabia perfeitamente.

Apertei as minhas mãos na sua bunda, que, ao contrário dos seios, era grande. Pode parecer desproporcional, mas acredite em mim quando digo que não era. Laura era um verdadeiro violão, e meu dever era dedilhá-lo, compor as músicas mais sensuais já criadas pelo homem.

– Você é tão gostosa – rosnei entre seus seios, passando a minha língua neles em um movimento comprido, que explorava toda sua extensão. – Tão saborosa... Hoje eu vou te devorar, Laura Diniz. Vou te fazer minha, e você nunca vai se esquecer do que posso fazer.

Ela me respondeu com um gemido fraco, porém comprido. Não via a hora de conhecer a Laurinha. Seríamos perfeitamente apresentados, e tenho certeza de que ela gostaria de mim. Na verdade o meu objetivo era fazê-la se apaixonar, implorar, exigir a minha presença constante. Seria seu dono.

Puxei Laura com jeito. Iniciei um longo beijo e nos afastei da parede. Joguei-a na cama descomunal daquele quarto, com direito a dossel e lençóis de seda vermelha. Adorava aquela cama, era de madeira antiga, adquirida em um antiquário luxuoso. Ela havia pertencido a uma família nobre do período colonial. De longe, o artigo mais caro daquele quarto.

Laura gemia entre os meus lábios, o que acabou nos afastando. Arfou alto e tentou respirar, e só então percebi que também estava sem fôlego. Meu corpo queimava sobre o dela, mal permitindo que me demorasse. Mas eu precisava de um tempo. Queria me apresentar como um cavalheiro.

Segurei as suas mãos e as tirei da minha nuca. Coloquei seus braços por cima dela e a encarei para verificar a sua reação. Laura Diniz odiava que eu a tocasse, ser mantida daquele jeito tão óbvio a deixaria possessa, sei bem disso. Estava preparado para um

embate, mas a maldita apenas me encarou com olhos desejosos e quase infantis. Beijeí seu olho direito, mal dando tempo para que o fechasse.

– Seus olhos são... – tentei encontrar um bom adjetivo, porém não consegui. A beleza estava longe de qualquer padrão traduzido em palavras.

Precisei me erguer um pouco, por isso deixei as minhas pernas ao redor da barriga dela, deixando-a sem saídas. Suas mãos continuaram para cima, mesmo quando as libertei. Inclinei-me até borda da cama e consegui localizar a primeira corrente, que ficava enrolada em cima do colchão e embaixo de almofadas macias. Curvando-me para o lado oposto, achei a segunda. Havia seis naquela cama, mas só duas, por enquanto, estariam de bom tamanho.

Peguei um de seus braços e a encarei. Laura estava com os olhos fechados e os lábios trêmulos. Não reagia, mas senti um pavor tão grande exalando de sua expressão que tive certa pena. Lembrei-me da matéria, do cativado, da violência pela qual outrora passou. Ela estava confiando piamente em mim, sentime na obrigação de tranquilizá-la.

– Laura... Eu prometo que não vou te machucar – falei, muito sério. Eu realmente queria machucá-la, mas não o faria por respeito ao que viveu. Ela abriu os olhos e fez uma careta de medo. Percebi lágrimas se formando, e me inclinei para lhe beijar o outro olho. – Fica tranquila. Confia em mim. Você confia?

– Con... Confio... – disse, hesitante.

Larguei a corrente e voltei a me encaixar entre as suas pernas. Olhei-a nos olhos. Ela desviou o rosto, o que me deixou irritadíssimo.

– Olhe para mim.

Obedeceu.



– Eu não vou te machucar. Juro. Certo?

Balançou a cabeça, aquiescendo. Suspirou profundamente e pareceu relaxar um pouco.

Voltei a me concentrar nas correntes escuras. Elas terminavam em argolas de ferro similares a algemas. Eram artigos bem antigos também, do tempo da escravidão. Precisei fazer algumas adaptações, mas a corrente em si era original. Cara pra cacete.

Prendi a mão esquerda da Laura, deixando-a bem firme, porém sem machucá-la. Se ficasse quieta, nem marcas ficariam. Uma sensação gostosa de dever cumprido se instalou na minha mente assim que percebi que estava no comando. Nem sabia que andava tão preocupado, mas sentia-me leve, como se tivessem me tirado um peso enorme das costas. Deixei sua outra mão bem presa e me ergui, ajoelhando no colchão, tendo Laura bem diante de mim.

Vulnerável, gostosa, submetida, minha.

Tornei a depositar o meu corpo sobre o seu, encontrando facilmente o caminho para a sua boca deliciosa. Beijei-a com ainda mais vontade – se é que isso era possível – e fui escorrendo os meus lábios pela sua pele da cor do pecado. Minhas mãos navegaram livremente pelo seu corpo, deixando-o ainda mais entregue, rendido aos meus domínios. Mordisquei as duas pontas dos seus seios e os lambi até me faltar saliva, embalado pela música tranquila e pelos gemidos que Laura soltava.

Aos poucos, guiei uma mão afoita até a renda da sua calcinha escarlate. Laura Diniz estava tão molhada que a calcinha já se encontrava ensopada e muito, muito quente. Quase pirei de tanta excitação. Fui me abaixando devagar, tirando os lábios dos seus seios para lhe beijar a barriga e o ventre. Dei uma mordida abaixo do seu umbigo. Foi mais forte, e ela gemeu gostosamente.

Com uma mão, abri as suas pernas ao máximo, pressionando-as contra o colchão. Usei a outra mão para massagear a Laurinha

por cima da renda ensopada. Laura gemeu e se contorceu um pouco. Percebi que havia feito força na corrente.

– Não se agite, vai se machucar se tentar se libertar. Fiz uma promessa, então não faça isso de novo - alertei roucamente, morrendo de desejo. Meu rosto estava quase encostado à Laurinha.  
– Certo?

Em condições normais eu não teria sido tão compreensível. Fazia aquilo por se tratar dela, sabia que estava em uma situação delicada. Laura chacoalhou a cabeça, concordando comigo. Seu jeito permissivo demais me deixou confuso; será que estava esperando uma deixa para aprontar alguma?

Não fazia ideia. Só sabia que aproveitaria cada instante.

Passei a minha língua demoradamente pelo tecido da calcinha. O sabor dela acabou vindo na minha boca, mesmo que muito pouco. Laura gemeu alto, e contive a minha vontade de gemer também. Minha satisfação só fazia aumentar. Afundei o meu rosto nela e inspirei profundamente o seu cheiro. Era característico e, por ser assim, delicioso. Sou um fã natural.

Aos poucos, fui colocando uma mão por dentro. Estava tão ensopada que meus dedos se lambuzaram de imediato. Afastei a calcinha para o lado, louco para conhecê-la de vez. Vi só uma parte, não o suficiente. Queria mais. Queria cada detalhe.

Fechei as suas pernas com cuidado e retirei a calcinha. Ela me ajudou com o movimento, voltando a abrir as pernas de novo, de um jeito louco que nunca tinha visto uma mulher fazer. Ajoelhei-me na cama e fiquei observando a Laurinha exposta, toda aberta só para mim. Maravilhosa. Perfeita.

Estava totalmente depilada, apenas com uma faixa de pelos curtos em cima. Confesso que não costumava sair com mulheres negras, não por preconceito ou preferência, mas nunca havia tido uma boa oportunidade. Foi diferente observar a sua cor, tão distinta de todas as outras que já tinha comido. Fiquei tão admirado, e até

mesmo abobalhado, que Laura começou a se agitar com as correntes.

Ergui-me e olhei em seus olhos, achando que fosse morrer. Como podia me sentir tão atraído? Era demais, fugia de qualquer compreensão. Nada nela me deixava indiferente; absolutamente tudo me tirava do sério, começando pelo seu gênio e personalidade estúpida. Provar de seu beijo foi divino, beijar seu corpo estava sendo esplêndido. Só conseguia querer mais, como se, no fundo, quem tivesse que implorar por ela fosse eu.

Deitei meio de lado na cama e dei um selinho na Laurinha. Laura contorceu o ventre, gemendo alto com sofreguidão.

– Você é minha – murmurei entre lambidas curtas e beijos estalados.

– Henrique... – Laura chorou.

A demora estava irritando a mim mesmo, de modo que comecei a sugá-la com força. Chacoalhava a cabeça vez ou outra, fazendo-a gemer. Usei a minha língua em toda sua extensão, beijei cada pedaço, cada partícula do que tanto almejei nos últimos dias. Em alguns instantes, cheguei a não acreditar no quanto havia sido fácil.

Quase morri de vez quando, movimentando seu quadril contra a minha boca, Laura soltou um grito que foi quase um rosnado. Segundos depois, ofereceu-me o líquido do seu prazer. Suas pernas trêmulas me deixaram louco. Achei que nada poderia ser mais belo do que vê-la gozando em mim.

Continuei estimulando o seu clitóris com agilidade. Laura tentou fechar as pernas, mas usei as mãos para mantê-las bem abertas, formando um ângulo de cento e oitenta graus. Chupei-a com ainda mais força, uma rapidez que nem eu conseguia entender. Seu gosto surgia em doses cada vez maiores quando um segundo orgasmo foi irrompido, enchendo-me de satisfação.

Laura respirava forte quando finalmente me ergui. Lambi os lábios, lembrando-me de nunca mais esquecer aquele gosto. Beijei a sua boca mais uma vez, permitindo que sentisse o seu sabor através da minha. Ela correspondeu com ainda mais necessidade, como se até então estivesse em dúvidas se era certo ou não me beijar sem culpa.

– Eu quero você... – sussurrou entre meus lábios. Achei que tivesse ouvido mal.

– Fale novamente – mandei. Meu coração batia acelerado.

– Eu quero você, Henrique Farias... Quero tê-lo em mim – era estranho observá-la falando comigo de uma maneira tão suave.

Prendi os lábios e senti meus olhos queimarem de excitação. Não queria que a Laura apenas me pedisse. Queria que implorasse, porém tinha outros meios de fazê-la implorar que não através das palavras.

– Espere aqui e continue confiando em mim – fui taxativo, dando-lhe um selinho demorado.

Caminhei até alguns armários e, já sabendo onde cada item se localizava, fui pegando as coisas que mais me interessava. Não queria assustá-la muito, só um pouquinho. Também descartei tudo que pudesse machucá-la de um modo mais sério.

Voltei para a cama lentamente; não me cansava de vê-la vulnerável, entregue a mim. Finalmente havia conseguido! Havia sido tão simples... Tão natural! Laura estava quietinha, observando as correntes que caíam do dossel com bastante concentração. Seu peito subia e descia com força, ainda estava bem ofegante.

Aproximei-me e despejei os itens na cama. Ela nem olhou para eles ou para mim, continuou observando as correntes. Peguei uma coleira presa por uma corrente de prata. Era um dos itens que mais gostava de usar, claro que precisava colocá-la na Laura.

Tornando a envolvê-la com o meu corpo, dei-lhe um longo beijo e estiquei o couro da coleira entre os meus dedos.

– Fique calma. Não vou apertar muito – alertei seriamente.

Ela fechou os olhos e apenas esperou que eu terminasse. Deixei a coleira realmente bem folgada, como uma gargantilha. Enrolei a corrente no meu pulso e só depois comecei a retirar as que prendiam os seus braços. Laura não se moveu quando se libertou. Permaneceu muda, quieta, olhos fechados e respiração forte.

– Você não vai se arrepender de ser minha – sussurrei em seu ouvido, e ela soltou um gemido fraco como se consentisse com o que acabei de falar.

Beijei a sua boca mais uma vez. Acredito que nunca me cansaria de sentir o seu sabor, era perfeito. Seus lábios dançavam levemente contra os meus, ambos se encaixavam, davam-se bem. Sabia que encontraria esse tipo de harmonia com a Laura, algo forte dentro de mim dizia que cada gesto nosso seria acompanhado por uma química indestrutível.

Puxei-a pela coleira de leve, enquanto me erguia e fazia com que se levantasse. Laura veio junto, um pouco amedrontada. Peguei-a pela cintura com a outra mão e a conduzi até uma das cadeiras que mandei fazer. Aquela era ampla e meio baixa, porém individual, e após o encosto havia um espaço plano igual ao lugar onde se senta. Observando-a lateralmente, parecia-se com o formato da letra “Z”, só que escrito ao contrário.

Colocando um pouco mais de força, fiz Laura apoiar seus joelhos no lugar do assento e a inclinei devagar, obrigando-a a apoiar os braços estirados na superfície de cima. Sua bunda linda ficou exposta, empinada. Ela aceitou a posição com tanta naturalidade que foi difícil acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo. A iluminação avermelhada deixou seu corpo ainda mais fantástico naquela posição irresistível. Fiquei louco.

Passei as minhas mãos pelas suas costas sem pressa. Senti sua pele quente arrepiando aos pouquinhos, recebendo o meu toque com permissividade. Parei em suas nádegas e a apertei com força. Muita força mesmo. Laura abaixou a cabeça, apoiando-a nos braços, e gemeu baixinho. O mais legal é que não ousou se mexer. Como qualquer uma das melhores submissas que já tive.

Peguei algumas tiras grossas de couro, que havia deixado em cima da cama. Minhas técnicas que bondage são sofisticadas, porém não queria assustar a Laura, fazendo-a se sentir desconfortável ou presa demais. Aquele teria de ser um processo lento, que evoluiria mediante a sua confiança em mim aumentasse.

Retirei as meias que ainda vestia bem devagar, distribuindo mordidas leves. Primeiro preendi as suas pernas. Havia argolas de ferro exatamente para este fim na parte inferior da cadeira. Alisei bastante o seu corpo durante o processo, tentando deixar a sensação de segurança sempre constante. Não fiz nós tão apertados quanto queria, porém as tiras ficaram firmes, prenderam-na de um jeito que não permitia que se mexesse. Beije seus pés e lhe mordi alguns dedos. Laura gemia, mas se mantinha quieta.

Puxei a coleira e Laura curvou a cabeça para trás, acabou se inclinando tanto que precisou se ajoelhar totalmente. Encontrei um espaço bem atrás dela, encostando o meu pênis latejante no seu rabo. Inspirei o seu cheiro depois que encontrei um espaço para o meu nariz abaixo de sua orelha. Uma mão a alisava com cautela, até que descí pela sua nádega e, arriscando-me, ofereci-lhe um tapa razoável. Ela gritou.

O ruído que invadiu o quarto fez o meu corpo vibrar. Fechei os olhos e beijei seu pescoço, sentindo o verdadeiro prazer tomar conta do meu corpo. Agitei a corrente da coleira e me afastei. Dei a volta na cadeira, e Laura tornou a se empinar, colocando os braços para frente. Ficou de quatro. Peguei mais duas faixas de couro e preendi as suas mãos com mais força do que os pés.

Assim que terminei de prendê-la, encaixei-me novamente atrás dela. Minhas mãos prenderam a sua bunda, incitando-a, estimulando-a. A extensão de suas duas aberturas foi bem explorada pelos meus dedos ávidos. Ela continuava quente e muito molhada, pronta para me receber. E ela teria de me receber por completo, até o talo.

Laura gemia muito com os meus movimentos. Tanto que decidi por pegar uma faixa vermelha; passei-a pela sua boca e a preendi na nuca. Agora ela teria de ficar caladinha e imóvel. Só de saber que finalmente havia calado a sua boca quase explodi de satisfação. Senti verdadeiro orgulho de mim mesmo. Eu era um vencedor. E isso significava muito, pois vencer a Laura Diniz era quase impossível. Quase.

Percebi que seus cabelos ainda estavam amarrados em um coque benfeito. Puxei os variados elásticos que os prendiam, jogando-os fora sem dó. Seus fios medianos, escuros e bem cacheados tomaram forma. Caíram livremente sobre os seus ombros, e não contive a vontade de puxá-los. Laura soltou o ar pelo nariz, impossibilitada até de gemer.

– A partir de hoje, quero ver seus cabelos sempre soltos, Laura Diniz. – Ela se chacoalhou, tentando se libertar. Puxei os fios com mais força. – Entendeu? – rosnei.

Aquiesceu freneticamente, temerosa. Enterrei o meu nariz no seu cabelo, sentindo um cheiro gostoso de shampoo. Estava louco, excitado ao extremo. Ela tirava a minha capacidade de autocontrole, de modo que a pressa dominou os meus nervos. Decidi acabar logo com aquilo. Queria sentir Laura Diniz em mim. Queria estar dentro dela.

Encaixando-me perfeitamente, iniciei uma sessão torturante; passei o meu pau bem devagar pelas suas aberturas. Laura tentava se contorcer, mas quase não conseguia mover um centímetro sequer. Isso me causava satisfação. Muita satisfação mesmo.

Puxei a corrente presa à coleira, deslocando sua cabeça para trás. Com a mão livre, agarrei um tufo cheio do seu cabelo cheiroso e, respirando fundo como quem está prestes a dar um mergulho, escolhi a Laurinha e a invadi completamente, até o fim. Laura tremeu dos pés à cabeça.

Soltei um rosnado alto, grosseiro, desabafando toda a raiva que ela me fez sentir. Toda a angústia que me fez passar, todas as contrariedades, os momentos de rejeição, as palavras rudes, os toques que quase me levaram ao inferno de tão excitantes. Tudo o que Laura fez comigo foi exorcizado exatamente ali; com ela dominada, submetida aos meus caprichos, amarrada à mercê dos meus comandos. A maldita finalmente era minha, e não existia quem dissesse o contrário.

Não parei no primeiro choque. O segundo, terceiro, quarto e quinto vieram com força. A cada vez que nossos sexos se encontravam profundamente, soltava um rosnado ainda mais alto. Sentir a Laurinha cedendo, abrindo-se para me receber, foi a melhor sensação que já pude provar. Era diferente, único. O sabor da vitória mesclado com o tesão não podia ser mais glorificante.

Laura começou a tremer muito, soltando espasmos que consegui sentir com muita evidência. Sabia que estava tendo um orgasmo, mesmo que não pudesse se mexer ou gritar. Um ruído abafado indicava seus gemidos contidos, e a Laurinha se contraiu tanto que pensei que fosse me deixar preso a ela para sempre. Precisei empurrar com muita força para continuar a invadindo.

Continuei rosnando e saboreando o instante. Meu clímax veio e foi expurgado diversas vezes. Não ia gozar nem tão cedo. Estava só no começo. Ia acabar com a raça dela em todos os sentidos. Quando dizia que a Laura Diniz seria minha, é porque seria minha *de verdade*. Do meu jeito, sob as minhas condições.

Não me cansava de ouvir o ruído dos nossos corpos batendo um no outro. Nunca enjoaria de sentir cada emoção, cada detalhe do sabor espetacular que era fodê-la na potência máxima. Depois



de longos minutos, quando achei que valeria outra posição, comecei a desamarrá-la. Conhecia modos loucos e demorados de amarrar alguém, mas todos eles exigiam brechas que permitissem que fossem desamarrados rápido.

Deixei Laura completamente livre, inclusive da mordaca improvisada e da coleira. Puxei sua cintura, fazendo-a voltar a ficar de pé, e logo a beijei intensamente. Seu corpo estava suado, bem como o meu. Havia ficado muito quente no quarto. Um calor infernal, que combinava totalmente com o desejo que exalava dos nossos poros.

Logo, puxei-a pela bunda de novo, fazendo com que se pendurasse em mim. Ela veio facilmente, aproveitando a liberdade para tocar o meu corpo. Explorou os meus braços, meu peitoral, pescoço e cabelo. Deixei que me desfrutasse um pouco, pois seu toque era bom, bem-vindo. Não vi resquícios de dominação em seus movimentos, muito pelo contrário, Laura Diniz parecia implorar para continuar sendo fodida.

Levei-a de volta à cama. Desta vez, depusitei-a de joelhos no centro da cama. Puxei as duas correntes que se equilibravam no dossel. Sem precisar pedir permissão – aleluia! – tornei a amarrar seus braços. Desta vez, eles terminaram abertos e para cima.

Os seios da Laura saltados para frente estavam incríveis. Também ajoelhado na cama, brinquei com eles um pouco; suguei-os, beijei-os e puxei até que ficassem bastante arrebitados. As pontas ficaram para fora de um jeito meio estranho, mas, por significar a minha passagem por elas, achei a estranheza sensacional.

Sentei-me na cama e me posicionei abaixo dela. Fiz suas pernas abrirem ao máximo, apoiando seus pés no colchão. Puxei-lhe a cintura e comandeí o movimento do seu corpo pulando em cima de mim. Laura voltou a gemer alto, gritando o meu nome.

Abracei a sua cintura completamente, sem deixar saídas. Laura Diniz se remexia forte, usava o apoio das correntes para se erguer e praticamente se jogava na hora do choque. Fiquei todo arrepiado em vários momentos, achando que não conseguiria controlar um clímax.

– Gostosa... Você é tão gostosa, Laura... – rosnei entre dentes, sentindo-me delirante. – Está pegando fogo dentro de você, sabia? Estou quase explodindo...

Ela não me respondeu. Continuou gemendo, clamando o meu nome e, às vezes, pedindo por favor. Não sei pelo quê tanto implorava, mas gostava de ouvir mesmo assim. Sei que apenas eu podia oferecer o que quer que estivesse pedindo.

Afastei-me um pouco e levei uma mão até o seu clitóris. Rapidamente, comecei a massageá-lo enquanto a fodia depressa. Laura gritou ainda mais alto; pude sentir seu corpo suando bastante, chegando a me molhar também. Nossos suores começaram a se misturar, tornando-se uma coisa só.

– Quero que diga que é minha quando gozar, Laura – alertei, minha voz muito modificada pelo desejo. – Não se esqueça... Quero que grite bem alto.

Acelerei tanto o movimento da nossa entrega quanto o dos meus dedos. O instante se tornou tão louco que até eu tive dificuldades para entender. Só sei que, depois de alguns minutos de pura confusão e um desejo materializado quase transbordando, Laura ergueu a cabeça, fechou os olhos, gemeu alto e gritou:

– Eu sou sua, Henrique Farias! – Depois, sua voz se tornou murmúrios indefinidos. – Sou sua... Toda sua... Completamente sua...

Aquilo me deixou tão louco que, rapidamente, liberei-a das correntes. Ela me abraçou forte assim que ficou livre de novo, mas eu a segurei e depositei sobre a cama. Abri suas pernas para cima. Elas se abriram tanto que ficaram ambas sobre os meus ombros.

Soquei tão rápido e duro que meus joelhos arderam sobre o colchão. Rosnei alto, sugando a sua pele, beijando-lhe a boca, mordendo seus seios. Tomei-a por completa, pois agora, definitivamente, Laura me pertencia.

Não contive o meu êxtase. Sabia que seria poderoso, definitivo. Carregado de um desejo antigo muito acumulado. Pensei em preenchê-la, mas, no último segundo, ergui-me totalmente e espalhei todo o sêmen em seu corpo enquanto grunhia como um animal selvagem. Lambuzei seus seios, barriga, coxas e até a Laurinha recebeu um pouco.

Depositei todo o peso do meu corpo sobre ela, sem me importar de me lambuzar com meu próprio gozo. Beijeilhe a boca suavemente, mordendo seus lábios inferiores de leve. Ela retribuiu com igual doçura, parecendo exausta.

– Não foi tão ruim assim. Foi? – perguntei, um pouco hesitante.

– Foi perfeito...

– E agora? Sou ou não sou um bom dominador?

Laura sorriu com serenidade, coisa raríssima. Deu-me um selinho.

– É claro que é – murmurou entre os meus lábios.

Um calor esquisito se apossou do meu corpo. Meus olhos arderam, e uma claridade insuportável me deixou tonto. Minha cabeça girou e a garganta seca implorava por um pouco de água. O estômago estava em frangalhos, achei até que fosse vomitar. Tentava engolir a seco o enjoo.

Ergui-me depressa, de uma só vez, abrindo os olhos e absolutamente assustado. Vi-me deitado na minha cama, porém no quarto oficial. Os lençóis estavam desfarrados, revirados. Travesseiros jaziam no chão. Percebi uma coisa esquisita, não conseguia me mover completamente.

Olhando para cima, percebi que uma mão estava presa à cabeceira da minha cama através de uma gravata azul. A outra estava livre.

Só podia significar uma coisa. Ou melhor, alguém: Laura Diniz.

Demorei muito a entender o que havia acontecido, até porque tudo girava e não conseguia me livrar da sensação de torpor; tinha acabado de acordar de um sonho muito real. Tão real que podia sentir a minha ereção latejando contra um lençol que me cobria parcialmente.

– Que... Merda! – falei, morrendo de raiva de mim mesmo. Sonhar com a Laura Diniz era uma péssima ideia. Ainda mais do jeito que havia sonhado. – Droga! Puta que pariu!

Ainda mais do jeito que havia acordado.

Com a mão livre, desamarrei a porcaria da gravata. Estava queimando de ódio, raiva, irritação, excitação, dor de cabeça. Verifiquei o meu quarto e não vi a presença de ninguém. As duas portas, tanto a do banheiro quanto a do meu quarto BDSM estavam fechadas. Laura Diniz havia ido embora, isso se tivesse chegado a estar ali. Pela gravata, era quase certeza.

Levantei-me devagar e fui andando tropegamente na direção do banheiro. Apoiei minhas mãos na pia, achando que vomitaria por ali mesmo. Ergui a cabeça para o espelho e tomei um susto enorme. O meu rosto estava todo manchado de vermelho. Umas manchas esquisitas que eu não soube dizer de quê foram feitas.

Meus cabelos desgrehados ajudaram a deixar a minha aparência além do lastimável. Curvei-me até ficar ereto. Estava nu, e meu pênis se encontrava ensopado de lubrificante natural e até um pouco de esperma. Levei uma mão à barriga, percebendo mais manchas por ali.

Afastei-me um pouco, de modo que vi, através do espelho, o desenho que as manchas da minha barriga faziam. Para o meu

espanto, estavam formando uma palavra. A letra era de forma e arredondada, deixando claro quem a havia escrito ali, usando, provavelmente, um tubo de batom vermelho.

“IDIOTA!”, era o que se lia.

Não contive uma gargalhada nervosa. Tudo porque, pela primeira vez na vida, concordei com a Doutora Laura Diniz.

Eu era mesmo muito idiota!

# 9º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Despertei lentamente, sentindo-me meio zozza. A claridade incomodou os meus olhos assim que os abri, por isso os fechei com força. O calor insuportável que fazia deixava a minha pele com uma sensação pegajosa horrível. Precisei de um segundo para entender que havia alguém embaixo do meu corpo, aumentando ainda mais a temperatura. Pensei logo no Jaime, embora não costumasse dormir com ele. Porém, o que vi me deixou estrondosamente mais assustada do que se tivesse dado vacilo a ponto de dormir com o Jaime.

Henrique Farias estava dormindo de barriga para cima, com os braços grandes em volta do meu corpo, boca semi-aberta e completamente nu. Meu coração disparou de tanta angústia; não devia ter esperado tanto. Foi um erro tremendo adormecer ao lado dele, em sua cama, em seu quarto, em sua casa. Algo imperdoável, inadmissível.

Minha mente articulou todas as espécies de palavrões existentes no mundo, uns até indizíveis. Tentei me mover um pouco, mas Henrique me segurava com força. Mantinha-me contra a minha vontade. De novo. Seus braços eram pesados, quentes e me davam uma ideia de conforto totalmente desconfortável. Seria possível? Conforto desconfortável?

Devagar, fui retirando a minha mão, que estava apoiada em seu peito másculo. Um lapso de loucura me fez voltar a colocá-la no mesmo lugar, desta vez lhe alisando os pelos, que intensificavam ainda mais a ideia de masculinidade. Demorou apenas um segundo e retirei a mão bem depressa, arfando alto. Só então notei que

estava embriagada pelo cheiro dele. Podia senti-lo até mesmo na minha pele.

Pensei em mais palavras.

Ergui a cabeça e observei seu rosto por alguns instantes; estava sereno, havia até mesmo um resquício de sorriso na expressão. Devia estar imerso em um sonho bom. Os cabelos escuros, desgrenhados e enebados jaziam no travesseiro branco. Cada contorno do seu rosto perfeitamente arquitetado por alguém que entende bem do assunto – e que certamente queria sacanear com as mulheres – foi analisado por meus olhos curiosos.

Sem pensar em muita coisa, encostei os meus lábios na lateral do seu rosto. Senti a sua barba por fazer me pinicar de leve, e, com uma inspirada mais profunda, seu cheiro me tirou das órbitas novamente. Afastei-me depressa, indignada comigo mesma. Não sabia o que ainda estava fazendo ali.

Henrique Farias não passava de um idiota. Sua estratégia de encher a cara havia sido ridícula, isso para não dizer completamente infantil. Claro que, depois que o amarrasse e com certeza o convencesse a transar comigo sob as minhas condições, iria se justificar no dia seguinte usando a desculpa de que estava bêbado, e então a minha capacidade de domínio continuaria abalada pelos seus joguinhos. Ele jurava que eu não havia me ligado na dele, porém, sempre estou à frente.

Não preciso embebedar ninguém para ter o que quero. Meu controle precisa ser devidamente permitido, a pessoa tem de estar consciente, sabendo exatamente que está sendo submetida e adorando cada segundo em que estiver sob os meus comandos. É assim que ajo. Henrique Farias jamais mudará a minha maneira de conduzir, nem mesmo aquele desejo absurdo que me fazia sentir me tiraria a razão.

– Você é um idiota... – sussurrei perto do seu ouvido, mas ele sequer se mexeu. Melhor assim.

Movi-me com um pouco mais de jeito e consegui sair de seus braços. Meu primeiro impulso foi alcançar o banheiro; estava me sentindo imunda demais para ir embora. Precisava de pelo menos um banho. Retirei a minha lingerie, os meus brincos e o meu bracelete dourado antes de encarar um banho de chuveiro. A água estava uma delícia, mas, quando terminei, não encontrei uma toalha. Saí molhando tudo até perceber que a maldita tinha ficado em cima da cama, enrolada com os lençóis e com o corpo daquele homem.

Não me restou outra saída senão puxá-la, tentando não encarar Henrique Farias servido de bandeja, do jeitinho que veio ao mundo. A tentação era tão grande que tive medo de pular em cima dele. Arrastei uma parte do lençol e o cobri da cintura para baixo, suspirando fundo. Só então consegui buscar um pouco de raciocínio.

Aquele cara havia sacaneado feio comigo, merecia uma punição. Não somente eu tinha ficado em desvantagem, como também tive um acordo rompido e ainda fui mantida em seus braços, de novo, durante a madrugada e parte da manhã. Idiota. Idiota. Idiota! Aquilo não podia ficar assim.

Enquanto me vestia, fiquei o observando e pensando em alguma coisa que me fizesse vingar toda aquela palhaçada. Foi quando peguei a minha bolsa que tive uma ideia; faria com que entendesse o quanto havia sido um babaca aquela noite. Tirei a tampa do meu batom vermelho e fiz uma verdadeira arte no seu rosto, deixando-o completamente riscado. Henrique Farias nem se mexeu, estava praticamente desmaiado.

Por fim, resumi tudo o que ele significava para mim em sua barriga. Ri baixinho quando terminei, tentando não fazer barulho. Ficou hilário. Podia até tirar uma foto, mas achei que seria invasão demais. Não se brinca com essas coisas, se caísse em mãos erradas podia sobrar para o meu lado.



Estava virando as costas para ir embora quando encontrei a sua gravata jogada no chão, junto com as roupas que havia usado no casamento. Sorri largamente. A peça me seria útil, enfim. Voltei para o Henrique e amarrei sua mão com jeito e suavidade. Depois, amarrei a outra ponta da gravata na cabeceira. Era uma pena não poder prender as duas, mas ele entenderia perfeitamente o recado.

Fui embora sem peso algum na consciência. Estava vingada. Ele ficaria puto da vida quando percebesse o que eu tinha feito, além de não saber que havia me mantido e nem desde que horas estive amarrado. Quem manda beber sem nenhuma dignidade? Eu podia ter feito coisas piores se não mantivesse o pouco da ética que me sobra quando estou com ele.

Peguei um táxi e cheguei à minha casa bem cansada. Jane não estava em seu quarto – só para variar –, e o Jaime só chegaria à noite. Livrei-me das roupas de festa e dormi por pelo menos mais duas horas. Não ia conseguir voltar ao trabalho me sentindo tão sonolenta e arrasada, porém o fiz quando acordei; coloquei uma roupa confortável e seguí rumo ao escritório.

No fim da tarde, enviei para o Henrique Farias os pontos que discutiríamos no treinamento do dia seguinte. Não retornou ou mandou notícias, nem uma mensagem sarcástica sequer. Uma parte de mim se perguntou se ele estaria bem, mas isso era problema unicamente dele, não meu.

Jane chegou quando a noite deixou a casa obscura. Como previsto, ignorou-me e se trancou dentro do quarto. Ligou o som alto, porém não me incomodei por se tratar de MPB. Eu gosto.

Jaime apareceu sorrateiramente no meu escritório, quase as onze da noite. Ele não tinha permissão para entrar na casa sem o meu consentimento, mas alegou que não queria me chatear com um telefonema, caso estivesse dormindo. Sabia que eu ficaria mais irritada ainda se não avisasse que tinha chegado, portanto resolveu arriscar. Não engoli muito a sua história, e foi um dos motivos pelo qual não me senti disposta a termos um momento. Dispensei-o,

alegando cansaço e muito trabalho acumulado. Jaime compreendeu, como sempre fazia, mas vi resquícios de tristeza em seu olhar quando beijou minhas mãos e se retirou de mansinho. Esqueci totalmente de lhe perguntar sobre seus pais, eles não estavam com uma saúde muito boa.

Percebendo que já estava cansada o bastante – e que já sabia as questões do treinamento de cor –, tratei de colocar uma camisola confortável e de me sentar na varanda do meu quarto, observando a escuridão do céu noturno. Desta vez, empunhando o primeiro diário da Jane. Não sabia o que me aguardaria, embora algo dentro de mim estivesse gritando, alertando-me de que aquilo não era uma boa ideia.

Ignorei todos os avisos e abri na primeira página, logo após um monte de fotos de bandas e ídolos *teen*. Dando uma curta folheada, percebi que ela não escrevia muito por dia, só um parágrafo ou dois, no máximo. Ainda bem, odiaria ter de passar a noite lendo lamúrias adolescentes. Novamente, abri na primeira página e comecei a leitura:

*"Querido diário,*

*A minha psicóloga é uma chata. Odeio as sessões, odeio ter que falar sobre a minha vida. Não interessa a ela e nem a você, mas a megera insistiu e me deu você de presente mesmo assim. Ela nem sabe das coisas que gosto, odeio qualquer coisa cor-de-rosa, e ela pega e me dá um diário rosa. Um saco. Mas se quer saber estou me sentindo triste hoje. Como em todos os dias. Laura continua me evitando, ela nem sabe que amanhã tenho apresentação de teatro na escola. Há dois anos ela não sabe de nada sobre mim. Ela que sempre quis saber tudo, sempre me apoiou. Acho que sinto mais falta das histórias que me contava. Algumas eram para garotas de dois anos de idade, mas eu gostava mesmo assim.*

*Já tenho doze anos e tive a minha primeira menstruação na semana passada. Sabe como ela reagiu? Nada. Isso mesmo, ela só me deu dinheiro para comprar absorventes, esquecendo que eu não faço ideia da diferença entre um absorvente noturno ou sem abas e com abas... Nem sei se posso usar um interno, descobri ontem que uma amiga usa. Aliás, eu nem sabia que existia absorvente que se enfie dentro da... Você sabe. É esquisito e nojento. Mas é a vida. Fazer o quê? Ela está triste e eu tenho que respeitar. Ninguém me diz o que aconteceu de verdade, ficam me tratando como uma criança, me jogando de casa em casa. Eu prefiro estar com ela, ainda bem que me tiraram daquele lugar horrível. Eu sei que foi duro demais, sei que Laura se machucou e quase morreu. Espero que um dia minha querida irmã entenda que as dores passam e a alegria é bem melhor de ser sentida, né? Eu me considero alguém feliz, mesmo estando triste. É esquisito, diário. Enfim, vou te dar uma personalizada. Esse rosa vai sumir e você vai gostar do resultado, prometo.*

*Até depois."*

Fechei as expressões e larguei o diário longe; caiu entre uma cômoda grande e uma poltrona confortável, onde atualizo algumas leituras. Observei o céu, que ficava cada vez mais turvo por causa de lágrimas insanas que marejaram meus olhos. Fiquei olhando para cima até elas secarem e o risco de chorar ir embora. Um lado racional do meu cérebro avisou que eu mantivesse aquelas leituras, porém um lado horrível, composto por mais sentimentos do que gostaria de ter, mandou-me nunca mais tocar no assunto.

– Por hoje é só – defini, deixando a varanda e me deitando calmamente na cama.

Estava cansada e meus pés ainda doíam pelo uso dos saltos altos demais. Daria tudo por um orgasmo bem gostoso antes de dormir, mas não queria usar o meu vibrador e arriscar pensar no Henrique Farias. Também não queria chamar pelo Jaime. Ele estava

cansado da viagem, sem dúvidas. Sei que ficava à minha disposição – poderia exigir um clímax e nada mais, ele jamais negaria –, porém me vi incapaz de fazê-lo. Realmente não tive vontade de chamá-lo.

Enrosquei-me com dois travesseiros. O meu celular tocou no exato instante em que me encontrei totalmente confortável, pronta para adormecer. Sabia que era o infeliz. Ele sempre me ligava a meia-noite. Parecia que não tinha nada melhor para fazer.

– Oi, belo adormecido – falei sarcasticamente, mas a voz saiu dura.

– Oi, madrasta. Pensei que eu fosse o idiota, não uma princesa da Disney – Henrique não parecia tão feliz assim, mesmo fazendo mais uma de suas piadinhas.

– Dá no mesmo.

– Eu não sei quem você acha que sou, Laura, mas...

– Não sabe? – interrompi. – Pensei que tivesse deixado claro como água. Ou como batom vermelho!

Ele não riu. Uma pena.

– Você é estúpida.

– Eu? Olha só você! – apoiei meus cotovelos no colchão, deitada com a barriga para baixo. – Quebrou a nossa quinta regra. Avisei para que estivesse inteiro.

Henrique Farias não falou nada. Só ouvi sua respiração pelo celular, e por um instante fechei os olhos e me concentrei nela.

– Ninguém te deu o direito de fazer aquilo comigo, Laura Diniz.

Aquela história já estava me enchendo o saco. Não me arrependo do que fiz, faria de novo sem problema algum. Ele mereceu. Vacilou feio e fez papel de idiota porque quis.

– Não vai me fazer listar as coisas que fez comigo sem ter recebido direito algum, vai? – falei duramente, mas me senti cansada. Não queria que aquele papo ficasse sério demais. – Relaxe, Henrique. Não abusei de você, só te amarrei, como era o meu direito fazer, e deixei um recado. Por sinal, fiquei impressionada. Que corpo é esse que anda escondendo? Gostoso demais...

Agora sim o Henrique riu. Sabia que o faria, ele se acha. Gosta quando o elogio de alguma forma. Aumenta o ego dele, coitado. Bom, não sou de esconder nada; o cara é uma delícia e pronto, não sou uma garotinha que guarda o que pensa para si.

– Gostosa é você, Laura. Mesmo bêbado, não me esqueci do que vi. Não sai da minha cabeça... – comentou com uma voz rouca deliciosa. Minha pele queimou de desejo. Como nada respondi, ele continuou: – Sabe que pode desfrutar de mim, do meu corpo... Quando quiser.

Meu rosto se iluminou drasticamente.

– Quando eu quiser?

Bem que podia ser agora.

– Sim, sob minhas condições, não tem problema algum – riu maliciosamente.

Fechei a cara de novo e soltei um longo suspiro. Aquele ciclo um dia teria fim?

– Nunca – concluí, sequer conseguindo me imaginar aceitando as condições dele. Meu desejo era enorme, mas não chegava a tanto. Não ultrapassava o meu amor-próprio.

– Nunca diga nunca, gostosa – murmurou, certamente tentando me atizar. O pior de tudo é que ele sempre conseguia. Terminava com os hormônios à flor da pele toda vez que aquelas ligações tinham fim. – Ah, Laura... É só uma questão de tempo para você ser minha. Escreve o que estou te dizendo.

– Claro que é uma questão de tempo, mas para que você seja meu, Henrique Farias.

Ele ficou calado. Eu também. Mais uma vez, concentrei-me na sua respiração, que havia ficado mais pesada do que antes. Sabia o que Henrique estava sentindo: desejo. Sentia a mesma coisa, e posso afirmar com plena certeza que aquilo só fazia piorar dentro de mim. Parecia uma espécie de doença, algo que não conseguia ser desfeito, um feitiço poderoso e cruel. A situação me deixava, de certa forma, aprisionada a ideia de possuí-lo. Não conseguia me livrar daquela vontade, e sinceramente não estava tentando muito. Talvez conseguisse. Talvez me frustrasse. Só sabia que, enquanto o sabor do desafio estivesse doce na ponta da minha língua, continuaria jogando.

– No quê está pensando? – perguntou-me baixinho. Senti um arrepio tão grande, parecia que tinha me perguntado aquilo encostando sua boca no meu ouvido.

– Em você – fui sincera, como sempre.

Para a minha surpresa, Henrique Farias passou mais um tempão calado. Pensei que soltaria alguma piadinha ou faria qualquer comentário malicioso, no entanto me enganei. Fiquei assustada quando ele mudou de timbre e de assunto.

– Recebi os arquivos do treinamento, obrigado. Está pronta?

– Sim.

– Ótimo. Vejo você amanhã. Até lá...

Desligou o telefone tão depressa que não deu tempo para que o respondesse. O cara me deixou sem a última palavra de novo. Com raiva e sem entender sua atitude esquisita, mandei uma mensagem de texto:

*MINHAS últimas palavras: até amanhã, idiota.*

Não sei se o Henrique leu, sequer sei se respondeu. Desliguei o celular e tratei de ir dormir. Aquele homem nunca me tiraria uma boa noite de sono.

Depois de um café da manhã reforçado – preparado pelo Jaime –, segui rumo à CMD, pronta para mais um dia de trabalho intensivo. O treinamento seria logo pela manhã, a partir das nove horas. Meu relógio de pulso marcava oito horas quando alcancei a minha sala. Sônia Magalhães, coordenadora do departamento de Recursos Humanos, já estava esperando sentada em um banco de madeira, que jazia naquele corredor da diretoria. Saudou-me quando me viu e foi logo me entregando um monte de papel.

– Desculpe a demora, Doutora Laura, aqui estão aquelas informações que me pediu. Temo que tenha precisado delas para o treinamento.

Por um instante fiquei sem saber do que se tratava, só depois me lembrei de que a maldita ainda não havia me entregado as informações com os contracheques dos coordenadores. Dei uma rápida espiada, sem prestar muita atenção, e enfiei a papelada dentro de uma pasta preta, que tinha trazido comigo.

A sala estava trancada, sinal de que o Henrique não havia chegado ainda. Tratei de abrir um pouco as janelas antes de ligar o ar-condicionado. Havíamos decidido que o treinamento aconteceria naquela sala mesmo, pois tínhamos uma mesa enorme própria para isso, além de cadeiras suficientes e a privacidade de que precisávamos.

Aos poucos, os coordenadores foram chegando, tomando seus lugares e aguardando o início. Somávamos vinte pessoas, contando comigo e com o Henrique Farias; cada um cuidava de um departamento específico, dentre eles, treze homens e sete mulheres. Separei um lugar na ponta da mesa, e pensei logo em colocar uma cadeira para o Henrique ao meu lado.

Como não usaríamos data show, tínhamos mobilidade e muito mais dinamismo. Fui xerocando algumas folhas com o conteúdo do treinamento, para que os coordenadores não ficassem perdidos no meio das informações, bem como consegui alguns blocos de anotações com o Agenor, quando ele decidiu dar as caras e avisou que também assistiria ao treinamento, a fim de avaliar nosso desempenho. Claro que fiquei puta de ódio disso, detesto ser avaliada, mas compreendo que ele só estava fazendo o que lhe foi imposto pela presidência. Mesmo assim, não deixava de ser irritante.

Henrique Farias chegou as oito e quarenta e cinco, desfilando um terno escuro muito elegante. Cruzou a sala com o velho sorriso estampado no rosto – ele nunca ficava de mau humor? –, cumprimentou todo mundo como se conhecesse de longa data e, por fim, encarou-me longamente antes de perceber que seu lugar já havia sido separado. Sentou-se com charme ao meu lado – claro que um perfume delicioso tomou conta dos meus sentidos – e abriu a própria pasta, retirando os papéis. Seu semblante amigável se transformou, agora ele era um profissional pronto para transmitir o que sabia.

Percebi cada movimento seu sem desviar os olhos. Demorei séculos a notar que todo mundo meio que estava reparando o meu estado de semi-choque. Não que algumas coordenadoras não estivessem naquele estado, Henrique sabia chamar a atenção da comunidade feminina, era inevitável. Isso sem contar na Helena, que veio atrás dele como se fosse uma babá e se sentou entre os coordenadores, jurando que era alguém importante.

Pisquei diversas vezes antes de cumprimentá-lo com um "bom-dia" fraco, que foi correspondido com um "bom-dia" alegre e um par de olhos azuis fantásticos, que só alegraram ainda mais a maldita saudação.

Idiota!



Fechei a cara e me concentrei nos papéis, percebendo que todos já estavam presentes. Distribuí as xerox que tirei junto com os blocos de anotações. Assim que cheguei à Helena, pedi-lhe que providenciasse água para os coordenadores e não lhe entreguei o conteúdo do treinamento. Ela me encarou, fingindo que não tinha se irritado com o meu pedido. Ou melhor, ordem. Sorriu de leve, deixou o rosto pálido corar um pouquinho e se levantou, retirando-se da sala em silêncio.

Começamos a trabalhar às nove horas em ponto. Henrique e eu estávamos muito bem afiados e, mesmo sem termos combinado o momento em que falaríamos sobre cada ponto, o treinamento soou natural, espontâneo. Ele deixava muitas brechas para que eu falasse, assim como também fiz o favor de permitir que tivesse espaço. Os coordenadores ficaram todos envolvidos, apenas um ou outro se perdia de vez em quando, mas no geral foi bem proveitoso.

Helena chegou quase vinte minutos depois, distribuindo, além de garrafas de água, café e biscoitinhos de leite. Ninguém podia negar que era prestativa, mas algo em seu jeito sonso me deixava sempre alerta e não conseguia sentir qualquer espécie de simpatia por ela. Quando se sentou novamente, olhou para mim com ar vencedor. Apenas ignorei, afinal, não havia feito nada além de sua obrigação.

Agenor permaneceu sentado e com a cabeça abaixada, anotando tudo o que ouvia. Às vezes fazia expressões debochadas, como se estivesse achando tudo muito ridículo ou imaturo. Sua atitude me irritou bastante. Na verdade, deixou-me possessa.

Houve um momento em que ele decidiu se meter no que estava sendo discutido, colaborando com ideias errôneas longe do que Henrique ou eu acreditávamos. Tentei expor todo o meu ponto de vista, mas ele não concordava e se explicava com ainda mais balelas. Os coordenadores notaram um clima meio esquisito entre nós, porém Henrique, do nada, tocou a minha mão por debaixo da mesa e tomou a palavra para si, explicando mais uma vez, expondo

sua opinião e o quanto acreditava que eu estava certa. Por fim, Agenor se calou e voltou a abaixar a cabeça, fazendo mais anotações.

Foi a coisa mais legal que o Henrique Farias podia ter feito. Percebi que formávamos uma equipe do jeito que todas as equipes devem ser: ajudando-se, somando-se, ampliando horizontes e se preocupando com a qualidade do todo a partir da união de cada integrante. Foi difícil manter a concentração no restante do treinamento, pois o cara demorou demais para retirar sua mão da minha. Quando o fez, ainda conseguia senti-la, bem quente, encostando-se à minha pele. Deixei as palavras finais sob responsabilidade dele e só participei acrescentando algumas informações mais minuciosas.

No fim, sentime completamente realizada. Depois de darmos a reunião por encerrada, os coordenadores estavam tão empolgados que permaneceram na sala, discutindo sobre diversos assuntos, que ia da CMD até coisas banais. Cada um foi se comunicando com quem se interessava, de modo que a sala se tornou uma muvuca de informações trocadas, elogios e descontração. Eram raros momentos assim. Mesmo que soubéssemos que devíamos voltar ao trabalho, permiti que a situação se prolongasse justamente porque a ideia de mais comunicação entre os coordenadores era proveitosa para a própria empresa.

Fiquei conversando com o Sr. Lopes, do departamento de desenvolvimento, e ele me explicou que mandaria uma pessoa responsável para que atendesse às necessidades do projeto exigido pela presidência. Trocamos figurinhas e muitas informações valiosas, além de que pude conhecê-lo um pouco melhor e, assim, teria mais liberdade para realizar solicitações mais específicas sobre os próximos projetos que fosse desenvolver. Afinal, odiaria deixar de projetar, mesmo assumindo a diretoria.

– Ah, Laura, quase ia me esquecendo... – ouvi a voz do Henrique do outro lado da sala. Soou meio alta, chamando a

atenção das pessoas.

Ele foi se aproximando, tentando pegar alguma coisa dentro do bolso do terno. Permaneci sentada e acompanhei seu movimento, principalmente seu sorriso bobo perfeitamente desenhado. Nem sei como aconteceu, pois parte da minha mente congelou quando o maldito colocou em cima da mesa, bem na minha frente, o par de brincos dourados da Jane e o bracelete que eu havia usado na festa.

Olhei os objetos, atônita.

– Você se esqueceu disso no meu quarto... – falou em alto e bom som.

Peguei-os tão depressa que a minha pulseira fez um barulho horrível ao se chocar na mesa. Foi a única coisa que pude ouvir, pois tudo tinha ficado silencioso dentro daquela sala. Não olhei para os lados, com medo do que veria. Ergui-me e passei pelo Henrique com a cabeça abaixada, seguindo direto até a minha bolsa, pendurada no canto oposto.

Os coordenadores voltaram a conversar aos poucos. Guardei as joias e, quase sem conseguir respirar, criei forças para fingir que nada havia acontecido. Conversei um pouco com a Sônia, em pé mesmo, mas sem prestar atenção em nada do que ela me falava. Vi quando o Henrique deixou a sala, acompanhado pelo Sr. Lopes e outro coordenador. Helena foi logo atrás, mas, antes de sair, olhou na minha direção. Sua expressão sempre abobalhada havia se transformado em uma quase ferina. Foi então que percebi o que era bem óbvio: a vadiazinha gostava dele. E devia estar com ainda mais ódio de mim.

Foda-se. Depois da ceninha que ele tinha criado, não queria mais vê-lo nem pintado de ouro. Ele que não me aparecesse tão cedo, pois sentiria toda a minha fúria. Eu estava com tanta raiva que quase não conseguia me controlar. Acabei dispensando todos os coordenadores um minuto depois, alegando que precisaria da sala

para retomar o trabalho. Todos saíram despejando felicitações, quase não deixando visível que teriam mais uma fofoca para espalhar sobre mim na CMD.

Assim que me vi sozinha naquela sala enorme, procurei por uma xícara de café e bebi todo o conteúdo de uma só vez, mesmo estando um pouco quente. Mataria e morreria por um cigarro. Se tivesse um, certamente já teria sido fumado até o talo. Sem saber o que fazer, e com a cabeça nas nuvens, comecei a organizar as minhas coisas para retomar o projeto. Pra quê? Depois de dez segundos tentando localizar a base, percebi que todas as minhas coisas estavam fora do lugar. Os papéis haviam sido revirados.

E isso só significava uma coisa: Henrique Farias era mais do que um idiota. Era um cínico, um fingido, um filho da puta desprezível. Um mentiroso, falso, que joga sujo e não possui o mínimo de ética.

Como eu queria foder com a vida dele! Minha nossa, a vontade se tornou gigantesca. Ele ia se ver comigo. As coisas não ficariam assim, de jeito nenhum. O maldito não fazia ideia de com quem estava lidando. Depois de ter me feito passar vergonha na frente de todo mundo, ainda tinha a coragem de destruir o meu trabalho? E aquele papo de que estávamos juntos nessa? Depois de ter prometido que jamais me prejudicaria, por que havia feito na maior cara de pau?

Enquanto eu tentava controlar a minha vontade de pular pela janela e dar adeus àquela vida deprimente, fazia um esforço absurdo para organizar os papéis e controlar a intensidade do nó que havia se formado na minha garganta. Estava me sentindo derrotada. Usada. Como podia ter sentido desejo por alguém tão repugnante? É nisso que dá tentar confiar nas pessoas. A decepção é inevitável quando nos esquecemos de que nem as nossas sombras são de confiança.

Eram onze e meia quando a porta se abriu e o Henrique entrou com aquela cara de bocó. O sorriso cínico ainda estava em seu

rosto, porém morreu quando olhou para mim. Meu ódio irradiava, eu podia sentir a pressão o atingindo em cheio. Não tinha tempo para disfarçar o meu rancor, marchei batendo os pés no chão até alcançá-lo, com os punhos cerrados e os dentes rangendo.

– Como pôde? – rosnei alto. Parecia uma tigresa, um animal feroz.

Vi resquícios de medo nos olhos do Henrique, mas durou pouco. Ele logo fechou as expressões também, indicando que não se deixaria abater pelo meu ódio. Sua atitude só fez meu corpo reagir rápido; desferi-lhe um tapa tão intenso que até a minha mão doeu.

– Como pôde seu... seu... ridículo? Filho da puta! Eu te odeio, seu infeliz! Maldito dia em que cruzou o meu caminho! – gritei alto, tomada pela adrenalina. Minhas mãos tremiam, tudo tremia para ser bem sincera.

Henrique colocou a mão no rosto, tornando a virar a cabeça para frente. Fez aquilo tão devagar que só me deixou com ainda mais raiva. Ele não parecia tão firme agora. Acho que devia estar surpreso com aquilo tudo.

– Ninguém me faz de idiota e fica por isso mesmo, Laura – falou baixinho, soando como um pedido de desculpas. – Você pediu. Você me envergonhou, sua atitude foi de encontro a todas as regras do nosso jogo.

Arfei, sentindo meu pulmão arder por ter prendido a respiração sem notar.

– FODA-SE ESSA MERDA DE JOGO! FODA-SE ESSE PROJETO, FODA-SE VOCÊ!

As primeiras lágrimas surgiram a todo gás, e então me vi aos prantos, gritando como uma maluca. Absolutamente descontrolada e nervosa. Henrique abriu bem os olhos, e desta vez o pavor permaneceu em suas expressões.

– Você é ridículo, eu te odeio! – continuei gritando. – Não bastava ter me envergonhado na frente de todo mundo, mas também atrapalhar o meu trabalho, não é mesmo, Henrique Farias? Não me importo se o mundo todo achar que estamos fodendo, não ligo, seu infeliz! Só que você **NÃO TEM O DIREITO DE DESTRUIR O MEU TRABALHO!** – ergui o dedo na cara dele, sabendo o quanto odiava aquela atitude. Dane-se, não tenho medo dele. Não tinha mais nada a perder.

Henrique estava sério até então, mas abriu a boca, espantado, e balançou a cabeça.

– Do que está falando, Laura? Não destruí o seu trabalho, não viaje! Jamais faria isso – sua voz saiu dura, firme, decidida, porém seus olhos indicavam pavor ao me ver tão descontrolada.

– Não seja falso! Não acredito em você! Seu filhinho de papai dos infernos! Não faz ideia do que passei para estar aqui, desgraçado! **NÃO FAZ A MENOR IDEIA!** – gritei aos prantos, levando minhas mãos à cabeça. Puxei todo o ar que consegui, mas meus braços ficavam cada vez mais trêmulos e a visão, turva. O coração batia tão rápido que pensei que fosse morrer.

– Laura, não estou entendendo! – Henrique se aproximou um pouco, porém recuei, apoiando-me em uma cadeira. Já começava a passar mal de verdade. – Não te prejudiquei, pelo contrário! O treinamento foi um sucesso, todos te elogiaram muito!

– Você... – arfei. – Mexeu... Nas **MINHAS COISAS! MALDITO!**

Henrique Farias, de repente, puxou-me pela cintura e segurou o meu rosto. Foi um movimento brusco e impensado. Eu estava tão desesperada que não consegui reagir.

– Presta atenção, Laura – falou duramente, encarando-me de muito perto. – Acho que já sei o que aconteceu. Na sexta-feira passada abri as janelas para tomar um ar e os papéis da sala inteira voaram pelos ares. Tentei consertar, mas não consegui devolver

tudo para o lugar certo. Acabei me esquecendo de te contar, desculpe, eu devia ter feito isso.

Balancei a cabeça avidamente, e sua mão, que segurava o meu queixo, acabou indo junto.

– Não... Não acredito. Não confio em você.

Ele me segurou com ainda mais força.

– Jamais te prejudicaria. Está me entendendo? Se fosse fazer isso não o faria de um jeito tão óbvio e imbecil, vai de encontro à minha inteligência, não acha? Acredite em mim. Por favor, acredite, pois foi o que aconteceu. Sou culpado por todo o restante, mas não por isso.

Eu realmente não sabia o que pensar. Estava tonta, os braços e pernas começaram a ficar dormentes e começava a compreender que estava no meio de uma crise muito forte. Sabia que desmaiaria a qualquer momento se não controlasse a minha respiração, por isso comecei a respirar alto e muito depressa. Parecia uma louca.

Henrique me soltou um pouquinho, só o bastante para me deixar respirar.

– Laura? Você está bem? – murmurou.

Balancei a cabeça, aquiescendo.

– Você está incrivelmente pálida, vem cá... – guiou-me até o sofá e me fez sentar, sentando-se ao meu lado logo em seguida. Passou um braço pelos meus ombros e me apoiou em seu peito.

Depois de chorar bastante – sem nenhuma dignidade – e de ter a respiração controlada, finalmente encarei o Henrique Farias. Ele me observava com pesar e seriedade, duas coisas que pareciam opostas, mas em seu rosto combinavam de um jeito impressionante.

– Foi isso mesmo o que aconteceu? – perguntei sofregamente. Mais uma lágrima escorreu.

– Eu juro – respondeu, passando as costas dos dedos no meu rosto. – Juro por tudo o que é mais sagrado, Laura Diniz.

Suspirei profundamente e me levantei devagar, afastando-me do seu toque inesperadamente suave.

– Tudo bem... Tudo bem... – sussurrei, alcançando a minha mesa. – Certo.

– Acredita em mim? – ele me perguntou, ainda sentado no sofá.

Pensei em dizer que não. Depois, em dizer que sim. Fiquei em cima do muro, sem ter ideia de que lado descer.

– Talvez.

– O que posso fazer para que confie em mim?

Parei o que estava fazendo e o encarei.

– Acreditar é uma coisa, confiar é outra, Henrique. Posso chegar a acreditar em você, mas nunca irei confiar. Não sou cega, não sou boba e nem nasci ontem. Confiança é algo que ninguém mais conseguirá obter de mim.

Ele permaneceu um bom tempo calado, foram longos minutos de silêncio total. Eu já estava fingindo concentração no trabalho, até que, do nada, Henrique Farias soltou:

– Se eu descobrir quem foi o infeliz que fez isso contigo... Eu juro que o mato, Laura Diniz.

Havia verdade em seus olhos. Confesso: eu acreditei nele.

\*\*\*

*Senhor Henrique Farias*



Poucas vezes na minha vida me senti tão confuso. Parecia que um buraco fundo havia sido cavado abaixo de mim e eu estava caindo, caindo, sem previsão de aterrissagem. Meu estômago revirava e se contraía, trazendo-me sensações ora de congelamento – que me fazia perder o ar –, ora de estar pegando fogo – que me fazia querer vomitar. Ainda podia sentir os dedos da Laura atingindo o meu rosto com força. No fundo, sentime merecedor de sua atitude; fiquei tão chocado que mal pude reagir. De qualquer forma, como reagir?

Ela estava desesperada. Nunca vi uma pessoa tão transtornada, totalmente sem controle. Confesso que me assustei de verdade. Foi um choque profundo para mim, e tudo o que consegui pensar foi no sujeito que havia deixado aquelas sequelas horríveis na Laura. Sequer sei quem é o cara – muito menos dos seus motivos para tal –, porém minha vontade profunda foi de matá-lo com as minhas próprias mãos. Torceria o seu pescoço como a minha avó fazia com as galinhas que criava no quintal do sítio onde morava. Sempre ficava enjoado e nunca comia a galinha guisada que ela preparava, mesmo com toda a família dizendo que era a mais gostosa do mundo.

No entanto, lá estava eu, querendo fazer igual e sabendo que me sentiria realizado se acontecesse. Um dos motivos pelos quais me encontrei imerso em uma onda apavorante de confusão: jamais tive pensamentos tão bizarros, nunca cogitei um assassinato ou algo assim. Não sou um psicopata. Laura estava mexendo com a minha cabeça, invadindo lugares intocáveis, balançando os meus conceitos e despertando vontades sombrias demais.

Aquele jogo não estava me fazendo bem. Não era saudável. Muito pelo contrário, estava sendo doentio e, quanto mais eu jogava, mais sentia que estava envolvido. Quanto mais eu sacaneava, mais gostava de sacanear e, pior, gostava de ser sacaneado por ela.

Por outro lado, meu lado protetor praticamente me obrigava a defendê-la, mesmo sendo a minha implacável rival. Como jogar um jogo em que vencer e perder são motivos de júbilo? Pensei que ganhar fosse o meu objetivo maior, contudo as coisas mudavam de figura o tempo todo, e percebi que o processo era mais importante do que o fim.

Enquanto via a Laura aos prantos, xingando-me como ninguém nunca teve o direito ou a coragem de fazer, batendo em mim e exaltando sua infelicidade, o que mais quis foi abraçá-la, beijá-la ternamente, pedir-lhe desculpas e deixar claro que jamais quis magoá-la ou machucá-la. O que, claro, soaria ridículo até para mim caso agisse de tal forma, afinal, meu objetivo não era derrotá-la?

Entretanto, a verdade é imutável: Laura me despertava a mais pura vontade de defesa. Fazia de mim uma fera que guarda a cria de qualquer predador, mesmo sabendo que o predador, naquela história, era eu mesmo. Faz sentido? Claro que não! Mas eu disse que estava confuso, não disse?

Passei o resto da manhã a observando e buscando compreender as minhas próprias ideias. Ela trabalhava tranquilamente; começou a reorganizar os papéis com calma e paciência, parando apenas para me encarar com brevidade. Quando nossos olhares se cruzavam, ela prendia os lábios. Não via ódio ou raiva em seu semblante, apenas o mesmo toque de confusão que habitava dentro de mim. Às vezes Laura abria a boca, dando a entender quealaria alguma coisa, mas tornava a fechá-la e voltava ao trabalho, fingindo que nada mais estava acontecendo.

Já eu, não consegui fingir. Foi impossível trabalhar. Impossível fazer qualquer coisa que não analisar o jeito como se movia, como atendia ao telefone, como balançava a perna diante de um problema ou como revirava os olhos ao encarar algum projeto com erros. Ela tinha uma expressão para tudo; mudava quando fazia cálculos, quando mexia no computador, quando bebia água e quando olhava fixamente através da janela. Quem não a conhecia podia jurar que

Laura usava apenas uma expressão – a severa, rígida e antipática –, mas eu conseguia identificar cada minúcia, mesmo que muito pequena. Orgulhei-me por isso durante algum tempo, até que comecei a me assustar de verdade.

Acabei tomando uma decisão fundamental.

– Laura, depois do almoço irei voltar ao departamento de contabilidade – avisei sem olhá-la, recolhendo alguns papéis e os colocando em uma pasta. – Quando chegarem à minha parte do projeto, daqui a alguns dias, volto para cá novamente. Enquanto isso, a vida continua e as notas fiscais também.

O ruído da cafeteira trabalhando foi a única coisa que ouvi durante alguns segundos. Laura devia mesmo parar de tomar tanto café.

– Como quiser.

Ergui o rosto para observá-la, mas ela tirou os olhos de mim no mesmo instante, visualizando a tela do computador. Fingiu uma indiferença irritante. Mas eu já estava decidido.

– Qualquer dúvida ou problema... Sabe como me encontrar – completei. Fechei a pasta, recolhi minha carteira, as chaves e me levantei.

– Sei.

– Ótimo.

– Ótimo!

Às vezes é preciso recuar quando se está em um campo de batalha. Redefinir as estratégias e tomar fôlego antes de iniciar novo embate. Continuar guerreando sem causa é falta de inteligência; também devemos engolir o orgulho e admitir quando o oponente está ganhando. Ninguém vence uma guerra protegendo o adversário e a si mesmo, isso é ridículo. Ou você se protege ou o

protege, e o que via diante de mim era um Henrique desprotegido, à mercê dela.

Liguei para a Helena e lhe avisei sobre o meu retorno. Sempre competente, disse-me que organizaria tudo na minha sala. Pareceu feliz e empolgada com a notícia, mas acho que foi só impressão minha. Eu estava tão desanimado – a sensação era de estar indo a um velório – que qualquer coisa mais alegrinha parecia fora do lugar.

Fui almoçar mesmo sem fome e, nos corredores e no elevador, reparei que as pessoas me olhavam de um jeito diferente. Pareciam curiosas demais, não só as mulheres – já estava acostumado com olhares femininos –, mas também os homens. Gente dos mais variados departamentos, desde o porteiro até os engenheiros. Achei muito esquisito. Não sabia o que estava acontecendo, por isso resolvi perguntar a Helena. Ela sempre sabia todas as fofocas que circulavam, uma a uma.

– Estão até fazendo apostas, Senhor! – Helena me informou, toda radiante, quando voltei do almoço e a questionei sobre os olhares fixos na minha direção.

– Apostas? – fiz uma careta.

– Sim! Não se fala em outra coisa na CMD. A onda agora é o Senhor e a Doutora Laura... – ela abaixou a cabeça e diminuiu a entonação quando mencionou a Laura. – Estão fazendo apostas sobre quem será o próximo diretor geral.

Observei o rosto branco da Helena corar de leve e, do nada, comecei a gargalhar. Seus olhos verdes brilharam.

– Estão apostando? Quem está na frente? – fiquei muito curioso.

– Não sei informar, mas eu apostei no senhor!

– Em mim? – gargalhei ainda mais alto. – Não precisava, Helena. Que loucura!

– É uma brincadeira saudável.

– Quem está promovendo, afinal?

– Não sei, acho que o pessoal do marketing – Helena me entregou algumas pastas e foi andando até a minha sala. Segui-a pelo corredor, ainda rindo bastante. Falando sério... Apostas? Que piada!

– Só podia ser!

– É... – Helena abriu a porta da minha saleta minúscula e quente. Para a minha surpresa, estava tudo organizado e bem friozinho. Olhei para onde tinha um ar-condicionado quebrado, e lá estava um novo em folha. Sorri de orelha a orelha, incapaz de falar alguma coisa. – Pedi para trocarem assim que soube que o senhor voltaria.

– Caramba, Helena! Eu peço para trocar faz meses!

– Bom... Fiz algumas amizades com o pessoal dos reparos depois desse lance de apostas. Por sorte, esvaziaram uma sala e este ar-condicionado estava sobrando! Parece que o outro não tinha mais jeito.

Feliz igual a um pinto no lixo, puxei a Helena com jeito e a abracei forte pela cintura. A coitada veio toda desengonçada, mole feito manteiga e absolutamente entregue ao meu toque. Adorei aquilo. Estava cansado de resistências, se é que me entende. Cansado até demais e louco por uma boa trepada. Com a sala climatizada daquele jeito... Seria bem melhor, eu nem ia suar.

Sem raciocinar direito, ergui o corpo esguio da Helena, fazendo com que se sentasse em cima da minha mesa. Ela estava tão estranhamente vazia que nem precisei afastar nada. Minha boca encontrou a sua com um choque poderoso. Segurei-lhe a cintura sem medir forças, agarrei seus cabelos loiros com a outra mão, puxando-o a ponto de fazer sua cabeça levantar. Helena sequer tentou se afastar, correspondeu ao beijo de maneira submissa,

aceitando as investidas da minha língua urgente dentro da sua boca desenhada.

Meu pau ficou totalmente duro quando a ponta de sua língua fez um contorno fantástico na minha. Soltei um rosnado baixo, involuntário, pressionando a minha cintura no seu corpo. Ela abriu as pernas ao meu redor, fazendo a saia que usava subir. A vontade de fodê-la era tão grande que perdi o ar. Desviei a minha boca da sua para lhe lambe e morder o pescoço. Helena soltou um gemido que me fez despertar.

Que... nada a ver! Prometi que não foderia a minha secretária de novo. A mulher é casada!

Afastei-me devagar. Estava tentando encontrar sentido no meu gesto inesperado, e enfim concluí que não passava da mera carência. Helena não admitiu o recuo – ou sei lá se entendeu que eu não estava a fim de fazer aquilo, se bem que a verdade é que eu estava muito a fim de fazer aquilo –, simplesmente agarrou a minha nuca e me puxou de volta para si. Tornei a beijá-la com gana, porém durou pouco. Logo, decidi me afastar novamente.

A maldita foi descendo as mãos com urgência na medida em que me afastava, até que parou no meu pênis. Seu toque me fez grudar nossos corpos de novo.

Droga!

Voltei a beijá-la e a colocar mais força em minhas mãos. Apertei-lhe a cintura e a inclinei tanto que acabou totalmente deitada sobre a mesa, tendo o meu corpo inclinado por cima. Se aquilo estivesse acontecendo com a Laura, tenho quase certeza de que não teria dificuldades, mas a Helena era bem mais comprida e, o fato de se deitar na mesa – que era um tanto elevada – acabou dificultando nosso contato. Pelo menos nossas bocas não se encostavam mais, mesmo eu estando curvado até quase o limite.

Aproveitei a deixa para me afastar de vez. Respirando alto e excitado até o último fio de cabelo, dei alguns passos na direção da

janela e apoiei meu corpo em uma parede. Olhei para Helen; ela se levantou devagarzinho até se sentar na mesa. Também estava resfolegante, e tinha a blusa larga de manga comprida amassada e desajustada.

– Não posso fazer isso, Helen... – tentei falar, mas a voz abafada pela falta de fôlego quase não permitiu o entendimento de tais palavras.

Ela me ofereceu uma expressão de lamento. Parecia sofrer muito com aquilo. Eu também estava sofrendo pra caramba. Meu corpo estava gritando, implorando para que deixasse de raciocinar e fodesse aquela mulher ali mesmo, mas a minha mente me parabenizava, dizendo que finalmente havia começado a pensar com a cabeça de cima.

– É por causa dela, não é? – Helen perguntou baixinho. Moveu suas mãos até alcançar os botões da própria blusa.

Pensei que iria arrumar a vestimenta, contudo, fiquei admirado quando o primeiro botão foi desfeito, seguido pelo segundo, terceiro, quarto, quinto... Um sutiã de renda branca foi se mostrando aos poucos, ele desenhava seios fartos que eu já conhecia bem. Sabia o quanto eram saborosos de sugar.

– De... quem? – eu já não sabia mais do que a maldita estava falando. Permaneci escorado na parede apenas porque aquela parte ínfima do meu raciocínio ainda me mandava ficar quieto.

– O senhor sabe de quem estou falando... – riu de um jeito malicioso, mas ao mesmo tempo inocente. Helena tinha esse efeito; seu rosto redondo era infantil demais para que alguém pudesse encontrar malícia. Seus olhos grandes brilhavam como uma menina que acabava de ganhar um doce. No entanto, sabia perfeitamente de que inocente não tinha nada.

Escorreu a blusa até retirá-la completamente. A saia levantada, mostrando grande parte de suas pernas compridas deixava a visão do todo algo estupendo. Era demais para os meus instintos. Desviei

os olhos como última tentativa. Não demorou um segundo e já estava voltando a observá-la. Prendi os lábios.

– Não sei mesmo... – murmurei rouco.

Dei um passo trêmulo à frente. Depois dele, praticamente me atirei sobre a Helen; minha boca seguiu direto para os seus seios depois que afastei o sutiã como um animal no cio.

– Dela. Laura Diniz – completou como um gemido.

Meu estômago se contraiu e, absolutamente sem ar, afastei-me com pressa. Alguma coisa esquisita subiu a minha cabeça, deixando-me com muita raiva. Muita raiva mesmo.

– Vista-se e vá embora, Helen – rosnei grosseiramente.

– Mas, Senhor, eu...

– Vá embora! – falei alto demais. Ela arregalou os olhos, assustada. Tentei me acalmar. – Tenho muito a fazer, por favor, querida.

Peguei a blusa que estava no chão com delicadeza forçada. Entreguei a Helen, que a vestiu com rapidez. Seu rosto corado indicava muita vergonha, mas ela que pediu. Não devia ter me tentado daquela forma. Na verdade não me recordo de tê-la visto fazer aquilo alguma vez, Helen nunca se expunha ou se atirava em cima de mim. Sempre era eu quem insistia, quem ia até o fim e a submetia, deixando-a sem saídas. Sabia, claro, que ela gostava dos nossos momentos, porém não achei que me procuraria por conta própria, que chegasse a tentar me seduzir.

– Desculpe-me, Senhor Henrique, irei preparar um café e terminar aquelas planilhas que...

Ela falou um monte de coisas que eu não entendi. Deixou-me sozinho em alguns segundos. Sentei na minha antiga cadeira, controlando a respiração e a excitação.



– Não importa. Não importa... Não importa! – repeti como um lunático, balançando a cabeça. – Preciso foder aquela mulher. É urgente... – e eu não estava falando da Helena.

Minha mente começou a articular planos mirabolantes. Foram vários, cada um mais louco do que o outro. Alguns eram absolutamente possíveis, outros eram impraticáveis, mas eu gostava mais dos que eram malucos e possíveis ao mesmo tempo. Foi neles que me concentrei, até que cheguei a um que me agradava totalmente. Um sacana, imprevisível, necessitaria de algum esforço, mas, se desse certo – e ia –, minha nossa... Eu morreria dentro daquela mulher.

O dia pareceu ter ganhado um brilho diferente depois que descobri o que fazer. Laura Diniz não teria escapatória. Eu só precisava por em prática a primeira parte do plano, que na verdade já estava acontecendo; deixaria que a filha da mãe sentisse a minha falta. Limparia o território para atacar com força total. Ainda era segunda-feira, e achei que o melhor dia para consumir o fato seria na sexta – a CMD estaria bem mais vazia depois do fim do expediente.

Passei a semana toda pensando na sexta, mas, em contrapartida, trabalhando como sempre fiz, e vivendo como sempre vivi. Sentia falta da minha vida quando não precisava me preocupar com vencer uma guerra difícil. Fui à academia todas as noites, não faltei um treino sequer. Precisaria de força e fôlego, pois a sexta seria intensa demais. Queria estar inteiro, resistente, pronto para o que desse e viesse.

Não entrei em contato com a Laura de propósito, e ela tratou de fazer o mesmo – não sei dizer se foi de propósito ou não. Eu apenas ligava a meia-noite, como sempre, mas conversávamos cada vez menos e parei de soltar as minhas piadas. Na quarta-feira, basicamente só nos desejamos boa-noite e pronto. Ela estava esquisita, e uma parte de mim temeu que tivesse desistido do

desafio. Não sabia o que estava pensando ou sentindo, Laura era uma incógnita imensa. Acho que sempre seria.

Pela primeira vez na vida, temi por uma rejeição. Depois me lembrei de que seria impossível que resistisse a mim, por mais raiva que estivesse sentindo. Se aquele desejo que eu sentia fosse o dobro do que ela sentia, ainda assim estaria louca para me ter. E eu daria tudo o que ela quer – sem condições, sem regras, sem neutralidade. Não queria nem imaginar como seriam dois dominadores em um *ring* de vale-tudo. Sorria toda vez que me lembrava do meu plano brilhante.

O fim do expediente da quinta-feira estava quase chegando, finalmente tinha um pouco de paz dentro da minha sala. O dia havia sido cansativo no departamento, encontrei-me muito atarefado e cheio de problema para resolver. Não parei quieto, precisei ir à Receita Federal, passando quase o dia todo longe da CMD.

O telefone do ramal tocou, e claro, perdi as contas de um cálculo importante que tentava fazer. Meio irritado, atendi à ligação:

– Henrique, aqui é o Agenor. Senhor Edmundo avisou que o teste avaliativo será realizado amanhã de manhã. Estou ligando para deixá-lo ciente.

Teste avaliativo? Que merda era... Demorei um pouco a me lembrar do maldito teste. Laura e eu devíamos estudar o conteúdo de uma das pastas que o mala havia nos entregado, a fim de que realizássemos um teste. Acreditei que seria uma espécie de prova escrita, porém havia me esquecido completamente.

– Certo – foi o que me restou falar, não fazia ideia de como estudaria tudo aquilo de um dia para o outro. Recordava-me de que era bastante coisa.

– Ok, até amanhã.

– Até.

Desliguei o telefone e chamei o Agenor de filho de uma puta umas mil vezes seguidas. Custava ter avisado antes? E a Laura, será que tinha estudado? Eu estava absolutamente ferrado, sequer sabia do que se tratava o assunto. As pastas haviam ficado na sala da diretoria.

Mesmo sem querer, chamei a Helena na minha sala. Estava evitando a sua presença, o que aconteceu na segunda-feira ainda estava atravessado na minha garganta. Não conseguia vê-la sem desejar fodê-la em cima da minha mesa, e acho que alguma coisa nela também mudou, pois seu olhar inocente deu lugar a expressões sensuais difíceis de resistir.

Ela estava tentando me seduzir novamente, era visível. Até as roupas que usava foram modificadas, como por exemplo a daquele dia: vestido preto social colado demais e decote acentuado. A descrição que a minha secretária sempre teve parecia ter ido para os ares naqueles últimos dias. E eu só faltava morrer de tanto tesão, ainda mais estando ansioso para pôr em prática o meu plano de sexta-feira. Por mais desejo que a Helena me causasse, não era nem uma fagulha do que sentia quando pensava na Laura Diniz.

– Sim, Senhor... Me chamou? – Helena apareceu depois de demorar mais do que o normal, e foi logo se aproximando, fechando a porta atrás de si. Antes ela apenas me perguntava o que eu queria da porta mesmo, mal chegava a entrar.

Abaixei os óculos que eu usava para conseguir enxergar os números menores, apoiando-os no nariz. Tenho hipermetropia leve, nada que me atrapalhe muito. Os óculos serviam para que não sentisse muita dor de cabeça no fim do dia.

– Vá até a diretoria e pegue com a Doutora Laura os papéis referentes à avaliação. A essa altura ela já deve saber quais são. Tire xerox e os traga para mim, por favor.

Helena depositou as mãos em cima da minha mesa, inclinando-se de forma insinuante. Isso ela ainda não tinha feito,

nunca havia chegado aquele ponto. O decote avantajado me chamou a atenção, e foi ali que meus olhos permaneceram congelados. Retirei os óculos completamente. Fiz uma careta sem entender, e, ao mesmo tempo, entendendo tudo. Helena estava pedindo. Aliás, pelo modo como passou a língua pelos lábios, estava mesmo implorando.

– Mais alguma coisa, Senhor? – perguntou sensualmente.

Infelizmente, o meu pau já estava ficando duro.

\*\*\*

Fiquei olhando para ela, os pensamentos viajando a mil por hora.

– Só isso... – minha voz saiu tão baixa e rouca que ela fez questão de ignorar.

– Tem certeza de que não quer mais nada de mim, Senhor? – passou a língua pelos lábios de novo. Aquela boca era incrível, eu sabia.

Levantei-me sem pensar em nada. Ela pediu, não foi? Pediu muito, até demais. Que tipo de homem eu seria para recusar pedidos tão irresistíveis? Dane-se o marido dela, se nem ela se importava, quem sou eu para me importar?

– Tem algo que eu quero de você, sim – falei, decidido. Dei a volta na mesa e me aproximei dela. Faíscas de desejo saíam dos meus olhos, dava para sentir.

Helena arfou, sorrindo com malícia. Levei minha mão até as laterais da sua boca e a apertei, fazendo seus lábios formarem um biquinho bem safado. Coloquei ainda mais força. Meu corpo já estava quente, ardendo de desejo. Acho que cheguei a machucá-la, mas pouco me importei.

Aproximei nossos rostos.

– Quero essa boca no meu pau – rosnei. – Agora.

Com a outra mão, peguei o seu crânio e o empurrei para baixo sem nenhuma delicadeza. Helena se desequilibrou um pouco, mas acabou de joelhos no chão, exatamente como eu queria.

Ela ergueu a cabeça devagar, os olhos verdes demonstrando excitação e nem um pingo de arrependimento. Antes mesmo que eu começasse a me livrar do botão da calça, ela já estava com as mãos em mim, procurando o zíper e me ajudando a ficar exposto. Eu não conseguia pensar em absolutamente nada, estava sendo guiado pelos meus instintos. Meu coração batia forte por causa da antecipação deliciosa, não podia mais esperar para ter aquela boca em mim.

Fiquei exposto muito rápido – Helena logo abaixou a minha cueca, deixando-me livre. Eu estava tão excitado e fora de mim que simplesmente lhe agarrei os cabelos com força brutal, empurrando seu rosto em minha direção. Sua boca me envolveu em um segundo, e achei que fosse morrer de tanto prazer. Soltei um grunhido louco, fechando os olhos e erguendo um pouco a cabeça. O curto juízo que eu tinha havia ido embora completamente.

Prendi meus dedos entre cabelos loiros macios e movimentei a minha cintura, socando dentro da boca dela sem dó e piedade. Ela tinha os olhos fechados e uma expressão de quem sofria, ainda mais quando comecei a empurrar até o fim.

Helena mal conseguiu dar conta da metade e foi se afastando rápido, buscando ar. Iniciou uma sessão incrível de beijos, sugadas e lambidas na ponta. Apoiei minhas mãos na mesa atrás de mim, deixando que fizesse o serviço. Ela estava em um ritmo mais lento do que era o meu desejo, porém tentei ser paciente, deixar acontecer. Quando a fodesse, seria no meu ritmo. E então veria só com quantos paus se faz uma canoa.

Fechei os olhos com força, soltando rosnados indefinidos que me ajudavam a extravasar tanto desejo acumulado dentro de mim.

Tinha certeza de que gozaria bem gostoso na boca de Helena, e não estava evitando. Meu êxtase vinha lentamente por causa da velocidade reduzida com a qual me chupava.

Reabri os olhos e visualizei a Helena empolgada, segurando a base do meu pau com uma mão e a lateral da minha perna com a outra. Estava ajoelhada no chão, descabelada e com o rosto avermelhado. Adorei ver aquilo. Amei seu jeito entregue, como se estivesse aos meus pés. Soltei um suspiro alto e, do nada, olhei para frente, na direção da porta da sala.

Surpresa foi pouco para definir o que senti quando vi o que estava diante de mim. Ou melhor, *quem* estava diante de mim. Meu coração pareceu sair pela boca, e afastei a Helena tão rápido que achei que ela pararia do outro lado da sala. Só depois vi que ela apenas caiu para trás, sentando-se no chão, porém ainda bem perto. Fiquei sem saber o que fazer ou falar – continuei com meu pau latejando de excitação, encarando fixamente o motivo do meu desespero.

Laura Diniz estava rente à porta – deve tê-la fechado atrás de si sem provocar ruído algum –, observando a cena atentamente. Nenhuma palavra parecia certa para ser dita. Nada que eu fizesse se mostrava digno o bastante. Meu raciocínio congelou por completo, até que, do nada, Laura mudou as expressões; de chocada e até meio assustada, assumiu um olhar impassível, meio severo eu diria.

– Continuem – o frio do ártico estava em sua voz.

Acreditei piamente que não tinha escutado direito. Helena deve ter escutado e entendido, pois tornou a se ajoelhar diante de mim. Logo, senti novamente a sua boca me envolvendo. Olhei para baixo, tentando entender o que acontecia. O desejo ainda circulava pelo meu corpo, misturado com a adrenalina e o pavor.

Fui atingido por um misto de ideias chocantes e deliciosas. Então era isso? Laura Diniz se juntaria a nós? Ou ficaria de *vouyer*,

apenas observando?

Que loucura! Que... Sensacional!

Sorri maliciosamente. Claro que adorei aquela situação fora do comum. Amei de verdade. Voltei a encará-la, e desta vez não estava mais assustado. Muito pelo contrário, sentia tanto tesão que soltei mais um gemido baixo. Laura Diniz prendeu os lábios grossos e inclinou a cabeça, observando a Helena me sugar loucamente. Depois, ergueu os olhos e me encarou com profundidade.

Quando percebi que Laura estava se aproximando achei que fosse realmente morrer. Minha mente não conseguiu processar o momento em que ela parou do meu lado, observando a Helena de um jeito severo, quase cruel. Seu cheiro atravessou os meus sentidos. Aquilo estava sendo melhor do que os meus planos. De verdade, ia ser sinistro foder as duas. Sei que a Laura já seria demais para mim, com certeza eu sairia dali acabado de todas as formas possíveis.

Fiquei observando a Laura; cada expressão, cada movimento curto que o seu corpo fazia, até mesmo para respirar. Quando ela voltou a me encarar, não contive o ímpeto de tocá-la. Contudo, afastou-se no último instante. Parou bem atrás da Helena e, loucamente, prendeu os cabelos dela em suas mãos.

– Você é patética... – sussurrou. – Seu senhor precisa estar confortável, antes de qualquer coisa.

Helena não se mexeu, mas Laura guiou os olhos até o pequeno sofá cinza que jazia no canto. Entendi o que queria. Nem sei dizer como ou por que, mas acabei afastando aquela boca gulosa de mim e me sentando no sofá tranquilamente.

Esperei.

Laura e Helena não se moveram por algum tempo. Ouvi Laura suspirar alto e, com força, puxar os cabelos de Helena, fazendo-a se arrastar até estar ajoelhada entre as minhas pernas. Não estou

brincando, ela veio engatinhando desastradamente, submetida ao extremo. Helena gemeu, mas não reclamou daquela atitude explicitamente violenta. Aquilo só me trouxe ainda mais tesão. Estava quase explodindo quando senti a mesma boca voltar a me sugar.

Afundi no sofá, fechando os olhos. Não queria mais que fosse rápido. Agora sim eu não tinha pressa alguma que acabasse. Senti Laura se sentando ao meu lado, observando cada movimento que Helena fazia no meu pau. Estava atenta, como se analisasse profundamente. Seu ar severo só fazia me provocar, e piorou quando prendeu os lábios com força, indicando que também queria estar ali, chupando-me. Pude compreender os seus desejos apenas ao observá-la com cautela.

Queria muito tocá-la, mas sabia que não ia adiantar. Deixaria que agisse do jeito que quisesse, eu estaria em vantagem de qualquer jeito. Segurei a lateral do rosto da Helena com força e – uma parte por querer acelerar as coisas e a outra por querer me exibir – tornei a movimentar o meu corpo para socá-la forte.

Laura pareceu ter gostado daquilo, pois me ajudou a segurar Helena pelos cabelos. Começou a empurrá-la na minha direção. Helena ficou toda vermelha, literalmente fodida, enquanto tentava respirar e se afastar. Pedia um socorro silencioso. Não podia gritar por estar repleta pelo meu pênis.

Sua boca soltava ruídos que parecia que vomitaria a qualquer instante, o que poderia me causar nojo, mas só me deixou ainda mais louco. Mesmo assim, isso me fez parar, contudo Laura não parecia ser tão misericordiosa quanto eu. Continuou lhe agarrando os cabelos com força e fazendo sua boca trabalhar em mim apressadamente.

Gemi alto, sentindo o êxtase cada vez mais perto. Meu corpo soltava espasmos loucos, difíceis de segurar. Controlei-me ao máximo. Queria retardar o quanto pudesse.



Helena se afastou depressa, respirando tão alto que parecia que ia morrer. Laura não soltou seus cabelos, continuou os apertando com rigidez e a encarando como se fosse matá-la.

Helena tentava respirar, e pelo visto não se sentia ameaçada ou incumbida a parar com aquela loucura. Segurou o meu pau, iniciando alguns movimentos, mas Laura a empurrou para trás, fazendo com que caísse sentada de novo.

– Não toque nele – rosnou. – Ele não quer a sua mão, quer a sua boca. Não é, Henrique? – fuzilou-me com os olhos.

– Claro – respondi com igual frieza. Eu ia negar? A verdade era aquela mesmo!

– Está entendida? – Laura aproximou seu rosto do da Helena. Achei que fosse beijá-la, de tão próximas que ficaram. Se acontecesse, aí sim eu teria um colapso. Uma parte muito cafajeste de mim estava torcendo.

– Sim...

Laura chacoalhou Helena e, com uma habilidade impressionante, tornou a colocá-la entre as minhas pernas.

– "Sim" é o caralho. Olhe nos olhos dele e diga "sim, senhor".

Helena me encarou sofregamente, por trás do meu pau. Sua cara estava quase encostada a ele. Estava vermelha, quase roxa, e despenteada até o último fio. Tinha a boca e as bochechas todas lambuzadas de mim. Por um momento achei que ela fosse chorar.

– Sim... Senhor... – balbuciou.

Meu corpo soltou mais um espasmo de excitação. Minha nossa... Não dava para sair inteiro daquela. Agarrei de novo o rosto da Helena e comecei a socar, desta vez ainda mais duro.

– Ponha as mãos para trás! – Laura ordenou, e percebi Helena desesperada para se equilibrar, mas muito obediente.

Laura largou as mãos dos cabelos dela e se aproximou de mim. Continuei socando com força, enquanto percebia o que ela queria. Com habilidade, folgou o nó da minha gravata e a retirou por cima da minha cabeça. Encarei-a com firmeza enquanto fazia aquilo, sem desacelerar o movimento. Helena já tentava se afastar de novo, mas a coitada estava fodida em dose dupla. Não ligava se morresse entalada pelo meu pau.

Finalmente entendi o papel da Laura naquela situação; ela estava ali apenas para dominar. Dificilmente me tocaria ou teria qualquer tipo de relação com alguém. A ideia me deixou um pouco chateado e frustrado, mas me mantive positivo. Só esperava que não ficasse com raiva de mim depois que tudo terminasse. Não queria estragar o nosso desafio, este nunca foi o meu objetivo. Meu maior objetivo era ela, esperava que soubesse disso. Eu havia deixado claro, porém a distância que vivenciamos naquela semana poderia deixá-la confusa.

Laura Diniz amarrou os punhos da Helena com uma habilidade impressionante. Claro que estava acostumada àquilo, ficou muito visível para mim. Fez questão de deixar uma parte solta e, voltando a me encarar, entregou-me para que eu ficasse responsável pelo controle. Achei o máximo.

Soltei os cachos loiros e preendi a ponta da gravata na minha mão. Puxei com força, parando de movimentar a minha cintura. Helena se curvou como que por reflexo, sugando-me intensamente. Um gemido abafado lhe escapou das profundezas de sua alma.

As mãos da Laura Diniz voltaram a prender os cabelos da Helena.

– Vamos, não pare! – exigiu, obrigando-a a voltar a me chupar com velocidade.

Soltei mais um gemido comprido. Estava impossível me controlar. O ápice dançava balé na beira do precipício do meu

desejo, apenas uma suave brisa seria o bastante para que caísse de vez.

Os espasmos se intensificaram muito. Encarei Laura fixamente, e ela fez o mesmo. Ficou me oferecendo doses de seu olhar amarelo inconfundível, tirando de vez a minha capacidade de autocontrole. Seu rosto foi se aproximando loucamente, até ficar muito perto do meu. Por um segundo, achei que me beijaria, porém sabia o que estava fazendo: provocando-me, atiçando os meus instintos.

Meus lábios se entreabriam e não consegui mais suportar. Foi então que a maldita, vendo que não teria volta, deu-me uma dura ordem:

– Goze.

Bem que tentei segurar um pouco mais. Aquilo havia sido golpe baixo, ela sabia que seria obedecida. Acabei me submetendo sem querer – ou querendo, vai saber –, e então comecei a gozar loucamente. Deu para sentir jatos intermináveis invadindo a boca quente da Helena.

Fiz um monte de careta, mas não ousei fechar os olhos. Encarava a Laura como se aquele êxtase pertencesse a ela. De alguma forma, sei que pertencia. Uma parte do desejo horrível que me fazia sentir estava ali. Mesmo sendo provocado pela Helena, sabia que tinha muito da Laura circulando nas minhas veias.

Senti Helena se afastando, mas Laura a impediu asperamente, desviando os olhos dos meus. Parecia muito chateada, de verdade. Franziu o cenho com amargura.

– Não ouse se afastar. Não faça essa desfeita, quero que tome até o último gole, entendeu?

Helena esbugalhou os olhos e soltou um soluço. Parecia sufocada com o meu sêmen, com meu pau, enfim... Deu até pena. Só um pouquinho, não muita. Ela sugou bastante até se afastar

devagar, com medo de que a Laura se aborrecesse com algum movimento brusco. Franziu os lábios e fez uma expressão sofrida.

Laura se aproximou dela, apertando as laterais de sua boca como eu havia feito há alguns minutos atrás. Mas acho que ela foi bem mais severa, pois deixou marcas avermelhadas de dedos na pele branca da Helena.

– Engula! – chacoalhou-lhe o rosto e o ergueu.

Helena engasgou um pouco e pareceu ter engolido o meu gozo. Sorri. Meu pau sequer diminuiu, já estava pronto para outra. A presença da Laura, o modo como dominava, seu cheiro, sua voz fria, tudo me causava um rebuliço sinistro. Era impossível deixar a excitação morrer.

Ver Helena tão ferrada me trouxe um prazer impressionante, e mais ainda porque era a Laura que estava me ajudando com aquilo.

De repente, Laura voltou a puxar o rosto da Helena em sua direção. Deixaram os rostos quase unidos.

– Agora agradeça ao seu senhor por ter permitido que você lhe trouxesse prazer – murmurou de um jeito que causou medo até em mim. Laura era louca, mas eu já sabia disso.

Sorri.

Helena me olhou, morrendo de pavor. Meu sorriso só fez aumentar.

– Vamos! – Laura Diniz quase gritou. Helena pulou de susto, coitada.

– O... Obrigada... Se... Senhor.

– Ótimo... – Laura continuou, fazendo Helena voltar a encará-la de perto. – Agora escute bem, sua vadiazinha... Não quero saber de você se atirando nele de novo.

Helena arregalou os olhos, estava pronta para se defender. Laura a interrompeu, prendendo ainda mais os seus cabelos. Acho que estava doendo. Aliás, tenho certeza de que estava.

– Estou ligada na sua, vadia! – rosnou. – Finge que é inocente, mas não passa de uma puta. Fique longe dele, está me ouvindo? Está entendendo? – chacoalhou seu rosto. Helena soltou gemidos sôfregos.

– Sim... Sim!

– “Sim” uma porra! – Então ela fez. A louca lhe deu um tapa na cara que doeu até em mim. Acho que foi pior do que aquele que tinha me dado na segunda-feira.

– Sim, Se... Senhora – Helena já chorava.

Eu não sabia até onde Laura chegaria, mas eu que não era doido de impedi-la. Além de que uma parte enorme de mim estava gostando de presenciar aquilo. Afinal, Laura Diniz, a própria, estava mandando a Helena se afastar de mim. Ou seja, não havia outra explicação: estava com ciúme. CIÚME. De mim. Magnífico!

Só estava assustado por estarmos em ambiente de trabalho. Aquilo poderia dar em merda, porém, pensando melhor, Helena não tinha como denunciar a Laura ou coisa do tipo. Estava com o rabo preso também. Éramos dois contra um. Claro que eu ficaria do lado da Laura Diniz.

– Agora suma daqui, imbecil. Não me deixe olhar para sua cara por um bom tempo, caso contrário eu juro... – arfou. – Juro que acabo com a sua raça.

Laura a soltou tão rápido que Helena caiu para trás de novo. Assustada, ela se levantou e saiu da sala sem que eu conseguisse ver o seu vulto. Foi rápido, parecia o demônio fugindo da cruz.

Continuei sorrindo amplamente. Acho que tinha ficado tão louco quanto a Laura Diniz.

Por falar nela, pensei que fosse sobrar para mim de alguma forma. Estava pronto para um sermão, uma ameaça ou sei lá... Qualquer coisa muito negativa. Entretanto, a maldita apenas retirou seu blazer marrom e o segurou, deixando uma blusinha creme de alças à mostra. Afundou no sofá como se estivesse bem cansada e, finalmente, me olhou como se nada tivesse acontecido.

– Acho melhor guardar isso aí – apontou para o meu pau, que ainda estava duro como pedra.

– Tem muito mais pra você ainda – murmurei corajoso. Prendi os lábios e segurei o meu membro. Estava todo lambuzado, uma meleca só.

Laura o observou. Pude ver resquícios de dúvidas em seus olhos. Ela estava decidindo se era prudente continuar. Se aquilo feriria o seu ego ou algo assim. Claro que procuraria vantagem, conheço-a bem para tal. Foi por este motivo que não me animei muito. Fiz bem.

– Oh, Henrique Farias... – começou, aproximando-se um pouco. Seus olhos sobre os meus me tiraram o fôlego. – Quando chegar a nossa hora, quando eu te fizer meu... Pode ter certeza de que vou provocar todas as reações que o seu corpo puder oferecer. Cada toque... – ela alisou o meu braço, seguindo pelo meu peitoral. Suas mãos quentes me provocaram arrepios. – Cada suspiro... Cada beijo... – Laura deixou o rosto ainda mais perto do meu. Respirei o seu hálito com muita vontade, quase enlouquecendo. – Cada gemido... Tudo o que partir do seu corpo vai me pertencer. Tudo o que sentir será porque *eu* quis, porque *eu* provoquei.

Seu rosto estava tão perto que não consegui me controlar: ergui uma mão e lhe toquei os lábios. Parecia enfeitiçado por aquela boca tão perfeita, aquele rosto que já fazia parte de tudo o que eu mais desejava. Laura Diniz não recusou o meu toque, o que foi um milagre divino. Muito pelo contrário, ela beijou os meus dedos com suavidade. Chegou até a fechar os olhos por um segundo.

Quanto os reabriu, senti faíscas de raiva surgirem do nada.

– Não aceito migalhas – rosnou fervorosamente e se levantou depressa.

Apontou para alguns papéis em cima de uma cadeira. Eles não estavam ali antes, por isso supus que havia trazido consigo.

– Aí está o assunto da prova de amanhã – caminhou até a porta e, antes de sair, virou-se para me encarar: – Pronto para ser massacrado, idiota? Ah... Por sinal... Você além de idiota é... espetacular.

Olhou para um ponto bem abaixo do meu rosto – bem abaixo mesmo! – e partiu, deixando-me confuso e de pau duro.

Mas eu já estava acostumado.

# 10º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Só conseguia sentir raiva. E a raiva me trazia uma vontade louca de possuir. Sabia que este era o único jeito de fazer aquilo passar; toda a amargura, angústia, ressentimento, sensação de fracasso... Tudo tinha fim quando eu estava no comando, no absoluto controle. Só existia o desejo, a vontade, a luxúria. O resto era atirado em um poço vazio e escuro, local que escolhi para jogar fora as coisas que não me trariam o futuro que quero para mim mesma.

Não sabia que podia ficar tão irritada com uma armadilha tão idiota. O que a Helena me fez – ligar para mim fingindo que o Henrique queria falar comigo só para que o visse com ela – foi a coisa mais idiota que podia ter feito na vida. Ela pagou devido à minha capacidade de autocontrole, mas não foi o bastante. Sinto que não... Sinto que ainda farei com que pague muito mais. A obviedade de seu planinho ridículo era exatamente isso: ridícula. Certamente ela esperava que eu saísse correndo, ferida e magoada. Brigaria com o Henrique ou teria um acesso de ciúme. Infelizmente – para ela – e felizmente – para mim –, eu não sou uma otária.

Mas o que não posso negar é que senti ciúme. Um sentimento doentio amargurou as minhas ideias, mas foi por um curto tempo. Quando percebi que eu ainda estava nos planos do Henrique, que na verdade ele estava mais interessado em mim do que nela, minhas forças se renovaram e pude manter a dignidade. Quase caí. Foi por um triz. Sei que a culpa é da minha obsessão; quando estou no meio de um desafio, exijo que o meu alvo só consiga pensar em mim, só consiga ser meu. Estava fazendo alguma coisa muito



errada, mas tentava me justificar alegando que jamais tive outro dominador como alvo. As regras do jogo eram diferentes, e tenho certeza de que ele estava tão confuso quanto eu.

Só não sei se ele odeia estar confuso. Eu odeio. Com todas as minhas forças.

Naquele momento, estava odiando o mundo. Absolutamente nada conseguia se salvar. Depois que analisei, ainda na segunda-feira, a papelada que a Sônia me passou, e constatei que todas as coordenadoras ganhavam menos que os coordenadores, estava imersa em um mar de antipatia e revolta. Não sabia ainda o que fazer com relação àquilo. Encontrava-me perdida, com medo de perder o cargo na direção por causa de uma reclamação salarial. Em contrapartida, não podia deixar barato. Sabia que alguma coisa devia ser feita.

O que me deixava menos abalada era o fato de aquela discrepância não ser algo pessoal. Se fosse, aí sim veriam a fera criar garras dentro daquela empresa. Com certeza tiraria satisfação, buscaria os meus direitos e venceria mais uma batalha. Ainda faria com que me pagassem tudo o que deixei de receber.

Além de todos aqueles problemas ainda tinha a Jane. Seu primeiro diário era infantil demais, pulei muitas páginas, mas consegui tomar conhecimentos de coisas que não sabia sobre ela. Já o segundo, o que estava lendo e havia pegado em seu quarto na noite passada, era mais... obscuro? Jane tinha entrado em uma espécie de depressão aos treze anos, e eu sequer sabia que havia acontecido. Só falava de morte, suicídio, inferno e coisas similares.

Precisava conversar com ela, cedo ou tarde. Quanto mais tarde melhor, pois sei que a conversa seria incômoda e dramática demais. Muito sentimental para o meu gosto. Mesmo assim, não conseguia parar de sentir aquela amargura que me consumia. Sensação de fracasso. A pior de todas as sensações. O meu corpo reagia muito mal a ela.

Odeio deixar assuntos pendentes, ainda mais sendo tão importantes. Aquela espera sem sentido estava me matando, não via a hora de decidir o que fazer em todos os âmbitos da minha vida e, de fato, ir atrás de soluções. Parecia estar de mãos atadas, sem rumo, sem planos. Fora de controle.

Puxei os cabelos loiros do Jaime com força, fazendo com que gritasse alto. Ainda bem que Jane não estava em casa – sabe-se lá onde havia se metido –, caso contrário se assustaria com aqueles gritos. Eu não estava no meu melhor dia, nem no meu melhor humor, nem no melhor ano ou melhor encarnação. E toda aquela raiva só tinha um jeito de ser esvaída. Só conhecia um modo eficaz.

Meu corpo estava muito suado pelo movimento acelerado que fazia em cima do Jaime. Minhas pernas estavam bem abertas, formando um ângulo de cento e oitenta graus. O treino daquela noite foi intensivo, meu corpo ainda estava quente e disposto a realizar posições inusitadas. Era bem interessante ficar daquele jeito, eu gostava. Jaime parecia ficar ainda mais louco com tanta flexibilidade.

Usava a minha cintura para me movimentar cada vez mais depressa, tomando para mim tudo o que me pertencia. A sensação de estar repleta não me abandonava, em contrapartida, sentia que queria muito mais. Ainda não tinha conseguido atingir um orgasmo, e isso estava me deixando ainda mais irritada. Sabia que não estava relaxando, não estava esquecendo ou superando os fantasmas dos meus problemas. A culpa disso era totalmente minha, porém era o Jaime quem estava pagando por cada centavo da minha ira.

Seu rosto estava vermelho de tanto que já tinha batido nele. O peitoral bem definido continha marcas das minhas unhas, misturadas com as seis chicotadas que havia dado com toda a minha força. Mesmo assim, nada estava sendo suficiente. Nada.

Peguei o chicote, que havia abandonado em algum ponto em cima da minha cama. Jaime me encarou com os olhos arregalados, morrendo de medo. Era incrível como todo aquele pavor conseguia

se transformar no mais puro prazer. Ele gostava. Amava apanhar, sobretudo de mim.

– Doutora Laura... – gemeu alto. – Não... Não...

Larguei o chicote.

Arqueei meus joelhos e me inclinei até deixar a minha boca quase encostada na sua. Olhos escuros me encaravam fixamente, atentos a cada movimento meu. Guiei minhas mãos pelos seus braços fortes, que estavam abertos e erguidos. Parei em seus punhos e segurei bem no lugar onde correntes os prendiam. O gesto fez nossos corpos se desencaixarem, e a sensação que me deu foi de estar vazia.

Fui esfregando o meu sexo absolutamente molhado no seu abdome. Jaime gemeu mais uma vez.

– Não quer apanhar? – perguntei com a voz rouca meio doentia. Até eu me assustei com aquele timbre, parecia uma louca.

Fazia uma semana que não transávamos. Desde o nosso momento no carro, não havia procurado por ele para nada. Não senti a mínima vontade. Sua decepção começava a ficar visível. Naquele dia me encontrei totalmente disposta a descarregar tudo o que vinha se acumulando dentro de mim, e ele ia desistir? Jaime só usou a nossa palavra de segurança uma única vez, e admito que, na época, fiquei me sentindo um lixo durante muito tempo.

Odiaria que ele vacilasse de novo. Odiaria vacilar com ele de novo.

Jaime abriu ainda mais os olhos. Seus lábios começaram a tremer, mas parecia não encontrar palavras para dar uma boa resposta.

– Eu... es... estou... qua... quase go... gozando e...

Suspirei aliviada.

– Sabe o que acontece se gozar sem permissão, não sabe?

Ele prendeu os lábios. Senti que ia desviar os olhos dos meus, mas acabou se controlando bastante para não fazê-lo.

– Se... Sei.

Lambi a sua boca. Depois, beijei-o profundamente. Nossas línguas brincaram por longos minutos, tirando nossos fôlegos. Às vezes eu simplesmente não podia parar de beijá-lo. Seus lábios eram macios, pareciam feitos de veludo. Eu não tinha pressa e precisava acalmá-lo um pouco, por isso permiti aquele momento raro entre nós. Por incrível que pareça, dou mais valor a um beijo do que a uma transa.

Desencostei nossas bocas e respirei fundo. Jaime arfou inúmeras vezes, quase sem ar. Seu rosto havia ficado ainda mais vermelho, porém não parecia mais temeroso. Pelo contrário, agora me olhava daquele jeito apaixonado que me irritava.

Levantei-me, ficando de pé em cima da cama. Estava ciente da minha nudez total. Analisei tudo o que me aguardava: Jaime absolutamente entregue de bandeja para mim. Seu corpo másculo era um verdadeiro pecado. Ele não era tão grande como o Henrique Farias – também não possuía tantos pelos no corpo –, mas tinha tudo no lugar.

Parei meus olhos em seus tornozelos, circundados por mais correntes. Eu havia os prendido com tanta força que podia ver marcas avermelhadas por ali. Pensei em deixar mais frouxo, porém desisti. Jaime que aguentasse firme. Não queria que se movesse nem um milímetro sequer.

– Fique bem quieto para não se machucar além do necessário – limitei-me a dizer, e ele assentiu.

Virei de costas e passei uma perna por cima dele. Fui descendo devagar, até que fiquei de quatro, com o meu sexo perto de sua boca. Deu para sentir sua respiração acelerada e quente

assoprando, mexendo com meus instintos. Fechei os olhos, disposta a gozar de uma vez. Precisava de um orgasmo, e aquele era o modo mais rápido. Sexo oral sempre me deixava pronta, relaxada e com os pensamentos bem longe da realidade.

Afundi o meu sexo no seu rosto, sentindo sua língua me invadir prontamente. Jaime não media esforços quando eu fazia aquilo, parecia querer me tomar, beber de mim até que se embriagasse, como se eu fosse um líquido poderoso, estimulante. Eu mal dava espaços para que respirasse, mesmo sabendo que precisava fazê-lo.

Seus lábios habilidosos encontraram um ponto bem específico. Gemi baixinho. O primeiro gemido que soltei naquela noite, e não passou de um suspiro um pouco mais alto. Sou muito controlada, odeio ficar gritando e gemendo. De alguma forma, acredito que o fato de emitir algum som deixe claro demais que estou gostando, sentindo prazer ou sendo submetida. Não gosto de me sentir dependente. Permaneço calada, apenas concentrada em sentir.

Fechei os olhos e, com a mão direita, fui massageando a sua ereção. Senti-a vibrar com o meu toque; estava lambuzada, dura como pedra, pronta para mim. Usei o polegar para alisar a ponta avermelhada. Fiquei fazendo movimentos circulares enquanto tentava esquecer a minha vida, sendo embalada por uma boca maravilhosamente situada.

Usei a minha cintura para facilitar o processo. Rebolei em sua língua, afundi o meu corpo naqueles lábios... Naveguei minha mão livre pelo seu corpo malhado. Fiz tudo com calma e paciência, deixando os minutos me tirarem a sanidade.

Quando estava quase alcançando o êxtase – podia senti-lo se aproximando lentamente –, percebi o colchão vibrando embaixo de nós. Um segundo se passou, e uma música irritante invadiu o quarto: era o meu celular tocando. Porcaria! Pensei que tivesse desligado o maldito.

Jaime continuou como se nada estivesse acontecendo, mas a minha concentração foi para o bebeléu. Deixei meu corpo pender sobre o seu por alguns segundos, até que decidi acabar logo com aquilo. Levantei-me e, procurando pelo aparelho, percebi que estava do lado oposto, em cima da cama.

O visor me mostrou o nome do Henrique Farias. Percebi que já era meia-noite, ele sempre me ligava àquela hora. Foi mesmo um erro enorme ter deixado o meu celular ligado. Odeio interrupções.

No último instante, tive uma ideia. Nem raciocinei direito antes de colocá-la em ação, apenas atendi a ligação e murmurei bem baixinho:

– Escuta isso, idiota.

Deixei o celular em cima do criado-mudo. Peguei o chicote e subi na cama, ficando de pé novamente. Encarei o Jaime com firmeza. Ele voltou a me oferecer a careta temerosa e desejosa ao mesmo tempo.

– Você é meu? – questionei em alto e bom som, passando a ponta do chicote em sua pele. Apoiei meu pé direito em seu abdome, pressionando um pouco, como se fosse pisá-lo.

– Todo seu, Doutora Laura. Completamente seu, a senhora pode fazer o que quiser comigo – Jaime falou de um modo tão apaixonado e eloquente que certamente não sobrariam dúvidas para o Henrique.

Nem para mim.

Todo aquele sentimento me deixava puta de ódio, porém, naquele instante, cheguei a sorrir de satisfação. O fato de saber que o Henrique estava ouvindo aquilo me encheu de tesão e contentamento. Mil imagens surgiram na minha mente; Jaime e Henrique amarrados, submetidos a mim, preenchendo-me intensamente. Queria ambos sob os meus domínios, queria tê-los em mim. Tenho certeza de que gozaria inúmeras vezes, sem

qualquer problema. Todas as minhas dúvidas iriam embora, meu corpo inteiro seria entregue ao desejo e à luxúria absoluta.

Todos os ménages que já tinha feito na vida me deixaram em uma posição desvantajosa. Aquele seria perfeito, do meu jeito. Acho que morreria de tanto prazer. Um dia fazia a proposta ao Henrique. Jaime não tinha escolha, sabia que faria parte do jogo sem pestanejar. Talvez deixasse o Henrique desamarrado só para não ferir seu ego do tamanho de um elefante. Abriria aquela exceção, afinal, a vantagem plena seria minha.

Mais uma ideia me acometeu, por isso descii da cama, larguei o chicote sem utilizá-lo – como era a minha real vontade – e abri a primeira gaveta do criado-mudo, retirando de lá o meu vibrador. Tinha o formato de um pênis bem dotado e, apertando um botão, vibrava em diversas velocidades. Peguei também um preservativo, sem conseguir parar de sorrir. Estava tão excitada com as minhas ideias loucas que acabei, sem ao menos me dar conta, esquecendo-me da vida para me concentrar naquilo.

Abri o preservativo com os dentes e me atirei em cima da cama até deixar o meu corpo entrelaçado com as pernas compridas do Jaime. Ele não parava de me olhar nem por um segundo. Sua expressão confusa era um adicional espetacular à minha vontade de fazer o que planejava.

Devagar, fui encaixando o preservativo na ereção ainda firme dele. Jaime então começou a entender, e seu rosto se iluminou consideravelmente. Ele abriu a boca, querendo falar algo, mas nada saiu. Por fim, sorriu de orelha a orelha. Sempre me perguntei por que todo homem fica louco com isso. Para mim, era natural. A dorzinha inicial me fazia não querer experimentar sempre, mas eu curtia quando parava de doer. Meus pensamentos luxuriosos me fizeram disposta a fazê-lo. Nem lembrava quanto tempo fazia que não me permitia fazer sexo anal. Acho que meses.

Encarei Jaime com rigidez.

– Você quer que eu te foda com o meu rabo? – assim que fiz a pergunta, tentei imaginar o que o Henrique estaria pensando. Acho que ficaria louco. Daria tudo para ver suas expressões, certamente estava franzindo a testa. E com aquele pau enorme bem duro.

Olhei o celular de soslaio, ainda estava aceso. Voltei a encarar o Jaime.

– Oh, meu... Claro que sim, Doutora Laura... Por favor... Por favor, sim... – ele mais gemia do que falava, parecendo desesperado. Sua ereção vibrou entre as minhas mãos, e seu ventre soltou um espasmo delicioso de ser observado.

Sorri com malícia e fiquei de pé, pegando o meu vibrador. Passei uma perna de cada lado do seu corpo e fui me abaixando devagar. Jaime prendeu a respiração, observando a distância entre os nossos sexos diminuir. Quando nos encostamos de leve, ele arfou alto e soltou um gemido curto.

Eu não queria enrolação, já estava com muito desejo e pensamentos rodopiando a minha mente. Apoiando-me nos joelhos e inclinando meu corpo para frente, permiti que me penetrasse devagar. Prendi os lábios e desviei os olhos pela primeira vez, odiando a dor chata que se seguiu. Na verdade doeu pra caramba, mas eu estava tão disposta e permissiva que encontrei um modo de encaixá-lo por inteiro dentro de mim.

Não consegui evitar um gemido mais alto. Escapuliu, simplesmente.

– Gosta disso? – quase não consegui questionar.

– Adoro, Doutora... Amo! A senhora é maravilhosa... – respondeu entre mais gemidos e suspiros. Podia sentir seu corpo tremendo embaixo do meu, totalmente entregue e emocionado.

Fiz alguns movimentos bem devagar, buscando me acostumar com a ideia. A dor não queria passar, mas pelo menos estava



aliviando. Antes que realmente me acostumassem, apoiei meus pés no colchão e me ergui, ficando agachada em cima dele.

Segurei o vibrador com firmeza. Ergui a cabeça e fechei os olhos, deixando os pensamentos loucos que envolviam a presença do Henrique me guiarem para longe. Nem sei dizer em que momento aconteceu, mas quando menos percebi estava totalmente repleta, tendo o vibrador dentro da minha vagina. Quando liguei o botão, achei que fosse morrer de prazer. Juro que foi instantâneo: meu primeiro êxtase da noite não conseguiu ser evitado. Gozei tão intensamente que gritei alto, desabafando toda a dor, tristeza, angústia, nervosismo... Tudo o que havia em mim saiu em gritos e gemidos, coisa que jamais havia acontecido.

Jaime também gemia bastante. Piorou quando comecei a me movimentar aceleradamente em cima dele, deixando que me invadisse naquele lugar tão sugestivo. A dor teimava em não ir embora, estava doendo um bocadinho, mas meu corpo sequer hesitou. Quando eu quero alguma coisa, não importam as consequências.

Imaginei o Henrique ali, invadindo-me junto com o Jaime. Cerrei os olhos com força. A sensação de estar repleta me ensandecia. Peguei o chicote com um movimento rápido e escutei o barulho que tanto amava: as tiras de couro cedendo à pele branca do Jaime. Ele gritou.

– Doutora Laura... Por favor... Por favor!

– Não! – gritei, agitando-me ainda mais depressa.

Outra chicotada se fez presente, e meu desejo atingiu um ponto tão elevado que gozei de novo. Desta vez, silenciosamente. Não parei o movimento por nada. Confesso que foi difícil demais permanecer com a boca fechada, mas consegui.

– Por favor! Por favor! – Jaime ainda implorava.

– Não!

– Não vou conseguir... Não vou, não vou...

Inclinei-me para frente, sem deixar de mexer a minha cintura. Puxei-lhe os cabelos, fazendo seu rosto se aproximar do meu.

– Diga a quem pertence – rosnei com fúria.

– A senhora, Doutora Laura... Somente a senhora... Por favor... Por favor...

Choquei o meu corpo contra o seu uma última vez.

– Goze agora – ordenei.

Jaime gemeu alto. Sua respiração ofegante demais me deu um pouco de pena. Ele estava arrasado em todos os sentidos. Deu para sentir que aquele orgasmo havia sido muito intenso. Vê-lo gozando era magnífico, porém algo dentro de mim me deixou decepcionada. Percebi que não senti o tamanho desejo que tinha sentido quando vi o Henrique gozando mais cedo.

Não chegou nem perto.

Prendi os lábios e fiquei o encarando seriamente. Esperei seu êxtase ir embora, e também que recuperasse o fôlego. Jaime não falou nada durante aqueles longos segundos em que minhas reflexões ficavam cada vez mais pessimistas.

Só então percebi que ainda tinha um vibrador dentro de mim, que passou a me incomodar em vez de causar prazer. Curvei-me para trás, voltando a me agachar. Desliguei e retirei o vibrador calmamente, bem como me desencaixei do Jaime. Soltei um longo suspiro.

– Obrigado, Doutora – Jaime murmurou. Voltei a encará-lo. – Muito obrigado.

Nada respondi. Sabia pelo quê estava agradecendo: ele havia sentido um imenso prazer naquela noite, e estava sendo grato por eu ter permitido. Foi complicado livrá-lo de tantas correntes, mas

tentei ser rápida. Deixei-as jogadas embaixo da cama, depois daria um jeito de guardá-las com cuidado.

Por incrível que pareça, Jaime não se mexeu mesmo quando ficou totalmente livre. Continuou me observando daquele jeito apaixonado. Sua pele branca chegava a assustar de tão vermelha e marcada que havia ficado.

– Cuide disso – falei, alisando seus pulsos marcados pela pressão das correntes.

– Sim, Senhora.

– Agora vá. Preciso dormir.

– Doutora Laura... – ele continuou sem se mover. O rosto bonito se contraiu de nervosismo. – Peço permissão para tocá-la... Só um pouco.

– Tocar onde? – fiz uma careta. Sentei na cama bem ao seu lado, analisando suas expressões.

– No rosto.

Olhei para o celular. Continuava aceso. Talvez aquilo fosse bom para o Henrique. Quem sabe ele aprendesse a pedir permissão antes de me tocar sem mais nem menos? O fato de eu permitir ao Jaime podia fazer com que ele finalmente passasse a me pedir, sabendo que eu permitiria. Bom, mas é claro que não permitiria sempre.

– Tudo bem – aproximei-me devagar, inclinando meu corpo até deitar ao seu lado. Jaime finalmente se moveu, inclinando-se também. Ficamos frente a frente.

Ele ergueu uma mão e tocou, de leve e com as costas dos dedos, a lateral do meu rosto. Subiu até os meus olhos e desceu lentamente, alcançando o meu queixo. Continuei o encarando com rigidez. Meu olhar dizia claramente que ele não devia se acostumar com aquilo, pois não se repetiria.

– A pele da senhora é tão macia... – sussurrou. – A senhora é tão linda...

Seus olhos escuros estavam me martirizando, fazendo com que me sentisse culpada por não ser capaz de sentir absolutamente nada por ele.

– Já chega – afastei-me rapidamente. – Vá agora.

Jaime sorriu um pouco e se levantou. Retirou a camisinha de seu pênis, jogando-a num cestinho de lixo localizado perto do guarda-roupa. Depois, vestiu suas roupas e, fazendo um gesto de reverência – como mordomos em filmes antigos –, foi embora sem mais nada dizer.

A primeira coisa que fiz quando Jaime fechou a porta do meu quarto foi pegar o meu celular. Como previsto, a ligação ainda acontecia. Sorri maliciosamente. Uma coisa estranha fez meu estômago se espremer, uma espécie de nervosismo e curiosidade para saber o que o Henrique havia achado de tudo aquilo.

– E aí, idiota? – quase gargalhei naquele instante. Precisei me controlar muito. Era tão bom e hilário chamá-lo de idiota, ainda mais sabendo que era verdade.

Silêncio absoluto. Cheguei a pensar que o Henrique havia desligado, por isso afastei o celular para conferir. Não, a chamada ainda estava intacta. Voltei a apoiar o aparelho no ouvido e esperei. O nó no estômago se intensificou bastante.

– Você tem um submisso? – Henrique finalmente falou alguma coisa. Nem sei se fiquei aliviada por ter cortado o silêncio ou se me desesperei com o timbre grosseiro que utilizou. Parecia um animal feroz. Ele havia ficado com muita, muita raiva.

– Não exatamente.

– Então, o quê? Quem é esse cara, Laura Diniz? Seu namorado?

Espera aí! Quem o Henrique achava que era para gritar comigo?

– Não seja ridículo.

– Você é ridícula.

Calei-me. Por um instante, não soube o que dizer. Não estava entendendo nada, por que ele tinha ficado tão irritado? Flagrei a secretária fazendo sexo oral nele, por que o maldito não podia me ouvir dominando alguém? Grande besteira!

– Não vou perder mais um segundo do meu tempo contigo, Henrique Farias. Passar bem!

– Espere! Não ouse, não desligue este telefone ou juro que apareço aí na sua casa e arrombo a porta.

Era só o que me faltava!

– Quero ver a sua coragem – incitei.

– Não me tente, Laura. Agora me diga de uma vez por todas: quem é esse cara?

Nossa, ele estava mesmo bastante irritado.

– Não devo explicações a você.

Ouvi um rosnado feroz, e meu sangue congelou nas veias. Medo. Foi o que senti, de verdade. Henrique Farias me causou verdadeiro pavor. Nem sei dizer como ou por que.

– Isso não está certo... Não é um jogo limpo! – explicou-se. – Laura, você é o *meu* desafio, eu não quero te ver ou te ouvir ou sequer imaginá-la com outro cara. Não quero!

Prendi a respiração. Eu também não queria vê-lo, ouvi-lo ou imaginá-lo com outra mulher, mas não havia tido escolha. Ele sacaneou também. Jogou sujo. Contudo, não estava escrito em canto algum que devíamos ser exclusivos. Muito pelo contrário,

exclusividade não fazia o nosso estilo. Nem estávamos nos relacionando, pelo amor de Deus! Nem um beijo havia acontecido!

– Avisa para a sua secretária oxigenada – rosnei. Ele ficou calado, dando-me espaços para continuar: – Sinto muito te avisar, mas não sou exclusiva de ninguém. Vai ter que engolir o fato de que transo com quem quiser ou então desistir do desafio.

– Sabe que não vou desistir.

– Então supere, Henrique Farias.

– Não consigo superar a ideia de ter um cara te tocando.

Ri um pouco. Foi inevitável.

– Olha só... Temos um ciumento aqui.

Ele riu também, mas sua falta de graça foi notável.

– Não fui eu quem quase matou alguém só para deixar claro que não se aproximasse de mim.

Apertei o celular com força. Por que ele sempre me causava tanta raiva?

– Se quer que eu seja exclusivo, precisa ser também, Laura Diniz. Caso contrário, nada feito – concluiu. Sua voz estava rígida demais, prova de que falava realmente sério.

Ele estava me propondo exclusividade? Pra quê? Como ser exclusiva de alguém que não permite meu domínio? Como se guardar para alguém que nunca teve relações? Não fazia sentido algum.

– Esqueça esse lance de exclusividade. Você pode fazer o que quiser com quem quiser, menos com aquela vagabunda.

Seria vergonhoso e humilhante vê-lo com a Helena de novo. A vadia não podia achar que venceu, de jeito nenhum.

– Certo... Então pode fazer o que quiser, menos com esse cara aí.

– O que tem ele? Você nem o conhece!

– O sujeito está louco por você, Laura. Não percebe? Está apaixonado. Eu nem estava aí e percebi isso, como pode ser tão distraída?

Argh. Droga!

– Eu sei o que está acontecendo, Henrique. Não sou idiota feito você.

– Combinado? – insistiu.

Pensei um pouco. Deixar o Jaime sem sexo por três meses não era uma boa ideia. Nem sei se valia a pena me sacrificar e sacrificá-lo por causa da vadia, mas não encontrei outra saída. Mais um motivo para fazê-la pagar pelo que fez.

– Combinado – falei suspirando. Sabia que me arrependeria amargamente. – Mas, quando o jogo acabar e eu estiver no topo... Quero pelo menos uma noite com você e ele, juntos, só para mim.

Henrique Farias gargalhou alto.

– Laura Diniz, jamais vou dividi-la com alguém – sua voz era quase uma ameaça. – Isso não está em questão. Não quero ninguém te tocando, não quero ninguém comendo o seu rabo além de mim. Esqueça isso.

Queimei de ódio. Aquele novo modo de falar comigo, como se eu o pertencesse, estava me tirando do sério.

– Aposto que adoraria se fosse ao contrário. Seu machista! Tenho certeza de que quis que eu me juntasse a você e a Helena hoje, não?

– É diferente.

– Diferente? Não vejo diferença alguma!

Henrique ficou calado por algum tempo, até que soltou:

– Pensei em ter as duas sim, não vou negar. Mas sabe o que quis de verdade? Que ela fosse embora e você ficasse. Não entende, Laura Diniz, que te quero a qualquer custo? Não entende que meu desafio é o que me interessa? Só penso em te foder, em te fazer minha, em deixar que só pense em mim... Que queira estar só comigo. Você é a minha obsessão.

Meu corpo reagiu de imediato ao que disse, reavivando as minhas vontades. Realmente não soube o que pensar. Mal havia se passado uma semana e aquela coisa que nos atraía só fazia crescer, por mais irritação que causássemos um ao outro, por mais que quiséssemos nos matar em alguns momentos, tudo o que nos unia era a força daquele desejo. Uma loucura. As palavras do Henrique não faziam sentido se eu não estivesse sentindo exatamente a mesma coisa.

O que tornava tudo ainda mais louco.

– Precisa respeitar a ideia de que é meu desafio, Laura – prosseguiu, e seu timbre sério continuava o mesmo. – Estou tentando te respeitar ao máximo, mas só te vejo brincando comigo o tempo todo.

– *Eu?* Brincando contigo? – A palhaça ali com certeza não era eu. – Não pode estar falando sério...

– Claro que estou. O que aconteceu hoje à tarde foi uma fatalidade, em nenhum momento quis que presenciasse aquilo. Não acho certo ou justo. Mas você é extremamente vingativa, e fez o que fez. Percebo que nada que eu fizer vai sair impune, não é?

– Quer saber? É isso mesmo. Estou sempre um passo à frente, Henrique. Quem com ferro fere com ferro será ferido. Olho por olho, dente por dente. Enfim... Entenda como quiser, nada mesmo que fizer ficará impune. Eu não levo desaforo para casa.



Henrique Farias soltou um longo suspiro. Podia imaginar suas expressões, e do nada senti vontade de tê-lo na minha frente só para observá-las de perto. Estava tão confusa que permaneci calada, apenas esperando que falasse alguma coisa. Pensei e repensei as minhas atitudes – coisa que não faço com frequência, pois dá espaços para arrependimentos –, mas não encontrei nada que pudesse me fazer sentir culpa.

– Não entende mesmo como me senti te ouvindo gozar com esse cara... – murmurou muito baixo, mas consegui escutar.

Aquele tal nó no estômago voltou com força total.

– Pois é, entendo. É ruim, não? Seria ótimo se tivesse me flagrado com ele dentro da minha sala. Pena que sou inteligente demais para me deixar levar no ambiente de trabalho.

– Então é essa a questão? Foi o que senti quando me viu com a Helena? – quis saber, curioso.

Emudeci. Aquela conversa estava ficando cada vez mais estranha. Sinceramente, havia desistido de buscar alguma compreensão. Desisti de jogar, apenas tentava ser sincera. Acreditei que Henrique também estava sendo. Sei que era arriscado ser tão transparente, e talvez por isso me sentia tão confusa e perdida.

– Devo tomar seu silêncio como um sim? – insistiu.

– Por aí.

– Entendo... Bom, então a nossa nova regra vai ser simples: não faça com o outro o que não quer que ele faça com você.

Bufei.

– Que graça há nisso? Eu adoro te sacanear.

Só estava sendo sincera.

– Eu também adoro te sacanear, Laura. No fundo, gosto quando me sacaneia, mas não a este ponto. O que aconteceu hoje

não pode se repetir.

Meu cérebro ignorou todas as frases, menos uma. Aquela ficou martelando o meu juízo.

– Gosta quando eu te sacaneio? – sorri largamente.

– Você não?

Pensei um pouco.

– Acho que sim. É um combustível... Fico ainda mais a fim de tê-lo para mim. Estou perdendo o juízo, Henrique. Nunca esperei tanto. Nunca foi tão difícil.

Ouvi sua respiração ficar ofegante. Minha nossa... Era incrível. Aquele desejo precisava ser aplacado. Até quando suportaríamos? O que nos aguardava? Como faríamos?

Só sabia de uma coisa: eu não ia ceder. Nunca mais cederia a ninguém. Não importava o tamanho daquele desejo, ele jamais seria maior do que a minha autopreservação. Ainda bem.

– Ah, Laura... Você está me deixando louco...

Mas confesso que era difícil ouvir sua voz sussurrada próxima ao meu ouvido. Alguma coisa muito forte me tirava o foco quando acontecia.

– Humm... Vem pra cá, Henrique – sussurrei, desejosa até demais. – Minhas correntes estão prontas... Já me deixou molhada de novo... Tem muito mais pra você ainda... – só depois de ter dito tais palavras me lembrei de que foram as mesmas que o Henrique usou comigo mais cedo.

Prendi os lábios e cerrei os olhos. Fiz merda. Com certeza Henrique me entenderia mal. Pensaria que eu ainda estava me vingando.

– Não aceito migalhas – devolveu-me as palavras, como previsto. Sua voz voltou a ficar grosseira.

Desligou na minha cara.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

Laura Diniz é uma pessoa difícil de compreender e de lidar. Quando pensei que finalmente estávamos nos entendendo – que podíamos ser francos um com o outro –, ela veio de novo com mais uma de suas sacanagens. Sua sede de vingança chegava a ser cruel. Aliás, ela inteira era um poço de mistério e crueldade. Há um mal dentro dela que tanto me repele quanto me atrai. Devo ser tão anormal quanto aquela louca mulher – só um homem perturbado para encará-la de frente sem desistências. Qualquer um já teria desistido.

O que tanto me fazia querer cada vez mais? Minha ambição e orgulho iam tão longe assim?

Antes de qualquer coisa, devia ter desligado o telefone. Nem eu mesmo fazia ideia de que podia sentir tantos ciúmes na minha vida – ouvi-la com outro homem me amargurou completamente. Laura apelou, brincou bonito comigo. Enquanto ouvia toda aquela tortura, só conseguia visualizar a desgraça na qual havia me metido; desafiar alguém como a Laura era falta de inteligência e senso, porém um excesso absurdo de coragem. Considerei-me um corajoso e ouvi até o fim, mesmo que cada ruído significasse uma facada no meu estômago.

Não quero que ninguém a toque. Ponto final. Não suporto a ideia, não dá. Se não posso fazê-lo, quem mais poderia? O que faz desse cara melhor do que eu? O sujeito é um mané, faz as vontades dela, apanha covardemente e ainda tem a ousadia de se apaixonar. Sim, sei perfeitamente que está apaixonado por ela. Nunca o vi – e Deus permita que ele jamais seja colocado na minha frente –, mas já sabia. E aquela paixãozinha medíocre podia trazer problemas aos meus objetivos.

Laura parecia não corresponder àquilo. Só parecia. Sei muito bem que se faz de durona o bastante para negar qualquer sentimento contrário à raiva e à indiferença. Será que ela gosta dele? Por isso brinca comigo o tempo todo? Por isso ainda não tinha se rendido a mim? Por causa dele ficava me evitando, ameaçando, sacaneando com a minha cara?

Não tinha outra explicação. Aquele só podia ser o motivo pelo qual se mantinha tão convicta, cantando vitória antes do tempo. Ela já sabia que eu não tinha chances, prova de que aquele jogo estava mais sujo do que podia suportar. Como continuar jogando um jogo perdido? Meu objetivo era ser o novo diretor, mas a Laura estava incluída nas minhas conquistas. Ela devia estar no ponto de chegada, esperando-me, desejando-me. Sei que sente desejo por mim, contudo, de repente, apenas o desejo se mostrou insuficiente. Queria Laura de quatro aos meus pés, apaixonada até o último fio de cabelo.

Esta impossibilidade me trouxe muita decepção.

Fiquei tão chateado que mal consegui dormir. Relembrava o tempo todo cada detalhe do que havia escutado, e depois a proposta daquela maluca em me juntar a eles. Hunft. Jamais... Jamais faria aquilo, nem se estivesse no auge do meu desespero.

Tentei propor exclusividade, mas ela não quis. Com quantos caras Laura se relacionava, afinal? Era tão difícil assim ser exclusiva? Ela não pareceu se importar tanto com o fato de não transar mais com o apaixonadinho. Devia ser mesmo uma infiel, dorme com qualquer um que aceitar suas condições.

A madrugada me trouxe ainda mais dúvidas e o dobro de decepção. Cada conclusão que tirava me enchia de ódio. Verdadeira raiva por ter entrado naquela sem saber no quê estava me metendo. Fui imprudente, movido pelo desejo. Não medi consequências e me encontrava envolvido até demais, sem conseguir recuar, sem poder desistir. Tudo porque realmente não

queria. Não queria mesmo desistir, por mais decepcionado que estivesse, por mais que soubesse que ia perder feio.

Depois de alguns cochilos insuficientes, resolvi me arrumar para ir à CMD. Cheguei mais cedo do que o normal, peguei algumas coisas no departamento de contabilidade e subi rumo à diretoria. Tinha uma prova para encarar no primeiro horário, e sequer havia estudado. Sinceramente, nem sabia de que assunto se tratava.

Para o meu espanto, a maldita já estava lá, remexendo seus papéis como se fosse uma maníaca. Parou quando percebeu a minha presença e me encarou durante longos minutos.

– Bom dia – murmurou, e me admirei com sua educação. O que será que queria de mim? Alguma coisa anormal precisava estar por trás de sua normalidade.

Decidi dar uma de Laura Diniz e a ignorei. Caminhei lentamente até a minha mesa particular e me sentei, pegando as xerox do conteúdo da prova. Era muita coisa.

– Olha, Henrique... Desculpa, está bem?

Dava para acreditar? Não *mesmo!*

Ergui a cabeça e apenas esperei que dissesse o que realmente queria de mim. Laura Diniz me cumprimentando logo pela manhã, às vésperas de uma prova decisiva, e ainda se desculpando?

Olhei de soslaio pela janela, impressionado por não estar chovendo. Devia haver um dilúvio, só podia ser o fim dos tempos.

– Fui sincera contigo ontem, eu juro. Não costumo mentir, sabe disso. Doa a quem doer, sabe perfeitamente que não me escondo.

– Sei? Eu não te conheço. Não sei de nada sobre a sua vida além de que sofreu um trauma horrível. Vi uma foto, aquilo foi feio mesmo – falei logo de uma vez, e ela abriu bem os olhos, apavorada. – Mas será que justifica as coisas que você faz?

– Do... Do que está... falando?

Ela sabia do que eu estava falando, claro. Gostei de ver sua expressão de desespero tomando forma. Não estava raciocinando muito bem, por isso comecei a soltar tudo bem depressa:

– Do sequestro... Sei lá, do fato de você ter passado um tempão trancada em um quarto de uma casa abandonada, vítima de sei lá quantos tipos de agressão. Deve ter sido difícil, eu entendo. Mas será que você não percebe que nem eu e nem ninguém tem culpa disso? Se eu estivesse lá te salvaria sem pensar duas vezes, mas não estava. Não tenho culpa. Por que culpa o mundo inteiro por uma fatalidade?

Laura passou muito tempo com os olhos esbugalhados e a boca aberta. Vi quando o amarelo de seu olhar ficou ainda mais brilhante, até que engoliu em seco e voltou a me oferecer sua costumeira expressão indiferente.

– Não sei do que está falando.

Ri de leve.

– Pensei que fosse sincera! – abri os braços. – Estou vendo mais uma vez que não é. Mente o tempo todo, inclusive para si mesma. Deve ser difícil ser você, Laura. Tenho pena.

Agora ela não estava mais indiferente. Seu rosto começou a ficar vermelho de raiva. Foi instantâneo: quando menos percebi, a doida já tinha desfeito a distância entre nós. Parou na minha frente e se inclinou, quase encostando nossos rostos. Fiquei parado, apenas esperando, fingindo estar impassível. Sempre temeria suas exageradas reações, mas ela não precisava saber disso. Enquanto respirasse, fingiria que podia me controlar diante dela.

– Poupe-me de sua pena, Henrique Farias – rosnou ferozmente. Pisquei algumas vezes, mas me mantive quieto. – Eu que tenho pena de você.

Tentei sorrir, mas acho que fiz uma careta. A maldita estava perto demais. Seu cheiro estava tirando o meu juízo. Faltava pouco para que eu a puxasse até que se deitasse sobre a minha mesa. Ela estava usando saia, então já viu. Ia ser muito fácil.

– Só não vou ter pena quando estiver em minhas mãos – prosseguiu, utilizando-se da sua já conhecida capacidade de me deixar excitado através da pressão psicológica.

– Não mude de assunto. Sei que tenta resolver tudo na cama, mas vou te dar um conselho: seus problemas não serão resolvidos assim. Não adianta bater em mim ou naquele mané que te comeu ontem, não vai mudar o fato de que foi cruelmente violentada e de que deve superar isso.

Laura Diniz se afastou tão depressa que eu quase caí para trás. Demorei a perceber que na verdade ela tinha empurrado a cadeira pelas braçadeiras, e só não caí de verdade porque a cadeira tinha rodinhas.

Ela virou as costas e seguiu até as grandes janelas. Apoiou um braço em uma dobradiça e se inclinou como se estivesse passando mal. Tentei ignorar, juro que tentei, mas não consegui. Não sabia quais territórios havia invadido. Podia deixá-la pior, e não era o meu objetivo. Na verdade mal sabia o que queria com aquilo. Talvez que Laura mudasse, que parasse de ser tão grosseira.

Aproximei-me calmamente.

– Saia de perto – alertou com a voz rígida.

Sem perceber, Laura tinha me vacinado contra suas atitudes agressivas, suas palavras de ofensa e todo aquele rancor e ignorância enraizados. Não me afastei como faria em outras ocasiões, muito pelo contrário. Puxei-a meio sem jeito e forcei um abraço meio desengonçado. A doida se agitou bastante, rosou feito um bicho, mas, depois de alguns segundos, rendeu-se. Passou os braços pela minha cintura e apertou com força, apoiando o rosto em meu peito. Tentei lhe passar conforto, envolvendo-a como pude.

Adorei demais tê-la ali. Pensei que ela fosse chorar ou começar a me contar a história, mas não. Laura permaneceu quieta, observando a janela e me apertando cada vez mais forte.

– Estudou pra prova? – perguntou depois de um tempo, sem me largar.

– Não. E você?

– Ufa, ainda bem! – suspirou. – Também não... Não deu tempo.

Balancei a cabeça. Ela não se esquecia da nossa competição por nada? Nem por um abraço? Pessoalmente, havia me esquecido do mundo. Concentrei-me apenas em sentir sua pele quente por cima da blusa que vestia. Queria poder explorar mais, só não quis arriscar.

– Ótimo, somos dois fodidos – completou.

– Será que pode ser em dupla? – perguntei, mas foi uma pergunta tão idiota que comecei a rir logo em seguida. Que merda! Se éramos concorrentes, para quê raios faríamos uma prova em dupla?

Laura se afastou um pouco, apenas o bastante para erguer a cabeça e me observar. Não disse nada. Sua expressão estava indecifrável. Apenas lhe devolvi o olhar, esperando. Depois de um segundo, desisti de esperar. Não dava. Não dava mesmo! Precisava ir além.

Não ia arriscar tocá-la; ela podia se assustar, tentar me impedir, ou pior, afastar-se. Portanto, apenas me curvei ao máximo, aproximando nossos rostos. Laura era baixinha, mas estava usando saltos bem altos, de forma que não foi tão difícil quanto achei. Em um segundo, estávamos tão próximos que podia sentir seu cheiro me invadir como uma onda poderosa e fatal.

Ela fechou os olhos calmamente, dando-me sinal verde. Apertou ainda mais a minha cintura – por baixo do terno –, como



que para lembrar que não estava sendo submetida, apenas permitindo nosso momento.

Foi quando ouvi um barulho na porta. Alguém tentou entrar, mas eu havia sido mais esperto e deixei-a trancada quando entrei.

Laura voltou a abrir os olhos.

– Mentira, né? Puta que pariu.

Gargalhei. Sempre achei feio ouvir mulher falando palavrão, mas Laura sem sua boca suja não era a Laura.

– Acho que o mundo não quer que a gente se beije agora – balancei a cabeça, afetado.

– Parece não querer nunca! Depois você me pergunta por que culpo o mundo...

Ri ainda mais. Laura acabou nos separando do abraço. Ouvi batidas na porta e a voz do Agenor. Só podia ser aquele mala.

Voltei a me aproximar da Laura.

– Desculpa pelo que falei. É sério.

Ela piscou os olhos algumas vezes, e por um instante achei que estávamos nos entendendo novamente.

– Não desculpo, é sério. É imperdoável que fale coisas sem saber.

Meu cérebro deu um nó. Fiz uma careta tão grotesca que ela riu. Aquela mulher era doida! O que fazia ali, no meio das pessoas comuns? Alguém devia interná-la em um hospício.

– Você ia beijar uma pessoa que não consegue perdoar ou foi impressão minha?

– Tenho culpa se o idiota é gostoso?

Ouvimos mais batidas.

– Laura? Henrique? Senhor Edmundo Bittencourt está aqui para iniciarmos a avaliação – Agenor parecia estar bem nervoso. Acho que sabia que estávamos ali, devia ter nos visto entrar. A luz também estava ligada, nem dava para disfarçar e fingir que a sala estava vazia.

– Adeus, reputação. Todo mundo já está me olhando pelos corredores, depois dessa... – Laura desfilou até a porta, enquanto eu encarava sua bunda deliciosa indo de um lado para o outro. – É o meu fim. Estou oficialmente transando com o meu maior rival.

Ri, meio sem graça. Não porque sua piada tinha sido ruim, mas porque ainda estava admirado com a capacidade que ela tinha de me trazer confusão. Nada fazia sentido!

Nem eu e nem a Laura comentamos o fato de estarmos trancados na sala. Apenas fingimos que nada tinha acontecido – o que infelizmente era a verdade. Edmundo não se deu o trabalho de perguntar, mas o Agenor ficou nos encarando com desaprovação. Dane-se, não estou nem aí para ele.

Sentamo-nos todos à mesa grande.

Edmundo nos explicou que aquelas avaliações seriam quinzenais, e ajudaria a presidência a eleger o novo diretor geral. Retirou papéis de uma maleta preta e nos entregou. Era uma prova extensa, todas com questões abertas, nada de marcar x. Conteí oito páginas e suspirei. Tudo o que menos pensava era em avaliação. A dona dos meus pensamentos estava bem ao meu lado, parecendo tão entediada quanto eu.

– Bom, voltamos daqui a três horas em ponto – concluiu Edmundo, depois que nos tirou algumas dúvidas mais básicas.

– Como assim? – Laura se espantou. – Não vão nos acompanhar?

– Não acho necessário – Edmundo riu largamente. Eu gostava dele, parecia ser um bom sujeito. Era uma espécie de primo do Sr.

Delacox, pelo menos era o que diziam as más línguas. – Vocês são inteligentes demais para colar, além de que não faz sentido algum.

– Tem razão... – Laura me olhou fixamente. Não sei por que, mas foi como se dissesse: não faz sentido, mas é exatamente isso o que faremos.

Fomos deixados a sós e, como se estivesse tudo previamente combinado, juntamos ainda mais nossas cadeiras e começamos a ler as questões em voz alta. Decidimos que discutiríamos cada ponto em conjunto e responderíamos com nossas próprias palavras, para que não ficassem iguais. Só então percebemos que o assunto não era tão difícil assim: tratava-se das questões da função de cada coordenação, além de burocracias que eram dever do diretor aplicar.

Havia coisas que eu não sabia, assim como coisas que a Laura também não tinha conhecimento. Duas questões nenhum de nós fazia ideia do que se tratavam, mas depois de discutirmos, chegamos a um denominador comum e arriscamos uma resposta. Líamos as respostas conforme iam ficando prontas. Corrigíamos qualquer erro de escrita até aperfeiçoá-las. Terminaram diferentes, porém perfeitas.

Faltavam vinte minutos para Edmundo aparecer, e já tínhamos concluído tudo. Fomos rápidos e eficientes, uma dupla e tanto. Eu estava orgulhoso, podia ver o mesmo orgulho brilhando nos olhos dela.

– "Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos" – citei, colocando as provas uma em cima da outra e as deixando no centro da mesa grande.

– Sempre fui uma loba solitária... Mas admito, Henrique Farias, somos bons demais juntos. Finalmente alguém nesta empresa que pense como eu.

– Digo o mesmo.

Ela soltou um longo suspiro, depois fez uma careta. Trocou as pernas que estavam cruzadas.

– O quê? – perguntei.

– Por que estamos fazendo isso se queremos ganhar? – sem me olhar, começou a mexer na corrente do colar singelo que usava. Havia um pingente mínimo, com apenas um pontinho brilhante. – Eu quero ser a diretora e vou fazer de tudo para conseguir... Ainda estou tentando entender o que acabou de acontecer, Henrique.

– Sei como é. Eu também. Mas olha, não precisamos passar por cima do outro, certo?

– Mas era essa a ideia! – falou bem mais alto, ainda mexendo no colar.

– A sua ideia. A minha sempre foi fazer a minha parte.

Finalmente me encarou.

– Nunca te prejudicaria, Henrique. Só faria o *meu* e deixaria que fizesse o *seu*. Mas veja, nós... fizemos o *nosso* – apontou para as provas. – Há uma semana eu sequer queria o seu bem. Queria mesmo que se explodisse, mas meu egoísmo deu lugar ao... trabalho em equipe? – abriu os braços, surpresa.

Ri um pouco.

– Acho que você gosta de mim – arrisquei, tentando fingir que aquele cara para quem havia dado até o rabo não existia.

Ela fez uma careta.

– Não, não se anime. Só não quero mais te matar, é diferente.

– Isso é bom.

– Não sei. Gostava de querer te matar. Aliás, quis te matar hoje mais cedo. As coisas podem mudar muito depressa, meu cérebro

mal está conseguindo acompanhar... Era melhor quando queria te matar sempre.

– Pode me matar de outro jeito... – olhei-a maliciosamente.

– Ah, eu vou – sussurrou, provocando-me um arrepio gostoso de ser sentido.

Aproximei-me, mas ela espalmou a mão para frente, impedindo-me.

– Nem pensar. Chega de tentar destruir a minha reputação, você já conseguiu.

Gargalhei.

– Você comentou que as pessoas estão te olhando nos corredores... Sinto lhe informar, mas não é por causa da sua reputação. Estão fazendo apostas.

– Apostas? – franziu a testa.

– Sim, a CMD inteira está apostando em quem será o novo diretor geral.

Laura abriu bem os olhos.

– Sério?

– Foi a Helena quem me disse.

– Argh! – fez cara de enjoo e levou um indicador para perto da boca, como se fosse vomitar. – Por falar no demônio, cadê? Preciso exorcizá-lo.

– Mais do que já fez? – sorri, erguendo uma sobrancelha. Helena tinha desaparecido totalmente da minha vista depois de ontem.

– Não foi nem o começo.

– Isso tudo é ciúme, Laura Diniz?

Sua expressão se enrijeceu consideravelmente.

– Tenho problemas com possessividade – admitiu.

Meu corpo inteiro esquentou diante de seu olhar duro, que me analisava e concluía sozinho que eu a pertencia. De alguma forma, sentia-me pertencente a ela, assim como sentia que ela me pertencia.

– Eu também. E por falar nisso... Não vai me dizer quem é o cara? – eu mesmo tomei consciência da minha mudança no timbre de voz. Uma coisa esquisita cresceu dentro de mim e me trouxe raiva.

É... Eu realmente tinha problemas com possessividade.

– Jaime. Vinte e sete anos, está comigo há quase três.

Prendi os lábios. O sujeito era mais novo que ela, mais ainda do que eu. E estavam juntos há um tempo considerável. Claro que Laura gostava dele de um modo especial. Óbvio.

– Namorado? Submisso? “Tico tico no fubá”? – perguntei, mas no fundo não queria saber a resposta. Evitava nova decepção depois de passar a noite inteira me decepcionando com meus próprios pensamentos.

Laura parou para pensar um pouco.

– É complicado.

– Por quê? Conta pra mim, Laura, por favor – certo, a frase saiu com resquícios de desespero. Não foi minha pretensão, mas meu estômago indicava que estava mesmo bem desesperado.

– Só se me contar alguma coisa sobre você.

– Feito pode me perguntar qualquer coisa depois conte-me agora por favor – falei rápido, atropelando sílabas e sem colocar vírgulas.

Ela fez uma careta, olhando-me como se eu fosse um doido. Depois, suspirou.

– Jaime é o meu escravo.

Caralho.

– Dou tudo para ele: moradia, alimentação, conforto, segurança... – prosseguiu sem se abalar, enquanto eu tentava recolher os cacos de vidro que se derramaram dentro de mim. – Está sob o meu comando, sua vida inteira é controlada por mim. Ele só respira porque eu permito – sorriu, deleitando-se ou com o meu choque ou com o fato de ter um escravo particular. – Jaime precisa fazer tudo por mim, estar sempre ao meu dispor em todos os sentidos, principalmente no sexual. Sou sua senhora... Sua dona absoluta.

Mil vezes caralho.

Bem que tentei falar alguma coisa, mas não consegui. Soltei alguns balbucios indefinidos e me levantei, caminhando até a janela. Meu rosto foi endurecendo de ódio a cada passo, a cada suspiro que me escapou involuntariamente.

– Você o ama? – perguntei de uma vez, sem ter cara para olhá-la. Continuei observando a cidade diante de mim, o sol brilhando forte enquanto punhados de neve começavam a deixar minhas veias totalmente congeladas.

– Não seja ridículo – riu.

– Fiz uma pergunta e adoraria uma resposta – murmurei rigidamente. Cerrei os punhos e quase esmurrei o vidro da janela. Precisei de muito autocontrole.

– Eu não amo ninguém, Henrique Farias.

Suspirei alto, metade de mim aliviada e a outra metade desesperada.

– Está apaixonada por ele? – refiz a pergunta, sem me dar o luxo de deixar dúvidas sobrando.

– Não me apaixono.

– Não gosta dele? Não sente nada?

Como podia ser possível?

– Nada – ouvi seu sussurro. Parecia desapontada. – Só proteção.

– Proteção?

– Sim, meu sentimento pelo Jaime se chama proteção. É como se fosse um animal de estimação; preciso cuidar dele enquanto me distrai.

Caralho um milhão de vezes.

Que espécie de mulher Laura havia se tornado? Que comparação... cruel! Ela acha que as pessoas são o quê? Objetos? Brinquedinhos? Quem foi o filho da puta que lhe arrancou todos os sentimentos? Maldito dos infernos!

Precisava ter uma conversinha com ele.

Infelizmente não pude prosseguir com nenhuma conversa, pois Edmundo deu as caras e nos fez mil e uma recomendações. Eu estava tão aéreo que mal consegui prestar atenção em alguma coisa, e quando voltamos a ficar a sós, Laura Diniz pegou um capacete daqueles de engenheiros em um armário e foi se saindo:

– Tenho um problema para resolver numa obra. Volto mais tarde. Está me devendo uma curiosidade sobre a sua vida... Vou cobrar – piscou um olho e saiu como se nada tivesse acontecido.

Claro que não consegui trabalhar durante todo o dia. Meu estado emocional foi para além da perturbação.



# 11º Capítulo

*NÃO COMPARTILHE O PDF DESTA OBRA. PIRATARIA É CRIME.*

*Doutora Laura Diniz*

O mundo inteiro é hipócrita, e claro que o Henrique Farias não seria diferente. Sua cara de espanto me trouxe contentamento até perceber o quanto havia ficado chocado com o fato de eu possuir um escravo. Pensei que se admiraria, claro, achei inclusive que fosse dar mais uma de ciumento, mas o silêncio absoluto e as caretas de desaprovação que fez me deixaram puta da vida. Agiu como se fosse a coisa mais improvável do mundo.

Por quê?

Por que sou uma mulher? Por que sou negra e tenho um escravo? Seria engraçado se não fosse trágico, não? Meu objetivo nunca foi vingar a minha raça pelas intempéries pelas quais passou. Não fico lamentando o triste período da escravidão, a única coisa que odeio nisso tudo é ter de suportar o preconceito. Aliás, não suportar, pois simplesmente não suporto, não admito, não me abalo e faço questão de sair por cima. Mas isso se deve ao meu gênio explosivo. Enquanto a maioria se faz de coitadinho, prefiro mostrar a minha capacidade e fazer os preconceituosos engolirem cada pedaço do próprio ego.

Também é meio ridículo comparar toda a palhaçada com o relacionamento que tenho com o Jaime. Nunca o amarrei em um tronco – não que não tenha pensado nisso –, nunca bati nele sem seu consentimento e não o obrigo a nada. Ele está comigo porque quer, fazendo do termo "escravo" algo genérico para definir nosso

tipo de relação. Não encontro uma nomenclatura melhor e, pode me chamar de louca, gosto dela.

Quando retornei à CMD naquela tarde – sim, cheguei no meio da tarde por culpa de uma equipe de pedreiros sem-noção, que construiu uma casa do jeito que quis, e o engenheiro responsável não teve a competência de compreender pontos decisivos do projeto que liberei pessoalmente, ou seja, tudo deu em merda e quem se ferrou fui eu –, Breno estava sentado à mesa grande na companhia do Henrique Farias e do Júnior, o rapaz do departamento de desenvolvimento que foi mandado pelo Sr. Lopes para nos ajudar no projeto da presidência.

Já estava absolutamente cansada, mas o trabalho não podia ter fim. Tratei de pegar uma xícara generosa de café antes de começar a me concentrar. Estava disposta a ligar o meu lado extremamente profissional, portanto ignorei todas as olhadas do Henrique e, com muito custo, iniciamos a base do projeto já utilizando o programa, que ia sendo adaptado pelo Júnior com bastante competência. Gostei dele, por sinal. Era jovem, magrinho, alto, usava óculos e tinha o cabelo avermelhado; típico nerd que passa todas as noites de sábado em frente ao computador. Se me dissesse que era virgem, eu acreditaria. Mas o cara era competente, inteligente e esperto. Só isso me basta.

Helena entrou na sala umas duzentas vezes, entregando papéis e mais papéis ao Henrique. Falava baixinho e recebia novas ordens dele que, por sua vez, tinha a grande capacidade de fingir que nada havia acontecido. Ela me ignorou totalmente, a vadia nem olhou para a minha cara. Ainda bem, pois sequer me dei o trabalho de levar sua presença em consideração.

Tivemos a visita ilustre da Ana Vitória. Veio com uma conversinha de que queria saber como estávamos indo com o projeto, porém senti que sua necessidade vital era de dar uma bela espiada no Henrique Farias, deixando claro como água que seu voto seria para ele. Eu tinha mais o que fazer além de fingir ser

simpática e atrasar ainda mais o projeto só para recebê-la bem, então deixei o Henrique responsável por lhe contar como tinha sido a nossa primeira semana. Claro que ele escondeu noventa por cento do que nos aconteceu. Se tudo fosse narrado certamente daria um livro, e as coisas mal haviam começado.

Liberei os garotos às seis e meia, deixando muita tarefa de casa para eles. Eu também teria muito que fazer no fim de semana, embora minha vontade fosse de jogar tudo para o alto – para quê tanto trabalho se a desgraçada votaria no Henrique? Nem preciso acrescentar o quanto aquilo me deixava possessa. Só me restava acreditar no bom senso do restante da presidência, o que não era tão reconfortante assim. Não acredito no bom senso de ninguém.

Nunca funciono direito nas sextas à noite, por isso fui guardando as minhas coisas, preparando-me para ir embora mais cedo. Liguei para o Jaime sob os olhares furtivos do Henrique, mas ele ainda estava em casa. Prometeu que chegaria em alguns minutos, porém que podia se atrasar por causa do trânsito que sempre deixava a cidade parada àquela hora.

Desliguei o telefone, peguei uma pasta, a minha bolsa e murmurei um "boa-noite" bem fraco para o Henrique. Nem parei para olhá-lo.

– É incrível como, sempre que damos um passo à frente, acabamos dando dois para trás – falou assim que alcancei a maçaneta.

Pensei em ir embora, mas suspirei e o encarei. Estava sentado na própria cadeira, virado na minha direção. Não falei nada, até que se levantou.

– Estou cansada. Não quero discutir.

– Deve estar mesmo bem cansada, nunca a vi sem querer discutir. Aconteceu alguma coisa? – ele pareceu preocupado de verdade. Sua testa até franziu. A divisão em seu queixo, apenas

uma das tantas que compunham o seu corpo, chamou-me aos berros. Fiquei paralisada, olhando para a maldita.

Queria mordê-la. Muito.

– Nada. Quero morder seu queixo... Posso? – mandei logo a real. Preferia morrer a passar vontade. É por isso que digo que ele estava me matando, era impossível vê-lo sem desejá-lo.

Henrique franziu ainda mais a testa. Um sorriso safado apareceu rapidamente, até que gargalhou do jeito despreocupado como sempre fazia.

– E o que ganho em troca?

– Affe! Nada, deixa para lá.

Estava pronta para ir embora, mas o Henrique parecia indisposto a me deixar ir. Eu já tinha virado de costas para ele quando segurou a minha cintura e me puxou para si. Minhas costas se grudaram ao seu corpo grande. Foi louco demais senti-lo tão perto, curvando-se até encostar sua boca no meu ouvido.

– O seu problema é não aceitar ceder por nada – murmurou. – Mesmo estando louca de vontade, mantém-se irredutível. Acha justo consigo mesma? Temos que perder um pouco se quisermos ganhar alguma coisa. Não há nada de errado nisso, Laura.

Fechei os olhos, concentrada no seu hálito quente arrepiando a minha pele. Segurei suas mãos só para deixar claro que não havia perdido o controle, porém as deixei onde estavam.

– Não vou alimentar os seus caprichos – rebati, quase gemendo. Henrique tinha começado a cheirar o meu pescoço, distribuindo beijos molhados e demorados.

– Vamos nos alimentar, Laura. Não aguento mais ficar sem te sentir. Faço o que quiser, desde que esteja disposta a ceder também. Vamos ficar no empate... Vamos nos neutralizar – pressionou seu quadril em mim, e já pude sentir uma ereção firme

atiçando meus instintos. – Qualquer coisa, não me importo. Eu topo tudo, não tenho medo de arriscar. Só quero você. Não vou me contentar, não vou parar de insistir até te provar inteirinha.

Engoli em seco e mordi minhas bochechas. Ele me deixava tão excitada... tão disposta. Nem precisava de muita coisa. Seu corpo inteiro era uma armadilha que me atraía constantemente, e a minha única sorte era ser inteligente demais para cair nela.

Afastei-me como se o Henrique estivesse pegando fogo. E estava, na verdade. Encarei-o severamente, cansada de usar todas as minhas forças para tentar submetê-lo. Se ele estava tão desesperado assim significava que era questão de tempo até começar a comer na minha mão. Meu azar era estar me sentindo tão desesperada quanto.

Será que eu acabaria cedendo, em vez dele?

Não. Nunca.

– Eu te quero pra caralho – falei com sinceridade. Pensei que riria de mim, contudo Henrique continuou me encarando com olhos cheios de desejo. Sua respiração estava alta, tirando-me do sério. – Mas não me vejo estando em um lugar abaixo do topo, e lá no alto só cabe uma pessoa. Não me igualo a você, Henrique Farias. Não quero me neutralizar, quero ser eu mesma. Ou você aceita ou desiste.

Ele ficou muito sério. O desejo ainda estava ali, porém consegui ver resquícios de raiva também. Aproximou-se até ficar bem perto. Abriu a boca, querendo falar alguma coisa. Fechou. Balançou a cabeça e sorriu com desdém.

– Lembro-me de que, na semana passada, prometeu que jantaríamos juntos – mudou de assunto drasticamente.

Fiz uma careta, tentando recordar. Não consegui.

– No elevador... Você me beijou aqui – apontou para a própria bochecha. – Sugeriu comida mexicana.

– Aaah...

Nem devia ter feito aquilo, mas ainda bem que não me arrependo. Aquela semana havia sido tão intensa que mal me lembrava dos detalhes. Alguma coisa me dizia que eu só tinha cometido erros atrás de erros. A ideia me espantava muito.

– Hoje é sexta, ainda dá tempo de cumprir – completou.

– Não prometi nada. Tenho muito trabalho a fazer, não posso perder tempo com suas ladainhas.

Henrique Farias soltou um longo suspiro.

– Se a sua estratégia é se fazer de difícil e me deixar louco... Parabéns, está conseguindo – disse mansamente, e depois transformou a voz em um rosnado: – Só não se anime muito, eu não sou bom quando perco o juízo.

Deixei nossos rostos bem próximos.

– Estou *tremendo* de medo – desdenhei.

– Imagina quando eu te der motivo? – A expressão que se formou em seu rosto era realmente intimidadora.

Henrique me puxou do nada, fazendo meu corpo se elevar como se eu fosse feita de pano. Acho que ia me colocar em seus ombros – visto que se utilizou de muita força –, porém fui mais rápida e usei as minhas pernas a meu favor. Enrosquei-as ao redor do seu tronco com força e utilizei minhas mãos para lhe puxar os cabelos. O gesto fez com que se surpreendesse.

Ele rosnou e nos guiou até a mesa grande. Tentou me depositar em cima dela, mas minhas pernas e braços não o largaram por nada. Então, o maldito acabou vindo junto, deitando-se em cima de mim. Realmente não sei dizer como aquela mesa nos aguentou.

Com as mãos firmes, segurou os meus pulsos para que eu não lhe arrancasse a cabeça – como era a minha pretensão. Aplicou tanta força que chegou a doer de verdade, mas não o soltei.

A saia que eu usava escorreu pela minha pele, deixando minhas pernas expostas. Senti seu quadril pressionar o meu corpo. Enfiei os saltos dos meus sapatos na lateral do seu abdome. Henrique urrou e apertou ainda mais as minhas mãos, obrigando-me a soltá-lo. Não tive força para rebater a sua, claro que ele era mais forte do que eu.

Pressionou minhas mãos contra a mesa e fez um gesto de vai e vem, chocando seu quadril no tecido da minha calcinha, que já se encontrava exposta. Maldita saia!

Contra toda a lógica, soltei um gemido que misturava pavor e prazer.

– Não ouse, Henrique! – gritei.

Seus olhos me encararam, ferozes.

– Por que não admite que é isso o que quer? – meu Deus, ele estava louco. Sua expressão estava tão transfigurada quanto a voz.

Afundi ainda mais os meus saltos, e ele gritou de novo, tornando a fazer nossos corpos se chocarem. Juntei uma grande quantidade de saliva e, sem pensar em nada, soltei um jato de cuspe bem no meio da sua cara feia.

Aquilo o trouxe de volta para a realidade.

– Lamba tudo de volta – ordenou, mas foi uma ordem quase sussurrada. Seu semblante já não irradiava fúria, estava normal agora. Na medida do possível.

Sorri.

– Foda-se.

– Quem pensa que é para cuspir na minha cara?

Enterrou o rosto sujo no meu pescoço, melecando tudo por ali, numa tentativa frustrada de se livrar do meu cuspe. Aquilo estava ficando um nojo, mas meu corpo inteiro se arrepiou mesmo assim.

Não consegui responder.

– Eu só queria conversar contigo, que droga! – reclamou, tendo seus lábios sobre a minha pele que, contra a minha vontade, derretia-se a cada toque.

Ergueu a cabeça e voltou a me encarar. Soltou as minhas mãos. Soltei seu tronco, como se fosse um combinado entre nós.

Ficamos daquele jeito, deitados sobre a mesa com as pernas entrelaçadas, durante longos segundos. Mal sabia o que pensar sobre aquela cena toda. Achei que tivesse vencido, mas Henrique ainda estava em cima de mim e, de alguma forma, eu estava consentindo.

– Não sou a sua amiga. Pensei que soubesse disso.

– Ótimo, não quero que seja a minha amiga.

– E o que quer que eu seja, afinal?

– Minha. Só minha. Quero saber de tudo sobre você, quero conhecer cada pedaço do seu corpo, da sua história, da sua alma.

Fiz uma careta.

– Isso está me soando muito romântico, Henrique Farias.

– Romantismo não tem nada a ver comigo, acredite.

– Melhor assim.

Franziu a testa e, imediatamente, esgueirei-me para beijar as dobrinhas que se formaram. Ele permitiu, seu hálito massageando o meu colo.

– O que sente por mim, Laura? – perguntou baixinho, do nada. Ainda estava preocupada em lhe beijar a testa como se fosse um



local muito sugestivo e intocado.

– Por que a pergunta?

– Quero saber. Proteção? Desejo? Ódio? – riu, afastando-se para me encarar.

Meu corpo inteiro congelou, e nem soube dizer o motivo. O coração, que já batia forte, chegou a quase sair pela minha boca. Engoli em seco.

– É um misto insuportável – murmurei. – Às vezes o ódio prevalece, como há um minuto. Às vezes o desejo, como agora.

Henrique sorriu como um galã de novela. Sabe aquele tipo de sorriso arrebatador? Difícil de esquecer e de resistir? Exatamente este.

Sua boca me chamou aos berros. Achei que podia ser o momento certo. Fechei os olhos e ergui a minha cabeça, sentindo aos poucos a distância de nossos lábios diminuindo.

Foi então que parei e comecei a gargalhar.

– Sua cara está fedendo a baba seca! – quase não consegui falar de tanto que ria.

Incrível, Henrique parecia ser a única criatura capaz de me fazer rir. E a única que podia ficar por cima de mim sem me trazer desconforto. Bom, pelo menos naquele momento eu não sentia, indo de encontro a tudo o que acreditava.

Pensei que ficaria chateado com mais um dos nossos "quase-beijos", mas ele sorriu de leve e ficou me observando com serenidade.

– Culpa sua.

– Eu sei! – continuei gargalhando.

Henrique esperou até o fim da minha crise. Quando enfim consegui me controlar, sentime constrangida. Uma boba. Fechei a cara, e sua reação diante da minha mudança de humor foi evidente; ele logo voltou a ficar contrariado.

– Janta comigo? – sussurrou de um modo tão sofrido que senti verdadeira pena. Pisquei os olhos diversas vezes, encantada com seu rosto másculo pertinho do meu. – Precisamos mesmo conversar. Prometo não tentar nada.

Que mentira! Ele sempre tenta alguma gracinha, é de sua índole.

– Por que confiaria em você?

– Já confia em mim, Laura Diniz. Só não entendeu isso ainda. Duvido de que me deixaria assim, na posição em que estamos, se não soubesse que está segura.

– Na verdade eu não estou nada segura. Não sei o que você pode fazer... A qualquer momento pode inventar qualquer coisa para me deixar irritada.

– Aí você revida e ficamos no empate.

– Mas isso é um saco. Já te disse que não quero empatar.

Henrique fez nova careta.

– Eu gosto desse jogo... Pensei que gostasse também – afastou-se de mim, deitando meio de lado. Seu peso longe do meu corpo provocou uma sensação de ausência insuportável. Meu coração acelerou muito quando entendi que, no fundo, Henrique tinha razão: eu gostava daquele jogo.

Só odiava a ideia de neutralização. O que fazia Henrique estar no mesmo nível que eu? Ele não passa de um idiota. Um idiota lindo, gostoso, inteligente, cheiroso, divertido... Mas ainda assim um idiota.

Ergui-me e, sem conseguir falar ou pensar em algo relevante o bastante, toquei-lhe a lateral do rosto. Um imã fantástico acendeu os meus instintos; voltei a aproximar nossos rostos, desta vez sem pausas. Só parei quando meus lábios se juntaram aos dele. Henrique não reagiu, apenas ficou quieto. Também não fez nada quando nos separamos devagar e nos encaramos fixamente. Não consegui chamar aquilo de beijo, foi estranho. Um selinho que mal deu para sentir o que o nosso desejo tanto implorava.

– Estou com fome, vamos logo – falei.

Ele sorriu amplamente. Ainda estava segurando seu rosto, e ele fez o mesmo, deixando mãos grandes me tocarem com uma leveza que me surpreendeu. Encostou sua testa na minha, permitindo que olhos azuis quase me hipnotizassem de tão próximos que ficaram. Não falou nada, porém continuou com aquele sorriso límpido estampado. Depois, afastou-se e ergueu a cabeça. Demorei a entender o que queria, até que tirou sua mão de mim e apontou para o próprio queixo.

Não deu para evitar um sorrisinho besta. Toquei-lhe o queixo de leve, como se quisesse delimitar o espaço. Abri a boca e enterrei meus dentes bem ali. Usei bastante força, não foi uma mordida qualquer. Henrique começou a respirar forte, mas não reclamou. Minha língua e meus lábios também entraram na brincadeira: suguei, beijei, lambi, mordi... Fiz tudo o que queria fazer, sentindo ao máximo a sua barba por fazer pinicar a minha boca.

Quando me senti satisfeita, afastei-me completamente e voltei a apoiar a minha cabeça na mesa. Henrique me encarou com seriedade.

– Vamos. Vamos conversar – falou.

Liguei para o Jaime e solicitei que voltasse para casa. Não curtia muito a ideia de ir com o Henrique Farias e de ser deixada em casa por ele – a ideia de voltar de táxi não foi descartada –, mas ficaria estranho se mandasse Jaime me levar. Além do mais, depois

da nossa noite de ontem, era melhor evitá-lo um pouco. Nosso momento foi intenso demais, até eu pude sentir que não tinha sido igual aos outros. Olhares, toques, orgasmos... Havia sido diferente, mesmo que não pudesse definir o motivo.

Fomos a um restaurante mexicano bem badalado. A decoração era propícia, a música que rolava era animada e dançante, fazendo alguns casais se arriscarem no meio do salão. Encontramos uma mesa vaga no canto, com direito a iluminação suave e a privacidade de que precisávamos. Eu já sabia o assunto que ele queria falar comigo. Não estava tão animada assim. Na verdade minha cabeça não parava de formular frases de impacto para que me saísse o mais convicta possível.

A fome nos permitiu fazer os pedidos antes de iniciarmos a conversa. Começamos com os já conhecidos *Nachos* apimentados, uma delícia que aguçava os meus sentidos. Comi com tanto gosto que quase não deu espaço para o *Chilli* com carne apimentada, que veio logo em seguida. Pedimos batida mexicana para acompanhar, composta por uvas pretas, leite condensado e vinho tinto. Não posso beber sob nenhuma hipótese, portanto pedi a minha sem o vinho, por mais que o Henrique tivesse protestado. Ficou diferente, mas bem gostoso. Com bastante gelo era uma delícia.

– Não vá beber demais, por favor, Henrique. Detestaria dirigir para você de novo.

Ele riu um pouco.

– acredite, não bebia daquele jeito há anos. Sou um apreciador moderado.

– Assim seja.

Peguei um guardanapo e limpei a minha boca. Henrique Farias comia bem, e acabei me deixando levar. Lembrei-me do Luís. Minha dieta estava indo para os ares por causa da família Farias.

– Seu irmão está bem? – perguntei para aliviar o clima.

Henrique fechou a cara e me olhou com um ar possesso.

– Que irmão? – rosnou. Seu humor mudou tão drasticamente que me senti confusa. Eu tinha falado algo de mais? Poxa, só fiz uma pergunta inocente, para quê tudo aquilo?

– Luís – murmurei mais para mim do que para ele.

Henrique soltou todo o ar dos pulmões e deu de ombros. Parecia aliviado. Foi então que juntei A mais B. Ele devia ter algum problema com o Marcos. Lembro-me de quando Henrique veio me "salvar" do papinho chato dele no casamento e do modo como o encarou.

– Sinceramente, não sei – respondeu, por fim. – Deve estar, ele é muito centrado.

– Sim, e inteligente. Tem um grande futuro.

– É. E gay.

– Qual é o problema? – fiquei chateada com seu timbre irônico. Uma pessoa inteligente não se incomoda ou ri da sexualidade de ninguém.

– Nenhum, não é o rabo dele que me preocupa.

Prendi os lábios para não lhe dizer nenhum desaforo.

Ele deu um grande gole na batida e olhou ao redor. Depois, encarou o prato e pegou o garfo, voltando a comer. Parou, mastigou, engoliu e olhou ao redor novamente. Fiquei apenas observando, tentando adivinhar o que se passava naquela cabecinha oca.

– Não vai me dizer? – questionei de uma vez.

– O quê?

– O que rola entre você e o Marcos?

O doido abriu os olhos ao máximo, parecendo surpreso. Limpou a garganta.

– Nada.

– Ah, fala sério... Está me devendo uma informação sobre a sua vida. Pode começar me dizendo qual é o problema entre vocês.

Henrique soltou um longo e demorado suspiro. Estava insatisfeito com o rumo da conversa, mas foda-se. Fiquei curiosa demais.

– Ele é um otário.

– Isso é perceptível. – Pior que era mesmo. Marcos tinha todas as características de um otário, já convivi com muitos e sei identificá-los com exatidão, mesmo sendo gostosos. – Quero saber o que ainda não sei.

– Olha, Laura... Deixa isso para lá. Sério, não quero falar sobre ele.

– De modo algum. Eu falei para você algo que não queria dizer. Qual é, nosso relacionamento não devia ser uma troca em que ambos cedem?

Ele riu.

– Você não concordou com isso, esqueceu?

Encarei-o furiosamente.

– Desembucha, Henrique.

Empertigou-se.

– Ele é um fura-olho, Laura. Não consegue me ver com uma mulher e vai atrás dela. O maldito já ficou com quase todas as minhas subs, sabe-se lá como descobre quando estou com alguém. Parece vigiar a minha vida... Não sei o que ele tem comigo, se é ciúmes, inveja...

– Espera aí! Ele rouba as suas mulheres? – fiquei impressionada. Como aquele cara ganharia alguma mulher que estivesse com o Henrique? Não sou estúpida, sei admitir que o Henrique tem muito mais valor, charme e inteligência do que o irmão. A burrice feminina não conhece limites, meu Deus.

– Não posso chamar de roubo. Nunca durei tanto com uma mulher, alguns meses apenas. Assim que dou um pé na bunda de alguém, Marcos me aparece do nada ao lado da sujeita.

– Talvez elas façam isso para te atingir. Ele dá mole e... Bem, Marcos é bonito – Henrique franziu a testa assim que falei aquilo em voz alta. Fez cara de nojo, analisando-me atentamente. – Não seja tão idiota assim, jamais teria algo com ele – espalmei minhas mãos para frente.

– Aposto que teria se ele estivesse disposto a ser acorrentado – respondeu de maneira mal educada. – Marcos sabe que sou dominador por causa delas... – Arfou. – Odeio a situação, elas me expõem.

– Não subestime a minha inteligência, Henrique Farias. Se um dia eu quiser te atingir, saiba que será de uma forma bem mais cruel e articulada. Não solto migalhas por aí.

– O problema não é esse, Laura. Não sei como o Marcos faz, mas ele descobre quais são as subs de que mais gosto. A ex-mulher dele é a minha ex-namorada. Passei quase um ano com ela, e isso significa que eu realmente curtia o nosso relacionamento.

– Era apaixonado? – perguntei, espantada, levando uma mão à boca.

Henrique prendeu os lábios e coçou a cabeça.

– Era.

Soltei um grito de espanto e depois gargalhei.

– Qual é a graça?

– Nada... Ai, ai, queria ver você de quatro por alguém. Deve ser o máximo!

– Vai dizer que nunca se apaixonou? – ergueu uma sobrancelha.

Não respondi. Sorri amarelo e tomei um gole da batida.

– Quer dizer que a única mulher por quem se apaixonou se casou com seu irmão mais novo? – resumi. A história era muito típica, saquei tudo no ar.

Deu de ombros.

– É isso aí.

– Quem terminou o relacionamento, você ou ela?

– Ela – confessou sem me olhar. – Exagerei um pouco e desistiu de ser a minha submissa. Foi embora sem sequer me dizer: "tchau, filho da puta".

Assobieei.

– Você se fodeu.

– Me fodi.

– E é por isso que não se apaixonou mais?

– É.

Gargalhei.

– Ainda estou procurando a graça, Laura Diniz – levantou o copo e o prato, fingindo procurar por alguma coisa embaixo deles. Aquilo acabou me fazendo rir ainda mais alto.

– Está aqui – apontei para a minha boca, que ficou aberta em um sorriso amplo.

Henrique se inclinou e me beijou rápido. Outro selinho fraco. Argh. Quando chegaria a hora do beijão delicioso, com direito a



línguas, saliva, lábios dançantes e um tesão dos infernos?

– Hum... Acho que ainda não a encontrei – ele falou, inclinando-se de novo, porém me afastei. Um estalo me fez ficar alerta.

– Quer dizer que está com medo do seu irmão me roubar de você?

Henrique parou no meio do caminho e voltou a se aprumar na cadeira.

– Vamos parar de falar no Marcos? Como você já disse, é algo impossível de acontecer. Confio na sua palavra.

Fiz careta.

– Confia?

– Confio. Você não mente, certo? – senti uma pontada de desdém, mas ignorei. Deixei para lá. – Agora me conte como foi a sua paixão destruidora.

– Quê?

– Quem foi o cara que substituiu o seu coração por um pedaço de pedra intransponível? – Henrique riu ironicamente. Morri de raiva.

– Ninguém. – Nem eu mesma me convenci com aquela resposta.

– Ora, vamos lá. Fica difícil confiar na sua palavra desse jeito. Conte-me sua historinha.

Bufei.

– Era uma vez o amor. Então eu o matei, e vivi feliz para sempre.

Henrique Farias fez cara de espanto total. Fiquei sem entender o motivo do seu choque. Era meio óbvio que já havia sido

machucada, e que havia passado por cima da mágoa no maior e melhor estilo. Eu sou foda.

– Matou o cara? – soltou, em estado de choque.

Encarei-o. Um segundo se passou até que explodi em gargalhadas.

– O amor, Henrique! Não o cara! Meu Deus, que tipo de maníaca pensa que sou? – quase não conseguia falar de tanto que ria. Lágrimas se formaram nos meus olhos, e precisei pegar um guardanapo para enxugá-las.

Continuou sério.

– Mas o cara quase te matou.

Parei de rir.

– Estou aqui, não estou? – abri os braços. – Vaso ruim não quebra.

– Não sei, Laura – balançou a cabeça, pensativo. Sua voz estava afetada e meio rouca. – Parece-me que falta um pedaço de você.

– Estou tão inteira quanto jamais fui – alertei. – Vamos mudar de assunto. Podemos passar para a parte em que você me julga por possuir um escravo.

Ele encostou a coluna na cadeira e inspirou profundamente.

– Vou resumir: estou com ciúmes e não acredito que consiga passar três meses sem transar com o sujeito. Ele deve ser um grude em você, ainda mais porque está apaixonado. Não quero que o veja mais. Prometo a minha exclusividade total se fizer isso.

Henrique estava mais divertido do que era de costume. Nunca ri tanto, ainda mais nos últimos anos. Aquele dia estava sendo tão engraçado! Pensei que jamais riria daquele jeito, mas estava errada. Nada como ter a companhia de um idiota piadista.

Ele se ergueu bem rápido e puxou o meu queixo com força, tascando-me outro selinho. Aquele foi mais demorado, e senti sua língua tentando transpor meus lábios. Recuei depressa, pois seu toque havia sido claramente controlador.

– Essa graça está escondida demais – reclamou, encarando a minha boca.

– Estúpido! Se confia na minha palavra, então para quê essa ceninha? – rosnei, queimando de raiva. – Seu mentiroso. Fingido! Odeio falsidade, Henrique. Aposto que sairá transando com qualquer nojentinha por aí, e também não acredito que vá deixar de comer a secretária. A quem está querendo enganar? Três meses sem foder alguém? Sou uma mulher controlada, sei dosar as minhas necessidades. E você? Qualquer homem não passa de um bichinho no cio.

– Não quero transar com NINGUÉM, LAURA, QUERO TRANSAR COM VOCÊ! É TÃO DIFÍCIL ENTENDER? – exaltou a voz, fora de si. Olhei ao redor, e todas as pessoas que estavam nas mesas próximas olharam para nós. Um garçom começou a rir.

Achei que fosse morrer de tanta vergonha.

– Controle-se! – reclamei, pegando a minha bolsa, que estava na cadeira do outro lado.

Levantei-me. Henrique tocou meu braço. Foi um toque suave.

– Não vá. Por favor. Desculpa.

– Vou ao sanitário – justifiquei.

Saí com a cabeça erguida, encarando todos os que me encaravam. Não podia dar uma de virgenzinha abobalhada, precisava deixar claro que estava pouco me lixando para o fato de um cara ter gritado para os ares que queria transar comigo. Pensei em desviar do caminho e ir embora, mas desisti. Queria pagar para ver até onde Henrique Farias podia chegar.

Utilizei a ida ao banheiro para raciocinar e me acalmar. Quando retornei, Henrique tinha pedido sobremesas. Eram tortas com aparência saborosa, de diversos sabores. O prato estava bonito e colorido, além de que era enorme. Tamanho família.

– Convidou alguma vaca para comer? – perguntei enquanto me sentava.

– Você está mais para leoa.

Henrique ergueu a mão na minha direção. Fiquei sem entender o que queria, acabei depositando a minha sobre a dele. Observei quando fechou a palma e levou a minha mão à boca, beijando-a suavemente sem parar de me encarar.

– Fui indelicado. Me perdoe.

Ele não foi, ele é. Mas não queria discutir. Delicadeza também não faz parte da minha vida.

– Só te perdoo se essas tortas estiverem boas – falei, puxando a minha mão de volta e desviando o meu rosto. Seus olhos tinham me tirado o fôlego durante seu pedido de desculpas.

Peguei uma colher e tratei de comer. Estava uma delícia. O doce derreteu na minha boca. Tinha partes quentes e geladas, fazendo da mistura algo excitante. Afrodisíaco.

Arfei.

– Caralho, terei que te perdoar por muitas coisas. Que delícia!

– É ótimo para quem está de TPM.

– Ainda bem que não sofro disso.

– Sério? – riu.

– Sério. Então... Esqueça o que sugeri, não vou transar com o Jaime até acabarmos com isso.

Henrique voltou a ficar muito sério.

– Odeio isso, Laura. Estou sendo sincero, não dá para engolir.

– Ai, Henrique... – lambi a colher, deixando calda de chocolate melecar meus lábios. – Você é tão possessivo e ciumento. Abstrai, cara. Não sou sua e nunca vou ser. Supere. Relaxa e goza.

Ele bufou, contrariado. Largou a colher e limpou o canto dos meus lábios com o polegar. Depois, levou o dedo sujo à boca. Aquilo estava ficando excitante. Não sei se era o doce, o ciúme doentio ou aqueles olhos agressivos me analisando, mas a vontade de dar até não haver amanhã se apossou de mim.

– Quero gozar em você – sussurrou, piorando a minha situação. – Chega de jogos, Laura. Hoje, você dorme na minha casa.

– Nem pensar – foi o que respondi, mesmo estando a fim de dizer: "demorou".

– Sob as suas condições – concluiu.

Aprimei o meu corpo. Abri bem os olhos, que agora brilhavam com malícia. Meu estômago se contorceu, e um sorriso amplo se fez presente. Tinha ouvido direito?

Henrique Farias começou a gargalhar.

– Ah, Laura... Depois eu que sou idiota! – continuou rindo.

Dei-lhe um tapa forte no braço.

– Ridículo! Não pode brincar assim com o desejo das pessoas.

Henrique pagaria caro por ter me dado um doce e o retirado da minha boca.

– Tudo bem, tudo bem... Mas a minha proposta é séria. Vamos, Laura. Um baunilha bem gostoso. Bem delícia. Você vai gostar, juro que vou te fazer gozar muito esta noite.

Sua cara de sacana fez a minha calcinha estremecer. A ideia não era tão ruim assim, mas eu não faço sexo baunilha há anos. Precisava manter o meu lugar naquela coisa, que nem devia ser chamada de relacionamento, que tínhamos. Foco. Confiança. Objetivo definido.

Tinha certeza de que me sentiria péssima depois que fizesse sexo neutro com ele.

– Não. Hoje, não.

– Quando?

Estava cansada de tudo aquilo. Queria ir para casa. Dei uma última colherada no doce e voltei a puxar a minha bolsa.

– Vou pegar um táxi.

– Eu te levo.

– Não! – rosnei, meio chateada. A verdade é que me decepcionei comigo mesma. Era difícil que eu dissesse não querendo dizer sim, e o Henrique me deixava naquela situação constantemente. O peso da afirmativa me prejudicaria tanto quanto o da negativa. Eu não tinha escolhas, a não ser a que me ferisse menos.

Peguei algumas notas dentro da minha carteira e as deixei em cima da mesa.

– Nem pense nisso, Laura Diniz. É inquestionável – Henrique pegou o dinheiro e tentou me devolver. Ignorei-o.

– Você está muito acostumado a sair com vadiazinhas que não têm a capacidade de pagar uma conta. Trabalho para isso. Eu me banco e sou capaz de bancar as minhas companhias.

– É isso o que faz com o seu escravinho? Ou melhor, ele é praticamente o seu garoto de programa particular. Homem que é homem não se presta a esse papel.

Queimei de puro ódio. Homem que é homem? Fala sério, eu não ouvi isso. Não ouvi mesmo!

– E qual é a diferença? Você faz com as suas mulheres a mesma coisa que faço com ele. Aposto que também paga as contas delas: roupas, sapatos, jantares caros... – aponte para a mesa. Seu silêncio era uma afirmativa. – Vou te dizer uma coisa bem séria: mulher que é mulher não se presta a esse papel.

– Lá vem você com seu feminismo grosseiro! – desdenhou.

– Não é feminismo, é capacidade de raciocínio, Henrique. O mundo é assim, feito de gente que manda e de gente que obedece. Não importa se você tem um pênis ou uma vagina, só obedece quem quer e só manda quem pode.

Ele se levantou da cadeira, deixando todo aquele tamanho tentar me intimidar. Pegou o dinheiro e quase o jogou em cima de mim. Deixei que caísse no chão.

– Pegue esse dinheiro e compre um tênis novo pro seu capacho – rosnou.

– Pegue esse dinheiro e enfie no meio do seu... – não concluí a frase. As pessoas já estavam nos olhando de novo. Dei as costas e, batendo os pés, saí do restaurante. Acho que ele não me seguiu, não sei dizer. Não olhei para trás.

À caminho de casa, já dentro do primeiro táxi que apareceu, recebi uma mensagem no celular. Só então percebi que era meia-noite.

*“Um passo para frente, dois para trás. Não importa, Laura Diniz. Vamos chegar lá nem que seja de ré.”*

\*\*\*

*Senhor Henrique Farias*

O jantar mais louco da minha vida só podia ter sido ao lado de ninguém mais ninguém menos do que a Laura Diniz. Nem perdi o meu tempo raciocinando sobre tudo o que foi dito, sabia que não adiantaria buscar sentido na montanha-russa que era as nossas emoções quando estávamos juntos. Entendi muito pouco sobre aquele dia longo, e acabei desistindo de levar o meu plano adiante – o que havia planejado com tanto cuidado durante toda a semana. Deixei a estratégia guardada e propus apenas um inocente jantar, que, estando com ela, não podia ser inocente. Nada parecia ser normal quando Laura estava presente, o que fazia com que eu me perguntasse o tempo todo se valia a pena me envolver daquele jeito com ela.

Lembrando-me dos seus lábios grossos pressionando os meus, dei-me conta de que normalidade nunca foi o meu objetivo, portanto não deveria me incomodar com a falta dela. Alguma coisa forte me dizia para não desistir, e essa força se intensificava quando recordava os detalhes mais fantásticos dos nossos encontros: o fato da Laura ter começado a rir mais contava muito. Não consigo descrever o que acontece comigo quando ela deixa aquele sorriso zombeteiro, sarcástico e arrogante tomar forma. Sinto que estou vencendo. Aos poucos, sei que a estou modificando. Transformação: isso sim é o meu objetivo.

Usei o fim de semana para relaxar, sair com os amigos, nadar na piscina do clube onde sou sócio e telefonar para o Luís. Perguntei-lhe se estava bem e informei que a Laura tinha perguntado por ele. Não costumava ligar para os meus irmãos – na verdade mal ligava para alguém, exceto para Laura Diniz, quando as doze badaladas soavam no meu consciente –, por isso Luís estranhou muito. Mesmo assim, tratou-me de maneira bem divertida.

– Ela é o máximo, Henrique! Nem acredito que encontrou uma mulher de verdade. As garotas com cara de mosca morta com quem costumava sair me davam nojo!



Sempre pensei que ele não curtia as minhas companhias porque era veado enrustido.

– Laura tem personalidade – continuou, sem poupar elogios. – Não a deixe escapar, pelo amor de Deus! Se fizer merda com ela eu mesmo vou tirar satisfação, mano.

– Tá bom, não exagera. Ela não é tão gloriosa assim – cortei seu barato.

– O quê? Está ficando louco em dizer uma coisa dessas? Laura é a mulher mais foda que já conheci.

– Você não conheceu tantas mulheres assim – soltei.

Luís ficou calado por um tempo, mas logo rebateu:

– Engano seu, conheço-as melhor do que você.

– Duvido muito. Não faz sentido.

– Affe, Henrique. Ninguém conhece uma pessoa transando com ela. Já estive na cama de muitas para descobrir que não era o que eu queria para mim. Mesmo assim tenho muitas amigas, conheço-as perfeitamente.

Nunca tivemos aquela espécie de papo. Luís jamais havia deixado tão óbvio que era gay, além de seu comportamento suspeito. Acho que resolveu parar de tentar me enganar quando percebeu que eu já estava ligado na dele. Não sei, mas me senti desconfortável. Ele era o meu irmãozinho mais novo. Brincávamos de Cavaleiros do Zodíaco no quintal de casa, mesmo com a enorme diferença de idade. Vi cada fase da vida dele, e fui eu que o expliquei o que era sexo. Luís preferia conversar comigo a perguntar algo ao papai, por isso acredito que a figura masculina de sua vida sempre foi eu.

Não sei definir qual foi o momento em que começou a soltar a franga, e até hoje uma parte de mim põe toda a culpa sobre as minhas costas. Eu devia tê-lo orientado melhor. Devia ter saído com

ele, pegado umas mulheres. Sei lá. Pelo visto, ele era pegador e desistiu de todas as bocetas do mundo sozinho. Mas como um homem pode desistir de uma boceta? É a melhor coisa do mundo!

– Certo, mas você não conhece a Laura como eu a conheço – rebati, desanimado. Sua confissão não me fez bem. Claro que respeitaria e não o julgaria, porém me perguntei várias vezes onde exatamente havia errado. – Ela é difícil de lidar.

– Claro, você está acostumado com as *burraldas* sem sal. Seja mais esperto e segure essa mulher! – Se ele soubesse o quanto a Laura era impossível de se segurar... – Nunca tive tanto orgulho de ter uma cunhada. Você e o Marcos não são muito seletivos.

Apenas eu seleciono mesmo. Marcos só pega os meus restos.

– Pois é. – Falta de assunto total. Sei bem que a Laura é especial, mas sua especialidade não combinava com a minha. Não queria nada com ela além de sexo. Deus me livre namorar aquela doida. Nem se ela quisesse e implorasse eu cometeria uma loucura dessas.

– Ah, quase ia me esquecendo! – ele praticamente gritou no meu ouvido. Acho que estava andando muito com a mamãe. – Dia vinte é o meu aniversário. Cai em um sábado, quero os dois presentes. Vai ser na *Absinto Pub*.

– Se ela quiser ir... – o que eu duvido. Boates não pareciam ser um lugar propício para a Laura. Ela odeia festas, bebidas, pessoas e danças.

– Qualquer coisa dê meu telefone a ela. Posso convencê-la.

– Certo. Tenho que ir, Luís. Se cuida.

– Se cuida também, irmão. Tchauzinho!

Tchauzinho? Hunft.

Liguei para a Laura no sábado e no domingo. Ela falou pouco, estava cansada e trabalhando muito. Não a chateei, apenas perguntei se estava bem e desliguei o telefone, dando-lhe o direito da última palavra. Não queria contrariá-la.

A semana correu normalmente. Continuei no departamento de contabilidade, bem afastado dela. Todos os meus planos ficaram na lista de pendências. Trabalhei, treinei todos os dias e pensei em mil modos de resolver o único problema que estava me incomodando: devolver o dinheiro da Laura. Havia quitado o jantar com meu próprio dinheiro e só guardei o dela porque achei infantil demais deixá-lo jogado no chão do restaurante mexicano.

Na sexta-feira, depois de uma semana sem nos ver, estava louco de saudade e acabei tendo uma boa ideia. Sua ausência era um incômodo chato, uma necessidade física que teimava em me importunar. Ela fazia falta, admiti a mim mesmo. Devo ser um maluco, não devia estar tão envolvido assim. Falta de sexo é pra lascar qualquer um.

Antes de chegar à CMD, passei numa floricultura e comprei um arranjo enorme com flores vermelhas e amarelas. Achei a combinação perfeita: o vermelho significava desejo, e também uma referência ao belo vestido que usou no casamento da minha irmã. Já o amarelo... Não podia ser nada além de seus olhos.

Sobrou dinheiro, portanto comprei uma caixa de bombons Ferreiro Rocher. Com os trocados, comprei um cartão personalizado. Achei um que era a nossa cara. Havia uma garotinha e um garoto de mãos dadas, porém estavam amarrados juntos por uma corda de verdade, que costurava o papel do cartão. Estava escrito: "eu me amarro em você".

Peguei uma caneta, assinei e solicitei o serviço de entrega. Não ia chegar ao trabalho com aquele pacote imenso em mãos. Todo mundo ia ficar me olhando mais do que já me olhava.

"Olha lá, o Henrique Farias está caidinho pela Doutora Monstra", podia até ouvir os comentários que faziam.

"É por isso que eu não apostei nele."

"Que idiota!"

O que ninguém sabe é que o buraco é bem mais embaixo. Não sei se a Laura saberia que aquilo havia sido comprado com o dinheiro dela mesma. O que pensaria disso? Ficaria com raiva ou satisfeita? Não sei dizer, apenas me senti mais leve por ter lhe entregado o dinheiro, mesmo que em outro formato.

O pessoal da floricultura me garantiu que a entrega iria ser feita naquele momento. Vi quando o entregador saiu de moto, certamente chegaria lá mais cedo do que eu, que estava de carro naquele dia. Cheguei à CMD me sentindo animado, mesmo sendo sexta-feira e estivesse exausto por causa da semana corrida. O departamento de contabilidade nunca foi tão colorido.

Fiquei me sentindo um bobo enquanto trabalhava e imaginava qual seria a reação da Laura. Esperava um telefonema ou mensagem, porém, quando chegou a hora do almoço, percebi que ela não me procuraria. Infeliz. É tão durona que não consegue ser capaz de agradecer.

Desafoguei a minha gravata, retirei meus óculos e encerrei algumas contas. Estava pronto para ir almoçar quando a Helena bateu timidamente na porta – sempre sei quando é ela que está batendo, pois usa as unhas em vez da mão fechada.

– Entra – não me restava outra coisa que não deixá-la entrar.

Mal acreditei quando vi a maldita na minha frente, com um sorriso imenso no rosto e, acredite ou não, o arranjo imenso que comprei para a Laura em mãos. Fiz uma careta tão grande de confusão que nem sei como ela não saiu correndo com medo de mim. Em vez disso, Helena gritou trezentos "obrigadas" e me

abraçou desajeitadamente. Beijou minha bochecha e, nas pontas dos pés, alcançou a minha boca.

Afastei-me devagar e gaguejei algo ininteligível.

– Amei tudo, senhor Henrique. São lindas! O senhor é um doce... Ah, é o melhor homem do mundo!

– Co... Como... Como as recebeu? – consegui perguntar. Laura filha de uma puta!

– O senhor não deixou em cima da minha mesa quando fui ao banco? – franziu a testa. Seu rosto infantil estava límpido, iluminado. Helena irradiava felicidade.

– Ah, é... Quis perguntar quando... Tipo, a que horas – disfarcei.

– Acabei de chegar! – gritou, pulando no meu pescoço.

– Er... – empurrei-a com jeito pela cintura, tentando não ser rude. Estava queimando de ódio, disposto a tirar aquilo a limpo. – Preciso resolver umas coisas. Que bom que gostou.

Helena me ofereceu um sorriso enorme. Deixei-a na minha sala, apressado demais para chegar até a diretoria. Laura Diniz ia se ver comigo.

Subi como um foguete, mal conseguindo esperar o elevador abrir as portas.

Assim que entrei na sala, vi Laura trabalhando sozinha diante da mesa que tinha armado perto da janela. Olhava para o horizonte, mas se virou na minha direção quando fechei a porta com força e a tranquei ruidosamente.

– Maldita! – rosnei.

Ela sorriu amplamente.

– Helena gostou do presentinho? – fez cara de cínica. –  
Transaram na sua sala?

Como alguém pode ser tão... fria? Cruel? Tão... Puts, era difícil definir aquela mulher. Era um monstro, um ser amaldiçoado.

Alcancei-a muito depressa e a impensei no vidro das grandes janelas. Seu corpo estalou, um barulho ensurdecido revelou a tamanha força que eu havia aplicado. Basicamente, empurrei-a como se quisesse atirá-la do vigésimo andar. Meu corpo fez o dela ficar sem saídas. Tomei-lhe os pulsos sem dó, colocando suas mãos para cima. Laura soltou um gemido desesperado, contorcendo-se.

Ignorei.

Curvando-me, afundei minha boca no seu pescoço, distribuindo beijos, mordidas, lambidas e sugadas frenéticas. Afastei com o rosto mesmo o tecido fino da sua blusa alaranjada, puxei o sutiã com os dentes e meus lábios encontraram a ponta escurecida de um seio. Era vários tons mais escuro do que a sua pele. Chupei-o duro. Delicioso.

– Não, Henrique... Não!

Um grito desesperado me fez parar. Olhei para cima, e vi lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Afrouxei seus pulsos devagar, e guiei seus braços para que ficassem em volta da minha cintura. Depois, larguei-os. Laura me segurou com força.

– Você me deixa louco! – praticamente gritei, fora do sério.

Sua respiração estava alta, aceleradíssima, e o rosto tomado por lágrimas. Olhos amarelos brilhantes me deixaram sem reação.

– Desculpa... Eu exagerei. Não me arrependo, mas reconheço que foi exagero, está bem? – ela soluçou alto, balbuciando as palavras. Mesmo fragilizada, conseguia se manter firme. Essa é a Laura Diniz.

Foi impossível não sorrir.

Beijei seus olhos com cuidado, bebendo-lhe as lágrimas salgadas como se fosse vinho.

– Tudo bem – suspirei. Não me restou alternativa. – Certo. Mas nunca mais faça isso de novo.

Ela me abraçou forte e enterrou o rosto no meu peito.

– Era para ser engraçado!

Olhei a vista da cidade por cima da cabeça dela. Comecei a rir sozinho.

– E foi! – reconheci.

Laura ergueu a cabeça. Não chorava mais, porém se manteve séria. Inclinei-me e lhe dei um selinho. Acredito que nosso toque devia acontecer aos poucos. A minha teoria era essa: estávamos com tanto desejo e tanta pressa que nada parecia avançar. Se fôssemos bem devagarzinho, chegaríamos ao nosso objetivo em comum com mais perfeição, sem prejuízos.

– Eu me amarro em você também – murmurou bem baixinho. Meu cérebro deu um nó de marinheiro, meu estômago virou de cabeça para baixo, minhas pernas falharam, os braços tremeram e o coração espremeu até me deixar sem ar.

O que senti foi tão estranho e incomum que me afastei rapidamente, virando-me e caminhando até a porta. Só deu tempo de vê-la aprumando a blusa, devolvendo o seio exposto para o local de origem, parecendo tão perturbada quanto eu. "Chega de Laura Diniz por hoje", foi o que pensei, "a cota já ultrapassou o limite em apenas alguns minutos".

Abri a porta e dei de cara com o Agenor. Ele mal me cumprimentou e entrou na sala, solicitando que eu entrasse também.

– Mudança de planos. A festa das construtoras será amanhã, os dois precisam ir.

– Festa? Que festa, Agenor? – Laura ainda estava empertigada. Percebi sua pele negra meio avermelhada, acho que era de vergonha. Não sei.

– Falei na semana... retrasada – o idiota abriu a porta de um armário, sem permissão, e retirou de lá uma das pastas que já havia nos entregado antes. Retirou dois convites e nos entregou. – Sr. Delacox quer que ambos estejam lá, faz parte dos compromissos que um diretor deve cumprir.

Olhei para Laura, ela estava visivelmente contrariada.

– Ir a uma festa é um dos compromissos de um diretor? – perguntou, fazendo careta enjoada.

– Claro que sim, nossa empresa também significa status – Agenor caminhou até a porta e, antes de sair, soltou mais uma de suas tarefas para sexta-feira: – Deixei uma planilha no e-mail de vocês. Estudem o caso e deem uma solução até a terça-feira que vem.

E fechou a porta.

Laura suspirou fundo, e eu também.

– Vou alugar um vestido – murmurou sem me olhar.

Analisei o convite, era todo sofisticado. Seria realizado em uma casa de eventos conhecidíssima na cidade, um verdadeiro luxo. Não seria uma festinha meia boca. De jeito nenhum.

– Se for tão bonito quanto o vermelho, não vou responder por mim.

Ela se sentou à mesa de trabalho como se nada tivesse acontecido.

– Obrigada pelas flores.

Fiquei impressionado. O meu plano estava dando mais certo do que planejei. Laura estava pedindo desculpas e demonstrando



gratificação; duas coisas que duvido muito de que faria antes dessa loucura toda entre nós ter acontecido.

– Não agradeça a mim, mas a si mesma. Só fui o comprador, o dinheiro foi seu.

Nem sei se devia ter dito a verdade. Não consigo viver sem sacaneá-la, é fundamental como se fosse o ar que respiro.

Laura ergueu uma sobrancelha e me olhou com ar possesso.

– Eu comprei flores para a vadia oxigenada?

Dei de ombros.

– Deu a ela porque quis.

Ela olhou o horizonte e me ignorou por longos segundos. Desistindo, virei as costas, pronto para dar no pé. De repente, ouvi uma gargalhada. Laura rachava de rir, fazendo seus ombros tremerem.

– Não me faça ir até aí para achar a graça – resmunguei e decidi ir embora de vez.

Tinha muito serviço me esperando, perder tempo com a Laura não fazia parte dos meus planos. Chega de confusão!

\*\*\*

Ela não queria que eu fosse pegá-la em casa. Laura não queria que eu fizesse nada que um homem normalmente faz para uma mulher. É feminista do tipo mais agressivo, quer se achar a rainha da cocada preta e mostrar para todo mundo o quanto pode ser independente. Preferiu vir de carona com o escravo *personal sexual trainner*, e ainda disse na minha cara que ele sabia que aquilo não era uma atitude de dependência da parte dela, e sim de submissão da parte dele.

Para mim, não passa de balela. Só estava curioso para saber por que não dirigia. Medo? Não fazia o estilo dela ter medo de

alguma coisa, ou de alguém.

Estava plantado no pé da escadaria principal do verdadeiro casarão que estava recepcionando a festa das maiores construtoras do país. O ambiente reluzia de tão elegante. A decoração estava impecável – composta de arranjos com vasos gigantescos, iluminação que se modificava com o passar dos minutos e voais brancos chacoalhando –, os ricões donos de empresas, engenheiros renomados e gente do alto nível circulavam aqui e ali, bebericando suas taças de champagne caro e experimentando os canapés que os garçons, muito bem vestidos e educados, serviam com maestria.

Sentime um cara rico e bem sucedido. Trajava o meu terno mais legal, preto com gravata prateada. O tecido era muito bom e não me fazia passar calor. Até porque o ambiente climatizado não permitiria, mas, mesmo assim, era um bom terno. Laura havia me ligado, avisando que já tinha chegado. Segundo ela, não queria ficar sozinha no meio de um bando de boçal metido a merda.

"Não que você não seja um boçal metido a merda, Henrique Farias", recordei suas palavras, e comecei a rir sozinho, "mas é um boçal metido a merda divertido".

Um garçom passou por mim e, em vez de uma taça, peguei duas. Faria a Laura Diniz beber um pouco comigo. Ela precisa se desestressar, aquela festa estava muito boa para não ser aproveitada ao extremo. Em que outra oportunidade poderíamos encher a cara com champagne de verdade, e não espumante? Ainda mais sendo de uma marca caríssima? Dei um gole, sem conseguir esperá-la. O líquido escorria e se perdia na boca, a sensação era impressionante.

Por que demorava tanto a aparecer? Todos que chegavam, necessariamente, teriam que passar por aquelas escadas. Era a entrada principal do salão.

Deixei as taças em uma mesinha ao lado da escada e peguei o meu celular no bolso, disposto a ligar para ela e lhe perguntar se havia se perdido no percurso de poucos metros que separava o estacionamento da entrada. Apoiei o aparelho no ouvido e olhei para cima, inquieto.

De imediato, guardei o celular no bolso.

Todos os adjetivos do mundo se perderam no tempo, fugiram de mim. Não consegui encontrar palavras, ideias ou qualquer coisa que pudesse definir o que significou ver a Laura descendo as escadas, trajando um vestido longo amarelo, da cor dos seus olhos. O modelo não tinha alças, deixando o seu colo exposto, finalizando em um colar dourado muito brilhante. Os seios estavam desenhados em um decote de tirar o fôlego – que fôlego, pelo amor de Deus? Já estava sem ele antes mesmo de reparar no decote –, e a lateral de sua perna rígida estava exposta por causa de uma fenda. Havia arranjos florais na lateral de sua cintura, deixando o vestido ainda mais sofisticado, elegante, sexy e... Caramba, não sei descrever.

Mas nada foi tão chocante quanto ver, finalmente, seus cabelos soltos. Estavam cheios e bem cacheados – cacheados mesmo! –, a verdadeira beleza afro estava traduzida naquela mulher fatal. Ela descia as escadas com cara de poucos amigos, parecendo emburrada e insatisfeita por estar ali. Mas e daí? Estava pouco me lixando para a sua personalidade geniosa.

Ergui uma mão quando ela se aproximou, percebendo o quanto a palma estava vermelha e suada. Havia cerrado meus punhos sem ao menos perceber. Como previsto, ela me ignorou e desceu sozinha. Seu cheiro acabou com o resto que havia sobrado de mim quando se aproximou. Nunca me senti tão entorpecido com apenas um gole de champagne.

Foi inevitável me aproximar ainda mais dela. Curvei-me um pouco e sussurrei em seu ouvido:

– Mudo meu nome se eu não tirar esse seu vestido hoje.

– Tudo bem, Humberto.

Sorri. Pelo menos estava com um pouco de humor.

– Não me tente, Laura. Já transbordei só com essa sua entrada.

– Ejaculação precoce?

Ri alto.

– Quase isso. Acho que posso gozar se te olhar um pouco mais.

Aprimei o meu corpo e a observei de perto. De fato, o vestido era mesmo da cor dos olhos dela. A combinação beirou a perfeição. Parecia que o sol estava diante de mim; dourado e quente. Muito quente.

– Você não está nada mal, Henrique Farias – disse, tocando-me o braço. Sentiu o tecido do meu terno entre os dedos e pareceu ter curtido ele também. – Gosto do seu nome. Pode continuar com a mesma identidade se me deixar usar essa sua gravata. – Tocou nela. A expressão que fez foi tão maliciosa que soube exatamente o que queria fazer com ela.

Me amarrar.

Afastei-me um pouco. Peguei as taças e a entreguei uma. Fez careta.

– Mais tarde a gente decide – propus, fazendo as taças tilintarem. – A noite é uma criança.

– Sabe muito bem que eu não bebo.

Tomei um longo gole.

– Está uma delícia, você vai gostar deste.

Laura soltou um suspiro.

– Não posso beber – percebi resquícios de frustração em sua voz.

Entendi perfeitamente. Ela não deixava de beber por não querer, e sim porque não podia. Mas por que não? Será que tinha alguma doença ou algo assim?

Será que era grave?

– Só um gole para não dar azar ao brinde – sugeri. Foi mais uma tentativa de buscar informações sobre o nível de gravidade da doença.

Ótimo, podia não ser uma doença e eu já me sentia neurótico.

Para o meu alívio, Laura aceitou a minha sugestão e tomou um gole generoso. Depois, entregou-me a taça.

– Está mesmo delicioso. É uma pena.

– É grave? – não resisti. Precisava saber.

– O quê?

– O motivo de não poder beber. E dirigir.

Laura balançou a cabeça em negativa, mas parecia perdida.

– Remédio controlado – murmurou.

– Com que finalidade? – falei mais baixinho ainda.

– Não interessa, Henrique. Credo! Vamos à festa, tenho que fingir que sou agradável para um monte de engenheiro famoso.

Ela saiu andando como uma tigresa: gloriosa, sofisticada e com uma pitada arrebatadora de sensualismo. Acompanhei-a, tentando manter a calma. Tinha ficado meio preocupado com seu estado de saúde. Tudo bem que Laura era doida, não devia ser um espanto o fato de tomar remédios controlados. Ela havia passado por um grande trauma, afinal. Seu jeito insuportável às vezes fazia com que eu me esquecesse deste importante detalhe.

Laura conhecia muita gente da área, mas não falava nem com cinco por cento. Escolheu a dedo alguns engenheiros mais bem sucedidos e foi se apresentar pessoalmente, na maior cara de pau. Acabei indo junto e me intrometendo nas apresentações; tomei até a liberdade de nos declarar diretores da CMD. Bom, um de nós seria.

Todo mundo conhecia a Construtora Marcos Delacox, e claro que nossa presença causou impacto. O que devia ser discreto acabou não sendo tanto, pois muita gente veio se apresentar a nós por conta própria, como se fôssemos pessoas importantes. Laura se autointitulou a dona da festa. Linda do jeito que estava, fez mais da metade dos engenheiros – conhecidos ou não, sem importar a idade – babarem pela sua presença. Ela ia e vinha pelo salão, buscando contatos, conversando sobre engenharia e promovendo o nome da empresa.

Depois de quase uma hora nessa ladainha, fiquei cansado. Os caras já a rodeavam como urubus atrás de carniça. O fato de ela ser solteira, independente, suposta diretora da CMD, criadora de projetos e artigos que muita gente conhecia – menos eu! –, linda e gostosa não ajudava em nada.

Percebi que, na verdade, Doutora Laura Diniz era mesmo importante.

– Vou achar a nossa mesa – murmurei em seu ouvido. Ela estava conversando sobre a obra de um túnel recentemente concluída na cidade, e todos os engenheiros a ouviam como se fosse uma deusa.

Eu não entendia nada, mas não precisava. Seus modos se transformavam cada vez que falava de trabalho. Os olhos pareciam brilhar e a pele reluzia. Apesar de estar séria, com aquele seu jeito rígido de poucos amigos, conseguia convencer com poucos argumentos.

Laura acenou com a cabeça, atribuindo-me pouca importância.

Dane-se. Tinha mais o que fazer naquela festa enorme. Logo de cara, peguei mais uma taça de champagne e circulei pelas mesas até encontrar uma funcionária, que me indicou a mesa reservada para a CMD. Ficava perto do palco, onde uma banda tocava músicas antigas nacionais e internacionais. Gostei muito.

Para a minha surpresa, Ana Vitória e Edmundo estavam sentados à mesa, conversando animadamente. Por essa eu não esperava. Teria que me comportar, que droga! Nada de fazer besteiras na frente dos chefes, isso incluía não me embriagar com aquele champagne saboroso, e não me agarrar com a Laura no banheiro.

Cumprimentei-os, e ficamos conversando sobre amenidades. Acredito que eles eram pessoas como eu, que tinha na cabeça que festa é festa. O trabalho que fique no trabalho. Laura era muito viciada, bitolada demais. Pensava que o mundo se resumia àquilo. Diversão que é bom? Nada. Mais um motivo para tomar remédios controlados. Ninguém pode ser normal sem um pouco de diversão.

Ana Vitória estava claramente dando em cima de mim. Não sabia direito o que achar disso, era meio estranho. Seus olhares e piscadas não me enganavam. Não fazia ideia se era comprometida, mas que a mulher era gostosa... Isso era. Uma beleza bem natural: olhos castanhos, cabelos compridos e escuros, pele branca como papel. Usava um vestido preto bem colado, deixando evidentes as curvas do seu corpo.

Não dei tanta bola quanto deveria. Ela era da presidência, podia ser meu passaporte para a diretoria. Talvez até para um cargo mais elevado. Eu devia estar dando em cima dela, e não preocupado com o que a Laura estava fazendo.

– Gostaria de me acompanhar em uma dança, Sra. Salazar? – perguntei depois de mais de meia hora de olhares insinuantes. Depois que o Edmundo encontrou um velho amigo da faculdade, ficamos sós na mesa por algum tempo.

– Ah, por favor! Pode me chamar de Ana, Henrique. Vamos sim... Pensei que nunca iria me convidar – piscou um olho. Sorri, satisfeito por ter tido a coragem de fazer aquilo.

A noite teria um fim bem mais agradável se fosse com a Ana. Ela não era chata, nem me dava patadas. Tenho certeza de que não ficaria fazendo doce, sequer daria uma de difícil. As condições do nosso sexo seriam minhas, naturalmente, e Ana não teria problema algum com isso, pois não parecia ser uma maldita feminista metida a dominatrix.

Uma música bastou para que eu entendesse que o meu corpo estava muito necessitado. Precisava de uma mulher, urgente. Fazia quanto tempo mesmo que não transava? Perdi as contas. Laura negou a exclusividade que ofereci tão seriamente, portanto nada me impedia de ir adiante. Absolutamente nada.

Puxei Ana de encontro a mim, apertando o meu braço ao redor da sua cintura. Segurei-a com firmeza até que compreendesse o meu desejo. Ela sorriu, olhando-me com malícia.

– Como está o projeto, Henrique? – perguntou, pois nada havíamos falado até então.

A banda tocava um pop nacional qualquer, mas com pegada mais lenta. Alguns casais também dançavam.

– Quer mesmo falar de trabalho?

– Hum... Não.

– Perfeito. Vamos nos divertir.

Ana ficou me analisando.

– Onde está a Laura Diniz?

– Sei lá.

– Ela veio?



– Veio.

Balançou a cabeça, aquiescendo.

– Achei que estivessem juntos.

Parei de dançar e a observei.

– Por que achou isso?

Ana insistiu em continuar dançando, por isso tornei a me movimentar, só que bem mais lentamente.

– Não se fala em outra coisa na CMD. Todo mundo meio que já sabe que vocês estão tendo um caso.

Sorri.

– É mentira.

Era? Era. Que caso nós tínhamos? Nem havíamos nos beijado direito!

– Sr. Delacox anda meio preocupado com isso. Já a Sra. Delacox acha que o fato de vocês estarem juntos vai ser bom para a empresa, pois trabalho em equipe é importante. Só está preocupada com a decisão final, isso pode ser ruim para o relacionamento.

Era só o que me faltava!

– Não acredito que a presidência deu ouvido a fofocas.

Ana Vitória deu de ombros e não disse mais nada. Se ela achava que eu estava com a Laura, então o que raios queria de mim? É muita cara de pau mesmo! Sinceramente, não sou nenhum santo, mas odeio gente fura-olho. Evito me relacionar com gente comprometida. Tudo bem, às vezes não consigo, porém tento ao máximo.

Assim que acabou a música, dei uma desculpa qualquer para me afastar dela. Vi Laura Diniz perto da nossa mesa, conversando com um cara que parecia rico. Bom, todo mundo naquela festa

parecia rico – inclusive eu –, então pouco me importei para a presença dele. Aproximei-me decididamente.

– Com licença, posso roubá-la um pouco? – perguntei, e o homem sorriu meio insatisfeito. Nem esperei que respondesse, também não dei espaços para a Laura me envergonhar na frente dele. Toquei seu braço de leve, sem puxá-la, e fui andando para a pista de dança.

Laura Diniz acabou vindo.

– Posso? – precisava pedir permissão para tocá-la, certo?

Ela não respondeu, mas também não se afastou. Recebi sinal verde quando passou as duas mãos pelo meu pescoço, e só então percebi que a música era bem mais lenta do que as que dancei com a Ana Vitória.

– Isso foi ridículo, Henrique. O que quer?

– Só uma dança, antes que você decida dar o golpe do baú em algum dono de construtora.

Ela riu.

– Golpe do baú? Poupe-me!

– Sabe como é... Engravidada de um sujeito desses e nem precisa do cargo na direção. Uh! Acabo de ter uma bela ideia, acho melhor pararmos de dançar. Pode voltar a conversar com o sujeito que não parou de olhar pro seu decote.

Laura me encarou com rigidez. Balançou a cabeça freneticamente.

– Engravidar? Não faz ideia da tamanha besteira que acaba de me dizer – pareceu muito chateada. Distanciou-se um pouco e me largou, porém não deixei que se afastasse. Suspirou fundo, como que tomando fôlego para começar a discutir. – Primeiro de tudo, não preciso dar golpe em ninguém, eu me garanto!

A música lenta com um balanço gostoso, que até então só estava sendo tocada, começou a ser cantada também:

*Se você quer brigar*

*E acha que com isso estou sofrendo*

*Se enganou, meu bem*

*Pode vir quente que eu estou fervendo*

Laura parou de falar, desistindo, por hora, da discussão.

– Hum... Curti a versão.

– Essa é a nossa música – murmurei, encostando meus lábios no seu ouvido. Beije-ihe ali, e percebi quando se arrepiou.

Pouco me importei em estar sendo observado pela Ana Vitória. Sabia que ela estava nos vendo. Também decidi não dizer nada a Laura.

– Bem romântica, como nós – ironizou. Ri um pouco.

*Pode tirar o seu time de campo*

*Meu coração é do tamanho de um trem*

*Iguais a você eu já peguei mais de cem*

*Pode vir quente que eu estou fervendo...*

– Duvido – disse Laura Diniz.

– Ahn?

Estava meio aéreo, concentrado demais no seu cheiro.

– Duvido de que tenha pegado mais de cem Lauras.

– Deus me livre! – Afastei-me depressa e nos rodopiei. Depois, tornei a puxá-la para mim. – Uma Laura só já me causa muitos problemas.

– É... De fato, um Henrique já me incomoda demais. – Senti suas mãos apertarem a minha nuca.

– Que bom... Adoro te incomodar. – Minhas mãos percorreram a sua cintura e subiram até sentir a pele exposta na parte superior de sua coluna. Encostei minha boca ao seu ouvido de novo, sussurrando, bem baixinho, um trecho da música: – Pode vir quente que eu estou fervendo...

Para a minha surpresa, Laura inclinou a cabeça e sussurrou também:

– Estou a ponto de explodir.

– Explode em mim – aquilo soou mais como um pedido desesperado.

Ela sorriu e olhou para os lados. Seus olhos se esbugalharam.

– Cacete! Ana e Edmundo estão aqui! Puta que pariu!

– Ué, não tinha os visto?

– Claro que não, Henrique Farias! – Largou-me bem depressa. – Você só pode estar de brincadeira comigo!

Saiu rebolando até a nossa mesa, tratando de cumprimentá-los timidamente. Sentou-se ao lado de Edmundo. Peguei mais uma taça de champagne e fui até ela, sentando-me do seu lado. Ana Vitória me avaliava sem disfarçar.

– Sr. Delacox não pode vir – dizia Edmundo quando me aproximei. – Viemos porque estamos concorrendo ao maior prêmio da noite, o de melhor projeto. Olhe.

Entregou uma espécie de folheto à Laura. Ela analisou e, de repente, ficou assustada. Levou uma mão à boca e diminuiu o espaço entre o seu rosto e o papel.

– Mas... Esse projeto... Esse projeto é...

– Sim, é seu.

Caramba! Sem pedir licença, peguei o folheto das mãos dela e conferi. Havia mais cinco construções concorrendo ao prêmio, e, em minha opinião, o projeto da Laura parecia ser mais interessante. Era um prédio bem moderno, que havia sido inaugurado no início daquele ano. Conhecia-o pessoalmente – sempre visito os prédios da CMD por causa da documentação do controle de qualidade –, porém não fazia ideia de que a Laura era a criadora.

– Estamos bem positivos – Ana concluiu, e tomou um grande gole do seu champagne. Olhou-me intensamente.

Encarei a Laura. Ela ainda estava completamente estarelecida. Segurei-lhe uma mão, jurando que seria rejeitado. Surpreendi-me quando ela me segurou com força, como se precisasse de um apoio para continuar viva.

Depois daquilo, Laura não conseguiu relaxar nem por um segundo. Chamei-a para dançar diversas vezes, porém não quis. Rejeitou as bebidas, renegou a comida e picotou o folheto entre os dedos. Quando as premiações iniciaram, perto da meia-noite, sua angústia se amplificou.

Cada segundo em que o mestre de cerimônia indicava os vencedores, Laura parecia morrer um pouquinho. Fiquei muito assustado com a sua palidez. Uma de suas pernas balançava freneticamente. Parecia fraca, vulnerável, frágil.

– Quer tomar um ar? – perguntei quando percebi que não estava nada bem. Nadinha mesmo.

– Enlouqueceu? Aqui já tem ar o bastante.

O ambiente era climatizado, e estava até bem frio, mas sei lá. Só queria tirá-la daquele clima angustiante. Um garçom passou, aproveitei para pegar um copo de água para ela. Laura tomou tudo de uma vez, sem pausas. Suspirou profundamente.

– Agora, chegou o momento mais esperado da noite – disse o cerimonialista com voz de locutor. Ele segurava uma placa enorme e dourada, que seria entregue ao vencedor. – O prêmio de melhor projeto é sempre muito especial. Neste ano, temos seis competidores de peso.

Laura soltou um grunhido. Inclinei-me e lhe disse baixinho:

– Você já ganhou.

Todas as pessoas foram se levantando de suas mesas e se aproximando do palco. Fizemos o mesmo. Ficamos ainda um tanto afastados, mas perto o bastante para não perdermos nem um segundo do resultado. Minhas mãos seguraram a da Laura com força, enquanto ouvíamos enfadonhamente – eu que fiquei entediado, não ela – os detalhes de cada construção selecionada. Um telão enorme mostrava as especificidades do projeto. Só prestei atenção no dela. Era realmente um prédio e tanto.

– Como uma mulher deste tamanho criou algo tão grandioso?  
– perguntei-lhe baixinho.

– Sou maior do que a minha altura, Henrique Farias.

Sorri. Não duvidei.

– Seja qual for o resultado, vou me lembrar disso, Laura Diniz: você é maior do que a sua altura.

– Quando estiver aos meus pés, vai saber exatamente qual é o meu tamanho.

– E o grande vencedor da noite é...

Levamos um susto enorme. Por um momento, havia me esquecido de tudo o que se passava ali. Laura Diniz quase arrancou a minha mão de tanto que a apertou.

– Construtora Marcos Delacox!

O salão irrompeu em aplausos e assobios. Laura soltou um grito fino bastante feminino. Até me surpreendi, nunca achei que fosse capaz de gritar assim. Fiquei tão feliz com sua felicidade que a abracei com força. Ela pulou no meu pescoço, agitada, tremendo dos pés à cabeça.

– Vá. Vá receber seu prêmio, anda! – falei, animadíssimo.

Laura não me largou de imediato. Estava praticamente grudada ao meu pescoço. Não sei dizer se chorava ou se ria, mas balbuciava coisas ininteligíveis. Quando resolveu se afastar e se voltar na direção do palco, parou abruptamente.

Foi com muita surpresa que vi a Ana Vitória já no palco, pegando o prêmio como se fosse a rainha da Inglaterra.

– Obrigada! Muito obrigada! – ouvimos sua voz ao microfone. Laura continuou parada como uma estátua, bem na minha frente. – Eu, Ana Vitória Salazar, em nome do Sr. Marcos Delacox, que infelizmente não pode estar aqui hoje, agradeço profundamente por esta magnífica surpresa. Sabemos o quanto o Sr. Delacox é competente no que faz, e este projeto é fruto de um árduo trabalho que, sob seu comando, possibilitou esta premiação. Muito obrigada pelo reconhecimento!

Aplausos e assobios. O salão inteiro estava de pé, aplaudindo a nossa empresa quando na verdade deveriam estar aplaudindo a Laura. Cada choque de uma palma com a outra pertencia a ela, e não à Construtora ou ao Marcos Delacox. O engenheiro que assina o projeto é o real merecedor.

Vi quando Laura Diniz passou por mim como um furacão. Desviou-se das pessoas com pressa, batendo os ombros e quase se desequilibrando. Segui-a sem pensar duas vezes. Ana Vitória jogou muito baixo. Não devia ter feito aquela sacanagem, ela sabia muito bem que a Laura era autora do projeto. Que coisa ridícula! Ainda bem que havia desistido de levá-la para cama.

Precisei correr quando cheguei perto da escadaria. Como ela andava depressa! Atravessei o estacionamento e vi apenas uma parte de seu vestido ao longe. Laura parou em uma espécie de jardim logo adiante, composto por algumas plantas e um chafariz pequeno. Alcancei-a e a tomei em meus braços.

– O que fiz de tão errado? – Pensei que estivesse chorando, mas sua voz saiu tão comedida e séria que achei que ela estivesse falando sobre o clima ou sobre o desmatamento na floresta amazônica.

– Nada. Ela é uma idiota, não ligue. – Beijei-lhe a testa.

– Eu ganhei.

– Ganhou. Você mereceu, aqueles aplausos foram para você.

– Eu fiz o projeto desde a base, Henrique Farias. Foi este projeto que me garantiu um emprego na CMD. Não tive ajuda de ninguém, fiz tudo sozinha. A Construtora só teve o trabalho de tirá-lo do papel.

Puts. Laura era mesmo uma mulher impressionante. Sua inteligência às vezes me chocava.

– Vamos comemorar.

– Comemorar o quê? – Agora sim ela parecia prestes a chorar. – Não faz ideia do quanto me esforço... Para quê? Viver às sombras dos outros? Quando finalmente vou ser reconhecida? Quando vou poder provar que sou uma vencedora?

Afrouxei nosso abraço apenas para lhe observar. Seus olhos estavam brilhantes de tão marejados, mas nenhuma lágrima parecia ser capaz de cair.

– Você é uma vencedora. Uma guerreira – proferi com veemência. – Qualquer uma teria desistido, mas você está aqui e é a melhor. É melhor do que esses caras que estão aí dentro – aponte para a entrada da casa de eventos.



– Não sei, Henrique. Não sei. – Balançou a cabeça. – Não sei se é porque sou mulher ou porque sou negra... As pessoas não acham que sou capaz. Nem a CMD respeita o meu trabalho. Ganho menos do que você! – Seu lindo rosto se alterou muito depois da confissão. Aquilo parecia lhe causar verdadeira dor. – Por que não me chamaram para ser a diretora? Por que te envolveram nisso? Pelo amor de Deus, eu sou a arquiteta, a melhor da empresa. Este prêmio não me deixa negar. Você sabe, Henrique... Sabe que este cargo era para ser meu.

Fiquei calado. Não soube o que dizer, sinceramente. Minha cabeça estava confusa demais. Eu queria o cargo – era tudo o que mais queria, meu objetivo fundamental – no entanto não podia me enganar: conheço apenas o que me é relevante sobre construções. Sou capaz de levar a diretoria, sei que sou. Mas a Laura também é. Talvez mais do que eu.

– Olha... Acalme-se. Vamos sair daqui.

– Não... Não vou chegar em casa como uma derrotada. Não quero ser uma derrotada. Nunca mais.

– Ei... Ei, essa não é a Laura Diniz que conheço – com o polegar e o indicador, ergui o seu queixo até que me olhasse. – Pare com isso, está me assustando. Cadê aquela mulher forte, osso duro de roer? Aquele prêmio é seu, não estou vendo derrota alguma.

Ela suspirou e se afastou de mim. Foi andando de volta ao estacionamento.

– Aonde vai?

– Pegar um táxi.

– Deixe disso, eu te levo.

Segui-a. Laura parou e arrancou as sandálias de salto, ficando pequenina. Era mais baixinha do que imaginei. Fui eu quem pegou as sandálias que deixou no chão. Achei desperdício deixá-las ali.

- Não vou pra casa.
- Para onde então, Laura? Venha... Venha comigo, por favor.
- Qualquer lugar, eu quero sumir! – gritou. – Estou cansada. Exausta de mim mesma.

Corri depressa até alcançar seu braço. Puxei-a com força, e nossos corpos se chocaram. Larguei suas sandálias no chão e apertei as minhas mãos em volta da sua cintura. Ergui-a um pouco e me inclinei, encontrando facilmente o caminho para os seus lábios.

Beijei-a ternamente. Sempre achei que nosso beijo seria louco, rápido e repleto de desejo, mas o que acontecia era bem mais marcante. Para mim, muito confuso. Minha língua encontrou a sua devagar, de leve. Não tinham pressa. Elas brincaram quando se uniram, moveram-se em um carrossel prazeroso e demorado. Cada pedaço de mim se sentiu relaxado e pronto. Fiquei excitado com os seus lábios grossos sobre os meus. Eles eram grandes, maiores do que pude imaginar, e saborosos ao nível máximo.

Não me decepcionei. Muito pelo contrário, fiquei surpreendido com a química natural que possuíamos. Cada segundo de espera valia a pena mediante a Laura virava o rosto para reiniciar novas investidas contra a minha boca. Ela envolveu os seus braços ao redor do meu pescoço e o apertou com força. O beijo se tornou ainda mais intenso, agora sim, começando a traduzir o que éramos: dois selvagens loucos por um desafio. Sentime melhor daquele jeito, pois a leveza inicial estava começando a me assustar.

De repente, Laura Diniz resolveu estragar o nosso prazer. Estava demorando!

– Droga... Droga! – rosnou, tentando se afastar. Segurei-a. Se ela estava cansada de si mesma, imagina eu? Não aguentava mais aquela doida. Não podia suportar as emoções que me fazia sentir. Estava exausto do nosso jogo, do domínio, das brigas. Só queria poder saciar as minhas vontades sem rodeios. Sem culpa, medo, sem nada que pudesse me impedir.

Era tão difícil assim?

– Pare, Laura. Pare!

Suas pernas meio que falharam. A doida quase caiu no chão, e teria acontecido se eu ainda não a estivesse segurando.

– Vamos sumir. Juntos – propus, enchendo as minhas mãos com os seus cachos. – Não diga não, está bem?

Ela aquiesceu. Olhos amarelos pareceram reencontrar o controle.

– Não tente nenhuma gracinha.

– Combinado. Meu carro está logo ali.

Já havia mil e uma ideias mirabolantes girando na minha mente. Nenhuma delas era puritana.

# 12º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Desisti de pensar quando descobri que não fazia sentido estar no carro do Henrique Farias, fugindo como se fôssemos amigos, adolescentes, bêbados ou apaixonados. Era mais cômico ainda perceber que não somos amigos – como sempre deixei muito claro –, nossa adolescência já havia passado há muitos anos, o gole de champagne que tomei não fez efeito algum – e o Henrique não parecia nada embriagado –, e, definitivamente, paixão não combinava com nenhum de nós.

Então por que raios seguíamos rumo ao desconhecido, juntos?

Eu nem estava de bom humor! Meu cérebro se contraía o tempo todo, provocando-me uma dor de cabeça insuportável, que só aumentava com o som do carro do Henrique, ligado no último volume. Uma banda de rock nacional cantava músicas interessantes, e só não tinha reclamado do volume exagerado porque, bem lá no fundo, estava curtindo.

Meus braços começaram a ficar dormentes depois que me lembrei da tamanha decepção em que a minha vida se afundou. Ódio era pouco para definir o que sentia; a força da raiva podia alcançar limites incompreensíveis que eu conhecia muito bem. Estava acostumada com o poder de tais sentimentos vibrando em meu corpo, mas, mesmo assim, achei melhor abrir a minha bolsinha e tomar o meu remédio logo de uma vez. Não adianta ficar adiando. Se eu tivesse tomado antes, talvez não fizesse papel de idiota diante do cara que mais quero fazer de idiota.

– É esse o tal remédio? – Henrique tomou a caixinha de comprimidos sem pedir licença. Não costumo andar com

embalagens, apenas com um compartimento onde cabiam dois ou três iguais àquele. – Qual é o nome dele?

Engoli o infeliz sem água para ajudar. Só juntei uma boa quantidade de baba e o coloquei para dentro antes que fosse tarde e todo o meu autocontrole se esvaísse de vez.

– Já disse que não te interessa.

– Engano seu. Não perguntaria se não fosse de meu interesse.

Puxei a caixinha de suas mãos e a abri, pegando outro comprimido. Um só não adiantaria nada. Precisava de calma se queria passar mais de um segundo na companhia do Henrique Farias.

– Tudo porque você é um bisbilhoteiro.

Ele resmungou, abrindo um compartimento bem na minha frente. Retirou de lá uma garrafinha de água e me ofereceu. Aceitei de bom grado, aliviada por não ter que sentir a irritante sensação de estar entalada.

– Por que dois? – perguntou, franzindo a testa.

– Porque sim.

– Certo... Vamos fazer o seguinte: eu te digo algo sobre a minha vida que você queira saber se me disser para que servem esses remédios.

– Não sei... Não estou tão curiosa assim.

Ele parou em um sinal vermelho e me encarou demoradamente. Foi inevitável me lembrar dos seus lábios nos meus. Da sua língua na minha. Do seu corpo se chocando contra mim como se quisesse me devorar. Aquele beijo roubado havia sido... profundo. Foi a melhor palavra que encontrei para defini-lo.

– Se está cansada de si mesma, devia começar a mudar o próprio comportamento.

– Não me canso de ser quem sou – justifiquei-me, tentando corrigir o grande erro que tinha cometido ao me abrir tanto com ele.  
– Só estou cansada de dar murro em ponta de faca. De tentar ser o que quero ser e não conseguir.

– Quem você quer ser, afinal? Algo me diz que o cargo na direção não é a sua linha de chegada.

O sinal abriu, e ele teve que desviar aqueles olhos azuis de mim. Aleluia!

– O que quero ser também não te interessa. Não sou do tipo que delimita uma linha de chegada, pois quero ir além dela. Não me satisfaço, Henrique. Eu quero sempre mais.

– Então você pensa como eu. Testar limites é o meu maior prazer nesta vida – ofereceu-me um sorriso amplo. – Sou insaciável, não consigo me satisfazer com absolutamente nada. Pensei que fosse louco, mas pelo visto não sou o único.

Henrique se inclinou a fim de passar algumas músicas do CD que estávamos ouvindo. Parou em uma bem específica, e então entendi o motivo. Admirei-me por ele saber exatamente em qual música deveria parar. Acho que gostava muito daquela banda.

*É sempre frio, é tão estranho*

*Podia ser perfeito, mas foi quebrado*

*Caindo no vazio, do lado errado*

*Não há nada que eu possa fazer a não ser sair sem destino*

*Cantando o novo hino dos descontentes*

*Eu quero sempre mais que ontem*

*Eu quero sempre mais que hoje*

*Eu quero sempre mais do que eu posso ter*

Não soube direito o que dizer. Deixei a música falar por nós, enquanto me sentia exatamente como ela dizia: saindo sem destino e cantando o novo hino dos descontentes. Sabia que depois do meu momento puro ódio, chegaria o momento de não deixar barato. O maior problema era não conseguir pensar em nada horripilante o bastante para fazer com a Ana Vitória. Ela era a minha chefe, o que poderia fazer sem que me prejudicasse no fim?

– Tem uma coisa que eu quero saber – falei depois que a música teve fim e outra começou a tocar. – Com quantas mulheres negras você já saiu?

Henrique me olhou de soslaio e sorriu. Aquilo vinha me incomodando desde o casamento da Natasha. As palavras do Marcos, sobre o fato de o Henrique só sair com mulheres brancas, ainda martelavam na minha cabeça.

– Uma, contando com você.

Como imaginei. O interesse do Henrique por mim era completamente forçado. Seu novo jeito de se importar comigo, com a minha saúde e com o meu emprego fazia parte do seu jogo. Aquele desejo todo que fazia a minha pele queimar não era sentido por ele com a mesma intensidade.

Isso significava que eu estava na desvantagem. Mas sabia bem disso e jamais vacilaria. Eu sou uma mulher diferente, e ele estava admirado com o meu jeito de ser. Ele gostava de desafios, amava uma encrenca. Se tivéssemos transado logo de cara o maldito já teria abaixado o fogo.

Eu não faço o tipo dele.

– Por quê? – perguntei apenas para verificar até onde ia o seu cinismo.

– Não sei... Não tive oportunidade.

Ri com desdém. Henrique Farias não sabia mentir.

– Nossa, não teve oportunidade? Como um cara bonito, inteligente, cheio de amor para dar não teve oportunidade de sair com qualquer mulher que desse mole?

– Eu não saio com qualquer mulher que dá mole, Laura Diniz.

Levei uma mão à boca, fingindo espanto.

– Claro que não, você sai com mulheres brancas que dão mole.

Eu e a minha gigantesca boca. Devia ter ficado na minha, mas é impossível não rebater qualquer resquício de preconceito racial que esteja na minha frente.

– O que quer dizer com isso? – Parou o carro e me analisou atentamente. Fiz uma cara de cínica igual a dele.

Olhei ao redor, e percebi que estávamos na entrada do conjunto residencial onde ele morava. O porteiro conferiu a placa do carro antes de abrir os grandes portões de ferro diante de nós.

– Essa foi a sua grande ideia? – aponte para frente. – Fugir para casa?

– Não se precipite. Vai valer a pena.

Henrique estacionou na única vaga que tinha em frente à sua casa. Estava descalça, e me senti desconfortável por causa disso. Mesmo assim, não queria pôr de volta as sandálias, elas estavam matando os meus pés.

Entramos devagar. Na verdade eu que entrei devagar, pois o Henrique foi logo invadindo a sala e ligando algumas luzes. Fiquei parada rente à porta, sem saber o que fazer ou para onde seguir. Não havia sido uma boa ideia parar no terreno inimigo. Devia ter ido para casa. Devia não ter ido àquela festa. Devia não tê-lo beijado.

Devia ter feito muitas coisas que não fiz, e o contrário também, porém arrependimentos não faziam parte do meu vocabulário.



Liguei o foda-se e me sentei com tudo no sofá, colocando os meus pés sujos em cima dele. Henrique não se importou como achei que fosse fazer. Em vez disso, sentou-se do outro lado e entrelaçou suas pernas nas minhas.

– Água? Vinho? Suco? Conhaque? – foi apontando para a cozinha e para o móvel onde exibia as bebidas, simultaneamente.

Pensei um pouco.

– Saliva.

Ele me olhou e sorriu. Esgueirou-se para frente até deixar o seu corpo imenso sobre o meu, apoiando os joelhos entre as minhas pernas. Sua boca logo invadiu a minha, e a língua não demorou a ressurgir. Beijei-o com muita vontade até me lembrar de que não devia estar o beijando daquele jeito. Acho que o remédio começava a fazer efeito, mas não o bastante para me sentir confortável presa entre ele e o sofá.

Empurrei seu peito com força, desvencilhando-me. Ele entendeu o recado e voltou a se sentar do outro lado do sofá. Nossas pernas tornaram a ficar uma por cima da outra.

– Laura... Agora pode me falar o que quis dizer com aquilo.

– Aquilo o quê?

– O lance com mulheres negras e brancas. Se acha que tenho algum tipo de preconceito, você está totalmente enganada. A prova disso está bem aqui – segurou o próprio pênis por cima calça. Só então percebi que estava ereto, o tecido quase cedendo por causa do volume imenso.

Meu corpo tremeu ao observar a sua excitação. O beijo não me deixou molhada à toa.

– É o que todo mundo diz. Ninguém se acha preconceituoso.

Henrique riu de leve, mas estava com um ar malicioso que eu adorava. Ainda escorria a mão ao longo do pênis, e a minha vontade foi de participar daquilo.

– Laura Diniz, você é muito boba. Tudo bem, digamos que sempre tive uma espécie de preferência por loiras... Mas ela teve fim assim que eu te vi. Agora, prefiro as negras fatais, misteriosas, inteligentes e difíceis.

Desisti de ficar insistindo naquilo. Minha vacina estava devidamente tomada. Nada do que o Henrique falasse me tiraria do sério. Era a minha promessa particular para aquela noite.

– Agora me diga, qual é o remédio e para quê?

– Rivotril.

Ele ficou muito sério. O silêncio incômodo piorou quando ouvi barulho de chuva. Era só o que me faltava! Odeio chuva. Não reajo bem a dias chuvosos, e fico imersa em uma angústia constante. Mesmo tentando colocar na minha cabeça que o telhado da minha casa não vai cair em cima de mim, meu corpo estremece a cada pinga que cai.

Henrique esperou o restante da minha resposta, mas me dei o direito de demorar bastante. No fim, achei que a resposta o deixaria assustado, e sabia que ficaria contente com seu choque. Gosto de vê-lo com cara de espanto.

– Tive depressão, desenvolvi sintomas da Síndrome do Pânico e passei por dois ataques epiléticos.

Como previsto, seu queixo caiu. Apesar de muito séria, o meu corpo se encheu de satisfação.

– Não brinca... – ele estava mesmo muito surpreso, mais do que planejei. Até parou de massagear o pau, acho até que ele murchou.

– Tenho cara de quem está brincando? Não posso dirigir, pois os ataques não seguem padrão algum, podem acontecer a qualquer momento. As crises da Síndrome também são intensas. Já tomei muitos remédios, mas fui reagindo e agora só preciso do Rivotril.

– Minha nossa... Tudo... Tudo por causa do que aconteceu?

Fechei a cara. Aquilo estava deixando de ser engraçado.

– Já dei as informações que queria.

– Me diz, Laura... Por favor. Quais foram as consequências do ocorrido? Quero que me diga todas elas.

– Vai ficar querendo, Henrique. Não vou dizer sob nenhuma hipótese – levantei-me depressa. – Bom, agora vou indo. Essa fuga está muito sem graça.

Henrique puxou a minha mão com força. Ia reclamar asperamente, mas gostei do modo como terminamos: eu totalmente por cima dele, como se cada gesto nosso fosse uma troca de vantagens e desvantagens. O vestido atrapalhava um bocado, por isso ergui a saia, ajudada pela fenda enorme na lateral. Deixei minhas pernas ao redor dele e me inclinei. Mordi seu lábio inferior bem devagar.

– Nem fugimos ainda, Laura – sussurrou entre os meus lábios. Passei as minhas mãos pelos seus cabelos escuros. – Só achei que no lugar aonde iremos não cabia a conversa que podíamos ter aqui. Mas... Pensando melhor, podemos fazer qualquer coisa por lá.

Apoiou a minha coluna e se sentou no sofá, observando-me com ar de malícia e desejo. Será que estava tão enganada assim? Henrique Farias sentia toda aquela agonia que me fazia perder o juízo? Só havia um modo de saber qual era o seu real objetivo com relação a nós dois. Não que eu estivesse preocupada com isso – estava pouco me lixando, na verdade –, porém queria continuar à frente dele. Era óbvio que queria me deixar apaixonadinha, e estava

começando com a questão da confiança. Ele escolheu certo, admito. Confiança é a coisa mais difícil de obter de mim.

Mas, como já disse, estou vacinada. Mantenho-me sempre esperta, por mais que tenha vacilado em alguns momentos. Foram lapsos que não se repetirão.

– A não ser que queira começar aqui mesmo – completou, passando a ponta dos dedos pelo meu decote acentuado.

– Estou curiosa.

Levantei-me sem pesar. A proposta era interessante, mas uma parte de mim temia a agressividade do nosso sexo. Sei que não controlaria meus instintos se tivesse liberdade o bastante – e a teria, pois não me passa pela cabeça ter algo com ele sem possuir a minha total liberdade –, e o Henrique também podia não controlar os seus. Claro que não daria certo. Íamos nos matar.

– Certo, vamos lá.

Henrique se levantou e caminhou até a cozinha. Pegou algumas sacolas de plástico e foi as enchendo com várias coisas que tinham no armário e na dispensa: biscoitos, salgadinhos, pães, doces. Abriu a geladeira, pegou três garrafas grandes de água, uma caixa de suco, outra de leite e mais alguns alimentos que não consegui identificar.

– O que está fazendo? – perguntei sem entender nada, porém comecei a colocar as coisas dentro das sacolas como se fosse muito natural. O remédio começava a me deixar relaxada demais. Muito relaxada para o meu gosto.

– Pegando suprimentos.

– O mundo vai acabar e vamos nos refugiar em alguma espécie de caverna subterrânea? – ri.

– Sim, depois vamos ser responsáveis por repovoar o Planeta Terra.

Ele riu mais ainda, porém fiquei séria. O idiota não sabia o que estava falando. De novo. Se soubesse... Se soubesse...

Era a segunda vez que me deixava com ódio pelo mesmo motivo. Suspirei fundo e tomei uma decisão.

– Olha, vou ser bem sincera apenas porque não quero que faça mais piadas sobre isso – falei tão séria e rigidamente que Henrique parou o que estava fazendo para me encarar com ar confuso. – Não quero que comente ou que imagine qualquer coisa a respeito.

Ele deu de ombros.

– Sim, claro. Pode falar.

Prendi os lábios e voltei a embalar os alimentos. Tinha muita porcaria por ali, a minha dieta não permitia comer mais da metade.

– Não posso ter filhos, eu não tenho útero. Então pare de dizer que vou dar o golpe do baú em alguém, ou que vamos repovoar o Planeta. E não sinta pena de mim, não quero limpar o cocô de ninguém, nem acordar de madrugada para morrer de dor enquanto o monstrinho mastiga os meus seios. Já limpei muita bosta da Jane, já tentei educá-la e deu totalmente errado, portanto já provei que não sou a mais indicada para ter um bebê. Não fico triste com isso, muito pelo contrário, estou satisfeita por não precisar tomar anticoncepcionais, não menstruar todo mês e poder fazer sexo com...

Quando menos percebi, Henrique já tinha me abraçado bem forte. Fez seu corpo gigantesco envolver o meu completamente. Não satisfeito, decidiu me erguer e depositar sentada em cima da mesa da cozinha.

– Fala sério, Henrique, sem sentimentalismo – rosnei, desvencilhando-me dos seus braços rígidos. – Estou te estranhando, hein? E voltando a achar que você não passa de um molenga.

Ele pareceu não se importar com o meu comentário.

– Você nasceu assim ou... Ou... O que houve? Preciso saber.

– Não interessa.

Henrique me olhou de um jeito sinistro. Seus olhos ficaram iguais a fendas, e a boca se contraiu tanto que achei que seus dentes quebrariam. Do nada, ele agarrou os meus cabelos e os puxou com força, na direção da mesa. Inclinei-me e lhe agarrei o braço, afundando as minhas unhas no seu pulso.

– Largue-me, infeliz!

– Se este for o único jeito de você entender, então é assim que vai ser, Laura Diniz. Primeiro, não me chame de molenga de novo. Segundo, tudo o que tem a ver contigo me interessa muito. O meu desafio me interessa em todos os sentidos. Então, ou você diz logo a verdade e para com esse seu joguinho medíocre, ou vai se ver comigo.

Suas ameaças me fizeram rir. Com um movimento acrobático com as pernas, apoiei meus pés no seu peito e o empurrei com a maior força que reuni. Ele foi para trás com força, mas não largou os meus cabelos. Senti-os arrancar e gritei. Acabei praticamente pulando da mesa, caindo em cima dele com tudo. Nossos corpos se estatelaram no chão.

Ele recuperou o controle e me imprensou contra a cerâmica fria. Seu erro foi ter deixado os meus braços livres. Envolvei minhas mãos ao redor do seu pescoço e comecei a enforcá-lo sem dó e piedade.

Eu disse que iríamos nos matar.

Henrique puxou meus braços e os ergueu. Tossiu algumas vezes, encarando-me com fúria. Seu rosto estava perigosamente vermelho.

– Isso não vai funcionar assim, Laura.

– Não vai funcionar de modo algum. Desista. Não dá... Não tem como. Somos como óleo e água, não nos misturamos... Somos polos iguais, vamos nos repelir até o fim dos tempos.

– Eu me recuso.

Sua boca invadiu a minha com vontade, uma urgência avassaladora. Suas mãos deixaram as minhas, e só então me senti melhor. Abri as minhas pernas ao redor da sua cintura e a apertei. Minhas unhas seguiram trajeto para as suas costas, mas não consegui lhe provocar a dor que queria devido ao tecido do terno. Decidi tirá-lo. Henrique entendeu o recado e se ergueu um pouco, jogando a vestimenta longe. Meus dedos puxaram sua camisa, fazendo botões voarem para todos os lados. Retirei a gravata e a enrolei no meu pulso como se fosse uma pulseira. Iria usá-la assim que tivesse uma chance.

Henrique voltou a depositar o seu corpo sobre mim, agora despido. Sua pele quente fez cada fibra do meu ser vibrar. Puxei-lhe o cabelo e invadi a sua boca, trazendo-a para mim. Nossas línguas brigavam como cães e gatos, emergentes, buscando uma profundidade inalcançável.

Do nada, Henrique encerrou o nosso beijo, que tinha a promessa de eternidade que eu estava disposta a cumprir. Resmunguei, decepcionada.

– Só me diga como.

– O quê? – perguntei com insatisfação, deixando a impaciência bem visível.

– Como você não tem útero, Laura? Por quê? Nasceu assim? Ficou doente? A dúvida está acabando comigo.

– Eu o perdi! – gritei raivosamente. Movimentando as minhas pernas, consegui empurrá-lo de novo, e nos distanciamos.

Levantei-me depressa, seguindo na direção da porta.

Henrique chegou mais rápido e me impediu de ir embora. Seu tórax exposto prendeu a minha concentração por segundos decisivos.

– Como o perdeu? – murmurou, e vi em seus olhos resquícios de algo que não consegui decifrar.

Queimei de ódio. O que estava fazendo ali? Já devia ter ido embora, aliás, nem devia ter aceitado chegar até a casa dele.

– Você está me fazendo sentir arrependimento, Henrique. Eu ODEIO me arrepender. ODEIO! Saia da minha frente antes que não responda por mim.

– Já te mostrei como vai ser se não cooperar. Que tal deixar de ser uma porra louca e começar a agir como uma pessoa?

Meus olhos se arregalaram. Aquilo era uma ameaça? Era só o que faltava na minha vida: ser ameaçada pelo Henrique Farias. Agora fodeu tudo.

Juntando toda a minha força, desferi-lhe um tapa com as costas da mão que doeu até em mim.

– Nunca. Me. Ameace.

Ele demorou a se recuperar daquela, acho que ficou espantado com as minhas reações. Não sei por que, mas acabei ficando para conferir o que viria depois, mesmo sabendo que devia ter aberto a porta e seguido para bem longe dali. Eu devia estar prestes a ter um troço, mas a medicação me fez sentir calma e permanecer calculista.

Henrique me olhou tão bravamente que temi a minha própria vida. Sua respiração elevada e o ódio que exalava do seu corpo me fez entender que estava cometendo erros atrás de erros. Minha atitude geraria consequência, e uma que não estava preparada para sofrer. Ergui o rosto e esperei que viesse. Só me restava encarar a situação de frente.



Meus braços tremiam, bem como as minhas pernas e, descobri um segundo depois, meus lábios. A chuva lá fora havia aumentado, deixando o ambiente bem frio. Mas não era o frio que estava me fazendo tremer.

Henrique alisou o rosto, bem no lugar onde minha mão esteve, mais uma vez.

– Foi o cara que fez isso? – perguntou em um grunhido. – Foi ele quem fez isso com você?

Balancei a cabeça, negando.

– NÃO MINTA PARA MIM! – gritou, e meu corpo deu um pulo de susto.

– Não sinta pena... Não me dê esse desgosto.

– A única coisa que sinto por você é uma vontade destruidora de te foder até não conseguir mais respirar. Eu vou fazer isso, Laura. Mas antes, quero que me diga a verdade.

– Que diferença faz?

– Faz toda a diferença para mim.

– Eu não fui violentada por apenas uma pessoa, Henrique – cuspi as palavras. – Não foi apenas em um dia, não foi um momento passageiro. Não fui encurralada em um beco escuro ou algo assim. Eu vivi no próprio inferno.

Não sabia o que fazer com os pensamentos e lembranças que invadiram a minha mente naquele instante. Abri a minha bolsa desesperadamente, pegando a caixinha com os remédios. Só então me lembrei de que só havia trazido dois, portanto já tinha tomado todos.

Não havia saídas. Só existia dor.

– Eu te odeio... – murmurei. Atirei a bolsa contra uma parede, e ela se espatifou e caiu. Era feita com algumas miçangas

amareladas, que deviam ter se espalhado pela cerâmica. – Eu te odeio tanto... Tanto...

Segurei a minha cabeça com força. A sensação era de que ela estava sendo arrancada por mãos invisíveis.

– Tudo bem, Laura. A escolha é sua – Henrique falou seriamente, a voz carregada de frieza. – Pode ir embora e me odiar para sempre, e juro que nunca mais te importunarei. Vou fingir que não te desejo, que nada entre nós aconteceu. Desfaço aqui mesmo a nossa aposta, e deixo o desafio partir para o raio que o carregue. Vou te privar da minha presença o máximo que puder, eu juro.

Suas sentenças foram tão definitivas que senti um aperto insuportável no meu peito. Precisava chorar, mas não conseguia. Queria gritar, mas perdi a capacidade.

– Ou... Você pode ficar aqui comigo e admitir que, no fundo, não me odeia coisa alguma. Vamos fugir, mandar o mundo ir se foder, e manter tudo o que já construímos. Podemos dividir nossas angústias... Eu posso te ajudar a odiar menos enquanto você me ajuda a ser menos explosivo e orgulhoso. Podemos viver uma experiência nova, com outras regras de controle, outros jogos de poder. Vamos viver a nossa liberdade plena, testar a nossa confiança e descobrir alguma coisa diferente.

– Que... Que coisa? – minha voz saiu sufocada.

– Não faço a menor ideia, mas pode valer a pena. A escolha é totalmente sua.

Aquiesci e, desesperada, abri a porta. Olhei-o pela última vez. Sua expressão desolada me fez parar por mais tempo do que estava nos meus planos.

– Adeus, Laura Diniz – murmurou.

Com a mão na maçaneta fria, observei a chuva caindo lá fora. Um verdadeiro dilúvio, que faria a cidade alagar em dois tempos. Olhei o Henrique mais uma vez. Ele encarava o chão.

Fechei a porta.

– Adeus é o caralho, Henrique Farias.

\*\*\*

Pulei em cima dele, minhas pernas envolvendo a sua cintura na maior dificuldade por causa do vestido. Pensei que riria da minha cara, porém a seriedade com a qual invadiu a minha boca deixou claro que não estava brincando nem um pouquinho. Mãos grandes apoiaram a minha coluna e tentaram me arrancar o vestido. O tecido fez um ruído de costuras sendo rasgadas.

– Não... É alugado, Henrique – reclamei entre os seus lábios.

Ele me soltou com leveza, depositando-me de volta ao chão. Beijou-me com ternura.

– Vamos fugir logo, não aguento mais esperar – falou, alisando meu queixo.

Reparei uma marca avermelhada no seu rosto. Aquilo devia ter doído muito, pois meus dedos ainda latejavam. Henrique foi pegando as sacolas, e decidi ajudá-lo. Fiquei surpresa quando começou a subir as escadas, chamando-me para lhe acompanhar. Por um momento achei que fôssemos seguir viagem para algum lugar bem distante do mundo civilizado.

Meu desconfiômetro piscou em alerta. Estava incerta de seus objetivos, porém todas as incertezas viraram certezas quando paramos em frente ao seu quarto BDSM. Henrique abriu a porta e entrou como quem não queria nada. Fiquei plantada do lado de fora, sentindo o meu corpo travar, congelar no tempo.

Não podia entrar naquele lugar, podia?

– Entra, Laura – ele disse lá de dentro, depositando as sacolas em cima de um armário. Havia uma espécie de frigobar embutido, e então entendi tudo. Ele queria nos trancar em seu reduto particular.

O pouco que vi do quarto me deu náuseas. Uma cruz de Sandro André pendurada em uma parede fez a minha pele se arrepiar. Tremi ao observar correntes saindo de diversos compartimentos. Uma mesa negra e sombria, que parecia estar ali apenas para piorar o clima assustador do local, me deixou

apavorada. Lembranças ridículas me acometeram, fazendo-me sentir um desespero antigo.

– Não vou entrar aí, Henrique – murmurei.

Ele saiu do quarto e parou bem na minha frente. Os pelos que compunham seu peitoral me tiraram o foco. Por um segundo, não soube o que fazer ou pensar.

– Por que não? Você vai ficar bem, prometo. Não faremos nada sem consentimento mútuo.

– Este lugar é seu. Logo, todo o controle e dominação são por sua conta. Não posso entrar no seu território sem mais nem menos – disfarcei, mas sabia que estava mentindo. Pouco me importava em invadir o território alheio, o que me impedia de entrar era o completo pavor que o ambiente me fornecia.

– Esqueça isso. Hoje, este lugar é nosso. Abdico de todo o poder que já exerci nele para te receber, Laura.

Balancei a cabeça, negando.

– Henrique... Não é assim que funciona.

– Estamos ditando novas regras, não é? Para isso dar certo, temos que mudar algumas coisas. A primeira coisa é essa, a partir do momento em que pisar ali dentro, o lugar vai pertencer tanto a você quanto a mim.

Segurou as sacolas que eu havia trazido e entrou com elas. Tomei fôlego, tentando criar coragem.

– Henrique, eu... Eu fiquei... Fiquei algum tempo em um lugar como este – decidi ser sincera. Apoiei minha cabeça na lateral da porta e esperei.

Aquele homem delicioso largou as sacolas e me encarou com seriedade. Caminhou na minha direção como um animal altivo, mas que via em mim um ente que devia ser protegido sob qualquer circunstância.

– O que te aconteceu jamais vai se repetir, Laura Diniz. Eu nunca permitiria. Nunca. – Ergueu uma mão e me ofereceu olhos azuis brilhantes e firmes. – Confia em mim?

Segurei a sua mão sem nada responder. Ele me puxou de leve, fazendo-me dar o primeiro passo, em seguida o segundo e depois o terceiro. Não me animava a ideia de insegurança, mas,

como se fosse mágica, toda a angústia se esvaiu. Dentro de mim, sabia perfeitamente que o Henrique não me machucaria como fui machucada.

Ele me soltou e fechou a porta. Girou a chave bem devagar.

– A chave é embutida, ela não sai da maçaneta – puxou-a como se quisesse me provar o que dizia – Você pode sair quando quiser, Laura, mas a ideia primordial é ficarmos o máximo de tempo que nos for permitido.

– Quanto tempo?

– Não sei – deu de ombros. – Temos até a segunda de manhã.

Minha boca se abriu. Ele estava propondo que ficássemos vinte e quatro horas enfiados ali dentro? Foi difícil acreditar. A ideia tanto me assustou quanto me excitou, e isso não era nada bom. Medo e prazer é uma combinação fatal que nunca mais quero sentir na minha vida.

Henrique pegou um pequeno controle remoto e ligou alguma coisa. Só então reparei que foi o ar-condicionado. Estava meio quente ali dentro, pois o ambiente não possuía janelas. Também tinha as paredes cobertas por um tecido de aparência macia. Certeza de que a acústica era protegida. Podíamos gritar ali dentro que ninguém jamais ouviria do lado de fora. Meu corpo tremeu de novo, e precisei massagear os meus braços para espantar a angústia.

– Quais são as regras? – perguntei baixinho.

Henrique se aproximou. Estava me olhando de um jeito tão... estranho. Parecia fascinado com alguma coisa.

– Estamos em um lugar nada neutro. E já que você não quer neutralidade, vamos apenas ser nós mesmos.

– Acho que não duramos até a segunda-feira deste jeito. Vamos ser encontrados mortos antes disso.

Engoli em seco. Henrique levou muito a sério o que eu falei, pois aquiesceu prontamente.

– Não é prudente utilizarmos nada que cause danos mais graves. Chicotes e demais objetos estão proibidos. Tapas na cara também estão – completou.

Sentime um pouco envergonhada pelo que fiz. Só um pouquinho. Afinal, foi ele que me ameaçou.

– Tapas de qualquer espécie estão proibidas – falei e, tomando coragem, dei mais alguns passos, observando os equipamentos do quarto. Havia cadeiras de formatos estranhos, e também um balanço composto por correntes e faixas de couro. – E... Essas correntes também estão. Aliás, tudo está proibido. Isso não vai dar certo, Henrique.

– Se quisermos de verdade, vai – senti seu hálito assoprando o meu pescoço, e só então me dei conta de que ele estava bem atrás de mim. Fechei os olhos, sentindo meu corpo relaxar devagar. O remédio ainda circulava pelas minhas veias. – Eu quero muito.

Henrique tocou os meus braços e os apertou lentamente. O simples toque me fez abrir um pouco a boca.

– Quando eu disser não, significa não – murmurei, tentando buscar um pouco de juízo.

– Idem. O não vira lei assim que for proferido – sua voz sussurrada me deixava louca. Ele encostou seu rosto entre o meu ombro e pescoço, distribuindo beijos suaves. – E podemos nos tocar sem pedir permissão. Tudo bem?

– Tocar é diferente de segurar e submeter – deixei bem claro.

– Entendido...

– Tem que confiar cegamente em mim, Henrique – continuei.

Estava deixando me levar pelos seus afagos. Há muito, muito tempo não fazia aquilo. Há anos não era abraçada e tocada daquele modo. Achei que jamais voltaria a acontecer. Não era a minha intenção deixar que acontecesse. Mas o que podia fazer? Meu corpo agradecia a cada vez que a pele dele se encostava à minha. Não dava para resistir. Nem tentava mais.

– Eu confio, Laura. Mas precisa confiar em mim também.

Senti seus dedos urgentes me livrarem do primeiro botão do vestido. Fechei os olhos com ainda mais força, esperando pela sensação ruim de estar nas mãos dele. Não a encontrei. Apenas desejo era capaz de ser sentido, e com tanta intensidade que chegava a ser inacreditável. Sabia que a minha vez chegaria. Sabia

que a desvantagem era momentânea e podia buscar prazer nela também.

Parecia mágica. Era um milagre. Henrique estava me enfeitando, de propósito.

O segundo botão foi aberto, seguido de todos os outros. Ele teve tanta paciência em fazer aquilo que fiquei surpreendida. Demorou-se bastante, dando intervalos longos para beijar os meus ombros e morder o lóbulo da minha orelha. Minha pele se arrepiou muitas vezes, porém não me mexi. Mantive-me imóvel, esperando por algo que eu nem sabia o que era.

Quando todos os botões foram desfeitos, o vestido escorreu um pouco. Henrique me ajudou a sair dele sem pressa. Ergui um pé e depois o outro, compreendendo que agora estava só com a calcinha branca de algodão, nada sensual. Ele se afastou um pouco e vi quando dobrou o vestido, deixando-o em cima da mesa escurecida. Virou-se na minha direção e estacou.

Seu suspiro veio acompanhado de um gemidinho delicioso. Prendi os lábios e esperei. Só esperei.

Assim que se aproximou de mim novamente, sem nada falar, puxei a fivela do seu cinto com força. Ele veio todo para frente, chocando-se contra mim. Não parei. Livrei-o do cinto, do botão da calça e do zíper, reparando no volume delicioso que se fazia cada vez mais presente.

Arranquei-lhe a calça e os sapatos com pressa, totalmente diferente de como ele tinha feito comigo. Deixei-o apenas com uma cueca boxer preta espetacular, que fornecia à sua silhueta uma visão tão sexy quanto jamais foi possível em todo Universo. Suspirei também.

Meus dedos tocaram de leve a extensão da sua ereção por debaixo da cueca. Ergui a minha cabeça, e ele ainda me observava. Ou melhor, observava os meus seios expostos. Desviou os olhos apenas para encarar os meus. Senti que só não me tocava porque estava esperando que eu tivesse o meu momento.

– Você é tão linda... – sussurrou tão baixo que quase não deu para ouvir. – Eu te quero tanto...

– Somente a verdade será dita entre essas paredes – murmurei em resposta.

– Concordo. Posso dizer a verdade agora?

Engoli em seco. Ele tinha mentido. Eu sabia... Sabia!

– Deve... - falei, mas não sabia se estava pronta para ouvir.

– Você é a mulher mais linda que eu já vi na minha vida – prosseguiu ainda murmurante. Tocou as laterais do meu rosto, depois seguiu para os meus cabelos. Apertou-os entre os dedos. – É a que mais quero no mundo inteiro.

Seu tour pelo meu corpo não parou. Henrique logo desceu as mãos pelos meus ombros e, sem demoras, apertou os meus seios com leveza calculada. Arfei alto.

Alisei o seu braço, provocando-lhe um arrepio.

– Pedi a verdade e você mente ainda mais? – minha voz saiu mais suave do que calculei.

Ele riu, pois meu timbre não foi grosseiro. Pelo contrário, indicou brincadeira, por mais que eu não estivesse brincando.

– acredite se quiser. – Tirou as mãos dos meus seios e desceu pela minha barriga. Parou nas minhas costas, só um pouco acima do meu bumbum.

Puxou-me forte, chocando nossos corpos. Sua ereção dura como pedra tocou em algum ponto da minha barriga. Ele era tão grande! Ele todo. Parecia uma formiguinha diante da sua imponência.

Henrique desceu as mãos, segurando as minhas nádegas. Pressionou-as e me ergueu, fazendo-me ficar pendurada nele novamente. Agarrei-o com braços e pernas, deixando a minha calcinha bem no lugar onde a cueca pedia socorro.

Sua boca encontrou a minha em um beijo de tirar o fôlego. Eu gostava dos movimentos que fazíamos com os lábios, eram diferentes. Pareciam calculados, mas escorriam e se encaixavam desordenadamente. Uma ordem desordenada, digamos assim. As investidas partiam dos dois lados, e talvez por isso fosse sempre tão intenso, tão profundo. Nenhum de nós parecia estar sendo beijado, era como se ambos estivessem beijando. Estranho, mas excitante demais.



Mãos firmes seguravam meu traseiro como se quisessem rasgar a minha pele. A agressividade me deixou agressiva também, e comecei a lhe puxar os cabelos. Henrique nos guiou até a enorme cama de casal. Era linda, de madeira enegrecida toda trabalhada e com dossel. Voais e correntes negras se misturavam por ali, e tentei não pensar nelas. Os lençóis escarlates eram macios, percebi assim que fui depositada sobre eles.

Fazia tanto tempo que não transava naquela posição que me senti meio angustiada. Não queria Henrique por cima de mim, mas seu corpo delicioso e quente sobre o meu era excitante demais. Busquei palavras, mas nada saiu da minha boca. Começaria a reclamar, mas do quê? De algo que estava gostando?

Havia me esquecido de como era ter um homem louco me possuindo. Estava acostumada a possuir, não a ser possuída. Contudo, precisava ceder se quisesse conquistar, certo? Podia deixá-lo daquele modo e, depois, fazer o que quisesse. A noite estava começando agora, era apenas uma criança. Aliás, o fim de semana inteiro era uma criança. Tudo podia acontecer.

Nossas bocas não se largaram nem quando começamos a nos tocar. Henrique segurava os meus seios enquanto eu sentia a firmeza de cada um de seus músculos. Comecei pelas costas, atravessei seus braços enormes, brinquei com os pelos do seu peitoral rígido. Desci pelo abdome trabalhado e parei na cueca boxer. Deixei seu pau escapar, dando-lhe a liberdade que tanto queria. Estava pulsante, lubrificado e, caralho, perdi todo o meu juízo depois que o senti tão sedento por mim.

Além de que era enorme. Ia dar trabalho, mas eu adoro trabalho, não é?

Henrique separou nossos lábios, mas continuou me beijando. Seguiu trajeto pelo meu pescoço, mas a pressa evidente fez com que pulasse direto para os meus seios. Beijou-me um, o mesmo que já havia beijado antes, na sala da diretoria.

– O outro já deve estar com ciúmes... – brinquei, e ele riu. Seus dentes se encostaram à ponta frágil do meu seio, levando um espasmo gostoso até o meu ventre.

Sem pensar duas vezes, ele trabalhou no outro seio. Sugou-o como um louco, deixando o bico bem duro e acentuado. Meus seios não eram tão grandes, mas eu gostava deles. Nunca cogitei ou tive a menor vontade de colocar silicone. O modo como Henrique os tratou deixou óbvio que havia gostado deles também. Sentime satisfeita, orgulhosa e ainda mais pronta.

Minha calcinha pegava fogo quando senti dedos começando a massageá-la. Suspirei alto.

Henrique se ajoelhou na cama repentinamente. Observei seu pau enorme para fora da cueca, e ele se preocupou em me analisar com uma expressão de desejo quase sofrida.

Segurou a lateral da minha calcinha e a puxou com força. Minhas pernas fecharam e se ergueram, e ele aproveitou para beijar meus tornozelos. Assim que a calcinha deixou o meu corpo e foi atirada para longe, Henrique percebeu a minha tornozeleira discreta de ouro. Chacoalhou-a entre os lábios. Havia um pequeno pingente em forma de pássaro.

– É bonita – comentou, meio rouco.

– Significa liberdade.

– Um bom significado. Combina com o que estamos vivendo agora.

Tentei achar dentro de mim a ótima sensação de liberdade que a minha nova vida sempre me forneceu e, para a minha surpresa, ainda estava lá. Aquiesci, concordando. Éramos livres, mas toda liberdade é regrada. Tudo tem um limite, certo? Meu direito terminava quando começava o do Henrique, e vice-versa.

A ideia de regras a serem seguidas não me animava tanto, mas teria que respeitá-las se quisesse respeito. Era o único modo de aquilo dar certo, tinha plena consciência, e ele também.

Henrique beijou as minhas pernas, ainda erguidas, e foi descendo devagar. Meu cérebro achava estranho cada detalhe do momento, porém o corpo inteiro vibrava de excitação. Não sabia o que fazer com as mãos, por isso me inclinei um pouco para o lado a fim de tocar o seu pau. Não via a hora de tê-lo em mim.

Minhas pernas se abriam mediante ele me beijava, até que terminaram totalmente abertas. Foi de propósito que não arqueei os

joelhos. Henrique me encarou de boca aberta, surpreso com a minha flexibilidade. Sorri maliciosamente, satisfeita por ter trinta e dois anos e um pique de menina.

Senti que ia falar alguma coisa a respeito, mas desistiu quando seus olhos alcançaram o meio das minhas pernas. Uma mão boba e apressada me tocou de levinho, bem no ponto mais sensível. Eu sabia que estava ensopada, e confirmei quando o Henrique começou a chacoalhar mais depressa. Dava para sentir seus dedos se lambuzando de mim.

Não gemi ou provoquei qualquer ruído. Fiz uma careta e me segurei ao máximo. Precisava do meu autocontrole intacto. Só porque a noite estava sendo diferente, não significava que devia deixar de fazer o que sempre acreditei ser certo.

Sem nada comentar, Henrique se curvou diante de mim e me beijou mais uma vez. Nossos sexos se encostaram de um jeito delicioso, e fiz um movimento com o quadril como se quisesse nos encaixar, porém recuando quando ficamos perigosamente posicionados.

Ele afastou o rosto e, do nada, seus dedos lambuzados foram parar na minha boca. Senti o meu gosto. Não soube dizer o que achar dele, porém não deixei sua atitude passar despercebida. Acabei colocando os meus próprios dedos – os que o tinham estimulado há um minuto – na sua boca. Ele os sugou sem pestanejar, surpreendendo-me.

– Eu não sei se eu te fodo, se te chupo, se te beijo, se puxo seus cabelos ou se mordo os seus mamilos, Laura Diniz – disse com a voz sussurrada e meio rouca, encarando-me muito firme.

Ergui uma sobrancelha.

– São muitas opções...

– Confie em mim – a voz ficou rígida. – Tudo bem?

Não sabia o que ele ia fazer. O fato de não ter o controle me angustiou. Não sou mulher de ser fodida, e sim de foder.

– O que vai fazer?

– Tudo o que falei... Sem pausas.

Pensei um pouco. Ok. Ele ia me beijar, me chupar, puxar meus cabelos, morder meus mamilos e me foder. Sabendo o que ele faria,

podia iniciar a minha defesa. Certo.

Certo uma pinóia, eu estava queimando de tanto tesão. Não via a hora.

Aquiesci lentamente e me inclinei, enrolando meus dedos na lateral da sua cueca. Forcei para baixo, fazendo-o entender o que eu queria. Henrique voltou a se ajoelhar e se livrou da peça, mantendo os olhos, de novo, para um ponto sugestivo entre as minhas pernas. Parecia hipnotizado. Só para provocar, abri-as ao máximo, puxando-as mais para cima.

– Puts, como consegue fazer isso? – soltou, mas nem esperou respostas. Em um segundo, ele praticamente mergulhou sobre a cama, e sobre mim.

Sua boca tomou a minha vagina com muita fome. Um espasmo louco percorreu o meu corpo, e me contorci até quase gritar. No último segundo, preendi os lábios e levei minhas mãos aos seus cabelos. Puxei com força. Sua língua começou a trabalhar de forma acelerada, seguindo ritmos e movimentos aleatórios que me levaram ao estágio de quase êxtase.

Prendi seu rosto entre as minhas mãos e, reunindo muita calma, comecei a alertá-lo de que o controle não podia ser só dele. Deixei seu rosto o mais imóvel que pude e iniciei séries de reboladas sob lábios ansiosos.

Henrique ergueu os braços e os passou por debaixo da minha perna. As mãos encontraram os meus seios e os estimularam de um modo impressionante. Cada movimento que fazia parecia combinar com o da sua língua.

Mas nada foi mais louco do que ouvi-lo rosnar e sussurrar enquanto me chupava duro:

– Deliciosa... Gostosa... Vou morrer, eu juro...

Não sabia se ria ou se gozava, pois seu desespero evidente me causava tanto graça quanto tesão. Ainda mais porque, toda vez que falava, seu hálito assoprava a minha pele sensível e me causava espasmos intensos. Depois, quando sua língua voltava a me invadir, achava que podia morrer junto com ele.

– Delícia... – rosnou alto. – Quero ver você implorar por mim, Laurinha...

Quando entendi que ele estava aquele tempo todo falando com a minha vagina, tive vontade de gargalhar. Em vez disso, apenas sorri amplamente e me contorci com um novo espasmo que me acometeu. Larguei seu rosto e parei de rebolar quando percebi que estava quase gozando. Queria adiar ao máximo. Ou melhor, não queria lhe dar o gostinho.

Uma hora teria de gozar, sei disso, mas seria no meu momento.

Henrique aproveitou o segundo de liberdade para afundar o seu rosto contra mim e investir duramente, incitando-me, jogando para os ares toda a minha ideia inicial de não me entregar tão facilmente. Um êxtase intenso me fez franzir os lençóis abaixo de mim. Bem que tentei espantá-lo, mas o efeito retardado só intensificou seu poder.

– Isso... – Henrique murmurou. – Isso, implora... Implora, vai... – E afundou sua língua frenética bem no meu clitóris.

Arfei alto e tentei com todas as minhas forças conter um grito. Prendi os lábios e cerrei os olhos. Voltei a puxar seus cabelos com força quando o primeiro espasmo fez a minha coluna arquear.

Eu estava implorando contra a minha vontade. Maldito!

– Assim... Isso, querida... – Henrique nem esperou meus espasmos terminarem e se levantou com habilidade. Segurou o pênis e o mirou na minha entrada. A cabeça do seu pau se encostou a mim de um modo louco. Ainda sentia resquícios do orgasmo quando decidiu me invadir. – Vou dar o que você quer.

Ele era tão grande que precisou empurrar fundo para que eu o engolissem. Acabou se curvando inteiro, deixando seu corpo sobre o meu. Minha vagina cedia devagar, mas, por estar relaxada e bem lubrificada, não senti dor alguma. Apenas uma sensação esplendorosa de preenchimento.

Envolvi as minhas pernas ao redor da sua cintura, prendendo um pé no outro. Puxei-o pela nuca, obrigando-o a afundar de vez. Queria tê-lo em mim por completo, sem sobras. Senti uma gota de suor escorrer pela lateral da minha testa enquanto fazia uma forcinha a mais para relaxar e poder recebê-lo melhor.

Ele estava tão quente e pulsante dentro de mim!

Meus braços também o tomaram. Cruzei-os ao redor do seu tórax e lhe segurei os cabelos da nuca. Henrique soltou um rosnado quando percebeu que estava completamente recebido. Sua boca ávida encontrou a minha e, em vez de beijos, trocamos mordidas ferozes e sensuais. Parecíamos dois animais se amando.

Ele retrocedeu uma vez e, com força, fez-nos chocar. Percebi que aquilo ia ser mais difícil do que imaginei. Estava perdendo todo o meu juízo, todas as estribeiras, e saboreando a verdadeira sensação de liberdade que ele estava falando. A liberdade era a quebra de tabus, o fato de estarmos fazendo o impossível, a busca pela novidade, a coragem de se permitir. Era isso. Eu estava me permitindo. Depois de tanto tempo... Depois de tanta dor...

E o melhor de tudo era não estar me sentindo uma otária. Muito pelo contrário, sentia-me forte e corajosa. Uma vencedora. Uma guerreira, uma mulher capaz de fazer o inimaginável.

– Argh! Você é tão apertada... – Henrique rosnou e nos fez chocar novamente. E de novo, de novo, de novo... De novo...

– Você que é enorme! – gritei.

Entramos em um ritmo acelerado e bem louco. Henrique me beijou duro diversas vezes. Inclinou-se na direção dos meus seios e, já avisada, esperei pelas mordidas. Encontrei sua mão e a levei à minha boca, pronta para revidar. Ele entendeu o que eu faria, por isso apenas mordiscou de leve os meus mamilos. A cada vez que sentia seus dentes em mim, mordia-lhe os dedos. O mesmo aconteceu com os cabelos. Puxei os dele mediante puxava os meus, utilizando a mesma força que me aplicava.

– Não vou aguentar tanto assim, Laura... – murmurou. Estava alucinado, imerso nos próprios balbucios e delírios. Nunca o vi daquele jeito, claro, mas adorei. Eu parecia ter um efeito entorpecente sobre ele.

– Não ouse gozar agora, Henrique. Sabe que isso terá volta ainda.

Ele se inclinou e roçou os lábios no meu ouvido antes de sussurrar:

– Tenho tanta porra guardada para você que isso não será problema.

Minha pele se arrepiou com seu toque e palavras. Uau! Queria cada gota daquela porra de que ele estava falando. De todas as maneiras possíveis.

– Diga logo onde quer que eu goze – completou e soltou um gemido delicioso de ser ouvido.

Eu sabia exatamente onde queria que ele gozasse. Juntando força, habilidade e flexibilidade, empurrei-o loucamente até fazê-lo se deitar na cama. Desgrudamo-nos e, depressa, subi em cima dele de modo invertido. Seu pênis latejante, enorme e lambuzado de nós dois, ficou bem na minha cara. Henrique puxou o meu traseiro – que não conseguiu chegar até o rosto dele devido ao meu mísero tamanho – e fez questão de introduzir alguns dedos em mim.

Abri a boca para tomá-lo. Ele gemeu alto com o meu toque. Apenas alguns poucos movimentos foram necessários para que gozasse deliciosamente, preenchendo a minha boca com seu sêmen quente e espesso. Tomei tudo como se fosse água em pleno deserto. Seu gosto era incrível, e só me lamentei por tê-lo entregado à secretária vadia. Ela não merecia tamanha dose de gostosura.

Chupei a cabeça do seu pau durante longos minutos após seu orgasmo. Henrique terminou me massageando o traseiro, lambuzando a minha vagina e com a respiração ofegante.

Afastei-nos e me deitei ao seu lado. Ele fez questão de me puxar para si, mas não permiti seu abraço. Seria estranho demais. Em vez disso, apenas me virei de lado e o encarei. Ele se virou de frente para mim, segurando o meu olhar.

– Deu certo – falou e sorriu amplamente.

– Não terminamos.

– Eu sei. Não vamos terminar tão cedo, mas deu certo. Provamos que pode dar.

Aquiesci.

– Vamos transar até a segunda-feira? – perguntei, pois era uma dúvida que me acompanhava desde que entramos no recinto.

Junto com a dúvida, veio a lembrança de que não usamos preservativos. Mesmo sabendo estar errado, confiava no Henrique. Eu não estava prejudicando o Jaime, pois não íamos transar tão

cedo mesmo. Quando aquela loucura tivesse fim, era só refazer meus exames e pronto.

– Claro que não, posso ser bom, mas não chego a ser de ferro – riu, mostrando seus dentes brancos. Fiquei concentrada neles. – Vamos comer, dormir, conversar... Descansar, depois se cansar de novo...

– Bem que estou precisando de férias... – De repente, lembrei-me de que não podia tirar férias. Tinha muito trabalho a ser feito, além de que não havia avisado ao Jaime ou a Jane que ficaria longe durante o fim de semana.

Apoiei o cotovelo no colchão, sobressaltada.

– O que foi?

– Não posso tirar férias, Henrique. Não posso fingir que não há um mundo lá fora. Sequer avisei que estaria aqui, vão ficar preocupados comigo. Ai... – Sentei-me na cama. – Meu celular ficou lá embaixo, dentro da bolsa.

– Esqueça tudo, Laura. Você é adulta.

– Por isso mesmo, sou responsável.

– Ei... – Henrique se sentou e me alisou os cabelos, agora assanhados. – Apenas esqueça. O estresse e as preocupações ficaram do lado de fora. Estamos presos, e aqui só existe desejo e liberdade. Está bem? Precisa se permitir um pouco, Laura.

Balancei a cabeça, achando que estava ficando louca por concordar com ele. Voltei a me deitar, e Henrique fez o mesmo.

– Já estou pronta para ganhar a minha vantagem – murmurei.

Aproximei nossos lábios, porém, em vez de beijá-los, desci mais e lhe mordi o queixo.

Minhas mãos navegaram o seu corpo escultural até lhe alcançar o pênis. Não estava duro, mas também não estava mole. Ótimo sinal.

– Três... – ele murmurou, balançando o quadril contra a minha mão, que lhe incitava. – Dois... – Puxou a ponta de um dos meus seios. Senti sua ereção ficando rígida mediante a contagem. – Um...

Inclinou a cabeça e me deu um beijo composto apenas por línguas.

– Estou pronto, Laura Diniz.



Putá merda... E estava mesmo!

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

Eu me sentia embriagado, sem juízo. Não sei se era a pele dela, os lábios, o cheiro, o sabor... Não conseguia definir o quê exatamente mexia tanto comigo, fazendo-me ingressar num estado de torpor absoluto. Era como um sonho, algo difícil de acreditar, porém sabia que estava acontecendo de verdade. Muitas vezes esperei o momento em que acordaria sozinho em minha cama, decepcionado por causa de mais um sonho em vão – e com o belo adicional de ter a barriga manchada de batom.

Podia me beliscar se a Laura não estivesse fazendo isso por mim. Ela puxava a minha pele com força, aliviando apenas quando percebia que estava exagerando. Eu não reclamava. Não conseguia.

Estava nas mãos dela. Do jeito que a maldita sempre quis.

Ter a Laura em cima de mim, navegando no meu corpo sem pudor algum, era algo indescritível. Ela não se cansava de ter que fazer todo o serviço, parecia uma alucinada enquanto rebojava sobre o meu pau, que tentava a qualquer custo adiar um orgasmo intenso. Seus olhos amarelos não largavam os meus, indicavam uma dominação que me afundava em um mar de confusão, mistério e prazer. Nenhum som saía de sua boca, por mais que seus lábios se entreabrissem e sua expressão indicasse o mais puro desejo.

O silêncio me perturbava. Havia me esquecido de ligar o som, portanto o único ruído partia dos meus próprios gemidos, e dos nossos corpos se possuindo em alta velocidade. Aquela mulher era um monstro em todos os sentidos, inclusive na cama. O corpo parecia ser feito exatamente para aquilo. As pernas firmes arqueadas se movimentavam com maestria, o quadril chacoalhava perfeitamente, os seios balançavam de leve com o movimento... Os

lábios grossos imploravam, a cada instante, por um beijo. E ela atendia às vezes, inclinando-se totalmente para me fazer derreter sob eles.

– Agora, quem vai implorar é você... – murmurou entre os meus lábios, e achei que fosse morrer, pois já implorava há muito tempo.

Ela se curvou para trás novamente, afastando-nos. Segurei-lhe a cintura, mas o olhar que me ofereceu foi tão poderoso que a soltei no mesmo instante. Deixaria que tivesse o seu momento, afinal, tive o meu. E ainda queria muito mais. Minha insatisfação ficava óbvia a cada segundo que se passava. A fome só fazia aumentar. Estava sedento.

– Você me deixa louco... – resolvi deixar bem claro. – Não vou sobreviver a você, Laura.

Ela sorriu maliciosamente e diminuiu o ritmo até parar. Encarou-me fixamente, parecendo meio aflita.

– Confie em mim – murmurou.

Aquiesci, pois não me restava mais nada. Nunca me senti tão à vontade em perder o controle, e isso era a coisa mais estranha que acontecia naquela noite. Estava confiando, apostando todas as minhas fichas. Acreditando que Laura jamais faria algo que me ofendesse, mesmo que, na verdade, qualquer coisa pudesse acontecer. Não fazia sentido. Era uma espécie de confiança desconfiada.

Ou talvez fosse a vontade enorme de fazer dar certo.

Ela desenrolou a minha gravata, que ainda estava enrolada no seu pulso. Tinha me esquecido dela completamente. Laura inspirou o tecido com vontade, cerrando os olhos. Perpassou-o pelo seu corpo em um gesto sensual. Fiquei a observando, meio espantado. A doida nem fazia muito esforço para ser a criatura mais sexy que já cruzou o meu caminho.

Quando seus olhos voltaram a se abrir, encararam-me ferozmente. Meu coração, que já batia forte, acelerou ainda mais. Senti meu rosto se contorcendo de dúvida e tensão. Ela ia aprontar. Seu semblante não negava. O ar cruel, ameaçador e poderoso estava de volta, e com força total. A Laura Diniz que estava se modificando foi embora em dois tempos, dando lugar à que havia feito uma empresa inteira tremer nas bases. Temi aquela mulher, mas a desejei com tanta força que sequer me movi. Paralisei.

Ela rebolou um pouquinho, fazendo o meu pênis, totalmente dentro dela, vibrar. Inclinou-se novamente, deixando o rosto bem perto do meu. Passou a gravata ao redor do meu pescoço. Levantei um pouco a cabeça durante o processo. Nem me pergunte por que permitia tudo. Ela já tinha me enforcado uma vez, podia tentar de novo com aquela gravata.

Do jeito como me olhava, parecia mesmo querer me matar.

Laura fez um nó perfeito e o deixou bem afastado do meu pescoço. Puxou a ponta do tecido de leve, e o nó começou a escorrer. Parou quando percebeu o que acontecia quando puxava, mas algo me dizia que ela sabia exatamente o que fazer.

Pernas grossas e firmes se ergueram. Com um movimento que pareceu não ter lhe atribuído esforço algum, apoiou-se com os pés no colchão, terminando agachada sobre mim. Fez nossos sexos se chocarem de leve. Senti meu corpo inteiro soltar um espasmo delicioso.

Segurei suas coxas por baixo, e ela não reclamou. Acho que percebeu que estava em uma posição dominadora demais. Se ficasse quieto, seria o mesmo que estar amarrado, e isso eu realmente não me vejo permitindo. Nem por ela. Sobretudo por ela.

Laura não puxou mais a gravata, porém não a largou por nada. Começou a se movimentar intensamente, buscando um ritmo cada vez mais profundo. Fiquei observando nossos sexos se encontrando repetidas vezes, e tentando não gozar rápido. Gemi quando ela se

inclinou para trás, apoiando uma mão na minha perna enquanto a outra permaneceu segurando a gravata. A doida estava galopando em cima de mim, com rédea e tudo!

Prometi a mim mesmo que não gozaria, mas a promessa era feita e desfeita conforme Laura trabalhava arduamente sobre o meu corpo. Tirei minhas mãos da sua coxa e lhe peguei pela cintura, ajudando-a no ritmo.

A maldita era incansável. Pensei que desistiria da posição depois de longos minutos daquela maneira, porém manteve-se firme e calculista, demonstrando uma agilidade louvável. Nunca estive com uma mulher tão ágil e disposta.

– Laura... Vou gozar bem gostoso dentro de você...

– Quero gozar no seu pau também... Me espere! – uivou como uma loba faminta.

Desci uma mão e comecei a lhe estimular com os meus dedos. Ela estava tão lambuzada... Tão deliciosa! Sua pele negra fazia uma diferença enorme quando comparada à minha. Acredite ou não, apenas este mero detalhe já me deixava desajuizado.

Quase endoidei de vez quando cedeu ao meu toque, curvando-se para trás e abrindo bem a boca. Fez uma expressão de sofrimento, que se intensificou assim que eu senti a Laurinha se comprimindo. Nossos corpos, já bem suados, esquentaram-se ainda mais.

Um novo espasmo, que partiu dela, alcançou o meu corpo em cheio. Não dava para esperar. Havia sido a gota d'água para que eu começasse a preenche-la.

– Agora... Vamos, Henrique!

Eu já tinha ido há muito tempo. Rosnei alto, como um animal feroz. Meu segundo êxtase sempre era mais intenso do que o primeiro, mesmo que demorasse muito mais a surgir. Resolvi me erguer, sentando-me na cama. Puxei Laura para mim enquanto se

contorcia por causa do próprio êxtase. Um êxtase silencioso, como o anterior.

Queria fazê-la gritar. Seu silêncio precisava ter fim.

Envolvei os braços ao redor dela e a segurei com firmeza. Minhas mãos apoiaram a sua coluna. Uma delas lhe apertou os cabelos, abaixo da nuca. Continuamos em um ritmo acelerado. Laura parecia não querer me largar tão cedo, por isso fiz um esforço absurdo para não amolecer depois do orgasmo.

– Vou de novo... – murmurou, com os olhos fechados e a cabeça levemente erguida.

Louca. Gostosa. Incansável.

– Venha! – grunhi.

Senti seu corpo ficar rígido novamente. Laura arqueou a coluna e arfou alto. Cada um dos espasmos que soltou foi muito bem analisado e sentido por mim. Percebi o seu êxtase na borda e aproveitei para empurrar bem fundo. Ela ainda segurava a minha gravata, porém a tirei de suas mãos e coloquei o tecido na sua boca. Ela mordeu forte, tornando a cerrar os olhos.

Quando seu corpo inteiro começou a tremer como se estivesse no meio de um ataque, puxei a gravata de sua boca e ouvi um rosnado. O desespero de um orgasmo louco – e o fato de eu ter lhe tirado algo que estava utilizando para permanecer muda – fez Laura soltar um único, porém intenso, gemido. Pirei. Poderia sair dali diretamente para um hospício.

Logo em seguida, como já previsto por mim, veio a reclamação em forma de murmúrios:

– Filho... de... uma... puta!

Ri bastante daquilo, afundando o meu rosto entre os seus seios.

– Golpe baixo, Henrique... – ofegou. Foi retirando a gravata de mim com ar de possessiva, como se estivesse permitindo a minha liberdade.

Ergui a cabeça e lhe beijei loucamente. Laura correspondeu até certo ponto, depois senti o seu corpo amolecer de um modo esquisito.

– Você está bem? – afastei nossos rostos. Ela piscou algumas vezes, parecendo meio débil.

– O remédio me dá muito sono... Não sei como consegui durar tanto.

– Vamos dormir, não se preocupe. – Dei-lhe um selinho. O que mais podia esperar dela? Havia sido perfeita! Não tinha nada para reclamar. Absolutamente nada para por defeito, por mais que quisesse.

– Quero me lavar antes.

Separamo-nos e nos levantamos da cama. Indiquei-lhe o caminho do banheiro, que na verdade era o mesmo do meu quarto, só que tinha duas portas. Ela achou aquilo bem interessante, contando-me que uma vez projetou uma casa em que todos os banheiros eram interligados com mais de um ambiente.

– Agora, saia daqui – disse com firmeza, empurrando-me na direção da porta. – Preciso me lavar em paz.

– Deixa eu te dar um banho... Vem cá... – insisti, mas a doida continuou me enxotando para fora.

– Que dar banho que nada, Henrique! Me poupe! Ninguém lava o meu rabo melhor do que eu.

Comecei a gargalhar.

– Tá bom, só irei permitir porque concordo! – ri ainda mais alto.  
– Tem toalhas limpas e tudo de que precisa naquele armário. –

Apontei.

– Beleza. Tchau.

Fechou a porta na minha cara.

Ainda ri sozinho durante algum tempo. Recolhi o que restara de nossas roupas e as guardei em cima de uma prateleira. Retirei alguns lençóis e travesseiros de um armário, fui preparando a cama para que pudéssemos dormir nela. Sentia-me meio cansado, mas muito satisfeito. Era uma satisfação momentânea, eu sabia. Precisava aproveitar enquanto ela ainda circulava dentro de mim.

Deitei-me na cama e estava quase dormindo quando a Laura deixou o sanitário. Desfilou o seu corpo espetacular até se deitar na cama também, mantendo uma distância considerável. Fui me aproximando devagar, com muita cautela.

Meu corpo ainda estava suado, porém não me importava. Estava sujo, mas e daí? Só queria dormir com o cheiro, o gosto e todos os vestígios dela grudados em mim.

Laura pegou um lençol e se cobriu por inteira, deixando apenas o rosto do lado de fora. Quando cheguei perto o bastante, virou-se de lado e ficou de costas. Ou seja, levei uma bela de uma ignorada. Mas não desisti. Na maior cara de pau, enlacei os meus braços ao redor dela, trazendo-a para perto. Terminamos de conchinha.

Durou apenas um segundo. Laura se debateu como um peixe fora d'água e, soltando rosnados sinistros, conseguiu se livrar.

– Só vamos dormir de conchinha se a concha for eu e o molusco for você! – alertou, virando-se para me encarar.

Gargalhei. Nem sei direito por que, acho que começava a ver graça na sua grosseria. Péssimo sinal.

– Não faço um bom papel de molusco, Laura.

– Se somos duas conchas, então fique na sua que eu fico na minha – se virou novamente.

Puxei-a com mais força e envolvi o meu corpo inteiro no dela, incluindo braços e pernas. A doida se remexeu feito uma maníaca, porém o meu peso a impediu de se locomover.

– Ei... Deixa de ser estúpida. Vamos assim... Você não é o molusco, é a pérola. Só estou protegendo o tesouro.

Laura virou o pescoço e me analisou com uma expressão atônita. Quase comecei a rir dela, mas me controlei como pude.

– Quer dizer que valho mais do que você – murmurou. – Hum... Ótimo. Está bem assim, sua concha medíocre.

Agora sim, não pude deixar de rir alto.

– Você é doida. Sério mesmo.

Ela não respondeu.

Depois de um tempão, quando pensei que já tinha dormido, ouvi sua voz sussurrar bem baixinho:

– Henrique...

– Hum?

– Nada não.

– O quê?

– Nada.

– Agora fala...

Remexi um pouco. Ela estava bem sonolenta, seu corpo mal acompanhou meus movimentos.

– Isso é um jogo, certo? – perguntou.



Não respondi de imediato. Pensei um pouco mais no que ela queria dizer.

– É.

– Ótimo. Até amanhã. Ou mais tarde, sei lá.

– Até mais. Durma bem. – Beije-ihe a face.

Fechei os olhos e deixei meus pensamentos conturbados irem embora. Nem sei quanto tempo se passou quando a Laura chamou o meu nome de novo.

– O que foi agora? – balbuciei. O sono já havia me atingido.

– Tem certeza de que é um jogo mesmo, né?

– Tenho, Laura. – Ouvi um suspiro prolongado. – Por quê?

– Não confunda. Por favor.

– Você que não deve confundir.

– acredite, não estou confundindo – sua voz soou em alerta.

– E por que quer que eu não confunda?

– Porque... Por mais que pareça divertido, não quero outro cara implorando por algo que jamais poderei dar. Nem mesmo você. Quero que implore pelo que posso dar, se é que me entende.

Meu sono foi embora de um segundo para o outro. Abri os olhos e fiz com que Laura se virasse para mim. Ela não me encarou logo, mas, quando aconteceu, senti resquícios de confusão.

– Do que está falando? Enlouqueceu?

Olhos amarelos endureceram instantaneamente. A Laura confusa foi embora como se jamais tivesse existido.

– Que fique claro: isto daqui é um jogo – ela disse friamente.

– Pensei que soubesse que era.

– Eu sei que é. Só não sabia se você sabia ou não.

– Eu sei! – falei de um jeito meio grosseiro.

– Ótimo, então.

Laura Diniz voltou a se virar, deixando-me com uma curiosidade medonha.

– O que você jamais poderá dar? – Encaixei o meu rosto em cima do seu e lhe beijei o ombro.

– Não gosto das palavras.

– Faça um esforço.

– Carinho, paixão, amor... E toda a balela de sentimentos que odeio. Não chegue nem perto de sentir algo assim por mim. Falo sério. Não destrua o meu desafio.

– Você não os odeia, só está ferida. Um dia os sentirá de novo. Estará pronta para recomeçar.

– Meu Deus, cadê o Henrique Farias? Substituíram-no pelo meu antigo psicólogo, só pode. Dr. Homero, não acredito que transei com o senhor!

Gargalhei. Para a minha surpresa, Laura também riu um pouco.

– Não tem graça! – disse isso ainda rindo.

– Fica tranquila, Laura Diniz. Quero distância de toda essa balela também – comecei com um timbre divertido, mas retomei a seriedade. – Além de que, com sinceridade, como acha que posso sentir qualquer coisa dessas por você? Tenho amor-próprio, pelo amor de Deus! Se for pra gostar de alguém, que essa pessoa ao menos goste de mim e não fique implicando ou socando a minha cara.

– É... Que goste de você como a vadia que casou com o seu irmão.

Eita. Doeu.

– Viu? Terrível – rosnei, irritadíssimo. – Não sou masoquista como o seu cachorrinho particular, jamais vou gostar de quem não faz questão de ser agradável e ofende deliberadamente. Não perdi o meu juízo. Sua única sorte é combinar beleza e inteligência, Laura, e é apenas por causa disso que estou aqui. Ou acha que estou atraído pela sua capacidade de odiar o mundo?

Ela se debateu tão repentinamente que fui parar do outro lado da cama.

– Morra! E me deixe em paz! – gritou.

– Pra quê tanta brabeza? – ergui as mãos.

Ela se virou de costas de novo, ignorando-me. Estava cansado. A fera precisava se acalmar, portanto deixei-a quieta. Virei de costas também, mas foi difícil pegar no sono.

Depois de mais de meia hora tentando dormir, dei adeus ao meu orgulho e me aproximei dela. Era para isso que estava ali, certo? Meu orgulho demasiado precisava de uma prova de fogo chamada Laura Diniz. Era difícil abandoná-lo, mas precisava. Muitas merdas já me aconteceram por causa dele. Havia perdido o grande e único amor que tive na vida por causa dele. Quantas coisas mais eu perderia?

Passei meus braços pela sua cintura e esperei. Laura não se mexeu. Já tinha dormido.

– Gosto de você assim mesmo – murmurei. – É estranho, mas é verdade.

Beije-ihe o pescoço e, em menos de cinco minutos, adormeci.

# 13º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Não consegui me lembrar de quanto tempo fazia que não acordava sentindo cheiro de café. Jaime prepara o meu café da manhã e o deixa na mesa da sala de jantar todos os dias, mas o cheiro nunca conseguiu atravessar as paredes da casa até alcançar o meu quarto. Ele era proibido de entrar em meu quarto sem permissão – e também nunca lhe dei liberdade o bastante –, portanto jamais havia me trazido o café na cama.

Por este motivo, acordei sobressaltada. Não era normal sentir tão saboroso odor logo cedo. Cheguei a pensar que a minha mente estava me pregando peças, ou talvez estivesse sofrendo uma espécie de abstinência por não ter tomado café na noite passada.

Quase tive um ataque cardíaco quando percebi que estava no quarto BDSM do Henrique. Correntes me chamaram a atenção, mas as esqueci quando me deparei com uma bunda branca. O idiota estava completamente nu, mexendo em sei lá o quê, do outro lado do quarto. Fiquei analisando seu traseiro redondo e durinho de academia. Tive vontade de pegar um dos chicotes pendurados na parede só para lhe desferir um golpe fantástico. Com certeza ficaria com uma marca vermelha. Gosto muito...

Controlei-me ao máximo, prendendo os lábios e tentando me livrar da preguiça. Ainda deitada, espreguicei-me, e acabei soltando um grunhido esquisito, chamando a atenção do Henrique. Ele olhou para trás e sorriu. Nem sei dizer o que me deixou paralisada, se foi o sorriso ou o corpo fantástico esculpado por deuses pagãos.

– Bom dia, flor do dia!

Rosnei como resposta. Meu humor pela manhã nunca é dos melhores. Nunca mesmo.

– Dormiu bem?

Pensei um pouco. Sim, havia dormido bem até demais. Meu corpo estava descansado como nunca conseguia ficar. Parecia ter dormido durante dias, um sono pesado e sem os pesadelos horríveis que às vezes me acometiam.

Baluciei alguma coisa ininteligível. Esfreguei os olhos e observei o teto do dossel. Era uma madeira escurecida muito bonita. Parecia antiga de verdade.

– Tenho duas notícias boas e duas ruins – Henrique continuou falando sozinho. Seu humor era um contraste do meu. O sorriso não lhe abandonou nem por um instante.

Livre-me do lençol que me cobria e estiquei o meu couro mais uma vez. Só então me sentei. A minha cabeça, incrivelmente, não estava doendo. Minha visão não estava turva e a sensação de torpor que me acompanhava pela manhã não deu as caras. Acho que fiz uma careta.

Ouvi o Henrique gargalhar. Fala sério, que idiota! Fica rindo à toa, eu hein! Pra quê tanto bom humor tão cedo?

Cocei a minha cabeça e arregalei os olhos.

– Cacete! – rosnei. Era oficial: meu cabelo estava todo para os ares. Um verdadeiro Black Power. Tentei amenizar, alisando as minhas mãos ao longo dos fios, mas não deu jeito. Eles tinham vida própria.

Não devia ter dormido com eles soltos. Precisava de um secador com urgência!

Henrique continuou gargalhando. Encarei-o ferozmente.

– Do que tanto ri?

Ele veio caminhando na minha direção, observando-me com um brilho nos olhos. Prendi a respiração.

– Gosto tanto de te ver, leãozinho... – começou a cantarolar, ainda sorrindo. – Caminhando sob o sol...

Franzi a testa, sem entender. Ele continuou, animado, até se sentar na minha frente. Tocou nos meus cabelos que, naquele momento, mais pareciam uma juba.

– Gosto muito de você, leãozinho...

Foi então que eu entendi. Tudo bem que eu devia estar parecida com um leão, mas ele não podia ter feito isso comigo. É humilhante!

– Argh, filho da mãe! Vá se foder! – levantei-me depressa. Henrique me puxou pelo braço, atirando-me na cama. Seu corpo imenso foi depositado sobre o meu. Senti lábios suaves me beijando o colo.

– Um filhote de leão, raio da manhã... – murmurou sem desencostar a boca da minha pele. – Arrastando o meu olhar como um imã... – Encarou-me. Depois, voltou a me beijar os seios. – O meu coração é o sol, pai de toda cor... Quando ele lhe doura a pele ao léu...

Abri a boca, pronta para rebater. Ia mandá-lo tomar no cu, mas nada saiu. Sequer consegui tocá-lo. O doido me beijava com tanta leveza que me senti em uma armadilha. Ou dentro de uma jaula com barras de ferro.

Sentime desesperar. Meu coração acelerou tanto que achei que fosse morrer. O ar me faltou, por isso precisei tomar fôlego muitas vezes.

Henrique Farias fez um gesto minucioso com o quadril, mostrando-me que já havia ficado excitado. Nossos sexos se encostaram um pouco. A dureza da sua ereção me provocou até demais. Meu corpo ficou mole como gelatina, e não me restou mais

nada a não ser esperar. Mal conseguia acompanhar o misto de sensações que tomou conta de mim tão depressa.

Ele me deu um selinho demorado e se afastou. Sentou-se na cama. Assim que me vi livre, fiz o mesmo. Tentei ajustar o cabelo, mas, novamente, não tive sucesso. Que doideira!

– Deixe como está, leãozinho. Ficou linda, toda selvagem – sorriu aquele sorriso de galã.

Affe!

– Pelo amor de Deus, Henrique! Não me mate de ódio logo pela manhã. Diga logo quais são as notícias ruins, já estou sem paciência.

Ele suspirou, balançando a cabeça. Ficou sério por alguns instantes, mas logo amansou as expressões. Retornou ao bom humor que me irritava.

– A primeira notícia ruim é que precisei sair do quarto. – Fiz uma careta. Ele agitou as mãos para frente. – Calma, foi por um bom motivo! Aí vem a notícia boa: peguei a cafeteira, havia me esquecido dela.

– Muito bom. Não ia sobreviver a tanto tempo contigo sem uma gota de café.

Levantei-me de novo. Henrique analisou o meu corpo nu por longos segundos antes de continuar:

– A outra notícia ruim é que a sua bolsa explodiu na minha sala. Suas coisas estão todas espalhadas.

Bufei, meio chateada. Sou tão impulsiva às vezes. Ainda ia pagar pela bolsa, pois havia comprado na tarde anterior só para que combinasse com o vestido. Precisei colocar no cartão de crédito, foi cara demais.

Ergui os braços e fiquei de ponta de pé. Minha coluna estalou, bem como o meu pescoço. Fiz alguns movimentos de alongamento, que foram acompanhados pelo olhar faminto do Henrique. Eu não tinha um pingo de vergonha da minha nudez. Cheguei até a virar de costas e a curvar a minha coluna para frente. Deixei meu traseiro quase na cara dele. O idiota arfou alto, mas não ousou me tocar.

– A boa notícia é que consegui recuperar o seu celular – sorriu, pegando o aparelho em cima da cama e me entregando. Nem tinha o visto antes. – Mas você só vai poder fazer uma ligação. É sério, Laura. Logo em seguida, vou colocá-lo do lado de fora. Não quero nada te distraindo além de mim.

Ele pareceu bem firme ao dizer aquilo.

– Tão possessivo e carente por atenção... – reclamei, balançando a cabeça. Apertei um botão, que já estava selecionado como atalho. A ligação foi iniciada.

– Possessivo sim. Carente nunca.

Revirei os olhos.

– Doutora Laura? – a voz do Jaime estava emergente. Diria até chorosa. – Graças a Deus! Estava tão preocupado! A senhora está bem?

Alguma coisa me fez ficar irritada. Acho que foi o leve sentimento de culpa.

– Estou bem, Jaime. – Henrique fez uma cara tão feia que não pude conter um sorriso. – Só liguei para avisar que não me espere. Devo retornar hoje à noite.

Henrique fez seu semblante ficar ainda mais enrugado. Balançou a cabeça, murmurando um “não”.

– Tu... Tudo bem, mas... Onde a senhora está?



– Não importa. Estou bem e é só isso que precisa saber. Não tente me ligar, pois não vou atender. Está livre até o meu retorno... Você não queria ver seus pais de novo? Pode ir.

– Não... Não vou. Eles estão bem. Estou preocupado com a senhora agora.

– É uma preocupação medíocre. Bom, estamos entendidos?

– Sim, senhora... – sussurrou, e pude visualizar seus olhos encarando o chão com pesar.

Henrique ainda estava insatisfeito. Fechou a cara e ficou me observando de um jeito sério.

– Ótimo. E a Jane?

– Saiu ontem e acabou de voltar. Está ouvindo música no quarto, dá pra ouvir daqui.

Suspirei.

– Certo. É isso aí. Tchau. – Desliguei antes que pudesse falar alguma coisa.

Devolvi o celular ao Henrique e fui andando na direção do banheiro. Precisava dar um jeito no meu cabelo.

– Não acredito que ligou pra esse cara! – Henrique veio atrás de mim como um cão sem dono.

– E daí? – entrei no banheiro e, antes de qualquer coisa, fui até a pia e comecei a jogar água no meu rosto.

Henrique encaixou o seu quadril bem atrás de mim. Eita! Virei-me para encará-lo, e o movimento acabou o afastando. Não estava nada satisfeita com a sua atitude. Quem pensava que era para me imprensar daquele jeito?

– Depois diz que é a dona dele – continuou reclamando como se nada tivesse acontecido. – Ele que é o seu dono, Laura, por qual

outro motivo lhe deve satisfações?

– Não devo satisfações a ninguém – rosnei, irritadíssima.

Por que aquele idiota sempre me tirava do sério?

– Ah, não? E o que foi aquilo, então? – Apontou para a porta. Seu rosto estava contorcido de um jeito estranho. Também estava irritado, mas, ao contrário de mim, sua irritação não tinha cabimento.

– Nossa relação é baseada na confiança, sabe o que é isso? Uma coisa que não tenho em você! – coloquei um dedo em riste, e ele o segurou com força, indignado. – Jaime confia em mim e eu sou responsável pelo seu bem-estar. Não posso simplesmente sumir e deixá-lo preocupado. Que tipo de senhora eu seria se não cuidasse do que me pertence?

Ele rosnou alto, contrariado no nível máximo. Direcionou a minha mão para baixo. Sabia o quanto ficava louco quando eu colocava o dedo na sua cara. Havia feito de propósito mesmo.

– Você trata as pessoas como se fossem objetos! O cara está apaixonado, e, em vez de libertá-lo, você o usa com crueldade. Se não pode dar o que ele quer, então por que ainda o mantém?

Empurrei o seu peito, e finalmente Henrique se afastou de vez.

– Quer a verdade, Henrique? Porque eu gosto. Simples assim. Gosto da submissão dele, gosto de tê-lo em minhas mãos. Adoro controlar cada passo que dá. Jaime é um amante perfeito, sabe o que quero e aceita tudo sem reclamar. Cede a cada um dos meus caprichos – sorri maliciosamente. – Ele é o meu objeto sim... E gosta de ser. Não há nada de errado com isso. Eu dou o que ele quer!

Henrique ficou tão vermelho diante das minhas palavras que achei que fosse explodir ali mesmo. Seu olhar duro me deixava espantada, por isso apenas o ignorei e fui entrando no box de vidro. Meu cabelo só ia ter jeito depois que eu o molhasse. Evitei o

espelho enorme que tinha diante da pia, não precisava conferir o tamanho da desgraça.

– Não é só isso o que ele quer, Laura Diniz – ouvi sua voz dura, mas a ignorei. – Ele quer mais do que apanhar de você.

Liguei o chuveiro e me meti embaixo dele. A água morna me trouxe certa calma, mas não o bastante.

– Não quero mais falar sobre isso. Tudo está sob o *meu* controle, e você não tem nada que se meter na minha vida. Não te dei essa liberdade.

– Ótimo!

– Ótimo.

Depois de um minuto de silêncio – em que apenas o ruído do chuveiro se fez presente –, senti um corpo enorme grudar nas minhas costas. Henrique Farias havia se juntado a mim no banho. Suas mãos percorreram o meu corpo e começaram a me massagear a coluna. Arrepiei-me com o toque inesperado.

– Eu vou te mostrar o que é ser um amante perfeito, Laura – sussurrou no meu ouvido. Por um instante, não duvidei dele.

Cada pelinho do meu corpo se eriçou. O coração saiu pela boca, mas o engoli de volta na maior dificuldade do mundo. Henrique Farias continuou me massageando devagar, mas suas mãos foram além. Uma delas encontrou a minha vagina e, vagarosamente, começou a estimulá-la.

– Adoro o seu corpo... – continuou com aqueles sussurros que me deixavam louca. Ele me envolvia tão completamente que não me restavam saídas. – Adoro a sua pele.

O hálito quente saindo da sua boca chegava ao meu ouvido e se transformava em puro prazer. O desejo que sempre senti por aquele homem pulsava forte, atingindo um limite que jamais ultrapassei em toda a minha vida. De todos os desafios que já tive,

de todos os caras que já passaram pela minha trajetória... Nunca senti tanta atração, tanta vontade, tanta disposição.

Henrique foi se inclinando para frente, empurrando o meu corpo com o movimento. Segurou os meus seios e puxou as pontas simultaneamente, provocando-me um espasmo delicioso.

Meu rosto se encostou ao vidro frio. Senti as minhas bochechas sendo pressionadas, e comecei a me desesperar com a sua capacidade de me fazer perder as estribeiras. Estava aceitando aquela posição? Fazia anos que não era fodida por trás.

No entanto, naquele momento, com as mãos espalmadas no vidro e o corpo se derretendo sob a água morna, quis de verdade que o Henrique me tomasse daquela forma. Cheguei a imaginar o seu pau enorme me invadindo antes que de fato acontecesse.

Ele tomou uma de minhas coxas e ergueu a minha perna para o lado. Achei que fosse ter um troço. Comecei a respirar com tanta velocidade que o vapor que saía da minha boca foi embaçando o vidro. Fechei os olhos e tentei não sentir tanta angústia. A antecipação me matava aos poucos, a pressa de concretizar os meus pensamentos quase me fazia implorar para que o Henrique deixasse de leseira e me fodesse logo de uma vez.

Ele massageou a minha bunda com um pouco mais de força. Não era um toque que submetia, era um toque que demonstrava o quanto me desejava, por isso continuei sem reclamar. Minhas pernas se abriram ainda mais. Balancei a cabeça e decidi que aquilo ia ser demais para mim; inclinei-me de lado até ficar meio de frente, com as pernas ainda abertas. Agilmente, depusitei-a ao longo do seu corpo até lhe alcançar a altura do ombro.

Fiquei bastante exposta.

Henrique me fitou com seriedade. Estava usando o seu olhar dominador fatal. Não soube dizer se estava realmente imune a ele. A única coisa que pude fazer foi segurar os meus olhos sobre os seus, demonstrando firmeza e exalando o poder que sempre possuí.

Senti a sua ereção dura se encostar à minha entrada. Meus braços falharam um pouco e fui empurrada para o vidro, a minha cabeça e a parte superior das minhas costas serviram de apoio.

Henrique tocou o próprio sexo e o chacoalhou um pouco antes de mirá-lo em mim. Encontrou o caminho exato, começando a me penetrar vagarosamente. Toda a sua extensão grossa e dura como pedra foi fazendo o meu sexo ceder, envolvendo-o e me provocando a velha sensação de preenchimento.

Repentinamente, veio com tudo, penetrando-me por completo e jogando o seu corpo sobre mim. Fui encurralada em todos os sentidos, e a minha perna se esticou tanto que doeu um pouco, por mais que estivesse acostumada. A boca dele tomou a minha para si, e uma língua desajuizada me invadiu sem pedir licença.

Mal consegui assimilar o que acontecia, mas ele parecia saber bem. Começou a me possuir em um ritmo acelerado louco, provocando estalidos no vidro a cada choque. Massageou-me as pernas esticadas com desenvoltura, parando para apertá-las. Quando acontecia, fazia caretas deliciosas também. Acho que ele estava sentindo tanto tesão quanto eu.

Rosnados intensos faziam parte dos sons do banheiro, todos partindo dele. Continuei muda, desesperada, louca e insaciável. Quanto mais ele me dava mais eu queria. Piorou quando o maldito tirou a minha perna de seu ombro e me girou, fazendo-me voltar à posição inicial, de costas para ele. Continuou me penetrando profundamente, desta vez por trás.

Quase morri. Falo sério, minha visão ficou turva e soltei um grito desesperado quando me vi totalmente na dele, tendo suas mãos apalpando a minha bunda e seu quadril trabalhando em mim ferozmente. Estava quase gozando daquele jeito, mas e daí?

– Não! NÃO!

Ele parou dentro de mim, com a boca encostada à minha nuca.

– Ei... Calma... Shh...

Tentei sair da posição, mas seu corpo me prendia com força. Meus seios estavam imprensados no vidro, bem como o meu colo e o rosto.

– Saia! Saia, não quero assim!

– Shhh... Acalme-se... Vamos fazer assim, você controla o movimento.

– Não, Henrique – balancei a cabeça, chorosa. – Não dá...

– Dá sim. Tente. Prometo, nem vou tocar em você.

Ele foi se afastando devagar e, ao mesmo tempo, tirando as mãos do meu traseiro. Ajudou-me a apoiar o joelho no vidro ao lado, mantendo as minhas pernas abertas.

Seu retrocesso foi lento, mas preciso. Tomei fôlego e preendi os lábios, afastando-me do vidro, ganhando um pouco de liberdade. Voltei a espalmar as minhas mãos nele. Pensei em sair correndo dali, mas o meu corpo não queria. O meu ventre implorava por um orgasmo.

Comecei a me movimentar com calma, controlando o ritmo. Seu pênis entrava e saía de mim com facilidade; eu estava tão molhada – e o chuveiro ligado ainda estava nos ajudando. Peguei embalo quando me senti segura o bastante para continuar. Sentime satisfeita por estar comandando o vai e vem, por não ter suas mãos me tocando e por poder gozar, sem dor na consciência, em uma posição muito rara para uma mulher como eu.

Seus gemidos me tiravam do sério, e a cada investida eles pareciam se intensificar. Precisei de muito gás para me movimentar durante longos e torturantes minutos, mas, como o meu corpo estava descansado, acabou sendo muito natural. A preguiça há muito havia ido embora, dando lugar a uma disposição impressionante.

Estava empolgada e com o êxtase na beira do precipício quando Henrique resolveu ousar. Afastou-me do vidro e me puxou com força para si, obrigando as minhas pernas a se fecharem por causa da ausência do apoio. Abraçou-me pela cintura e se movimentou tão rápido que mal deu tempo para reclamar. Um orgasmo intenso me fez erguer a cabeça, apoiando-a no seu peito forte. Meu corpo tremeu bastante, e a sensação foi tão absoluta que soltei um gemidinho baixo involuntário.

– Adoro essa boceta! – rosnou no meu pescoço. Senti seus braços tremerem, e soube que estava gozando dentro de mim. – Ops... Laurinha – corrigiu-se com uma voz suave, totalmente diferente da que tinha acabado de usar.

Demorei séculos a me recuperar do clímax. Ambos estávamos ofegantes, parados na posição como se fôssemos morrer daquele jeito.

– Já pode me soltar, infeliz.

Arfei alto. Nem me dei o trabalho de tentar sair dali, os braços dele eram bem mais fortes do que eu. Henrique respondeu com uma mordida de leve na minha orelha.

– Solte-me.

– Calma, Leãozinho.

– Se você me chamar disso mais uma vez eu juro que não respondo por mim.

– Leãozinho!

– Argh! – Saí com tanta força dos braços dele que acabei batendo com a cabeça nos azulejos que compunham a face onde ficava o chuveiro. – Ai!

Henrique veio em meu socorro.

– Assim você se machuca, Laura... Tome cuidado! Doeu?

– Claro que doeu, imbecil! – resmunguei mais um monte de palavrões e resolvi terminar o meu banho. Não adiantava ficar discutindo.

Henrique Farias me acompanhou, porém teve o bom senso de não me tocar. Usei o seu shampoo e condicionador, mesmo sendo masculinos. Ele se lavou bem mais depressa do que eu, deixando o box enrolado em uma toalha.

– Vou terminar de organizar o café da manhã.

– Espera! Preciso escovar os meus dentes... e pentear o meu cabelo.

– Na segunda gaveta tem uma escova ainda lacrada. Pode usá-la. Deve ter um pente por aí, é só procurar que acha.

Que meleca! Não estava preparada para nada. Nem tinha uma roupa para usar enquanto não estivéssemos transando. Aquele clima Adão e Eva estava acabando comigo. Era difícil vê-lo sem roupa o tempo todo, e difícil ficar nua enquanto discutimos. A ceninha que ele fez questão de fazer por causa do Jaime me fez perceber que uma discussão realizada sem roupa não tem o mesmo efeito.

Terminei o meu banho e fui à procura dos itens que precisaria para ficar apresentável. Para a minha surpresa, a segunda gaveta do armário era um estoque para as submissas do Henrique. Havia de tudo ali: várias escovas de dente, secador, hidratantes, sabonete líquido com cheiro de flores, desodorante feminino e até uma caixa de absorventes!

Resmunguei trezentos palavrões e fechei a porcaria da gaveta. Decidi por usar a sua própria escova de dente, que jazia em um aparato de ferro perto da pia. Eu que não usaria aqueles itens de submissa. Só uma idiota faria aquilo.

Abri um dos armários e me enrolei em uma toalha. Havia algumas cor-de-rosa, mas acabei pegando uma preta, que



provavelmente era dele e não das eventuais conquistas que dormem na sua casa. Achei um creminho para pentear e quase quebrei a munheca tentando desembaraçar os meus cabelos. Por fim, fiz uma trança e rezei para que ele secasse de um modo comportado.

Quando voltei ao quarto, quase morrendo de frio por causa do ar-condicionado, Henrique estava escorado na mesa negra, colocando café em duas xícaras. Ofereceu-me uma.

– Já está com açúcar.

Tudo bem que eu usava adoçante em vez de açúcar, só precisava do líquido mais precioso do mundo. Tomei com vontade, queimando a minha língua sem me importar e esquentando os meus sentidos.

– Você é mais idiota do que pensei. – Sentei-me em cima da mesa, visto que não tinha cadeiras por ali. Pelo menos não uma normal, e definitivamente não me sentaria naquelas cadeiras disformes feitas para amarrar alguma coitada desprovida de amor-próprio. – Aliás, não sei quem é mais idiota: você ou suas subs.

Henrique suspirou e sorriu. Acho que começava a se importar menos com os meus xingamentos.

– Aquela gaveta é o retrato da estupidez feminina – continuei resmungando. – Nenhuma delas reclama por estar sendo tratada como mais uma da sua lista?

– Não – limitou-se a responder.

Bufei.

– Não me admira. Deve dormir com um monte de mulher mesquinha que é mais burra que uma porta.

– Não comece a falar das mulheres com quem transo, Laura, você agora é uma delas.

Quase cuspi o café na cara dele. Tossi um bocado antes de rebater:

– Meu QI acaba de perder muitos pontos só com essa frase.

Ele franziu a testa.

– O quê? Cuspindo no prato que comeu? Cadê a mulher que acabou de gozar loucamente no meu pau? – Pegou um dos pães que estavam em cima de um prato. Só então reparei na presença deles, e acabei pegando um para mim também. – Ela não parecia se sentir burra por estar comigo.

– Não... Ela se sentiu burra quando abriu aquela gaveta.

– Se o problema é a gaveta, ok, posso arrancá-la do banheiro e atirá-la pela varanda. Só pare de encher o meu saco, está bem? – disse com impaciência.

– Faça o que quiser. A gaveta é sua e das suas subs, eu não tenho nada a ver com isso.

Dei de ombros. Henrique ficou encarando o horizonte enquanto comia, em pé mesmo, e tomava o café lentamente.

– O que vamos fazer? – perguntei.

– Conversar.

– Sobre?

– Você. Há muitas coisas que preciso saber. – Virou-se para me analisar.

– Tipo o quê?

– Quero saber por que não ligou para a Jane.

Henrique me olhou com tanta seriedade que, sem querer, comecei a rir.

– Ainda neste assunto? Seu ciúme é doentio!

– Jane é a sua irmã e mora com você, por que não falar diretamente com ela? Prefere mandar recado através do capacho?

Parei de rir.

– Vou ser bem direta: Jane sequer atenderia à minha ligação. Não nos damos bem, Henrique. Brigamos quase diariamente, e vem piorado. – Entornei todo o café e voltei a encher a xícara. – Ela não quer saber de mim, certamente prefere que eu morra. A minha ausência é seu motivo de júbilo. Ontem a maldita saiu e voltou pela manhã, ela sabe que odeio quando dorme fora.

– Isso está errado, Laura. Ela só tem dezessete anos. Se acontecer alguma coisa a responsável será você.

Era só o que me faltava! Receber sermão do Henrique? O mundo foi virado pelo avesso e se esqueceram de me avisar, só pode!

– Isso não é da sua conta. Continua invadindo a minha vida como se fizesse parte dela.

– Querendo ou não, faço sim. – Abriu os braços. – Somos colegas de trabalho, concorrentes a um cargo importante e, agora, dormimos juntos. Alguma coisa eu sou na sua vida, não acha?

– Acho. Você é a pedra do meu sapato. Um incômodo chato, do tipo... – pensei um pouco – uma farpa no dedo. Preciso pegar uma pinça e te arrancar de mim. Não vai demorar muito.

Henrique largou a xícara em cima da mesa e se aproximou. Encontrou um espaço entre as minhas pernas e me encarou atentamente. Pensei que falaria alguma coisa ou rebateria o que tinha acabado de dizer, mas o maldito simplesmente se inclinou e me beijou com eloquência. Nem deu tempo para evitar seu contato, acabei correspondendo ao beijo com sabor de café como se tudo fizesse sentido.

A verdade era que nada fazia sentido quando ele ficava muito perto.

– Um dia você vai perceber que eu sou mais do que a sua opinião sobre mim, que vou além dos seus julgamentos pré-concebidos – murmurou, alisando a lateral da minha face. – Espero que não aconteça quando for tarde demais.

– Tarde demais para quê? – revirei os olhos e assoprei.

Deu de ombros.

– Para nada. Esquece. Enfim... – suspirou. – Você precisa resolver essa situação com a Jane.

Abaixei a guarda. Acredito que me cansei. Jane não era um assunto muito legal para ser discutido, sobretudo com ele. Os diários que havia lido ainda estavam entalados na minha garganta.

– Eu sei, mas não faço ideia de como lidar com ela, Henrique. Jane é rebelde, me desobedece o tempo todo. É geniosa, grita comigo, me trata mal... Não sei o que fazer.

Pelas suas expressões, Henrique estava levando o que falei muito a sério. Uma parte de mim sentiu alívio por dizer aquilo em voz alta. Mesmo sendo uma fraqueza, admiti-la acabou se tornando um ato de coragem. E de confiança. Muita confiança.

Minha cabeça girou de tanta confusão. Tomei mais um gole de café e suspirei fundo.

– Eu te conheço há algum tempo, Laura, mas só cheguei a te conhecer de verdade há algumas semanas. Juntando tudo o que sei, percebo que ela só te trata assim porque é assim que você a trata.

Balancei a cabeça.

– Não é.

– É sim. Reveja o seu comportamento, as coisas que fala para ela... Adolescentes não respondem bem a grosserias. Só se consegue ganhá-los com paciência.

Alisei a minha testa com a ponta dos dedos, pensativa. O assunto começava a me dar dor de cabeça.

– Vamos falar sobre outra coisa – sugeri.

– O que te aconteceu não magoou apenas você, Laura. Imagino o quanto a Jane deve ter sofrido com tudo isso. Onde estão os seus pais?

Arregalei os olhos. Recordações grotescas invadiram a minha mente, e me senti desesperada. Foi mecânico.

– Não... Nem comece. Já chega.

– Laura...

– Não, Henrique! Quando eu disser não é não! Virou lei, é a regra!

Ele assentiu, mas decidiu rebater:

– Você disse não no banheiro e acabamos dando um jeito. Pode dar certo agora.

– Não vai dar certo nunca enquanto o assunto for este. Acredite.

Henrique Farias me abraçou um pouco. Na verdade só apoiou os braços na mesa, atrás dos meus. Encostou o rosto na minha bochecha. Automaticamente, cruzei meus braços no seu pescoço.

– Se isso é um jogo, por que está usando armas tão... – não soube o que dizer, por isso parei. – Henrique, a minha vida não é uma brincadeira. Não envolva a Jane nisso.

– Pode deixar. Isso é entre mim e você.

– Ótimo.

Deitei-me na mesa que tanto temi. Henrique ficou me observando com ar de surpresa. Devagar, descobri a toalha do meu corpo e fui me exibindo. Ele abriu bem os olhos, estupefato. Respirou fundo quando apoiei meus cotovelos na mesa e abri as pernas.

– Espero que tenha um espaço para mais um item no seu café da manhã – sussurrei.

Eu sou insaciável. Não sei o que há comigo. Quanto mais nervosa, mais vontade de gozar eu tenho. Preferia estar dominando, porém aquilo iria servir. Tudo, menos ficar pensando nas porcarias que circularam pela minha mente quando o Henrique se referiu à minha família.

Ele se curvou diante de mim, deixando o rosto na altura do meu ventre.

– Pode ter certeza de que tem – sorriu com malícia. Beijou o topo do meu sexo e, sem pensar duas vezes, caiu de boca. Sugou-me com ferocidade.

Com muita sorte, a sua língua e os seus lábios me fariam esquecer.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

Laura Diniz não se cansa nunca! Ela não cansa de discutir comigo, de dar uma de durona, de demonstrar o quanto é inteligente e de foder cada vez mais gostoso. O domingo passou de um jeito que, sinceramente, nem percebi. Mesmo não tendo absolutamente nada mais interessante para fazer além de sexo. Não tínhamos noção alguma da hora, mas vimos que já tinha escurecido através da pequena janela do banheiro.

Aquela mulher era uma companhia muito esquisita. Reclamou do meu gosto musical enquanto escolhíamos alguns CDs para ouvirmos, reclamou que estava de dieta toda vez que eu tirava algum chocolate ou qualquer coisa gordurosa de dentro das sacolas – mas ela comeu mesmo assim! –, reclamou da maldita gaveta mais umas cem vezes e também do fato de eu estar querendo me meter na sua vida. Em contrapartida, não negou nem uma das vezes em

que a procurei para transar, escutou todas as coisas que desabafei sobre a minha família, inclusive sobre o Luís – até prometeu que ia me ajudar a lidar com ele, claro, não sem antes ter me chamado de machista dos infernos e homofóbico – e encontrou um novo jeito de ficar assanhando os meus cabelos quando nos deitávamos, exaustos, depois de mais uma sessão de sexo louco.

E era isso o que Laura estava fazendo naquele momento, enquanto eu tentava ganhar a sua confiança contando cada minúcia da minha história. Percebi que a única maneira de conquistá-la era oferecendo a minha própria. Seria uma troca. Precisava confiar nela para que confiasse em mim. E então as coisas se tornariam mais fáceis para ambos os lados.

– Quer dizer que você amou mesmo a vadia? – resmungou depois que lhe contei sobre a minha ex-namorada, a que o Marcos fez questão de me roubar.

A história toda foi meio sinistra. Quando gosto de alguém ou de alguma coisa sou muito possessivo, mas quando amo... Admito que posso ser destruidor. Havia destruído a minha relação com a ex por causa do ciúme excessivo e do domínio constante que exercia sobre a vida dela em todos os sentidos. O meu orgulho não admitia que cada respiração que ela desse não fosse especialmente para mim. Claro que se sentiu sufocada, e então me deixou. Em um belo dia, suas coisas não estavam mais no meu armário e não atendia às minhas ligações. Não a procurei mais por puro orgulho. Dois meses depois o Marcos apareceu com a filha da mãe.

– Sim. Eu não funciono direito gostando de alguém, Laura. Por isso que evito ao máximo. Sou muito egoísta, não consigo não estar sempre no topo, sempre no comando. É a minha personalidade.

Ela apertou o meu couro cabeludo. Senti um arrepio delicioso. Estava exausto e com o pau doendo de tanto sexo, mas mesmo assim senti novas vontades. Suspirei. Aprumei o meu corpo entre as suas pernas. Estávamos na cama, e Laura sentada apoiada em

vários travesseiros. Eu permaneci deitado, com a cabeça sobre a barriga dela.

Parecia um garoto sendo consolado, mas eu tinha um objetivo. Queria fazer o mesmo com ela mais tarde. Sabia que valeria a pena. Quando Laura finalmente me contasse sobre os seus traumas, teria certeza de que os meus planos deram certo. Compreenderia que cada esforço não havia sido em vão.

– Fez bem em desistir do amor. É uma merda, a maior perda de tempo.

Fiz uma careta diante do seu conselho. Ou consolo, sei lá o que foi aquilo. Só sei que nenhuma pessoa normal me diria algo assim. O mundo inteiro mantém uma esperança romantizada, e sei que muita gente me aconselharia a não desistir de encontrar alguém bacana, a continuar tentando.

– Pois é... – sorri de leve. Não ia adiantar discutir sobre sentimentos com ela. Até porque eu mesmo não me agrado em tal assunto.

Mesmo assim, foi estranho ouvir tanta falta de fé saindo de sua boca. A gente espera que as pessoas te digam o que é certo. Por exemplo, sei que o certo era estar procurando alguém para amar, e acho que preferia que ela tivesse me dito para manter a esperança. Nem eu mesmo consegui entender o que tanto havia me decepcionado nas palavras da Laura. Minha mente ficou bem confusa.

Ouvi um suspiro prolongado.

– Já amei uma vez – Laura disse com a voz insatisfeita e rígida.

Sorri de novo. Havia chegado a hora de colher o fruto. Finalmente! Precisei me controlar muito para ficar na mesma posição. Achei que qualquer movimento bruto fosse fazê-la desistir de me contar, por isso cheguei até a prender a respiração.



– O que aconteceu? – perguntei baixinho, com medo que recuasse.

– Me apaixonei por um cara como você.

Mordi o meu lábio inferior. Esperei que continuasse, mas o silêncio que invadiu o quarto se manteve constante durante muito tempo.

– Ele era o seu dom – podia ter feito uma pergunta, mas resolvi simplesmente afirmar. Cheguei sozinho àquela conclusão há algum tempo.

– Era.

Caraca! Difícil demais imaginar a Laura como uma submissa. Não consigo nem pensar nisso, parece algo impossível de acontecer. Minha cabeça deu um nó, e me senti nervoso nem sei por qual motivo.

– Ele também exagerou – continuei com as minhas afirmações.

Laura sorriu com desdém.

– Exagerou? Não sei te dizer... Talvez ele tenha exagerado em me proibir de fazer tudo, inclusive de terminar a minha faculdade. Exagerou quando ordenou que ficasse em sua casa vinte e quatro horas por dia, esperando pela sua boa vontade. Exagerou quando descobriu que continuei estudando às escondidas. E depois exagerou quando não aceitou o fim do relacionamento! O auge do exagero deve ter sido me sequestrar e torturar até a morte! – ela bem que começou calma, mas o desespero foi tomando forma até começar a chorar copiosamente. Eu realmente não consegui sequer me mexer, juro. – Porque eu morri, Henrique. Morri e, de alguma forma, continuo viva.

Continuei sem sair do lugar. Laura ainda chorou muito, mas foi se acalmando aos pouquinhos. Estava morrendo de medo de deixá-la desesperada, de fazer ou falar alguma besteira que fizesse com

que fosse embora. Cada soluço dolorido que soltava foi como se uma facada cruzasse a boca do meu estômago.

Qualquer um poderia julgar, mas ninguém fazia ideia do tipo de sofrimento pelo qual aquela mulher passou. Fiquei olhando para as correntes que pendiam do dossel, pensando em como eu era idiota. A minha vida, os meus carmas, sofrimentos e problemas não chegavam nem perto dos da Laura. Tudo havia sido fácil demais para mim.

Ela ainda choramingava um pouco quando me levantei da cama. Puxei-a para mim, tomando uma decisão muito importante.

– Vamos sair daqui – propus seriamente. Sentia meu corpo inteiro pegar fogo. Estava morrendo de raiva, um tipo de ódio que nunca experimentei antes.

– O quê? – Laura ergueu o rosto transformado pela dor e me observou atentamente. Estava linda; completamente nua e vulnerável em cima da cama. Mas não era justo. Eu não estava sendo justo.

A quem queria enganar? Conheço-me perfeitamente, sei o que o meu ego queria com ela ali no meu quarto BDSM. Era uma armadilha. Mesmo que uma parte de mim tentasse desmentir, tentasse fingir que só estava tentando ser um cara com gostos normais, sabia bem o que estava fazendo: desarmando a fera aos poucos, fazendo-a tomar doses de tranquilizante para atacá-la sem dó.

Contudo, por mais que eu quisesse, por mais que fosse o meu desafio, o meu objetivo maior... Não podia. Não conseguia ser tão injusto assim.

– Vamos para o meu quarto, para sala... Qualquer lugar, mas vamos sair daqui agora.

Ela ficou meio desapontada.

– Temos um trato, vamos ficar aqui por quanto tempo nos for permitido. Eu estou bem, Henrique, não sinta pena de mim.

Sentei-me na cama, exausto. Laura invadia a minha mente e bagunçava todas as ideias que lá residiam. Olhei para as suas pernas e fui subindo pelo seu sexo, barriga, seios e, por fim, olhos.

Balancei a cabeça.

– Não estou sentindo pena.

– O quê, então? – resmungou com impaciência. A Laura perdida foi embora muito rapidamente. Nem deu tempo para me despedir dela, e a chata e grosseira já tinha dado as caras.

– Admiração – alisei a lateral do seu rosto. – Respeito. E é em nome desse respeito que peço para que estendamos o nosso trato para o resto da casa. Não quero mais ficar aqui, Laura. Foi em um lugar como este que ele te mantinha, não? Por isso que não quis entrar?

– Já passou. Tudo já passou. Estou aqui, não estou? Eu derroto cada um dos meus medos, Henrique.

– Não precisa ser assim. Não precisa lidar com isso sozinha.

Ela passou longos segundos apenas me encarando.

– Você está sentindo pena. E me deixando decepcionada.

Senti a raiva invadir o meu corpo com força total. Por que ela nunca entendia nada? Cerrei os punhos, sentindo o sangue subir e esquentar a minha pele.

– Não estou com pena, estou com ódio! – rosnei alto. – Eu quero matar esse sujeito, Laura. Quero destruí-lo, persegui-lo até o inferno! Por mais que eu não seja inocente, nunca teria coragem de fazer o que ele fez contigo. Posso ser egoísta, e talvez tenhamos mais em comum do que posso calcular, mas não sou como esse

verme. Não suporto o fato de ele ter te destruído tanto... Te machucado tanto...

Laura se levantou da cama, caminhando até a porta. Virou-se na minha direção e passou as mãos pelo cabelo. Estava nervosíssima.

– Não estou entendendo mais nada. Isso se trata de mim, de você ou dele?

– De todo mundo! – gritei. – Sobretudo de você. Eu quero te proteger de mim, Laura. Isso é loucura... Mas é o que quero.

– Sei me defender! – retrucou com ar possesso.

– Eu sei que sabe! Mas a troco de quê? Para existir a defesa precisa existir o ataque, e eu não quero ser o cara que ataca.

Ela andou para trás, atônita. Parou apenas quando se encostou à porta. Apoiou a cabeça nela e soltou um suspiro. Ainda fazia uma expressão incomum de surpresa.

– Está desistindo do nosso jogo? – perguntou com a voz meio rouca. – É isso? Não acredito... Não acredito que está desistindo porque tem medo de me magoar. Você deve me achar muito inferior, muito fraca, não? – endureceu a voz e olhar, simultaneamente.

Fiz que não com a cabeça, mas aquilo não convenceu ninguém.

– Acha que não estou à altura do combate. Pois bem... Vou te mostrar que... – continuou, caminhando até a parede onde vários chicotes estavam pendurados – você está... – pegou um deles – muito... enganado.

Meu corpo simplesmente congelou.

– O que vai fazer com isso? – murmurei, incapaz de acreditar no que via diante de mim.

Laura Diniz veio desfilando na minha direção, sem tirar os olhos dos meus. Duas luzes amareladas exalavam desejo e poder, uma combinação bombástica que acabou me atingindo em cheio. Resfoleguei, abrindo os olhos ao máximo. Onde estava a mulher indefesa de um minuto atrás? Onde, pelo amor de Deus? Só conseguia visualizar um predador prestes a atacar. Uma cobra peçonhenta me hipnotizando para depois soltar o seu veneno.

Não conseguia superar a carga emocional que aquela mulher me proporcionava. Já não era mais dono de mim quando Laura, lentamente, começou a perpassar o chicote ao longo do seu corpo perfeito. Passei o dia todo desfrutando dele, mas pelo visto nada era o bastante. Era como estar com fome e, por mais que tenha me banqueteadado, a maldita fome jamais fosse embora.

Eu quero sempre mais.

Parou na minha frente e sorriu, maliciosa. Resquícios de maldade deixaram a sua face tão sexy quanto jamais imaginei que podia ficar. Um calor excessivo fez o meu pênis se endurecer, e então já estava pronto para tudo o que aquela doida sugerisse. Pelo chicote em suas mãos, ia ser tenso.

Ela que não pensasse que o usaria em mim.

– O que vai fazer? – perguntei, sentindo-me meio perdido.

A ideia de ir embora do quarto se esvaiu. A pena ou qualquer sentimento de proteção foi embora assim que pegou o chicote e ameaçou a minha integridade. O monstro que habitava dentro de mim rosnou alto, incapaz de sentir qualquer tipo de compaixão por alguém que não é capaz de fazer o mesmo por mim.

Percebi que, em vez de protegê-la de mim, deveria tê-la protegido de si mesma. E agora era tarde demais para tentar recuperar o meu lado sentimental. Agora eu era um predador prestes a brigar com um adversário à altura, uma luta de vida ou morte.

Quem mandou me desafiar? Onde ela estava com a cabeça?

– Oh, Henrique... – disse sensualmente, provocando-me. Chacoalhou a própria vagina com o cabo prolongado do chicote. Prendeu os lábios. – Quero fazer tantas coisas contigo. Tem muitas opções aqui dentro... – Olhou ao redor, e seus olhos brilharam ainda mais.

– É uma otária se pensa que vai me vencer – resmunguei. – Vou dizer só mais uma vez, Laura: vamos sair deste quarto. É a sua última chance.

Riu de um jeito tão sensual e maléfico que não soube dizer se a temi ou se a desejei. Laura é um monstro. Realmente havia morrido com o que lhe aconteceu. Ressuscitou em forma de demônio e apareceu na minha vida para me fazer pagar por todos os meus pecados. Não tinha outra explicação.

Ela lambeu os lábios e cerrou os olhos, deixando-os como duas fendas. Arqueou o corpo e, quando menos percebi, sacudiu o chicote com toda força na minha direção. Levei um susto e pulei para trás, não deu tempo para me defender. As tiras de couro se chocaram contra a minha pele, abrindo marcas grotescas e avermelhadas que iam da altura do meu peitoral ao meu abdome.

Passei eternos segundos sugando a dor e olhando para o meu próprio corpo. Não acreditei. De fato, até aquele momento, jamais teria imaginado que a Laura seria capaz de tamanha ousadia. O meu cérebro estava acostumado a jogar com as palavras com ela, nunca com as atitudes. Uma barreira invisível parecia separar os dois, mas ela desabou naquele mesmo instante.

Engoli em seco enquanto assistia o meu ego transformando tudo em ódio. Encarei a Laura, que permaneceu impassível. Ela ergueu uma perna e me empurrou pelo ombro, fazendo-me deitar. O muro ainda se despedaçava quando a maldita ficou de pé em cima da cama, com um pé pressionando a minha barriga.

– Chega de baunilha, Henrique – rosnou como uma fera. – Você tem duas opções: atacar ou ceder. Em todas elas eu vou te mostrar que sou digna deste jogo.

Escorreu as pernas até o seu pé pressionar o meu pescoço.

– Não faz ideia do que está fazendo, Laura Diniz – falei de forma engasgada. A doida queria mesmo me matar.

– Eu sei exatamente o que estou fazendo.

Agitou o chicote novamente e, em um piscar de olhos, tornou a me desferir um golpe. Desta vez, atravessou a minha barriga transversalmente. A dor foi tanta que cerrei os punhos. Porém o mais impressionante foi o meu corpo ter soltado um espasmo poderoso de prazer, fazendo o meu sexo latejar com ainda mais ferocidade.

Tornei a encará-la. O ódio se intensificou tanto que achei que fosse desmaiar.

Peguei seu tornozelo e forcei o seu pé a sair de mim. Empurrei-o para o lado com força, e ela finalmente caiu sentada em cima da cama. Rosnei como bicho e a puxei pela cintura, depositando o meu corpo em cima do dela, mas a doida não parecia disposta a dar trégua. Agitou o chicote. Antes que pudesse desarmá-la, desferiu-me um golpe nas costas.

Gritei de dor.

– Maldita!

Apertei o seu pulso com tanta força que achei que fosse quebrá-lo. Ela rosnou e gritou, debatendo-se. Largou o chicote quando percebeu que eu não ia soltar de jeito nenhum. Puxei-lhe os cabelos com a outra mão, violentamente. Encaixei o meu quadril em volta dela, tentando despistar as suas pernas que se agitavam para me empurrar. Meu pau estava tão duro e disposto que encontrou a sua abertura. Sequer pestanejei: penetrei-a tão intensamente que ela gritou alto.

Começou a arranhar as minhas costas, bem em cima de onde o chicote havia passado. Arquejei de dor, aquele último golpe havia doído tanto que provavelmente cortou a minha pele.

– Eu vou te foder do meu jeito, maldita! – gritei enquanto empurrava dentro dela com selvageria.

Suas pernas se agitando começaram a me machucar de verdade. E o meu prazer só fazia aumentar a cada instante. O olhar que me oferecia ainda era feroz, dominador. Não consegui visualizar o medo, mas sabia que ele existia. Conhecia o bastante para saber que Laura morria de pavor. Só estava lutando firmemente contra ele. Uma verdadeira guerreira.

Comecei a morder os seus seios. Peguei a mão que me arranhava freneticamente e a submeti contra a cama. Laura gritou e afundou o rosto no meu ombro. Mordeu duro, fazendo-me perder um pouco da força. Ela não parou por nada, nem sob meus gritos. Senti que estava sangrando e me afastei, desesperado. Sentei na cama, tentando recuperar o fôlego que havia perdido.

O tempo que levei para observar a mordida – que realmente sangrava! – foi o bastante para que Laura puxasse uma das correntes que saíam da cama e a envolvesse no meu tornozelo direito. Olhei-a, espantado. Aquilo só podia ser um sonho. Ou um pesadelo. Não podia ser verdade. Meu coração batia muito forte, meu corpo tremia e espasmos loucos de prazer não me abandonavam por nada. Nunca me senti tão estranho, tão dominado, mas tão livre e disposto, desesperado e, ao mesmo tempo, realizado.

Laura tornou a ficar de pé na cama, aproximando-se devagar. Fiquei estarecido, observando o meu pé absolutamente preso. Tentei movê-lo, mas a corrente estava esticada ao máximo. Podia me libertar facilmente usando as mãos, porém travei no tempo.

Voltei a observá-la.



Ela passou uma perna por cima das minhas e veio se sentando devagar, apoiando os braços no meu ombro. Encaixou-se em mim. Foi com muita surpresa que percebi que ainda estava ereto, excitado e louco. Completamente maluco.

Prendi os lábios e sorri. Estava fora de mim enquanto ela rebojava freneticamente, revirando os olhos como se tivesse com tanto tesão quanto eu. Puxei seu cabelo para trás, obrigando seu rosto a se erguer. Com a outra mão, apertei-lhe o pescoço. Ela começou a engasgar desesperadamente. Usou as duas mãos para se livrar, mas eu era muito mais forte.

– Eu vou pro inferno, Laura – rosnei. – A culpa é sua.

Seu corpo soltou um espasmo intenso, fazendo-o tremer por inteiro. Senti seu sexo se apertando contra o meu. Definitivamente, não acreditei que ela fosse gozar daquela forma. Afrouxei o seu pescoço e movimentei o meu quadril, empurrando duro. Laura estava tão molhada e quente... tão preparada.

– Goza em mim, maldita! – gritei quando percebi seu orgasmo ficando ainda mais evidente.

Quando chegou, minha cabeça girou e a visão ficou turva. Só então que processei o que tinha acontecido; a louca havia cuspidido uma mistura de saliva com o meu próprio sangue bem na minha cara. Ela estava o guardando na boca aquele tempo todo?

Empurrei-a rapidamente e tratei logo de me livrar das correntes. Foi complicado por causa da adrenalina que me acometia. O desespero me fez demorar mais do que o normal. Ouvi a sua gargalhada sinistra ao longe. Ela já tinha se recuperado e abria os armários como se fosse uma louca, puxando tudo o que via lá dentro e jogando no chão. Limpei o meu rosto no lençol.

Cheguei até ela antes que se decidisse entre a coleira e um colete de couro com argolas. Puxei-a para mim e fiz suas pernas se abrirem ao meu redor. Encaixei-nos com força, carregando-a comigo. Beijei sua boca com selvageria, usando mais dentes do que

língua. Ela tentou apoiar o corpo puxando os meus cabelos, mas tinha dificuldade para ficar naquela posição. Apertei-lhe o traseiro até parecer que iria arrancá-lo.

Laura soltou um gemido cruel.

Levei-nos até uma das paredes, e a apoiei nela. Laura só percebeu a minha pretensão quando a sua mão direita foi presa por uma espécie de argola, que compunha a cruz de Santo André. Vi quando seus olhos se esbugalharam de pavor, mas era tarde demais. Prendi a outra mão com facilidade, no lado oposto da cruz, e continuei a penetrando fundo, agora só preocupado com o movimento agitado das suas pernas.

Ouvi o seu grito bem no meu ouvido. Doeu pra caramba.

Juntei saliva e, vingando-me das duas cuspidas que já tinha me dado, cuspi bem na cara dela. Laura gritou ainda mais alto.

– Seu... Seu... – não conseguiu encontrar uma palavra para me definir. Afundou o rosto em mim, limpando-se no meu peitoral.

– Nunca. Mais. Cuspa – rosnei pausadamente, cada palavra significando um choque dos nossos sexos. – Em. Mim!

Desferi-lhe um tapa na bunda, saciando uma antiga vontade. Não parei por aí, comecei uma verdadeira festa de tapas no seu traseiro grande e macio. Só pararia quando não pudesse se sentar por uma semana. Ela gritava e contorcia os pés, mas sabia que a Laurinha, por sua vez, amava cada coisa que estava nos acontecendo. Quase não acreditei quando ela me prendeu de novo, começando a me expulsar como se não fosse mais bem-vindo.

– Você vai gozar de novo no meu pau? Assim eu morro, Laura.

Continuei empurrando com força, e um novo tapa fez o meu corpo se esquentar muito. O ruído que provocou me serviu como gasolina.

Laura soltou uma série de gemidos.

– Filho da puta! – gritou alto enquanto caía no segundo êxtase.

Suas mãos se agitaram tanto que a cruz começou a se balançar perigosamente. Laura rosnou e continuou chacoalhando o corpo, tentando se libertar. Percebi os seus pulsos ficarem cada vez mais vermelhos enquanto se debatia. Um raio de preocupação me fez baixar a guarda por alguns segundos. Foi um erro estupendo.

Laura conseguiu apoiar a sola dos pés no meu abdome e me empurrou com tanta força que o ar me escapou dos pulmões. Caí para trás com tudo. A minha sorte foi ter parado bem em cima do tapete, caso contrário a queda teria me provocado danos mais graves. Minha coluna doeu e ficou latejando, mas me esqueci da dor quando Laura, pendurada pelas mãos, continuou se agitando até fazer a parte de cima da cruz simplesmente quebrar no meio e se desgrudar da parede.

Usei um segundo para refletir sobre como havia a instalado. Depois de um cálculo razoável, percebi que qualquer pessoa, utilizando o jeito e a força correta, conseguiria fazê-la ceder. Basicamente, só tinha alguns pregos para serem arrancados. Mas claro, isso não tira de modo algum o mérito da Laura. Já havia colocado muitas mulheres ali, e nenhuma delas conseguiu sair.

A intensidade da força que colocou fez com que ela caísse para frente com tudo, desgovernada, parando bem em cima de mim. Aparei o seu choque como pude, mas ela bateu os joelhos no tapete e gritou. Seus braços ainda estavam presos e abertos, o restante da madeira da cruz ainda bem atrás dela.

Livre-a das argolas o mais depressa que consegui, atirando as sobras para bem longe. Elas se chocaram na perna da mesa negra e se espatifaram em mais pedaços. Porcaria. Devia devolvê-la ao *sex shop* onde a comprei. Será que ainda estava na garantia?

– Vamos, Henrique, seu molenga! – Laura Diniz rosnou enquanto tentava encaixar o meu pau mole, obviamente, dentro da

Laurinha. Suas pernas já se encontravam em volta da minha cintura, e a expressão feroz jamais se modificou.

Parecia que nada demais tinha acabado de acontecer.

– Vamos nos matar, e você quer que o meu pau fique duro? – resmunguei, mas segurei a sua cintura e me movimenteí um pouco, buscando concentração.

Ela curvou a coluna para trás e soltou um suspiro. Depois, apoiou-se na frente e deixou seus seios bem na minha cara. Suguei-os, lambi-os, mas quando comecei a mordê-los ela se afastou. Esfregou a Laurinha em mim com desenvoltura, balançando o quadril.

A doida era insaciável.

Puxei seus cabelos e me levantei, sentando-me no tapete. Guiei seu rosto na direção do meu pênis. Laura entendeu o recado e começou a chupá-lo duro. Ela tinha mãos e boca de fada; sabia bem o quê, quando e como fazer no sexo oral. Eu estava perdido quando começou a usar a língua do seu jeito singular, único.

Apertei-lhe os cabelos com ainda mais força e movimenteí o quadril. Laura detestou a minha atitude. Encarou-me com firmeza, com o meu pau ainda na boca. Alisou um dos meus braços até alcançar a mordida que ainda sangrava no meu ombro. Gritei de dor, soltando-a. Apoiei minhas mãos atrás de mim, no tapete.

Ela se inclinou e foi me montando na posição inversa. Tornei a deitar no tapete, tendo-a em cima de mim, chupando-me loucamente. Eu já havia ficado duro desde as primeiras sugadas, podia continuar a fodendo sem dó, mas a sensação era tão gostosa que não quis que parasse. Tomei o seu traseiro para mim e precisei me curvar muito para começar a lhe sugar. Laura rosnou um pouco quando comecei a estimular o seu sexo muito úmido.

Desferi-lhe mais um tapa intenso na bunda. Fechei os olhos e sorri, satisfeito. Entretanto, Laura simplesmente parou o que estava

fazendo. Ouvi a sua respiração alta se intensificar. Um grunhido lhe escapou da garganta, e temi o seu próximo passo como achei que jamais temeria alguma coisa.

Assisti quando se sentou na minha barriga e girou, ficando de frente para mim. O movimento fez a minha pele arder, tudo por causa das chicotadas doloridas. Suas pernas abertas deixaram o seu sexo bem exposto, mas foi no seu olhar ferino que a minha atenção se fixou.

Fiquei esperando o bote, pronto para me defender. Minhas mãos estavam livres, Laura seria facilmente impedida. Depois de alguns segundos, como previsto, a doida ergueu uma mão e veio com tudo. Ia me dar outro tapa na cara.

– Não! – falei no impulso, antes mesmo de conseguir segurar a sua mão.

Para a minha surpresa, Laura parou no meio do caminho. Balançou a cabeça em negativa e me olhou firme mais uma vez, antes de retornar à posição anterior, de costas para mim. Só que, desta vez, deslizou até o seu sexo se encostar ao meu. Encaixou-nos usando uma mão e começou a se movimentar com rapidez.

Apoiou as mãos no meu peito, que ainda ardia, mas fiz questão de esquecer a dor, e acelerou o ritmo. Prazer, desejo, tortura... Dor, satisfação, liberdade... Aquele momento ia de encontro a tudo o que éramos, mas a profundidade me tirava o fôlego.

Enquanto a apoiava pela cintura e saboreava a sensação de penetrá-la de um jeito delicioso, refletia sobre o que tinha acabado de acontecer. Laura estava aquele tempo todo respeitando a regra do “não”. Eu, particularmente, não estava respeitando merda alguma. Se ela dissesse não, eu era capaz de continuar como se nada tivesse acontecido.

Se Laura achava que a regra estava valendo, significava que não tinha dito não de propósito. A palavra era a sua defesa, mas ela não se defendeu ou cedeu. Só atacou o tempo todo. Respondeu a

cada atitude minha com coragem e força, sem vacilar. A louca havia até mesmo conseguido realizar a proeza de quebrar a minha cruz!

Depois disso, foi impossível não admirá-la. Aliás, a raiva foi toda embora devido à tamanha admiração que senti. Soltei um longo suspiro e a abracei pela cintura. Sentei-me no chão e a trouxe para mais perto. Nosso ritmo continuou intenso, porém decidi parar de espantar o êxtase.

Abracei-a, beijando-lhe a coluna. Encontrei as suas mãos e fiz nossos dedos se entrelaçarem. Laura arquejou e se inclinou para trás, apoiando a cabeça no meu ombro ferido. Ignorei a dor. Beijei seu pescoço e fui subindo pela orelha e bochecha até fazê-la virar o rosto. Quando me olhou, oferecendo olhos impactantes, senti o ápice me tomar por completo.

Soltei um gemido curto e prendi os lábios. Intensificando o abraço, fiz com que parasse de se movimentar em cima de mim. Preenchia com vontade, sentindo cada espasmo me guiar rumo ao paraíso. Ela levou uma de nossas mãos entrelaçadas até a vagina. Entendi o recado e a estimulei o clitóris, ainda dentro dela.

– Diga que é meu... – sussurrou baixinho, foi quase um gemido. Seu corpo começou a se contorcer um pouco.

Refleti sobre aquilo.

– Só vou dizer se disser que é minha.

Ela grunhiu com insatisfação, mas me ofereceu um largo sorriso logo em seguida.

– Não posso mentir aqui dentro, é a regra.

Sua mão encobriu a minha que a estimulava, incitando-a a acelerar o movimento. Um espasmo delicioso atravessou o seu corpo.

– Eu minto e você mente – murmurei. Mal reconheci a minha voz, estava rouca e suave de um modo bizarro. – É uma doce

mentira que precisa ser ouvida.

E que nem seria tão mentirosa assim. Naquele instante, pertencíamos um ao outro. Afinal, nada e nem ninguém mais existia naquele quarto. O mundo estava se fodendo lá fora, e pouco nos importávamos.

Laura não me respondeu, então decidi tomar a iniciativa. Segurei-lhe o queixo, obrigando-a a me encarar de lado. Lambi a sua boca.

– Eu sou seu – falei com naturalidade.

Ela sorriu e fez uma careta linda. O corpo tremeu por inteiro antes de explodir em mais um orgasmo intenso. Fechou os olhos e arfou bem umas trezentas vezes, como sempre, contendo gemidos e gritos.

Reabriu os olhos quando acabou.

– Eu sou sua.

Sorri, mas quase não deu tempo. Sua boca tomou a minha, e nos beijamos com suavidade.

– Agora já pode me soltar, Henrique. Estou toda fodida, dolorida e tem sangue seu espalhado por todo canto.

Saímos do chão e demos uma bela olhada nos estragos. Todos os itens de um dos armários ainda estavam no chão. A cama estava totalmente desferrada, com sangue nos lençóis e uma corrente para piorar tudo. A parte de baixo da cruz ainda estava na parede, mas os restos mortais jaziam perto da mesa.

Olhei para mim mesmo. As duas chicotadas na minha barriga estavam feias, vermelhas e sangravam um pouco em algumas partes. A mordida no ombro, nem se fala. Aquilo estava feio demais. Minha cabeça latejava, a coluna reclamava, a boca doía e o ego, idem.

Laura Diniz acabou com a minha raça.

Vi quando caminhou até o banheiro, passando por todos os obstáculos no chão. Segui-a prontamente.

– Nem pensar, você fica aí – reclamou, espalmando a mão na minha direção quando percebeu que a estava seguindo. – Vou me lavar.

– Nada disso. Olhe seus pulsos... Preciso ver isso direito. – Tentei pegá-los, mas Laura os afastou depressa. Deu tempo de ver que algumas partes estavam em carne viva.

– Fique aí e me dê um minuto de paz. Eu quero fazer cocô!

Encarei-a seriamente. Claro que depois não consegui conter uma gargalhada profunda.

– O quê? Você não caga? – Ela não ria, apenas me observava como se eu fosse um idiota. Talvez fosse mesmo, mas e daí?

– Claro que sim, sou uma pessoa normal! – ainda estava no meio de uma crise de riso. – Às vezes me esqueço de que você também é.

– Hunft.

Entrou no banheiro e fechou a porta na minha cara pela segunda vez. Continuei rindo um pouco. Analisei o quarto novamente; parecia ter sido atingido por um furacão. Ia dar trabalho colocar tudo de volta. Decidi começar pelos itens que estavam espalhados por ali.

Foi com muita surpresa que escutei alguma coisa vinda do banheiro. Corri até a porta e aguicei a minha audição, preocupado. Deu para escutar a Laura chorando baixinho. Eram gemidos e soluços similares ao que tinha oferecido quando falou sobre o que lhe aconteceu.



Foi instantâneo: declarei-me o maior otário de todos os tempos. Estava cometendo muitos erros com ela. Aliás, ambos estávamos errando feio.

– Laura... – bati duas vezes na porta. – Abre, por favor.

Silêncio.

– Eu estou mesmo cagando, Henrique.

Achei que seria pior se eu admitisse que tinha ouvido o seu choro. Ela odiava transparecer fraqueza.

– Ah, ok, é que preciso me lavar, ainda estou sangrando. Não demora, tá?

– Certo.

Alguns minutos depois, quando consegui deixar o quarto mais habitável, ela saiu do banheiro com uma toalha enrolada no corpo e outra no cabelo. Veio carregando algumas coisas que não consegui identificar logo no início, e as depositou em cima da mesa. Quando me aproximei, percebi que se tratava do meu kit de primeiros socorros. Havia de tudo um pouco ali dentro.

Pegou um frasco de *merthiolate* e um algodão, além de gaze e esparadrapo. Fui tomar uma chuveirada enquanto ela cuidava dos ferimentos nos pulsos. Não conseguia vê-la daquele modo. Sequer tive coragem de ajudá-la. Uma grande parte de mim permaneceu com ar de derrota.

Sentime um verdadeiro covarde.

– Venha, você precisa cuidar disso. – Apontou para a mordida no meu ombro quando eu saí do banheiro. – Pode infeccionar.

Achei que me deixaria cuidar daquilo, como ela mesma falou, mas quem cuidou foi ela. Laura fez um curativo benfeito, e também analisou as chicotadas com cuidado. Segundo ela, a que tinha

levado nas costas havia sangrado bastante, mas com o banho as coisas ficaram bem melhores.

Deitamos na cama, exaustos e muito machucados. O meu corpo inteiro doía muito. Tudo ali dentro parecia bizarro demais. As correntes me consumiam, e o dossel me aterrorizava. Achei que Laura estivesse tão espantada quanto eu, e foi por isso que me levantei da cama.

Segurei-a nos meus braços. Pensei que tentaria se livrar de mim, mas Laura veio com facilidade e surpresa. Carreguei-a até a porta e a destranquei. Ela me observou atentamente, mas não me importei com a sua opinião. Queria dar o fora dali o mais rápido possível.

Quando saímos, percebemos que ainda chovia lá fora. Devia ter chovido o domingo inteiro, ainda bem que nos fechamos para o mundo. Estava frio, mas a ideia era aproveitá-lo.

Depositei a Laura na minha cama oficial, um lugar sagrado onde jamais depusitei mulher alguma. Peguei o edredom e me deitei ao lado dela, cobrindo-nos. O relógio do criado-mudo indicava vinte e três horas e cinquenta e oito.

Esperei dar meia-noite para falar:

– Durma bem, Laura Diniz.

Puxei-a para mim, fazendo papel de concha. Ela veio fácil, porém não respondeu.

Adormeceu em meus braços como se ali fosse a sua nova casa.

# 14º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Acordei lentamente, sentindo o meu corpo pipocar de tanta dor. Gemi baixinho, desconfortável. Meu nariz estava congelando, mas o restante parecia bem aquecido. Descobri o motivo quando entendi que o Henrique me abraçava forte. Ainda chovia, podia ver os pingos batendo na janela mais próxima. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto como se quisesse acompanhar um daqueles pingos.

Fiquei muito tempo naquela posição, até descobrir que só estava fazendo o meu corpo doer mais. Meus pulsos estavam pegando fogo; latejavam e incomodavam muito. Livrei-me do abraço do Henrique e me levantei da cama, ainda com lágrimas nos olhos. Um relógio no criado-mudo indicava cinco horas e doze minutos da manhã. Não tinha dormido quase nada, porém me sentia descansada. Não tive sonhos ou pesadelos, o que era uma vantagem imensa.

Meu traseiro estava dolorido, a pele parecia pegar fogo de tanto que ardia.

Caminhei até um guarda-roupa grande e abri suas portas. As roupas do Henrique até que estavam bem organizadas. Fiquei surpresa, confesso. Peguei uma camiseta branca e escolhi uma cueca boxer vermelha e preta. Vestias, pois estava farta da minha nudez excessiva na frente dele. Depois de uma geral de higiene no banheiro, desci as escadas disposta a pegar as minhas coisas e ir embora. O trabalho me aguardava naquela depressiva segunda-feira. Não podia pegar um táxi daquele jeito, por isso estava decidida a ligar para o Jaime vir me pegar. Ele não ficaria satisfeito, mas foda-se.

Também não entraria no vestido amarelo de novo.

A ausência dos remédios finalmente me atingiu. Um desespero ferrenho só fazia crescer dentro de mim. Estava na metade da escada, chorando como uma idiota, quando ouvi a voz dele vinda do quarto.

– Laura?

Não respondi. Parei e me apoiei no corrimão de madeira, cerrando os olhos. Adiantaria fugir? Que tipo de mulher seria se fosse embora naquele momento? Uma fraca? Ou uma orgulhosa? A dúvida me matava. Queria sair dali como uma mulher forte, poderosa, decidida. Pois é assim que eu sou.

– Laura, você está aí? – Henrique bateu na porta do banheiro, supus. Continuei sem dar respostas. – Laura?

A voz ecoou pelo corredor, antes da escada.

– Estou aqui.

Ele veio correndo, e parou antes do primeiro degrau. Percebi que tinha vestido uma cueca branca. Amém. Pelo visto não fui a única a me incomodar. Mesmo assim, analisei o seu corpo pela milésima vez. As marcas das chicotadas ainda estavam lá, mas, em vez de me causarem orgulho, causaram-me um estranho arrependimento.

– O que está fazendo? – perguntou. Desceu alguns degraus, mas parou novamente. Alguma coisa em mim estava o deixando espantado. Não soube dizer o que era.

Suspirei.

– Eu só queria que esses três meses passassem logo – admiti, olhando-o com firmeza. – Queria vencê-lo pela minha competência no trabalho, assumir a diretoria e nunca mais... – balancei a cabeça. – Nunca mais te ver de novo. Sequer quero o que é de meu direito na aposta. Minha vitória seria me livrar de você.

Henrique passou as mãos pelo cabelo. Parecia muito nervoso.

– Eu não quis isso, Laura – apontou para os meus braços. Havia feito novos curativos no banheiro, mas a coisa estava feia ao redor dos meus pulsos. – Foi você quem começou.

– Não pode haver dois dominadores em uma relação sexual – concluí. – É um erro. Alguém tem que ceder, e não será eu. Pelo visto, nem você.

– Não.

Aquiesci.

– Então vamos esquecer tudo isso – propus seriamente. – Sabe, eu... Te agradeço, Henrique. Agradeço por ter me proporcionado uma chance de me defender. Agora eu tenho certeza... Tenho certeza absoluta de que sou capaz de me defender, de atacar... De não me deixar levar. Se eu soubesse o quanto era capaz não teria permitido que acontecesse o que me aconteceu.

– Claro que é capaz. – Ele desceu mais alguns degraus, porém manteve a distância. – Não há um pedaço de mim que não esteja doendo.

Sorri. Mais lágrimas se formaram em meus olhos. Pisquei-os, tentando não deixá-las escorrer.

– Eu não posso mudar o seu passado, Laura...

Subi um degrau.

– Ninguém pode. Mas o que aconteceu ontem, mesmo quase nos matando, foi fundamental para o meu processo de superação. É por isso que sou grata.

Subi outro. Fiquei apenas em um abaixo dele.

Henrique fez questão de descer. Por que ele tinha que ser tão grande e lindo e gostoso?

– Mas posso te ajudar no futuro – concluiu o que tinha começado a dizer. – Eu *quero* te ajudar no futuro.

Subi um degrau, batendo os pés com força na madeira. Meu coração acelerou demais para o meu gosto diante das palavras dele.

– Não preciso de ajuda, muito menos da sua.

Ele subiu também.

– Eu também preciso de ajuda – confessou. Prendeu os lábios e desviou os olhos pela primeira vez. – Nunca vou mudar o que tem de errado em mim se continuar saindo com as mulheres que saí a minha vida inteira. Preciso de alguém que me transforme, e você também precisa, Laura. Não pode viver assim pelo resto da vida, é desumano. Não entende o quanto se magoa e magoa as pessoas? Olha a Jane! – Apontou para porta. – Ela está carente pela sua atenção e você só pensa em si mesma! Mas eu entendo... Entendo o que está fazendo, entendo que precisou ser forte para não sucumbir. Mas agora chegou a hora de buscar o equilíbrio. Eu quero ser a sua balança.

Fiz uma careta tão grande e coloquei tanta força para manter a boca fechada que os meus dentes doeram.

O frio só podia ter afetado o funcionamento do cérebro do Henrique. Por sua vez, ele continuou sério, mas parecia um pouco desconcertado.

– Pra quê? – a pergunta que não queria calar.

Deu de ombros e suspirou, voltando a desviar os olhos.

– Será que fui o único a perceber o que está acontecendo?

Continuei com a cara feia, incrédula. Do que raios aquele animal estava falando?

– Não sei se foram as chicotadas ou a mordida, mas a única coisa que percebi foi que você endoidou.

Henrique tentou se aproximar, porém subi mais um degrau. Mesmo assim, continuou maior do que eu.

– Devo ter endoidado mesmo... – falou para si. – Mas eu quero que seja minha, de verdade.

Subi outro degrau.

– Isso será impossível. Eu não sou de ninguém, às vezes acho que nem de mim mesma.

Ele revirou os olhos e assoprou.

– Você não entendeu. Não te quero para te amarrar ou bater. Quero a sua exclusividade completa, Laura. Em troca, ofereço a minha.

Desta vez eu tive que rir. Contudo, o meu coração estava batendo tão forte que foi um riso nervoso.

– Está me pedindo em namoro, Henrique de Melo Farias?

Não sei como conseguiu fazer aquilo, porém ele só ergueu uma sobrancelha.

– Claro que não, Maria Laura Diniz da Silva. Não seja idiota! Eu não namoro, e você sabe muito bem disso. Também jamais namoraria alguém como você. Só quero a sua exclusividade em troca da minha, é simples.

O maldito teve a ousadia de riscar um fósforo e atirá-lo em mim. Explodi na hora, instantaneamente.

– O que vou fazer com a sua exclusividade se o que menos quero neste instante é olhar pra sua cara? Enfie a sua exclusividade bem no meio do seu rabo! Pode foder o mundo inteiro, o meu mundo vai continuar de pé.

O rosto dele foi se avermelhando a cada palavra que eu dizia. No fim, cerrou os punhos e enrijeceu o maxilar.

– Ótimo. Hoje mesmo vou foder a Helena na minha sala.

Senti todo o meu sangue se esvaír. Fiquei paralisada, e até mesmo chocada.

– O Jaime vai adorar isso... – murmurei, ainda sem acreditar que o Henrique pudesse ser tão ridículo. Terminei de subir os degraus, virando-me de costas para ele. Tentaria achar o meu celular lá em cima mesmo. Ainda bem que estava cedo, teria tempo de sobra para passar em casa e me arrumar. Antes de sumir da vista do Henrique, no entanto, parei e me virei na sua direção novamente, soltando um pouco mais de veneno: – Ou talvez o seu irmão Marcos...

O tiro foi certo. Henrique foi atingido com êxito, exatamente como eu queria: rosto vermelho, testa franzida, punhos cerrados. Ele ia retrucar, sei que ia, mas desistiu. Batendo os pés na escada, desceu bem depressa, indo se perder na cozinha.

Fiquei um tempo parada, absorvendo a expressão que ele tinha feito. Percebi verdadeiro sofrimento em seus olhos. O silêncio que me ofereceu foi pior do que se tivesse me xingado de tudo quanto era nome. Seu desprezo evidente me afetou mais do que havia planejado, e nem sabia dizer por quê.

Achei o celular em cima de uma cômoda e liguei para o Jaime. Como ainda era muito cedo, ele tinha acabado de acordar. Ia se arrumar para seguir rumo à faculdade assim que me deixasse no trabalho, posto que neguei quando me perguntou se era para deixar o café da manhã pronto. Não daria tempo de parar para comer, até porque não sinto tanta fome assim logo quando acordo.

Deitei-me na cama do Henrique Farias e simplesmente esperei. Creio que se passaram meia hora até que ele subiu. Trouxe uma xícara de café para mim. Como não me movi, ele a colocou no criado mudo e, sem nada falar, seguiu rumo ao banheiro. Saiu



alguns minutos depois, com uma toalha enrolada na cintura. Abriu o guarda-roupa e escolheu um dos trajes sociais que usava diariamente.

Observei cada um de seus gestos. Ele se trocou na minha frente, exibindo o seu corpo másculo sem pudor algum. Pudera, conhecia cada centímetro daquele corpo. Um fim de semana havia sido o suficiente para conhecer cada partícula dele. Admito que aquilo era algo que sempre quis desde que se tornou o meu desafio, porém, naquele instante, realmente estava a fim de esquecer tudo o que havíamos vivido.

Ajoelhei-me na cama e peguei o café. Não adiantava, o cheiro clamava por mim. Era golpe baixo, e Henrique estava ciente. Sorvi uma boa quantidade do líquido preto fundamental em minha vida. Melhor aquilo do que um cigarro, com certeza.

Vi quando calçou os sapatos, reparei quando fez um nó na gravata e a ajustou, assisti quando pegou uma pasta preta e saiu colocando um monte de coisas dentro dela, bem como em uma mochila. Acho que ele malhava. Quero dizer, óbvio que o miserável malhava, seu corpo não deixava ninguém negar, mas acredito que praticava a musculação logo após o expediente, ou no horário do almoço.

– Vamos, vou esperar você se arrumar em casa – falou com uma indiferença impressionante.

– O Jaime vem me pegar.

Parou e me encarou. O rosto continuou impassível.

– Ele vai amar te ver com as minhas roupas.

– Faço questão de deixar que as tire de mim.

Henrique realmente ficou zangado. Continuou preenchendo a mochila, bufando e resmungando como um velho babão.

– Vou sair e preciso trancar a porta. Se não quiser ficar assim do lado de fora, sugiro que venha comigo e deixe de frescura.

– Eu mesma fecho a sua casa, é só deixar a chave comigo.

– Não confio em você – soltou. Depois de um segundo, fechou os olhos e apoiou um braço no guarda-roupa. Balançou a cabeça como sinal de nervosismo. – Eu não queria dar dois passos para trás, Laura, mas você é... Você é... Impossível de lidar.

Prendi a respiração. Sua expressão exalava decepção total. Ele olhava para mim como se eu fosse um caso perdido, um problema sem solução, um vírus destrutivo e/ou um ser deprimente. Não sei bem o que aconteceu comigo, só sei que o fato de começar a concordar com ele me aterrorizou.

– Eu exagerei. – Saí da cama lentamente, aproximando-me um pouco. – Você me tirou do sério e falou o que não devia... – bem que tentei ser uma pessoa calma, mas não consegui por muito tempo. – Argh, não devia mesmo ter tocado no nome daquela vagabunda! Não devia, Henrique! Mas, tudo bem, eu confesso: exagerei. Não devia ter falado do seu irmão.

Ele aquiesceu calmamente.

– Apenas esqueça. Foi isso o que me sugeriu, que esquecêssemos este fim de semana.

– Eu não quis dizer isso...

– QUIS DIZER O QUÊ, ENTÃO?

– Cale a boca, não ouse gritar comigo!

Henrique prendeu os lábios com força. Passou a mão pelos cabelos tantas vezes que quase peguei uma lâmina e cortei tudo fora. Ia ficar carequinha.

– Você fere o meu orgulho o tempo todo. Estou cansado. Cansei de você. Vamos logo com isso, ligue pro otário e diga que

irei lhe levar.

Ele se virou na direção da porta, mas segurei a sua mão. Henrique parou imediatamente. Encarou-me.

– Quando disse que exagerei, quis pedir desculpas pelo que falei.

– Então por que não pediu logo? É demais para você?

Quis me matar quando percebi que os meus olhos já estavam cheios de lágrimas. Minha nossa, não podia chorar na frente dele por um motivo tão fraco quanto uma briguinha metida a merda. Eu nem fazia questão de ser agradável! Nunca fiz!

– Olha, Henrique... Há... Há uma parte de mim que... Que não quer... – voz de ameba acéfala gaguejante. – Que... Puta merda, eu sou difícil, está bem? Não levo desaforo para casa. Enquanto uma grande parte de mim não quer olhar para a sua cara feia... Existe uma outra. É isso aí, tem outra.

– Outra? – franziu a testa, e mais uma vez quis lambê-la. – Não estou entendendo nada. Você está falando coisa com coisa.

Sentime uma estúpida. Estava me superando, precisava dos meus remédios. Precisava da normalidade. Tinha que trabalhar, ficar sem fazer nada diminui o meu QI.

– Tem outra parte, sabe? Uma parte que não quer brigar contigo. Então aceite as minhas desculpas e pare de fazer essa cara de limão azedo.

Henrique sorriu lindamente.

– Outra parte?

Aquiesci.

Ele envolveu a mão enorme na minha cintura e me puxou para perto. Seus olhos mantiveram os meus por longos segundos até que se fecharam, permitindo um beijo profundo. Sua boca tomou a

minha sem pedir licença. Quando menos percebi, já estava pendurada no pescoço dele, beijando-o como se não houvesse amanhã.

Mas havia amanhã. Ou melhor, havia algumas horas depois, quando começaria o nosso expediente na CMD.

– Certo, vamos logo... – murmurei entre os seus lábios.

Claro que o Jaime não ficou satisfeito com a minha ligação. Ordenei que fosse logo para a faculdade, não queria que me esperasse e acabasse se atrasando. Claro que também não queria que me visse com as roupas do Henrique. Nem que visse o Henrique. Ou que soubesse que eu estava com o Henrique.

Enfim, descobri que estava sem as chaves quando chegamos em frente ao portão da minha casa. Uma porcaria. Acabei fazendo o que não queria de modo algum: liguei para a Jane. Miraculosamente, ela estava em casa. Abriu o portão eletrônico da garagem bem depressa. Não fez perguntas e também não discutiu. Ótimo sinal.

Atravessei o jardim com o Henrique **à tira colo**. Ele fez questão de descer do carro, embora tivesse avisado que não demoraria mais do que dez minutos. Encontrei Jane na sala de estar, tomando um suco de laranja e andando para lá e para cá feito uma barata tonta.

Ela parou quando viu o Henrique. Abriu a boca, incrédula, assim que me viu com aquelas roupas.

– Foi por um segundo, Jesus Cristo! – berrou. – Jaime acabou de sair, ainda bem que ele não viu isso – apontou para nós dois.

Ignorei-a, pois decidi que era o melhor a ser feito. Subi as escadas e fui até o meu quarto. Levei dois minutos vestindo a primeira roupa que vi no meu armário. Calcei sapatos quaisquer, coloquei perfume, escovei os dentes de novo, passei o primeiro batom que encontrei e peguei a minha bolsa, que já tinha deixado preparada desde o sábado de manhã.

Deixei a sacola com o vestido amarelo em cima da minha cama. Depois descobriria como iria devolver à loja de alugueis.

O maior problema foi o meu cabelo. O coque não queria dar certo porque precisava de uma chapinha antes de ser feito, só que eu não tinha tempo. Acabei passando um ativador de cachos, indo de encontro à minha ideia de jamais ir trabalhar de cabelos soltos. Coloquei um blazer com a maior manga que encontrei, pois os meus pulsos estavam destruídos. Havia tirado os curativos antes de sair da casa do Henrique para não chamar atenção.

Desci as escadas e o Henrique já estava com um copo de suco na mão, conversando com a Jane de um jeito despojado no sofá. Eles riam bastante de alguma coisa que não fazia ideia do que era, e nem queria saber.

– Vamos, Henrique, estou pronta.

Ele se levantou e deixou o copo na mesa de centro.

– Obrigado, Jane.

– De nada, bonitão. Aparece mais vezes aí, você é mais simpático que o Jaime. Vai que a Laura decida dar um pé na bunda dele, deixo que se candidate ao cargo de cunhado.

– Creio que não estou apto ao cargo, mas valeu. – Ele gargalhou e me observou só para ver o quanto eu já estava fula da vida.

– Você não devia estar na escola? – perguntei a ela.

– Só tenho aula a partir do segundo horário hoje.

– E o que me garante que não está mentindo?

Jane se levantou do sofá e foi caminhando na direção da escada. Parou e me olhou antes de subir.

– Jaime sabe que está mentindo para ele? – Fiz uma careta. – Não venha me falar sobre mentiras.

– Não estou mentindo para ninguém.

Jane encarou o Henrique.

– Talvez esteja mentindo para ele.

Foi instantâneo, perdi a pouca paciência que me restava. Puxei a mão direita dela com força. Jane era mais alta do que eu, mas como estava usando saltos, e ela não, acabei ficando maior.

– Escute aqui, mocinha, não quero saber das suas invenções. Vou ligar para escola daqui a meia hora e, se não estiver lá, vai se ver comigo. Entendeu bem?

Jane agitou os braços e conseguiu se soltar.

– Perdeu a noção de tudo, Laura. Não vou discutir com uma pessoa que não consegue escolher nem com quem vai dormir.

Agitei a mão para lhe dar um tapa bem no meio da fuça, mas Henrique se materializou na minha frente.

– Vamos, Laura... – tocou a minha mão erguida com leveza, até me fazer recolhê-la. Jane tratou de subir as escadas e sumiu de nossas vistas em um raio de segundo.

– Tchau, Henrique! – gritou lá de cima.

– Tchau! – ele gritou de volta, erguendo a cabeça. Logo em seguida, voltou a me olhar. – Precisa se controlar, Laura. Você é a adulta.

– Viu como ela me trata? – rosnei, morrendo de raiva.

Não queria ser contrariada tantas vezes logo pela manhã, mas todo mundo parecia estar resolvido a me tirar do sério.

– Acalme-se. Precisa aprender a lidar com ela... Jane não é uma garota ruim. Dá pra perceber que não é.

– É porque você não convive com ela!

– Laura... – Henrique apertou os meus ombros. – Não está sendo fácil para ela também. Pense nisso, ponha-se no lugar dela.

– No lugar dela eu teria tomado jeito! Com dezessete anos eu já trabalhava, Henrique. – Aprumei a bolsa no meu ombro e andei um pouco até a porta. Ele ficou no mesmo lugar. – Tirava sangue de pedra para sustentá-la, porque a nossa mãe vadia só sabia gastar o dinheiro que tinha com drogas! Não sei pra quê inventou de ter a Jane depois de tanto tempo sendo uma péssima mãe pra mim.

Tudo bem, não devia ter confessado aquilo. Havia sido mecânico. Precisava retomar o meu autocontrole. Henrique estava sabendo coisas demais sobre a minha vida. Quanto mais informações ele tivesse sobre mim, mais desvantagens eu teria.

– Vocês precisam conversar... Isso é falta de diálogo.

Bufei. Henrique achava que tinha, em um minuto, encontrado a solução para um problema que dura anos?

– Vamos logo, não quero mais falar nisso. Tudo o que tem a ver com a Jane me irrita.

– Por quê? – ergueu os braços.

Dei de ombros.

– Porque não consigo mais ser a irmã que ela quer que eu seja – murmurei. – Vamos, antes que eu comece a pegar fogo de tanto ódio.

Ótimo, a minha cabeça começou a doer forte. Isso sem contar os pulsos, que ainda latejavam. Minha bunda, idem. O meu joelho esquerdo também estava gritando, os lábios doloridos me incomodavam e as coisas não andavam muito legais lá por baixo.

Estava me sentindo fodida em todos os sentidos.

\*\*\*

*Senhor Henrique Farias*

Precisava de um tempo. Seria fundamental me afastar da Laura e de todos os efeitos que causava em mim. A minha mente estava tão confusa que já não sabia o que falar ou como agir diante de sua presença. Nenhuma palavra se encaixava perante o silêncio desconfortável que se instalou no meu carro. Ela também tratou de ficar calada; com a cara apoiada no vidro da janela, acho até que deu um cochilo.

Estacionamos na garagem da CMD e subimos, juntos, rumo ao térreo. A movimentação estava intensa naquele andar – como em todas as manhãs –, gente saía e entrava, dando início a mais uma longa semana na empresa. Pegamos nossos cartões magnéticos e batemos o ponto.

Muita gente nos observava, parecíamos celebridades. Éramos os mais novos alvos das fofocas que rolavam na Construtora. No entanto, as coisas ficaram piores quando me irritei com alguns marmanjos que encaravam a Laura e sorriam de forma maliciosa. Ela estava especialmente linda naquela manhã, sobretudo por causa dos seus cabelos soltos. Sua presença exalava poder e sensualidade. O jeito rígido e antipático de sempre parecia fazer parte de sua capacidade de deixar os caras babando.

Foi por isso que peguei na mão dela, e demos alguns passos até todo mundo reparar na minha atitude, que foi bem antes de Laura notar que não fazia sentido estar de mãos dadas comigo. Pensando bem, em se tratando de nós dois, nada faz sentido.

– Que porra é essa, Henrique? – reclamou, fazendo aquela cara feia de insatisfação que já conhecia muito bem. Afastou a mão da minha como se eu fosse portador de alguma doença contagiosa.

– Você está linda e sendo paquerada. Não me faça queimar de raiva por não ter a sua exclusividade – fui sincero, pois a verdade é a única opção para quem não sabe o que sentir.



Laura Diniz sorriu, mas não foi um sorriso inocente. Ela estava gostando daquilo. Satisfeita com o meu ciúme doentio. E o pior é que ele só fazia aumentar, trazendo-me certo desespero. Como impedir que alguém a olhe com excitação? Como fazer com que Laura não se relacione com mais ninguém? Eu não podia fazer nada para evitar, por isso a angústia e a sensação de impotência.

Entramos no elevador, acompanhados de um monte de gente. Laura solicitou o andar da diretoria, mas eu apenas fiquei na minha.

– Não vai descer na contabilidade?

– Preciso pegar uma coisa na nossa sala – respondi.

O elevador acabou parando no quinto andar. Um bocado de gente saiu, e mais um monte entrou. Entre elas, a Helena, que sorriu amplamente quando me viu. Um segundo depois, percebeu a Laura ao meu lado e fechou a cara. Foi hilário de se ver.

– Bom dia, Senhor Henrique! – saudou apenas a mim. – Como foi o seu fim de semana?

– Bom dia. Foi perfeito, obrigado. – Olhei para Laura, e vi o momento exato em que corou. Continuou ignorando tanto a mim quanto a Helena. – E o seu?

– Ótimo!

Decidi jogar pesado com a Laura. A oportunidade se mostrou perfeita para fazê-la se arrepender de ter negado a minha exclusividade. Dois podem jogar aquele jogo. Aliás, dois sempre jogaram aquele jogo. Por que mudaria agora?

– Vou à diretoria, mas é rápido. Esteja na minha sala, Helena, preciso te mostrar uns documentos – informei seriamente, como quem não queria nada. Contudo, deixei transparecer um ar de segundas intenções.

Helena sorriu, e logo deixou o elevador quando chegamos ao andar da contabilidade. Continuamos com a nossa pequena viagem

diária.

Laura não falou ou me deu atenção, continuou agindo com indiferença, mas foi só até chegarmos à nossa sala. Ela logo tratou de dar uma de doida:

– Não acredito que estava falando sério, Henrique! – jogou a pasta que carregava na mesa maior, provocando um barulho ensurdecedor. – É difícil acreditar que vai dar mole pra vadia! Lamentável! Puta que pariu, será possível que não consegue parar de ser idiota?

Sorri do mesmo jeito que ela havia feito quando deixei o meu ciúme evidente. Cheguei perto dela e a puxei pela cintura. Laura tentou de afastar, mas logo juntei os nossos lábios. Não deixei que reclamasse ou fugisse, fiz aquela boca ceder de encontro à minha em um raio de segundo.

Após um longo e demorado beijo, afastei-nos devagar.

– Pronto, já peguei – falei aos murmúrios. – Tenha um ótimo dia, Doutora Durota.

Deixei Laura sozinha na direção, com um semblante confuso que me fez sorrir até finalmente chegar à contabilidade. Meu humor só foi embora quando me deparei com a Helena, que estava sentada na minha mesa com as pernas cruzadas e um olhar sedutor. Assim que fechei a porta, começou a sabotar a blusa social que vestia.

– O que está fazendo, Helena? Saia já daí, preciso de que leve esses documentos para o Sr. Delacox assinar.

Eu ainda tinha que dar uma analisada nos papéis antes de enviá-los ao Sr. Delacox, porém precisava de uma desculpa perfeita para tirar a minha secretária gostosa do meu caminho.

A sem-noção ficou visivelmente decepcionada. Pegou os documentos com a maior má vontade, e seu rosto começou a ficar bastante corado. Por fim, deixou-me sozinho sem dizer uma palavra.

Precisei realmente me dedicar ao trabalho. Não deu para pensar em mais nada além dos longos cálculos, que só faziam se acumular diante das notas fiscais que chegavam. A segunda-feira foi daquele jeito. Não falei com a Laura durante todo o dia, e isso voltou a se repetir ao longo da semana.

Eu estava mesmo a evitando. O cansaço do trabalho e dos treinos, aos quais não faltei por nada neste mundo, permitiu que eu chegasse à minha casa e voasse diretamente para cama, sem pausas para refletir. Como um covarde, também tentava evitar os pensamentos. Sabia que precisava parar, sabia que tinha de compreender o que havia acontecido conosco e o que era aquela coisa dentro de mim que havia me modificado tanto em apenas um fim de semana.

Realmente me acovardei. Senti medo. Na verdade, senti pavor. Não podia aceitar os caminhos pelos quais as minhas poucas conclusões me levavam. Era insano. Mais do que isso, era um erro. Talvez o maior que já cometi na minha vida. Não queria admitir, recusava-me a aceitar tamanho fracasso. Não sou um fraco.

Não *quero* ser um fraco.

Foi por este motivo que deixei os dias passarem sem que tomasse qualquer atitude. A quarta semana desde que o desafio foi travado não me ofereceu surpresas. Curti a normalidade até a quinta de manhã, e depois fui ficando entediado e introspectivo. Obriguei a mim mesmo a não ligar para Laura. Mantive as mensagens, sempre à meia-noite, e tentei me satisfazer apenas com isso.

Estava sendo difícil. Vez ou outra me lembrava dos beijos dela. Do toque, do cheiro, das expressões... Até do modo como os olhos ficavam quando estava brava comigo.

“Você vai pensar em mim contra vontade”, recordei-me de suas palavras quando estávamos no elevador, no dia em que a nossa guerra teve início.

A filha da mãe tinha conseguido.

– Não... Não pode ser... – murmurei para mim mesmo já na quinta à noite, logo após ter mandado uma mensagem de boa-noite para ela.

Deitado na minha cama, de barriga para cima, passei as mãos nos meus cabelos e fechei os olhos.

“Vou ser o seu maior inferno... e o seu paraíso...”, o movimento de sua boca me falando tais palavras não saía da minha mente. “Vou dominar você e a sua vida, Henrique Farias...”

Balancei a cabeça freneticamente. Laura era uma bruxa. Uma feiticeira perigosa. Como conseguia? Como havia conseguido fazer aquilo comigo? Nem agradável precisou ser. Não fez sequer um esforço, enquanto eu precisei usar de toda a minha energia e criatividade.

Como pode ser possível?

“Você não vai descansar, não vai ter paz até implorar para me ter.”

Eu não tinha paz desde que a maldita cruzou o meu caminho. E não teria... Não teria até conseguir o que quero.

Mas o que eu queria, afinal?

– Não... Chega! Chega de pensar.

Peguei um livro na cabeceira e iniciei a leitura de uma ficção científica muito doida. Valia tudo, menos raciocinar sobre a Laura Diniz. As lembranças, naquele momento, seriam a minha pior desvantagem.

A sexta-feira começou agitada. Agenor veio logo me informando que teríamos outra prova com o Edmundo logo na segunda. Também solicitou mais atividades referentes à diretoria, além de repassar o recado da Laura: o nosso projeto já precisava de

mim. Teria de me mudar para a diretoria, mas consegui convencer o Agenor de que era mais prudente realizar a mudança somente na semana que vem.

Continuava fugindo. Escondendo-me da confusão e tortura mental que era estar com a Laura. Um dia voltaria a encará-la de frente, mas o adiamento era um alívio. Por outro lado, um incômodo. De como alguma coisa pode trazer alívio e incômodo ao mesmo tempo eu não faço a menor ideia. Não me pergunte, pois não sei responder. Só sabia que, a cada instante, desejava a sua ausência com a mesma intensidade que desejava a sua presença.

À tarde, Helena tentou me seduzir de novo. Com um vestido verde bem decotado, veio toda insinuante, propondo que jantássemos juntos. A sua desculpa foi uma meleca: disse que comemoraríamos o meu cargo na direção, que para ela já era uma certeza. Neguei prontamente, claro. Nem se eu quisesse teria alguma coisa com ela de novo. Queria mais era me livrar de mulheres loucas na minha vida.

Por falar nelas, a mamãe também me ligou, avisando-me do aniversário do Luís. Mas eu já estava lembrado, pois ele mesmo havia me telefonado mais cedo, perguntando-me se podia colocar o nome da Laura na lista. Dei o telefone dela a ele, alegando que estava ocupado e que havia me esquecido de perguntar. Luís me conhecia, sabia que alguma coisa tinha acontecido. Óbvio, não me deixou em paz até que fui rude o bastante para fazê-lo desligar.

O ápice da agitação do meu dia foi receber uma ligação da própria Laura Diniz, quase à noitinha.

– Você está me evitando, Henrique Farias?

Depois de dias sem nos ver ou falar, não era de se admirar que a Laura não me saudasse ou perguntasse como eu estava. A doida tinha que vir reclamando, do contrário não seria ela.

– Estou. O que quer? – fingi indiferença total, fazendo o favor de ser mal-educado também. Adoraria saber como ela estava, mas

se a maldita ainda era capaz de me infernizar, significava que estava bem até demais.

Mas admito: ouvir a sua voz de novo não me trouxe reações positivas.

– Seu irmão me ligou.

Quatro palavras e uma morte interna. Todos os meus nervos se inflamaram de ódio e de alguma coisa ainda mais forte que não soube nomear.

Ofereci-lhe apenas o silêncio.

– Calma, foi o Luís. Ele disse que ia dar uma festa em uma pub.

Suspirei aliviado. Por um instante pensei que tinha se referido ao Marcos. Só podia estar ficando louco... Claro que era o Luís! Eu mesmo havia dado o telefone da Laura para ele, e nem fazia tanto tempo assim.

Como você é idiota, Henrique!

– Ah... Amanhã é o aniversário dele – foi tudo o que consegui sussurrar.

– Pois é. Luís falou que você é esquecido, e que por isso não tinha me dito que eu havia sido convidada, mas não sei... Por que será que acho que você não me quer lá?

– Porque é a verdade?

Ela se calou por um segundo.

– Ok, você tem outros planos. Não faz mal – sua voz demonstrou seriedade e rigidez fora de hora. E eu, o idiota, só me perguntei quais eram os seus planos e se, por um acaso, estava incluso neles.

Claro que não comentei nada sobre isso.

– Olha, Laura, o Luís milagrosamente gosta de você. Se te ligou é porque te considera muito, e estou longe de querer me meter em uma amizade. Ponha-me fora dessa, você vai se quiser. É livre para ir e vir.

– Tudo bem. Sem problemas. – Indiferença de uma figa!

Como Laura conseguia se manter tão indiferente?

– Até mais – fui logo me saindo.

– Até quando? – quase gritou.

Eita!

– O quê?

– Até quando vai me evitar?

– Não sei. Até quando der.

– Covarde.

E era mesmo. Só não ia admitir em voz alta. Isso nunca.

– Tchau, Laura Diniz.

Desliguei o telefone com ar de derrota. Um segundo depois, recebi uma mensagem dela:

“Você mente tão mal, Henrique Farias...”

Infelizmente, Laura já me conhecia muito bem.

\*\*\*

Calça preta, sapatos pretos, camisa preta. Eu estava de luto, andando entre as pessoas que circulavam no camarote VIP, alugado pelos nossos pais só para satisfazer aos caprichos do Luís. Eles não estavam lá, pois não curtiavam baladas – eram velhos demais para isso – e mamãe preferia assistir à novela e ir dormir cedo a ter de suportar música alta e gente bêbada. Papai era metido a

meninão, mas acompanhava a minha mãe em tudo, jamais a deixaria sozinha em casa durante toda uma noite.

Entretanto, fizeram questão de pagar todas as despesas, de modo que o bar particular do camarote atendia aos convidados ilimitadamente. Aquela festa custaria uma fortuna, mas meus pais podiam pagar, então relaxei.

Luís tinha um monte de amigos. E um monte de amiga gata, devo acrescentar. A maioria era bem mais nova do que eu, mas e daí? Pelos olhares que recebi, isso não parecia incomodá-las. Também não me incomodei... Adoro novinhas safadinhas.

Também havia um grupo de veadinhos que parecia ser composto pelos amigos mais íntimos do meu irmão mais novo. Talvez até rolasse algum namorado por ali, mas se existia, sabiam disfarçar bem. Não consegui perceber qualquer comportamento “suspeito”, por assim dizer. Na verdade, Luís dava certa preferência às meninas. Permiti que um pouco de esperança me alcançasse diante desta conclusão.

As minhas irmãs também não compareceram. Natasha ainda estava curtindo a sua longa e cara lua de mel, e Beatriz sempre detestou frequentar pubs e boates. Colocou a culpa no marido, dizendo que ele precisava fazer não sei o quê sabe-se lá onde, e o Luís caiu como um patinho. Não ficou chateado com a ausência delas.

Infelizmente, isso não aconteceu com o Marcos. Foi com muita amargura que o localizei perto do bar, paquerando as amigas do Luís na maior cara de pau e bebendo alguma coisa que certamente era forte.

A nossa semelhança era o que mais me incomodava. Marcos era como uma caricatura minha; tínhamos a mesma altura e tipo físico, cabelos escuros, olhos azuis e o formato do rosto bastante similar. Éramos diferentes do Luís, que, apesar de manter o padrão da cor dos olhos e cabelos – o penteado também era distinto, pois



nem Marcos e nem eu deixaríamos os fios tão grandes ou uma franja caindo na testa –, era mais magro, mais baixo e meio desengonçado. Seu rosto chegava a ser infantil. Não era por causa da idade inferior, mas uma espécie de característica própria.

Peguei um copo de whisky do outro lado do bar, bem longe de onde o Marcos estava. Todavia, não consegui me camuflar por muito tempo, o otário logo me viu e se aproximou. Ele é assim, sempre adorou me tirar do sério. Desde pequeno. Acho que é pura inveja. Sempre fui estudioso e um filho exemplar, enquanto ele só se envolvia em confusão. Nunca quis saber de responsabilidades.

– E aí, *brother!* De boa? – deu batidinhas nas minhas costas.

O DJ, que até então tocava músicas mais leves, começou a acelerar o ritmo das batidas. Corpos se movimentavam sensualmente conforme a música. A iluminação girava tanto que só não me causava tontura porque ainda não tinha bebido quase nada.

Continuei sem respondê-lo. Ignorei o cara, pois achei que era o melhor a ser feito. Não queria confusão. Luís jamais me perdoaria se alguma coisa na sua festa desse errado por minha culpa.

– Qual é, Henri, ainda chateado comigo por causa da Marcela?

Encarei-o seriamente. Sorri de um jeito cínico.

– Da Marcela, da Polyana... Da Maria Eduarda, da Ester... Quer a lista completa?

Ele gargalhou. Só não o chamei de filho da puta porque a minha mãe não tem nada a ver com a sua arrogância. Ela o educou muito bem, eu mesmo acompanhei cada passo.

– Cara, eu já te disse, não tenho culpa se as suas submissas se cansam de apanhar de você – desdenhou. Tomou um gole da própria bebida sem desviar os olhos dos meus.

Precisei contar até dez. Abri a boca mil vezes, pronto para rebater, mas concluí com suspiros. Cerrei os punhos e olhei para o

teto. O meu autocontrole foi o meu único aliado durante longos segundos.

– Se te deixa feliz, me arrependo de ter casado com a Marcela. Só me deu dor de cabeça. Acabei te fazendo um favor, irmãozinho.

Prendi os lábios e continuei mudo. Virei-me na direção do palco. Nós estávamos em um compartimento localizado no primeiro andar, com vista privilegiada. Assistíamos a cada detalhe da agitação do ambiente. E o mais legal era que podíamos descer e nos misturar ao povão sempre que quiséssemos, pois usávamos pulseiras da cor amarelo-neon que serviam como identificação. Se quiséssemos voltar ao camarote era só apresentá-la aos seguranças.

– Bem feito, Marcos – finalmente respondi. – Espero que tenha aprendido a nunca mais roubar o que é meu.

– Não seja ridículo, nunca te roubei nada! Elas que me procuram quando rompem com você. Eu não sou de ferro, maninho, a minha carne é fraca.

Ladainha completa. Conheço-o bem e sei que tipo de cafajeste ele é.

Inclinei-me e o encarei de perto.

– Ainda não entendo a sua necessidade de querer ser eu.

– Não quero ser você! – ele falou alto demais, chamando a atenção de quem estava mais próximo. Fiz uma careta de desgosto. Não queria alardes.

Marcos disfarçou um pouco. Fez um brinde, juntando os nossos copos, e sorriu. Permaneci sério. Bebi uma grande quantidade do whisky. Andava meio estressado, admito. A minha paciência estava cada vez mais curta. Mantinha-me em um estado de irritação difícil de superar.

– Onde está a nova namorada? – Marcos perguntou logo quando pensei que me deixaria em paz. – A negra dos olhos cor-de-mel? Ô, mulher gostosa, hein?

Agora sim ele tinha passado dos limites. Fiz o meu corpo trombar contra o dele, que quase perdeu o equilíbrio e se estatelou no chão. Segurei-lhe a gola da camisa antes que se afastasse demais, e pensei se valeria a pena um murro no meio de sua cara. A resposta foi sim, mas fiquei na dúvida se lhe quebraria os dentes ou o nariz.

A minha indecisão gerou um espaço curto de tempo, que acabou sendo utilizado pelo Luís. Ele se aproximou de nós dois disfarçadamente.

– Não é um bom dia para resolverem as suas diferenças! Henrique... – olhou para mim, meio chateado, e larguei o Marcos com força. Ele cambaleou um pouco, mas se recuperou rápido.

– Desculpa, Luís. Você sabe que esse idiota apela – Marcos disse na maior cara de pau do mundo.

– Eu apelo? – balancei a cabeça sem acreditar. – Pode achar o que quiser de mim, Marcos, mas se ousar falar na Laura de novo eu juro que sai daqui com dentes a menos.

Luís se colocou entre nós, mas ficou com o rosto virado para o meu lado.

– Henri... Você é o mais velho aqui. Deixa o Marcos pra lá. Por mim, ok? É o meu aniversário! – seu rosto infantil estava no modo pidão.

Ele sempre esteve ao meu lado quando o assunto era o Marcos, mas tinha razão: aquela não era a hora de resolvermos as nossas diferenças. Como o irmão mais velho, precisava manter os pés no chão e a ordem intacta.

Do nada, Luís encarou algum ponto atrás de mim e sorriu amplamente. Soltou um gritinho bem gay e quase me atropelou,

correndo na direção de onde tinha olhado.

– Laura! – gritou alto. – Que bom que veio!

Passei um tempo sem me virar, apenas olhando o Marcos. A boca dele estava aberta enquanto quase se masturbava ali mesmo, mal podendo conter a expressão de desejo estampada em seu rosto. Tudo isso porque estava vendo o que tinha atrás de mim.

Tomei fôlego e me virei devagar. Sabia que o impacto seria grande, mas não esperei que fosse algo tão descomunal. Laura estava perto da escadaria, meio desconcertada e tentando sorrir para o Luís. Ele praticamente pulou em cima dela, dando-lhe um abraço apertado. Correspondeu, meio sem jeito, e intensificou o sorriso. É... Laura realmente gostava dele.

Ainda bem que era gay. Certo, estou me transformando em um poço de contradições.

Voltei a olhar para o Marcos, e ele ainda observava a Laura como se ela fosse um pedaço farto de filé mignon. Assim que percebeu que eu estava olhando, revirou os olhos e disfarçou.

Virei-me da direção da Laura novamente: era como se houvesse um refletor bem em cima dela. Sua presença espalhava um brilho natural, uma luz bela e pecaminosa difícil de ignorar.

Percebi outros caras a admirando. Porcaria! A roupa dela não ajudava em nada. Luís se afastou o bastante para que eu pudesse vê-la melhor: usava uma saia cor-de-rosa brilhante e curta, mostrando suas pernas bem desenhadas. Como se não bastasse, completou com uma blusa branca de mangas compridas e gola alta, mas que só lhe cobria até um pouco abaixo dos seios. A barriga deliciosa que eu tanto havia beijado no fim de semana anterior estava toda de fora. O cabelo se manteve preso em um rabo-de-cavalo elegante, e os brincos, um dos tantos destaques, eram argolas tão grandes que mais se pareciam com bambolês.

Nem reparei nos sapatos, pois não consegui. Eram informações demais para processar. Fiquei a admirando como um bobalhão. Vi quando deu um presente ao Luís, e ele soltou um grito e a abraçou quando o desembulhou. Meu irmãozinho foi exhibir o presente aos amigos veados, e a Laura caminhou até o bar animadamente. Sentou-se em uma das cadeiras de perna alta. Fez um pedido ao barman e cruzou as pernas, atijando todos os caras que a estavam observando desde então.

Precisei parar de respirar para não enlouquecer.

A maldita estava se exibindo demais. Onde já se viu, usar roupas como aquelas? Não deixava quase nada para imaginação. Uma merda total! Ela não devia ter feito aquilo comigo. Era uma provocadora, claro que só queria arranjar confusão.

Morrendo de raiva e ardendo de ciúme – ou o contrário –, caminhei até a louca a passos largos. Laura só percebeu a minha presença quando apareci bem na frente dela. Sem rodeios, inclinei-me para beijá-la. Estava louco de saudade e de vontade daqueles lábios grossos com gosto de mel e desejo.

Uma mão aparentemente invisível me empurrou para o lado quando nossos rostos ficaram perto demais. Equilibrei-me no balcão, assustado com o ataque repentino.

– Ei, cara, o que pensa que está fazendo?

Um homem loiro quase da minha altura me encarava com rigidez. Era só o que me faltava! Quem era aquele mané?

– O quê? – fiz uma careta imensa.

Laura espalmou uma mão no peito do homem.

– Jaime, relaxa. É só o idiota do Henrique Farias.

O otário me encarou com ainda mais seriedade, só que seu tronco relaxou um pouco. Eu quase não pude acreditar na situação que se desenrolava diante de mim. Inacreditável!

– Você trouxe o mucamo? – rosnei, analisando o rosto sério da filha da mãe. Ela permaneceu impassível, mas o escravinho se irritou e me empurrou de novo. Empurrei-o de volta, claro.

Estava entrando na minha segunda confusão em menos de dez minutos por causa daquela mulher. Dos dois um: ou o mundo tem problemas sérios comigo ou eu tenho problemas sérios com o mundo.

– Parem de se comportar como trogloditas! – Laura se virou para o idiota: – Jaime, pare agora!

O maldito deixou as expressões se amansarem consideravelmente. O corpo se retraiu, e olhou a Laura como se ela fosse uma deusa absoluta. Em um segundo, já não era mais o cara decidido a entrar em uma boa briga.

– Sim, Senhora – murmurou. – Desculpe-me.

Sorri e balancei a cabeça. Puta merda, hein?! Ainda estava perplexo com a atitude da Laura. Ela não podia ter feito aquilo conosco. Não era justo com nenhum dos dois.

– Você é lamentável, Laura Diniz – cuspi as palavras na cara dela e me virei para o escravo sexual. – Se liga, idiota, homem que é homem não vive à custa de uma mulher. Tenha vergonha na cara! Vou rir muito quando ela te der um pé na bunda. Ou acha que vai se apaixonar por você? Se for isso, é mais burro do que imaginei.

– Não ouse falar assim com ele, seu imbecil! – Laura colocou um dedo em riste. Segurei seu punho, morrendo de raiva. Jaime segurou o meu pulso e, com a outra mão, segurei o dele. Fiz força para fazê-lo me soltar, mas o cara estava decidido. Laura acabou segurando o meu punho com a mão que ainda estava livre.

Nem eu entendi direito o que foi aquilo.

Olhei o homem com severidade. Jaime ficou me encarando sem piscar os olhos. Ele era um cara bonito, sei reconhecer, apesar de tê-lo achado novo demais para alguém como a Laura.

Soltei a mão dela devagar e, aos poucos, fomos nos soltando.

– Bom... – ele suspirou. – Posso ir agora, Doutora Laura?

– Pode. – Ela não tirou os olhos acusatórios de cima de mim. – Obrigada por ter me trazido.

– Disponha sempre, Senhora. Divirta-se.

Não acredito que o mané fez uma reverência como aquelas dos filmes! Encarou-me mais uma vez antes de dar as costas e partir.

Entendi muito pouco do que tinha acabado de acontecer.

Abri os braços.

– É esse o cara que você confia e dá o rabo? Poxa, como ele te defende bem! – ironizei.

– Cale a boca, Henrique. Jaime é faixa preta no karatê, foi meu professor de defesa pessoal durante anos e, atualmente, pratica Muay Thai. Se ele não te bateu foi porque eu ordenei que parasse.

Fiz um bico desdenhoso.

– Morrendo de medo! – tremeliquei meus braços.

– Imbecil.

– Agora me diga, que porra foi essa? – perguntei, irritadíssimo. Estava soltando fumaça pelas ventas de tanta raiva.

– Eu que pergunto! Você age como um animal.

– E você não? Isso foi artimanha de uma cobra!

Ela se indignou tanto que ficou calada durante alguns minutos. Não me intimidei com o seu silêncio, permaneci no mesmo lugar, fingindo que nada estava acontecendo. Pedi outra bebida e tentei deixar a raiva ir embora, mas foi impraticável.

Depois de um tempão, Laura soltou:

– Eu só não queria chegar aqui sozinha. Você não atendia às minhas ligações...

Fiz uma careta. Peguei o meu celular no bolso da calça e comprovei: havia cinco ligações não atendidas da Laura. Com aquele barulho, claro que eu não tinha ouvido o aparelho tocar. Sempre deixo o alerta vibratório desligado para evitar sustos.

Olhei-a demoradamente depois que guardei o celular.

– Desculpa.

Assentiu e sorriu, vitoriosa.

Ergui uma mão e alisei a lateral do seu rosto. A rainha dos meus desejos mais profundos continuou me olhando, enfeitiçando-me com seu olhar amarelo fatal.

Inclinei-me devagar e juntei nossos lábios com leveza.

– Você é tão idiota... – ela murmurou, e me lambeu a boca. Retribuí seu gesto enfiando a minha língua na sua. Senti a minha pele soltar arrepios intensos.

Envolvei as minhas mãos ao redor de sua cintura exposta. Apalpei a sua pele quente e admirei, mais uma vez, o seu corpo firme, trabalhado.

– Mas você gosta – completei.

Ela começou a tocar em meus braços com certa agressividade, mas parou as mãos na minha nuca. Trouxe-me para mais perto de si.

– Não sei.

– Claro que gosta. Não estaria me beijando se não gostasse.

Revirou os olhos e mordeu o meu lábio superior.

– Gosto de quê mesmo? – murmurou meio débil, como se estivesse bêbada.



– De mim.

– Ah... E você, gosta?

Ri. Estava queimando de tesão com a sua pele tão próxima. E aquele cheiro? Minha nossa, era insuportável.

– Não me respondeu, Laura.

– Hum... Você não é a minha balança, Henrique. Fica me desequilibrando o tempo todo.

– Continua sem me responder...

Desci meus lábios pelo seu pescoço. Inspirei profundamente, embriagando-me dela. Sua pele achocolatada se arrepiou. Minhas mãos afoitas encontraram a barra da sua saia curta. Apertei-lhe a carne bem ali.

– Eu estou aqui porque gosto do seu irmão.

– Quero a resposta, Laura!

Inclinei o meu rosto até fazê-la escorrer para o lado. Todo o meu corpo envolveu o seu em dois tempos. Ela ainda estava sentada na cadeira alta, e eu de pé, talvez por isso estivesse sendo mais fácil o nosso toque.

– Responda primeiro – solicitou com um rosnado felino.

– Primeiro as damas.

– Isso não funciona comigo.

– Está certo. Quer a verdade verdadeira?

Ela riu um pouco no meu ouvido, provocando-me mais arrepios.

– Quero.

Deixei-me levar pelas suas carícias e pelo whisky que já havia ingerido. Respirei fundo e tomei coragem para admitir o

inadmissível. Confessar o resultado do que me recusei a pensar não foi tão difícil quanto imaginei.

– Eu te amo e te odeio com a mesma intensidade.

Laura se afastou de mim depressa. Levei um susto com a sua atitude repentina, a doida quase caiu para trás. Com uma mão à boca, saiu da cadeira meio cambaleante e me encarou com os olhos tão abertos quanto jamais foi possível.

– O que foi? É tão chocante assim?

Balançou a cabeça como se não acreditasse.

– Não quero que sinta nenhum dos dois, Henrique – falou desesperadamente. Vi seus olhos se encherem de lágrimas. – Não quero que sinta nada! Não percebe que acabou de estragar o nosso desafio?

– Estragar? Não estraguei nada. Só não sou hipócrita e não me escondo por trás de uma armadura enferrujada. Não finja, Laura... Não finja que não sente o mesmo. Você me ama e me odeia, admita. Me ama porque sou capaz de te fazer sentir mesmo contra a sua vontade, me ama porque te faço rir e porque te entendo... Porque fui o único que não desisti de te fazer mudar, porque te encaro de frente e te tiro do sério. Sei que também me odeia pelos mesmos motivos, mas não importa... Não importa, porque gostamos de amar e odiar. Nossa relação é uma bipolaridade equilibrada pelo nosso orgulho e humor.

Laura soltou um gemido frustrado e deu vários passos para trás. Permaneci no mesmo lugar. Observei quando deu as costas e se afastou, perdendo-se no meio das pessoas. Não me importei.

Aquilo estava longe de ser um adeus.

# 15º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Desci as escadas a toda velocidade, ultrapassando os seguranças do camarote VIP e me perdendo no meio da multidão que compunha a pista de dança. O pub estava lotado; muita gente falava, gritava, bebia, dançava e se divertia como se não existisse amanhã. E talvez o amanhã não existisse para ninguém. Ou para algumas pessoas. Ou para mim. Em contrapartida, talvez existisse para todo mundo. É a grande dúvida do ser humano: não sabemos o que vai nos acontecer. Por mais que tentássemos controlar as coisas, nada, de fato, estava sob o nosso controle.

O Henrique Farias havia, oficialmente, saído do meu controle. Não podia fazer mais nada. O desafio estava acabado e ambos havíamos perdido. Eu queria submetê-lo, queria que fosse meu... Queria amarrá-lo, amordaçá-lo, usá-lo até que se cansasse e, quando acontecesse, faria com que implorasse por mim de novo.

Queria fazê-lo morrer de desejo e vontade. Só isso. Nada além. Por que sempre tinha que haver algo mais? Por que os sentimentos teimam em acompanhar as pessoas, até mesmo alguém como o Henrique que se dizia tão impermeável? Como eu odeio... Como odeio tudo!

Minha intenção nunca foi machucar ninguém por dentro. Como machucar alguém usando a mesma arma que usaram para me ferir tão profundamente? Não quero... Não quero! Nem mesmo o Jaime, que eu sabia que estava se machucando. Meu orgulho não permitia que eu me afastasse, que o mandasse embora. Eu sou a pior pessoa do mundo, deixei de prestar há algum tempo. Mas o Henrique... Puts, eu não quero mesmo! Não quero fazer o meu orgulho e a minha vontade de vencer prejudicá-lo de um modo tão

desleal. Queria vencer pela minha capacidade. Pela minha competência, pelo poder de sedução. Não queria vencer por causa de sentimentos. Eles são inúteis, superestimados demais, retiram a inteligência de qualquer pessoa e dá lugar a uma irracionalidade irritante.

Entenda-me, queria vencer o Henrique enquanto estivesse totalmente racional. Do contrário, de que adianta vencer? Apostar corrida com uma tartaruga é mais humilhante para quem ganha do que para ela, que está apenas seguindo o seu ritmo natural.

Não tinha mais jeito. Ele jamais se submeteria, afinal, nem mesmo admitindo que me amava e odiava tinha sucumbido ao orgulho, e sei bem que os dois sentimentos são os mais fortes que existem. O que mais podia fazer? Se eu consegui atingir o seu coração, despertar sentimentos malditos e, mesmo assim, nada mudou entre nós? Onde mais eu podia chegar?

Era o fim. O fim da linha.

Minha mente explodiu e gritei alto, acompanhando algumas pessoas que também faziam o mesmo, mas só porque estavam acompanhando a música. Parei bem no meio da pista, sendo jogada para lá e para cá por causa do movimento de toda aquela gente. Levei as mãos à cabeça e gritei mais uma vez, sentindo lágrimas quentes irromperem do meu peito e se esvaírem sem obstáculos.

As luzes se agitaram, e uma música do David Guetta foi iniciada. Sempre adorei música eletrônica, faz o meu corpo voar sem sair do chão. As batidas seguem o ritmo de um coração acelerado, a adrenalina sobe e, fechando os olhos, nada mais passa a existir no mundo. Combinadas com a dança, faz-me querer sair de mim mesma. E eu saio mesmo. Passo a pertencer a lugar algum.

*Você grita alto*

*Mas eu não ouço uma palavra do que você diz*

*Estou falando alto, mas não estou dizendo muita coisa*

É isso aí. Mesmo com tantas coisas que o Henrique disse para mim, mescladas com as que eu disse para ele, nada podia ser entendido por nenhum de nós dois. Não havia compreensão desde o começo... Claro que não teria compreensão no fim. Mas, sinceramente, eu queria ao menos poder sair daquela entendendo alguma coisa. Como tudo foi acontecer? Como?

*Fui criticada*

*Mas as suas balas ricocheteiam*

*Você atira em mim, mas eu levanto*

Busquei dentro de mim algum sentimento estranho o bastante que me fizesse entender nem que fosse um pouquinho. Mas eu não sentia nada. Nunca mais sentiria alguma coisa. Demorei muito a ficar imune, por que abaixaria a guarda agora? Por ele? Fala sério!

Comecei a movimentar o meu corpo no ritmo das batidas. Fechei os olhos com força, mesmo sem conseguir parar de chorar. Dancei e chorei sem nenhum pudor. Estava sozinha em um universo paralelo.

*Sou à prova de balas*

*Não tenho nada a perder*

*Atire, atire*

*Ricocheteia, mire*

*Atire, atire*

*Você atira em mim, mas eu não caio*

*Sou feita de titânio*

Soltei mais um grito desesperado. Pulei e iniciei alguns passos que sempre dancei ao longo da minha vida de *street dancer*, mas que ultimamente evitava. Só usava alguns para combinar com a ginástica.

Meus músculos foram se esquentando aos poucos, e já me sentia flexível o bastante para arriscar. Não muito, claro. Estava de saia e nem um pouco a fim de dar uma de exibicionista. Ergui os braços e fui os abaixando lentamente, tocando o meu corpo e sentindo a minha própria alma se libertando.

Sentindo. Eu estava sentindo...

*Você atira em mim, mas eu não caio*

*Sou feita de titânio*

Mãos fortes tocaram a minha cintura. Foi um toque natural: leve, porém rígido. Nem precisei abrir os olhos, já sabia a quem pertenciam. Só uma pessoa tinha o direito de me tocar assim. E havia conquistado o direito à duras penas. Rebolei mais um pouco, e seu tronco imenso se encostou às minhas costas.

Continuei dançando e rebolando, sentindo nossos corpos se movimentarem juntos. Ele também estava dançando? Uau... Não pensei que o Henrique Farias fosse de dançar. Era um ritmo de entrega muito sensual, como se cada movimento seu estivesse dependendo totalmente do meu.

Eu o estava guiando em uma dança.

*Dura como pedra, metralhadora*

*Atirando naqueles que se erguem*

*Dura como pedra, como vidro à prova de balas*

*Você atira em mim, mas eu não caio*

*Sou feita de titânio*

Ergui os braços de novo, e ele acompanhou, entrelaçando nossos dedos. Não ousei abrir os olhos. Comecei a suar de excitação e calor. Um fogo interno despertado pela música e por ele.

– Assim você me mata, cunhadinha...

Abri os olhos depressa e me virei no susto. Marcos estava me olhando com um sorrisinho ridículo nos lábios. Não deu tempo de raciocinar. Minha cabeça deu um nó quando vi que alguém nos observava. Era o Henrique. Pela sua cara, devia estar nos observando a algum tempo.

Ele balançou a cabeça, encarando-me com desgosto e... dor. Nunca havia visto tanto ressentimento em seus olhos. Nada até agora tinha se comparado àquilo, e olha que o Henrique já tinha me encarado de todas as formas possíveis. Eu realmente me senti um pedaço de lixo podre diante de tanta decepção. Nunca me senti tão perdida, tão fora de contexto.

Henrique Farias deu as costas e foi andando na direção da saída do estabelecimento. Fui junto, oferecendo um último olhar de desprezo ao Marcos. Depois eu cuidaria dele. Aquilo não ficaria assim, de jeito nenhum. Ele iria me ouvir e, se possível, tomar um soco bem no meio da fuça. Eu mesma seria a responsável por lhe quebrar a cara.

– Henrique! – gritei, cruzando a portaria. O idiota continuou andando depressa, não diminuiu a velocidade por nada. – Henrique, espere! Agora!

Sei que me ouviu, mas me ignorou por completo.

Comecei a correr quando cruzamos a primeira rua. Meus saltos me mataram naquele curto percurso, mas não desisti de encontrá-lo. Henrique parou diante do seu carro, estacionado em uma rua paralela. Havia pouca movimentação por ali, apenas algumas pessoas que seguiam na direção do pub.

– Henrique, espere!

Ele desligou o alarme e abriu a porta.

– Espere!

Alcancei-o e segurei a sua mão. Ele me retraiu em um segundo, usando tanta grosseria que dei vários passos desequilibrados para

trás.

– Me esqueça, Laura Diniz – rosnou. – Acabou. Você estragou tudo.

Um nó gigantesco me fez soltar um soluço. Meu corpo estava paralisado, as veias congelavam e me causavam incômodo. Tudo havia se tornado muito frio, de repente.

– Não fiz nada, foi o...

– Já chega! – gritou, finalmente me encarando.

Ele tinha. Tinha, tinha, tinha... Meu Deus, Henrique tinha... lágrimas nos olhos.

Engoli em seco, desesperando-me.

– Vá dá o rabo pra ele e me deixe em paz!

– Henrique, eu não...

– Como não, Laura? – cortou-me de imediato. – É o que você faz, não é? Só estava esperando que acontecesse. Estava aguardando o momento certo para acabar comigo de uma vez. – Abriu os braços. – Satisfeita? Você acabou comigo. Ganhou. Parabéns para você!

Balancei a cabeça, levando minhas mãos à minha cabeça.

– Do que está falando, foi tudo um mal...

– Poupe-me da sua conversa. Já disse que conseguiu, seu monstro! – gritou alto, chamando a atenção de algumas pessoas. Soltei outro soluço, e algumas lágrimas acabaram escorrendo. Seu olhar feroz me intimidou pela primeira vez na vida. – Como fui idiota em confiar em você... Meu Deus... Como fui otário. Caí direitinho no seu feitiço, sua bruxa imunda!

Comecei a queimar de ódio. Estava demorando.



– Não fale comigo desse jeito! – gritei também, entre lágrimas. – Não te dei o direito!

Ele se desarmou, mas foi só um pouco. Continuou rígido, e enxugou as próprias lágrimas. Minha respiração estava tão intensa que achei que vomitaria os meus pulmões.

– O ódio está bem maior agora, Laura – murmurou, desviando os olhos. – E vai aumentar até acabar com qualquer resquício de amor que pude sentir por você.

Solucei novamente, e continuaria soluçando se não tivesse levado uma mão à boca. As lágrimas persistiram, frenéticas e decisivas.

– Eu não... – gaguejei desesperadamente. – Não quis... Não...

A idiota aqui não conseguiu falar nada.

– E pensar que o amor estava ganhando... E pensar que cheguei a achar que ele enfim venceria... – voltou a me olhar com desprezo. – Ainda bem que a ilusão durou pouco. – Sorriu com desdém. – Isso é para eu aprender a não confiar em mulher alguma. Só me esqueça. Vai ser fácil, já que não chegou a sentir um por cento do que senti. Você é incapaz de amar, Laura Diniz.

Entrou no carro e fechou a porta com força, arrancando-me um pulo de susto misturado com um soluço. Deu partida e saiu cantando pneus, deixando-me sozinha com um sentimento de derrota absoluto.

No início, só chorei. Fiquei olhando para o além que existia no fim da rua escura, incapaz de me movimentar ou de fazer qualquer outra coisa além de chorar. Depois, minhas lágrimas secaram e eu já não era mais a tonta que sofria sem nenhum motivo aparente.

Tudo bem que o desafio acabou. E daí? Já tinha acabado mesmo, não tinha? E daí que sou a decepção do Henrique? Sou uma decepção até para mim mesma, de qualquer forma. O que me importa se ele tinha chorado? A minha vida sempre foi um mar de lágrimas e continuo inteira, firme e forte. Tanto faz se ele jamais

voltasse a confiar em alguém. A minha falta de confiança nas pessoas só me causou alívio e evitou muitas decepções. E daí que Henrique iria me odiar para sempre? Nunca fiz questão de seu amor. Nunca fiz questão de nada além do nosso sexo.

Quando os meus pensamentos se transformaram em um enorme “e daí?”, decidi voltar ao pub com a cabeça erguida. Uma passada no banheiro foi o bastante para renovar não só a minha maquiagem, mas todas as concepções que tinha de mim mesma. Em primeiro lugar, se o Henrique Farias confiasse em mim de verdade jamais teria achado que eu estava rebolando para o Marcos só pelo prazer de machucá-lo.

A mentira dele já começa aí. O maldito não confia em mim porra nenhuma. Se sentisse ao menos um pingão de amor pela minha pessoa, certamente teria me deixado explicar. Mas não... Não só não me deu a chance de me explicar, como também veio todo grosseiro para o meu lado, ofendendo-me sem dó.

Encontrei o Marcos ainda na pista de dança, esfregando-se com uma vadia qualquer. Prendi os lábios e fui até ele sem pensar duas vezes. Só pensei muito no que iria fazer, e cheguei à conclusão de que teria que ser algo rápido e dolorido. Só ia precisar de um golpe. Preparando-me sorratamente, calculei uma distância razoável e fui com tudo. Sentime dentro do *Mortal Kombat*, pois dei uma verdadeira voadora. Tudo bem, estou exagerando. Meio que ergui uma perna para o lado e empurrei com a maior força que consegui. O meu salto afundou na lateral do seu corpo, na altura do abdome, e Marcos caiu de lado com um grito imenso.

As pessoas se afastaram, fazendo uma roda, enquanto ele se contorcia de dor. Quem viu a cena desde o início ficou embasbacado. Quem não viu, pensou que era briga feia e saiu correndo da pista. Foi uma confusão dentro do pub.

– Otário! – gritei alto para ser ouvida além da música, apontando para ele. Marcos ainda se contorcia no chão, uivando de dor. Fui até ele e me agachei sem nenhuma preocupação de estar

mostrando a calcinha. Puxei o seu cabelo, estranhamente parecido com o do Henrique, com toda força que reuni. – Nunca. Mais. Faça. Isso!

O ódio já circulava livremente pelas minhas veias. Cada grito que o Marcos soltava me causava verdadeiro júbilo.

– Laura! O que está fazendo? – ouvi a voz do Luís atrás de mim. Ele se agachou também e puxou as minhas mãos, fazendo-me levantar. – Vamos, vamos sair daqui...

Segui o Luís até perto de onde ficavam os banheiros. Ali fazia menos barulho, além de que tinha alguns sofás. Sentamo-nos em um deles.

– O que houve, Laura? Cadê o Henrique? O que o Marcos te fez?

Olhei fundo em seus belos olhos azuis, marca registrada dos irmãos Farias. O coitado estava muito preocupado. Não queria deixá-lo aborrecido, era o seu aniversário e tinha mais que estar curtindo com os amigos.

– Não importa... – balancei a cabeça. – Já me sinto vingada.

Luís sorriu.

– Tenho certeza de que o Marcos mereceu. Você é foda, Laura, eu te adoro de graça!

Eita! Luís estava meio bêbado. Abraçou-me lateralmente, envolvendo seus braços finos ao redor da minha cintura. Beijou-me na bochecha, e senti um cheiro forte de álcool. Mas não me incomodei. Foi até legal da parte dele.

– Eu A-DO-REI o seu presente, como sabia que eu amo a Beyoncé?

Rachei de rir mesmo contra a vontade. Não sabia que ele ia gostar tanto de ganhar o novo DVD da diva. Eu adoro a Beyoncé, e

logo me lembrei da forma como o Luís tinha dançado no casamento da Natasha. Tive que comprar aquele presente na hora!

Esqueci de respondê-lo.

– Espera aí... Desde quando você bebe? – fiz uma careta.

Luís agitou as mãos para frente.

– Ah, não é todo dia que completo vinte e três anos.

Sorri.

– É verdade. Aproveite o seu dia. Não se estresse comigo ou com o Marcos.

Ele fez uma careta bem bonitinha. Deu vontade de lhe apertar as bochechas.

– Onde está o Henrique? – perguntou, ficando meio sério de repente.

Suspirei.

– Foi embora.

– Por quê?

– Bom... Saiu meio bravo comigo.

Afundi o meu corpo no sofá. Estava cansada, doida para estar na minha cama. Uma coisa horrorosa ainda queimava a boca do meu estômago. O coração permaneceu comprimido, era uma angústia que não me abandonou desde que o Henrique foi embora.

– O que aconteceu? Conte-me, Laura, por favor... Vaaaai!

Cocei a cabeça.

– A gente meio que acabou. Mas não se preocupe, é sério. Podemos nos encontrar quando você quiser. Tem o meu número, é só me ligar...

– O quê? – Luís gritou alto. – Não, não pode! O que o idiota do Henrique te fez? Eu mato aquele imbecil! Ah, velho... Logo agora que eu finalmente aprovei a namorada dele.

Luís era uma graça. Não sei o que fiz para que tenha gostado tanto de mim. Sou tão antipática, tão chata... Só sei falar de trabalho, e só tinha falado de trabalho com ele da última vez. No entanto, lá estávamos nós, falando do Henrique com bastante propriedade e sem um pingão de vergonha.

Devo estar ficando doida.

– Relaxa, Luís... – balbuciei, meio sem saber o que fazer. A situação inteira estava estranha por demais.

– Como assim “relaxa”? Claro que não vou relaxar. Meu irmão não pode ter te magoado... – parou de repente, olhando para mim. – Está magoada, não está?

Fiz uma careta.

– Eu não!

Ele me olhou esquisito.

– Como não? Você não o ama?

Abri bem os olhos. Prendi os lábios.

– É recente, Luís. Nunca daria certo entre nós... Acalme-se, a minha amizade você nunca perderá. – Levantei-me depressa. – Pre... Preciso ir. Não fique chateado, é que... Não vai dar pra ficar aqui assim.

Ele se levantou também.

– Tudo bem, Laura... Se cuida. Eu entendo – abraçou-me forte. Luís tinha que parar de ficar me pegando. O pior é que eu achava bom. Não evitava o seu toque, por incrível que pareça. – Vocês vão voltar. Sei que ele te ama... E sei que também o ama.

Balancei a cabeça, incrédula, mas nada respondi. Engoli o choro que me acometeu assim que ele me soltou. Se soubesse o quanto era complicado! Era tão... tão complicado...

O buraco era *bem* mais embaixo.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

O meu despertador tocou, acordando-me para uma realidade difícil de ser vivida. Havia sonhado com ela de novo, mas ignorei tudo assim que abri os olhos. Meu corpo doía, minha cabeça girava e o meu ombro ainda trazia a marca dolorida dos dentes da louca. Gemi, frustrado.

Era segunda-feira, e tudo o que eu menos queria era vê-la outra vez. A dor interna que me causou ainda latejava com força total, porém estava mais conformado. Laura vivia atrás de uma muralha intransponível. Fui idiota em achar que conseguiria ultrapassá-la. O sofrimento pelo qual passou havia lhe matado, como ela mesma já tinha me dito. Não posso esperar nada de alguém que não tem mais vida.

Laura Diniz não liga. Talvez um dia tivesse se importado com as pessoas... Talvez tivesse confiado e sorrido sem segundas intenções. Eu não sabia a sua história por completo, mas, juntando tudo, era fácil chegar àquela conclusão: Laura nunca mais vai amar ou confiar. Pelo contrário, só continuará machucando todos aqueles que cruzarem o seu caminho. O escravo apaixonado que mantinha era prova concreta disso.

Sua existência é movida unicamente pelo desejo e sede de poder. Superar os outros e a si mesma incansavelmente, mostrar o quanto é superior e destruir quem lhe colocar em um nível inferior ao topo. A única coisa que lhe agrada é a capacidade de se manter calculista e dona da verdade.

Fui um idiota em todos os sentidos. O fim de semana que passamos juntos foi revelador e profundo, mas só para mim. Compreendi que, talvez, Laura pudesse me fazer ser um cara melhor. Fiquei ciente de que o desejo que sentia por ela era forte demais, percebi que podíamos fazer dar certo, de alguma forma. E talvez pudéssemos ficar juntos, curtindo a liberdade que só a confiança mútua pode trazer.

Passei a semana passada inteira agindo como um covarde porque o meu orgulho não queria admitir que a pessoa que eu mais quis derrotar era a que tinha me feito voltar a sentir algo além de puro desejo. Para mim, não era mais uma questão de dominação e submissão, mas uma espécie de apoio compartilhado. Uma terapia.

Havia ficado evidente que a Laura precisava de mim. Ela estava precisando de um tratamento de choque para voltar a viver como uma pessoa normal. Seus traumas e fantasmas do passado ainda a assombram, e muito precisava ser modificado em seu comportamento. Eu estava disposto a encarar as consequências de cada passo da sua transformação, mas pelo visto estava apenas me iludindo. Ninguém muda por ninguém.

Vou me odiar durante muito tempo por ter confessado o que estava sentindo. Jamais havia admitido amor ou ódio por alguém, nem mesmo pela Marcela, a ex-mulher do Marcos. Meu orgulho nunca tinha permitido essa insensatez. E agora ele gritava de pavor, e tudo o que mais desejava era nunca ter tido o desprazer de tê-la conhecido.

O fato de ter corrido para os braços do meu irmão logo após o que falei com tanta sinceridade foi ridículo. Prova de que não signifiquei nada para ela. Laura podia até não imaginar que isso me machucaria tanto, mas sabia que me atingiria, e isso era o bastante para me fazer entender que nunca se importou comigo. Como ela já me disse um dia: não somos amigos e nem mesmo deseja o meu melhor. Só queria me derrotar, me vencer... Estava jogando o tempo

todo, enquanto eu me enrolava com as regras e misturava tudo sem ao menos perceber.

Foi desleal. Podre. Humilhante.

Não tinha outra opção a não ser levantar da cama e encarar um dia que sabia que seria difícil. Tinha uma prova logo pela manhã, e havia passado o domingo inteiro imerso nos estudos. Vencê-la no trabalho era a única opção que sobrou para o meu orgulho. Já que perdi feio o nosso desafio pessoal, faria de tudo, lutaria com todas as forças que me restaram para ficar com o cargo na diretoria geral da CMD.

Fui à contabilidade e peguei as minhas coisas. Infelizmente, teria de me mudar. Helena me ajudou a juntar as minhas bagunças com a maior boa vontade do mundo, mas o meu péssimo humor não me permitiu lhe mostrar sequer um sorriso.

Cheguei à direção carregando apenas uma caixa grande em mãos. Claro que Laura Diniz já estava na nossa sala, olhando através da janela e bebendo a primeira xícara de café do dia. Seu cheiro estava espalhado por toda a sala. Era um martírio para mim, mas fui me acostumando até que parou de me incomodar.

Passei longos minutos montando a minha mesa particular, deixando-a pronta para iniciar o trabalho pesado. Uma cópia do projeto já estava em cima dela, por isso comecei a trabalhar sem fazer qualquer pergunta. Laura fez a gentileza de ignorar a minha presença.

Edmundo e Agenor chegaram perto das nove horas. Sentei-me à mesa maior, desta vez, bem longe da Laura. A prova era ainda mais longa e complicada do que a anterior, mas estava confiante. Um dia inteiro de estudo intensivo foi o suficiente para me trazer informações fundamentais sobre as funções de um diretor.

– Vocês tiraram a nota máxima na prova anterior – disse Edmundo, sorrindo de um jeito agradável. Senti que Laura estava me olhando, mas não a olhei de volta. – Sei que estão se ajudando,



mas a escolha precisa ser feita. Não vou passar a manhã inteira vigiando dois adultos, prefiro confiar no profissionalismo de ambos. Posso contar com vocês?

– Pode – respondi simplesmente.

– Pode – ouvi sua voz pela primeira vez no dia. Meu estômago se chacoalhou, e só consegui sentir raiva de tudo e de todos.

Agenor ainda se ofereceu para ficar conosco, mas Edmundo o dispensou. Disselhe para retomar as atividades normais e, sem mais demoras, deixaram-nos sozinhos.

Peguei a minha caneta e escrevi o meu nome no cabeçalho.

– Você estudou? – Laura perguntou em volume baixo, como se estivéssemos no colegial.

Fingi que não ouvi.

– Estou falando com você.

Abri a prova e iniciei a leitura da primeira questão. Precisava de toda a minha concentração para responder cada quesito sem margem de erros.

– Por que não me ligou à meia-noite? Fiquei esperando, Henrique Farias.

A primeira questão era fichinha. Já sabia a resposta. Peguei o papel de rascunho e fui despejando tudo o que sabia sobre o assunto abordado.

– Muito maduro! Vai me ignorar por algo que não foi culpa minha?

Pressionei os meus lábios um contra o outro. Bem que tentei me controlar e ficar quieto, mas não consegui. Ainda olhando para prova, murmurei:

– Realmente não foi culpa sua. Devia ser uma irmã gêmea rebolando como uma puta no pau do Marcos. Sorria e gostava, estava em êxtase.

Eu mesmo me assuntei com o tom da minha voz. Pensei por um milésimo de segundo se não estava pegando pesado demais, só que parei de raciocinar. Laura pegava pesado comigo o tempo todo e nunca se arrependeu. Ela não se arrepende.

– Olhe aqui, não me ofenda! Deixe de ser ridículo!

– Se olhe no espelho e vai ver o que é ridículo.

Ouvi o seu rosnado característico, mas não me abalei. Laura Diniz nunca mais me abalaria. Não como antes.

– Eu estava de olhos fechados, achei que fosse você! Não sabia que era ele, Henrique.

Desta vez precisei encará-la. Passei um tempão analisando os seus olhos amarelos. Laura parecia tão esgotada quanto eu, mas ainda mantinha o nariz empinado de sempre.

– Que impressionante. Marcos deve estar copiando até a minha pegada.

Laura bufou em frustração.

– Estava escuro e louco... Barulhento. Eu estava dançando meio que fora de mim. Não achei que alguém pudesse me tocar com tanta permissividade sem ser você.

Ergui uma sobrancelha.

– Eu digo que te amo e você vai dançar?

Voltei a olhar para prova. Não consegui ver nada durante um tempo, mas aos poucos as letras começaram a fazer sentido. Laura nada falou, por isso continuei:

– Se não consegue nos diferenciar, então fique com ele. Vocês se merecem.

Ela bateu uma mão na mesa com força.

– Continua me ofendendo! Sabe de uma coisa? Esqueça! O que sente não é amor, é só vontade de me comer sem ninguém pra impedir. Se confiasse em mim já teria acreditado no que falei. Se não acredita, FODA-SE!

– Foda-se você – soltei sem pensar, voltando a olhá-la. Laura tinha o rosto desfigurado pelo ódio. – Estou cansado de tudo o que tenha a ver contigo. Mesmo se o que me disse for verdade, não é o bastante. Você nunca vai ser para mim o que achei que pudesse ser. Qual é a sua justificativa por manter um escravo sexual apaixonado? Ou vai me dizer que chutou a bunda do desgraçado?

– Não – respondeu com dureza.

– Pretende chutar?

Laura Diniz pensou por um segundo.

– Não. Principalmente por você.

Senti vontade de vomitar.

– Então pronto, Laura. Evitemos discussões desnecessárias. Preciso fazer essa prova e trabalhar em paz. Fique na sua que eu fico na minha, é tão difícil assim de entender?

Laura aquiesceu. A expressão impassível de sempre.

– É melhor assim – concluiu, pegando a própria caneta e abrindo sua prova. – Não quero ter nada a ver com um babaca que não sabe desafiar.

– Ótimo. Eu também não.

O silêncio que se fez naquela sala quase acabou comigo, mas o meu orgulho consegue vencer qualquer obstáculo, até mesmo a

minha louca vontade de jogar tudo para o alto e pedir desculpas por não ter lhe dado a chance de mudar aos poucos. Tudo havia sido rápido demais, e não conseguia superar a ideia de ter mudado tanto enquanto ela se mantinha a mesma pessoa fria e arrogante.

Como eu já tinha lhe dito: não funciono bem gostando de alguém. Jamais devia ter permitido a mim mesmo de me envolver tão profundamente. Se fosse só ódio eu saberia o que fazer. Se fosse só amor eu já teria lhe perdoado e dado adeus a todas as dúvidas. Ficaria me fazendo de idiota até conquistá-la.

Mas não era nem um e nem outro, tratava-se de um misto insuportável de meia confiança, meio carinho, meia vontade de vê-la aos meus pés. Meus dúbios sentimentos me deixavam tão perdido que a única saída encontrada pela minha razão era um afastamento total e imediato.

Laura se mostrou inquieta durante toda a prova. Foi ao banheiro duas vezes, mas acreditei que fosse devido as quatro ou cinco xícaras de café que conseguiu, não sei como, ingerir.

Concentrei-me na prova, e acho que me dei bem. Toda vez que parava para pensar, percebia a Laura me observando. Nossos olhares não permaneciam cruzados por mais de dois segundos. Claro que isso não me deixava feliz, mas sabia que era preciso.

Edmundo retornou perto do meio-dia. Eu já tinha terminado a prova há vinte minutos, mas fiquei concentrado em rabiscar o papel de rascunho e refletir um pouco sobre a meleca que havia acontecido. Não precisava ter acabado daquele jeito. Mas acabou.

Só faria me machucar caso prosseguisse. Laura deixou superclaro que não pretendia largar o escravo loiro maneirão sexual. Não podia continuar sabendo que os nossos momentos teriam prazo de validade. Três meses era pouco demais. Ou melhor, dois meses, porque um já tinha se passado, e o que foi aproveitado dele se resumia a vinte e quatro horas dentro de um quarto sem sentido.

Um dia infinito, que, por mais que tente, sei bem que jamais esquecerei.

– Sr. Bittencourt, eu ainda não terminei – disse Laura, parecendo apavorada. – Podemos ficar por mais uma hora?

Edmundo me olhou com ar de dúvida. Dei de ombros.

– Já acabou, Henrique?

– Sim.

Ele pegou a minha prova e deu uma olhada.

– Bom, Laura, quero ser justo. Posso permitir que fique mais uma hora, porém só se o Henrique consentir.

Prendi os lábios e a encarei. Laura estava evidentemente transtornada. Fazia uma careta horrível, e seus olhos amarelos brilhavam. Acho que estavam marejados. Sei que tentava se controlar para não chorar e manter a pose, era por isso que deixava a cabeça levemente erguida e a boca formando um risco.

A raiva que sentia por tudo o que podíamos ser – e não éramos – falou mais alto. O orgulho abalado se regozijou, e me vi falando duramente:

– Não, Edmundo. Eu já terminei, tivemos tempo o bastante.

O sócio da CMD ficou meio desconcertado em pegar a prova da Laura, que continuou me encarando com a mesma expressão, como se eu tivesse acabado de dizer que o dia estava bonito.

– Desculpe, Dra. Diniz... – Edmundo recolheu os papéis e sorriu amarelo. Olhou-me com um pouco de decepção, deu para perceber, embora tentasse disfarçar. – Vejo vocês em breve. Como anda o projeto?

Laura se levantou devagar, pegando a xícara vazia. Caminhou decididamente até a mesinha onde ficava a cafeteira. Depois, virou-se na direção do Edmundo.

– Trabalhoso, mas está tomando forma – respondeu com firmeza. – Ficou mais fácil depois que reestruturamos a base. O restante fluiu, e acredito que possamos concluí-lo antes do prazo solicitado pela presidência.

Mirei a mesa diante de mim. Depois as janelas. Quase não havia nuvens no céu, mas, dentro de mim, o tempo estava nebuloso.

– Perfeito. Devo aparecer ainda nesta semana. Tenham um bom dia – foi saindo com pressa.

– Bom dia – murmurei.

– Bom dia – Laura disse, e em seguida despejou mais café em sua xícara.

Segui rumo à minha mesa, pronto para reiniciar o meu trabalho. Mantive-me alerta para alguma rebordosa da Laura. Achei que fosse me xingar. Que fosse chorar, espernear e demonstrar toda a sua infelicidade diante do que fiz.

Enganei-me.

Laura Diniz não fez nada. Terminou o seu café e se sentou à mesa diante da janela, revirando uns papéis e materiais até encontrar o que queria. Com um lápis especial e uma régua enorme, começou a fazer uma das coisas que sabia fazer com perfeição: arquitetar.

Sua indiferença foi pior do que qualquer xingamento. Preferia que tivesse me chamado de filho de uma puta, assim que me sentiria menos filho de uma puta. Sei que não faz sentido, mas, pior do que a ira da Laura era o seu silêncio.

Depois daquele episódio, os meus dias perderam a graça. Não nos falamos mais, não ligava mais para ela à meia-noite – nem mesmo deixava mensagens –, só trocávamos as informações necessárias referentes ao trabalho. A cada instante, sentia a dor de tê-la perdido para sempre.

Na terça, culpei-a por tudo.

Na quarta, culpei o Marcos.

Na quinta, culpei o Jaime.

Na sexta, culpei a mim mesmo.

E quando a culpa me atingiu eu não soube o que fazer. O meu orgulho sorria, sentindo-se invencível, mas o resto de mim gritava, angustiava-se e me taxava como um fracassado.

Já no trabalho, sentia que estava virando o jogo. Empenhei-me no projeto, caindo de cabeça em todos os detalhes. Estreitei a minha relação com o Agenor – mesmo contra a minha vontade – e até cheguei a ligar para Ana Vitória. Almoçamos juntos no Grill na quarta-feira, e ela me disse com todas as letras que acreditava na minha capacidade de dirigir a CMD. O mais estranho nisso tudo foi, em vez de ficar feliz, ter me sentido um merda.

Laura Diniz continuou sendo a Laura Diniz: competente, batalhadora, inteligente, rígida e antipática. Os sorrisos que guardava só para mim foram embora. Vez ou outra o oferecia ao Breno, quando conseguiam remover mais um obstáculo do projeto. E tudo dentro de mim desabava. O ciúme tomava conta e a tristeza de não ser o alvo do seu sorriso me consumia.

A saudade do seu toque doía. As lembranças dos nossos momentos de entrega me martirizavam. Em um curto espaço de tempo sentia que havia envelhecido mil anos, ressecado pelo amor ardente e pelo ódio destruidor, que não largavam o meu espírito por nada.

Toda noite imaginava se ela não estaria transando com o Jaime. Pensava em ligar ou deixar alguma mensagem, mas desistia. O meu ego temia que ela me humilhasse por tê-la procurado. Ou pior, que me fizesse escutar de novo o modo como gemia para ele, e nunca havia feito para mim.

Eu não tinha escolha a não ser seguir em frente e tentar esquecê-la.

\*\*\*

Era sexta à tarde, e eu já tinha me declarado um louco, quando a porta se abriu ruidosamente e o vulto de alguém atravessou a sala gritando alto. Levei um susto tão grande que fiquei cego por alguns segundos. Demorei a processar que a Jane estava ali, gritando na direção da Laura com uma grosseria impressionante.

– Eu te odeio! Não acredito que fez isso comigo, você arruinou a minha vida! – Apontou um dedo na cara dela, que se levantou com ódio evidente no olhar.

– Saia. Daqui.

– Você vai me ouvir, sua cadela!

Corri até a porta e a fechei. Não queria ninguém que estivesse no andar da direção tendo acesso livre ao que estava acontecendo.

– Dobre a sua língua, Rejane!

– Como foi capaz de acabar com a minha vida?

– Acabar? Eu te salvei de uma furada. Sua burra, acha que o Luiz Fábio te ama? Ele só quer te comer.

Jane estava aos prantos, desesperada no nível máximo. Fui me aproximando devagar.

– Como descobriu? Como descobriu que íamos... – Jane parou um pouco, depois gritou ainda mais alto: – LEU O MEU DIÁRIO?

Laura prendeu os lábios. Nada respondeu.

– COMO PÔDE? COMO PÔDE INVADIR A MINHA VIDA E ACABAR COMIGO?

Jane começou a se debater, e senti que iria atingir a Laura. Antes que acontecesse, entretanto, segurei-a por trás e a puxei. Ela



gritou raivosamente.

– EU TE MATO, LAURA!

– Li todos os seus diários sim! – Era impressionante como Laura conseguia manter a calma. Eu não estava entendendo nada, mas segurava a Jane mesmo assim. Ela tentava se soltar, sem sucesso. – Queria conhecê-la melhor, está bem? Quem sabe assim pudesse saber o que fazer contigo?

Jane parou de repente, porém não a larguei. Continuou chorando muito.

– Por quê? Por que isso agora? – murmurou. – Você nunca se importou... Nunca...

Laura olhou para mim. Passei três dias eternos esperando por aqueles olhos amarelos. Assenti com a cabeça, achando algum significado em seu olhar: era um pedido de socorro silencioso.

– Eu só não sabia de nada, Jane. Precisava me atualizar. Não sabia que tinha começado a fumar aos treze anos... Não sabia que tudo o que fiz havia te magoado tanto, eu estava ocupada demais curtindo as minhas próprias mágoas – Laura começou com a voz suave e paciente, mas logo se desembestou: – Não sabia em quantas burradas tinha se metido, mas me orgulho de ter te salvado de mais uma! Onde já se viu? Fugir com o namorado assim, do nada? Henrique, diga a ela que é um absurdo!

Já nem lembrava mais de como o meu nome soava na sua boca. Pena que a situação era estranha demais. Não sabia o que fazer ou o que falar.

– Jane... Acalme-se – limitei-me a dizer. – Vamos sair daqui, eu te levo em casa.

Ela choramingou de frustração.

– Ele me deixou! Por culpa dela! – Jane olhou para mim e apontou para Laura. – Eu não sei o que essa monstra disse para

ele... – balançou a cabeça. – Não sei quantas ameaças fez... Mas eu perdi o amor da minha vida!

– Amor porra nenhuma, Rejane Diniz – Laura rosnou. – Só disse para o moleque que, se não cumprisse tudo o que havia lhe prometido, fosse embora e nunca mais voltasse. Ele fez a escolha.

– É mentira! – Jane gritou, pulando na direção da Laura, mas a segurei com força. – Mentirosa!

– Aceite a verdade. Você é burra.

A frieza da Laura conseguiu me atingir, quanto mais a Jane? Espalmei uma mão para frente.

– Laura... Menos – murmurei.

Ela suspirou alto. Jane continuou chorando e balbuciando:

– Você acabou comigo... Acabou comigo de vez... – Afundou o seu rosto no meu peito. Abracei-a por impulso.

– Acabei nada. Um homem não significa coisa alguma na vida de uma mulher. – Olhou-me de novo, e me senti atingido por aquela sentença. Meu corpo enrijeceu de raiva. – Aprenda, Jane.

– EU TÔ GRÁVIDA! – a garota berrou e atacou depressa, quase não deu tempo de segurá-la.

Laura finalmente foi atingida, mas não fisicamente. Seu rosto ficou pálido no mesmo instante em que a irmã disse aquilo. Ela olhou para algum ponto além de nós dois durante muito tempo, estava sem reações.

– Como vou criar o meu filho sozinha? Como? – Jane balbuciou, tornando a me abraçar. – Como, Henrique?

– Calma, Jane... Calma. Tudo vai ficar bem.

Quando olhei para Laura de novo, já tinha lágrimas em seus olhos. Continuou parada, não conseguia reagir. Eu sabia o quanto

aquilo havia significado para ela, só não conseguia definir que tipo de sentimento a acompanhava. Laura não podia ter filhos, então não soube dizer se sentia inveja, tristeza, alegria, raiva, esperança, amargura... Talvez tudo misturado.

De repente, ela me encarou. Balançou a cabeça com desespero, como se me falasse algo importante. Eu aquiesci. Ela continuou em negativa, até que confirmei com mais veemência.

Estávamos nos comunicando sem palavras.

– Vamos, Jane... Precisa se acalmar.

Fui levando a irmã da Laura rumo à porta. Dei uma última conferida nela antes de partir. Estava inconsolável. Precisava resolver uma coisa de cada vez, por isso fui descendo com a Jane até a minha sala na contabilidade. Ainda era cedo para eu sair livremente da CMD, ia dar problema depois. Não estava nem um pouco a fim de explicar a minha ausência, também não queria chamar atenção. As paredes daquela empresa têm ouvidos, e os boatos se espalham rápido.

Sentei Jane no pequeno sofá da minha sala. Arrastei uma cadeira e me sentei bem na frente dela. A garota chorava muito, apoiando o rosto nas mãos, que se ensoparam de lágrimas.

– Conte-me o que aconteceu, Jane... – murmurei, alisando seu ombro. Nunca fui muito bom de consolar mulher histérica, mas estava tentando ser legal. E muito curioso também, não nego.

– Eu não aguento mais viver com a Laura, Henrique. Ela não tem coração. Não tem alma... Não me ama, não se importa comigo... – choramingou com a voz distorcida, ainda com as mãos escondendo a face.

Congelei com aquela informação, mas ao mesmo tempo não me senti surpreso.

– É claro que ela te ama... Só se feriu demais para demonstrar – e eu nem soube dizer por que a defendi.

Jane negou com a cabeça.

– Não... Não ama. Ela não ama ninguém, nem a si mesma.

Engoli em seco. Eu sabia que a Laura se importava, tinha certeza absoluta. Porém a maldita era fria demais... Rígida em demasia quando se tratava da irmã. Aliás, quando se tratava de qualquer um.

– O que aconteceu com o seu namorado? – desviei um pouco do assunto. Não ia adiantar discutir sobre aquilo, eu não estava na pele da Jane para compreender até que ponto a Laura havia ido com ela ao longo dos anos.

– Ex-namorado... – corrigiu desesperadamente. – É uma longa história.

– Tenho todo tempo do mundo. Quero te ajudar, Jane.

Ela finalmente me olhou, meio contrariada. Demorou um pouco, mas foi narrando o acontecido. Jane e o namorado pretendiam fugir. Pelo que entendi, ele era maior e filhinho de papai, portanto tinha dinheiro. Segundo ela, o cara havia alugado um quartinho em uma espécie de pousada, no Centro da cidade, para que Jane pudesse ficar enquanto ele não concluísse a faculdade. Detalhe que o rapaz ainda estava no colegial, cursando o último ano junto com ela. Combinaram de se encontrar e partir na noite passada, durante a madrugada.

De alguma forma, Laura soube do local combinado – Jane disse que ela só podia ter lido o seu diário, visto que não tinha contado aquilo nem para sua melhor amiga – e apareceu antes da fuga. Fez Jane voltar para casa com o Jaime e ficou por lá, tendo uma “conversinha” com o tal de Luiz Fábio.

O namorado ligou para ela pela manhã, dizendo-lhe que as coisas não iam dar certo e terminando o relacionamento por telefone. O que ninguém sabia – e que Jane havia escondido até mesmo para o seu diário – era que ela estava esperando um filho

dele. Havia descoberto naquela semana através de um teste de farmácia, por isso não teve coragem de contar. Mal tinha assimilado ainda.

– Ele te deu algum motivo para o fim? – perguntei, sentindo-me sufocado. A história toda era uma grande merda.

– Disse que não me amava o bastante para aturar a louca da minha irmã. Que não ia dar certo, pois ele era muito novo para assumir um compromisso tão grande quanto aquele...

Argh. Debilóide. Devia ter pensado antes na idiotice que estava fazendo.

– Você disse a ele que estava grávida?

– Não... Não tive coragem.

Jane terminou de enxugar as infinitas lágrimas e apoiou a coluna no encosto do sofá.

– Vamos resolver isso. Eu mesmo vou falar com o cara, se me permitir.

Os olhos dela me encararam com um brilho diferente.

– Faria isso por mim?

– Claro, Jane. Quero te ajudar. Vamos conversar de homem para homem.

Jane soluçou alto. Começou a chorar com desespero, e eu não soube o que fazer. Apenas esperei, observando-a e pensando no quanto realmente queria ajudá-la.

– Nunca soube o que é ter um pai! – soltou um soluço profundo de pura dor. – Até agora...

Fiquei impressionado por ela ter me associado a uma figura paterna. Foi estranho, mas ao mesmo tempo uma honra. Tomei a responsabilidade para mim de forma natural, sem pressão. Não sei

explicar direito o que aconteceu, só que me senti diferente. Bem mais adulto, eu diria.

Saí da cadeira e me sentei no sofá, ao lado dela. Abracei-a, e Jane se apoiou no meu ombro.

– O que aconteceu com os seus pais, Jane? Laura nunca quis me contar...

Ela riu com desdém e bufou.

– Claro que não. Laura foge de tudo o que a derruba – suspirou. – Nascemos em uma comunidade muito pobre, Henrique. Eu cheguei ao mundo fora de hora, e meu pai nos deixou assim que soube que a nossa mãe estava grávida de mim. Não aguentou a pressão, pois já passavam fome só com a Laura, imagina com uma criança a mais? As coisas só tendiam a piorar. Nunca conheci o meu pai... Nunca...

A cada palavra que saía da sua boca, abraçava-a mais forte. Calculei mentalmente e cheguei à conclusão de que a Laura devia ter cerca de quinze anos quando a Jane nasceu e o pai abandonou o lar.

– Nossa mãe começou a usar drogas depois que eu nasci – prosseguiu. – Laura me disse um dia que ela teve depressão pós-parto. Eu não sei direito o que houve, eu era tão pequena... Só lembro de que foi a minha irmã quem me criou. Mamãe sempre batia nela, brigavam muito... Eu tinha tanto medo! – choramingou. – Assistia à tudo aquilo sem entender, e até hoje não entendo. Só sei que morava com a Laura, ela havia fugido de casa e me levado consigo. Acho que ficamos morando na mesma comunidade, por isso a minha mãe sempre aparecia para brigar. Parecia uma louca, toda descabelada e berrando na rua... Ai, Henrique, eu não sei. Não conheço a minha própria história! – desesperou-se.

Afaguei os seus cabelos volumosos e crespos. Eram legais de tocar.

– Shhh... Calma... – Estava tão nervoso que o fato de afagá-la não estava acalmando apenas ela, mas também a mim.

– Lembro que passava o dia todo em uma escolinha. Laura trabalhava e estudava, quase não tinha tempo... Mas mesmo assim ainda brincava comigo. Contava histórias para mim antes de dormir... Eu a chamava de mãe, porque era isso o que ela era. Ainda me lembro do modo como ria quando me levava ao parque aos domingos. Eu me lembro, Henrique – olhou-me intensamente. – Lembro de quando ela era feliz, mesmo sendo pobre e cheia de dificuldades. Mesmo me criando sozinha.

Assenti. Laura Diniz era mais do que uma guerreira. Eu sabia disso. Sempre soube.

– Ela tinha um namorado também – continuou, sua voz ficando mais séria. – Ele até que era legal, gostava de mim. Nós íamos para casa enorme dele em alguns fins de semana. Até hoje não sei o que aconteceu, mas o cara não era o que imaginávamos. Quando eu tinha dez anos, Laura simplesmente não foi me pegar na escola. Ninguém me dizia o que estava acontecendo... Fui jogada de volta para casa da minha mãe... Ela me batia tanto! – chorou alto. – Depois me colocaram em uma espécie de orfanato, sei lá. Era horrível! Eu só queria a minha irmã. Só queria a minha mãe de volta... Mas ela nunca voltou. Nunca. Até hoje eu a espero na porta da minha escola. E ela nunca vem, Henrique... Nunca!

Sei que eu era a pessoa que devia estar consolando, mas não consegui me manter imune a tanto sofrimento. Desisti de fingir que aquilo tudo não me abalava. Era triste demais. Forte demais para uma adolescente sensível como a Jane suportar sozinha. Era mais impressionante ainda manter tanta meiguice no olhar.

– Você sabe o que aconteceu com ela? – perguntei com a voz embargada.

Jane balançou a cabeça.

– Ninguém me contou. Laura passou alguns meses no hospital... Eu a visitei muitas vezes. Ela só recuperou a minha guarda quando saiu de lá. Moramos numa casa alugada enquanto a nossa não ficava pronta, mas Laura nunca mais foi a mesma. Não sei como ela arranjou o dinheiro da construção, acho que foi indenizada. Tenho certeza de que o Celso foi o culpado, mas não sei do paradeiro dele.

– Celso é o ex-namorado dela?

– Sim. Ele era podre de rico, nos ajudava muito financeiramente.

Só podia ser o ex-namorado dominador da Laura. Recordava-me daquele nome na matéria, estava marcado como o principal suspeito. Era o mesmo demônio que havia desgraçado a vida delas.

Olhei no relógio e constatei que já eram seis horas. Ignorei a hora extra e resolvi levar a Jane em casa de uma vez.

– Eu não quero ir pra casa – ela falou quando descíamos pelo elevador. – Laura vai me matar. Não estou brincando, Henrique.

– Não vou permitir. Estarei lá e conversaremos todos juntos.

– Jura? – seus olhinhos brilharam de novo.

– Uhum.

Quando chegamos à garagem, perguntei:

– Como conseguiu entrar na CMD?

– O porteiro viu minha identidade e confirmou que eu era irmã da Laura. Falei que era assunto de muita urgência, então liberou a minha passagem – Jane ficou calada por um tempinho enquanto andávamos até o meu carro. – Henrique... Como vou ter esse filho sozinha?

Encarei-a.



– Você não está sozinha, Jane.

Ela sorriu e me abraçou. Percebi, naquele instante, que estava mais perdido do que pude imaginar ou calcular.

# 16º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Foram vinte e dois dias de total reclusão. Não posso dizer que sofri em todos eles, pois no início cheguei a ingressar em um jogo cruel movido a desejo. Foi uma espécie de querer não querendo. Acabei me deixando levar, achando que seria apenas mais um momento de nervos à flor da pele. Eu gostava de sentir a mistura intensa que envolve medo, dor e prazer. O amor que sentia foi o bastante para me deixar submeter de novo, como uma verdadeira cadelinha de estimação.

Estava sofrendo com o fim do relacionamento. Morrendo de saudades... Implorando por beijos e pelos gestos mais marcantes que já tive na vida. Amei-o cegamente, achando que ele jamais me machucaria de verdade. Afinal, o cara havia me mostrado prazeres que sequer pude imaginar que existiam. Foi o meu primeiro amor, meu primeiro homem, meu primeiro tudo... Devia muito a ele, e o fato de estar em uma posição inferior, por ser negra, mulher, pobre e completamente apaixonada, aceitava tudo. Tudo. Confiava porque sabia que explodiria de deleite no final.

Mesmo amando tanto o Celso – não consigo recordar do seu nome sem me sentir um pedaço de nada –, sempre quis ser alguém. Sempre desejei sentir orgulho de mim mesma, de conquistar cada centavo com o suor do meu trabalho e obter o respeito das pessoas.

Lembro-me de quando olhava, pelas janelas dos ônibus, os prédios da cidade. Passava um tempão imaginando como eles haviam sido construídos. As casas me encantavam. As pontes, ruas e viadutos me chamavam atenção. Foi aos dezesseis anos que o sonho de ser arquiteta preencheu a minha vida. O problema era não ter condição alguma de sequer pensar em fazer faculdade. Só me

lembrava de que precisava trabalhar duro para tentar levar alguma comida – que a minha mãe não levava desde que o meu pai foi embora e nunca mais voltou – para casa.

Nunca deixei de estudar, apesar de tudo. Por mais dificuldades que passássemos. Às vezes o meu único alimento no dia era a merenda escolar que comia na Escola Municipal da comunidade onde nasci. Mais tarde, passei a saborear também o lanchinho que serviam no ginásio onde praticava a ginástica. Lembro-me de como cada pedaço de comida era bem-vinda. Naquela época eu rezava. Acreditava em Deus e agradecia pelo pouco que tinha, pois sem aquele pouco eu não teria forças para correr atrás do muito que sempre lutei para ter.

Comecei a revender AVON e outros produtos de beleza, bem como correntes de ouro e algumas peças de roupas trazidas de uma fábrica no interior do estado. Vendia até bem, sempre fui uma mulher convincente. Conseguia tirar uma graninha legal, que ia quase toda para a Jane: leite, fraldas, medicamentos, brinquedos e o hotelzinho, onde a matriculei porque não confiava em deixá-la com a mamãe. Não se confia um bebê a uma drogada.

Trabalhava duro para que ela tivesse tudo o que não tive. Esse dinheiro foi aumentando mediante ganhava mais clientes na comunidade. Todo mundo me conhecia e procurava pelos meus produtos. Foi então que, decidida a não ser mais abalada pela louca – ela me batia, gritava e era uma agonia só –, resolvi alugar uma casinha simples com a ajuda de uma vizinha. Ela sabia das brigas com a mamãe – o quarteirão inteiro ouvia, afinal – e me apoiava quando eu dizia que não queria ir parar nas mãos da assistência social.

Claro que levei Jane comigo. Começamos assim: duas garotas de menor morando em uma casa de dois cômodos. Ninguém nos denunciou, nem mesmo a mamãe. Estava tão fora de si que nem se lembrou de que existiam as leis, e que elas, naquele caso, estavam contra mim. Continuei trabalhando e estudando até que concluí o

último ano. Estava pronta para arranjar um emprego fixo, com carteira assinada e tudo. Teria independência suficiente para brigar pela guarda da Jane. Finalmente pararia de andar assustada, morrendo de medo de que alguém a tirasse de mim a qualquer momento.

A ideia do vestibular veio de uma professora de Matemática. Contei-lhe sobre a minha vontade de ser arquiteta, e ela me apoiou muito, alegando que eu era ótima em cálculo. Eu não me via numa faculdade tão cedo, muito menos em uma pública, que é bem mais difícil de passar.

Acabei me inscrevendo gratuitamente para o curso de arquitetura, mas sem esperanças, mesmo usando a cota para negros, que, por sinal, não passa de uma merda de preconceito para com uma raça que já se cansou de ser humilhada. Não quero entrar na polêmica, mas o fato de existir uma cota para negros significa que eles são menos capazes do que uma pessoa branca. Tipo uma espécie de cota para deficientes. Por exemplo, eu tinha uma amiga branca que morava na comunidade. Estudávamos na mesma escola, e ela queria muito fazer faculdade, mesmo passando pelas mesmas dificuldades que eu. A coitada não entrou usando cota alguma e, pelo que sei, até hoje trabalha como servente em um supermercado do bairro. O que quero dizer é que, negro ou branco, as pessoas não são incapazes. O governo que não é capaz de oferecer escola pública de qualidade para os pobres como eu fui.

Para a minha surpresa, passei logo de cara. Foi uma felicidade enorme, talvez a maior que já senti. Junto com esta vitória, veio a maioria e a minha luta para conquistar a guarda da Jane. Fiz tudo certo. Foi um processo demorado e quase a perdi, mas enfim provei que era capaz de cuidar dela. Continuei revendendo produtos, que graças a Deus prosseguiram saindo bem. Mais tarde, já na faculdade, fiz alguns estágios remunerados – não podia me dar o luxo de ficar sem ganhar meu dinheiro – em construtoras desconhecidas.

Foi na faculdade que o conheci. Ele era o meu professor de Metodologia da Pesquisa, matéria que tive no segundo período. Celso era um homem lindo. Todas as alunas eram vidradas no cara: alto, costas largas, cabelos pretos com muito gel e um sorriso Colgate de tirar o fôlego. Ele não era um professor muito flexível, era exigente e controlador. Mas adorava o meu comprometimento. Sempre fiz questão de ser a melhor aluna da classe, as minhas notas eram altíssimas. Não foi em vão que fui laureada no fim do curso, fazendo alguns colegas da época me chamarem de “Laura laureada” por algum tempo. Bom... Só eu sei o que passei para ser a melhor.

Um belo dia, Celso me chamou para escrevermos um artigo científico juntos. Eu fiquei muito lisonjeada com a escolha, quase não pude me conter de alegria. Estava no quinto período e com vinte anos de idade. A disciplina com o Celso já havia passado há muito tempo, mas sequer cheguei a estranhar seu interesse. Ele era tão sexy, inteligente e... Seduzia apenas com um sorriso. Hoje, envergonho-me de admitir que nos agarramos em seu escritório no primeiro dia em que nos reunimos para montar o projeto. Foi a minha primeira vez, aliás.

Celso tinha trinta e dois anos na época, solteiro e herdeiro de uma fortuna. Só trabalhava como professor por pura vocação – ele amava mesmo o que fazia –, pois não precisava do dinheiro. Começamos um relacionamento muito conturbado. No começo foi só sexo. Eu era tão nova! Não conhecia nada, uma virgenzinha aprendendo a gozar como se deve. Aquele homem foi despertando o meu lado mulher aos poucos, até que o nosso sexo foi se tornando cada vez mais agressivo. E o pior de tudo era que eu gostava.

O dia em que me apresentou ao seu quarto BDSM foi assustador. Lembro-me de ter sentido um pavor absurdo, mas o cara era um conquistador muito convincente. Prometeu-me céus e terras e, durante muito tempo, cumpriu tudo. Assumiu o nosso

relacionamento – que não foi bem visto na faculdade, mas éramos tão discretos que passamos quase despercebidos.

O meu mundo mudou totalmente. Celso conquistou o controle da minha própria vida. Parei de trabalhar, pois ele pagava todas as minhas contas e as despesas da Jane. Cuidava de mim como ninguém havia feito em toda a minha trajetória. Eu me sentia protegida e gostava, entrei em um estado confortável que me fez relaxar. Deixou-me cega.

Terminei a faculdade aos trancos e barrancos, tudo porque o Celso começou a implicar com os meus estudos. Discutíamos feio toda vez que o assunto era abordado. Seu ciúme doentio não queria permitir que eu prestasse atenção em nada além dele. Era castigada toda vez que demorava a chegar da faculdade por causa de eventuais atividades. No princípio não me incomodei. Sentia um medo apavorante, mas temer nunca foi tão prazeroso.

Quando concluí o ensino superior a palavra mestrado se tornou proibida. Eu não podia nem pensar em continuar estudando ou trabalhando. Celso logo tratou de nos mudar para a sua casa enorme: Jane e eu moramos lá por alguns meses até que me senti vigiada e sufocada. Inscrevi-me num mestrado às escondidas e voltei a morar na comunidade. Ficava alegando que só sairia de lá casada, pois era uma mulher de respeito e queria dar bons exemplos a Jane. Tudo balela. Os momentos com ele eram incríveis, mas, com o tempo, fui percebendo que o idiota só estava me atrasando.

Eu não havia lutado tanto para nada. Ficar presa em uma casa esperando os dias passarem era demais para mim. Simplesmente me cansei. O amor não acabou, mas, aos vinte e cinco, tratei de terminar o relacionamento. A gota d'água foi o duro castigo que recebi quando Celso descobriu que eu estava no mestrado. Chegou a me trancar e tudo. Fez alguns de seus seguranças me vigiarem na porta da minha casa, um verdadeiro inferno.

A situação durou apenas um mês, pois não suportei tanto controle. Chegou um momento em que todos os luxos aos quais tinha direito não valiam mais a pena. Estava decidida a esquecê-lo, concluir o mestrado, arrumar um emprego bom e voltar a me dedicar somente a Jane. Nada de namorados dominadores.

As consequências do término foram fatais. Não vou me repetir. Foi terrível, horripilante... Não tenho adjetivos suficientes. Celso foi um covarde, um monstro da pior espécie. Nunca pensei que pudesse fazer aquilo comigo... O maldito queria me matar, e tentou por muitos dias. Meu alimento em cativeiro era pão e água, afinal, ele não queria me matar de fome ou sede, mas de foda. Descobriu tarde demais que eu era muito resistente.

Foi então que teve a grande ideia de me tirar do quarto BDSM e de me levar a uma casa escura e nojenta. O maldito já havia se cansado de me foder, por isso começou a trazer amigos. E mais amigos. E tantos amigos que não sei calcular. Claro, não fez sentido algum. Se gostava tanto de mim, porque me dividir com outras pessoas? Sua obsessão não conhecia limites.

O monstro só me deixou em paz quando comecei a sangrar sem pausas. Sabia que eu ia morrer e vinha todos os dias me dar adeus e me oferecer comida e água, que comecei a rejeitar para ver se morria mais rápido. Pedi a morte mais de mil vezes e, quando finalmente apaguei, foi com muita surpresa que acordei em um quarto de hospital. Mas eu estava transformada. Não era a mesma Laura. Nunca mais seria. Foi o meu primeiro juramento.

O segundo foi que jamais deixaria um homem me dizer o que fazer.

O terceiro foi nunca parar de estudar. Por nada e nem ninguém.

O quarto foi nunca, jamais, me apaixonar ou voltar a confiar em uma pessoa.

Há de se esperar que os culpados mofassem na cadeia. Ledo engano. A maioria foi encoberta pelo dinheiro do Celso; nem metade dos caras que me violentou foi localizada. E nem eu mesma conseguia identificá-los. Alguns poucos estão presos até hoje, mas o principal, o Celso, passou três anos na prisão depois de me indenizar com uma pequena fortuna, que usei para construir a minha casa dos sonhos.

Sei que ele está solto por aí – felizmente perdeu o seu cargo de professor, foi um escândalo –, em algum lugar do mundo. Às vezes acho que um dia vai me procurar para concluir o que deixou em aberto, se bem que seria burrice demais da parte dele. Foi muita sorte terem me encontrado, afinal. A polícia juntou alguns vestígios, mas só porque o suspeito era rico. Se não fosse, eu provavelmente teria morrido e depois saído naquelas matérias de jornais que só falta sair sangue se alguém as espremer.

Bom... O que estou tentando dizer é que, depois de tudo o que passei, o que mais me dói é o fato de ter perdido o órgão que faz toda mulher ser uma mulher de verdade. Sempre quis ser mãe, era um sonho antigo. Quando descobri que não podia mais, percebi que me permitiria ser violentada do mesmo jeito, tudo de novo, se isso me fizesse ter o meu útero de volta. Sabia que nada o traria. Então fiz a minha quinta e última promessa: esqueceria de vez a ideia de ser mãe. E foi deste modo que me esqueci de que já era mãe há muito tempo.

Kátia estava surpresa com a minha performance. Não havia perdido um treino de ginástica durante toda a semana. Teria enlouquecido se não descontasse a minha raiva em alguma coisa, e não queria descontar no Jaime. Primeiro porque ele não estava muito feliz depois do que aconteceu no pub. Não que tenha me dito alguma coisa, eu simplesmente sei. Segundo porque ainda mantinha a promessa que fiz de não ter relações com ele até a escolha da presidência, mesmo que, àquela altura, todas as promessas estivessem anuladas. Não me sentia uma idiota por



causa disso, pelo contrário. Tinha orgulho de mim mesma, pois não descumpro nada que prometo, diferentemente de certas pessoas.

– Laura, você é incrível! – gritou Kátia quando concluí com um salto bem finalizado. A música acabou no exato momento, seguindo uma sincronia perfeita. – Por favor, precisa se apresentar no campeonato! Só tenho até a semana que vem para te inscrever... Isso porque estou ajudando na organização, pois as inscrições normais já foram encerradas há muito tempo! Não sei mais como te convencer...

Minha respiração ofegante não permitiu que respondesse de imediato. Ainda bem, do contrário teria sido grossa logo de cara. Saí da posição e tirei um lado do meu maiô preto que havia entrado na minha bunda depois do último salto. Decidi ficar calada.

Saí do estrado e fui caminhando na direção das minhas coisas. Já era tarde, hora de encarar o mundo e parar de fingir que tudo estava em seu devido lugar.

– Vamos lá, dos Santos! Diga que sim! – Kátia desligou o som e berrou, correndo até mim antes que eu fosse embora.

– Certo... – me vi murmurando. Arrependime na mesma hora. Na verdade estava tão exausta que só queria que ela calasse a boca de uma vez.

Tinha muitos pepinos para descascar quando chegasse a minha casa, e não fazia a mínima ideia de como iria descarregar tantas energias conturbadas. Não ia dar para lidar com aquilo. Ainda não acreditava em como a Jane podia ser tão burra. Tão... inconsequente.

Toda vez que me lembrava daquilo era difícil não deixar que lágrimas embaçassem a minha visão. Por isso foi com lágrimas nos olhos que vesti uma calça preta saruel de malha e sandálias rasteiras. Pensei em tomar um banho no vestiário, mas desisti. Era melhor acabar logo com a agonia: chega de atrasar a minha volta para casa.

– É sério? – Kátia gritou, abrindo um sorriso nada condizente com o meu humor. – Não brinca, Laura! Vou te inscrever amanhã mesmo.

– Como preferir – falei sem dar muita atenção. – Mas se eu passar vergonha juro que ponho a culpa em você.

– Aaaaaaaaah! – berrou como uma maníaca e me abraçou sem jeito. Uma lágrima escorreu com o movimento. A minha treinadora viu e ficou preocupada: – Aconteceu alguma coisa?

Enxuguei o meu rosto com as costas das mãos. Aquiesci com a cabeça, incapaz de falar. Tratei de ir embora de uma vez, quase não dando tempo de dizer “até mais” para Kátia. Eu estava ficando louca...

Jaime não conversou muito durante o trajeto. Pudera, mandei logo que ficasse de bico calado. A nossa missão de recuperar a Jane na noite passada deu certo – encontramos o casal de antas em uma praça conhecida –, menos por um detalhe: ela permaneceria viva se tivesse fugido. Sério, eu estava com vontade de matá-la. Não sabia que tipo de animal eu iria encarnar quando olhasse para cara feia dela de novo, só sabia dizer que seria um bem feroz e pronto para atacar.

Meu alerta piscou mil vezes por segundo quando vi o carro do Henrique Farias na frente da minha casa. Sabia que era o dele, tinha certeza. Só me bastava imaginar o que raios estava fazendo ali sozinho com a Jane durante tanto tempo.

– O que o Henrique Farias está fazendo na minha casa? – perguntei mais a mim do que ao Jaime, mas ele respondeu mesmo assim.

– Veio com a Jane mais cedo – disse baixinho, esperando os portões eletrônicos se abrirem.

– Não o impediu?

– Não, Senhora.

– Por quê?

Jaime suspirou alto.

– Não sabia quais eram as suas ordens e, sinceramente, não quis me envolver nisso.

Fiquei um segundo parada, olhando-o atentamente pelo retrovisor. Fazia uma cara feia e séria. O mais legal é que ficava ainda mais lindo daquele jeito. A minha vontade de lhe morder os lábios se intensificava quando ele os apertava.

– Devia ter me ligado...

– A senhora não atendeu.

Claro que não. Deixei o meu celular na caixa postal assim que Henrique saiu da nossa sala, levando a Jane consigo. Sim, admito, fugi daquele problema como o capeta foge da cruz. E continuaria fugindo se não ficasse me julgando uma covarde. Meu autojulgamento às vezes me irrita.

– Certo.

Eu estava com tanto ódio do Henrique que tudo o que menos queria era olhar para cara dele. Já bastava ter que passar a semana inteira tentando ignorá-lo e não ficar pensando naquele ridículo fim de semana em que ele finalmente tirou a minha roupa e tudo começou a dar errado entre nós. Não que tivéssemos começado do modo correto, mas estávamos nos dando relativamente bem até que dormimos juntos.

Decepcionante.

Mal entramos na garagem e eu desci do carro sem mais nada dizer, cruzando o jardim quase correndo. Abri a porta da sala e entrei como um foguete. O animal começava a crescer dentro de mim, dali a pouco colocaria as presas para fora. Se alguém corresse eu pegava, se ficasse eu comia.

– Jane? – gritei raivosamente.

Para a minha surpresa, encontrei-a na sala, sentada no sofá com a cabeça baixa. Henrique Farias também estava sentado, mas cara a cara com o Luiz Fábio, que por sua vez estava em uma das poltronas individuais.

– O que este filho da puta está fazendo aqui? – rosnei.

Henrique ergueu as mãos.

– Só quero ajudar, Laura...

– Você não, o outro filho da puta – aponte para o Luiz Fábio. O filhinho de papai desprezível fazia cara de sonso. E nem teve a coragem de olhar para mim. Covarde de uma figa!

Na noite anterior, teve a audácia de dizer que só estava fugindo com a Jane por minha causa. Disse que a minha irmã nunca o deixaria em paz se permanecesse morando comigo. Pode uma coisa dessas? Claro que coloquei o idiota pra correr. Fiz tantas ameaças que ele correu mesmo. A pior delas, e a mais simples, foi contar tudo para os seus pais. O imbecil deu uma ré gigantesca depois desta.

Eu só não sabia que a burralda chamada Rejane Diniz estava grávida.

Uma coisa ruim subiu à minha cabeça e saí pisando duro pela sala. Meu olhar ardia como pimenta, acho que por causa do ódio latente. Antes de chegar até o Luiz, no entanto, Henrique se levantou e colocou toda a sua altura na minha frente. Só então entendi que queria matar o Luiz, pois avancei ruidosamente, com os braços erguidos e os dentes para fora.

Henrique me segurou no último instante.

– Laura... Pare!

– Solte-me, idiota!

– Se acalme – prendeu os meus braços e se curvou, encostando a boca no meu ouvido. Sussurrou: – Pare com isso, Jane precisa de você. A hora é agora.

– A hora de você ir embora é agora! – devolvi-lhe em voz baixa.

Henrique me chacoalhou. A minha sala de estar girou por alguns segundos antes de se estabilizar. Tirei meus olhos do Luiz e percebi que Jane estava muito quieta, olhando para o chão e com lágrimas nos olhos.

– Ela precisa mesmo de você – Henrique segurou o meu queixo, fazendo-me olhá-lo.

Passei um segundo perdida no azul de seus olhos, e depois parei de tentar me libertar. Suspirei fundo. Acabei inspirando o seu cheiro de perto. Droga! Senti uma nostalgia horrorosa.

– Jane, vamos conversar lá em cima – chamei. Henrique não me soltou, continuou me encarando com muita curiosidade.

A minha irmã nada respondeu. Sequer se mexeu.

– Luiz Fábio, se não quer mais nada com ela... Vá embora agora e não volte NUNCA MAIS! – comecei tentando ficar calma, mas gritei no final. Henrique uniu o seu corpo ao meu num meio abraço.

O idiota do Luiz teve a audácia de se levantar da poltrona. Ele realmente ia embora. Sério! Aquela ameba acéfala era exatamente quem eu achava que era. Meu alarme interno nunca falha. Nunca. Quando não vou com a cara de alguém... Sempre estou certa.

Rosnei alto, indignada, e Henrique me soltou devagar. Assim que me vi livre, voei em cima do otário. Cheguei logo dando um murro no nariz dele, perto da boca. Usei muita força. Até senti um estalido entre os meus dedos.

O cara nem esperava pelo golpe, por isso o levou em cheio. Gritou de dor e quase caiu para trás.

– Sua louca!

Naquele instante, alguém entrou na sala. Era o Jaime, que logo correu até mim, fuzilando o Henrique com um olhar ameaçador. Percebi que o Luiz sangrava, mas não me intimidei. Puxei o seu braço com força, rumo à porta.

A atenção do Jaime foi desviada, agora me olhava sem entender.

– Jaime, jogue este maldito na primeira lata de lixo que encontrar na rua! – gritei.

Senti as mãos do Henrique me puxando de novo quando percebi que eu ia dar um chute no Luiz quando este foi devidamente imobilizado pelo Jaime. Gemi de frustração, mas não tentei me libertar. Em vez disso, tentei me sentir melhor com o sangue dele saindo freneticamente por meio do narizinho empinado.

Em dois tempos Jaime sumiu com o sujeito.

– Eu te falei! – gritei, voltando-me para Jane. – Ele só queria te comer! Burra! Você é uma jumenta!

Jane continuou do mesmo jeito.

– Laura... Laura, pare. Não piore – Henrique era muito intrometido.

– Agora vai criar um filho sem pai! Muito bonito para sua cara. Lindo! Acha que uma mimadinha como você consegue? DUVIDO.

– Não vou criar um filho sem pai – Jane sussurrou entre lágrimas, com a cabeça ainda voltada para o chão. – Tenho os meus direitos. Tenho como provar que ele é o pai.

Bufei, morrendo de ódio.

– Provar pra quê? Antes só do que mal acompanhada. Você não precisa mendigar nada para ninguém.

– Ele só está nervoso...

Rosnei alto. Tentei me libertar dos braços do Henrique, mas ele ainda me segurava forte.

– *Eu* que estou nervosa! O máximo que esse cara vai te dar é uma merreca no fim do mês e um cartão de aniversário para o filho. Não se iluda, meu bem! Ele vai continuar estudando, curtindo a vida e fodendo idiotas como você. Já a sua situação é muito diferente... Vai deixar de curtir a sua juventude, vai passar noites em claro, morrer de dor e trabalhar duro para sustentar uma criança, abrindo mão de todos os seus sonhos. É isso o que te resta, Jane!

Ela apoiou o rosto entre os dedos.

– Eu vou ajudar, está bem? – Henrique falou, ainda me segurando duro. Era impossível sair de seus braços, porém eu tentava mesmo assim.

Fuzilei-o com os olhos.

– Você? O que vai fazer? Limpar cocô? Poupe-me, Henrique. Isso requer que passe pelo menos nove meses na minha vida, e não quero te ver nem por nove segundos. Nada disso aqui é problema seu! Suma desta casa!

Ele ficou calado, só me olhando com raiva. Virei-me na direção da Jane e continuei:

– O que vai fazer? Você nem terminou o ensino médio!

– Eu não sei – ela choramingou.

– Pois trate de saber!

Jane soltou um soluço prolongado.

– VOU TIRAR ESSA CRIANÇA – berrou alto e desesperadamente. – VOU ARRANCÁ-LA DE MIM ANTES QUE NASÇA.

Por incrível que pareça, emudeci. Henrique me soltou um braço, mas foi só para alisar o meu queixo. Olhei para Jane e não enxerguei nada. Nenhuma palavra parecia fazer sentido. O que falou foi como uma facada bem no meio da minha testa.

Ela continuou chorando com desespero. Seus soluços eram profundos. Levantei o rosto para olhar o Henrique: ele balançou a cabeça em negativa e finalmente me soltou. Não me mexi. Permaneci cara a cara com ele, até que os meus braços envolveram a sua cintura num pulo.

Resultado: comecei a chorar silenciosamente, com o rosto enterrado na camisa dele. Um cenário estúpido, lamentável. Vergonhoso.

– Laura... – ouvi sua voz sussurrante. O idiota, então, envolveu os braços enormes ao redor do meu corpo. Sentime tão protegida que me incomodei de verdade. – Você precisa apoiá-la...

Balancei a cabeça. Era difícil demais definir o que estava sentindo. Só sabia de uma coisa: Jane não podia abortar aquela criança. Não era justo. Não era justo com ela, podia ser perigoso e talvez perdesse a capacidade de ter filhos. Não era justo com a criança, que nada tinha a ver com a irresponsabilidade dos outros. E não era justo comigo, que sempre quis ter um bebê e nunca poderia ter um.

Afastei-me do Henrique depressa. Ele se assustou com meu movimento, mas fui rápida. Até eu fiquei assustada com as minhas reações. Mal sabia o que queria. Sentime perdida durante os segundos que levei para respirar fundo e me sentar no sofá ao lado da Jane.

Puxei a cabeça dela como se fosse uma bola de basquete: totalmente sem cuidado e de modo chacoalhante. Jane veio no



impulso, apoiando-se em mim. Continuou chorando, mas começou a uivar quando cruzou os braços em volta da minha cintura. Afundei o meu rosto em seu cabelo cheio e chorei. Só consegui chorar.

Fazia muito tempo que não a abraçava. Aliás, fazia tempo que sequer tocava nela.

– Eu sou tão burra! – gemeu.

– É! – gemi também. – Você não vai tirar este bebê! Está me ouvindo? Não vai! – reclamei entre lágrimas e murmúrios.

– O que vou fazer? A minha vida acabou! Você já fez isso antes, mas eu não... Não sei nada sobre ser mãe!

O cabelo dela começou a pinicar o meu nariz, por isso levantei a cabeça. Achei o Henrique sentado no sofá da frente, observando-nos com seriedade. Ele aquiesceu e sinalizou na direção da Jane.

– Eu consegui te criar com quase nada... Não vai ser tão difícil quanto parece...

– Mas eu não sei!

– Aprende. Eu... eu... eu... – gaguejei como uma tonta. Olhei o Henrique de novo, e ele tornou a sinalizar. – Te ensino – falei baixinho. – Posso...

Jane ergueu a cabeça, olhando-me de perto. Entre lágrimas, fez uma careta.

– Posso dar tudo o que vocês precisarem. Eu tenho dinheiro. Mas você precisa trabalhar e estudar, Jane, nada de moleza – afastei-me dela e enxuguei as lágrimas. Minha voz foi voltando ao normal aos poucos. – Esta casa é espaçosa. Precisa arrumar o seu quarto. E precisa ir ao médico, vou marcar uma consulta ainda para esta semana... Vamos juntas. Ainda bem que está no fim do ano letivo... Já está sentindo enjoos?

Jane ainda me olhava, mas a careta deu lugar a um sorriso.

– Obrigada... – sussurrou. – Obrigada, mãe.

Meu corpo congelou. Abri a boca involuntariamente.

– O... O que disse? – a voz quase não saiu.

– Mãe... – Jane soltou a minha cintura, mas envolveu o meu pescoço. Praticamente se atirou em mim. – Você sempre foi a minha mãe, Laura!

Prendi os lábios. Senti algo desabando dentro de mim, mas a sensação não era tão ruim.

– Ah, não... – sorri. Olhei o Henrique, e ele fazia uma carinha fofa com meio sorriso. Nem sei por que, mas sorri ainda mais amplamente. – Vou ser avó?

Jane riu e me abraçou.

– Que bom que voltou! Eu sabia... Sabia que não devia perder a esperança... Sabia que voltaria para mim...

Eu não entendia sobre o quê ela estava falando, porém a abracei assim mesmo, fechando os olhos. Descobri que sentia falta dela. E é estranho demais sentir falta de alguém que sempre esteve por perto. Naquele instante, percebi que Jane corria atrás de mim incansavelmente enquanto eu só fazia me distanciar. O encontro só foi possível porque eu olhei para trás e parei de correr por um segundo.

Um sentimento acolhedor me acometeu. Desde a desgraça que aconteceu na minha vida, nunca me senti tão amada. Tão esperada e querida. Senti que fazia parte de uma família, de um laço de amor inquebrável. Jane era a minha família, tudo o que eu tinha naquele mundo. E a criança em seu ventre era a nova integrante, só havia chegado para alegrar as nossas vidas. Para trazer aquela esperança que Jane havia cultivado.

Sentime uma boba por nunca ter regado aquela planta.

Abri os olhos e desfiz o nosso abraço. Encarei a Jane de perto e, depois de que me lembrei do que era sentir amor, prometi a mim mesma que nunca mais abriria mão da minha família de novo.

– Eu vou cuidar de você, filha... – murmurei, e tantas lágrimas desceram pelo meu rosto que conseguiram chegar até a parte de cima do meu maiô, lambuzando tudo por ali. – É uma promessa.

Ela sorriu.

Sabia que devia pedir desculpas por tantos anos de exílio particular, mas naquele momento só queria esquecer o que passou. Jane havia se machucado muito, e eu também – só agora percebia o quanto me machucava estar longe dela –, porém aproveitaria cada instante daquela coisa boa que invadiu o meu peito, pois a qualquer momento poderia perdê-la. Não sabia até que ponto duraria. Tornei-me uma pessoa muito complicada de lidar.

Olhei de soslaio para o Henrique. Depois, visualizei o relógio de parede. Era quase meia-noite.

– Agora vá descansar – falei. – Durma bem e se acalme. Amanhã vou conversar com os pais do canalha.

Jane entristeceu de um segundo para o outro.

– Não se preocupe – sorri e continuei. – Falo sério quando digo que uma mulher não precisa de um homem para nada. Só vou fazer isso porque não é justo deixá-lo livre dessa situação. Luiz vai ter que aprender a ser homem custe o que custar. Você vai ver, vou fazer da vida dele um inferno. – Ela sorriu um pouquinho, mas continuou receosa e triste. – Agora vá, preciso enxotar o Henrique com calma.

– Não o enxote... – Jane se levantou devagar e pulou no colo dele como se fossem muito íntimos. Fiz uma careta. – Obrigada! É sério, Henrique... Valeu mesmo!

Ele estava espantado com o gesto, mas logo se recuperou e se levantou devagar, afastando-a um pouco. Depois, voltou a abraçá-la forte.

– Relaxa. E vê se descansa mesmo...

– Tá bom!

Jane esticou o pescoço e ficou na ponta do pé, mas só conseguiu beijar a bochecha do Henrique quando ele se inclinou depois que viu o seu esforço. Ela olhou para mim ainda sorrindo e correu até as escadas, saltitando como a garotinha de anos atrás. A sensação de nostalgia foi quase insuportável.

Respirei profundamente antes de me levantar do sofá. Foi de propósito que demorei a erguer os meus olhos na direção dele. Estava adiando o inadiável.

– Certo... Obrigada – falei, calculando bem o meu tom de voz.  
– Você estava certo e eu sou uma idiota. Não devia ter tratado a Jane tão mal durante tantos anos... Estava descontando a minha tristeza nela, e isso não se faz. Estou arrependida. Pronto, satisfeito?

Henrique ficou me olhando por longos segundos. Inclinou a cabeça de leve como que para me observar melhor.

– Não. Não estou satisfeito... – Puxou-me pela cintura e avançou na direção da minha boca na maior velocidade.

Sua língua encontrou a minha em um choque fantástico. Quando menos percebi, estava deitada no sofá com aquele homem enorme me beijando avidamente. Queria tomar de mim algo que eu não entendia, mas tentava oferecer. Sentia-me tão grata que simplesmente me permiti. A gratidão é mesmo um sentimento perigoso. Devia tomar cuidado com ela, mas sei que havia uma lista imensa que ia bem além da gratidão: o desejo, a vontade, a saudade, a espera incansável que tinha sido aquela semana...

Enquanto o beijava com selvageria, percebia o tamanho da falta que ele tinha me feito. Perigoso. Muito perigoso... Estava ficando louca. A pior parte foi ter que esperar até meia-noite, todos os dias, por uma ligação do imbecil. Aquilo era golpe muito baixo!

Desviei o meu rosto para tomar fôlego. Estava quase morrendo ali no sofá, mas não pensava em parar por nada. Foi o meu corpo que reagiu involuntariamente, buscando um ar que me fazia menos falta do que o corpo dele contra o meu.

Aproveitei a chance para murmurar:

– Juro que não sabia que não era você... Eu juro, Henrique!

Ele encontrou os meus lábios, prosseguindo com o beijo ardente.

– Eu sei... – falou sem nos afastar. Foi muito doido. – Sou orgulhoso demais! Desculpa... Devia ter te dado uma chance de se explicar.

Beijamo-nos com ainda mais vontade. Desci as minhas mãos e fui desabotoando a sua camisa social. Despi-o rapidamente e explorei o seu tórax com as minhas unhas.

– Seu orgulho é uma merda! – rosnei.

– É! – confirmou e voltou a me beijar como louco. Puxei-lhe os cabelos e abri as minhas pernas ao redor da sua cintura. Eu estava de maiô e calça saruel enquanto Henrique ainda trajava a calça social do trabalho. – Quase enlouqueci de saudade...

Foi explorando o meu pescoço enquanto apalpava os meus seios por cima do maiô.

– Henrique... – suspirei. Comecei a tremer bastante, mas o clima estava quente. Apoiei as minhas mãos no seu peitoral e o empurrei com força. – Saia... É sério.

– Por quê? – parou e me olhou com desejo evidente. – Quero você agora, Laura. Quero te foder todinha... Por favor. Não aguento mais te ignorar.

– Tenho que te dizer uma coisa antes.

Henrique franziu a testa. Ergui-me com dificuldade e a beijei usando mais lábios do que o necessário. Confesso: adorava aquela testa franzida de menino perdido. Mesmo.

Ele se levantou e voltou a sentar no sofá. Sentei também, mas de um modo bem mais à vontade.

– Fala logo, quero te comer no sofá.

– Espera, o que tenho pra dizer é sério. Você precisa confiar em mim, Henrique.

Aprumou-se no sofá e fez uma cara feia. Sabia que viria bomba, por isso decidi falar tudo de uma vez. Sem enrolação.

– Eu ia deixar que acontecesse, mas depois do que fez por mim hoje... Não pude. Estou muito grata, Henrique, você me devolveu a Jane. Se não estivesse aqui... Tudo teria dado errado, jamais teria... – balancei a cabeça. – Enfim, você sabe.

Parei por alguns segundos.

– O que quer dizer?

Suspirei.

– Os seus cálculos. Você se esqueceu de incluir um documento que o Breno te passou na terça-feira e tudo ficou errado. Precisa refazer do começo. – Ele ficou muito sério e totalmente desconfiado. – Eu ia deixar que se fodesse sozinho... Ia mesmo.

Henrique se levantou. Não gostei nada da sua expressão zangada. Caminhou lentamente até uma cortina branca esvoaçante, balançando-a de leve. Deu as costas para mim e falou:

– Acho que entendi. Semana que vem a presidência vai monitorar o que já fizemos até então... Você ia permitir que a minha parte continuasse errada para que eu me prejudicasse. Certo?

Abaixei a cabeça no impulso. Depois a ergui e encarei o teto. Permaneci muda.

– É isso? Responda-me, Laura.

– Sim – arfei. – É isso.

– Era essa a sua vingança?

– Nem precisei fazer nada. Jamais faria, Henrique, você sabe.

– Não sei de nada. Pensei que fôssemos uma espécie de equipe.

Fiquei imediatamente indignada. Levantei-me depressa.

– Equipe? Por favor, não me venha com essa! Me fodi naquela prova, e a culpa foi toda sua!

– Minha? – Henrique finalmente se virou e me encarou. – Eu estudei. Você não. A culpa é minha?

Argh! Agora sim estava tremendo de ódio.

– Sua! – aponte para ele.

Um momento de lucidez me fez entender que aquilo tudo fazia parte do jogo do Henrique. Um motivo qualquer para sentir raiva de mim... A quase-declaração... As ligações sempre à meia-noite eram intencionais, pois sabia que eu sentiria falta quando deixasse de realizá-las... Prejudicar-me no trabalho e ainda se sair como o santinho... Tudo. Exatamente tudo havia sido friamente calculado com o intuito de foder com a minha vida.

De repente, senti lágrimas escorrerem pelo meu rosto. Abri a boca e balancei a cabeça.

– Você é tão cretino... – murmurei. – Saia da minha casa!

– Eu sou o cretino? – rosnou, aproximando-se demais para o meu gosto. – Laura, você ia me prejudicar! De propósito!

– Você me prejudicou de propósito! – gritei.

Ele passou as mãos pelos cabelos e olhou para além de mim. Franziu a testa e deu um passo para trás. Achei a sua atitude muito estranha, e acabei me virando na direção de onde ele olhava. Jaime estava na porta com cara de poucos amigos.

– Aguardando ordens, Senhora – falou com a voz comedida.

Henrique bufou.

– Cara... Vai se tratar! Você é um doente, só pode! Quer uma ordem? Ótimo. Vá embora daqui e deixe a Laura em paz!

Jaime olhou para mim e esperou apenas dois segundos. Contei mentalmente. Não conseguir falar nada naquele meio tempo, por isso simplesmente soltou:

– A frase serve para você, playboyzinho. Só não te quebro a cara agora porque, por uma razão desconhecida, a Doutora Laura não quer que eu faça.

Mal podia assimilar aquela troca de farpas. Sabia que não acabaria bem, mas simplesmente não soube o que dizer. Perdi o controle.

– Vou te dizer a razão: ela gosta de mim. Sacou? Laura nunca vai se apaixonar por você, desista. Você não passa de um brinquedinho.

– Estou impressionado, Henrique Farias – Jaime cuspiu o nome dele como se fosse um chiclete mastigado. – Se a Doutora Laura gosta tanto de você, realmente não sei por que ainda precisa de um “brinquedinho” como eu. – Jaime me olhou tristemente. Seu jeito manso de se comunicar me deixava impressionada. Nem falando aquelas coisas ele era capaz de levantar a voz.

– É uma questão de tempo. – Já Henrique transpirava desdém.

– Tempo para quê? Acha que a minha senhora vai abrir mão de alguém que sempre esteve ao seu lado por causa de um cara problemático como você? Faça um favor a si mesmo e suma. Só



causou dor até agora. – Apontou para mim. – Nunca vi a minha senhora chorar em todos esses anos. Eu *nunca* a fiz chorar.

Henrique caminhou até a porta e, por um instante, temi que se atacassem. Eu estava totalmente alerta quando ele parou bem próximo ao Jaime.

– É por isso que ela gosta de mim e não de você – Henrique respondeu com seriedade. – Eu não alimento o ego destrutivo dela. Passar bem.

Virou as costas e saiu pela porta. Jaime continuou na sala, olhando para algum ponto desconhecido. Parecia abaladíssimo.

– Jaime, eu...

– Doutora Laura, se não precisa de mais nada, peço permissão para me retirar.

Endureci minhas expressões. E a minha voz também.

– Olhe para mim.

Claro que me obedeceu.

– Isso é um jogo. Vai ter fim um dia e eu vou voltar para você. Sempre volto, não é?

Ele balançou a cabeça.

– Está diferente agora. Esse cara... Esse cara é diferente dos outros desafios que a senhora já teve. Ele mexe com a senhora... Sei que mexe.

– É a mesma merda, Jaime.

– Não é... Perdoe-me falar assim, mas não é. Eu a conheço perfeitamente. – Não fui capaz de falar nada. Só permaneci com o olhar duro mirado na direção dele. – Só me avise, Doutora Laura. Não quero ser o último a saber que a senhora não precisa mais de

mim. – A última frase foi dita com uma tristeza tão evidente que foi impossível não sentir pena dele.

Só me restou concordar. Balancei a minha cabeça para cima e para baixo bem devagarzinho.

– Sempre fui muito clara contigo.

– Sim, Senhora. Continue sendo, por favor. É só isso que lhe peço.

– Pode ir – murmurei baixinho.

Jaime fez uma pequena reverência e me deixou sozinha na sala. Afundei no sofá com tudo. Meus pensamentos e sentimentos estavam cada vez mais conturbados. Não sabia mais o que fazer ou o que pensar.

Precisava retomar o controle da minha vida. Urgentemente.

***NÃO COMPARTILHE O PDF DESTA OBRA. PIRATARIA É CRIME.***

\*\*\*

*Senhor Henrique Farias*

Saí da casa da Laura morrendo de raiva. Pensei que as coisas enfim se resolveriam entre nós, mas ela fez questão de estragar tudo. E aquele maldito capacho que não conseguia me passar pela garganta também. Suas palavras ainda circulavam pela minha cabeça, fazendo-me alimentar uma dúvida ridícula. Metade de mim dizia que eu estava certo, que a Laura gostava de mim, mas era severa demais para admitir. A outra achava que tudo fazia parte do jogo, do desafio que me arrependo o tempo todo de ter aceitado.

Já não sabia onde começavam as verdades e onde terminavam as mentiras, e vice-versa. Só conseguia sentir uma

angústia insuportável, um nervosismo e estresse que nunca haviam me atingido de uma forma tão intensa. Costumo ser um cara relax, divertido e alto-astral, mas foi como um velho carrancudo que dirigi em alta velocidade.

Cheguei a minha casa e liguei o computador, antes de qualquer coisa. Peguei as pastas do projeto e fui conferir os malditos cálculos. Meia hora depois, achei o erro do qual a Laura estava falando: uma coisa boba, mas fundamental. Foi um vacilo feio. Não quero me gabar, mas eu não costumo errar em algo tão banal. Meu ódio só fez aumentar ainda mais. Não conseguia me perdoar por causa daquilo, principalmente sabendo que estive nas mãos da Laura sem saber. A maldita ia foder com a minha vida sem dó e, mesmo tentando justificá-la por causa da prova na segunda-feira, foi difícil aceitar que iria me prejudicar de forma totalmente intencional.

Sentime um inútil, e a sensação não ia embora por nada. Comecei a corrigir os cálculos ali mesmo, deixando a madrugada passar sem me importar. Concentrei-me o máximo que pude, mas foi inevitável pensar na Laura entre uma conta e outra. Às vezes pensava no bichinho de estimação também. Em alguns momentos dava razão a ele: Laura não o manteria se estivesse sentindo algo por mim, manteria? Em contrapartida, ela devia estar tão perdida quanto eu. Não deve ser fácil se livrar do cara. Ainda mais com essa droga de concorrência ao cargo nos assombrando, o clima tenso se manteria até a escolha e com certeza nenhum de nós cederia.

Eu ainda não estava pronto para ceder.

Queria não ser tão orgulhoso, e bem que tento, mas é muito difícil. Deveria agradecer a ela por ter me dito a tempo, mesmo que sob circunstâncias desconcertantes, que o cálculo estava errado – afinal, ela não tinha a obrigação de calcular ou de conferir, o trabalho financeiro era todo meu e os eventuais deslizes estavam sob minha responsabilidade. Deveria me desculpar por tudo: por não tê-la escutado, por não ter confiado – e por manter o meu pé

atrás até hoje –, por ser cabeça dura e por todas as vezes que a ignorei contra a minha real vontade. Queria aparecer na casa dela para que possamos terminar o que começamos no sofá da sua sala. Queria fazê-la entender que o que começou com um jogo se transformou completamente dentro de mim.

Mas não... Como sempre, acabamos dando dois passos para trás. E daquela vez não podia culpá-la, eu mesmo recuei por conta própria. Depois de tê-la ajudado, de ter visto seu rosto no exato momento em que demonstrou pela primeira vez que se importava com alguém... Foi tão espetacular de se ver! Laura cedendo ao amor que sente pela irmã me marcou demais. Nunca vou me esquecer da maneira como seus olhos brilhavam. Ela enfim havia conseguido... Um de seus muros finalmente havia desabado. E eu, em vez de aproveitar o momento e fazer todos os outros irem ao chão, dei uma de idiota e ergui outra muralha entre nós.

O que fazer quando a dúvida ainda existe? Só queria ter a certeza... Queria poder dizer com convicção que tudo aquilo não era loucura da minha cabeça. A verdade é que eu morria de medo. A ideia de que acabaria me machucando feio se fazia constante, e era este medo, alimentado por esta ideia, que me consumia e me fazia recuar. Existe um forte motivo por eu não me apaixonar por alguém além do meu ciúme doentio. Quando gosto de uma pessoa... Gosto de verdade. E a decepção é evidente, quase uma consequência direta de tanta paixão que sou capaz de sentir.

Eram quatro horas da manhã quando me cansei de esperar pelo nada, tomei uma dose de coragem, peguei as chaves do carro e dirigi tão rápido quanto foi possível. As ruas estavam escuras e desertas, por isso cheguei em menos de dez minutos na frente da casa dela. Sem saber o que fazer, liguei para o seu celular.

Chamou, chamou e ninguém atendeu. Liguei novamente, e estava quase voltando para casa quando Laura finalmente atendeu no sexto toque:

– Me deixa em paz, Henrique... – sua voz estava meio rouca.

Saí do carro e liguei o alarme. Dei uma bela olhada nos muros da casa dela, e foi com muita surpresa que a encontrei sentada na varanda, usando uma camisola bege longa de seda. Estava meio distante, mas mesmo assim dava para vê-la perfeitamente. Não estava tão satisfeita, mas parecia uma deusa daquela forma. Meu queixo literalmente caiu.

– Puta que pariu, Henrique! – berrou quando conseguiu me ver plantado no meio da rua com o celular apoiado no ouvido. – Não me diga que está na frente da minha casa, por favor...

– Estou na frente da sua casa – falei com rigidez.

Ouvi seu suspiro longo. Suspirei também.

– Vá embora. Já agradei pelo que fez... O que mais quer que eu faça? Jane e eu vamos ficar bem.

– Sei que vão. Mas não estou aqui pela Jane. Laura, não ajudei a Jane porque sou sentimental e caridoso... Sou um cara horrível, eu não penso em ninguém além de mim mesmo – ergui as mãos e fui gesticulando, pois sabia que ela estava me vendo. Claro que fiquei igual a um idiota no meio da rua, até porque estava usando chinelos, uma bermuda de ficar em casa e uma camiseta regata que quase não me cobria direito, mas naquele instante não me importei. – Posso ajudar alguém dando dinheiro ou qualquer coisa material, mas não distribuindo sorrisos e afeto. Não sou assim, não faz o meu estilo.

Laura ficou calada por algum tempo. Abri a boca mil vezes para acrescentar alguma coisa, mas não soube o que dizer. Travei.

– Então por que a ajudou?

Fechei os olhos e apoiei o meu corpo no carro.

– Fiz por você, Laura Diniz. Porque eu te amo e não suporto te ver sofrer.

Nem acreditei que tinha dito aquilo, e olha que não tinha ingerido uma gota de álcool sequer. Quis devolver cada palavra de volta para a minha boca. Cerrei meus olhos com ainda mais força, esperando a represália da Laura. Ela iria fugir, reclamar, brigar... Ou pior: rir da minha cara. Sei que faria exatamente o oposto do que eu queria naquele momento.

– Eu... eu... eu... eu... – Sério, ela gaguejou quatro vezes seguidas. Continuei de olhos fechados, prestando atenção no que ouvia. – Não preciso de... De ninguém que... Sinta pena de mim e...

– Não é pena, cacete! – rosnei. – É amor. Que merda, Laura, entenda de uma vez! Foda-se esse seu feminismo, foda-se o seu orgulho, foda-se o meu... Não quero te usar, não quero te machucar ou ser uma pessoa superior a você. Pode ter começado assim, mas tudo mudou. Entenda de uma vez que tudo mudou agora.

– Eu te avisei, Henrique... – murmurou. – Avisei... Avisei para que não fizesse isso. Para que não se apaixonasse. Isso não tem graça. Posso ter brincado a respeito disso em algum momento, mas nunca teve graça.

– Não estou rindo, estou? E não fale como se não tivesse acontecido contigo também! Você não me engana.

Ela se calou um pouco, por tempo bastante para consentir o que falei.

– Pois você está muito enganado – disse, fingindo convicção.

Sorri. Abri os olhos. Para mim já havia dado, não precisava confirmar mais merda nenhuma. Laura jamais falaria com todas as letras. Não estava esperando por uma mensagem óbvia. Esperava por uma pequena ideia nas entrelinhas, e ela seria mais do que suficiente.

– Abre a porta e me deixa entrar.

Por um instante achei que ela fosse me mandar para o inferno. Sorri amplamente quando escutei o portão maior escorregando para

o lado, ela havia aberto por meio da chave eletrônica. Entrei em um salto e fui logo atravessando o jardim. Não queria perder nem mais um segundo da minha vida pensando se estava fazendo a coisa certa. Decidiria isso depois que tivesse a Laura em meus braços.

A porta da sala estava aberta, por isso a atravessei e subi as escadas de dois em dois degraus. Não sabia onde era o quarto dela, mas descobriria. Percorri a segunda sala, passei pelo escritório e encontrei um corredor. Laura estava no final dele, olhando para mim com o corpo apoiado na parede. Estava linda com aquela camisola elegante e os cabelos presos em uma trança lateral. Um modelo de perfeição que só se amplificava porque eu sabia quem era aquela mulher. Sabia o que era capaz de fazer e falar, conhecia a sua garra e inteligência, tinha conhecimento de suas dores e, depois de tudo analisado pela minha mente, aquela coisa profunda e sofrida ainda sobrevivia, queimava o meu peito e me deixava ciente de que não tinha volta: eu estava completamente louco pela maldita.

Puxei uma de suas mãos quando a encontrei e a levei para dentro do quarto, o que estava com a porta aberta. Certamente era o correto: bonito, organizado e repleto de luxos. Um bom gosto que obviamente tinha partido dela. Laura nem tentou se soltar, simplesmente me acompanhou como se estivéssemos em um passeio ao ar livre.

Peguei a sua cintura quando chegamos perto da cama enorme e de aparência confortável. Estava desferrada, sinal de que havia passado a madrugada se revirando sem conseguir pregar o olho, como eu. Depositei Laura deitada em cima dela e logo coloquei o meu corpo sobre o seu.

Encarei-a sob a luz fraca de um abajur. Ainda estava escuro, embora o sol não tardasse a aparecer.

– Henrique...

Sua expressão parecia perdida, mas agora sabia por quê. Deve ser difícil para ela aceitar que estava tão louca quanto eu.

– Shhhh... – coloquei o meu dedo indicador em seus lábios. – Nada do que disser agora vai me fazer desistir de dormir contigo hoje.

Laura continuou me oferecendo seus olhos maravilhosos, que naquele instante estavam escuros. Alisei-lhe a lateral do rosto e descí até o queixo. Ela não se mexeu. Acho até que não respirava.

– Eu não teria permitido a sua entrada se quisesse que desistisse disso. – Sorri diante de suas palavras. Continuei lhe alisando sem pressa. – É só que vai significar mais para você do que para mim.

Meu sorriso morreu.

– Será? – Ela deu de ombros. – Estou pagando para ver tudo isso significando muito para você.

Meus lábios encontraram a pele macia e quente do seu colo. Beije-i-lhe com suavidade e fui formando trilhas que iam da sua orelha até o início dos seios. Sentir sua pele cedendo e se arrepiando por causa dos meus gestos foi mágico. Era tudo o que eu queria.

– Não sei se quero que signifique.

Enrolei meus dedos em uma das alças finas da sua camisola. Fiz com que escorresse para o lado, devagarzinho. Comecei a lhe beijar os ombros. Sua pele achocolatada e macia me enchia de um tesão estrondoso, difícil de segurar.

– Eu quero que signifique – admiti.

Laura suspirou muito alto.

– Eu te avisei, Henrique... Por que foi tão... Por que deixou que acontecesse? O que vou fazer com isso? O que vou fazer contigo?



Coloquei o meu dedo na sua boca de novo. Desta vez, enfiei mesmo. Ela o sugou duro, provocando-me de um jeito incrível. Fez movimentos que lembravam muito o sexo oral. Juro que quase morri.

– Você sabe o que fazer comigo, Laura Diniz.

Seus olhos brilharam quando se encontraram com os meus mais uma vez. Fez uma carinha bem maliciosa e fatal. Os lábios grossos se fecharam em um biquinho curto, chamativo poderoso para um beijo profundo. Foi o que fiz: curvei o meu corpo para frente e lhe beijei a boca como se quisesse descarregar todos os problemas da minha vida. De fato, nada parecia problemático enquanto sentia lábios carnudos maravilhosos trabalhando de encontro aos meus.

Minhas mãos escorregaram pelo tecido de seda. Levantei-lhe a camisola até a altura de suas coxas e puxei uma de suas pernas até ficar na lateral do meu corpo, convidando-a a se abrir para mim. Laura entendeu o recado e se fez exposta, circulando as pernas ao redor da minha cintura. Suas mãos, como sempre, encontraram os meus cabelos, e sabia que demoraria um bocado para saírem dali.

Desci a minha boca e beijei o seu rosto por inteiro. Estávamos em outro clima, aquele era bem mais romântico do que o sexo no meu quarto BDSM, por isso me permiti o romantismo. Talvez me fizesse bem. E talvez fosse um diferencial enorme para Laura, seja para o lado bom ou para o ruim. Minhas expectativas se tornaram positivas em um passe de magia.

Ela desceu as mãos e puxou a minha camiseta com força até um estalido de tecido cedendo invadir o quarto. Fiquei de joelhos e a retirei, voltando à posição original logo em seguida. Laura começou a me tocar com avidez e suavidade ao mesmo tempo. Raspou as unhas na minha pele, apertou os músculos – que ralo pra caramba para manter – e me puxou forte em diversos pontos, aumentando ainda mais a minha excitação.

Continuei com a onda de beijos suaves e molhados. Puxei as duas alças da camisola para o lado, deixando seios maravilhosos à mostra. Suguei-os como se fossem os últimos que aproveitaria na vida. Algo em mim queria que fossem, mas não ousaria pensar nisso nem por um instante.

Parei um pouco para olhar bem no fundo dos seus olhos.

– Desculpa por tudo de ruim que te fiz até agora... – murmurei, achando que pedir perdão havia sido mais fácil do que imaginava. Meu orgulho estava odiando tudo, mas o mandei para as profundezas das trevas. Que ele morresse sufocado por lá. – Se te magoei... Bom, eu sei que te magoei.

Laura sorriu com desdém.

– Não espere que eu peça desculpas... – inclinou-se para frente e lambeu o meu queixo. Ela sempre fazia aquilo. – Não me arrependo de nada.

– Deve ser ótimo viver sem arrependimentos.

– Não tenho do que reclamar – sorriu, e foi um sorriso tão límpido que relaxei. Ela não estava atacando, só se defendendo do jeito que sabia.

Enfiei a língua na sua boca e recomeçamos mais um beijo prolongado. Laura me empurrou um pouco pelo peitoral, e entendi o que queria: ficar por cima. Achei a ideia não muito bacana, mas decidi verificar até onde ela queria chegar. Ia ser engraçado assistir àquilo.

Puxei sua cintura e me deitei na cama, trazendo-a comigo sem esforço algum. Ela era tão pequena e leve... Só fisicamente, claro. Por dentro, a doida era pesada e uma verdadeira gigante. Assim que Laura se sentou em mim com as pernas abertas de um jeito delicioso, tratei de lhe retirar a camisola por completo. Foi com muita surpresa que percebi que ela não usava absolutamente nada por baixo.

Fiquei louco com a sua nudez diante de mim.

– Que delícia... – sussurrei de um jeito meio rouco.

Curvei-me para frente até sentar na cama, apoiando sua coluna em minhas mãos. Beijei-lhe mais uma vez, apalpando e apertando a sua bunda deliciosa. Laura ergueu a cabeça, o que acabou dando acesso ao seu pescoço. Inspirei seu cheiro e me senti embriagado de excitação.

Não dava para suportar nem mais um segundo fora dela. Ergui-a um pouquinho, só o bastante para empurrar a minha bermuda um pouco para baixo e deixar a minha ereção livre. Mirei-a na Laurinha e empurrei com jeito. Ela fechou os olhos com força. Fez uma careta linda, porém se manteve silenciosa. Acho que sentiu um pouco de dor, pois estava tão apertada que foi meio difícil invadi-la por completo. Mas eu fui bem insistente e, quando consegui, o ar me faltou nos pulmões.

Fiquei dentro dela por um tempão. Pensava em algo bom para dizer antes de prosseguir. Levei tanto tempo para me mover de novo que Laura acabou reabrindo os olhos. Sem demoras, apoiou-se no meu braço e aprumou as pernas, ficando com os pés sobre o colchão. Ela mesma iniciou o movimento, sendo apoiada por mim. Começou bem devagar e profundamente. Arrancou de mim alguns gemidos involuntários.

– Gostosa demais... – murmurei, afundando o meu rosto entre os seus seios. Sua expressão indicava que também estava gostando, mas queria ouvir aquilo saindo de seus lábios. Ela nunca fala nada. Por quê? Não fazia ideia, mas decidi perguntar: – Tá gostoso?

Laura balançou a cabeça afirmativamente.

– Fala comigo... – pedi.

– Tá... uma... delícia... – disse ofegante, fazendo pausas entre os choques dos nossos sexos. Seu rosto se contorceu lindamente.

– Geme pra mim... – estava muito pidão, mas não ia desistir de ter o que quero.

Desta vez, balançou a cabeça negativamente.

Segurei sua cintura e comecei a movimentar o meu braço, fazendo-a subir e descer com ainda mais força. Laura estava bem quentinha e molhada, uma maravilha. Ia precisar me concentrar muito para não gozar rápido.

– Por quê? – arfei a pergunta.

– Nem... pensar...

– Por quê? – posso ser muito insistente quando quero.

Ela parou e se sentou em cima de mim. Todos os movimentos cessaram. Fiquei louco, concentrado apenas no seu corpo preso ao meu. Piorou quando a maldita começou a rebolar bem devagar.

– Não gosto – respondeu, ainda rebolando. – Não sinto necessidade.

Agarrei seus seios com as duas mãos. Fiz um movimento circular prolongado.

– Tem certeza? Não mente pra mim...

– É constrangedor.

– Por quê? Só deixa evidente o seu prazer.

– Por isso mesmo. Não quero demonstrar prazer.

– Mas é isso o que se sente.

– Eu sei.

– Então?

Laura suspirou, mas não deixou de rebolar em mim por nada. Fiquei pensando em como as coisas estavam estranhas. Nunca tinha falado tanto durante o sexo. Sou silencioso, não costumo

discutir a relação na hora do serviço. Também havia o fato de que havíamos brigado... Ela tinha me chamado de cretino e tudo mais, além de que o fantasma do capacho ainda me assombrava... Mas mesmo assim estávamos ali, nos possuindo.

– Vou fazer quando for necessário. Certo? – Olhou-me como se precisasse muito da minha confirmação. E como se fosse um passo muito importante a ser dado. Eu não via nada demais naquilo, mas, se era importante para Laura, passava a ser importante para mim.

– Combinado, sua gostosa... – murmurei e sorri. Ela também sorriu um pouco, e voltei a apoiá-la pela cintura. – Você é linda... – disse, encostando meus lábios ao seu ouvido. – Hoje, eu vou te comer todinha.

O recomeço do seu movimento acelerado quase me fez gozar no primeiro minuto, mas espantei o clímax utilizando a maior força de vontade que consegui reunir. Laura continuou com seu jeito incansável de foder com força, fazendo-me perguntar a mim mesmo se não era ela quem estava me comendo, e não o contrário.

Ela me empurrou para trás e me deitei completamente na cama. Inclinou-se de lado, abrindo as pernas até uma delas atravessar o meu corpo e seu pé ficar praticamente na minha cara. Só não ficou porque segurei seu tornozelo. Não sabia como a doida conseguia ser tão flexível, mas parou com as duas pernas completamente abertas em cima de mim, ficando a outra em cima das minhas. O corpo pendeu pela lateral, os cotovelos apoiados no colchão para lhe dar o impulso que precisava para continuar se movendo bem rápido em cima de mim.

Peguei seus pés e lhe mordi os dedos, lambendo-os com voracidade. Escorri minhas mãos pela sua perna, apertei sua coxa e parei na bunda deliciosa arrebitada e incansável. Ela chacoalhava de um jeito perfeito. Perdi-me com aquele movimento, precisando fechar os olhos e pensar em outra coisa para não gozar.

Tirei as mãos dali e voltei para a coxa. Apertei-a com vontade. Abri os olhos só para ver como a sua pele negra ficava interessante entre os meus dedos brancos. Laura pegou a minha mão e praticamente a arrastou de volta para o seu traseiro indomável. Ela queria me matar, só podia ser.

– Vou gozar em você – rosnou como uma loba faminta.

É... Ela queria mesmo me matar, certeza.

Respondi-lhe com outro rosnado feroz, rezando a todos os deuses para suportar seu orgasmo sem entrar em um. Ela soltou a minha mão quando os meus dedos encontraram a sua segunda abertura. Queria apelar, por isso tratei de lhe estimular por ali. Sua reação foi um arquejo alto que se intensificou quando decidi enfiar um dedo. Foi rápido e com força.

– Filho da puta! – gritou, com sua já conhecida boca suja. Primeiro senti suas pernas tremendo, depois a base do ventre. Em segundos, aquele corpo da cor do pecado reagiu com fúria, soltando espasmos loucos e se contorcendo.

Laura deixou escapar uma sucessão de gemidos tão altos que parei tudo o que estava fazendo para inclinar o meu rosto a fim de visualizar o seu. Percebi que estava apoiado nos lençóis, com os olhos cerrados e a boca aberta. A careta linda que se contorcia mexeu demais comigo. Com a outra mão, toquei no seu rosto levemente, e ela abriu os olhos, encarando-me. Parou de gemer e segurou as expressões, voltando a tomar o controle de si.

– Desconcertante... – murmurou, parecendo arrependida.

– Linda – respondi com uma doçura esquisita até para mim.

Nem acreditei que tinha sobrevivido àquilo. Havia sido demais.

Aprumei Laura, que estava meio molenga por causa do clímax, e me levantei. Terminei de retirar a minha bermuda, junto com a cueca, de pé, jogando-as para trás. Ela ficou me observando

durante o processo e, quando me ajoelhei na cama, prestes a puxá-la de novo, levantou-se.

Não entendi o que queria, mas esperei, babando pelo seu corpo nu a cada movimento que fazia. Laura abriu algumas gavetas do criado-mudo, procurando por alguma coisa. Foi com muita surpresa que vi quando ergueu uma algema entre os dedos, balançando-a na minha direção, e depois pegou uma corrente fina. Franzi a testa, sem entender. Ela não podia achar que eu me submeteria, podia? Por mais que admitisse que gostasse dela, era impossível me deixar dominar.

Laura estava confundindo tudo.

– Ficou maluca? – murmurei. Não queria estragar o clima quente entre nós, mas realmente havia me assustado.

A maldita sorriu maliciosamente e retirou da mesma gaveta alguns preservativos, jogando-os em cima da cama. Não entendi porcaria alguma. Preservativos para quê se já tínhamos fodido tantas vezes sem proteção? Não ia fazer diferença alguma àquela altura do campeonato. Confiava muito nela com relação à nossa segurança. Se desde o início não havia feito restrições, então não tinha motivos para me restringir.

Laura se ajoelhou na cama e veio rastejando até mim, que também tinha parado de joelhos. Parou na minha frente e chacoalhou meu pênis ereto. Seu toque foi sensual e preciso, a maldita sabia exatamente como agradar um homem. Era impressionante.

Prendi a respiração e quase morri. Arfei, tentando manter meu coração mais ritmado. Se continuasse daquele jeito podia acabar tendo um troço.

– Henrique Farias... – cantarolou o meu nome em um ritmo torturante de tão malicioso que era. – Não se assuste.

– Laura... Não.

Ergueu a cabeça para me encarar e soltou o meu pau. Aproximou-se até que seu corpo grudou no meu. Não resisti: acabei a abraçando, puxando-a ainda mais para mim.

– Preste atenção... – pediu com a voz leve, por isso a obedeci. Fiquei a observando atentamente. – Ao contrário de você, sei o que sinto. Desde o início, sinto uma vontade esmagadora de te ter... De todas as formas. – Sorri. – De todas as formas *mesmo*.

Seu olhar escurecido devido a pouca luz se tornou ainda mais fatal. Ainda não sabia direito aonde queria chegar, portanto só esperei. Tudo bem que eu sabia exatamente o que estava sentindo, e ela não – talvez porque tivesse medo ou porque fosse orgulhosa demais para admitir a si mesma –, porém não quis corrigi-la.

– Eu te amo e te quero de todas as formas – falei meio sem pensar, tudo para não deixar o meu orgulho desesperado se libertar da prisão onde o havia colocado desde que cheguei à casa da Laura.

Ela fez uma careta engraçada. Sorri ainda mais.

– Cadê todo aquele ódio?

– Ele existe, pode acreditar – suspirei. – Mas não agora. Talvez daqui a pouco, quando você decidir que deve me prender àquela algema – aponte para o objeto, que jazia em cima da cama.

Laura balançou a cabeça e se inclinou. Deu uma lambida prolongada no meu pau, fazendo-me pirar. Colocou-o na boca e sugou uma vez. Senti todo o meu corpo tremer de excitação. Maldita. Ela ia acabar comigo.

Tornou a se ajoelhar, afastando-se um pouco.

– Confia em mim?

– O que vai fazer, Laura? Sabe que nunca permitiria...

– Henrique Farias – interrompeu-me. Permaneci calado.



Acompanhei quando se levantou, ficando de pé em cima da cama. Foi impossível deixar de admirar, mais uma vez, o seu corpo. A mulher era perfeita. Sério. Pensei que tivesse algumas cicatrizes por causa do que lhe aconteceu, mas se havia alguma eu ainda não tinha visto.

A doida parou bem perto de mim e ergueu uma perna, passando-a por cima do meu ombro. Loucura total. Seu sexo exposto ficou bem na minha cara, e claro que não pude me conter: avancei com tudo, erguendo minhas mãos para lhe prender a mim pelas coxas. Trabalhei avidamente na sua vagina, chupando-a, lambendo-a, sentindo seu gosto incrível se derretendo na minha língua.

Ela agarrou meus cabelos com força, controlando uma parte do movimento. Por mim, não a soltaria nunca. Mas Laura tinha outros planos, por isso se afastou depois de uns dois minutos. Uma pena.

– Você despertou em mim uma vontade – continuou, voltando a se ajoelhar. – Não passo vontade, Henrique. Sou movida por ela. Estou contigo por causa da vontade, deixei que entrasse na minha casa, no meu quarto e na minha vida por pura vontade. Só que esta nova vontade vai me causar dor.

Fiz uma careta, observando-a com seriedade.

– Dor?

Laura pegou um dos pacotes de preservativo e o rasgou entre os dedos.

– Você é enorme, vai doer pra caralho. – Abri a boca, entendendo o que queria dizer em um segundo. Meu coração acelerou imediatamente, e meu cérebro mal acreditou em tudo. Era informação demais para processar. – Nosso relacionamento é uma troca... Estou certa?

Balancei a cabeça, aquiescendo e acompanhando o seu movimento. Ela vestiu o preservativo no meu pênis com muita habilidade. Comecei a tremer. Sei lá, era uma espécie de frio, apesar de o clima estar agradável. Compreendi ser apenas a angústia da antecipação. Não via a hora. Sério...

– Não posso deixar que me cause dor sem mais nem menos, Henrique. Compreenda... Preciso estar no controle. Você me causa dor e eu controlo. É uma troca. No fim, ninguém dominará ninguém.

Aquiesci de novo. Não sabia se era uma troca justa, mas o que podia fazer? Ela mexia demais comigo. Sua proposta era mais do que tentadora.

Laura pegou a algema bem devagarzinho, quase em câmera lenta. Prendeu a corrente maior na corrente diminuta que separava as duas argolas da algema. Arquejei.

– No fim, todo mundo dominará todo mundo – corrigi. Minha voz saiu estranhamente rouca. Não consegui identificar quem de nós dois estava vendo a situação como um copo meio cheio.

– Confia em mim? – perguntou, abrindo as argolas e as apontando na minha direção.

Não sei o que me deu. Acho que, talvez porque a resposta fosse sim, apenas fechei os olhos e lhe ofereci os meus pulsos. Senti as argolas me prenderem com força, estavam frias de encontro à minha pele. Nem deu tempo para me arrepender.

Laura puxou a corrente maior, só um pouquinho. Abri os olhos, um pouco desesperado. Estava meio tonto, angustiados... Nervoso até demais. Mal acreditava que tinha aceitado aquilo. Não estava arrependido – ainda não –, só não podia crer.

Reabri os olhos e dei de cara com os dela. Estavam no modo dominador, exalando crueldade. Laura ergueu uma mão e tocou a lateral da minha face. Aproximou-se bastante, puxando a corrente com mais força. Fui obrigado a levantar meus braços, e então Laura

se curvou, colocando-se dentro deles em um abraço. Seu corpo se encostou ao meu, e terminamos completamente presos. Dominados.

Sem nada dizer, aquela mulher louca puxou o meu rosto e me beijou com intensidade. Retribui o beijo como se a minha vida dependesse dele. Toquei-lhe a coluna, incomodado pelas algemas, mas ignorando a situação como podia. Sentir-me dominado era esquisito. Não podia dizer que era uma sensação ruim, apenas esquisita.

Laura se separou dos meus lábios depois de um tempo indeterminado. Tentava não sentir pressa, mas era inevitável. Queria comê-la por trás. Era urgente, quase uma necessidade. Minha dependência de que aquilo acontecesse tirava o meu juízo.

Como se ouvisse os meus pensamentos, a louca começou a girar ainda dentro dos meus braços. Ficou de costas para mim, com seu rabo impressionante encostado ao meu pênis. Tremi de tanto tesão. Acho até que soltei um rosnado. Pena que não ouvi, pois todos os meus sentidos se concentravam apenas nela, nada mais.

Prendi meus braços ao redor da sua cintura e lhe beijei o pescoço. Laura chacoalhou a corrente, levantando minhas mãos. O movimento me impediu de continuar a abraçando, e me lembrei de que não tinha mais o controle.

Vi quando enrolou a ponta da corrente maior no pulso. Colocou muita força para trás, empurrando-me de verdade. Caí sentado em cima da cama. Abri um pouco as pernas no impulso, preparando-me para recebê-la. Laura veio junto comigo, rebolando seu quadril contra a minha ereção obviamente dura. Apoiou os pés no colchão e utilizou uma mão, a que estava livre da corrente, para ajudar em nosso encaixe.

Não foi de todo difícil. Meu pênis achou o acesso com facilidade, mas tudo complicou depois. Laura era bem apertadinha, e como não podia mexer os braços, nada pude fazer para ajudar.

Foi ela quem fez todo o serviço complicado. Cheguei a ficar com pena enquanto gemia de frustração e dor. Depois, senti um tesão tão grande por estar lhe causando aquilo que acabei relaxando.

Laura parou de tentar quando chegamos à metade. Pensei que desistiria de tudo, mas a doida começou a se movimentar violentamente, deixando-me perturbado. Forçou o próprio corpo a estocar em cima de mim. Sei que doeu bastante, pois seus gritos não negaram. Cada um deles me deixou ainda mais fora de mim. Soltei inúmeros rosnados indefinidos, cerrando os olhos e controlando o meu próprio clímax. Era só o que me restava fazer: controlar-me para que o momento durasse mais.

– Merda, Henrique... – Laura gritou em certo instante. – Precisava ser tão enorme?

Ri um pouco, e aquilo me ajudou a espantar outro orgasmo. Ou o mesmo, sei lá. A sensação ia e vinha quase sem pausas, eu estava quase cedendo. Quase.

– Você é tão gostosa e apertada... Vou ficar mal acostumado, querendo o seu rabo para sempre.

– Se sobrar algum rabo depois dessa! – gritou alto e soltou um gemido agudo, mas não parou de se movimentar por nada.

Cheguei a gargalhar, pois realmente achei engraçado. Só parei quando ela apoiou a cabeça no meu ombro, parecendo sofrer amargamente. Beije-ihe tudo o que consegui: olhos, nariz, bochecha, boca... Estava louco de verdade. Meu estômago se contorcia o tempo todo por causa das fortes emoções. Eram tantas para serem sentidas... Não dava para escolher apenas uma.

Laura puxou a corrente de novo e deu um pulo para frente, caindo deitada com a barriga voltada para a cama. Como estava preso a ela, claro que fui junto. O susto que levei com seu movimento brusco foi grande, mas a posição em que terminamos quase me fez desfalecer. Eu estava totalmente por cima, comendo-a

por trás com meus braços imobilizados por baixo dela. Apoiei-me com o cotovelo e tomei para mim o controle do vai e vem.

Movimentei o meu quadril com força, sentindo-a profundamente. Laura gemia vez ou outra, com a cabeça enterrada entre os lençóis. Tinha acesso livre ao seu pescoço, portanto o beijei mais de mil vezes e inspirei seu cheiro até perceber que não conseguiria mais ficar sem ele.

– Gostosa... Deliciosa... – sussurrava como um louco, ficando cada vez menos forte para conter o clímax. Não dava mais para segurar, sabia que cederia assim que viesse de novo. – Vou dar uma gozada tão grande em você...

– Não! – rosnou e me empurrou para trás. Levantei meio sem jeito, ajoelhando-me na cama de novo. Não nos desencaixamos com o movimento, mas a Laura acabou nos separando. – Assim, não...

– Como, então? – Sabia que, de qualquer forma, não aguentaria nem um minuto completo.

Laura saiu de dentro dos meus braços e se virou para mim. Permaneci com os pulsos abaixados, só esperando. Meu corpo implorava pelo orgasmo, estava quase entrando em desespero. Sentia a minha pele latejando de uma forma estranha, como se conseguisse sentir o meu sangue circulando pelas minhas veias em um movimento acelerado.

A doida desprende a corrente maior da algema e a sacudiu do outro lado da cama. Soltou a trava de uma das argolas, libertando-me. De novo, fiquei sem entender. Minha mão solta foi logo encontrando a sua abertura molhada de prazer. Foi o meu instinto falando mais alto.

Laura sorriu um pouquinho, mas não me olhou. Retirou a camisinha do meu pênis e a depositou ao nosso lado.

– Desistiu? – perguntei.

– Quero que goze em mim e não em um pedaço de borracha. Minha vontade já foi saciada, e a sua também. Agora, quero saciar outra.

– E qual seria?

– É tão simples que vai rir de mim... – murmurou, e me olhou profundamente.

Pegou a argola livre da algema e, incrivelmente, prendeu no próprio pulso. Encarei-a com os olhos arregalados. Laura suspirou e se deitou diante de mim, as pernas se abrindo lentamente até ficar bem exposta. Puxou sua mão para cima, e fui obrigado a deitar em cima dela.

– É isso? Papai e mamãe? Decepcionante, Laura Diniz – sorri, fingindo desdém. – Ela olhou para baixo, evidentemente envergonhada. – Ei, não estou rindo de você. Adoro assim também.

– Adoro sentir o seu corpo em mim – admitiu ainda sem me olhar. Usei a mão livre para tocar seu queixo com cuidado.

Laura me encarou, e seus olhos já haviam voltado à cor amarelada original. Foi desta forma, e somente assim, que percebi que já havia amanhecido. O quarto inteiro estava sendo atingido pelos primeiros raios matinais, aqueles que não aquecem muito, só fornecem uma luz fraca reconfortante.

Fiz nossos corpos se encaixarem em um movimento lento. Ela abriu as pernas, deixando-as flexionadas na lateral da minha cintura. Sua mão algemada encontrou a minha, e nossos dedos se entrelaçaram. Continuei em um ritmo leve, suave... Totalmente diferente dos que tínhamos usado a madrugada inteira.

Não desviei meus olhos dos seus por nada neste mundo. Analisei cada mensagem que ela me passava através de cada suspiro, cada gemidinho involuntário, cada vez que arquejava e apertava os meus cabelos com a mão livre. Fui acelerando o ritmo aos poucos, gradativamente.

Seu corpo foi se esquentando tanto embaixo de mim que achei que Laura estava ficando doente. Quanto mais o tempo passava, mais espasmos faziam com que se contorcesse, e foi com muita surpresa que percebi o seu segundo orgasmo. Ela cerrou os olhos, mas desistiu de deixar aquele instante apenas para si. Compartilhou comigo no momento em que me encarou e gemeu alto, chamando o meu nome uma única vez.

Depois daquilo, simplesmente transbordei. Entrei em um clímax tão intenso que parecia ter juntado em um só todos aqueles que havia ignorado. A onda de excitação veio com força total, arrastando tudo o que via pela frente. Quando acabou, o resumo da noite gerou apenas três palavras:

Valeu a pena.

Demorei bastante para nos desencaixar. Passei um tempo incalculável apenas a observando enquanto ela fazia o mesmo. Parecíamos dentro de um transe mútuo.

– Estou com uma dúvida – Laura disse depois de longos minutos, dois beijos envolventes, três lambidas no meu queixo e uma na minha testa. E nada de nos desencaixarmos.

– Qual?

– Você me deixou bater no Luiz Fábio. Por quê?

Ri. Sério, como ela podia pensar em outra coisa? Assim, do nada? Por Deus, só conseguia pensar no sexo incrível que tínhamos acabado de fazer.

– Claro que deixei, estava com vontade de matá-lo desde que o chamei para conversar. Quando soube da gravidez ficou se cagando de medo. Carinha imbecil... Achei ótimo ver você tirando sangue da fuça dele.

Laura riu, afagando meus cabelos.

– Obrigada. Bater nele me fez muito bem.

– Não há de quê.

Beijei-lhe um pouco mais.

– Henrique... Eu... Eu... Sou muito egoísta.

– Que ótimo, bem-vinda ao clube – sorri.

– Não é isso, é que... Sei o que espera de mim. Mas nada mudou... Nada. Continuo a mesma. Continuo sem poder te dar o que quer.

– Que seria...?

Ela arfou e tentou se afastar, mas a mantive no mesmo canto. Meu pau estava mole, mas continuava incrivelmente dentro dela. Não queria sair dali nem tão cedo. Morreria daquele jeito se pudesse.

– Vou ser bem sincera.

– Por favor.

Ela pensou um pouco antes de concluir:

– Não vou deixar o Jaime por sua causa. Não vou me modificar por você. Nada irá mudar entre nós, ainda quero te dominar por completo. Nunca irei confiar totalmente na sua palavra... Ainda não acredito que esteja apaixonado por mim, e nada do que disser ou fizer irá mudar isso, mas... Se realmente estiver apaixonado, vou adorar. Adoro o fato de ter vencido, de alguma forma. E sei que não vou ter coragem de te deixar partir porque... Porque sou egoísta. Assim como não deixo o Jaime partir.

Bufei. Laura estava mesmo dando aquele maldito passo para trás? Puta merda... Precisei de muita paciência para continuar onde estava. Minha vontade real foi de xingá-la e ir embora sem nem olhar para trás. Ela tinha acabado de detonar o que havia sobrado do meu orgulho.



– Todo mundo precisa de amor, Laura – respondi, tentando justificá-la. – É desta forma que tem o seu, mesmo que de uma forma desvirtuada. Jaime te ama... Você sabe disso e o mantém porque quer roubar dele cada atitude submissa, sabendo que ele atenderia a cada um dos seus caprichos em nome deste sentimento. Claro que é egoísmo, mas você só está perdida. Precisa aprender a amar de novo.

Ela balançou a cabeça.

– Juro que não quero te machucar desta forma, como sei que estou machucando o Jaime, e a cada dia que passa machuco mais, adiando o inadiável. É diferente com você. Estou sendo sincera, Henrique... Não me justifique, apenas analise o que eu disse e decida ir embora por conta própria. Não vou abrir mão de você. Acha que não quero outra noite como esta? Sem compromisso?

– É diferente comigo porque você me ama. Não entende que apenas por me dizer isso está fazendo o que diz não ter coragem para fazer? Está me afastando... Abrindo mão de mim.

Laura permaneceu muda por muito tempo. Tentou se afastar de novo, mas a impedi. As algemas ajudavam um bocado também. O fato de estarmos presos um ao outro impedia a separação.

– Eu não te amo. Esqueça essa história de amor, Henrique, fala sério! Quando se tornou esse cara chato e meloso? Vou morrer de diabetes com tanto açúcar pro meu lado!

Ri um pouquinho. Laura se enganava tanto. Ou será que era eu quem estava me enganando? Não podia ser... Não podia mesmo. Estive naquele quarto há alguns minutos atrás, quando Laura gemeu e chamou o meu nome.

– Vai descobrir – conclui bem baixinho, mais para mim mesmo. Laura escutou.

– O quê?

– Antes do fim, vai descobrir o que sente. Por enquanto só me resta fazer você acreditar no que digo. Pode parecer cedo e repentino, mas não vou perder outra pessoa por causa do meu orgulho. Já chega. Cansei de ficar sozinho – desabafei pela primeira vez.

Laura balançou a cabeça desesperadamente. Vi seus olhos se encherem de lágrimas.

– Não caio nessa, Henrique. Por favor, pare de brincar comigo. Não se brinca com isso sem que haja consequências graves.

– Não estou brincando.

– Entenda que não consigo acreditar! Não acredito nisso há muitos anos...

– Claro que não, o cara que você achava que te amava te machucou. Mas não era amor, Laura, era obsessão. Ele era doido, maníaco, psicopata... Nem todo mundo é assim, sabia? Eu definitivamente não sou assim.

– Quem me garante?

– Minha nossa, Laura... Você não confia nem um pouquinho em mim?

– Não... – voltou a sacudir a cabeça, e a primeira lágrima escorreu. Enxuguei-a com a ponta dos dedos. – Não *quero* confiar.

– Mas confia mesmo assim. Por isso está confusa – conclui, dando um tiro no escuro. – Olha, eu... Vou te dar o tempo que precisar. Prometo. Mas um dia terá de se decidir. Sei bem que te quero, e também que não te divido com ninguém.

– Henrique...

– Pense bastante – interrompi-a. – Decida-se quando estiver pronta. Ou ele ou eu, Laura, é sério... Se o escolher, irei respeitar. Mas se me escolher... Vou te fazer a mulher mais feliz do mundo. Eu

juro. Juro que vou respirar apenas para te fazer esquecer todas as merdas que aconteceram.

– Henrique... Não.

– Se me escolher vai ser pra valer. Terá que estar disposta a assumir um compromisso, pois não quero ficar contigo sem te ter de verdade. Quero que seja minha, e vou ser todo seu, Laura.

Ela tentou se desvencilhar de mim, e desta vez deixei. Não consegui ir muito longe, apenas se deitou lateralmente. Acabei deitando também, de frente para ela. Continuei a encarando com seriedade. Laura precisava entender que nada daquilo era brincadeira. Não sou homem de brincar com essas coisas. Para quê a enganaria? Não sou nenhum cafajeste aproveitador.

Laura prendeu os lábios e chorou mais um pouquinho antes de se recompor.

– Estou com medo... – murmurou com a voz sofrida. – Não sei fazer isso.

Tive dó.

Puxei-a para perto de mim e, encontrando um lençol acima da minha cabeça, nos cobri com um pouco de dificuldade devido à algema. Laura fez questão de nos livrar dela. Assim que fez, abraçou-me com força, entrelaçando mãos e pernas em cima de mim.

– Eu nunca vou te perdoar se estiver mentindo – sussurrou, e senti seu corpo amolecer um pouco.

Beijei-lhe os lábios com doçura. Peguei sua mão e a coloquei em cima do meu peito, bem no coração acelerado.

– Não é mentira.

– Minha nossa... Acho que você vai morrer, está batendo muito depressa!

Ela se ergueu para me olhar mais de perto.

– Sua presença que faz isso. Não é mentira, Laura Diniz. Não é.

Laura apoiou a cabeça no meu coração. Adormeceu escutando os meus batimentos cardíacos, que aos poucos foram se aquietando.

Só rezava para que ela percebesse os próprios sentimentos. E que me escolhesse. E que não demorasse. E que não fosse tarde demais quando acontecesse.

# 17º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Não queria acordar e encarar a realidade. Meus sonhos foram turbulentos, mas só porque cada cena se passou com o Henrique Farias, e em todas elas nós estávamos juntos como... blergh... namorados. A minha mente estava confusa, e a culpa era toda dele. Aquele papinho de amor estava acabando comigo. Sinceramente, preferia quando conseguia fazê-lo se irritar com facilidade. Agora tudo o que eu fazia parecia lhe causar uma espécie de encantamento.

Mas eu não podia acreditar naquilo. Era tudo um jogo. Henrique estava apelando demais, era um péssimo combatente. Viu que não podia me derrotar em condições normais e começou a inventar aquela historinha de paixão.

Sou uma mulher bem vacinada, obrigada.

– Bom dia... – escutei seu sussurro assim que abri os olhos contra a vontade. Sentime meio suada e grudenta logo de cara.

– O que tem de bom? – respondi com grosseria, a única arma que possuía para me defender de todo aquele mel com açúcar.

Henrique estava parecendo um deus grego completamente nu na minha cama. Os lençóis só lhe cobriam parcialmente, de um jeito bem fraco. O tórax exposto me fez querer dar logo pela manhã, o que não é muito conveniente, haja vista o meu bafo de zumbi e as remelas nos olhos.

Foi lembrando o meu estado catastrófico que tratei de me levantar. Segui para o banheiro e, desfazendo a trança do meu cabelo – que àquela altura estava bem disforme –, abri o box,

entrando com tudo debaixo do chuveiro de água morna. Claro que o Henrique Farias tinha que vir junto. Não podia ficar na dele e ir embora antes que me arrependesse de tê-lo deixado entrar no meu quarto.

Lavei o meu rosto e a minha boca, bem como todo o meu corpo. Peguei o shampoo e continuei fazendo a minha higiene matinal como se um cara enorme não estivesse esfregando seu pau duro na minha coluna. Só lavei o cabelo uma vez e peguei o condicionador. Apliquei-o, massageando o meu couro cabeludo. Henrique continuou me atiçando, juntando-se a mim para receber o jato forte do chuveiro.

– O bom é que acordei ao seu lado... – ele sussurrou depois de um tempão, fazendo o meu corpo dar uma esquentada só com o timbre de sua voz.

– Grande coisa.

– É mesmo... Uma coisa enorme.

– Não, coisa enorme é o que está me tocando aqui atrás.

Ele riu. Senti quando segurou o próprio pênis e o forçou na minha bunda. Soltei um gemido meio esquisito. Droga. Precisava parar de gemer. Estava parecendo uma idiota agindo daquela forma.

– Tenho muito trabalho a fazer, Henrique. Estamos na metade do projeto, acho que consigo terminá-lo no fim deste mês.

– Certeza?

– Sim, só basta você me entregar os cálculos novos para seguirmos para a terceira e última fase. Deu para aproveitar bastante coisa do que a presidência já tinha feito... Ainda bem. Este fim de semana será decisivo! Vou trabalhar bastante nele, sem me preocupar com os problemas do departamento de estratégia e com as coisas da direção.

– Ótimo. Posso ficar e te ajudar.

Afastei-me no impulso. Girei o meu corpo e fiquei de frente para ele. Henrique estava mais do que belo com o corpo todo molhado e pronto. Desconcentrei-me por alguns instantes antes de definir:

– Não.

– Tudo bem... Ainda preciso concluir os novos cálculos mesmo. Qualquer coisa me ligue. Sério.

– Por que te ligaria? Se tiver problemas vou ligar para o Breno.

Ele prendeu os lábios, meio zangado com o que falei. Perfeito. É isso o que quero que sinta por mim. Antes raiva do que amor. Raiva é bem menos preocupante.

Depois de alguns segundos, Henrique sorriu. Bufei, frustrada. O meu instinto mais profundo me fez erguer uma mão para lhe tocar o pau ereto. Massageei-o com cuidado, deixando a água escorrer. Peguei um pouco do sabonete líquido e continuei o serviço, deixando-o todo repleto de espuma.

– Se sentir falta disso me ligue... – ele falou com malícia, olhando para onde a minha mão o tocava.

– Se sentir falta disso só é chamar o Jaime – incitei.

Henrique finalmente fez a expressão de indignação que eu queria. Encarou-me com severidade, puto de ódio. Esperei um pouco para que começasse a me xingar e fosse embora da minha casa, mas o maldito não falou nada por um longo período de tempo.

De repente, veio com tudo, imprensando-me na parede. Segurou minhas coxas e obrigou as minhas pernas a se abrirem ao seu redor. Ele estava tão ereto que encontrou com facilidade o caminho para me penetrar, e o fez com força. Levei um susto e senti verdadeira dor com sua atitude brusca, por isso gritei alto. Não sabia que estava excitada até perceber seu pênis escorregando no vai e vem que fazia dentro de mim.

Uma boca nervosa tomou a minha, e me vi completamente sem saídas. Meu coração se acelerou de angústia e prazer, dor e vontade, indignação e pressa. Puxei seus cabelos para trás, livrando-me de sua boca.

– Não, Henrique! Pare!

Ele parou dentro de mim. Minhas pernas balançaram involuntariamente, e o meu quadril rebolou um pouco. Foram reações incomuns do meu corpo pedindo pelo seu. Henrique anotou o recado e riu, iniciando novas investidas profundas.

– Seja sincera consigo mesma, Laura... – rosnou, estocando duro. A força que usava era tamanha, mas não doía. Minha vagina cedia a cada choque. – Não me mande parar quando o que quer é continuar. Não seja grossa comigo quando o que quer é me tratar bem... Não ligue para o capacho quando souber que só vai se saciar comigo.

Precisei rir.

– Você se acha tanto!

– Não me acho... Tenho certeza, gostosa. Tenho certeza de que você me quer.

Apoiou a minha cintura para ajudar no movimento, que se tornou tão acelerado e repleto de sutilezas que não tive outra opção além de gozar deliciosamente. Fiz questão de me manter silenciosa, quase não conseguindo. Ainda soltei um gemidinho sem querer, mas foi baixo.

Henrique me soltou tão depressa que quase caí estatelada no chão. Segurou-me no último instante, mas acabei ajoelhada diante dele. Soltei um grito de susto, e me assustei ainda mais quando começou a jorrar seu sêmen bem na minha cara. Tentei me afastar, mas o maldito me segurou pelos cabelos. Arfei alto e me desesperei.



– Seu... cretino! – usei tanta força para me afastar que caí sentada no chão. – Como pôde?

Henrique não desistiu ou se afastou. Continuou com seu olhar feroz enquanto sentava no chão do banheiro e me puxava para cima dele. Seu pênis ainda ereto voltou a me preencher, e já não entendia mais nada. Perdi as forças para me distanciar. Só sabia que estava toda melecada dele, mas o chuveiro lavava o meu rosto mediante a água nos atingia.

Ele segurou os meus cabelos com as duas mãos e os puxou para cima e para baixo, obrigando-me a quicar em cima dele.

– Não! – gritei. – Não!

Largou-me e esperou. Seu olhar ficou um pouco mais manso. Esfreguei o meu rosto, terminando de me livrar do seu sêmen. Junto com ele, algumas lágrimas também se perderam. Só então o encarei sem nos desencaixar.

– Pronto – murmurou. – Posso continuar? Tem mais para você, só que a entrega é para a Laurinha desta vez.

– Você é tão estúpido!

– E você ama a minha estupidez.

– Que droga, pare de falar esta palavra!

Ele riu e me apoiou pela cintura. Em vez de me movimentar, Henrique me deixou parada e chacoalhou o seu quadril com fúria dentro de mim. Seu preenchimento era tão perfeito que o meu tesão foi despertado novamente. A vontade de gozar foi renovada, e lhe apertei os ombros enquanto morria de prazer com nossos choques.

– Eu te amo! – gritou de propósito. – Amo, amo, amo... Amor... Amor... Você me ama... ME AMA! – foi se movimentando ainda mais rápido enquanto gritava, sussurrava e gemia aquelas palavras estúpidas. – Ama...

– NÃO! – berrei em resposta, mas seu pau não deixou de trabalhar em mim por nada. Henrique tinha uma agilidade incrível.

As coisas se tornaram tensas quando ele pendeu o corpo para o lado oposto ao chuveiro, levando-me consigo. Pegou a minha perna e a puxou, girando o meu corpo até ficar de costas para ele. Ergueu-a ao máximo, deixando-me exposta, e voltou a me preencher lateralmente. Seu braço passou por baixo do meu pescoço, prendendo-me. O chuveiro continuou trabalhando, mas apenas nas nossas pernas.

Com a outra mão, começou a estimular o meu clitóris. Seu movimento não foi desacelerado por nada. Precisei gemer. Dei adeus a todas as minhas concepções quando entrei no segundo orgasmo, gritando como uma louca, uivando e me contorcendo ferozmente. Ele acompanhou os meus movimentos e parou em certo instante, afundado dentro de mim. A mão que me estimulava tremeu muito, foi então que soube que ele estava gozando também.

– Meu amor – concluiu, virando o meu rosto e me beijando.

Perdi todo o meu chão.

Depois da foda louca no banheiro, só queria que o Henrique Farias me deixasse em paz. Praticamente o expulsei da minha casa depois de um café da manhã rápido, que tinha sido preparado pelo Jaime, mas, graças aos céus, eles não chegaram a se encontrar. Não sei onde o Jaime tinha ido, porém devia ter visto o carro do Henrique na frente de casa e decidi ficar recluso.

Liguei para ele assim que o Henrique foi embora.

– Onde está?

– Aqui em casa, esperando ordens da senhora.

Suspirei.

– Desculpa, Jaime... Isso vai ter fim quando eu tiver ganhado.

– Espero que sim, Doutora – sua voz estava visivelmente triste.

Lembrei-me da conversa com o Henrique e me senti um verdadeiro lixo humano.

– Olha... Você tem algo que queira fazer hoje? Preciso trabalhar o fim de semana inteiro... Vai ser chato.

– Na verdade tem um churrasco do pessoal da faculdade, mas... Não queria ir sozinho. Achei que a senhora pudesse me acompanhar.

Congelei. Nunca acompanho Jaime a lugar algum além de um cinema de vez em nunca, ele só podia estar ficando doido! Por que vinha com essa história logo agora? Queria pular uma etapa da nossa relação quando o que eu mais queria era me distanciar?

– Sabe que não é assim que funciona – informei. – Pode ir, divirta-se.

Ouvi o seu suspiro.

– Não vou sozinho, Doutora, só se me ordenar. Estou louco de desejo pela senhora, e faz tanto tempo que não... – Suspirou de novo. – Sabe, lá tem umas garotas que dão em cima de mim. Eu sou seu homem, Doutora, não vou fazer besteira, jamais te trairia, mas... Não sei se consegue me entender. Fica difícil e desconcertante me desvencilhar.

Conseguia entendê-lo perfeitamente. Sempre mantivemos uma relação baseada em sexo quase diariamente, no entanto fazia um tempo, que eu nem conseguia calcular, que não transávamos. Claro que o Jaime estava em tempo de ficar louco, e ainda mais sendo paquerado na faculdade... Coitado.

Prendi os lábios e pensei bastante.

– Eu te concedo a liberdade por um dia – murmurei.

– O QUÊ? – gritou. Limpou a garganta. – Desculpe-me... O que disse, Senhora?

– Foi isso o que ouviu. Pode ir, Jaime... Cuide-se, previna-se... Faça o que der vontade. Transe com outra mulher, ou com outras mulheres.

– Doutora Laura... Em... Em todos esses anos, a senhora nunca...

– Sei bem disso, mas estou te ordenando agora. Não vai seguir a minha ordem? – falei com um timbre mais rígido.

– Vo... Vou, mas... Eu... Quero a senhora, não outras mulheres.

– Não posso te dar isso agora, Jaime. Não até tudo acabar. Não acho justo te deixar no banco de reserva. Estou te dando a liberdade por hoje, aproveite-a. Amanhã voltará a ser só meu.

Ele ficou mudo durante algum tempo. Não sabia direito se estava fazendo a coisa certa, mas tinha certeza de que não era justo fazê-lo esperar por mim.

– A senhora se importa tão pouco assim comigo? – sua pergunta veio acompanhada de um gemido frustrado. Achei que estivesse chorando, o que jamais aconteceu. Jaime era um homem forte; sua submissão não era uma fraqueza, apenas mais um sinal de sua coragem.

Meu estômago se contorceu. Senti vontade de vomitar.

– É por me importar que estou fazendo isso.

Dei um tempinho para o Jaime se recompor.

– Tudo bem. Permissão para desligar.

– Divirta-se – eu mesma acabei desligando.

Trabalhei o sábado inteiro. Adiantei muita coisa, e só percebi que o dia havia acabado quando recebi uma mensagem do

Henrique no celular, à meia-noite:

*“Durma com os anjos e sonhe comigo... Em breve você dormirá comigo e sonhará com os anjos. Foi piegas, peguei na internet. Só queria te fazer rir. Te amo. Henrique.”*

Tudo bem, ele havia conseguido, mas só porque imaginei uma orgia entre mim e os anjos. Talvez também porque ele decidiu voltar a tirar a minha paz em todas as noites. Acabamos trocando as seguintes mensagens:

*“Será que eles são bem dotados como você?”*

*“Quem?”*

*“Os anjos... Fiquei interessada.”*

*“Oh, não... Sou bem melhor do que eles, acredite.”*

*“Esta noite descobrirei, então.”*

*“Boa noite, Madrasta má. Esqueça os anjos. Durma sozinha mesmo.”*

*“Boa noite, Cinderela apaixonada e ciumenta.”*

Eu não sabia o que fazer com o Henrique. E por não saber, simplesmente decidi ignorar pensar nele. Não ia adiantar cogitar nada. Tudo relacionado a nós dois tinha um enorme “se” a tiracolo, que só seria dissipado depois da escolha da presidência. Antes disso, preferia apenas ficar sem acreditar em uma palavra do que dizia. Não que tenha feito alguma diferença até então.

O domingo correu lentamente, e o trabalho continuou árduo. Precisei contatar o Breno, e acabamos decidindo muitas coisas via *skype*. Gostava do Breno por causa disso: era pau para toda obra. Não importava o dia ou a hora, sempre estava disposto a trabalhar.

O miolo do projeto estava quase concluído quando, novamente, percebi que já era meia-noite. Tudo por causa do Henrique, que me ligou para desejar boa noite. Mal havia comido o

fim de semana inteiro, só o Jaime que insistiu para que eu almoçasse. Fiquei temerosa de perguntar como havia sido o churrasco – e o seu jeito meio distante me incomodou o bastante para permanecer calada. O que os olhos não veem o coração não sente... Preferia ficar no escuro. Pensar no Jaime saindo com outras mulheres não era tão legal assim. Estava acostumada com ele, além de que era muito possessiva. Quero o que me pertence sempre comigo.

Na segunda-feira pela manhã tratei de ir resolver dois abacaxis: um deles era numa obra de um condomínio enorme, o outro era em um prédio mais simples, porém trabalhoso. Acabei almoçando na rua e voltando à CMD perto das duas da tarde. Já estava cansada logo no início da semana, bufando de insatisfação por ter o meu tempo de dedicação ao projeto reduzido.

Estava caminhando em um dos corredores do departamento de desenvolvimento – a fim de pegar alguns papéis com o Sr. Lopes antes de subir para presidência – quando ouvi o meu nome por alto. Estaquei de repente, olhando para os lados. Pensei que alguém tivesse me chamado, mas o corredor estava vazio. Dei alguns passos e encontrei uma porta aberta, era de lá que vinha a mesma voz – feminina, por sinal –, que tinha dito o meu nome. Encostei-me na parede e aguicei os meus sentidos. Odeio bisbilhotar, mas claro que não ia perder a oportunidade.

– Eu vi com os meus próprios olhos! Ela é uma safada, isso sim – um timbre de uma mulher bem mais madura se fez presente. A outra mulher começou a rir, mas de um jeito meio nervoso.

– Vindo dela não duvido de nada. Parece o demônio – falou uma terceira voz, que também era feminina. – E venhamos e convenhamos... Henrique Farias é uma gracinha! Quem não queria pegar no pinto dele?

Ouvi gargalhadas. Meu cérebro congelou por alguns instantes. Puta que pariu! Estavam falando da ridícula situação em que me meti quando comecei o desafio com o Henrique. Com certeza uma

daquelas mulheres era a velhota secretária do Sr. Delacox, única testemunha do instante em que peguei no pau dele na presidência. A maior fofoqueira da CMD.

– Sorte da Helena! – alguém completou.

Rangi os dentes.

– Sorte minha mesmo – a voz da Helena me causou repulsa. Por Deus, quantas mulheres haviam se reunido ali para falar da minha pessoa? – E digo mais, conheço o Henrique muito bem. Está se divertindo com a monstra até conseguir o cargo. Ele é louco por mim, sempre foi... Aposto o que quiserem que quando for o diretor me colocará como coordenadora. E então não precisarei mais ouvir ordens da vaca preta.

Ouvi ainda mais gargalhadas. Levei uma mão à boca para conter um soluço, e senti meus olhos marejarem. Sabia muito bem que a Helena não era nenhuma santinha, mas ouvir aquilo tudo de uma vez era informação demais para processar. Não sabia o que havia me deixado mais indignada: o fato de ela estar certa com relação ao Henrique ou o modo grosseiro e racista como se referiu a mim.

– Amém! – alguém gritou, provocando mais risadas.

– Votei nele na aposta. Estou confiante, preciso do dinheiro – a voz mais velha revelou. – Se bem que Doutora Laura é osso duro, não vai ser fácil pro Henrique.

– Que nada! – disse Helena. – Laura Diniz está caidinha por ele, é só uma questão de tempo. Ela vai terminar com o rabo entre as pernas! Vai ser a maior chacota da CMD! Podem anotar, vou pisar muito nela quando for coordenadora e estiver com o Henrique todo para mim.

Todas riram bastante, e então decidi que havia sido demais para mim. Alcancei o meu limite. Pensei em entrar na sala e ameaçar Deus e o mundo, mas me controlei e fui mais inteligente.

De nada ia adiantar agir no impulso. Guardaria as informações para mim e me manteria atenta a qualquer sinal. Helena tinha razão quando disse que eu viraria chacota caso perdesse o desafio. Ia ser mais do que vergonhoso. Logo eu, a pessoa mais temida da CMD, perdendo feio para um filhinho de papai metido a merda como o Henrique Farias?! Imperdoável.

E ele estava jogando comigo direitinho! O filho da mãe... Seu papinho estava me tirando a concentração no desafio. Precisava começar a não apenas me defender, mas a atacar. Uma guerra só é uma guerra quando ambos os lados usam de todas as armas para vencer o opositor. Henrique estava usando, mas e eu? Estava me desvirtuando do meu próprio objetivo, preocupada demais com o pseudo-sentimentalismo do maldito.

Cheguei ao andar da direção soltando fumaça pelas ventas. Abri a porta da sala e entrei como um furacão, ignorando o idiota que trabalhava em total silêncio no canto esquerdo.

– Boa tarde! – saudou, e o ignorei.

Sentei à minha mesa e abri as pastas, pronta para focar no projeto. Era só ele que me interessava.

– Eu disse boa tarde... – Henrique era tão miseravelmente insistente!

– Boa tarde é o cacete. Me erra, Henrique Farias.

Peguei uma lapiseira e liguei o computador. Não tinha dado para pegar os papéis no desenvolvimento – aquelas antas fofocando sobre mim acabaram me fazendo esquecer –, por isso caminhei até o telefone do ramal e solicitei que o Breno fosse buscá-los para mim.

Henrique colou nas minhas costas.

– Que bicho te mordeu? – curvou-se e beijou o meu pescoço.

Afastei-me depressa e indignada.



– Não encoste em mim, que merda! – berrei sem olhá-lo. Fui até a cafeteira e a liguei na tomada. Havia café feito, só esperava ser requentado. Henrique e sua mania de deixar o café esfriar.

– Laura... O que houve? Conta pra mim. Algum problema com a Jane?

Precisei olhar para a sua cara feia. Fiz uma expressão de nojo e ódio. Não dava para encará-lo sem me lembrar das palavras da Helena. Por um segundo, dei graças aos céus por ter tido a sorte de ouvir aquela conversa. Não era tarde demais para consertar os meus erros.

– Minha vida não te interessa mais – defini. Jane estava muito bem, obrigada. Ainda meio calada, mas era só o temor por causa da gravidez e tristeza pela perda do namorado. Não conversamos tanto assim, mas fiz questão de ir beijá-la antes de dormir. Já é um avanço, eu acho. Preciso de um tempo para me acostumar com as coisas, e ela precisa de um tempo sozinha. – Por favor, foquemos no projeto, pois é a única coisa que temos em comum.

Henrique franziu a testa. Claro que faria aquilo... Claro. Era da natureza dele se fazer de sonso.

– O que eu te fiz? – murmurou e se aproximou um pouco. Dei alguns passos para trás.

Suspirei.

– Ah, Henrique... Sorte sua que não sou uma hipócrita. Vou ser bem clara: não caí nesse seu joguinho idiota de paixão. – Fez uma expressão esquisita, mas continuei: – Enquanto brinca comigo e erra seus cálculos, deixo o projeto perfeito e não me dou o trabalho de enganar ninguém. Como vai ser bom te dominar no fim do desafio! Por favor... No dia em que eu for nomeada a diretora esteja nu, ajoelhado na minha cama. Abaixete a cabeça e não olhe nos meus olhos até eu ordenar. Ah! E não se esqueça de me chamar de Doutora Laura Diniz, caso contrário as consequências serão

gravíssimas. Vou acabar com a sua raça, te castigar tanto que nunca mais vai conseguir foder alguém de novo!

Henrique já estava com o rosto todo distorcido. É um cínico mesmo, viu? Deus me livre de tanta falsidade!

– Não sei o que deu em você... – arfou, balançando a cabeça. Fingiu um desespero que me causou nojo. – Não dê dois passos para trás, Laura. Pare com isso.

– Neste momento, estou dando muitos passos à sua frente. E se continuar de cu doce vai ficar para trás até não conseguir ver nem a minha sombra. Estou te avisando, meu amorzinho... – desdenhei. Senti raios de fogo partindo dos meus olhos e o atingindo. – Não sou do seu cacife. Não sou párea para você.

– Laura... Pare. – Tentou se aproximar novamente, porém não permiti. Espalmei uma mão e fiz um gesto grosseiro para que se mantivesse longe. – acredite em mim... Confie em mim e no que sinto. Eu te amo... Sei que me ama também. Não precisa ser assim. Vamos nos ajudar.

Ri ironicamente.

– Enfie esse falso amor no meio do seu rabo, junto com o seu cinismo. E trate de dizer à Helena para que não me subestime. Posso processá-la por racismo enquanto usa palavras pejorativas para se referir a mim nos corredores da CMD.

Henrique apoiou as mãos na cintura e franziu ainda mais a testa. Parecia indignado, mas ele era um ótimo ator.

– O que andou ouvindo, Laura? O que Helena está dizendo por aí?

– Pergunte a ela. Aproveite e lhe mande flores, desta vez de verdade. E faça ela lhe chupar na sua sala de novo, deve estar precisando de um trato. Mulher que sai falando da outra só pode ser falta de pica! – sorri com malícia. – Ainda bem que não sofro disso, não é mesmo?

Henrique balançou um pouco a cabeça. Olhou-me por alguns instantes e, batendo os pés, deixou-me sozinha na sala. Otário. Pensava que me venceria com tão pouco? É preciso mais do que algumas palavras bonitinhas para me fazer cair. Aliás, Henrique precisava morrer e nascer de novo para conseguir me abalar, e mesmo assim não estaria nem perto de derrubar a base sólida que construí para realizar o meu maior sonho: ser alguém.

Ninguém tem o direito de me impedir de ser alguém.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

Não deixo problemas urgentes para serem resolvidos depois, ainda mais quando a curiosidade impera e a minha paz depende disso. Não estava com raiva da Laura, apesar de tudo. Estava morrendo de raiva por nunca ter tido um momento prolongado de paz com ela, isso sim. Sua atitude era uma reação que podia ser considerada normal – estamos falando da Laura Diniz, certo? –, haja vista o que lhe aconteceu: algo que eu não sabia o que tinha sido. Ainda.

Saí da sala antes que o meu orgulho colocasse tudo a perder e segui rumo ao departamento de contabilidade. As minhas respostas com certeza estariam por lá. Não precisava ficar e piorar a situação falando alguma besteira, ou ouvindo ainda mais besteiras da parte dela, sendo que sei muito bem que tudo foi provocado por alguém que não fui eu.

Não achei Helena em parte alguma do andar, até que decidi ir à antiga sala. Para a minha surpresa, lá estava ela, mexendo nas minhas coisas como de costume. Às vezes eu reclamava da sua atitude intrometida, às vezes não. Sempre confiei nela. Nunca me deu motivos para achar que poderia estar me prejudicando, éramos uma dupla competente. No entanto, naquele momento, senti que

alguma coisa mudou dentro de mim. Vê-la ali me incomodou até demais.

Helena levou um susto quando me viu. Sorriu logo em seguida. Continuei sério, tentando ignorar a vontade de estapear a sua cara por ter feito algum mal à Laura. Não me conformava de que alguém como ela estivesse atrapalhando os meus planos. Quem era a Helena para se colocar entre mim e a mulher que mais desejo neste mundo?

– Boa tarde, Sr. Henrique! Ia levar esses documentos para o senhor agorinha mesmo.

Nem me dei o trabalho de olhar na direção da papelada que segurava.

– O que fez com a Laura? – perguntei na lata, sem tempo a perder com ladainhas. Sentia-me exausto de tanta confusão. Só queria poder fugir com a Laura de novo, e desta vez não retornar à realidade nunca mais.

Helena arregalou os olhos verdes. A boca rosada se entreabriu.

– Na... Nada, nem a vi hoje... Eu juro!

– Pois tenho certeza de que fez alguma coisa. O que anda falando por aí?

– Na... Nada, Senhor... – começou a tremelicar tanto a voz quanto as mãos. Eu podia ter pena, mas não tive. Minha compaixão tinha ido para o bebeléu.

Aproximei-me lentamente. Ainda me controlava para não atirá-la pela janela.

– Helena, não quero saber de você fofocando sobre ela. Sabe muito bem que a Laura descobre tudo. Seja o que for que tenha dito, foi sério, e sugiro que jamais torne a repetir. Até porque ela ameaçou te processar.

Ela já estava com o rosto todo corado. Quando mencionei o processo então, ganhou uma coloração roxa bem esquisita. Parecia sem chão, como se não acreditasse no que estava acontecendo.

– Ma... Mas, Sr. Henrique, eu não...

– Chega. – Fiz um movimento com as mãos, impedindo-a de falar. – Saia desta sala agora.

Passou por mim olhando para o chão. Parecia um cãozinho abandonado com o rabo entre as pernas. Seu aspecto era bem infantil mesmo, chegava a ser inimaginável que alguém tão meiga tivesse irritado a Laura. Ainda estava curioso, mas Helena não parecia disposta a cooperar e me contar o que houve. Pelo contrário, só havia negado.

Mas eu confio na Laura, sei que não se chatearia daquele jeito à toa. Todas as palavras rudes que já me ofereceu vieram carregadas de sentido, mesmo sendo uns que só ela compreendia. Meu dever era respeitar o seu gênio forte, sua força interior, o fato de não conseguir ser reduzida ou ameaçada.

Peguei o meu celular, disposto a tirar outra dúvida que me acometeu. Sentei no pequeno e empoeirado sofá da minha sala e esperei a ligação ser atendida, visualizando o céu meio nublado daquela tarde por meio da janela.

– Jane? – falei assim que fui atendido com um “alô?” fraco.

Ouvi alguns gemidinhos sonolentos.

– Henrique... O que houve?

Conferi o meu relógio. Eram quase três da tarde.

– Você está bem?

– Sim... Estava dormindo.

– Foi ao colégio? – Certo, eu tinha mesmo levado a sério aquela coisa de pai. Era uma espécie de preocupação natural, que

invadiu meus instintos assim que ela me deu abertura.

Jane soltou mais um gemido, espreguiçando-se. Demorou um pouco a responder, mas eu já sabia a resposta.

– Não conte à Laura, por favor...

– Hum... Tudo bem, mas amanhã você vai, combinado?

Não respondeu.

– Jane? Combinado?

Suspirou.

– Deixa comigo. Tentarei superar a ideia de que vou ser mãe solteira aos dezessete. Não é problema algum, né? Posso prestar atenção nos logaritmos da aula de Matemática e achar a Segunda Guerra Mundial o melhor assunto do mundo.

Ela tinha razão. Qualquer coisa perdia a importância diante de sua atual situação, mas não era por isso que iria desistir de ter uma vida normal. Concordo com a Laura: Jane precisava concluir os estudos, trabalhar, ingressar numa faculdade. A vida dela não podia parar por causa do bebê. Seria difícil, claro, a responsabilidade se intensificaria, mas não era o fim do mundo.

– Não precisa prestar atenção. Eu nunca prestava atenção nas aulas, era um péssimo aluno! – Jane riu um pouco, de um jeito incrédulo. – E hoje estou aqui, formado e com um bom emprego. Só vá à escola, reprovar por falta é uma droga. O ano já está acabando, então... Peça ajuda nas provas finais e trate de concluir o ensino médio, Jane.

Curvei a minha cabeça para trás, apoiando-a no encosto do sofá. Relaxei o meu corpo e fechei um pouco os olhos. Estava cansadão, de verdade.

– Não sei se vou conseguir fazer isso – admitiu. – Quero dizer, a Laura foi perfeita comigo! Conseguiu me criar na maior

dificuldade, mas eu sou um zero à esquerda! Não consigo fazer nada direito... Neste momento estou pensando em fumar o restante do maço que escondo no meu guarda-roupa, mas então penso no bebê e... Ontem fumei dois cigarros! – começou a choramingar, do nada.

Ergui-me muito rápido, arregalando os olhos.

– Nem pensar, Jane! Não pode fazer isso, precisa se cuidar.

– Eu sei! Não vou fazer, mas está difícil. Eu o amava, Henrique... – Àquela altura ela já havia começado a chorar de verdade. – Amava muito! Já teve seu coração destrozado de um jeito... Sei lá, nem sei explicar. É como se tudo o que acreditasse tivesse morrido! Há alguns dias eu tinha um futuro, e agora... Não tenho nada!

Fiquei com muita dó. Coitada.

– Jane... Isso é uma fase, você está em choque ainda. As coisas vão se arrumar e vai ver que não é tão ruim assim. Sei como é se decepcionar, acredite... Já me decepcionei muito e estou vivo. A gente vai aprendendo a sobreviver à própria vida. E por falar em vida... Tem uma dentro de você agora. Pense nela.

Nunca fui um bom conselheiro. Aliás, nunca fui um conselheiro, de um modo geral. Mas sentia que precisava dizer as coisas certas para Jane. Ela ainda chorou mais um pouquinho, e respeitei aquele momento ao máximo, até que se recompôs para dizer:

– Vou ao colégio amanhã, prometo.

– E vai jogar os cigarros fora.

– Vou.

– Promete?

– Prometo. Vou fazer agora mesmo.

– Muito bem – não consegui evitar um sorriso.

– Agora me diga o motivo real de ter me ligado. Duvido de que tenha parado o seu serviço para perguntar a uma adolescente rebelde se ela foi à escola hoje. Aconteceu alguma coisa?

Jane era incrivelmente esperta. Mas não me admira, ela conviveu com a Laura durante a vida toda. Claro que tinha que crescer esperta.

– É verdade – confessei. – Claro que queria saber se estava bem, mas também queria me inteirar sobre o comportamento da Laura em casa. Ela está daquele jeito aqui na empresa, se é que me entende... Pensei que talvez tivessem brigado de novo.

– Estamos bem – respondeu com convicção, mas depois sua voz vacilou. – Eu acho. Vai demorar até que tudo volte a ser como antes...

Soltei um longo suspiro.

– É, eu sei. As coisas vão fluindo.

Ficamos alguns segundos calados, cada qual com a sua linha de pensamento. A minha estava perturbada e confusa, sem saber o que fazer. Não sabia onde me encaixar naquela história. Estava tentando abrir um espaço para mim na vida da Laura, mas estava difícil. Não que tivesse achado que em algum momento seria fácil.

Foi Jane quem me tirou dos devaneios:

– Vou te ajudar a conquistá-la.

– O quê? – perguntei meio aéreo. Já estava imaginando mil coisas. Se Laura não estava com problemas em casa, então o que ouviu da Helena realmente não havia sido bobagem. Sei como Laura pode ser exagerada às vezes, movida por aquele ódio que sentia do mundo, mas ela tinha se chateado de uma forma intensa, por isso que uma das minhas teorias era a de que estava passando por mais de um problema.



– Sei que gosta dela, mas tem o Jaime... Tipo, Laura nunca gostou do cara, sério. Às vezes acho que ele é o nosso empregado, e não namorado dela. É esquisito! – Jane provavelmente não sabia de nada sobre o tipo de relação que a irmã mantinha com o capacho particular. – Bom... Eu gosto de você, Henrique. Mesmo sem saber o que ela sente, você parece ser alguém melhor do que o Jaime. Eles namoram há tantos anos e nada se modificou na Laura... Mas então você apareceu e as coisas foram acontecendo... Não pode ser coincidência. Não pode. Quero te ajudar, de verdade. Laura é tão cabeça dura!

Jane me provou que era ainda mais esperta do que eu achava. Concordava com tudo o que tinha dito, e achei maravilhoso o fato de não ter sido o único a perceber aquilo. Pensei que estivesse imaginando coisas, mas não... A própria irmã sabia reconhecer que éramos o melhor um para o outro. E pelo visto já havia feito a própria escolha.

Fiquei imensamente feliz em ser o escolhido pela Jane. Até me esqueci de respondê-la, por isso continuou:

– Só não desista da gente, Henrique... Se você conseguiu gostar dela sendo desse jeito, espere só quando ela voltar a ser a velha Laura! Ela era tão divertida... Eu me lembro! – riu de leve, com ar nostálgico.

– Acho que gosto dela do jeito que ela é – admiti a mim mesmo em voz alta. Passei uma mão por entre os meus cabelos. Confessar aquilo não foi fácil para o meu ego. – Laura precisa se modificar para ser feliz de verdade, mas isso não é uma condição para que eu a ame. Ela já é muito divertida para mim. Do jeito dela... Mas é.

Jane riu de verdade. Chegou a gargalhar. Não encontrei graça em parte alguma, por isso esperei que concluísse. Estava me esquecendo de que conversava com uma adolescente.

– Ainnn, que bonitinho! – berrou, fazendo-me recordar.

Tive uma ideia e, encerrado todos os assuntos que tínhamos para tratar, decidi me despedir.

– Tenho que desligar. Se cuida, Jane. Vá ao colégio amanhã, nada de moleza.

– Pode deixar... Tchau, Henrique. E obrigada!

– Obrigado você.

Desliguei e permaneci reflexivo. Infelizmente não podia demorar muito – havia trabalho a ser feito –, mas me permiti alguns minutos de descanso. Voltei à diretoria e encontrei a Laura no meio de uma discussão calorosa com o Breno e o Júnior. Estavam animados com o rumo do projeto, tudo indicava que estaria concluído em tempo record. Participei da conversa, mas sem trocar palavras com a Laura. Ela precisava de tempo e espaço, eu tinha a paciência necessária para lhe presentear com os dois.

Tudo bem, não era paciência. Era respeito mesmo.

Subi ao andar da presidência perto das seis da noite. Sabia que a movimentação por lá estava reduzida, afinal, todo mundo gostava de largar na hora certa. Eu que tinha mania de pegar horário extra. Meu objetivo era me encontrar com o Marcos Delacox pessoalmente, talvez com o Edmundo Bittencourt, caso o primeiro estivesse muito ocupado. Não queria atrapalhar, mas o assunto a ser resolvido era sério, e sabia que a Laura estava pensando ainda no que fazer a respeito. Se houvesse feito alguma coisa com certeza eu já saberia.

Fiquei esperando em uma sala ampla, onde a secretária do Sr. Delacox trabalhava avidamente em um computador. Ela tinha o dom de teclar provocando o maior ruído possível, como se estivesse diante de uma máquina de escrever. Ficou me observando de um jeito estranho, e foi com muito custo que me lembrei de que a velhota era a mesma secretária que havia me visto com a Laura no episódio da “pegada no pau”.

Tive vontade de rir. Quase não consegui me controlar, por isso peguei uma revista, que estava em cima do sofá, abri em uma página qualquer e disfarcei. Comecei a rir como um idiota, tentando não provocar ruídos. Não sei o que me dá, às vezes me comporto como um doido.

– Sr. Henrique – a mulher me chamou atenção, provocando-me um pequeno susto. Parei de rir e me recompus na velocidade da luz. – Sr. Delacox não está e o Sr. Bittencourt também não. Senhorita Ana Vitória Salazar pode recebê-lo. Tudo bem?

Droga. Não seria uma boa me encontrar com a Ana. Ela não me seria nada útil. Não confiava na vadia. De jeito nenhum. Ainda mais para resolver o assunto em questão.

– Não, eu... Volto em outra hora.

Levantei-me depressa. Caminhei até os elevadores quando uma porta se abriu, chamando-me a atenção. Era a Ana, acompanhada pela Sra. Delacox. A segunda estava se despedindo da primeira como se fossem grandes amigas, mas ambas pararam quando me viram. Precisei mostrar respeito e fui até elas a fim de cumprimentá-las.

– Queria falar comigo, Henrique? – Ana perguntou depois que os cumprimentos foram devidamente realizados.

– Não... Na verdade só pode ser com o Sr. Delacox.

Sara Delacox me olhou de um jeito esquisito.

– Pode ser comigo? – perguntou.

Pensei por um instante. Seria muito esquisito se eu recusasse. Sei lá, chamaria atenção desnecessária para o meu problema.

– Sim, creio que sim, Senhora.

– Vamos, então entre – abriu a porta atrás de si. Olhou o relógio de pulso. – Ainda tenho alguns minutos.

Para o meu descontentamento, Ana Vitória fez questão de se meter nas coisas e entrou na sala da presidência na maior cara de pau, mesmo sem ser bem-vinda. Sara me convidou a sentar diante da mesa de reuniões. Não sabia direito por onde começar, estava meio envergonhado e me perguntando se estaria agindo incorretamente. Ou com muita indiscrição.

O pior era que nada mais me vinha à mente. Podia arranjar algum outro assunto para tratar, mas não conseguia pensar direito. Por fim, quando duas mulheres elegantes, ricas e finas me encararam simultaneamente, não pude dizer nada além da verdade.

– Bom, eu... Vou direto ao ponto e ser bem sincero, senhoras – sorri de um jeito inocente. – Andei analisando alguns documentos da empresa e notei algo que não consegui buscar explicações lógicas. É um assunto que nada tem a ver comigo, mas conheço a pessoa atingida e não acho nada justo. Vim interceder por conta própria, ela nada sabe que estou aqui fazendo isso e provavelmente não concordaria.

Sara franziu a testa. Ana também. Claro que não tinham entendido nada.

– Sim, Henrique... Continue – Sara Delacox gesticulou com as mãos cobertas de anéis dourados. – Qual foi o problema?

– Como as senhoras bem sabem, estou trabalhando nas questões da diretoria... Não deixei de analisar todos os papéis referentes aos coordenadores, pois eles também são de responsabilidade do diretor. – Tomei fôlego para concluir a minha ideia: – Fiquei abismado quando, em uma dessas análises, percebi que a Doutora Laura Diniz, coordenadora do departamento de estratégia e concorrente ao cargo da direção geral, possui um salário mensal inferior a outros coordenadores, inclusive ao meu.

Sara continuou com a mesma expressão, como se ainda não tivesse entendido muita coisa. Já Ana pareceu ter entendido até demais. Apoiou as costas na cadeira e cruzou os braços. Sorriu um

pouquinho, mas depois fechou a cara em uma expressão indecifrável.

– Sei que não tenho nada a ver com isso, mas... – prossegui, já me arrependendo de ter feito tudo aquilo. – Considero muito injusto. Laura Diniz é uma profissional excelente e fundamental aqui na empresa... Um de seus projetos ganhou um prêmio recentemente, como as senhoras bem devem saber.

Ana agora exalava ódio. Droga mil vezes. Tinha feito merda. Ela não devia estar naquela sala. Era óbvio que não gostava da Laura. Ou que gostava de mim e por isso não gostava da Laura. Não sei dizer qual era a dela, só que devia ter ficado de bico calado.

– Sim, fiquei sabendo... – Sara Delacox sorriu um pouco. Ela sim parecia bem mais amena com relação à situação. – Entendo o seu ponto de vista, Henrique, e concordo. Irei pessoalmente verificar no departamento de recursos humanos se há algum problema com relação à situação da Laura na empresa. Caso não houver pendência ou qualquer outro erro, será de muito prazer corrigir o valor ainda neste mês. Doutora Diniz é mesmo uma profissional incrível.

Nem sei dizer se fiquei feliz com aquilo ou morrendo de medo. Foi um misto maluco que me fez perder o fôlego quase que de imediato. Sara Delacox havia me dito exatamente o que eu queria ouvir, porém o jeito como falou na Laura deixou meio óbvio de que votaria nela na escolha do novo diretor geral. E isso, definitivamente, me atingia de um jeito esquisito. Não que estivesse contra a Laura, mas estava ao meu favor, é claro. Queria o cargo da diretoria. *Ainda* queria o maldito cargo da diretoria. Depois de tudo pelo que passei, aquele nunca deixou de ser o meu objetivo.

Mas como ganhar o cargo sem fazer a Laura sofrer pela perda dele?

Quando percebi que estava entre a cruz e a espada entrei em um estado de desespero difícil de ser superado. Empertigado,

levantei-me da cadeira acolchoada e charmosa que compunha aquela sala imensa.

– Não quero tomar mais do tempo das senhoras. Era só isso que precisava resolver. Obrigado por me ouvirem, e obrigado, Sra. Delacox, por se manter justa diante do caso.

Ambas se levantaram e sorriram, até mesmo a Ana, mas percebi que o seu sorriso era forçado. Depois de novos cumprimentos, tratei de ir embora sem olhar para trás. Não tinha como me arrepender depois de tudo ter dado certo. Estava confiando no bom senso da Sra. Delacox. Ela sempre me pareceu uma boa pessoa, além de que a sua competência sempre foi notável dentro da empresa.

Assim que o elevador chegou, notei que não entrei sozinho. Para a minha total surpresa, Ana Salazar surgiu do nada. Fiquei muito nervoso com a sua presença, mas acredito que a raiva foi maior. Ainda não tinha engolido o fato de ela ter ido pegar o prêmio que era de direito da Laura. Sua atitude superou o ridículo.

– Olha só... Henrique Farias defendendo a Laura Diniz – comentou com desdém.

– Só estou fazendo o que acho justo – expliquei-me, mesmo sabendo que não devia explicações. Tudo bem que Ana tinha o poder de me dar ordens dentro da empresa, mas o direito de se meter na minha vida havia passado bem longe dela.

Fez uma careta incrédula.

– Suas estratégias são demais, Henrique. É por isso que tenho certeza de que vai ganhar – aproximou-se um pouco, tocando na minha gravata. – Se fazer de bonzinho... Trabalhar em equipe... Ajudar o próximo como um bom samaritano. Um homem digno e cheio de valores morais, além de ótimo profissional, é tudo o que uma empresa quer para ocupar um alto cargo.

Desta vez fui eu quem fez uma careta. Afastei-me no reflexo, dando um passo para o lado. Ana era mesmo uma cobra peçonhenta. Uma víbora mais do que ridícula. Entretanto não podia tratá-la mal. Queria aquele cargo, não queria? Se a afastasse de mim seria pior. Teria mais uma integrante da presidência contra mim.

– Do que está falando, Srta. Salazar?

Ela bufou, deixando seus olhos límpidos me analisarem com atenção. Tornou a se aproximar e a me tocar, desta vez na altura do ombro. Minha nossa... Que mulher mais louca! Sua falta de noção era espantosa.

– Você não me engana, meu bem. Adoro homens que não medem esforços para conquistar o que querem – falou mais baixo do que antes, tomando a liberdade de se aproximar ainda mais. – Pode crer, Henrique, que quando for o diretor, será uma questão de tempo até que ganhe um cargo mais elevado ainda. Eu mesma farei isso ser possível.

Abri bem os olhos, estupefato. Ela estava me oferecendo um cargo maior? Sério? A troco de quê? O que ela queria que eu fizesse?

Pela sua aproximação soube muito bem o que era.

– A... Acho que não estou entendendo... – murmurei e sorri um pouco, ganhando uma nova chance para me afastar. Ana segurou a minha gravata e veio junto, grudando em mim como um chiclete mastigado. Puta merda... O que eu ia fazer para despistar aquela louca sem jogar para os ares a chance de crescer dentro da empresa?

– Ai, Henrique... – sua voz saiu como um gemido. Eu acharia uma delícia se não estivesse tão enfurecido. – Sabe muito bem o que estou dizendo. Preciso ser mais clara? Então tudo bem... Aqui é um ambiente muito exposto para nós. Encontre-me na minha casa, hoje, assim que sair daqui.

Enfiou um papel, que eu nem tinha visto que estava em suas mãos aquele tempo todo, dentro do meu bolso. Alisou o meu peitoral por cima da camisa. Seu toque me deixou em um estado de excitação e raiva, tudo junto e misturado.

Não dava para crer que aquilo estava acontecendo. O mais chato era não saber o que fazer ou falar. A minha vontade real era de mandá-la tomar naquele canto. Imaginei que se eu fosse a Laura Diniz já teria feito há muito tempo.

– Ana, eu... – Segurei os seus pulsos para impedi-la de continuar me tocando. Do nada, as portas se abriram. Levei um pequeno susto, porém fiquei ainda mais estarecido quando vi a Laura Diniz diante de nós, olhando-nos com curiosidade e... ódio?

Eu havia pedido parada no andar da direção. Olhei para cima, verificando os números exibidos em uma tela dentro do elevador. Era muito azar. Alguém só podia estar de brincadeira comigo. Mancomunando contra a minha felicidade ou sei lá o quê. Eu ia demorar séculos para convencer a Laura de que aquilo não tinha sido nada.

Larguei Ana Salazar devagarzinho, sem ter coragem de olhar para nenhuma das duas. Nem mesmo as cumprimentei. Saí do elevador depressa, passando por ambas com os olhos fixos no chão. A merda foi feita. Laura havia presenciado uma cena nada a ver, e estava pensando um monte de besteiras ao meu respeito, mas o que podia fazer? Sabia muito bem de que não adiantava discutir diante de sua raiva. Só me restava deixá-la passar.

Entrei na sala da diretoria com um ar de fracasso. Ia trabalhar por algumas horas antes do treino, mas não queria ficar ali por mais nem um minuto. Juntei as minhas coisas dentro da pasta e tentei manter a respiração constante. Foi impossível. Mais ainda quando ouvi um ruído da porta se abrindo. Era a Laura.

– Isso é baixo, Henrique. – Balançou a cabeça ferozmente. – Não dá para acreditar que está saindo com ela. Sabe perfeitamente



o que a nojenta me fez naquela premiação!

Respirei profundamente e fechei os olhos. Massageei as minhas têmporas.

– Vou dizer uma só vez: não estou saindo com ela, jamais faria isso. Não quero nada que tenha a ver com a Ana Vitória Salazar. Tudo foi um mal entendido, a vadia estava dando em cima de mim na maior cara de pau.

Abri os olhos, mas evitei contato visual com a Laura. Fechei a pasta e peguei a mochila, pronto para ir embora.

– Não acredito em você.

Uma coisa ruim subiu à minha cabeça. Era o ódio impressionante que ainda conseguia sentir por ela. Isso quando o amor se escondia, reprimido pelo seu gênio grosseiro.

– Se não acredita em mim, foda-se.

Sem querer olhei para ela, e vi quando seus olhos amarelos se arregalaram.

– Eu vi, Henrique. Não adianta negar o que vi com os meus próprios olhos. Qual é a sua desculpa? Ela dá em cima desde sempre... Mas você adora, não é mesmo? Ama a chance de ganhar um voto ao seu favor. É tão fácil ganhá-lo! É um voto muito prazeroso.

Não lhe respondi. Dei uma última olhada só para conferir se estava inteira o bastante e, percebendo que estava, dei as costas e abri a porta. Deixei-a sozinha pela segunda vez naquele dia. O andar já começava a ficar deserto. Cumprimentei alguns poucos funcionários só para manter a educação e parei diante do elevador. Chamei o de serviço, pois não queria me encontrar com ninguém durante o percurso até a academia, localizada no primeiro andar.

Senti primeiro o cheiro dela. Depois a sua voz invadiu o recinto e os meus sentidos.

– Sabia que você era um fingido. O melhor de tudo é saber que não me enganei, que cada coisa ruim que te fiz foi merecido.

Olhei o pequeno visor que indicava em que andar o elevador estava. Faltavam uns sete andares para chegar. Comecei a ficar angustiado. Já estava nervoso desde a presidência, agora então... Só faltava ter um troço.

Continuei sem respondê-la.

– Nem posso chamar isso de decepção. Digamos que é a conclusão de uma teoria que vinha desenvolvendo desde que te vi. Você não sabe jogar, não sabe desafiar. É um mentiroso. Só pensa nesse maldito cargo... Desde o início, foi apenas nele que pensou. Faz de tudo para conseguir o que quer, até mesmo tentar me deixar apaixonada. Coitado. Tenho peninha de você, Henrique Farias. Tudo o que fez foi em vão. Continuo sendo a melhor, e nem precisei dormir com ninguém da presidência. Como se sente sabendo que jamais me superará?

Cerrei os dentes. Segurei a minha pasta com bastante força.

– Se não acredita em mim, FODA-SE! – gritei no final. Encareia com severidade, e vi quando parou estática. – Foda-se e cale essa boca ferina que só serve para falar o que não sabe.

Ela balançou a cabeça, levando uma mão à boca.

– Seu... Seu... Monstro! Você me dá nojo, Henrique.

Tentei controlar a minha respiração. Tinha perdido o controle por um instante, e tentava não perder de vez, caso contrário falaria todas as verdades de um jeito grosseiro que seria imperdoável até para mim. Laura nunca mais olharia para a minha cara de novo. Se bem que, pelas suas expressões, aquilo era quase uma certeza.

Nada foi tão angustiante quanto o que pude ver assim que retomei o controle do meu próprio corpo. Assisti à Laura Diniz contorcendo o seu rosto inúmeras vezes até que os seus olhos se

encheram de lágrimas. Do nada, elas começaram a escorrer, ensopando-lhe a face em uma velocidade incrível.

– Por que fez isso comigo? Por que me traiu desse jeito? – choramingou, parecendo desesperada. As duas mãos prenderam as laterais de sua cabeça. – Era para ser uma competição justa. Por que se envolveu na minha vida? Por que escolheu me machucar em todos os sentidos possíveis?

– Laura... Laura, acredite em mim – murmurei de um jeito dolorido. – Por favor.

– Acreditar? – ela riu ironicamente. Ainda tinha lágrimas escorrendo. – Em quê? Acreditar que você me ama? Depois de todas as merdas que... – Parou. – Vou acreditar se me fizer o favor de se manter bem distante da minha vida. Estarei acreditando bem longe de você, um lugar perfeito para acreditar em alguma coisa.

Prendi os lábios. Senti vontade de me juntar a ela nas lágrimas, mas seria ridículo além da conta. Como insistir diante de tudo? Como ter qualquer espécie de fé quando a luta está sendo travada na solidão? Eu era um amante solitário e não correspondido. Se houvesse um pingo de sentimento na Laura com certeza ela não estaria fazendo aquela cena e me falando coisas tão ridículas.

Lembrei-me da Jane. Ela havia me pedido para não desistir, mas... Atingi o meu limite. Passei o dia todo pensando nos meios para fazê-la ficar bem e era assim que me tratava? Que tipo de consideração tinha por mim? Pelo visto nenhuma.

– Muito bem, Laura – a voz do meu orgulho decidiu falar. Já estava cansado demais para continuar a ignorando. – Farei exatamente o que quer. Espero que um dia saiba o quanto foi injusta. E que me perdeu porque não soube confiar em quem mais esteve ao seu lado.

Ela soltou um soluço alto e sofrido.

– Escute bem, Laura Diniz: você acaba de me perder – defini em alto e bom som, mesmo contra a minha real vontade. – Para sempre. Não tem volta. Eu não volto atrás.

– Não posso perder o que nunca tive. Não espero que volte para onde nunca estive.

Suas sentenças foram facadas na boca do meu estômago.

– Você teve o meu amor – murmurei, e percebi que o elevador havia chegado. Entrei devagar, pressionando o botão da garagem. Não ia dar para treinar com aquela dor insuportável dentro de mim. Antes de partir, ainda deu tempo de completar: – Eu estive bem aí, só você que não viu. Quando vir... será tarde.

As portas se fecharam e tratei de fazer cada peça que pus de pé desmoronar. Foi como um castelo de areia que se esvaiu depois que uma onda poderosa surgiu de repente. Tudo o que foi construído perdeu o sentido.

O amor é uma planta que precisa ser regada por duas pessoas, caso contrário não há como sobreviver.

# 18º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

A minha semana foi definida por algumas fases. Deixo bem claro que demorei um pouco para defini-las, até porque nunca me senti tão esquisita em toda a minha vida. Pensei que nunca mais ficaria daquele jeito de novo, porém estava enganada. Eu sou uma fraca. Sou mais fraca do que imaginei que pudesse ser, e isso me irrita tanto quanto me entristece. Logo eu que prometi a mim mesma ser forte. Resistente. Jurei que me manteria firme, não importavam as circunstâncias.

Tudo foi quebrado. Jogado para os ares. Sabe o que é mais engraçado? Não fazia ideia de que agiria assim. Não fazia ideia de que o meu corpo e a minha mente me trairiam de uma forma tão cruel.

A primeira fase após a ceninha medíocre do Henrique foi a que costumo chamar de “ligue o foda-se”. Sempre entro nesta fase, é bem normal. Por isso não estranhei quando mantive a minha indiferença ligada durante toda a noite da segunda e por toda a terça-feira. Segui a minha vida normalmente: treinei para a apresentação, cheguei a minha casa cansada, mas fiz uma salada de frutas bem gostosa para Jane. Nada me atingia. Nenhum sentimento me acometia além da proteção que devia a ela e ao Jaime. Fui simplesmente eu, sem retirar e nem por.

Depois do treino na terça-feira – que por sinal foi um fracasso – percebi que algo em mim tinha mudado até demais. O fato de ter passado o dia inteiro com o Henrique, na mesma sala, sem trocarmos uma palavra, me deixou muito introspectiva. Comecei a pensar em como seria a minha trajetória dali em diante. Seria a nova diretora, ganharia mais, teria mais liberdade e voz na CMD e...

Só. Por alguns instantes achei que não seria tão diferente assim. Talvez até nem fosse algo bom. A luta pelos meus objetivos poderia ser só mais uma em que lutei por melhoras, achando que muita coisa se transformaria, e que, depois de atingida a vitória, nada mudava.

Foi então que veio a segunda fase. A introspecção completa e absoluta.

Parei de falar com o Jaime. Só descobri isso quando o coitado veio me buscar ainda na terça. Não queria falar com ninguém, na verdade. Nem mesmo com a Jane ou com qualquer outro ser humano da face da Terra. Na quarta, até o Breno passei a evitar. Só fiz trabalhar incansavelmente no projeto, definindo os últimos detalhes sozinha. O Júnior veio falando mil coisas, mas só aqui esci com a cabeça e fui organizando os detalhes mediante as suas ideias. Enfiei a minha cara no trabalho, mantive-me ocupadíssima e quase não pensei em nada mais além das papeladas.

Fui virando um robô aéreo gradativamente. No fim do dia, não havia emoção. Não havia mais nada. Principalmente depois de ter concluído mais um dia em que o Henrique me ignorou em todos os sentidos. Nem mesmo olhava para o lugar em que eu estava perto. Era como se eu não existisse. Passei a ser um fantasma, uma sombra sem importância que não fazia diferença alguma em sua vida.

Faltei ao treino, e a Kátia quase me matou. Ligou mil vezes para o meu celular e passou inúmeras mensagens, mas ignorei tudo. Estava entrando na terceira fase, composta pelas desistências. Confesso que foi a pior. Pelo menos, para uma pessoa como eu, foi o fim da picada. O maior sinal de que o que me acontecia estava se transformando em alguma coisa patológica.

É estranho não compreender a si mesma. Sempre tive muita lucidez diante das situações, principalmente depois do que me aconteceu, porém, naqueles dias sombrios, tudo o que conseguia

enxergar era uma névoa densa que me impedia de agir como sempre agi. De pensar como sempre pensei.

Saí desistindo de tudo. Mesmo. Desisti, na quinta-feira pela manhã, de me apresentar na abertura do campeonato que a Kátia insistiu tanto para que eu participasse. Mande uma mensagem de texto, pois ainda estava de mal com o mundo. Sem falar com ninguém.

A minha treinadora ficou inconsolável, até porque a apresentação seria dali a uma semana e meia, não tinha ninguém para me substituir de última hora. O meu recado também não foi tão delicado assim. Na verdade acho que foi meio dramático:

*“Estou fora. Não há nada que possa fazer para me convencer. Também não irei mais treinar, com ou sem campeonato. Adeus, Ginástica.”*

Não pense que me senti triste depois disso. Não senti nada. Foi o adeus mais indiferente que já dei, superou qualquer outro. Percebi que desistir não era tão ruim quanto sempre imaginei. Desistir era tudo de bom, retirava das minhas costas responsabilidades chatas. Para quê me estressar com os problemas dos outros? Para quê lutar para ser alguém melhor?

Foi pensando nisso que desisti de tentar me dar bem com a Jane, e acabamos brigando de novo. Só precisei de um motivo banal e o encontrei: ela não queria se consultar com a mesma ginecologista de sempre, e eu discordei com veemência. Pode parecer criancice, mas era melhor assim. Não estava conseguindo voltar a ser uma boa mãe. Sua decepção se tornava cada vez mais evidente a cada besteira que tentava fazer para lhe agradar. A coitada bem que esperou algo bom de mim, mas não existia nada bom em mim. Isso é um fato.

Além de que estava em meus planos procurar pelos pais do Luiz Fábio naquela semana e lhes explicar toda a situação. Não era justo que Jane criasse o filho sozinha, sem uma ajudinha sequer

partindo do pai. Ela não fez com o dedo, não é mesmo? Luiz Fábio ia aprender a ser homem, querendo ou não. Se dependesse de mim ele teria de ralar muito para alimentar o pentelho. Só que eu simplesmente desisti. Tenho dinheiro o bastante para me manter confortável e sem a sombra daquele projeto de cafajeste na minha cola. Claro que isso foi só uma desculpa para a minha desistência.

Por fim, desisti completamente do Jaime. Já não lhe dava ordens e continuei sem lhe dizer uma palavra sequer. Ele passou a ser um completo desconhecido, um objeto decorativo da minha casa ou algo assim. A única coisa que precisava era de sua carona para ir e voltar do trabalho, mas, na quarta-feira, fui de táxi e voltei de táxi sem lhe dar explicações. Na quinta-feira fiz a mesma coisa, bem como na sexta.

Henrique tinha razão, eu havia criado uma espécie de dependência do Jaime. O meu direito de ir e vir estava sendo ameaçado por causa da minha incapacidade de guiar um carro. Porém, tudo foi só mais uma justificativa para mais uma desistência.

– A senhora está estranha... – Jaime disse assim que cheguei a minha casa, na noite de quinta. Acho que estava esperando por mim há algum tempo. Aquiesci e depois fiz uma careta, passando por ele. – O que houve, Doutora Laura?

Virei-me para encará-lo. Dei de ombros.

– Fiz alguma coisa de que não gostou?

Neguei, balançando a cabeça.

– Foi o maldito churrasco, não foi? Doutora Laura, juro que não fiquei com ninguém. Acredite em mim, não tenho olhos para outra mulher. Eu fui, como a senhora me ordenou, mas não consegui...

Espalmei a mão para frente, pedindo para que parasse. Dei as costas e deixei que falasse sozinho. Tranquei-me no meu quarto, tentando decidir o que mais me doía: o Jaime gostar tanto de mim, a minha incapacidade de me livrar dele ou o fato de ter acreditado em



sua palavra. Acreditei com todas as minhas forças, não havia sombra de dúvidas. Ter acreditado no Jaime me fez lembrar de que não tinha acreditado no Henrique.

Percebi que não havia lhe dado nem um segundo de confiança. Nem um resquício de dúvida. Foi tão certo para mim que ele estava com a Ana como foi certo para ele, no dia do aniversário do Luís, que eu estava dando mole ao Marcos. No fim, tornei-me a mesma espécie de pessoa que ele: a que não se permite confiar, a que estava pensando apenas no jogo, no desafio e nas armas que poderiam ser utilizadas.

Mas... E se não fosse jogo? E se o Henrique tivesse dito a verdade? Que tipo de monstro injusto estaria sendo eu?

Em contrapartida, se ele realmente fosse um mentiroso de marca maior?

Esta cadeia de ideias me fez entrar na quarta fase: a recaída. Talvez a mais triste de todas as fases. Depois de quase dez meses sem pôr um cigarro na boca, comprei uma carteira na sexta-feira e a fumei quase inteirinha enquanto olhava para o céu da minha varanda. O vício ainda estava ali, em algum lugar, e o alimentei até cair na exaustão.

Entre café e muita fumaça, esquecime de dormir e fui trabalhar parecendo um zumbi. Só não fiquei pior porque existe uma mágica chamada maquiagem, que deixa qualquer mulher fracassada parecendo uma modelo prestes a desfilarm.

Já no sábado, trabalhei duro em vez de descansar. Fumei, tomei café, trabalhei, esqueci de comer e ignorei todo o mundo. Fazia dias que nada saía da minha boca. Nem mesmo um bom-dia ou boa-noite. Breno, Júnior, Agenor, Kátia, o porteiro da CMD, Jane, Jaime, e claro, o Henrique. Todos eles foram devidamente ignorados.

O mais engraçado era esperar dar meia-noite todos os dias. Só conseguia dormir depois que as doze badaladas eram tocadas e

nada acontecia. Nada nunca mais voltaria a acontecer.

Foi na madrugada do sábado que me cansei de esperar pelo vazio. Era a espera mais medíocre pela qual passei, a mais inútil e fora de contexto.

Fui à cozinha pegar mais café e me encontrei com a Jane. Parecia ter chorado, mas nada falei. Ela estava sentada diante da mesa da cozinha, meio cabisbaixa. Liguei a cafeteira normalmente.

– O que houve, Laura?

Peguei uma xícara nova em um armário.

– O que eu te fiz, poxa? Tento ser uma boa filha, mas não sei o que fazer. Estou indo à escola, estou me comportando... Não saí com as minhas amigas desde que descobri que estou grávida. Ando tão enjoada e...

Saí da cozinha e caminhei até a sala, deixando que falasse sozinha. Claro que Jane me acompanhou. Aumentou o timbre de voz drasticamente.

– Grossa! Sou tão desprezível assim? Por que não se importa comigo? Quem neste mundo te importa, afinal?

Ignorei. Sentei-me no sofá e olhei para o horizonte. Estava ficando tonta. Não ia acabar bem se permanecesse de pé. A visão estava turva por causa de algumas lágrimas que surgiram do nada.

Jane se aproximou, encarando-me com ferocidade, mas seu semblante se modificou assim que me viu.

– Você está bem?

Balancei a cabeça, negando. Só me restou ser sincera.

– O que está sentindo? Está tão pálida, Laura! Vou chamar o Jaime!

Chacoalhei os meus braços pedindo, através de gestos, para que não o chamasse. Olhei o relógio na parede da sala e constatei que já eram duas da manhã. Eu realmente havia esperado demais pelo nada.

As lágrimas escorreram sem pausas, e então foi quase instantâneo: minha vista se escureceu e os meus braços ficaram totalmente dormentes. O ar me faltou nos pulmões. Parecia que o meu fim estava próximo. Comecei a respirar forte e ruidosamente, como uma louca. Jane gritou, desesperada. Tentou me apagar no sofá, mas desistiu e saiu pela porta que dava para a saída. Sabia que buscaria o Jaime.

Não tive tempo de vê-lo.

Acordei em uma cama de hospital horas mais tarde, demarcando a quinta fase da minha tenebrosa semana: a crise. O médico me falou muitas coisas, mas não entendi nada além de que a Síndrome do Pânico havia trabalhado mais uma vez. Apesar de ser uma doença crônica, pode ser controlada – até mesmo sem o uso de medicamentos –, e fazia um tempão que não tinha uma daquelas.

Lembrei-me de que não tomava os meus remédios desde o fim de semana louco com o Henrique. Sussurrando baixo, contei aquele detalhe ao médico, e ele disse que poderia ser o motivo, mas o meu estado emocional quando cheguei ao hospital foi preocupante além da conta. Segundo ele, eu tinha passado por uma espécie de surto que provavelmente não havia sido acarretado pela ausência do Rivotril. O fato de eu não me lembrar do que aconteceu quando cheguei ao hospital fez com que ele me passasse tantos exames que precisei ficar internada durante todo o domingo.

A minha pressão estava nas alturas quando cheguei, o que foi mais um motivo de alerta. Sobrevivi a um dia inteiro plantada em uma cama, dormindo, acordando e comendo uma comida insossa horripilante. Jaime ficou o tempo todo comigo, bem como a Jane.

Não me deixaram sozinha nem por um segundo, porém não dei bola para nenhum dos dois. Continuei sem falar nada.

Tive alta no domingo à noite – depois que os exames provaram que eu não tinha absolutamente nada de mais –, e, para a minha surpresa, esperei pelo nada de novo. Acabei dormindo supertarde, mas já me sentia um pouco melhor por causa dos calmantes que ingeri no hospital. Peguei atestado médico, infelizmente. Fui proibida de ir à CMD por pelo menos mais dois dias. Estava decidida a trabalhar, só que em casa. Claro que não ia ficar dormindo e me cuidando como foi altamente recomendado pelo médico. Eu tinha trabalho a fazer.

A segunda-feira mal chegou e eu já estava no meu notebook com uma xícara de café de um lado e um cigarro aceso do outro. Assim que concluía uma chave, enviava tudo para o e-mail do Breno, com cópia para o Júnior e para o Henrique.

Jane tentou me fazer comer o dia inteiro. Era um saco. Acabei ingerindo quase as mesmas porcarias do hospital: sopa rala, suco aguado, frutas cortadas e iogurtes sem gosto.

Ela me esperava comer para me deixar sozinha, por isso acabava fazendo contra a vontade. Por mim não comeria nunca mais. Cada alimento se transformava em cinzas na minha boca. Meu apetite reduzido me provocava um enjoo constante, mas o café ajudava.

À tarde ele me telefonou. O Henrique. Não atendi. É incrível como o meu orgulho sempre fala mais alto.

O idiota acabou me mandando uma mensagem:

*“Por que não foi ao trabalho hoje? Você está bem?”*

Precisei dar a minha resposta:

*“No dia em que a minha vida for de seu interesse prefiro não viver.”*

Henrique não me respondeu nem telefonou ou me procurou até a quarta-feira, que foi quando finalmente pude retornar ao trabalho. Teríamos a última prova exigida pela presidência logo pela manhã. Eu não estava com muita cabeça para provas, mas daria o meu melhor. Já bastava ter me dado mal em uma delas. A doença não era desculpa. Deixei bem claro que estava em perfeito estado de saúde, por isso que não adiaram a avaliação.

Depois de tanto tempo de convivência devia estar acostumada a ver o Henrique, mas não. Em muitos instantes quis estar de atestado só para trabalhar em casa e ser dispensada da presença dele. Aliás, da indiferença dele.

Evitei o contato visual de todas as maneiras possíveis – também posso ser indiferente quando quero –, mas nada podia fazer quanto à sua voz falando com outras pessoas ou ao seu cheiro. Cada vez que tinha consciência da sua proximidade todo o ar me faltava nos pulmões.

Edmundo foi bem sucinto e claro; pediu mais uma vez para que não colássemos. Tive vontade de rir, pois a possibilidade de isso acontecer era praticamente nula. Depois de todas as recomendações ficamos sós na sala, infelizmente.

Mas, felizmente, eu já não era a mesma boba. Prestei a maior atenção na avaliação diante de mim. O silêncio não me incomodava, muito pelo contrário, era bem-vindo. Sabia que o Henrique estava bem na minha frente, do outro lado da mesa, porém não guiei o meu olhar para aquela direção. Não guiaria nem sob tortura. E era mesmo uma tortura evitar conferir como ele estava.

– Jane me disse que você foi internada. Crise de Pânico – foi a primeira vez que se referiu diretamente a mim em dias. Demorou um bocado. Pensei que se seguraria até o Edmundo voltar. Era o meu medo, mas, ao mesmo tempo, o meu motivo de comemoração. – Ela me contou que fazia algum tempo que você não tinha uma.

Continuei com a minha greve de silêncio. Talvez fosse infantilidade da minha parte, mas a última coisa que tinha vontade de fazer era falar com alguém, sobretudo com o Henrique.

– Laura, o que está acontecendo?

Ignorei, mas estava quase cedendo. Minha língua coçou.

– Laura... O que você tem? – insistiu.

Cedi:

– Cale a boca – a minha voz saiu parecida a de uma velha raquítica em estado terminal. – Preciso me concentrar na prova. – A verdade era que eu já tinha terminado há alguns minutos. Havia sido perfeita em cada resposta.

Henrique deve ter se assustado tanto quanto eu. Não sei dizer, pois não ousei encará-lo.

– Não queria te ver assim... Juro que não.

– Claro que queria. Foi o que sempre quis.

– Não. Não é verdade. Quando vai começar a acreditar no que eu digo?

– Nunca – respondi sem pensar. Minha teimosia e o meu orgulho brigam o tempo todo. Sempre dá empate.

– Eu sei. Não te faço bem. Não me encaixo na sua vida – falou com amargura. – Agora entendo que você sempre teve razão em me evitar... Se for para te fazer ficar assim prefiro me manter distante.

“É a sua distância que está acabando comigo...”, pensei, mas não ousei dizer em voz alta.

Minha vista foi embaçada pelas lágrimas. Levantei a cabeça, exaurida. Tudo me cansava além da conta. Viver me deixava

esgotada. O simples ato de respirar era doloroso. Temi uma nova represália, por isso comecei a respirar profundamente.

Visualizei um par de olhos azuis preocupados e tive vontade de morrer. Eu só queria não me sentir tão atraída por ele. Só queria que não me causasse efeito algum. Queria estar imune ao seu cheiro, às lembranças dos seus beijos, de cada transa que tivemos, de cada toque, cada palavra. Queria não estar com tanta saudade de tudo, até mesmo das farpas engraçadas que sempre trocávamos.

Só queria ver o seu sorriso e saber que sou o motivo dele. Mas só via sofrimento. Tristeza. Preocupação. Pena. Não sei, mas Henrique não me olhava da mesma forma. Acho que era porque havia acontecido o que ele avisou com todas as letras:

Eu o perdi.

E foi então que a última fase se fez presente. Aquela se chamava entendimento. Depois de tudo aquilo eu entendi que perdê-lo não me fazia bem. Tudo porque... Porque eu precisava dele. Precisava do nosso jogo. Do nosso desafio e de tudo o que a guerra havia nos proporcionado. Precisava das nossas conversas, e até mesmo dos seus sermões. Daquele desejo insuportável vibrando em nossos corpos. Precisava dele se metendo na minha vida, pois só assim eu me lembrava de que tinha uma para ser vivida.

Precisava dele no meu mundo, infelizmente.

Porque Henrique me fez rir quando pensei que jamais pudesse rir de novo.

Porque... Porque ele fazia com que eu me sentisse pronta para recomeçar.

Porque sempre me contrariava. Sempre me deixava irritava, mas me fazia respirar melhor, mesmo que o motivo fosse por causa da raiva que não deixava de circular pelo meu corpo.

Porque no fundo no fundo eu não queria perdê-lo.

Mas eu o perdi. Perdi tudo. E a culpa foi toda minha.

Não deu outra, comecei a chorar sem pausas. Chorei tanto que o Henrique precisou se levantar e sentar na cadeira ao lado. Tentou me tocar, mas afastei as suas mãos. De que adiantava ser tocada se o havia perdido?

Levantei-me da cadeira na mesma hora em que o Edmundo entrou na sala.

– Não estou bem hoje, desculpe – fui logo informando. O meu desespero não conseguiu ser controlado. – Mas já fiz a prova, pode pegar. Eu... Eu posso ir pra casa? Estou me sentindo muito mal.

Henrique se levantou também, e quase me obrigou a apoiar o meu corpo no seu. Afastei-me de imediato. Por que ele sempre tornava as coisas mais difíceis?

Edmundo ficou me olhando de um jeito esquisito.

– Claro, Laura... Pode sim, por favor, não fique aqui desse jeito. Precisa se cuidar.

– Eu a levo para casa – Henrique informou. – Aliás, vou levá-la a um hospital, ela está muito pálida.

Edmundo se aproximou. Parecia com real preocupação.

– Sim, por favor, Henrique.

– Não me leva coisa nenhuma! – gritei, meio rouca. – Sr. Bittencourt, não permita que este homem chegue perto de mim.

Aí sim as coisas ficaram esquisitas. Edmundo, coitado, não entendeu nada, mas puxou as minhas mãos e definiu que ele mesmo me levaria a um hospital. Depois de muito pestanejar, aceitei que me levasse para casa, alegando que tomaria alguns remédios e dormiria o restante do dia.



Meu único desejo, naquele instante, foi de dormir e nunca mais acordar. Só podia ser um pesadelo. Não poderia e nem queria existir por mais nem um segundo sabendo que o Henrique Farias significava para mim mais do que eu podia calcular.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

Estava fugindo da Ana Vitória como podia. Que mulherzinha mais grudanta e irritante! Depois que colocou o endereço de sua casa no meu bolso – e claro que não apareci por lá, pois fui direto para casa tentar entender por que havia desistido tão rápido da Laura –, a louca inventava mil desculpas para cruzar comigo nas salas e corredores da CMD.

Aquela segunda-feira demarcava a primeira semana em que tentava fingir que a Laura Diniz nada significava para mim. Percebia a sua introspecção com pesar, mas sem tomar atitude alguma. Seu sofrimento era tão visível que só fazia me deixar ainda mais assustado. Depois que passou não apenas a me ignorar, mas a todos na CMD, fiquei atento a cada um dos seus gestos.

Foi apenas na sexta passada que deixei meu orgulho um pouco de lado e liguei para Jane. Sei que esperei demais. Sou teimoso e às vezes guardo muito rancor. Mesmo sabendo que ela talvez precisasse de mim evitei ao máximo qualquer tipo de contato.

Jane me disse que Laura também a ignorou durante quase toda a semana, bem como o capacho. Além do mais, havia passado a ir e voltar do trabalho de táxi, coisa que jamais aconteceu desde que “namora” o Jaime. Ela estava realmente muito esquisita, porém uma informação me deixou ainda mais intrigado: Jane acha que Laura voltou a fumar. E eu nem sabia que a doida era ex-fumante, sequer imaginava. A situação inteira era para lá de preocupante.

A boa notícia era que Jane me garantiu que não tinha faltado a mais nenhuma aula, e também que jogou todos os cigarros fora,

apesar de a casa estar exalando cheiro de tabaco por causa da suposta recaída da Laura. Apesar de ainda ter vontades, Jane vai fazer o possível para largar o vício. Pelo menos alguma coisa estava caminhando bem, já que o resto parecia desmoronar cada vez mais depressa.

Passei o fim de semana inteiro alimentando o meu ego. A minha vontade de ligar era quase insuportável. Quase, pois suportei valentemente. Nem com a Jane busquei mais novidades, e ela também não me ligou ou mandou qualquer mensagem. Achando que notícia ruim chega logo, fui deixando os segundos passarem até as cinco horas da tarde daquela segunda-feira sem graça. Laura era a minha fonte de alegria diária. Sem ela, era assim que as coisas ficavam: sem sal. Sem ânimo. Só o vazio tomava forma, o silêncio imperava e a infelicidade ria da minha cara.

Já estava cansado de sentir o vazio quando percebi que a Laura não somente não tinha estado em nossa sala como também em toda CMD. Minha preocupação imperou. Piorou quando recebi o seguinte e-mail na minha caixa de entrada:

*“Estarei de volta em breve. Estou trabalhando pesado mesmo longe da CMD, então nada de corpo mole. Podemos terminar na semana que vem.”*

Claro que era dela, mas não havia sido enviado apenas a mim. Mais tarde, comprovei que o Breno e o Júnior tinham tantas informações sobre o que tinha acontecido com ela quanto eu. Não deu outra, precisei lhe enviar uma mensagem de texto no celular, visto que a maldita fez questão de não atender à única ligação que o meu orgulho me permitiu realizar.

Depois de me responder de forma absolutamente grosseira – como era o esperado –, acabei desistindo de buscar informações com ela e fui direto à minha principal fonte: a Jane. Não ia dar para ficar no escuro, precisava saber por que Laura Diniz não estava em seu habitat natural, ou seja, no trabalho.

Uma parte de mim sabia muito bem que bicho a tinha mordido, pois era só me olhar no espelho. Só não queria ter este tipo de esperança. Odiaria abrir um leque de novos motivos para me decepcionar. Meu coração ainda doía toda vez que me lembrava de que nunca mais a teria para mim de novo.

– Laura foi internada ontem, Henrique... – Jane falou com a voz baixa, notadamente entristecida. – Teve uma crise muito forte.

Fiquei muito espantado. Sentime sufocado no mesmo instante.

– Minha nossa... Onde ela está agora? – peguei as chaves da minha moto e me levantei da cadeira. Iria vê-la onde quer que fosse e ninguém me impediria.

– Em casa. Teve alta ainda ontem, pois mostrou melhoras e os exames não alegaram nada. O médico recomendou repouso total.

Suspirei.

– Ela não está repousando. Está trabalhando.

– Eu sei, fui fazê-la comer alguma coisa agora a pouco e vi. Está no escritório faz algum tempo.

– Estou indo aí.

Jane ficou calada durante os segundos que utilizei para desligar o meu computador. Por fim, acabou quase gritando no meu ouvido:

– Não!

Afastei um pouco o celular do ouvido.

– Por quê? – indaguei meio com raiva.

– Henrique... Enquanto a levávamos ao hospital... – parou um pouco e arfou. – Ela ficou gritando o seu nome.

Sorri por um instante. Meu coração acelerou tanto que tive vontade de gritar alto.

– Laura mandava você se afastar... Ficar bem longe – prosseguiu, meio agitada. – Te chamou de um monte de nome feio. O médico precisou dar um tranquilizante bem forte. Foi bizarro!

Meu sorriso morreu de imediato.

– Jane... Nós... – sentei-me na cadeira de novo, sentindo-me derrotado. – Nós brigamos.

– Poxa, Henrique... Laura é fraca emocionalmente. Não parece, mas é.

Aquela garota era mesmo muito esperta. Eu já desconfiava de que a Laura trajava uma armadura que protegia algo fraco até demais por dentro, só não fazia ideia de que era tão fraco assim.

– Eu sei – suspirei mais uma vez.

– Mantenha-se longe por enquanto, é melhor. Vou te manter informado.

– Não, não vai. Por que não me ligou antes, Jane?

Ela bufou.

– Fiquei assustada. Não sabia o que fazer e nem o que pensar.

Então somos dois!

– Me diz a verdade – pedi.

Suspirou.

– Fiquei com medo, é sério. Temi que fosse visitá-la no hospital e deixasse as coisas piores.

– E por que está me contando tudo agora?

– Porque aqui eu posso fechar os portões e te deixar do lado de fora. Se bem que, depois dessa... Só posso concluir uma coisa: Laura está completamente apaixonada por você, Henrique.

Nem sei dizer se sorri, se suspirei ou se gritei, só sei que, por alguns instantes, esqueci o meu próprio nome. A sentença da Jane foi repetida diversas vezes por segundo dentro da minha mente, e em nenhuma delas achei que estivesse equivocada.

Talvez aquela certeza me matasse algum dia. Talvez fosse o meu maior erro.

– É muito bom saber que não sou o único a achar isso – murmurei. – Ainda bem que não estou ficando louco.

Jane riu um pouquinho.

– Não acho, tenho certeza. Mas a situação é bem perigosa, Henrique. Não sei como a Laura vai reagir a tudo... Ela me parece tão frágil agora. Passou tanto tempo sem se importar com alguém... Você sabe.

– Pois é.

Eu já articulava mil planos para fazê-la me perdoar por algo que nem fiz. Não importava mais, só queria estar em seus braços de novo. Laura nem precisa acreditar em mim, bastava só que me deixasse extravasar aquele sentimento. Era muita coisa para ser acumulada dentro de uma pessoa só.

– Não a machuque, Henrique – Jane pediu seriamente. – Ela não vai aguentar tudo de novo.

– Juro que não fiz nada, Jane. Ela fica se machucando e me levando junto. Sempre foi assim. O que menos queria agora era estar longe dela. Quando volta a trabalhar? Você sabe?

– Na quarta-feira, eu acho. Sugiro que espere até lá. Dê um tempo.

– Tudo bem. Não se preocupe.

– Agora eu tenho que ir. Vou obrigá-la a tomar um lanche.

Sorri. Não conseguia imaginar a Laura doente e indefesa, sendo cuidada por terceiros. Ela sempre foi tão forte que achei que fosse imortal. Inatingível. Mas era só a sua maldita armadura, que havia sido atravessada bem no meio do peito. Por mim.

Dá pra acreditar?

Sorri ainda mais amplamente.

– Faça isso, por favor. Até mais. Se cuide.

– Até!

Depois que desliguei o telefone passei horas sonhando acordado. O tempo se arrastou e só trabalhei porque fiz um esforço muito grande. Estava preocupado. Esperançoso. Nervoso. Feliz. Triste. Laura conseguia me trazer tantas emoções, mesmo estando distante.

Era estranho, mas se fosse diferente não seria ela. Não seríamos nós.

Contive a minha vontade de ligar. Escrevi muitas mensagens, mas acabei apagando e desistindo do envio. Um fora já era o bastante para aquele dia. Deixaria o seguinte para amanhã.

O nervosismo me fez desistir do horário extra mais uma vez. Fui direto à academia, e me distraí ouvindo a minha velha coletânea de Capital Inicial, como sempre. Na verdade, repeti uma determinada música mais de quinze vezes. Lembrava-me a Laura em todos os sentidos, por isso acabei entrando em um estado nostálgico avassalador.

Foi bom descarregar as energias ruins pensando nela. Só não era muito legal pensar em como fazer para reconquistá-la. Laura precisava aprender a confiar em mim, do contrário sei que será impossível qualquer tipo de relacionamento mais sério. Jamais daria certo. Por mais que naquele instante só quisesse estar com ela, sabia que uma noite apenas não me saciaria. Nem um mês. Talvez nem um ano.

Compreendo também que eu preciso confiar mais nela. Qualquer relação deve ser baseada na confiança mútua, é obrigatório.

Ao fim do treino, resolvi tomar uma chuveirada no vestiário. Estava tarde porque passei bons quarenta minutos correndo na esteira depois da musculação. Coloquei jeans e camiseta, algo bem descontraído, e fui embora com um bom humor de causar inveja.

Meus planos já haviam sido traçados: ia aparecer na casa dela de todo jeito. Chega de me esconder. Se Laura gosta de mim com certeza iria gostar de ao menos saber que estive lá. E eu precisava não apenas de saber como ela está, mas de ver como ela está.

Desci pelo elevador até a garagem e fui andando despreocupadamente até a minha moto. O estacionamento estava bem vazio àquela hora, mas eu já estava acostumado.

– Henrique Farias – alguém falou atrás de mim quando eu estava prendendo a minha mochila à moto. Virei-me rápido, pois havia levado um pequeno susto. – O idiota.

Fiquei surpreso quando vi o Jaime, o vassalo loiro da Laura, diante de mim. Estava trajando um terno escuro e tinha as mãos nos bolsos. O cara não parecia ser um escravo sexual, mas como é a aparência de um escravo sexual mesmo?

– Jaime, o pau mandado. Literalmente – falei com desdém.

O otário sorriu de leve.

– Não tire a minha paciência. Vim dar um aviso de alguém.

Prendi os lábios. Laura pediu para ele me dar um recado? Era só o que me faltava!

– Diga a sua senhora que, diante de qualquer coisa que tenha a me dizer, fale comigo pessoalmente. Ela tem o meu telefone e sabe perfeitamente onde moro.

Jaime deu alguns passos para frente. Não me movi. Ele estava longe de me intimidar.

– Falo de outro tipo de recado.

Fiquei sem entender durante um segundo bem decisivo. No outro, o capacho já estava com seu punho cerrado bem na minha cara. Caí sentado no chão por causa do choque e da surpresa. Ele me reergueu pela camisa, sem dar pausas.

O cara era bom, admito. Mas fui pego desprevenido. Sou alguns centímetros mais alto e não malho em vão, por isso o empurrei com força e tentei um murro, que só não o atingiu em cheio porque ele conseguiu se desviar. Maldito.

Mesmo desequilibrado, Jaime acabou conseguindo, com o joelho, atingir um ponto sensível entre as minhas pernas. Aquilo doeu. Mesmo. Curvei o meu corpo para frente, totalmente rendido e segurando o meu saco com as duas mãos. Golpe baixíssimo.

– Você é lutador? – rosnei, morrendo de ódio. – Não parece!

Jaime me pegou pelo colarinho e me imprensou na moto. Seu olhar estava inexpressivo. Parecia não estar muito satisfeito em me bater, mas tampouco demonstrava raiva.

Soltei o meu saco e segurei os seus pulsos com tanta força que ele foi obrigado a me largar. Dei mais um empurrão, e Jaime se afastou de vez.

– Saia da vida dela – falou com desprezo. – Afaste-se, Henrique Farias, ou juro que acabo com você.

Ri. Foi involuntário.

– Acabar comigo? – resfoleguei, tentando espantar a dor no saco. Ainda doía muito. – Não me faça rir!

– Saia da vida dela! – Jaime desta vez gritou. Voltou a tentar me esmurrar, mas segurei o seu punho bem na hora. Não seria mais



pego de surpresa.

– Ela te mandou fazer isso? – perguntei por via das dúvidas. Já estava puto de ódio.

– É claro – murmurou, os olhos cerrando um pouco. Larguei a sua mão com força, e ele recuou mais uma vez. – Você é um idiota. Podia ter brincado com qualquer mulher do mundo, por que com a Laura? Entenda bem, Henrique, você vai se arrepender de tê-la magoado.

Eu estava com tanto ódio que foi difícil me manter de pé. Era duro acreditar que a Laura havia ordenado aquela emboscada. Como ela conseguia me humilhar tanto?

– Fique tranquilo – falei baixo, fazendo o Jaime se afastar ainda mais. – Entendi o recado. Não vou me afastar por estar com medo de você, serviçal, mas se a Laura me quer longe... Não irei insistir.

Ele sorriu, devolvendo as mãos para o bolso.

– Acho bom mesmo. Você fez com que ela voltasse a ser a pior versão dela mesma. Prefiro vê-la com ódio, mas nunca machucada. Essa é a real diferença entre nós dois, Henrique: ela pode gostar de você e não de mim, mas eu a amo. Você, não.

Balancei a cabeça, irrequieto.

– Não diga o que não sabe.

Jaime sorriu mais uma vez.

– Conheço caras da sua espécie. Foi um assim que quase a matou. Você a mataria, Henrique. De uma forma ou de outra.

Permaneci congelado no tempo, travado pelas últimas palavras dele. Havia me atingido bem no peito, tudo porque, no fundo, achei que estivesse certo. Se já tinha feito a Laura ser internada uma

vez... O que mais poderia acontecer se continuássemos com o jogo?

Acabei aquiescendo, mantendo-me calado. Jaime deu as costas e caminhou lentamente até um carro estacionado próximo à minha moto. Assim, na maior cara de pau. Fiquei no mesmo lugar durante um tempão. O maldito foi embora e ainda permaneci imóvel, incapaz de demonstrar qualquer reação.

Fui para casa com o rabo entre as pernas. O meu nariz parou de sangrar em algum momento desconhecido. As minhas expectativas se esvaíram junto com o vento que passava pelo meu corpo durante o percurso. Cada resquício de esperança foi para os ares, deixando-me apenas com o vazio. O velho e infundável vazio sem graça.

Alegria de pobre dura pouco.

Foi o que achei durante toda a noite, que passei em claro. Na terça, permaneci ainda mais quieto e calado. Trabalhei de um jeito péssimo. Não havia sinal da Laura... Infelizmente. Pensava no maldito capacho o tempo todo. Nas suas palavras. No meu pau, que ainda doía quando eu o chacoalhava na hora de fazer xixi. Lamentável.

Posso dizer que é horrível perder as esperanças, porém, depois de passar a noite em claro mais uma vez, tomei uma decisão muito importante: não iria acreditar em uma palavra do que o escravinho havia me dito. Juntei tudo e soquei em uma lata de lixo bem grande.

Precisava confiar na Laura. Certo?

Eu não tinha provas contra a louca. Jaime não me provou de que tinha sido ela a mandante daquele recado. Ela não ligou. Não apareceu. Não mandou mensagem. Duvido de que tenha tido a ousadia de mandar o Jaime me dar uma surra. Que surra? O cara é um franguinho perto de mim. Podia ser faixa preta no caralho a quatro, eu me garanto.

Na quarta-feira tirei a minha própria conclusão. Assim que vi a Laura e todo o seu sofrimento todas as incertezas partiram para bem longe. Descobri que valeu a pena ter confiado. Laura era doida, mas não era estúpida àquele ponto. O jeito como me olhou deixou claro como água... Ela gosta de mim. Sente a minha falta. Está sofrendo com a minha ausência.

Seu desespero, suas lágrimas... Sua dor. Ela sofria demais... Sofria por mim. E, por mais que tentasse me manter longe, sabia que não conseguiria por muito tempo. Chorava porque, afinal, amar dói muito. Para um orgulhoso, então, dói demais. Laura era muito teimosa para admitir.

Só sabia que, doendo ou não, já estava decidido. Traria a Laura de volta nem que precisasse ir até o inferno. Buscaria o seu perdão mesmo que seja a última coisa que eu faça na vida.

Provarei a Deus e ao mundo que eu só matarei aquela mulher se for de tanto amor.

# 19º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Eu não estava muito bem. Era oficial, a depressão havia me atingido novamente. Passei o restante do dia em cima da minha cama, sem encontrar forças para me levantar. Não queria comer, falar ou trabalhar. Não queria fazer nada além de chorar sem pausas, ainda sem acreditar no quanto havia sido idiota.

Tinha caído na armadilha do Henrique. Era duro admitir, mas não passava da mais pura verdade. Ele mexia comigo mais do que pensei que podia mexer algum dia. Eu o queria além do desejo. Queria que fosse meu em todos os sentidos, não apenas no sexual. Era a verdade. A verdade que estava tentando espantar.

Foi pensando nas diversas formas de esquecê-lo que acabei adormecendo. Foi um alívio deixar de existir por algum tempo. O medicamento novo que o médico havia me passado era bem forte, fazia-me sentir um sono quase crônico, mas muito bem-vindo. O meu desespero não podia se intensificar tanto, caso contrário pararia no hospital novamente.

A minha fragilidade era mais um motivo de tristeza e desespero. Por mais que tentasse ser forte, por mais que tivesse mudado e me vacinado das inúmeras intempéries que acontecem na minha vida, de nada havia adiantado. Lá estava eu, em cima de uma cama, derrotada, vencida, demonstrando o quanto não passava de uma boba que se deixa levar por um idiota qualquer. Maldito dia em que os homens foram criados naquele mundo. Maldito dia em que o Henrique Farias cruzou o meu caminho.

Quando acordei – morrendo de dor de cabeça, só para variar – havia flores enfeitando o criado-mudo. Primeiro senti um cheiro

adocicado, e só depois virei o meu rosto lentamente até observá-las. Não evitei um sorriso, pois algo forte me dizia que eram do Jaime. Ele era sempre um fofo comigo. Sempre protetor. Além de que fazia de tudo para que eu me sentisse bem.

Sentei na cama devagar, parecendo uma velha de noventa anos. Descobri que o meu corpo inteiro doía, não apenas a cabeça. Peguei o arranjo na maior dificuldade e cheirei uma flor. Eram amarelas, todas elas. Nunca entendi muito de flores, por isso não consegui identificá-las. Só sei que exalavam um aroma incrível, que fiz questão de aproveitar.

Encontrei um cartão pendurado no canto esquerdo. Peguei-o com curiosidade e abri, só então o meu sorriso morreu.

*“Nunca quis te ver assim.*

*Nunca quis te magoar.*

*Nunca pensei que pudesse te fazer sofrer tanto.*

*Ainda te desejo mais do que tudo neste mundo.*

*Ainda te quero como nunca quis alguém.*

*Ainda espero pelo dia em que vai acreditar no que digo.*

*Ainda quero que me escolha.*

*Ainda te amo tanto que chega a doer.*

*E se te odiei foi porque o amor atingiu o seu limite.*

*Ainda preciso do seu perdão.*

*Não posso fazer nada se a última que morre sempre é a esperança.*

*Do seu – mesmo não sendo, mas com uma vontade absurda de ser –,*

*Henrique Farias.”*

Levei uma mão à boca, abafando um soluço que partiu das profundezas das minhas entranhas. Meu estômago se contorceu e senti vontade de vomitar. Fechei a minha boca com força e larguei o arranjo na cama, ao meu lado. Segurei o bilhete com tanta força que os meus dedos doeram e o papel quase rasgou.

Foi admirando o além do meu quarto que percebi que já era noite. Ainda com o bilhete em mãos, reli pelo menos umas quinhentas vezes. Cada uma delas me deu vontade de chorar. E de sorrir também. Foi o que acabei fazendo; reli tais palavras com lágrimas nos olhos e um sorriso constante no rosto.

Encontrei o meu celular em algum ponto da cama. Não sabia direito o que ia fazer, talvez ligasse para o Henrique. Talvez escrevesse alguma mensagem tão profunda quanto a dele. Talvez o mandasse ir se foder, talvez dissesse... dissesse que...

Não. Eu não ia dizer nada. Não ia confessar o meu fracasso a um idiota.

Digitei a mensagem menos destruidora que poderia enviar naquele instante:

*“Vá se foder.”*

Mal enviei e o meu celular se agitou em minhas mãos, provocando-me um susto enorme. Até gritei. Andava com os nervos à flor da pele. A mensagem do Henrique foi aberta com um medo aterrador me acompanhando a cada suspiro.

*“Também te amo e também estava pensando em você... Ouvindo isso. É a sua cara. É o que sinto. É o que somos. Espero que esteja bem.”*

Havia um arquivo acompanhando a mensagem. Ele se chamava “fogo”. Meus dedos tremiam, mal podia segurar o celular. Foi difícil buscar coordenação para clicar no arquivo e fazê-lo carregar. Demorei mais do que de costume. Para mim pareceu uma

eternidade, visto que a minha curiosidade foi atiçada até alcançar as alturas.

Arfei alto em algum momento, só então percebendo que havia prendido a respiração durante um tempo prolongado. Assim que o arquivo carregou, abriu instantaneamente, fazendo o meu quarto ser tomado por notas de um instrumento que achei que fosse um piano.

As notas vinham acompanhadas de uma profundidade incrível. Dava-me a sensação de liberdade com resquícios de angústia. Era leve e doce, mas firme. Deitei de novo na cama e me preparei para ouvir. O primeiro verso cantado me fez sorrir amplamente:

*“Uuh... Você é tão acostumada a sempre ter razão...”*

Achei que conhecia aquela música. Era da banda favorita dele. Certeza.

*“Uuh... Você é tão articulada  
Quando fala não pede atenção  
O poder de dominar é tentador  
Eu já não sinto nada  
Sou todo torpor...”*

Meus olhos se encheram de lágrimas. Minha nossa... Estava completamente envolvida pelos versos, pelas notas do piano, pela voz do cantor. Cada palavra me fazia recordar dos momentos que passei com o Henrique. Poder entender o que ele achava de mim, o que pensava ao meu respeito, através da música foi incrível. E mais incrível ainda porque eu me vi inteiramente nela.

*“É tão certo quanto o calor do fogo  
É tão certo quanto o calor do fogo  
Eu já não tenho escolha  
Participo do seu jogo, eu participo...”*

*Não consigo dizer se é bom ou mal  
Assim como o ar me parece vital  
Onde quer que eu vá, o que quer que eu faça  
Sem você não tem graça.”*

Eu já chorava copiosamente antes mesmo do fim do refrão. Era difícil acreditar que o Henrique sentia tudo aquilo. O mesmo sentimento de que nada vale a pena sem ele também o atingia? Será que a minha presença significava alguma coisa para ele assim como a dele significa para mim?

Será que era tudo verdade? Que ele estava sendo sincero o tempo inteiro? E se for verdade... O que vou fazer? E se não for... O que vou fazer, meu Deus? O que vou fazer com um sentimento não-correspondido àquela altura? E o que fazer com um correspondido?

*“Uuh... Você sempre surpreende  
E eu tento entender  
Uuh... Você nunca se arrepende  
Você gosta e sente até prazer...”*

A segunda estrofe foi ouvida com as dúvidas martelando a minha cabeça. Descobri que eu não fazia ideia de como agir nos dois casos... Aquilo tudo sendo mentira ou verdade, simplesmente não sabia o que fazer. Estava perdida, completamente sem direcionamento. E a ideia de fragilidade me deixava possessa. Tive ódio de mim mesma por ser tão imbecil e ter desaprendido a conviver com os sentimentos.

*“Mas se você me perguntar eu digo sim  
Eu continuo porque a chuva não cai só sobre mim  
Veja os outros, todos estão tentando  
É tão certo quanto o calor do fogo*



*Eu já não tenho escolha*

*Participo do seu jogo, eu participo...*

*Não consigo dizer se é bom ou mal*

*Assim como o ar me parece vital*

*Onde quer que eu vá, o que quer que eu faça*

*Sem você não tem graça...”*

Parei de pensar antes do fim da música. Não adiantaria ficar me lamentando por ter feito uma coisa que precisei fazer: afastar-me de tudo aquilo que podia me machucar. Se não tivesse dado adeus a todos os bons sentimentos jamais teria reagido, arranjado um emprego, terminado o doutorado, sustentado a Jane ou o Jaime. Não teria saído da inércia, teria sucumbido à depressão e às dores que não me largavam por nada depois de ter sido traída, violentada e ferida de todas as formas possíveis.

Ouvi um barulho na porta e enxuguei as lágrimas bem depressa. Jane entrou lentamente, empunhando uma bandeja com alguma coisa cheirosa em um prato de porcelana.

– Jaime fez sopa – foi logo dizendo enquanto se aproximava. – Está gostosa, garanto. Nem gosto muito de sopa, então acredite quando digo que...

– Henrique Farias esteve aqui? – interrompi-a. Minha voz saiu dura, comedida.

Ela me observou longamente. Depositou a bandeja no criado-mudo e se sentou na cama. Reparou nas flores e depois no bilhete em minhas mãos.

Abriu a boca e depois fechou.

– Esteve ou não? – fiz uma careta.

– Mais ou menos. Jaime não deixou que entrasse. Só as flores estiveram aqui, dentro de casa. Eu mesma as trouxe.

Suspirei involuntariamente. A situação estava tão esquisita! Não queria o Jaime metido naquilo, porém acredito que seja inevitável. Àquela altura do campeonato todo mundo estava envolvido, até mesmo a Jane. Lamentavelmente.

– Você está bem? – perguntei, pois reparei que ela estava com olheiras escuras ao redor dos olhos. Rejane não havia dormido direito, com certeza.

– Eu que pergunto. – Sorriu. – A dodói aqui é você.

– Não estou “dodói” – comecei de forma desdenhosa, mas fui ficando cada vez mais afetada: – Só se tiver sido contaminada por algum mal. Um mal com nome e sobrenome.

Jane riu um pouco.

– Henrique Farias é um bem. Lindo e apaixonado... Do que mais uma mulher precisa?

Encarei-a sem acreditar. Até Jane tinha caído na dele? Coitada!

– Preciso de muitas coisas. Ele não supre nem a metade.

– E o Jaime supre?

Não sabia até que ponto Jane conhecia sobre a minha relação com o Jaime, mas sua pergunta me deixou muda pelo tempo suficiente para que tomasse as próprias conclusões.

– Foi o que pensei. – Deitou-se na cama ao meu lado. Abraçou-me de leve, e não rejeitei o seu toque. Era mais do que bem-vindo. – Henrique te ama de verdade, Laura.

Bufei. Era só o que me faltava.

– O que são flores e um bilhete idiota? – resmunguei. E uma música belíssima, mas decidi não comentar sobre ela.

– Por que não acredita nele?

Parei por um segundo. Novamente, fiquei muda.

Suspirei mais uma vez.

– É complicado. Eu não consigo.

– Não se magoe assim. Não vê que ele não vai desistir tão fácil? Você precisa fazer alguma coisa, senão vai perdê-lo.

Meu corpo congelou diante do verbo perder. Sentime uma desesperada. Fiquei até sem fôlego diante da ideia de perder o Henrique de vez. Foi aquela ideia que tinha me deixado doente, e era ela que ia acabar comigo.

– E se for mentira? – murmurei baixo. – E se ele estiver me usando? Se for um aproveitador? E se me machucar ainda mais? Não posso... – senti uma lágrima escorrendo. – Não posso deixar que me machuque.

Jane sorriu e me olhou de perto. Tomou para si o papel de irmã mais velha, olhando-me como se eu fosse uma criancinha. Claro que detestei aquilo, mas não tive tempo de reclamar. As lágrimas não deixaram.

– Olhe para você. Está machucada, mas não foi ele quem fez isso, foi você mesma. A dor existe, mas sofrer é uma escolha... Tudo é questão de escolha.

– Eu escolho não cultivar mais motivos para sofrer – choraminguei.

– Então saia dessa cama e vá atrás de quem ama! Não o perca. Não deixe que vá embora, não escolha sofrer por não ter feito o que devia fazer.

Minha cabeça deu um nó, por isso a balancei depressa. Continuei chorando sem nenhuma dignidade.

– Você não entende, Rejane.

– Quem não entendeu ainda foi você. Está apaixonada, Laura. Ama o Henrique e é por isso que está assim. Não admite amar alguém nem fodendo, mas isso te machuca... Pare de se autoflagelar e tente ser feliz com ele. Não há nada de errado em gostar de alguém. Só prova que ainda está viva.

– Não quero gostar dele! – Apoiei o rosto em minhas mãos, tentando manter a calma, mas sem conseguir. Caí no choro de vez.

Jane permaneceu calada e bem quietinha até o meu controle ser restabelecido. Pisquei os olhos inúmeras vezes quando aconteceu. Desviei o rosto para encarar o bilhete.

Felicidade era algo que eu não sentia há anos. Jane não podia ter me colocado na mesma frase que usou para incluir a palavra feliz. Eu já tinha desistido de tudo.

Não tinha?

– Feliz? – sussurrei.

– Claro! Faça as coisas certas. Não adianta ficar com dois, não é?

– Hã? – Juro que não entendi mais nada.

– O Jaime. Não fique com o Henrique sem acabar tudo com ele. É feio – fez uma careta, e logo me senti arrependida. E culpada. E um monstro cruel.

– Do que está falando, Rejane Diniz? – questionei por falta de comentário melhor. Fazer-me de desentendida foi uma ótima opção.

Ela se levantou rápido, parecendo impaciente. Estalou os lábios.

– Vai saber o que fazer. Tenho certeza. Tome a sopa, daqui a pouco venho buscar a bandeja. Fique pensando um pouco...

Dei de ombros. Eu estava tão acostumada a desviar de tudo o que me atinge. Era mais fácil fingir que nada era comigo. Era natural espantar qualquer coisa que me fizesse sentir. Pela primeira vez desde o acontecido, deixei que tudo invadisse o meu coração e o meu cérebro.

Tomei fôlego e falei:

– Sei o que fazer.

E a certeza foi uma espécie de salvação. De uma hora para outra, sentia-me uma nova mulher.

Eu renasci.

– Comece logo.

Peguei o meu celular.

– Comecei – disquei um número muito importante.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

Passei a noite toda acordado pensando nela. Preocupado com ela. Sonhando acordado em estar com ela. Não havia mais nada que eu pudesse fazer, pelo menos não enquanto o escravinho estivesse dando uma de macho alfa dentro daquela casa que nem lhe pertencia. Tudo isso me irritava, mas não queria prejudicar a saúde da Laura tentando uma invasão. Iria me sentir ainda mais culpado.

Liguei para Jane muitas vezes. Ela sempre me tranquilizava, alegando que a Laura estava reagindo bem: comeu tudo o que lhe foi oferecido, tomou os remédios nos horários corretos e até

caminhou pela casa à noitinha, deixando a cama pela primeira vez desde que o Edmundo a levou.

Mesmo assim a minha preocupação não conseguia ter fim. Ficava o tempo todo me martirizando, achando que poderia fazer mais do que esperar, porém desistindo sempre quando chegava à parte em que a Laura podia ficar pior se eu forçasse a barra.

Vi o sol nascer da janela do meu quarto. Não queria ir trabalhar naquela triste e enfadonha quinta-feira, mas não ia adiantar ficar em casa, esperando pelo que não devia esperar. O jeito era encarar o mundo, viver a rotina normalmente e tentar buscar algum resquício de tranquilidade.

Cheguei à CMD com um mau-humor dos infernos. Helena foi a minha primeira vítima. Estava mexendo na minha mesa, na sala da direção que eu dividia com a Laura. Nem sabia que tinha as chaves – pensei que só a Laura e eu tínhamos acesso –, por isso fiquei indignado com a sua invasão. Se Laura soubesse reagiria da mesma forma.

– O que está fazendo aqui? – rosnei com severidade, depositando a minha pasta na mesa grande. Helena esbugalhou os olhos. – Não tem autorização para entrar nesta sala sozinha. Onde arranjou as chaves?

Sua pele branca ficou ainda mais pálida. Parou o que estava fazendo de imediato, largando na minha mesa alguns papéis que não soube identificar.

– Des... Desculpe, Senhor. A sala estava aberta, pensei que já estivesse aqui. Vim lhe entregar essas notas e... – suspirou. – Desculpe.

Que estranho! Tinha certeza de que havia trancado a porta. Mas, pensando bem, talvez tivesse esquecido. Já deixei a janela do meu carro aberta em dias de chuva tantas vezes que nem sei mais contar. Já esqueci as chaves do carro dentro dele. Já deixei a torneira da pia do banheiro aberta mais do que possa imaginar.

Enfim, sou o rei do esquecimento.

– Certo, certo – resolvi deixar para lá. – Obrigado.

Helena se aproximou um pouco. Estava bonita trajando uma saia bege e uma blusa de mangas compridas. Bem profissional e elegante. Bem no estilo Laura Diniz. Sabia perfeitamente que a Helena sempre usava roupas mais sensuais e justas do que aquilo, embora nunca chegasse a ser vulgar.

Achei estranho, mas logo me recuperei. Entendi o que a Helena estava querendo. E aquilo já tinha ido longe demais. Para mim já deu.

Precisava acabar com aquilo de uma vez por todas.

– Helena... Preciso conversar contigo – falei antes que se aproximasse demais. Sentei-me na primeira cadeira que vi.

– Sim, claro... Aconteceu alguma coisa? – ela fingiu surpresa, mas percebi resquícios de divertimento no timbre da sua voz. O que aquela maluca estava pensando?

– Sente-se – apontei para uma cadeira na minha frente.

Obedeceu. Continuou fingindo estar surpresa. Ou então o fato de a Laura ter colocado caraminholas na minha cabeça sobre a Helena estivesse mexendo com o meu senso crítico. Não soube dizer, só não confiava mais na minha secretária. Todas as expressões que fazia pareciam ser fingidas demais para o meu gosto.

– Quero deixar uma coisa bem clara – fui direto ao ponto, pois estava cansado e impaciente. – Nossa relação é meramente profissional. Não quero mais que aconteçam as coisas que nos aconteciam antes.

Helena afundou na cadeira e abriu bem os olhos. Senti um pouco de pena. Sei lá. Ela era bonitinha, e fez uma careta tão

entristecida que tive vontade de engolir de volta as minhas palavras. Mas foi uma vontade passageira. Sabia que era o certo a ser feito.

– Mas... Mas... As... As flores... – a coitada tinha desaprendido a falar. – O... Eu... Pensei que...

– Foi tudo um mal entendido. Aquelas flores eram para Laura. – Helena levou um susto. Começou a chorar silenciosamente, as lágrimas escorrendo como se não as sentisse. Precisei ter sangue de barata para continuar explicando: – Você entendeu tudo errado, mas não foi culpa sua... Desculpa, mas eu não quero nada contigo, Helena. Você é a minha secretária, além do mais é casada...

– Eu me separei! – choramingou alto.

– Bom, eu... Sinto muito pela sua separação, mas não tenho nada a ver com...

– Eu me separei depois que recebi aquelas flores! – Levantou-se da cadeira depressa. Andou até a mesa da Laura e parou. Levou uma mão à cabeça e começou a chorar ruidosamente. – Não acredito! Não acredito que tenha me enganado tanto!

Fiquei calado, completamente estarecido. E envergonhado também. A situação era mais tensa do que esperava.

– Helena... Nunca te dei esperanças. Nunca falei nada.

Ela gemeu um pouco e se virou na minha direção. A parte branca de seus olhos já estava meio avermelhada. A careta disforme que fez me causou certo espanto.

– Mas eu te amo! – gemeu de um jeito dolorido. – Estou apaixonada por você há muito tempo...

Prendi os lábios e passei segundos incalculáveis a encarando. Só três palavras vinham à minha mente: puta que pariu! E elas me faziam lembrar a Laura.



Levantei-me e fui me aproximando dela. Não sabia direito o que dizer, mas não podia enganá-la. Queria que entendesse de uma vez por todas que jamais ficaria com ela.

– Helena... Eu amo a Laura Diniz. – Agora sim seus olhos pareceram ter saído das órbitas. – Desculpe-me, não é nada contigo. Você é ótima, é bonita e... Passamos alguns bons momentos juntos, mas... Eu me apaixonei por ela e nada vai mudar isso.

Helena levou as duas mãos à cabeça. Começou a respirar tão ferozmente que parecia um animal selvagem. Encarou-me com ódio, deixando seu rosto ainda mais vermelho e transfigurado. Tentei manter a calma, mas a situação era demasiadamente chata. A culpa se intensificou muito dentro de mim.

Sem nada dizer, Helena correu até a porta, saindo como um foguete e a deixando aberta. Só me restou ficar na minha, nada podia fazer para que se sentisse melhor. Ela ia entender em algum momento. Ou ao menos superar.

Ainda empertigado, fui até a porta a fim de fechá-la, mas acabei dando de cara com a Ana Vitória Salazar. Era só o que faltava para melhorar o meu humor.

A outra maluca estava ainda mais elegante, trajando um terninho preto e usando os cabelos soltos de forma sensual. Sorriu de orelha a orelha assim que me viu.

– O que deu na sua secretária?

– TPM, eu acho – respondi e a convidei para entrar. Não havia opções. A não ser se eu corresse e pegasse o elevador, mas ia ser uma cena bem ridícula de ser presenciada.

A otária riu ainda mais.

– Onde está a Laura Diniz? – perguntou, mas algo me dizia que ela sabia muito bem onde a Laura estava. Queria apenas me atijar.

– De atestado médico. Está adoentada.

Ana se sentou à mesa grande. Não tive outra escolha, acabei me sentando também, porém tomando o cuidado de manter certa distância.

– Espero que não prejudique o andamento do projeto. Vi o programa ontem... Estão quase terminando, meus parabéns. Sabia que não nos decepcionariam.

– Obrigado, mas o mérito vai todo para Laura. Ela tomou a frente e projetou em tempo record. Fui apenas um auxiliar.

Ana sorriu de um jeito cínico que me irritou. Fiz uma careta, mal podendo conter a minha insatisfação de tê-la ali dentro.

– Não tem medo de dizer isso tão abertamente, Henrique? Desse jeito deixa óbvio que ela é melhor do que você.

– Ela é melhor do que eu – admiti pela primeira vez. – Por que não acabam logo com essa putaria e a colocam como diretora geral?

Nem sei como tive tanta coragem de falar daquele jeito. Escapuliu. O cansaço estava mexendo com os meus nervos. Por um instante me esqueci de que queria o cargo da direção. O problema era que eu não o queria com a mesma força que queria a Laura. Se perder o cargo fosse o pagamento para tê-la comigo, faria questão de pagar. Fodam-se os meus objetivos. Foda-se o meu orgulho.

Ana Vitória parou de sorrir.

– Não fale tolices. A questão é bem mais complicada.

– Não sei o que há de tão complicado. Nem deviam ter me envolvido nisso... É óbvio que a Laura é mais competente para o cargo.

Ana soltou um suspiro e se esgueirou um pouco, encarando-me seriamente.

– Não devia estar te falando isso, mas o cargo é considerado masculino, Henrique. Nos trinta e seis anos que tem esta empresa, em nenhum momento o cargo foi ocupado por uma mulher. O Sr. Delacox prefere que seja uma função exercida por um homem, acha que uma mulher não tem as qualidades certas para encarar o dia a dia da direção. – Agora sim estava admirado. E furioso também. – Alguns associados também concordam, bem como membros do conselho. A Laura não teria chance... Só está aqui porque Sara Delacox é uma espécie de feminista e porque o idiota do Agenor insistiu, sobretudo por este último motivo, pois Sara sempre foi uma coitadinha. Ninguém sabe disso, mas Agenor é sobrinho do Sr. Delacox. A outra empresa que vai abrir ficará no nome dele, mas fará parte da CMD no futuro. É um esquema meio sujo que não posso falar agora, mas acredite quando digo que as chances da Laura são reduzidas. O conselho acabaria com ela rapidamente, e é por isso que não quero que ganhe. Não acho justo, Laura é uma profissional decente. Mas o que posso fazer? Sou uma associada de mãos atadas.

Ana parou de falar e continuei duro como uma estátua. Como contar à Laura que o seu maior sonho não poderá ser realizado? E se for, como suportar o fato de que enfrentará uma presidência inteira contra ela? Claro que se viraria bem, ela é forte e profissional com relação ao trabalho, mas *eu* não irei suportar isso. Que raio de empresa machista era aquela, afinal? Nunca vi tanta sujeira junta. Não me admira nada que a Laura ganhasse menos do que eu.

– Acho melhor não se envolver com ela, Henrique – Ana prosseguiu, desta vez sorrindo de forma esquisita. – Se quiser o seu emprego... Afaste-se. Se quiser o bem dela... Afaste-se também. Deixe as coisas acontecerem. Você ganha e tudo fica bem. Ela supera. Se ela ganhar vai demorar mais a superar o que pode acontecer.

Quase não acreditava no que estava acontecendo. Parecia que o mundo girava contra mim. O cargo na direção era tudo o que eu queria... Mas não queria machucar a Laura... Teria de abrir mão do cargo e estava quase fazendo... E então as coisas mudavam novamente de figura. As informações da Ana me deixavam em uma situação sufocante. Se eu ganhasse o cargo a Laura jamais ficaria comigo. Conheço-a muito bem e sei que nunca permitiria a minha aproximação. Acho até que se demitiria da CMD. Contudo se a deixasse ganhar eu jamais me perdoaria, não pelo meu ego ferido, mas pelas coisas que ela teria de passar, segundo a Ana.

Eram dois caminhos difíceis, e nenhum me levava a ela.

Eu ia falar alguma coisa, mas, quando menos esperei, Laura Diniz entrou na sala com passos decididos. Parou quando viu a Ana e me encarou por alguns segundos. Percebi sua insatisfação, porém me admirei quando um sorriso tímido deixou o seu rosto mais iluminado quanto nunca mais pensei que veria de novo.

– Bom dia! – saudou com animação e entrou na sala de vez. Caminhou até a sua mesa e começou a mexer em algumas coisas. Respondemos à saudação educadamente.

Acompanhei cada gesto seu até que a Ana segurou a minha mão, que estava sobre a mesa. Afastei-a depressa. Droga. Laura ia dar piti, sem dúvidas. Ia ser uma merda, tudo se repetiria e nada terminaria bem.

– Mantenho contato, Henrique. Tenha um bom dia – falou e se levantou, deixando-nos sozinhos em questão de segundos.

Enchi os meus pulmões de ar, tomando fôlego para encarar a fúria da megera. Entretanto, a doida nem se deu ao trabalho de olhar para a minha cara. Cutucou algumas gavetas, ligou o computador e olhou pela janela daquele jeito distraído como sempre fazia.

– Você está bem? – decidi perguntar. – Andei muito preocupado.

Minha vontade real era de me aproximar e tomá-la em meus braços. Faria aquilo se as palavras da Ana ainda não estivessem me perturbando. Precisava pensar melhor em tudo antes de tomar qualquer atitude.

– Estou bem, obrigada – falou ainda olhando a vista da cidade.  
– Mudei de medicação, fico morrendo de sono... Mas vaso ruim não quebra, já te disse isso.

Ri meio sem graça.

– Não faz ideia de quantas vezes escutei aquela música ontem  
– continuou, mas não me olhou por nada. Sorri. Foi impossível evitar. – É sério? Aquele bilhete foi sério?

O fato de seus olhos não estarem sobre mim estava me deixando muito chateado. E me lembrar das coisas que a Ana me disse estava me deixando fora do controle. Era duro acreditar, mas Laura estava diante de mim, parecendo que ia ceder e finalmente acreditar em tudo e eu não podia fazer nada além de deixar nossa relação congelada. Pelo menos até ter certeza de que não a estaria prejudicando.

– É sério. Juro, mas... Precisa confiar em mim.

Ela me encarou. Quase morri com o seu olhar amarelo brilhando como a luz do sol bem atrás dela, entrando pela janela. Achei que estivesse sonhando. Sem sombra de dúvidas, foi o momento em que ela esteve mais linda aos meus olhos.

– Eu confio.

Paralisei. Só podia mesmo ser um sonho.

Fui incapaz de permanecer quieto. Levantei-me da cadeira e dei alguns passos. Foda-se a Ana e a CMD. Nada me faria ficar sem aquela mulher.

Laura esticou uma mão, pedindo-me para não avançar.

– Mas eu preciso de um tempo – completou, e seu olhar mais uma vez me deixou paralisado. Percebi o que estava tão diferente na Laura: era mesmo aquele olhar. Não estava mais sarcástico ou duro, inexpressivo. Muito pelo contrário, demonstrava... Sentimento.

Aquiesci de leve. Era sonho mesmo. Se logo agora eu pedisse o tempo de que precisava para pensar ela ia achar que eu estava a enganando. Daria em merda. Mas ela mesma queria um tempo, então a culpa não seria minha. Sim... Aquele tempo seria providencial. Por mais que fosse doloroso, buscaria a calma naquele olhar leve me observando.

Laura me dizia tudo de que eu precisava através dele.

– Tudo bem – respondi com firmeza. – Te dou o tempo de que precisar.

– Obrigada – sorriu.

Que vontade tive de beijá-la! Mas alguma coisa fez com que eu me sentisse péssimo. Não queria mentir. Nem fingir.

– Laura... Só quero que saiba que vou lutar por nós dois. Não desistirei. Eu juro... Juro que vou arranjar um jeito.

Ela continuou sorrindo. Os olhos pareciam sorrir junto com a sua boca, era incrível. Não estava acostumado com aquilo. Achei que morreria e não veria a Laura tão espontânea. Parecia ter se livrado da armadura que a impedia de se expressar, de demonstrar as suas emoções.

E como estava linda, meu Deus! Daria tudo para fazê-la ficar daquele jeito para sempre. Saber que fazia parte da sua transformação era a melhor sensação que eu poderia ter. Era tão bom que nem sabia se merecia tudo aquilo.

Mas nada se comparou ao que ela disse logo em seguida. Quase tive um desfalecimento. Por um raio de segundo achei que o Jaime estava muito enganado; eu não a mataria. A doida que acabaria comigo antes do fim:

– E eu juro que não vou te perder de novo.

## 20º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

O dia foi bem cansativo, ainda mais porque sentia resquícios da depressão circulando em minhas veias. Por mais que tenha decidido não deixá-la vencer e começado a modificar certas coisas dentro de mim, foi difícil me concentrar no trabalho. Pelo menos já estávamos na reta final. Breno e Júnior não podiam estar mais confiantes naquele projeto, mesmo que ele precisasse partir para a equipe do departamento de análise após a conclusão.

A minha cabeça permaneceu nas nuvens durante boa parte do dia, admito. Os dois, juntamente com o Henrique, tocaram em frente quase sem a minha participação, o que é algo absolutamente raro. Meio que fui tratada como uma doente, até o modo como falavam comigo era especial. Bem mais suave, digamos assim. Tentei não me importar, mas fiquei possessa em muitos momentos. E, até mesmo neles, não consegui me concentrar direito.

Havia uma preocupação horrível martelando o meu juízo. Algo que não conseguia resolver. Já havia pensado na situação de todas as formas, porém nada era o bastante. Sentia-me fraca quando percebia que não daria para fazer as coisas do jeito que queria. E me sentir fraca sempre me fez ficar possessa, entretanto me dei o direito de ficar triste em vez de com raiva. Não conseguia assumir o meu fracasso.

As lembranças da conversa com a Jane me deixavam ainda mais introspectiva. Olhava o Henrique do outro lado da mesa e quase não podia suportar a vontade que tinha de pular em cima dele, dizendo-lhe coisas que mal conseguiam ser processadas pela minha mente. Só sabia de uma coisa: precisava de um pouco mais de tempo para ingerir a situação e agir com clareza. Não podia sair



por aí dando uma de inconsequente, colocando os carros na frente dos bois. Nunca fui impulsiva.

Também era difícil de acreditar em como as coisas haviam acontecido tão depressa. O meu relacionamento com a Jane, com o Henrique, com o Jaime... Com todo mundo. As pessoas pareciam ter mudado para mim, mas era óbvio que a mudança de verdade tinha acontecido comigo, e não com elas. O mundo estava diferente. Para resumir, eu não o odiava mais. As expectativas com relação à minha própria vida estavam muito melhores – apesar de todos os pesares –, porém não conseguia entender o porquê de ainda estar triste. De ainda me sentir perdida, sem rumo, imersa em um turbilhão de emoções contraditórias.

Foi no fim da tarde que recebi uma ligação da presidência. Sara Delacox queria falar comigo pessoalmente. Meio que já sabia do que se tratava. Àquela altura a ligação que fiz na noite anterior já tinha surtido resultados. Henrique estava sentado à sua mesa individual, não exatamente me ignorando, pois me observava esporadicamente, e decidi lhe contar o que tinha acabado de acontecer.

Ele deu um sorriso muito fofo em resposta.

– Estou com medo – admiti o inadmissível em voz alta.

– De quê?

Olhei-o durante longos segundos. Seus olhos azuis e a fenda no queixo prenderam a minha concentração completamente, eu parecia ter sido sugada por eles. Esquecime até mesmo de sentir medo. Tudo se esvaiu. Qualquer coisa que pudesse acontecer era menos importante do que aquele olhar apaixonado sobre mim.

– De nada. Deixa quieto.

Deixei a sala o mais rápido que pude e subi ao andar da presidência. Até mesmo o elevador me fazia refletir sobre tudo. Afinal, tinha sido exatamente ali que as coisas haviam começado. Ri

sozinha durante grande parte do percurso, recordando-me de cada palavra dita. Mesmo se nada terminasse do jeito que queríamos ainda teríamos aquelas boas memórias. Nada e nem ninguém poderia acabar com elas, eram somente nossas.

Sara Delacox estava me esperando em sua sala enorme, perfumada e decorada de um modo bastante feminino. Queria eu poder deixar a minha sala daquele jeito, mas o Henrique reclamaria. Pensando bem, mudei de ideia quando me lembrei de que a sala tinha o cheiro dele. Bem melhor e mais estimulante, sem dúvidas. Minha inveja passou longe depois disso.

– Boa tarde, Laura, como anda o projeto? Tive boas notícias sobre ele. Sente-se aqui – apontou para uma poltrona confortável diante de si. Sentei-me prontamente, afundando no tecido macio. Uau! Ser rica e chique é outra coisa.

– Estamos na reta final, como já deve saber. Liberaremos para a equipe de análise na semana que vem.

– Isso é ótimo. A CMD vai crescer ainda mais com um projeto deste porte, estamos contentes com o desempenho de todos vocês. Faz ideia do quanto é importante para a empresa?

Eu fazia. Se o governo liberar a confecção do projeto a CMD vai render um absurdo. Aquele museu era inovador justamente por possuir a modernidade em cada detalhe; mesmo possuindo um rascunho, eu mesma planejei e desenvolvi ideias que jamais havia desenvolvido antes. Dei o meu melhor em todos os sentidos, e sabia que, caso saísse do papel, o êxito seria inevitável. Grandes engenheiros e pesquisadores do país estudariam sua complexidade, e o meu nome vinculado seria bom até demais para a minha carreira.

– Tenho certeza de que será um sucesso – respondi, aquiescendo.

– Graças a você.

Exatamente. Graças a mim. Ainda bem que a vice-presidente reconhecia o meu valor, mas era tarde demais para eu me sentir convencida.

Apenas aquiesci de novo. Para quê desmentir o que é verdade? Humildade ou modéstia nunca foi o meu forte.

– E é por isso que tentei resolver a sua situação aqui na empresa o mais rápido possível. – Sara me entregou alguns papéis. Franzi o cenho, meio perdida.

Achei que fosse o meu acerto de contas, e para a minha surpresa era mesmo. Quero dizer, pelo menos parecia ser. Por um segundo, fiquei triste por terem sido tão rápidos. No outro, já estava confusa. Os papéis se tratavam de contracheques em meu nome, todos atualizados com um salário superior ao meu. Estranhei muito, e mais ainda quando o último papel demarcou um saldo altíssimo.

– Mas... Eu achei que... – revirei a papelada, tentando encontrar sentido. – O que é isto, afinal?

Encarei a Sara, e ela sorriu amplamente.

– Este é o valor líquido, com todos os impostos descontados. Já está na sua conta desde ontem.

Olhei para o número. Arfei, sem acreditar.

– Não estou entendendo, desculpe-me. – Balancei a cabeça rapidamente, alternando o meu olhar ora para a papelada ora para a Sra. Delacox.

– Laura, o Henrique me procurou na semana passada e me informou sobre a sua situação. Encontrei um erro imperdoável no departamento de Recursos Humanos. As mulheres ganham um pouco menos nesta empresa porque oferecemos planos e licenças especiais, como escola gratuita para os filhos até os quinze anos de idade, auxílio moradia, auxílio cesta básica, um plano de saúde bem mais extenso e completo, além de diversos outros quesitos que são descontados no salário mensal, mas que é um valor simbólico com

relação aos benefícios que oferecemos. Eu mesma sou criadora deste projeto, a ideia é valorizar as mulheres dentro da nossa empresa. O Marcos se sente muito satisfeito com os bons resultados, pois acredita que a nossa construtora é a que mais cresce no país por causa da presença constante de mulheres comandando diversos departamentos e ocupando funções que são consideradas masculinas pela sociedade machista.

Eu já estava tão transtornada que nem soube como reagir. Sara falava e falava e eu só ouvia com admiração, minha mente ainda travada no nome do Henrique logo no início. O resto foi só para acabar comigo de vez.

Baluciei algumas coisas ininteligíveis. Sara sorriu e continuou:

– Houve um erro absurdo. Você não tem filhos e, segundo a sua ficha médica, não pode ter. Nem mesmo é casada. Nesses cinco anos que trabalha conosco não se beneficiou com absolutamente nada de nossos planos especiais para mães e esposas.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Continuei estarecida. Sem saber o que falar ou fazer.

– Este valor é a soma do que lhe é de direito – concluiu. – Em nome da empresa peço desculpas pelo engano. É com muita alegria que fazemos questão de nos redimir.

Uma lágrima escorreu. E depois outra, e mais outra, e mais outra. Estava mais do que emocionada. Aquele dinheiro tinha vindo na melhor hora possível. Não podia ser coincidência.

– Obrigada – choraminguei. Sara me ofereceu um lençinho e o aceitei. Comecei a enxugar as lágrimas, mas outras apareciam e tornavam a situação ainda mais desconcertante.

– Agradeça ao Henrique – Sara disse como se soubesse algo mais. – Por falar nisso, acredito que a nossa decisão possa ser tomada na semana que vem. Não há mais o que esperar, ambos

tiveram a chance de mostrar o que podem fazer. Como vocês estão com relação à escolha do novo diretor?

– Uma droga – balbuciei, incapaz de dizer inverdades. A decisão da presidência ia ser o nosso fim. Eu tinha plena consciência disso. Qualquer que fosse o vencedor, a escolha traria problemas profundos em nossa relação já conturbada. Antes de qualquer coisa, somos dois orgulhosos.

– Compreendo. Bom... – pareceu desconcertada, fingindo procurar alguma coisa entre os papéis em cima de sua mesa. – Preciso resolver umas coisas agora, mas acredito que nos veremos novamente na semana que vem. Se houver algum problema não hesite em me avisar. Está bem?

– Certo. Obrigada, Sra. Delacox.

Saí da sala dela com um sorriso inevitável no rosto. Não comentei nada mais sobre a minha situação na empresa. Estava louca para chegar à sala da direção, pois sabia que o Henrique estaria lá, e sozinho. Só saberia o que fazer quando o olhasse, mas tinha certeza de que qualquer reação que eu pudesse ter levaria a minha boca até a dele em algum momento.

Encontrei a secretária da presidência atrás de um balcão. Fiz uma cara feia para ela, que desviou os olhos de mim rapidamente e encarou uma pessoa que estava diante de si. Só então percebi que era a maldita da Helena. Era a primeira vez que a via na minha frente desde que ouvi aquela conversa no departamento de desenvolvimento.

Meu sangue subiu e me aproximei devagar. Tentei conter a raiva, mas não consegui. A oportunidade era única. Não estava me sentindo especialmente barbaqueira naquele dia, mas, depois de ter me acontecido uma coisa maravilhosa, a tristeza anterior deu lugar à confiança. E, junto com ela, o meu gênio explosivo retornou.

– Boa tarde, fofoqueiras de plantão – fui logo saudando. Apoiei os cotovelos no balcão de mármore. Encarei a Helena com

ferocidade. A filha da puta desviou os olhos para a secretária velhota. – Espero que não estejam conversando sobre mim. Sei que sou foda, mas não precisam sentir inveja. Façam por merecer.

Foi a velhota que teve a ousadia de retrucar:

– Vê lá se vamos sentir inveja de alguém como você.

Helena já estava com o rosto vermelho quando parei de olhá-la para encarar bem a secretária. Analisei seu crachá, descobrindo o nome da idiota: Marisa. Ofereci o meu olhar mais fatal, aquele que havia deixado todo mundo na CMD com medo de mim. Funcionou. A vadia deu de ombros em menos de um segundo.

– Dobre a sua língua de cobra – falei com rigidez. – Posso processá-las por me denegrirem por aí. Aliás, quanta gente já foi prejudicada por causa das suas fofocas? Que coisa feia, a senhora não tem idade para isso. Devia ter vergonha na cara.

Ela se inflou como um baiacu ancião. Suas rugas se intensificaram.

– Vergonha? – falou, mas meio relutante. Seu medo era óbvio. – Não sou eu que ando pegando nas partes íntimas dos rapazes.

– Claro que não. Não deve segurar na parte íntima de um rapaz há anos – suspirei. – Mas o meu papo não é contigo, é com essa mal comida aí.

Virei-me na direção da Helena de novo. Ela agora estava roxa, encarando o chão como se quisesse sumir. Seu jeito cínico me irritou ainda mais.

– Mal comida racista – completei. Ainda me lembrava muito bem de como havia se referido a mim. – Meu amor, vou deixar as coisas bem claras para você: não há nada que possa fazer para que o Henrique Farias seja seu. Desista.

Ela bufou e sorriu um pouco. Decidiu me encarar, tomando uma dose ousada de coragem. Pena que a filha da mãe era mais

alta que eu. Merda de altura essa minha! Precisei virar o meu pescoço um pouco para cima.

– Está enganada se pensa que ele vai ser seu.

Desta vez fui eu quem sorri. Aquilo era uma ameaça? Sério? Imprimi suas palavras para me lembrar delas caso alguma coisa suspeita acontecesse. Seu olhar parecia vingativo. Daquele tipo de olhar que as vilãs das novelas da Globo fazem quando estão prestes a realizar maldades.

– Não... Não vai ser – balancei a cabeça. – Ele é. Agora me deem licença, tenho mais o que fazer além de ficar discutindo por causa de homem. Também não tenho tempo para fofquinhas como certas pessoas. – Dei uma última olhada na Marisa, que não estava nada satisfeita, e caminhei decididamente até os elevadores.

Meu recado havia sido dado.

Assim que um dos elevadores se abriu, Ana Vitória Salazar saiu dele. Revirei os olhos. A corja estava completa. Deus me livre de tanta gente sebosa na minha vida. O maior problema era que com aquela vadia eu não podia tirar satisfações.

– Oi, Laura Diniz. Que surpresa... – disse falsamente. – Acabei de vir da direção.

Claro. Não perdia a oportunidade de lamber o saco do Henrique.

– Oi, querida! Que prazer em te ver! – dei dois beijinhos nela, usando a minha carapaça de ótima atriz. Eu nunca agia daquela forma, e era exatamente isso que faria Ana entender que eu estava sendo irônica. E a ironia ia deixar claro que eu a odiava amargamente. – Pois é, estou indo para lá agradecer muuuuuuito ao Henrique por ter feito uma coisa por mim.

Pisquei um olho e entrei no elevador. Ela fez uma careta meio estranha, desconcertada pelas minhas palavras e gestos. Fui meio

cara de pau, confesso. O fato de ter dado ênfase à palavra “muito” deixou coisas implícitas no ar. Era exatamente o que eu queria.

Dei um tchauzinho e fechei a cara assim que as portas do elevador se fecharam. Depois, ri sozinha.

– Ai, como eu tô bandida... – murmurei, rindo mais um pouco.

Quando cheguei à direção a porta estava trancada. Henrique havia saído. Achei estranho, e confesso que o esperei até mais tarde, porém o infeliz não retornou. Acabei desistindo. O meu dia estava longe de acabar. Precisava fazer mais uma coisa que estava em meus planos, e a ideia da minha conta estar recheada me deixou animada para ir adiante.

Kátia sorriu de orelha a orelha quando me viu entrando no ginásio. Estava sensacional, trajando o seu maiô e se aquecendo como se não tivesse passado o dia todo fazendo aquilo. Abençoados são aqueles que amam o que fazem.

A minha treinadora soltou um grito tão longo e fino que tive vontade de rir. Só me segurei por causa da força do hábito; sair por aí rindo à toa não faz parte de mim – talvez nunca volte a fazer –, embora estivesse tentando uma repaginada.

E a minha repaginada teria início em cima do tablado.

– Não acredito que está de volta!

Quem não acreditava era eu. Quem diria que a minha primeira reconciliação seria justamente com a ginástica? A falta que senti foi tanta que o fato de ter me afastado intensificou ainda mais a minha depressão. Preciso estar em constante movimento, é um fato. Preciso de me sentir livre e leve enquanto o meu corpo deixa o chão e compõe uma dança ritmada. Esta é a Laura Diniz que nunca mudou e jamais mudará.

– Só temos dois dias de ensaio e o médico exigiu que eu repousasse – fui logo informando enquanto me aproximava e tirava



as minhas roupas. – Se esse treino for uma merda, então vai ser melhor cancelar mesmo.

A Laura realista demais também não se modificaria. Preferia morrer a escolher ser uma mulher iludida.

Kátia não se deixou desanimar.

– Você consegue!

Sua convicção me atingiu em cheio. Se as pessoas soubessem que têm a capacidade única de fazer as outras criarem forças para se superar com certeza distribuiriam mais elogios e palavras de incentivo. Eu acreditei nela. E só por causa disso procurei dar o meu melhor; não que pensasse em fazer o contrário, mas admito que foi uma injeção de ânimo poderosíssima.

O desafio circulava nas minhas veias quando concluí o aquecimento e comecei o ensaio, com música e tudo. Teria pouco tempo para voltar a encaixar os meus passos no ritmo acelerado das batidas. Logo de cara me percebi mais lenta e com a flexibilidade alterada. Não me dei por vencida. Quanto mais quente o meu corpo ficava, melhor era o meu desempenho.

Acredito que o sabor de ser desafiada sempre seria deliciosamente doce na minha boca. Mais um item para a lista de coisas que jamais mudaria em mim; eu gosto de testar os meus limites, adoro mostrar a mim mesma e a todos em volta que sou capaz de qualquer coisa, até mesmo de realizar o impossível.

Kátia gritava e batia palmas a cada salto que eu dava. Isso me instigava. Não tinha parado para pensar que pagaria o maior mico me apresentando na frente de centenas de pessoas – talvez milhares, acho que o campeonato seria televisionado –, pois tentava confiar na minha capacidade de me concentrar no que estou fazendo. O mundo deixa de existir quando estou curtindo o ápice da minha liberdade.

Caí na exaustão profunda perto das onze horas da noite. Sentei no estrado e, não satisfeita, deitei. Meu peito inflava e até doía, o ar fugindo de mim como se me odiasse. Kátia se aproximou e se sentou ao meu lado, trazendo uma garrafinha de água consigo. Ofereceu-me, e aceitei prontamente, sentando-me de novo para tentar repor a água que havia perdido durante o treino.

– As finalizações estão ruins – comentei, arfando alto. Mal conseguia falar. Era óbvio que estava debilitada demais para voltar a praticar, mas não havia tempo de esperar a minha recuperação total. O maldito campeonato seria no sábado à tarde.

Tomei um gole tão longo que o meu ar só fez escapar ainda mais depressa.

– Diz isso porque falhou algumas poucas vezes? Pare de se queixar, dos Santos!

– E se eu falhar na hora?

Kátia sorriu.

– Que besteira! Até os melhores profissionais do mundo falham. Você não está na competição, então não tem obrigação de ser perfeita. – Fiz uma careta. Kátia gargalhou. – Tá, eu sei, você quer ser perfeita, mas acho que deve buscar se divertir. A mistura que os seus movimentos fazem com a dança de rua é impressionante, Laura. Nunca vi algo assim em toda a minha carreira. Todos vão se encantar contigo.

Por um instante me perguntei por que era tão difícil acreditar no Henrique. Até na Kátia eu colocava a minha mão no fogo. Se ela dizia aquilo certamente era a mais pura verdade, visto que jamais mentiu para mim só para me agradar. Lembro-me de que no começo dos treinos, quando ingressei na CMD, cometia erros absurdos, que foram sendo corrigidos aos poucos. Graças a ela a minha técnica foi aperfeiçoada.

Dei de ombros e me levantei, disposta a ir para casa. Ainda tinha que pegar um táxi. Daqui para que o meu corpo esfriasse o bastante para me dar sono ia ser uma eternidade. Precisava dormir por pelo menos oito horas completas – recomendação do maldito médico –, mas sabia que aquela seria mais uma noite em claro. Desta vez com novas ideias rondando a minha mente.

– Amanhã a gente continua – defini e fui caminhando de volta às minhas coisas. – E espero que você tenha mesmo razão.

– Ei, Laura! – Kátia chamou, e me virei na sua direção rapidamente. – Obrigada por ter voltado.

Não evitei um sorriso meio tímido. Sim, eu, Doutora Laura Diniz, sorrindo timidamente. É o fim dos tempos!

– Obrigada por ainda não ter desistido de mim. Sei que não sou fácil.

Ela gargalhou. É disso que estou falando. Essa gente bem-humorada é uma espécie rara de ser humano que sou incapaz de compreender.

– Não é mesmo... Até amanhã!

– Até – acenei e tornei a me virar, pegando a minha bolsa.

Cheguei a minha casa mais do que exausta. Já era meia-noite quando cruzei o portão. Dei de cara com o Jaime, que estava dormindo sentado em uma espreguiçadeira na frente da diminuta piscina do jardim.

Fui acordá-lo.

– Jaime... – Chacoalhei-o com cuidado. Ele se remexeu. – Jaime, vá dormir na sua cama...

Deu um salto, assustado.

– Vamos, eu te levo. – Segurei seu braço firme.

– Laura.

Fiz um careta. Fazia anos que não me chamava apenas de Laura. Isso só acontecia no começo, quando nos conhecemos. Depois que definimos a nossa relação nunca mais me chamou assim. Analisei-o melhor e percebi que estava meio desnortado. E vermelho.

– Você bebeu? – Cheguei mais perto, cheirando os seus lábios até quase beijá-los. Fedia a álcool. Puta merda... – Droga, Jaime. Por que fez isso?

– Doutora Laura... – balbuciou, abrindo e fechando os olhos como se tentasse enxergar alguma coisa. Sem sucesso. – Eu... Eu...

– Vamos... – Puxei-o com força, tentando equilibrá-lo. – Vamos, Jaime, não posso com você sozinha.

– Me desculpe! – choramingou. Parecia um adolescente bêbado recebendo bronca da mãe.

– Tudo bem. Vamos... Precisa descansar.

Foi complicado demais levar aquele homem enorme até a casa nos fundos. Ele me ajudou pouco, estava muito bêbado mesmo. Completamente fora de si. Resmungou coisas que não entendi durante todo o percurso. Lembrei-me do Henrique no casamento da irmã, mas o Jaime estava muito pior. Talvez porque não estivesse apenas bêbado, mas triste também. Tive certeza disso quando o depusitei na cama e ele começou a chorar em silêncio.

– Por que está chorando? – perguntei enquanto tirava a sua camisa. Seus braços foram para cima e os cabelos se assanharam ainda mais quando consegui.

– Por que não me quer mais? – ele murmurou com a voz meio esganiçada.

– Oh, Jaime... – Parei um pouco para observá-lo. Não suportou o meu olhar, desviou o rosto e fechou os olhos. – Não... Não faça isso.

Segurei o seu queixo. Jaime me olhou, mas continuou chorando. Enxuguei-lhe algumas lágrimas, mas desisti quando percebi que não adiantaria muita coisa. Continuei o despindo, livrando-o dos sapatos e da calça jeans que vestia. Deixei-o apenas de cueca. No último segundo decidi tirá-la também.

– É assim que fico sem você – ele balbuciou como um alucinado, apontando para o pênis. – Nu. Não tenho nada... Não me sobra mais nada!

Meu coração se encheu de amargura. Sentime uma tola. Idiota. Estúpida. O pior de todos os seres existentes. Amaldiçoei a minha medíocre vida.

– Jaime... Não...

– Eu te amo! Eu te amo, Doutora Laura... Sempre amei. Sempre vou amar. Não posso suportar perdê-la para aquele imbecil. Vou ser seu para sempre, mesmo que nunca mais me queira.

Seu desespero óbvio misturado com o álcool foi uma cena deprimente de se ver. Respirei fundo e fechei os olhos por alguns segundos. Tive vontade de chorar, mas de nada adiantaria. Tinha que ser uma mulher. Tinha que ser a senhora daquele homem, porque era este o meu papel na vida dele.

Comecei a massagear o seu peitoral. O movimento foi devagar. Jaime pareceu se acalmar com o gesto, estava absorvendo o meu toque com concentração. Lágrimas sofridas ainda escorriam. Inclinei o meu corpo e beijei os seus olhos demoradamente.

– Me deixe ser seu. Por favor... – disse baixinho. Gemi em frustração.

– Você está bêbado, não dá para... – comecei a formular uma desculpa, mas ele colocou um dedo nos meus lábios. Sua atitude foi bem ousada, Jaime jamais calaria a minha boca se estivesse sóbrio. Ele me respeita até demais para tal.

– Por favor.

Encarei-o de perto. Sua expressão era sofrida.

Respirei fundo e tomei uma decisão. Talvez precipitada. Talvez impulsiva e desesperada. Eu não sabia o que fazer. Só conseguia entender que estava sendo injusta com alguém que sempre esteve ao meu lado, sempre me apoiou e ajudou, sempre se mostrou pronto para me satisfazer. Jaime não era qualquer um em minha vida. Ele significava muito para mim. Durante algum tempo significou tudo para mim.

Que tipo de monstro eu sou por jamais ter me apaixonado por alguém tão especial? Eu não lhe dei a chance. Não abri o meu coração. Jamais me sentiria bem sabendo que nunca lhe dei uma oportunidade.

Mandei o acordo que fiz com o Henrique para o raio que o parta. Levantei-me, ficando de pé na beirada da cama. Tirei as minhas roupas, ficando nua também. Jaime me observou atentamente e, quando finalmente me livre de todas as peças, notei que já estava excitado.

– Não vou te amarrar. Não vou te dominar, não hoje.

Ele arfou. Fez uma careta bem fofa e prendeu os lábios. Não acreditou no que falei.

Deitei-me ao seu lado e lhe beijei a boca suavemente. Algo dentro de mim gritou, chamando-me de louca e inconsequente, mas nada pude fazer. Já estava decidido. Depois da declaração do Jaime, com que cara o deixaria sozinho? Como dizer a um homem que me serviu por três anos que estava apaixonada por um que não conseguia nem confiar direito?

Permiti que ficasse por cima de mim. Não reclamei quando me tocou sem permissão, quando me beijou profundamente ou quando me tomou em seus braços como se na verdade fosse eu que tivesse pertencido a ele durante todo aquele tempo. Fui penetrada com força, sem preservativos, e me senti mais estúpida ainda. Estava expondo o Jaime, precisava atualizar os meus exames antes de tê-lo de novo.

O que estava fazendo? Era um erro. Um absurdo.

– Não me deixe... – Jaime sussurrou enquanto me fodia devagar, acho que desacostumado a estar no comando. – Não me deixe, por favor.

O cheiro dele junto com o álcool invadiu as minhas narinas e me deixou inebriada. Infelizmente eu gosto demais de sexo. Simplesmente me empolgo, estando errada ou não. As sensações eram boas demais para serem ignoradas.

Fui relaxando e me esquecendo de tudo aos poucos. Não tinha como voltar atrás. Só me restava sobreviver àquela noite, e então depois buscaria alguma dignidade.

Talvez jamais a tivesse de volta.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

Juro que não chegou a completar cinco minutos que a Laura saiu da sala para atender à solicitação da Sara Delacox – e eu estava bem nervoso quanto a isso, com razão – e a Ana Vitória deu batidinhas de leve na porta, entrando como um foguete. Fiz cara feia quando a vi, pois já não conseguia disfarçar o meu descontentamento em tê-la enchendo o meu saco quase diariamente.

– Preciso falar contigo, Henrique. É urgente. – Seu semblante preocupado deixou claro que desta vez não estava para brincadeira.

A minha irritação deu lugar à curiosidade em um raio de segundo.

– O que houve?

Ela se sentou à mesa grande e abriu o notebook que carregava dentro de uma pasta fina. Nada respondeu. Aproximei-me depressa, sentando-me ao seu lado. Queria distância daquela maluca, mas o fato de não ter me olhado com segundas intenções me fez crer que qualquer coisa que tivesse a tratar comigo era de suma importância.

Ana esperou a área de trabalho ser inicializada e abriu um programa já bem conhecido por mim: era o mesmo que estávamos utilizando no projeto. Fiquei surpreso quando percebi que não era apenas uma coincidência; a filha de uma mãe tinha acesso ao nosso projeto aquele tempo inteiro. Abismado, observei atentamente quando ela digitou uma senha e entrou sem nenhuma dificuldade.

– Não sabia que tinha o acesso... – consegui falar.

– Claro que tenho. Edmundo e eu estamos acompanhando o passo a passo. – Ana virou o rosto para me encarar de perto e sorriu. Estava especificamente bela naquela manhã, pena que a minha vontade de atirá-la pela janela não havia cessado desde que teve a ousadia de receber aquele prêmio no lugar da Laura.

E ainda tinha aquela história sobre o cargo na direção. Estava sendo difícil engolir aquilo. Algo dentro de mim acreditava que tudo o que a Ana falava era mentira, mas esta mesma coisa me alertava de que não devia negligenciar nenhuma informação, seja ela qual fosse.

– Há algum erro?

– Veja. Este é o projeto ontem. – Apontou para a página de mapeamento e foi clicando em várias outras até chegar às questões orçamentais, que ficaram por minha conta. – Estamos visualizando um backup. Agora... – procurou por algum outro arquivo e clicou. – Aqui está o projeto hoje. Preste atenção nesses números...



Franzi o cenho. Que merda era aquela? Os números haviam sofrido uma leve alteração.

– Acho que a Laura modificou alguma coisa e ainda não me repassou...

– Não. – Ana falou rápido demais. Encarei-a. Ela fez o mesmo. – Laura Diniz está na fase de conclusão, logo, não mexeu em nada importante.

Dei de ombros. Estava puto de raiva por ter que rever as contas tudo de novo, pela segunda vez, já que revi quando a Laura me informou que eu tinha errado um cálculo bem idiota.

– O sistema deve estar com algum erro... um bug, sei lá – suspirei, tentando manter a calma. – Vou procurar o Júnior agora mesmo.

– Liguei para ele antes de te procurar, Henrique – Ana se adiantou. Afundou um pouco na cadeira, ainda me observando atentamente. – Júnior passou uma hora fazendo uma vistoria completa e não encontrou nada fora do lugar. Alguém entrou no sistema e alterou os números. E pela sua cara não foi você.

– Claro que não. Jamais faria um desserviço, não perdi o juízo.

Ana soltou todo o ar dos pulmões, parecendo aliviada.

– Por um momento achei que... – Parou. Esperei. Não sabia o que a imbecil iria dizer, porém aos pouquinhos fui compreendendo. Antes que eu falasse qualquer coisa ela concluiu: – Achei que tivesse feito de propósito.

Balancei a cabeça.

– Jamais prejudicaria este projeto, a Laura está colocando o próprio sangue nele. E eu também.

– Por isso mesmo, Henrique. Depois que se tornou o mais novo defensor da Laura Diniz achei que tivesse alterado os números

para que pensássemos que você havia falhado. Assim a Laura ficaria com o cargo na direção com muita facilidade.

Bufei. Mal sabia o que pensar sobre aquilo. A ideia parecia tão boa quanto idiota, e eu sequer havia imaginado algo assim. Não passava pela minha cabeça prejudicar o projeto. Não faz parte do que sou e muito menos do que acredito.

– O que quer dizer com isso, Srta. Salazar? – claro que me fiz de desentendido.

Ela não respondeu de imediato. Ficou me olhando. Já estava totalmente desconcertado quando ela saiu do transe.

– Só vocês dois têm permissão de alterar o programa, Henrique. Nem o Júnior tem acesso ao projeto como você e a Laura têm. Ele faz a programação, mas não tem o poder de confeccionar, modificar números... Enfim. Edmundo e eu também não temos. Nossa conta permite apenas a visualização.

Soube onde ela queria chegar na mesma hora. E tudo me pareceu tão inacreditável que simplesmente me dei o direito de sorrir. Até onde iam as mentiras daquela descarada? Claro que não ia acreditar nela. De jeito nenhum.

– Está querendo me dizer que a Laura Diniz modificou os números?

– Não... Não sei. Eu não sei mesmo, só quero entender.

– O que o Edmundo falou disso?

– Ele ainda acha que foi um erro no sistema, ou que você se equivocou em algum momento. Mas ele não tem a informação que eu tenho. Júnior me disse uma coisa que... – Balançou a cabeça. Sua atuação era visível, carregada de um cinismo que me dava nojo. – Ele me disse que o último acesso foi da Laura. Você não entrou no sistema hoje.

Busquei na minha memória e cheguei à conclusão de que realmente não havia entrado no sistema naquele dia. A minha parte estava pronta, só restava fazer as últimas adequações diante do que a Laura iria acrescentar ou retirar. Havia passado o dia inteiro resolvendo pendências da contabilidade.

Fiz uma careta imensa.

– Olha... Se eu fosse você corrigia esses números logo – completou com ar misericordioso. – Vou dizer ao Edmundo que houve um probleminha com o sistema.

A vadia estava fingindo que tentaria me proteger? Pelo amor de Deus! Não duvidava nada de que tudo havia sido uma grande armação dela. Queria me jogar contra a Laura Diniz. Era óbvio.

– Certo. – Nem dei muita bola. Para quê dar ibope a gente perturbada? – Pode deixar, irei corrigir.

Ana sorriu timidamente e desligou o notebook.

– Henrique... – murmurou o meu nome em um gemido sensual e depois parou. Tomou fôlego para jogar um pouco mais do seu veneno: – Fique de olho. Você é muito inocente, está tentando ajudá-la, mas me parece que a Laura não está fazendo o mesmo. Conheço-a bem, ela quer ganhar. Vai fazer de tudo para conseguir.

A maldita não a conhecia. Não como eu. Laura nunca faria aquilo com o projeto, muito menos comigo. Ainda mais sendo uma coisa tão óbvia e de fácil descoberta. Laura Diniz é muito inteligente para cometer tal burrice, e muito perfeccionista para admitir erros em um projeto assinado por ela.

Não fui capaz de responder nada. Queria sumir do mundo só para não ter o desprazer de olhar para a cara da Ana Vitória de novo. Para o meu maior descontentamento, ela ergueu uma mão e tentou tocar a lateral da minha face. Não consegui porque me afastei a tempo.

Suspirou e sorriu mais uma vez.

– Estou do seu lado. Saiba disso – falou e, pegando a pasta já com o notebook, saiu da sala.

– Ridícula... – sussurrei baixinho assim que me vi completamente só, pensando na doideira que estava sendo aquela reta final. Já não aguentava mais tanta complicação.

Se soubesse que as coisas seriam tão difíceis nem teria aceitado concorrer ao cargo. Morreria feliz na contabilidade, fazendo o que gosto e ganhando relativamente bem. E o pior de tudo é que passei um tempão da minha vida solteiro e encarando toda oportunidade que me aparecia na frente, mas agora que havia finalmente me apaixonado de novo, todas as mulheres ao meu redor decidiram que estavam apaixonadas por mim.

Estava claro como água que a Ana tinha algum interesse e via a Laura como uma grande concorrente. Seu despeito ultrapassava o limite do ridículo.

Mesmo assim, meu lado racional e calculista não me permitiu continuar no escuro. Decidi tirar aquilo a limpo o mais rápido que pude, portanto voei até o departamento de desenvolvimento. Procurei o Júnior em tudo quanto foi parte, e o encontrei na sala do Sr. Lopes. Ele logo me guiou na direção de outra sala menor, que achei que fosse a sua.

Expliquei-lhe cada detalhe do que a Ana havia me informado. Fui bem transparente mesmo. Já não fazia questão de perder nada. Nem mesmo o cargo na direção. Nem mesmo aquele emprego. Só queria ter paz. Às vezes as coisas que mais queremos conquistar acabam prejudicando outras que já estavam no lugar certo, e então a melhor opção é dar uma recuada. Não adianta perder tudo por algo que não vai suprir o que você perdeu.

– Não há defeito algum no sistema – Júnior foi sistemático. Pareceu chateado com a simples menção de um problema. Acho que ele era como a Laura: não admitia erros. – Passei o dia inteiro monitorando, não encontrei nada.

Apoiei a minha coluna na cadeira em que estava sentado e dei de ombros.

– O que mais explicaria?

– Olha, Henrique... Se não foi você quem alterou, então foi a Doutora Laura. São os únicos com este poder. O sistema é bloqueado até para mim. Quando altero alguma coisa ele mesmo envia um alerta para a conta de vocês.

Pensei um pouco. A palavra “conta” ficou girando pela minha mente, e me lembrei de que o meu login e a minha senha eram óbvias demais. Para você ter noção o meu login era Henrique12345 e a senha era a minha data de nascimento. Não costumo ter senhas muito complicadas, pois sou um esquecido de carteirinha. Resumindo, qualquer um podia tê-la roubado. Ou qualquer uma.

Já tinha alguns palpites.

– Espera um pouco. Como não pensei nisso antes? – Júnior sorriu de orelha a orelha e se virou na direção do computador que jazia sobre a sua mesa. Abriu o sistema e começou a mexer em algumas coisas que, para mim, não faziam sentido algum. – É claro... Posso verificar qual foi a conta que fez a alteração. Tem tudo salvo no banco de dados.

– Isso demora?

– Acho que não, espera um minuto.

Cada segundo pareceu uma eternidade, é claro. Ainda raciocinava sobre toda a situação de uma maneira global quando o Júnior virou o monitor para o meu lado e apontou com uma caneta.

– Aqui está. Hoje, as cinco e quarenta e nove, o sistema financeiro sofreu uma alteração. Aqui está o IP do usuário. – Apontou para um número comprido. – Que, pela obviedade, só pode ser da Doutora Laura.

Meus olhos pararam no login: DOUTORALAURADINIZ1435. Assim mesmo, com letras maiúsculas. Confirmado: aquela mulher tinha problemas sérios de grandeza. Contudo, a maluquice da Laura não foi a coisa que mais me perturbou. Fiquei estarecido porque não haviam roubado o meu login, e sim o dela.

Ou... Ou não. Afinal, como raios alguém roubaria a sua conta? A senha estava protegida por caracteres sem sentido, mas era bem extensa. Pelo tamanho, achei que fosse basicamente impossível alguém adivinhá-la.

E, por Deus, quem estaria na CMD às cinco da manhã? Esta pessoa alterou de outro lugar que não dentro da empresa.

– Há a possibilidade de hacker? – perguntei baixinho.

– Duvido muito – Júnior respondeu fazendo uma careta enorme. Foi como se eu tivesse perguntado se aliens haviam invadido a CMD naquela manhã. –Implantei um sistema de segurança moderno, muito seguro. Está tudo nos eixos, Henrique. Já falou com a Doutora Laura? Acho que ela...

– Não. Olha, deixa quieto – interrompi-o, já me levantando. – Não comente isso com ninguém, certo?

– Sem problemas.

Ainda não sabia o que pensar. Sinceramente, queria sumir, fugir de tudo aquilo, pois estava se tornando inacreditável demais para o meu gosto. Voltei à minha sala e agradei muito por ainda estar vazia. Peguei as minhas coisas sem pensar muito e decidido a não pegar horário extra. Mal deu seis horas e já estava na garagem, pronto para partir.

A minha noite foi composta de muito trabalho. Não adiantava raciocinar sobre algo que não possuiria respostas nem tão cedo. Precisava conversar com a Laura antes de qualquer coisa. Tinha certeza de que alguém havia aprontado alguma merda para cima de nós. Refiz uma boa parte dos orçamentos, um a um, modifiquei o

sistema e ainda fiz uma cópia em um *pen drive*. Caso acontecesse de novo, teria como provar que tinha feito o meu trabalho corretamente.

Parei tudo à meia-noite e liguei para Laura. Chamou e ninguém atendeu. Tentei de novo, e nada. Achando muito estranho, decidi ligar para a residência. Temia acordar a Jane, mas temia ainda mais ir dormir sem ouvir a voz dela. Infelizmente foi a primeira opção que acabou acontecendo.

– Alô? – voz sonolenta.

– Jane! É o Henrique... Laura está por aí?

– Hum... Vou confirmar. Só um instante... – barulho de portas batendo e passos em um corredor. A coitada devia estar tropeçando pela casa.

– Esquece, Jane. Volte para cama, precisa descansar bastante... Dormir bem.

– Fala sério, já estou em pé.

Suspirei. Que droga. Estava parecendo um cara desesperado. Bom, eu era um cara desesperado, mas ninguém precisava ter certeza disso. E, claro, ninguém precisava pagar por isso – muito menos a Jane, que estava grávida e triste, uma combinação que requer certos cuidados.

Esperei um minuto completo e suspirei novamente. A apreensão tomava conta de mim a casa instante.

– Que estranho... – Jane murmurou baixo, porém consegui escutá-la.

– O quê?

– Ela não está em casa.

– Como não?

– Não está em parte alguma, Henrique. Que horas são?

– Meia-noite... – olhei o relógio da cabeceira. Na verdade eram meia-noite e sete, mas não fazia diferença. Laura já devia estar em casa há muito tempo. – Tem ideia de...

– Não! – Jane tratou logo de dizer. – Não, ela devia estar aqui. Droga... Tentou ligar no celular?

– Chama e ninguém atende.

Se eu tivesse problemas no coração já teria partido daquela para melhor.

– E agora? – A coitada estava tão desesperada quanto eu. Mas ela não podia se desesperar, e eu não sabia o que fazer porque também tinha entrado em desespero. Um maior ainda do que antes. – E se tiver acontecido alguma coisa?

– Calma... Calma. – Só me veio o maldito ex-dom da Laura na minha cabeça. E quando o sujeito invadiu a minha mente, aí sim eu soube o que era desespero. – Eu vou... Vou ligar para alguém na CMD e perguntar o horário que ela saiu. A portaria! É isso, vou ligar para a portaria.

– Certo, eu vou chamar o Jaime! – Jane já estava aos prantos.

– Ligo daqui a pouco, não largue o telefone.

– Tá...

Desliguei com as mãos trêmulas e mil ideias na cabeça. Todas elas articulavam maneiras de matar uma pessoa que já é topo da minha lista de seres que tenho vontade de matar e faria se tivesse a chance. Se ele a tivesse sequestrado de novo? Como faria para encontrá-la? Como faria para salvá-la?

Precisava chamar a polícia, mas só começariam a procurar depois de algum tempo de desaparecimento. Mas eu não tinha



tempo. Só me restava juntar os fatos e tentar encontrá-la por conta própria.

Sendo assim, liguei para a portaria, local que nunca dorme na CMD. Fui atendido quase no último toque pelo porteiro noturno, um cara birrento e chato, que aparentemente não transa há algum tempo. Insisti, insisti, mas o idiota não queria colaborar.

– Não posso dar essas informações por telefone – disse o homem. Quase o mandei ir se foder. Foi por muito pouco. A Laura teria feito isso, certeza.

Juro que tentei ter paciência.

– Mas o senhor vai dar. Ela não chegou em casa até agora, e preciso de que me diga a hora que a Doutora Laura Diniz saiu do prédio.

– Eu não posso falar, são informações confidenc...

– Olhe aqui, ô imbecil, você vai abrir o bico sim. Sabe com quem está falando? Sou quase o diretor geral dessa porra onde você trabalha, então comece a me diz... – ouvi o meu celular apitar. O porteiro começou a falar um monte de coisas nada a ver, porém não parei para lhe escutar. Olhei o visor do aparelho e vi que estavam me ligando. Era do celular da Laura.

Nem sei dizer se morri de medo ou de alívio. Podia ser outra pessoa ali, pedindo resgate ou algo assim. Droga.

Tomei fôlego e encerrei a ligação para a portaria, atendendo a da Laura logo em seguida.

– Henrique? – ouvir a sua voz me fez sentir um alívio tão grotesco que quase gritei. Mas aquilo iria espantá-la, então apenas fechei a boca e os olhos, tentando manter a respiração constante.

– Onde você está? – perguntei com a voz contida.

– Des... Desculpa, eu... Não vi que... Que estava me ligando. – Ela parecia muito tensa. Até gaguejou. Uma coisa rara em se tratando dela.

– Onde está, Laura?

– Em... Bom, na verdade... Estou em casa.

– Onde estava? Jane te procurou por todo canto.

– Debaixo da escada. Ou entre a pilastra número três e a quatro, no canto esquerdo da parede amarela – A Laura sarcástica apareceu do nada só para me provocar. – Affe, Henrique, o que quer?

– Caralho, Laura, não faz ideia do que foram os minutos antes da sua ligação. Só pensei em merda, até sequestro cogitei. Nunca mais faça isso, falo sério. Já estava destratando o porteiro da CMD em busca de informações sobre você.

Ela ficou calada durante algum tempo.

– Uau – arfou. – Não é para tanto.

– Claro que é, cacete! – rosnei. – Agora pare de me enrolar e me diga onde raios esteve.

– Estive aqui o tempo todo, que droga! – Acho que acabei tirando a paciência dela. A minha já tinha ido há muito tempo. – Nunca vi homem mais sufocante!

– Certo. Não quero saber, estou indo para sua casa agora. – Peguei as minhas chaves. – Vai ver o que é se sentir sufocada de verdade.

– Não! – gritou. – Não, nem pense nisso.

– Por que não?

– Eu te pedi um tempo, Henrique... Você prometeu que me daria.

– Prometi porque é algo de que você precisa. Que tal começar a entender sobre o que *eu* preciso?

Ela se calou novamente. Passou tanto tempo calada que precisei conferir se a ligação ainda estava rolando.

– Não posso, Henrique. Não hoje... Não agora. Não rola, não dá... Porque eu... Eu... – parou novamente. Percebi tristeza em sua voz.

– O quê? Não me quer? Sei que me quer, Laura... Já passamos dessa fase de fingimentos.

– Eu te quero.

Sorri.

– Então, minha gostosa, deixe-me ir te ver... – murmurei do jeito mais provocante que pude.

Laura permaneceu muda, até que decidiu soltar a bomba:

– Eu estava com o Jaime.

Acho que meu cérebro deu uma travada.

– Hã?

– Eu estava com o Jaime. Nós transamos. Desculpa... Por isso e por mentir antes. Odeio mentiras.

Cocei a cabeça e tentei fazer o sangue circular pelas minhas veias de novo. Inacreditável. Bizarro, eu diria. Como a filha de uma mãe podia ter... Como conseguia ser tão filha de uma mãe?

Impressionante.

Comecei a juntar tudo enquanto permanecia calado, e ela também. A bola de neve foi se formando dentro da minha cabeça, e no fim uma avalanche me atingiu em cheio.

– Você não se cansa de tentar acabar comigo? – falei com seriedade, comedido até demais.

– Henrique... Sei que fiz merda. Sei que está puto comigo...

– Puto? – Ri com desdém. – Puto? Você deve me conhecer pouco.

– Tudo bem, sei que está morrendo de ódio de mim, mas...

– Rá, você não faz ideia! – Atirei as minhas chaves bem longe, sentindo o meu rosto, e o corpo inteiro, queimando. – Sabe o ódio que senti do mundo durante tantos anos? Junte-o.

– Foi um vacilo, mas não quero conversar sobre isso pelo telefone.

Cerrei os punhos com força. Meus braços ficaram totalmente tensionados.

– Não está entendendo, Laura. Já saquei qual é a sua. Não precisa mais continuar com os seus joguinhos.

– Do que está falando? Lá vem você com essa história de jogo de novo. Cansei disso.

– Vou desligar. Não estou aguentando ouvir a sua voz e suportar o seu cinismo. Como pode ser tão ridícula? Não bastou me prejudicar no trabalho, e agora dá o rabo para esse sujeito de novo? – Estava impressionado com a seriedade da minha voz. – E ainda tem a cara de pau de me dizer? Estou curioso, como consegue planejar tantas ruindades? Parece um bicho peçonhento articulando maneiras de dar o bote.

– Não sei do que está falando – Laura sussurrou com a voz meio trôpega. – Não me... Não me ofenda. Aconteceu, está bem? Ele estava muito mal, muito...

– Oh, o capacho estava mal! Minha nossa, sexo por consolo... Que misericordiosa você é! – ri sem sentir a mínima graça. – Não

fode, Laura Diniz. Atirou a confiança que eu tinha em você no lixo.

Ela ficou calada, e eu também. Só não tinha atirado o celular na parede porque... Sei lá por qual motivo. Tudo dentro de mim havia se transformado em uma labareda enorme. As chamas invadiram depressa, destruindo o que via pela frente.

Eu não ia me recuperar daquela. Não tão fácil.

Anos depois – pelo menos para mim pareceram anos – Laura choramingou:

– Não... Não, Henrique, por favor. Não desligue.

– Me dê um bom motivo – rangi os dentes para conseguir falar. Uma lágrima escorreu, mas a enxuguei e prometi nunca mais chorar pela vadia enquanto eu respirasse.

– Eu te amo.

Arquejei e ri ao mesmo tempo. Foi estranho. Uma reação louca demonstrada pelos meus nervos à flor da pele, combinado com o coração machucado e o ódio absoluto. Pensar na Laura com o Jaime desmentia a sua frase sem direito a mais explicações. Se a ridícula me amava, então por que havia acabado de transar com outro cara? E não com qualquer cara, tinha que ser com o capacho? Logo com ele?

O que a maldita acharia se eu chegasse dizendo que tinha fodido a Helena?

– É tarde demais.

Desliguei o telefone antes que as coisas piorassem.

Um segundo depois, recebi uma nova mensagem. Era dela. Pensei em excluir sem ler, mas a minha curiosidade falou mais alto:

*“Eu vou te provar.”*

# 21º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Acordei bem antes das seis. Meu humor, como sempre, não estava dos melhores, mas era algo natural. Nada a ver com o fato de que o Henrique menosprezou uma coisa que precisei de tanta força – e de tantos anos de uma dor insuportável – para admitir em voz alta. Ele me atinge. Certo. Estou apaixonada mesmo sem querer estar. Pronto. Já assumi.

Sei que o erro foi meu. Só me restava encarar as consequências e corrigir o que foi feito. A primeira consequência era óbvia; Henrique não me perdoaria tão cedo. Se fosse comigo agiria do mesmo jeito, talvez pior. Consigo ser pior quando quero. Além de que sempre achei que a traição é imperdoável. E sempre vou achar. Mesmo não tendo um relacionamento fixo com ele, transar com o Jaime havia sido uma traição. Não somente para o Henrique, mas para mim mesma. Eu havia prometido, afinal. Deixei de cumprir uma promessa, e isso não se faz.

Ele me ama. Só isso que importa. Sei que vai me perdoar se eu fizer por merecer. Sei que sou péssima em agradecer, mas quando entro em uma guerra costumo ir até o fim. Henrique sempre foi a minha luta a ser travada, mas as coisas mudaram de figura. Estávamos em lados opostos, mas lutando contra um mesmo oponente. E quando ele fosse derrotado só sobraríamos nós dois no campo de batalha.

Comecei o dia jogando fora todos os cigarros que andei comprando. Chega deste vício horrível! Fumar não vai adiantar de nada; não mudará o que já vivi e não me trará o que preciso. Só a minha coragem vai me levar para onde quero.

Peguei o meu carro pela primeira vez em muitos anos. Estava cansada de gastar com táxi e, obviamente, não queria me encontrar com o Jaime tão cedo. Sabia que estava correndo riscos, mas o que é a vida senão um grande risco que corremos a partir do momento em que começamos a respirar? Estava me sentindo bem, leve até, não iria ter um ataque. O controle estava comigo. A responsabilidade de fazer o que precisava era minha.

Nunca mais entraria em depressão. Mesmo se tudo desse errado, não sucumbiria. Eu sou forte. Sou invencível. A minha capacidade de superação já me provou isso diversas vezes. Permaneci de pé, sobrevivi às mais diversas intempéries, cresci na vida e, aos poucos, estou conquistando tudo o que sempre quis. Não duvido de que sou uma vencedora. Mas, como toda vencedora, preciso me manter atenta e buscando a justiça acima de qualquer coisa.

Saí de casa muito cedo, apenas com uma fruta no estômago. Fui a um caixa eletrônico e esperei a primeira lotérica abrir para realizar alguns pagamentos importantes. Depois, fui decidir oficialmente uma parte fundamental da minha vida. Nada iria adiante se não virasse aquela página como se deve. Tenho consciência, e me senti mais leve ainda quando saí, com tudo nos eixos, de onde devia estar.

Cheguei à CMD com alguns minutos de atraso, outra raridade que só foi possível com o surgimento da nova Laura. Eu me sentia outra mulher, portanto começaria a agir de acordo com ela. E daí se chegava um pouco atrasada por que estava resolvendo assuntos importantes? Pegava horário extra quase todos os dias e ainda levava trabalho para casa... Ninguém que viesse reclamar daquilo. Sempre fui uma funcionária exemplar, e sempre serei.

Faz parte de quem sou e de quem quero ser. Só vou deixar de ser quem não quero, nunca o contrário.

– Bom dia! – saudei quando entrei na sala da diretoria e o Henrique já estava lá, imerso no próprio trabalho.

Claro que não me respondeu. Já esperava por isso. Ele ainda deixava o orgulho corroer a boca do próprio estômago enquanto não enxergava a única verdade que existia: havíamos nos amado loucamente durante todo aquele tempo, mas por vários motivos nunca conseguimos fazer aquilo tudo dar certo. Ora a culpa era minha, ora dele, ora nossa, ora da CMD e daquela competição ridícula, ora do Jaime, da Helena, da Ana Vitória, do caralho a quatro.

Já chega. Sinceramente, só queria que o mundo se explodisse junto com tantos obstáculos. Mas não tinha como pegar uma bomba nuclear e mandar tudo para os ares, portanto teria que carregar a minha sacola de explosivos e ir eliminando cada controvérsia pessoalmente, uma a uma.

Sentei à minha mesa e relaxei. Olhei através da janela, perdendo-me em pensamentos durante alguns minutos. Estava idealizando a conclusão do projeto, revendo mentalmente o que ainda precisava ser feito e rezando, depois de anos sofrendo de ausência de fé aguda, para que tudo desse certo. Suspirei pela milésima vez e abri o notebook. Peguei alguns papéis em cima da mesa, e de cara já notei que estavam fora de ordem.

Fechei os olhos e tentei manter a calma.

– Qual é a desculpa desta vez? – perguntei como quem não queria nada. O meu timbre não demonstrava fúria, embora realmente tivesse ficado fúria da vida de um segundo para o outro. – O furacão Katrina passou pela CMD e espalhou todos os papéis?

Henrique permaneceu calado.

– Poxa, como é bom falar com as paredes! Paredes, podem dizer ao Henrique que não acredito que ele tenha mexido nos meus papéis de novo? Ah, por favor, digam-me também quem foi a loira oxigenada que mexeu neles? – ri sozinha. Acho que tinha perdido o meu juízo, ou sei lá.



Nada. Ele não respondeu. Olhei para o maldito. Continuou imerso no trabalho, empunhando uma calculadora como se fosse a sua arma mais poderosa.

– Temos que trocar essa maçaneta, paredes. Com urgência. Já chega de tentarem me fazer ficar com ódio do Henrique.

Suspirei longamente e me levantei, caminhando até a cafeteira. Liguei a tomada e fui colocando o pó em um compartimento. Ainda tentava ignorar a minha raiva por ter o meu trabalho remexido. Estava quase explodindo, mas controlando os meus nervos como podia. Não dava para piorar as coisas. Eu não ia piorar. Estava ali para dar passos para frente. Chega de andar de ré feito caranguejo. Mas ele anda de lado, não? Hum... Tá, parei de ficar viajando na maionese.

– Paredes, podem dizer ao Henrique que às vezes as coisas não são fáceis? Que pessoas cometem erros? Que estou tentando me controlar para não atirá-lo pela janela?

Ouvi um suspiro. Foi a única coisa que arranquei dele. De súbito, fui atingida pela raiva. Liguei aquele maldito foda-se. Joguei no lixo toda a ladainha de não dar passos para trás, de controlar meu gênio, de me fazer de certinha. Puta que pariu, haviam mexido nas minhas coisas! Na maior cara de pau!

Quase corri até o Henrique, parando bem de frente à sua mesa.

– Quem mexeu na merda da minha mesa? Viu alguma coisa?

Ele me encarou. Quase morri ao perceber seus lindos olhos azuis rodeado de olheiras estranhas. Henrique estava acabado. Nunca o vi daquele jeito. Confesso que fiquei assustada, e com mais raiva ainda por saber que as minhas atitudes haviam lhe causado aquilo tudo.

– Deve ter sido a mesma pessoa que logou na sua conta ontem de manhã e apagou alguns cálculos – respondeu-me com a

voz cansada.

Arregalei os olhos.

– O quê?

– A não ser que tenha sido você.

– Claro que não! Jamais faria isso! – balancei a cabeça freneticamente. – Meu Deus... Estão tentando nos destruir.

– Foi o que pensei. Por mais defeitos que possa ter, e que não são poucos, você não me destruiria arriscando a integridade do projeto. É muito orgulhosa para tal.

Ainda não conseguia acreditar. Henrique me olhava com tanta rispidez e havia falado com tanta aspereza que me senti fraca.

Depositei a minha mão sobre a sua na mesa, curvando-me um pouco.

– Estão tentando nos separar.

Ele me olhou durante alguns segundos, sem se mexer, porém acabou retirando a mão em um pulo.

– Acho que sim. Alguém tirou as suas roupas, depois as do Jaime, e aí os obrigaram a transar.

Assoprei, revirando os olhos.

– Não seja ridículo.

– Ninguém está tentando nos separar além de você, Laura. Fez a sua escolha a partir do momento em que deu para ele de novo.

Tive que rir daquilo.

– Fiz mesmo a minha escolha – murmurei. Dei alguns passos para trás, tornando a me aproximar da cafeteira. Peguei uma xícara e um pires dentro da primeira gaveta de um móvel branco.

Discutir para quê? A raiva dele precisava amenizar. Eu esperaria a minha passar um pouco caso a situação fosse revertida. Quando estou com ódio mortal, a melhor forma de demonstrar que se importa comigo é simplesmente mantendo a distância.

– Ótimo, agora me deixe trabalhar. Na hora do almoço chamo um chaveiro. Alguma loira oxigenada andou mexendo nesta sala mesmo.

Tomei um gole farto de café. Sério, às vezes só queria terminar logo aquele trabalho e dar adeus ao mundo. Parecia impraticável concluí-lo. Ele dava passos para trás assim como o Henrique e eu, fazia parte daquele tipo de relação conturbada que mais parecia uma valsa de curupiras.

– Eu vou matá-la de cacete – murmurei baixo, mas acho que ele escutou, pois riu desdenhosamente. – Falo sério.

Acredito que não tenha duvidado de mim. Não sei, pois não deu tempo de conferir. Agenor entrou na sala acompanhado pela Kátia, e logo todas as veias do meu corpo congelaram. Não sei por que, mas achei que alguma merda tinha acontecido.

– Bom dia, senhores – Agenor saudou com aquele jeito cínico irritante. – Laura, esta senhora quer falar com você.

Kátia olhou para ele de um jeito estranho. Claramente ficou irritada em ser chamada de senhora. Ela era tão jovem, mesmo que a idade não dissesse tanto assim. Mas o que são números diante de uma mulher com o corpo e a resistência dela?

Agenor saiu sem dizer mais nada. Kátia abriu um largo sorriso quando voltou a me encarar. Balançou um envelope entre os dedos e riu de verdade.

– Adivinha o que tenho aqui? Os ingressos!

– Ingressos? – fiz uma careta.

– Sim! Desculpe demorar tanto, estão concorridíssimos. Só consegui cinco, será que é o bastante para você?

Continuei com a minha velha careta enquanto a Kátia colocava o envelope em minhas mãos meio trêmulas. Logo em seguida ela retirou uma sacola da própria bolsa. Entregou-me. Dei uma conferida e constatei que era um maiô feito com um tecido especial, além de ser bem colorido e brilhar mais do que purpurina.

Tarde demais me lembrei de que ela tinha me obrigado a tirar as minhas medidas para a confecção do traje.

– Vai experimentar? O treino está de pé hoje? Como está se sentindo? Pronta para arrasar? – Às vezes ela fazia sucessões de perguntas que eu não costumava responder.

Resolvi escolher apenas uma.

– Sim... Sim, está. Obrigada.

– Não chegue tarde amanhã. Duas horas, no máximo. Precisa se aquecer e relaxar um pouco, liberar as tensões. Pelo amor de Deus, não consuma nada alcoólico. Nem drogas ilícitas. Aliás, não ingira nada além de água e tudo o que for saudável.

Olhei para o Henrique de soslaio. Ele tinha parado o que estava fazendo para acompanhar curiosamente o que estava acontecendo naquela sala. Enxerido!

Morri de vergonha. Acho que cheguei a corar.

– Não se preocupe... Estarei lá, pronta para pagar o maior mico da minha vida. A minha reputação vai para os infernos, mas fazer o quê?

– Vai dar tudo certo! – A doida deu uns pulinhos e bateu palmas como se tivesse alucinada. – Estou excitadíssima! – Agarrou-me em um abraço forçado. – Vou lá, você deve estar ocupada. Até mais tarde!

– Até...

Kátia deu as costas e foi andando até a porta, mas desacelerou quando viu o Henrique.

– Bom dia! – saudou alegremente, dando um tchauzinho.

– Bom dia...

Passei alguns segundos olhando para a porta fechada. Depois olhei para o envelope e para a sacola em minhas mãos. Suspirei. Estava fodida. Não devia ter concordado com aquela doideira.

– Do que essa mulher estava falando?

– Paredes, diga ao Henrique que esta é uma péssima hora para decidir falar comigo. Mande ele não me fazer perguntas.

Retirei um convite de dentro do envelope e depusitei em cima da mesa dele. Era só o que me restava: distribuir os convites para as pessoas que eu me importava. Não queria o Henrique por lá, mas pelo menos era uma chance de fazê-lo me odiar menos. Ou não, visto que um daqueles convites seria da Jane, e outro do Jaime. Ia ser uma confusão ferrenha, mas dane-se. O fato é que sobrariam dois, e eu não fazia ideia de para quem entregaria. Minha lista de amigos era inexistente. A não ser por uma pessoa.

Sentei à minha mesa e peguei o celular, discando o número dele. Percebi o Henrique lendo as informações do convite atentamente. Sua testa franzida indicava surpresa absoluta. Sorri um pouco.

– Luís? É a Laura.

Henrique olhou para mim em um raio de segundo, com os olhos arregalados. Sorri ainda mais.

– Laura! Que surpresa de-li-ci-o-sa! Como você está?

O papo durou mais de meia hora. Perguntei-me quando finalmente começaria a trabalhar, visto que o dia havia começado de

uma forma agitadíssima. Tinha muito a ser feito, mas era tão bom conversar com o Luís, mesmo sendo algo mais raro do que deveria. Era mais legal ainda perceber as reações do Henrique a tudo o que era dito. Expliquei-lhe sobre a minha apresentação – para qual ele jurou de pé junto, e com muita surpresa por não saber que eu praticava a ginástica, que iria –, falei da gravidez da Jane e fui soltando tudo o que fazia parte da minha vida como se ele fosse um amigo de longa data que me conhecia em todos os sentidos. Ele também me contou algumas coisas incomuns, como o fato de estar saindo com um cara um pouco mais velho. Acabei convidando o dito cujo também, e então o meu grupo seletivo de cinco pessoas foi preenchido. Odiaria deixar um convite sobrando.

Ficaria com uma sensação de que eu não tinha ninguém com quem contar.

– E o Henrique? Vocês ainda estão juntos, não é?

– Não sei, ele está puto comigo só para variar... – encarei-o. Ele virou o rosto, carrancudo. – E te mandando um oi.

Fez uma careta. Sorri.

– Ele é chato assim mesmo, mas não desista. Manda um oi para ele.

– Ok. Não vou desistir. – Olhei para a janela. – Você vai mesmo, não é? Vou odiar pagar mico sem alguém para me dar um apoio moral.

– Não se preocupe, Laura. Você é foda, vai conseguir! – Pareceu até a Kátia falando. – Estaremos na torcida. Aliás, estou louco para te ver!

– Eu também!

– Ah, você não sabe da maior! Depois daquele chute que você deu no Marcos o infeliz resolveu tomar jeito! Até emprego novo arrumou, está outra pessoa. Santa voadora!

Precisei gargalhar. Daria tudo para terem gravado aquele chute, sabia que tinha sido bem dado.

– O Marcos é um imbecil, espero que ele entenda que ser um fura-olho é feio.

Agora sim o Henrique pareceu entrar em convulsão. Ele reage tão mal ao nome do irmão que chega a ser desconcertante.

– Um dia ele aprende!

Gargalhamos juntos durante algum tempo.

Certo, eu estava oficialmente gamada no meu futuro ex-cunhado. E feliz por contar com o seu apoio. Henrique continuou me olhando, mesmo depois que encerrei a ligação com o seu irmão mais novo.

– Eu sabia que você escondia alguma coisa. Tanta flexibilidade... Devia ter adivinhado – falou com rigidez forçada, tentando continuar com raiva de mim, mas não conseguindo.

Dei um último gole no meu café e caminhei lentamente em sua direção. Ele virou o rosto, fingindo analisar alguma coisa em seu computador. Não liguei. Sou a rainha do gelo – portanto tenho consciência de que o Henrique é péssimo nisso –, sei quais armas utilizar em qualquer situação. Apoiei as minhas mãos na mesa dele.

O maldito continuou me evitando.

– Você vai? – perguntei de um jeito malicioso. Tentava seduzir mesmo. Era uma ótima opção vencê-lo pelo desejo.

– Não.

– É uma pena. Você faz parte das quatro pessoas mais importantes na minha vida – tornei a ficar ereta e dei a volta na mesa dele. Parei muito perto. – Bom, o quinto convite não conta porque não o conheço; é o namorado do seu irmão. Mas quem

sabe, não é? Luís não estaria com alguém que não fosse no mínimo decente.

Henrique ficou todo vermelho.

– Não acredito que o Luís vai levar o namorado – respondeu sem me olhar. Dava cliques aleatórios no mouse.

– Algum problema com isso?

– Só é mais um motivo para que eu não vá.

– Não seja ridículo. É melhor ter um irmão gay do que um fura-olho.

– Para você ver como a minha família é ótima... – desdenhou.

– É mesmo uma ótima família. Não tenho ninguém além da Jane – desabafei, aproximando-me mais. A minha estratégia era abrir o meu coração. Só assim ele abaixaria aquela guarda ridícula e deixaria as desavenças de lado. Ele mesmo já havia usado esta estratégia comigo, não seria novidade. – Queria ter outros irmãos, ter os meus pais unidos e preocupados comigo. Daria qualquer coisa para essas cinco senhas serem poucas para mim.

Henrique me olhou de perto. Suspirou e balançou a cabeça, voltando a mirar o computador.

– Pelos meus cálculos, se uma senha é minha e duas são do Luís... Sobram mais duas. Uma é da Jane, obviamente... E a outra?

Congelei. O maldito havia me pegado. Fiquei calada, e claro que ele soube a resposta.

– Nem comento, Laura Diniz. Leve o seu capacho para a sua apresentação e seja feliz. Você não precisa de mais um idiota na torcida.

– É, vocês são mesmo dois idiotas – falei sem pensar. Ele rosnou, morto de raiva. Meu gênio explosivo vai acabar comigo um dia. – Mas obrigada mesmo assim, Henrique. Não tive tempo de te



agradecer... Talvez nunca consiga demonstrar a minha gratidão como se deve.

Ele franziu a testa e me olhou de novo.

– Do que está falando?

– Do que fez por mim aqui na CMD. Recebi todo o dinheiro que deixaram de me pagar nesses cinco anos de uma vez só. A minha conta está recheada. – Sorri, sentando-me na mesa bem na sua frente. Cruzei as minhas pernas, e é óbvio que os olhos dele as conferiram. – Obrigada.

– Que ótimo – estalou os lábios. – Agora você pode comprar roupas novas para o mucamo. Talvez um carro novo para o sujeito te levar aonde quiser.

Senti o exato momento em que o meu rosto se contorceu de ódio. Aquele homem podia ser tão idiota quando queria! Era por isso que a nossa relação não ia para frente, ele parecia ser feito só para me infernizar o juízo.

– Não faz ideia do que vou fazer com o dinheiro. Mas saiba que fez uma coisa não apenas por mim, mas por nós dois.

Ele bufou.

– Não existe “nós dois”. Nunca existiu.

– *Sempre* existiu – fui taxativa. – Olha, sei que o seu ego não admite que eu tenha dado para outro cara ontem, mas tente superar isso. Nunca fez sexo só por fazer?

Ele bateu uma mão na mesa. Ficou fora de si tão depressa que me assustei bastante. Dei até um pulo, porém continuei sentada na sua frente.

– Você não entende, Laura – rosnou como um animal feroz. – Acha que estou brincando e fica brincando comigo, tirando onda com a minha cara. Quando vai se cansar de ser tão... Urgh! Nem sei

te definir. Só quero que suma da minha vida. Por Deus, eu iria embora agora se não tivesse contas para pagar este mês. Compreende que a minha vontade é de nunca mais te ver de novo? Você é a maior decepção da minha vida, mas a culpa é toda minha, eu sei. Fui eu que dei uma de otário. Eu que decidi dar valor a quem não merece nem o meu bom dia.

Dei de ombros. No impulso, envolvi os meus braços no meu corpo, consolando-me. Tive vontade de chorar, mas me segurei. Passei alguns segundos tentando dar conforto a mim mesma, e só depois desci da sua mesa e desisti de vez de tentar apaziguar a sua raiva. Pelo visto as feridas que eu havia aberto dentro dele eram profundas demais. Iam além do que podia imaginar.

Comecei a reunir os meus papéis, ia dar trabalho deixá-los como antes. Ainda precisava decidir o que faria com relação àquilo. Estávamos sendo atacados na maior cara de pau. Helena estava jogando sujo, merecia uma demissão por justa causa, no mínimo.

Achei a sala tão silenciosa que acabei ligando o som do meu notebook. Coloquei a música “fogo” de propósito. Henrique não olhou para a minha direção, mas obviamente havia se surpreendido com a minha atitude. Bom, eu estava tentando mudar. Tentando ser a nova Laura, a que se importa com as pessoas e que quer se desculpar por tantos erros cometidos.

Tive uma ideia sensacional depois que a música foi repetida pelo menos umas quatro vezes. Colocaria em prática na próxima semana, visto que era sexta-feira e não teria tempo para mais nada.

A hora do almoço chegou mais depressa do que eu esperava. Decidi por não comer nada, pois além de não sentir fome mal tinha começado a mexer no projeto. Henrique, por sua vez, deixou a sala sem falar uma palavra sequer. Outras músicas do Capital Inicial foram a nossa trilha sonora da manhã. Sei que ele havia gostado, e isso é o que importa. Não podia ter pressa para reconquistá-lo quando passei tanto tempo o ignorando, sendo grosseira e o

magoando das mais variadas formas possíveis. Teria que reposicionar cada peça do nosso quebra-cabeça.

Era quase uma hora da tarde quando ouvi um barulho na maçaneta. A pessoa demorou muito a entrar, ficou chacoalhando a porta até que finalmente a abriu. Pareceu surpresa quando percebeu que eu estava lá; era a Ana Vitória. A vadia sócia de uma figa. Não conseguia olhar para a maldita sem imaginar os meus punhos bem no meio daquela cara de botox.

– O que faz aqui? – perguntei de uma vez, cansada até demais de fingir ser agradável. Não podia mais ser falsa. Já não me importava o que tinha a perder.

– Desculpe, ia deixar esta pasta aqui com o Henrique. Pensei que a porta estivesse trancada.

– E como a abriria? – fiz uma careta. Só havia três chaves para aquela porta no mundo: a minha, a do Henrique e a que a Helena havia obviamente confeccionado as escondidas.

– Não a abriria. Só tentei verificar melhor.

– Ótimo – caminhei até a sua direção e peguei a pasta. Ela a segurou com mais força, porém decidiu me entregar antes que a cena ficasse desconcertante demais. Deixei a pasta em cima da mesa do Henrique e me virei para encará-la com seriedade.

– Como está o projeto? – Ana perguntou, sorrindo cinicamente.

– Quase no fim.

– Soube que a escolha será no fim da próxima semana? Sara ordenou que acontecesse assim que o projeto partisse para a equipe de análise.

Meu coração deu um salto. Meu cérebro congelou. Tive vontade de vomitar o que não tinha comido no almoço.

– Soube. – A verdade era que não tinha certeza absoluta até então.

– Percebo que está confiante.

– Sou a melhor. Estou confiante.

Empinei bem o meu nariz. Ficou mais empinado do que o dela, garanto.

– Cuidado para não quebrar a cara – riu com desdém.

– Você também.

Ana parou de sorrir. Fez uma careta feiosa.

– O que disse?

– Você também. Cuidado para não quebrar a cara.

Voltou a rir, só que dessa vez com nervosismo evidente.

– Vamos ver quem vai.

Ergui as minhas mãos.

– Uh! É uma ameaça?

– Olha aqui, Laura Diniz – Ana voou como um foguete, parando bem diante de mim. A maldita era mais alta, mas não me deixo vencer nem fodendo. – Estou cansada de você. Vou fazer o possível para que não ocupe este cargo. Se a decisão fosse somente minha você já estaria fora desta empresa.

Revirei os olhos. Estava espantada com a sua máscara caindo, mas, ao mesmo tempo, souu natural. Eu sabia que ela era uma vadia da pior espécie. Meu alarme nunca falha.

– Mas não é. Qual é o poder que tem aqui, Ana? De verdade?

Vi seu rosto ficar vermelho de ódio.

– Muito maior do que o seu. Você não manda em nada. Não é ninguém. Não passa de uma cadelinha adestrada. Sua inteligência é o que te prende aqui, nada mais.

– Que bom. É isso o que eu quero. Prefiro estar aqui pela inteligência a manter um cargo só porque sou uma filhinha de papai, prima de segundo grau do dono da empresa.

É. Eu andei estudando a história da Ana. Amo compreender as minúcias dos meus oponentes. Enquanto ela vinha com uma carta na manga eu já tinha o baralho inteiro. Foi impossível não sorrir diante do seu desconcerto. Obviamente, quase ninguém na CMD tinha aquela informação. Não que fosse grande coisa.

– Você vai perder feio – prometeu entre dentes. Ela se contorcia de tanta raiva enquanto eu mantinha a minha pose rígida. Impassível. Sou a rainha do autocontrole, isso é uma coisa que jamais mudará em mim. Está na minha índole.

– Não vou perder o que você quer para si – foi a minha melhor resposta.

Odiava ter que brigar pelo Henrique mais uma vez. Não há nada mais vergonhoso do que mendigar homem por aí, mas não ia perdê-lo. Não para aquela vagabunda. Nem para ninguém, pensando melhor. Ele era meu. Fim de papo.

– Tem inveja do que sou – ela disse. Precisei rir.

– Você tem inveja do que sou. Sou dele. Ele é meu. Supere isso, Ana.

– Sua ordinária! – Ana Vitória gritou alto, e seu controle foi embora junto com o grito. Quando menos percebi a maldita já estava em cima de mim, puxando o meu cabelo com força, desfazendo o meu coque outrora perfeito.

Minha nossa. Que piada! A mulher ia mesmo brigar puxando cabelos?

Mesmo sentindo muita dor, ergui uma mão e lhe atingi o nariz com força. A outra mão apertou o seu braço e lhe beliscou. Sei que doeu, pois a maldita urrou. Soltou os meus cabelos no impulso. O seu maior erro. Usando a mesma mão que quebrou o seu nariz, desferi-lhe um soco bem na boca do estômago. Vantagem que só as baixinhas têm. As baixinhas que praticaram defesa pessoal por pelo menos dois anos principalmente.

Ana perdeu o fôlego, e foi neste momento que o Henrique entrou na sala, acompanhado do Edmundo Bittencourt. Minha perna estava no ar, pronta para um chute certo, mas precisei parar e me recompor. Ana gritou e me chamou de um monte de nome feio.

Os dois homens vieram ao nosso socorro, e fiquei muito contente quando o Henrique me escolheu. Ele logo me deixou sem movimentos e me afastou depressa. Seu corpo enorme perto de mim era um alívio, por isso aproveitei para enterrar o meu rosto dentro do seu terno. Abracei-lhe a cintura e esperei a Ana parar de gritar suas ameaças:

– É o seu fim, Laura! Não vai ficar aqui por mais nem um dia! Eu juro!

– Ana... Ana, vamos sair daqui – o coitado do Edmundo tentava segurá-la. Não que eu estivesse vendo alguma coisa, só ouvia e imaginava. – Você está descontrolada.

– É o fim da linha, sua vadia! Sua desgraçada!

Ouvi outras vozes dentro da sala e me desajeitei. Outras pessoas estavam ouvindo aquilo tudo? Quem? Puta merda, era mesmo o meu fim.

– Ana – ouvi o Henrique falar. Foi o suficiente para a maluca calar o bico. Sério, ela amansou que foi uma beleza. – Vá com o Edmundo, por favor.

Acho que a louca obedeceu. Os ruídos da sala foram diminuindo gradativamente, até que, depois de dois ou três minutos,

alguém fechou a porta e só consegui ouvir o barulho característico do ar-condicionado.

– Que merda foi essa, Laura? – Henrique me largou tão rápido que achei que fosse cair. Precisei me equilibrar bastante, e acabei sentada no sofá que dividia as nossas mesas individuais. Tentei arrumar o meu cabelo de volta ao coque.

– A máscara dela caiu. Fez ameaças e tentou invadir a nossa sala. É ela, Henrique. Só pode ser a Ana a pessoa que invadiu o sistema.

Ele balançou a cabeça.

– Não faz sentido. Ela quer que eu vença, já deixou isso bem claro.

– É uma histérica apaixonada pior do que a Helena. Essa mulher é perigosa. Se eu estiver fora da jogada é claro que você vai ganhar o cargo. É isso o que a mocréia está tentando fazer: tirar-me do jogo. Depois dessa... – aponte para a porta. – Creio que tenha conseguido.

Henrique passou as mãos pelos cabelos. Passamos longos minutos em silêncio até que ele resolveu falar:

– Isso não está certo.

– Desde quando a vida é justa? Vou juntar as minhas coisas de uma vez. De que adianta permanecer no desafio desse jeito? Foda-se esse maldito cargo, posso arranjar coisa melhor.

– Não. – Henrique se manteve distante, mas pelo menos olhava para mim. – Não vai funcionar assim, não é justo. Você colocou o seu sangue por esta empresa, por este projeto... Não pode ficar assim. Não por causa dela.

– Coloquei o meu sangue em tudo o que fiz até hoje, Henrique. Tive perdas e ganhos, acredite. Essa não vai ser a primeira perda, e

nem a última. A minha vida é uma sucessão de desventuras, mas eu supero, venço cada uma delas.

– Sei que vence. Eu sei disso.

Meu coração se inflou de puro ódio. Lembrei-me das palavras da infeliz e quase desfaleci de tanta angústia.

– A maldita me desafiou – falei com rancor circulando dentro de mim. – Ela me desafiou a ganhar este cargo.

– Então vá lá e ganhe.

Observei-o. Fiquei sem saber se aquilo havia sido uma ironia ou não. Henrique estava sério até demais.

– Como? Não basta ser melhor do que você.

Alguém abriu a porta atrás do Henrique. Ele não percebeu. Fiquei calada e com os olhos arregalados, pois se tratava do próprio Marcos Delacox, acompanhado pela Sara e pelo Edmundo.

– Se você for demitida eu vou junto.

Encarei o Henrique com verdadeiro pavor circulando em minhas veias.

– Não será necessário – disse Sara. Estava visivelmente insatisfeita.

Henrique se virou em um pulo. Os três foram se sentando à mesa maior, e o Edmundo gesticulou para que fizéssemos o mesmo.

Basicamente eles queriam a minha versão do ocorrido. Sinceramente, escondi a maior parte. Não falei nada sobre a suposta invasão ao sistema, escondi o fato de a maldita ter quase arrombado a porta e não comentei sobre ela estar apaixonada pelo Henrique. Resumindo, só expliquei que ela não ia com a minha cara há muito tempo e que começou a me ameaçar e dizer que faria com



que eu perdesse o meu cargo. Também disse que havia sido atacada primeiro, e que apenas tinha me defendido.

Sara foi a primeira a dar uma resposta.

– Ana precisa ser afastada.

Edmundo balançou a cabeça afirmativamente. Não entendi nada. Achei que a afastada teria de ser eu.

– Pedimos desculpas, Laura – Sr. Delacox parecia muito perturbado. – Acreditamos em você, pois a Ana vem mostrando um comportamento agressivo muito estranho.

Suspirei de alívio. Sério, senti um peso enorme saindo das minhas costas. Quase não deu para acreditar na minha tamanha sorte. Tive que fazer um esforço imenso para não sorrir, afinal, o assunto era sério e eu não queria levantar suspeitas quanto ao meu prazer em vê-la se fodendo.

– Espero que esteja tudo bem – Sara completou.

– O projeto segue firme e forte, não é? – Edmundo, que estava do meu lado, o Henrique estava do outro, segurou a minha mão e sorriu. Ele era legal, eu acho. Olhou-me intensamente, falando sem palavras sobre alguma coisa com relação ao nosso assunto pendente.

– Sim, segue. Tudo nos eixos.

– Vá embora mais cedo hoje. – Sara era mesmo um amor de pessoa. – Soubemos que esteve de licença nesta semana, como está a sua recuperação?

Aquiesci.

– Eu estou bem. Se não for incômodo, preferia ficar e trabalhar. O que aconteceu já ficou no passado.

– Então está decidido. Vamos conversar seriamente com a Ana Vitória – Marcos estava apressado e visivelmente angustiado. Foi

logo se levantando da cadeira.

– Senhores... Gostaria de fazer um pedido – Henrique resolveu interceder. – Queria muito que instalassem uma câmara na nossa sala. Os documentos que estão aqui são importantes demais. Laura e eu não estamos nos sentindo seguros.

Encarei o Henrique com a boca aberta. Aquela ideia era a minha! A mesma que eu tinha pensado há algumas horas. Uma câmara talvez fosse a solução para os nossos problemas. Ou pelo menos para uma boa parte deles.

– Compreendo... – Sr. Delacox aquiesceu. – Edmundo, anote o pedido e providencie, sim?

– Tudo bem.

Depois de cumprimentarmos as três pessoas mais importantes da empresa, voltamos a ficar sozinhos naquela sala que era palco de cenas cada vez mais impossíveis de acontecer.

– Vamos transar aqui, em cima da mesa? – devo ter ficado doída em sugerir aquilo.

Henrique me olhou feio.

– Chame o seu cãozinho.

Ignorei sua alfinetada.

– Só falta acontecer isso aqui dentro. Nunca vi lugar mais carregado. Acho que vou jogar água benta.

– Não sabia que era supersticiosa.

Ri um pouquinho.

Caminhei até a minha mesa, mas sabia que não voltaria a me concentrar no trabalho tão cedo. Havia coisas demais para a minha mente processar. Cheguei a me arrepender de não ter aceitado a

ideia de ir para casa. Bom, não o fiz porque não queria dar uma de fraca.

Doida, sim. Barraqueira, sim. Fraca... Nunca.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

Não sei dizer o que é mais difícil: não me surpreender com a Laura ou ignorá-la durante um dia inteiro. Mal consegui trabalhar depois da confusão que ela arranhou. Cheguei a disfarçar o riso várias vezes quando me lembrava do nariz ensanguentado da Ana. Era tudo o que eu queria ver, mas é claro que não podia ser o autor da agressão. A desgraçada merecia uma surra, e dada pela Laura só fazia a coisa toda ser ainda mais sensacional.

Também não conseguia parar de dar uma olhada, vez ou outra, no convite que ela havia me dado. Um campeonato de ginástica, quem diria? Segundo o folheto que vinha junto do convite, a Laura faria uma apresentação de abertura. Impressionante. O modo como ela conseguia se movimentar não podia ser à toa. Claro que praticava algum esporte daquele tipo. Nem acreditava em como não tinha pensado naquilo antes.

O chaveiro com quem conversei durante a hora do almoço acabou chegando perto das duas horas. Ele modificou a estrutura da maçaneta sem de fato precisar trocá-la. Confeccionou apenas duas chaves idênticas e nos entregou em mãos. Conferi cada detalhe do procedimento, pois não queria falhas. A nossa segurança precisava ser conservada, principalmente naquela reta final. Havia muita gente querendo nos destruir, mais até do que dava para acreditar.

Ter duas maníacas atrás de mim era novidade, porém uma muito perigosa. Uma mulher apaixonada já traz problemas, imagina duas? E, pelo visto, nenhuma delas possuía senso do ridículo. Pelo menos a Helena estava sumida, graças a Deus, não havia dado as

caras durante o dia inteiro. Só me ligou uma vez para perguntar coisas sobre o trabalho, e só. Amém.

Laura vestiu a sua nova carapuça, não me pergunte como. O brilho nos seus olhos aumentou. Seu sorriso era constante. O bom humor, notável. Claro que continuava geniosa e calculista, mas muita coisa havia mudado. Nem parecia ser a mesma pessoa, e isso tanto me deixava feliz quanto me assustava. Ainda não conseguia esquecer o que tinha me dito na noite anterior. Aquelas três palavras mágicas.

Em contrapartida, também não conseguia esquecer que havia transado com o Jaime. Aquilo doía muito. Ardia os meus sentidos, sufocava-me, deixava-me louco de tanta raiva. Tentei buscar compreensão, mas simplesmente não conseguia engolir como alguém que diz sentir amor por uma pessoa consegue dormir com outra sem mais nem menos. E ainda ter a audácia de contar como se não significasse nada. É óbvio que o capacho significa alguma coisa na vida dela. Ele também está na lista de pessoas mais importantes, como a maldita mesmo havia dito.

Só conseguia chegar a uma conclusão: Laura estava me usando como disse que faria. Enrolando a mim e ao Jaime simultaneamente, pois é egoísta demais para deixar um de nós partir. Posso ser um idiota, mas não tanto quanto o cachorrinho, e é por isso que desisti por conta própria. Não aceito dividi-la. Não dá, não desce pela minha garganta.

Estava com novas ideias na minha cabeça, e foi por isso que esperei a hora que a Laura quisesse ir embora. Demorou pra caramba, devo acrescentar. Não ligou para o capacho, apenas recolheu suas coisas e saiu, dando-me boa-noite na maior educação. Uma coisa precisava admitir: a filha de uma mãe tinha mudado da água para o vinho. Sei que não era fingimento, pois a Laura Diniz que conheço jamais fingiria estar de bom humor ou faria questão de ser agradável.

Segui a maldita até pegarmos o mesmo elevador. Ela me olhava e sorria, parecia uma menina bem meiga – embora soubesse que de meiga não tinha nada. Reparei quando apertou o botão do primeiro andar, e por isso acabei apertando o da garagem. Queria despistá-la ao máximo.

– Tenha uma boa noite, Henrique. Vê se consegue aparecer amanhã. É importante para mim.

– Espera sentada, Laura – respondi com grosseria. Não adiantava, eu não estava pronto para perdoar a sua atitude. Havia sido demais, sentia a dor da mágoa me trazer desespero e angústia, afundar-me em um estado depressivo estranho e incomum demais para mim.

Ela suspirou alto e saiu do elevador, aprumando sua bolsa grande nos ombros.

– Tudo bem. Ainda quero que tenha uma boa noite – respondeu mirando o chão, bastante desconcertada. Laura realmente estava se comportando de um modo anti-Laura.

As portas do elevador se fecharam e tratei de apertar no andar da recepção. Em menos de um minuto já estava apenas um piso abaixo do primeiro andar. Saí e peguei as escadas, pois seria mais rápido de chegar do que esperar o elevador descer até a garagem para poder subir novamente.

A movimentação no prédio estava fraquíssima, afinal, já eram quase oito horas da noite. Como ninguém usava as escadas, subi de dois em dois degraus e logo me vi diante da academia. Ali sim estava movimentado. De relance, deu para reparar na Laura entrando no vestiário feminino.

Dei uma disfarçada e fui tentando procurar o ginásio. Sabia que tinha um por ali, mas não fazia ideia de que a Laura treinava por lá. Conhecia a Kátia apenas de vista, sabia que era instrutora de alguma modalidade, só não tinha certeza de qual.

Depois de pedir informações a um instrutor consegui encontrar o ginásio. Ele se localizava no último compartimento do andar, bem distante da academia, e talvez por isso eu nunca havia me encontrado com a Laura antes. A porta estava aberta, e logo vi a Kátia se movimentando em cima de um lugar que parecia um tatame de judô, mas era bem maior. Aliás, a sala toda era bem grande, quase não dava para acreditar que ainda tinha tanto espaço sobrando naquele andar.

Escutei passos e tentei me esconder no meio de umas dobras que as paredes faziam – às vezes é bom trabalhar no prédio de uma construtora, tudo é tão moderno e bem desenhado –, rezando para não ser descoberto. Soube que havia sido a Laura Diniz que se aproximou quando ouvi a voz dela vinda de dentro do ginásio. Para o meu total desapontamento, a porta foi fechada e trancada no instante seguinte. Bufei, chateado com as minhas próprias atitudes. Não devia estar seguindo a louca. Era perda de tempo.

Fui movido pela total curiosidade, confesso. Queria vê-la em ação. Mas, claro, não queria vê-la em ação no meio de uma plateia, e ainda mais tendo o infeliz do Jaime por perto. Foi pensando nele e me lembrando dos gemidos que a Laura teve o prazer de me fazer escutar por telefone que decidi ir embora de uma vez por todas. Não conseguia deixar de me perguntar se ela havia gemido daquela mesma forma na noite anterior. Também maquinava sobre as posições que haviam contracenado, se a maldita tinha dado ou não o traseiro... Detalhes que eu realmente não queria saber, mas que acabavam comigo.

Caminhei de volta à academia, porém, no último instante, decidi treinar. Precisava descarregar toda aquela raiva, e os pesos sempre foram boas opções para isso. Troquei de roupa depressa no vestiário masculino e comecei o aquecimento. Não pretendia demorar muito, pois a Laura estava por perto. Preferia que acontecesse qualquer coisa comigo menos encontrá-la, menos olhar em seus olhos e admirá-los contra a minha vontade. A única coisa

que podia fazer com o que sentia por ela era ignorar até que fosse embora.

Segui-la pela CMD era um ponto fora de cogitação. Mesmo depois de sair da esteira e começar a puxar ferro, ainda não acreditava que tinha feito aquilo. Eu devia mesmo voltar a ser quem era; clicar no meu botão reset interno e começar tudo de onde parei. Voltaria para o dia em que nos encontramos no elevador. O cara que estava ali não se preocupava com nada além de si mesmo, mas era assim que tinha conquistado as coisas. Ele queria ganhar o desafio, fazia de tudo para conseguir. Não era um idiota, não agia por impulso, não fazia coisas das quais se arrependeria depois. Ele era calculista, ambicioso e divertido. Não aquele carrancudo exausto e preocupado com a própria sombra.

Não estava satisfeito com aquela versão de mim mesmo. A versão apaixonada por uma mulher que não merece qualquer resquício de preocupação da minha parte. Tudo bem que ela é linda, inteligente e guerreira, mas a maldita consegue ter tantos adjetivos quanto defeitos, portanto, no fim, é de se imaginar que não valha a pena estar ou gostar dela.

Todo o problema se resumia a este: não vale a pena gostar da Laura Diniz.

Foi durante as abdominais que decidi pensar mais em mim mesmo e no meu bem-estar. O que queria da vida? O que precisava fazer? Uma coisa era certa: eu, Henrique Farias, ainda queria ganhar o desafio. Era o mínimo que podia fazer para consertar os prejuízos, as cicatrizes enormes abertas dentro do meu peito. Precisava do cargo novo e de uma nova submissa: uma repaginada impressionante na minha vida. Uma volta por cima que me faria conquistar a vitória absoluta diante de uma guerra quase vencida.

Precisava urgentemente de uma namorada, de verdade. A mulher tinha de estar totalmente disponível, pronta para se apaixonar por cada coisa que eu lhe proporcionar. Nosso sexo seria incrível, e absolutamente nada nela me deixaria com dúvidas sobre

a relação que teríamos. Claro que lhe pagaria todas as contas, proporcionaria tudo para que fosse tratada como uma rainha. Ela jamais questionaria. Como deve ser. Como sempre gostei.

Depois de pouco mais de uma hora entrei no vestiário masculino novamente e tomei uma ducha. Meu corpo agradeceu o exercício e se regozijou com as minhas novas ideias. Voltaria a ser quem eu era, sem mais. Sem culpa, arrependimentos ou receio. Sem o fantasma da Laura tentando comandar as minhas escolhas. Só eu mesmo podia me presentear com aquela liberdade.

Vesti jeans, tênis e camiseta branca. Era sexta-feira. O que sempre fazia nas sextas? Saía com os meus amigos, bebia algumas cervejas, paquerava algumas gostosas e, às vezes, o papo colava e eu me dava bem. Era disso que estava falando: a normalidade seria a minha salvação.

Saquei o meu celular e fui logo telefonando para um colega mais chegado. Ele já tinha marcado de tomar uma num barzinho novo com mais três colegas em comum, não hesitou em me incluir na reunião. Decidi que nem passaria em casa, partiria direto para o bar a fim de não perder um segundo sequer da minha vida me questionando se estava fazendo a coisa certa. Não é errado querer o próprio bem. Já estava mais do que provado que o caminho oposto àquele só me traria mais dor.

Desci pelo elevador com um sorriso nos lábios e o ego inflando de possibilidades. Quase nunca costumava me dar mal em ambientes de paquera – na verdade só não terminava a noite com alguém quando decidia não dar mole e somente curtir com os meus amigos –, portanto a expectativa gritava dentro do meu corpo. Estar com outra mulher seria o meu remédio, o mais eficaz de todos.

Desliguei o alarme do meu carro e abri a porta, foi quando percebi um vulto se aproximando. Claro que me assustei, mas respirei aliviado quando notei a negra atirada da academia bem diante de mim. Ela vinha me ignorando depois do meu fora, isso quando nos encontrávamos. Acho que nossos horários não eram



exatamente os mesmos, sequer me lembrava de tê-la visto lá em cima.

– Ora, ora... – murmurei.

Ela sorriu.

– Você tem uma moto foda e um carro mais foda ainda.

Olhei para o meu carro e cocei a cabeça. Acho que a doida era uma espécie de Maria Gasolina. Ou ela reparava demais nos meios de transporte que possuo ou estava apenas com segundas intenções. Bom, não se sabe. Já peguei muita mulher na minha vida, com ou sem carro.

Pensei bastante antes de falar qualquer besteira que fosse. Tinha uma frase na ponta da língua, mas seria ousada demais. Não sabia se queria atirá-la. Ficar com aquela mulher talvez não fosse uma boa opção. Ela é negra. Isso já diz muita coisa.

Sua reação diante do meu silêncio foi meio tímida.

– Juro que não fico te seguindo pelo estacionamento. Não sou uma maníaca, só estou esperando a carona de uma amiga.

Sorri de leve.

– Relaxa. Para onde quer ir? Eu te levo.

– Nem sei o seu nome – riu um pouco, desviando os olhos de mim. Fiquei instantaneamente possesso. A minha reação me trouxe uma sensação de vitória incrível, pois se eu tinha voltado a ficar com raiva de um olhar desviado, significava que o velho Henrique dominador estava de volta. Finalmente!

Aproximei-me como um predador que ronda a presa antes de atacar.

Toquei o seu queixo com força calculada, empurrando-a até se encostar ao meu carro.

– Não tire os olhos de mim – sussurrei, meio rouco. Ela se assustou, mas eu apenas sorri. – Henrique, prazer.

– Martha... – arfou o próprio nome.

Martha era bonita. Não tanto de rosto – ela tinha traços meio grosseiros que não curto muito, prefiro mulheres de aparência delicada, indefesa –, mas o corpo era excepcional. E o cabelo era incrível; bem cacheado, longo e cheio. Uma beleza afro interessante. Não tão interessante quanto a outra dita cuja que não deve ser nomeada, mas mesmo assim interessante.

Deixei nossos rostos próximos de propósito. Segurei-lhe a cintura com uma mão enquanto a outra continuou em seu queixo. Percebi que ela cheirava bem, por isso afundei o meu nariz em seu pescoço.

– Vem comigo? – murmurei a pergunta.

Martha apenas balançou a cabeça afirmativamente. A facilidade me impressionou, mas era tudo de que eu precisava. Além de que aquela mulher não parecia mesmo ser do tipo difícil. Acredito que era envolvida demais pelo desejo; o tipo de submissa perfeita para mim. Mas ainda tinha o fato de ela ser negra. Seu principal defeito. Não que eu seja preconceituoso, certo?

Estava pensando em levá-la ao barzinho para conversarmos um pouco mais. A minha ideia era ter uma submissa e não uma transa qualquer, sem importância. Por isso que um bom papo era bem-vindo; veria como se comportava em público, analisaria os modos que possui, as ideias que lhe rodeiam a mente... E daria o meu veredito no fim. Se valesse a pena... A noite seria daquelas. Eu foderia tanto aquela mulher que ela nem perdia por esperar.

Afastei-me um pouco, o bastante para vê-la de perto. Seus olhos escuros eram legais: redondos e amedrontados. Nada do que estava acostumado a ver diante de mim, se é que me entende. Balancei a cabeça por instinto, afastando-me de vez.

la dar a volta no carro para abrir a porta do carona, como um bom cavalheiro, quando estaquei. Sorri, pois foi o que me restou. É claro que alguma coisa assim teria de acontecer, o Universo estava em pleno estado conspiratório para o meu lado. Claro, óbvio, que a Laura Diniz estaria observando toda a minha cena com a negra popozuda.

Nem devia ter ficado surpreso. Aliás, realmente não fiquei. Talvez uma parte de mim tenha feito de propósito.

– Até amanhã, Laura – falei sem pesar, segurando a mão da Martha e pronto para fazer exatamente o que estava em meu plano inicial.

– Até amanhã é o caralho, quem é essa vagabunda?

Era de se esperar. Sorri, mas a Martha se ofendeu.

– Vagabunda? Você nem me conhece, sua louca. – Martha deu alguns passos para frente, mas a segurei. Não era prudente deixá-la se aproximar, ela certamente perderia feio o embate. Qualquer mulher parecia fraca como cristal diante da Laura Diniz, independente da altura ou de outros fatores.

– Deixe-a, Martha – alertei. – Essa mulher é louca, não se meta com ela.

Laura continuou com a sua expressão dominadora, queimando de ódio. O nariz empinado, as costas arqueadas e os olhos em fendas: reações que eu já estava tão acostumado a expiar que nem metia mais medo.

– Você nunca me viu louca, Henrique – disse sem alterar a expressão, mas no instante seguinte praticamente voou em cima de nós. – Vai me ver é agora!

Laura conseguiu puxar o cabelo da Martha com força, empurrando-a para o lado até fazê-la se estatelar no chão. A queda foi feia e barulhenta. Segurei as mãos dela não sei como, porém a

maldita se contorceu e começou a jogar os pés para frente, querendo atingir a Martha de todo jeito.

– Pare! – berrei.

– Como pôde, Henrique? Como? – Laura já chorava, e senti a outra parte de mim, aquela que não queria que nada daquilo estivesse acontecendo, chamar-me de otário.

Martha se levantou com pressa e aprumou o vestido curto que trajava.

– Olha... – disse olhando para mim. – Não vou ficar aqui e comprar uma briga que não é minha.

Laura soltou um grito de ódio. Contorceu-se bastante, mas eu a imobilizava com perfeição.

– Tudo bem. Desculpe-me, sério – respondi.

Martha deu de ombros e foi andando apressadamente na direção da saída do estacionamento. Acho que esperaria a tal carona do lado de fora. Aguardei que se afastasse até não conseguir mais vê-la.

– Dá pra parar de ser estúpida? – rosnei, soltando as mãos da Laura apenas para lhe girar e mobilizar contra o capô do meu carro. – Qual é o seu problema?

– Quem é a puta dos infernos? – choramingou, tremelicando de ódio. Seu rosto estava roxo, o que me fez temer pela sua saúde.

– Ninguém, não a conheço. Ia conhecê-la se não a tivesse espantado. O que deu em você, Laura? Vai me impedir de viver a minha vida?

Ela tentou me empurrar, mas não me movi. O seu toque grosseiro doeu, mas me contive. Encará-la tão de perto era um martírio terrível.

– Como pôde? Como pôde? – repetiu feito vitrola quebrada. – Como pôde fazer isso comigo?

Bufei de indignação.

– O que merda eu fiz contigo?

Ela fez que ia dizer alguma coisa, mas creio que desistiu. Até os seus lábios tremiam. Os olhos pareciam querer escapar das órbitas, e soltavam lágrimas sem parar.

– Você é nojento!

– Eu? Nojenta é você, Laura. Dá pra sentir o cheiro do capacho na sua pele.

– Não exagere e nem tente se justificar... É diferente. É muito diferente!

– Me diz qual é a diferença, então! Não vejo diferença alguma! Você transa com quem quiser, e eu também. Já avisei que era tarde, Laura. Não confio mais em você, não quero mais você.

– É mentira! – berrou.

– É a mais pura verdade! Cansei, Laura... Cansei de você. Vá embora! Saia da minha vida. Estou falando muito sério!

Chacoalhou-se até conseguir a liberdade. Eu tinha enfraquecido depois daquela troca de gritos, por isso foi fácil para ela se afastar. Com lágrimas nos olhos, deu passos para trás que quase a levaram ao chão.

– Cretino... – murmurou, e senti tanta pena da sua expressão que quase joguei tudo para os ares e pedi desculpas. – Você não presta.

– E nem você.

– Pare de nos separar, Henrique... Pare.

Ergui os braços.

– Será possível que não tenho direito a uma escolha? Já fiz a minha, Laura. Você me faz mal. Não vou ficar com quem não me traz nada bom.

Ela balançou a cabeça. Parecia desesperada.

– Estou mudando... Estou... Estou tentando.

– Transando com o Jaime? É esta a sua mudança? Poupe-me, Laura. Não consigo olhar para você e ver outra coisa além da decepção.

Laura deu um passo à frente.

– É mentira.

– Não é. Só consigo imaginá-la com ele.

– Fiz o que precisava ser feito. Não me orgulho disso.

Tive que rir. Ela ainda estava brincando comigo, era a única explicação.

– Ninguém precisa dormir com ninguém. Você fez a sua escolha. Eu fiz a minha. Nossos caminhos não se cruzam sem que haja dor, Laura. Volte para ele... O cara te ama e nunca teve problemas contigo. Eu vou continuar a ser quem sempre fui. Nunca mais mudo por ninguém.

– Eu não queria que mudasse por mim. Me apaixonei pelo Henrique orgulhoso e mesquinho. Pelo divertido e sarcástico. Me apaixonei pelo cara que me enchia o saco todos os dias.

– Já chega, Laura. Chega. Que tipo de paixão é a que você sente? Desde que descobri a que eu sinto tento fazer tudo para ficar contigo... Em vão. Todos os meus esforços foram em vão. Estou cansado.

– As coisas mudaram agora – choramingou, dando mais passos para frente. Afastei-me, abrindo a porta do meu carro. – Você não entende?

– Só entendo que eu sou bem melhor sem você – fui taxativo. Senti o meu corpo se transformando em migalhas, pequenos pedaços de nada. – Se gosta de mim de verdade, Laura... Se realmente se importa comigo... Afaste-se.

Ela deu três passos para trás. Enxugou algumas lágrimas e aquiesceu.

Entrei no carro lentamente, pois o meu corpo parecia ter sido levado por um tsunami ou algo assim. Tudo doía. Absolutamente tudo. Quando decidi olhar pelo retrovisor a Laura não estava mais lá.

Juro que nunca tinha me sentido tão só em toda a minha vida.

Deixei o meu rosto afundar no volante e, indo de encontro a todas as minhas promessas, chorei em silêncio. Chorei por ela.

## 22º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Eu só rezava para o maiô não entrar na minha bunda. Só isso. Diante de tanta gente barulhenta, um solo profissional, flashes e câmeras miradas em mim e a Kátia em algum lugar próximo me dizendo para fazer o meu melhor, eu realmente só rezava para que o maiô purpurinado não entrasse no meu rabo.

Foi difícil dormir, pior ainda acordar, complicado demais tomar fôlego para encarar aquela apresentação e mais sofrível ainda perceber que a minha vida inteira sonhei com um momento igual àquele. Se eu não fosse arquiteta certamente seria ginasta. E então nada de mal teria me acontecido, pois não teria ido à faculdade, e logo não teria conhecido o Celso. Não trabalharia na CMD, não faria ideia de quem era o Henrique Farias.

Seria apenas uma ginasta. Treinaria horas a fio, viajaria o mundo, conquistaria campeonatos. Tudo teria sido diferente. A Jane com certeza não estaria grávida, pois eu a educaria e orientaria com perfeição, como sempre foi o meu desejo. Sequer teria conhecido o Jaime. Nunca saberia o que raio era a maldita dominação. Não precisaria alimentar uma personalidade que já havia se tornado cansativa demais para mim. Meu maior estresse seria conseguir patrocinadores.

Mas eu tinha que ser ambiciosa. Tinha que querer mais, precisava provar para o mundo que podia vencer na vida intelectualmente. Precisava gostar de estudar, de exercitar a minha mente além do meu corpo. Maldito dia em que me inscrevi no vestibular. Que felicidade efêmera a que senti quando percebi que estudaria o que sempre quis. Se soubesse o futuro que me aguardava estaria até hoje na favela, criando a Jane na maior



dificuldade, porém com a maior dignidade possível. Estaria realmente feliz.

Mas então tudo precisou acontecer. A cadeia de situações foi formada. Lá estava eu, com os braços erguidos e uma perna articulada para frente na posição inicial, sem poder voltar atrás, como sempre aconteceu em toda a minha trajetória. Eu não podia voltar atrás porque estudei, conheci o Celso, fui abusada, dei a volta por cima, conheci o Jaime, entrei na CMD, deixei a Jane de lado, conheci o Henrique e me fodi em todos os sentidos.

Mesmo depois de tudo isso eu ainda estava de pé. Inteira. Com todos os meus limites já testados, percebi que, se nada disso tivesse acontecido, eu jamais teria compreendido que posso ser e fazer exatamente o que eu quiser. Eu sabia o valor da vida. Só sabe disso quem a perdeu, e foi o que me aconteceu: perdi a minha própria vida inúmeras vezes, e continuei viva.

Sou uma sobrevivente. Por mais louca, intensa e perturbada que possa ser, encontrei um modo de sobreviver a tudo e a todos. Então por que não dar o meu melhor ali? Por que não dar o meu melhor em todas as situações? Agora que sei que posso passar por tudo, por que não perder o medo de ser derrotada?

Nunca mais vou precisar ser quem não sou, pois sou muito mais do que tudo o que possa acontecer comigo. Sou invencível. Imortal, dentro dos meus dias contados. Iria viver cada um deles como alguém que nunca desvanece.

Esperiei a música começar para dar início à minha nova vida. Uma existência sem medo de ser fraca. Uma existência imortal enquanto durar. Uma vida com bons sentimentos e tudo de melhor que ela puder me oferecer, pois o temor de perder nunca me acompanhará de novo. Afinal, sei que vou ganhar. E que vou ser feliz só porque conquistei a liberdade plena.

Só é livre de verdade quem não tem medo de perder.

A canção iniciava com assobios legais, conhecido por todos. A plateia começou a gritar antes mesmo do meu primeiro movimento, o que me deixou nervosa, mas satisfeita. A empolgação de quem assiste é importante, eu acho. A música havia sido escolha minha, pois sempre adorei Maroon Five. “Moves Like Jagger” é deliciosa de ser ouvida, e melhor ainda de ser dançada. A letra combina comigo como se fôssemos queijo e goiabada.

Os primeiros movimentos pertenciam ao *street*. Esperei as batidas darem início para acompanhá-las com passos precisos e ousados. Gosto de usar a sensualidade na dança, é um toque particular. Dançar *street* com aquele maiô era mesmo um desafio, precisava de muita confiança e de movimentos previamente selecionados. A plateia gritou ainda mais, e fiquei satisfeita quando consegui parar do outro lado do solo exatamente antes de começar o refrão.

Tomei fôlego e me posicionei.

*Você queria ter o controle, então esperamos*

*Eu dei um show, agora eu faço*

*Você diz que eu sou infantil e que o meu ego é grande*

*Eu não estou nem aí*

Merda... Lembrei-me do maldito Henrique Farias. Respirei fundo e mandei ver, pois de nada adiantaria parar. Só rezei para sobreviver àquele salto. Estava morrendo de vergonha de cometer algum erro grotesco, afinal, estava diante de muitos profissionais da ginástica, com olhos minuciosos para a coisa.

Fiz um flic-flac e depois um salto mais prolongado até a metade do estrado, depois repeti os mesmos movimentos e concluí com dois saltos curtos. Ouvei gritos e aplausos. Sorri quando percebi que os meus dois pés pararam exatamente ao lado do outro, e as minhas pernas arquearam minimamente.

Aquilo só me deu mais gás ainda para vencer a segunda estrofe.

*Talvez seja difícil quando você se sente ferida e machucada*

*Nada parece certo*

*Mas quando você está comigo*

*Eu a farei acreditar*

Fechei as expressões e articulei os meus braços como se tivesse sido atingida por alguma coisa. Meu corpo pendeu para trás até quase cair no chão. Articulei as minhas pernas e firmei os pés no solo. Tive que ter forças para retomar a posição inicial novamente. Fazia parte da coreografia, mas minha coluna quase não resiste, pois fui além do que nos ensaios.

Nem deu tempo para me recuperar e já contracenava os movimentos seguintes, que eram sensuais pelo uso das mãos através do meu corpo, enquanto eu rebolava e movimentava os meus pés no ritmo das batidas. A dança me fazia ter a liberdade de utilizar o solo de ponta a ponta, por isso fui subindo para o vértice mais perto até chegar ao refrão.

Novamente, tomei fôlego e nem raciocinei direito antes de ir em frente. Aquele salto era mais comprido e ousado, com direito a dois giros no ar antes de alcançar o chão. Morria de medo de não conseguir o impulso suficiente para o segundo giro, mas consegui. Sorri diante dos aplausos e continuei dançando, sem pausas.

Aquele era o momento de mostrar alguns passos obrigatórios em toda apresentação de ginástica artística. Fui intercalando cada um deles com os de street, e foi aí que todo mundo meio que pirou. É engraçado e louco fazer aqueles passos, por isso fiquei sorrindo pela maior parte do tempo. Conclui com uma estrela usando os braços. Depois, tomei impulso e soltei duas, sem os braços, simultaneamente. Parei em um vértice e me preparei para o último salto.

O refrão corria solto, e eu sabia que a música ia ter fim em breve. Preparei-me para aquele salto como se estivesse me preparando para a minha nova vida: com um misto de concentração e empolgação.

Tive uma ideia de última hora e sequer pensei que pudesse dar errado. Era isso que eu estava falando sobre não ter medo de perder. Podia ser perigoso, mas eu teria histórias para contar. Joguei os ensaios para os ares e tentei fazer o movimento que me consagrou no ginásio da comunidade, há anos luz, na adolescência. O duplo twist carpado não pode ser feito sem ensaios, de modo algum, mas tentei mesmo assim.

Tomei fôlego e entusiasmo ao mesmo tempo, juntando as minhas forças, a minha coragem e concentração. Eu me lembrava daquele salto como se tivesse dado um no dia anterior. Cheguei a tentar com a Kátia algumas vezes, mas sempre me enrolava no segundo giro com as pernas eretas. Caía de cara no chão.

Bom, mas eu não tinha mais medo de cair de cara no chão. Pelo menos todo mundo teria um close da minha bunda, e bem, eu tenho trinta e dois anos e a minha bunda é redondinha e durinha. Quase sem celulites. Quase. Talvez isso compensasse. Pelo menos o público masculino teria o que admirar.

Corri e saltei, preparando-me para o maior impulso que conseguiria juntar na minha vida. Foi rápido como um curativo, em segundos eu já estava dando o primeiro salto com a perna ereta, mas infelizmente o segundo veio muito perto do chão. Em vez de parar com a cara no solo, concluí o segundo salto e precisei terminá-lo com as pernas abertas – uma para frente e a outra para trás. Minha vagina doeu pra caralho contra o solo, e se eu tivesse um útero certamente teria o perdido naquele instante.

A plateia gritou tanto que só consegui rir. Fiquei no lugar porque não consegui me mexer, mas a música já estava nos assobios finais. Esperei que encerrassem e movimentei os meus

braços, parando-os no ar como se aquele realmente fosse o fim da apresentação.

Olhei para o meu pé, o que terminou à minha frente, e notei que não estava fora das marcações do solo. Bom sinal. Pelo menos isso. Fazendo uma careta, fui me levantando aos poucos e quase não consegui sair do lugar. Da cintura para baixo, só existia cacos do que restara de mim.

Fiz algumas reverências por educação e saí tentando não mancar. Em vão, claro. Alguma coisa sinistra havia acontecido com o meu joelho direito, o que terminou para trás. E a minha pélvis ainda ardia por causa do impacto.

– Você saltou o duplo twist, sua filha de uma mãe! – Kátia gritou e me abraçou com força. Abracei-a com mais força ainda, achando incrível o fato de eu ainda ter o bastante.

– Me fodi, preciso de um médico urgente – fui logo informando.

– Minha nossa, onde está doendo? – Olhou para mim, mas não vi preocupação real, só admiração. Os olhos da doida brilhavam de verdade, principalmente por causa dos flashes vindos da arquibancada, que não paravam por nada. – Sua louca, você não tem juízo, Laura! Foi... Incrível! Espetacular!

Sentei-me em um banquinho e morri de dor. Minhas pernas estavam fodidas de verdade. Uma garrafa de água surgiu em minhas mãos, e sorvi o líquido como se não houvesse amanhã. Arfei mais de mil vezes para que a Kátia percebesse que eu estava mesmo tendo um troço.

Fui guiada para a ala médica do ginásio, onde graças a Deus constataram que eu não havia quebrado nada. O problema foi que, mediante o meu sangue ia esfriando, mais dor sentia. Fui transferida para um hospital às pressas. Logo fizeram uma bateria de exames e raio-x em tudo quanto foi canto. Depois de uma injeção dolorosa, que nem perguntei para que era, as dores foram embora como um passe de mágica.

Quis ir embora, mas fui impedida. Em vez disso me deixaram em um quarto pequeno e com cheiro de hospital, aguardando os resultados enquanto repousava contra a vontade.

Kátia precisou ficar no campeonato, e acabei perdendo tudo. Depois de cinco minutos deixaram o Jaime entrar com a Jane. Estavam ambos preocupados de uma forma exagerada, tratando-me como se eu fosse uma paciente em estado terminal. Haviam assistido a tudo e adorado a apresentação. Não pararam de falar no meu último salto, mas cada detalhe do que fiz foi mencionado durante a conversa, que travaram praticamente sozinhos. Eu mal participei dela. Pelo menos haviam me trazido roupas decentes. Aquele maiô me incomodava muito, picava a minha pele.

Mais quinze minutos foram necessários para que eu visse um sorriso maravilhoso e olhos azuis incríveis diante de mim: Luís teve a ideia de me procurar e descobriu em qual hospital eu estava. Veio junto com o namorado, que se chamava Maurício. Um cara muito do gato, por sinal. Jane quase não acreditou que ambos eram gays. Sua personalidade espontânea permitiu que fizesse amizade com eles em menos de dois minutos. O Jaime não quis muita conversa assim que soube que o Luís era irmão do Henrique.

O resultado demorou mais uma hora para chegar. Meu joelho havia sofrido uma lesão leve, nada de mais. O médico passou alguns remédios e repouso. Fui liberada depois que imobilizaram o meu joelho com algo similar a uma faixa, mas o tecido era mais resistente do que uma faixa comum.

– Sabe o que isso merece? Uma pizza! – Luís propôs quando estávamos no estacionamento do hospital.

– Também acho! – Jane ergueu as mãos e berrou. – Tem uma pizzeria nova, não fica tão longe daqui. Vamos? – Olhou para mim de um jeito pidão.

A antiga Laura estava doida para se trancar em seu quarto. Ela não admitia que o Henrique não tivesse aparecido na apresentação

e nem mesmo no hospital. Não queria acreditar que ele pudesse ser tão bizarro e se preocupasse tão pouco com o meu estado de saúde. Mas a nova Laura ergueu as mãos, imitando a Jane, e gritou com empolgação:

– Simbora, meu povo! Depois daquele salto eu mereço pizza, sorvete e um copo imenso de Coca-Cola com muito gelo e limão!

Reparei no Jaime, que me apoiava com a maior dedicação do mundo. Ele é um fofo, de verdade. Sorriu lindamente quando nossos olhares se encontraram. Acabei lhe beijando a bochecha com doçura.

– Topa? – perguntei baixinho.

– Claro que sim, senhora. O que for bom para você é perfeito para mim.

Acho que o Luís escutou, pois me olhou com uma expressão meio esquisita. Pudera, a situação estava inteiramente esquisita. Até eu me olharia com aquela expressão.

Acabamos indo a um rodízio de pizzas e massas. Comi até me sentir um boi enorme. Luís e Maurício eram divertidos juntos. Acho que se completavam de um modo que poucos casais heteros conseguem fazer. Jane se deu tão bem com eles que acabaram trocando telefones e já combinaram uma balada no fim de semana próximo. Alertei Jane de sua gravidez, e o Luís foi incrível quando informou que cuidaria muito bem dela, não a deixaria cometer exageros. Seria apenas um passeio com música, dança e bate-papo.

– Tá comigo, tá com Deus, Laurinha! – riu de um jeito impressionante. Foi impossível não rir junto. Sabia que a Jane estaria em boas mãos, até porque o Luís é muito moderado e consciente. A minha irmã era jovem, tinha mesmo que se divertir. Seus exames mostraram que ela e o bebê estavam saudáveis, então não precisava me preocupar.

Eram quase dez horas da noite quando o sono e o cansaço me atingiram. As dores ainda não tinham ressurgido, mas sabia que em algum momento iria acontecer. Queria estar dormindo antes disso, e todo mundo respeitou quando falei que precisava ir para casa.

Jaime foi pegar o carro no estacionamento da pizzaria enquanto eu esperava no hall de entrada do estabelecimento. Jane havia ido ao sanitário e o Maurício também, por isso fiquei sozinha com o Luís.

– Laura... O que está acontecendo entre você e o Henrique? – ele perguntou de uma vez. Acho que é como eu, odeia enrolação.

Suspirei, sentindo-me mais exausta ainda. O episódio do dia anterior ainda estava na minha memória como um pesadelo que se repetia infinitas vezes, e em nenhuma delas eu conseguia acordar.

– Acabou tudo.

Fez uma careta.

– Mas por quê?

– Fiz muita besteira... Ele não aguentou. Sou complicada, Luís. Nunca daria certo entre nós.

– Ah, não... Não acredito! Poxa...

Senti lágrimas se formarem em meus olhos, mas me recuperei em tempo record. Desviei o rosto para que o irmão do Henrique não visse o tamanho da minha tristeza, mas claro que percebeu. Luís é muito esperto, é por isso que gosto tanto dele.

– Você está sofrendo... – concluiu, abraçando-me lateralmente. Intensifiquei o nosso abraço até me sentir sufocada. Praticamente me atirei nele, afundando o meu rosto em seu peito. Luís era alto pra caramba, gene maravilhoso dos irmãos Farias.

– Eu o amo... – admiti. – Mas ele desistiu. Desistiu de mim. Não o culpo... Sou uma idiota. Afastei-o como pude... Magoei,



pisei... Fiz coisas horríveis para ele. Não mereço nem a sua preocupação. Nem mesmo sua presença em um dia como este.

Luís afagou os meus cabelos e me desgrudou do seu corpo devagar. Enxugou algumas das minhas lágrimas, mas acabei me afastando de vez e concluindo o serviço. Sentime uma idiota de marca maior pela cena dramática, contudo o Luís continuou me analisando de perto.

– Prometi que não diria nada disso... Ele me fez jurar de pé junto, mas não aguento te ver assim, Laura. Ainda acredito em vocês.

Meu cérebro congelou.

– O quê? O que aconteceu? – perguntei sofregamente.

– Ele estava na apresentação... A gente se encontrou meio que por acaso, mas ele não quis ficar comigo. Acho que por causa do Maurício, ele não aceita bem o fato de eu ser gay.

Não consegui deixar de sorrir. A alegria que me invadiu foi profunda.

– Ele é tão idiota! – quase gritei, gargalhando. Quase não dava para acreditar no que o Luís me dizia. Era bom demais para ser verdade.

– É. Prova disso foi não querer entrar no quarto do hospital.

Levei uma mão à boca.

– Henrique esteve no hospital?

– Claro que sim, Laura. Foi ele quem descobriu tudo e me ligou. Estava desesperado desde que viu que você saiu mancando. Viemos juntos, e até pensei que ele entraria, mas decidiu ir para casa no último instante e me fazer jurar que não te contaria nada disso.

– Oh, meu Deus... Oh... Meu... Deus! – arfei e gargalhei histericamente. – Ainda há esperança. Minha nossa, ainda há esperança... Não dá para acreditar!

– O idiota é louco por você. Nunca o vi desse jeito, Laura... Sugiro que resolvam o que precisam resolver.

Balancei a cabeça ferozmente, lembrando-me das últimas palavras do Henrique.

– Não sei... Ele... Ele me disse que eu só lhe trazia o mal. Que era bem melhor sem mim. Acho que não sou o bastante para ele, acho que... Acho que é melhor me afastar de vez.

Luís bufou, indignado.

– Bem melhor? O cara é um desesperado sem você, Laura, eu o vi hoje. Estava parecendo um doido, não tirou a carranca do rosto por nada. Se aquilo é ser melhor me matem de vez!

Gargalhamos juntos, e infelizmente o Jaime apareceu com o carro bem na frente da portaria. Precisamos nos despedir, e depois que a Jane e o Maurício apareceram tudo aconteceu ainda mais depressa. Mal deu para assimilar.

Cheguei à minha casa e logo dispensei o Jaime, alegando cansaço. Não era uma inverdade, obviamente. Tranquei-me no meu quarto, tirei as minhas roupas e deitei na cama, esticando a coluna. Senti alguns estalidos. O joelho deu uma latejada. Eu estava oficialmente ficando velha.

Peguei o meu celular e não resisti, acabei digitando uma mensagem:

*“Oi... Estou nua, deitada na minha cama... E você? Como está?”*

Pensei em não enviar, mas acabei fazendo. Queria mesmo atíçar o Henrique. Ele demorou séculos para responder, acho que decidindo se me daria moral ou não. Por fim, acabou respondendo:

*“No dia em que a minha vida for de seu interesse prefiro não viver.”*

O otário havia devolvido as minhas próprias palavras.

*“Também te amo e também estava pensando em você. Boa noite.”*

Claro que não perdi a oportunidade de lhe devolver as suas. Olho por olho, dente por dente.

*“Enfie esse falso amor no meio do seu rabo.”*

Devolveu-me mais algumas. Eu merecia. Sabia que, no fundo, merecia tudo aquilo. Mesmo assim, tremi de indignação. Iria precisar reunir toda a minha paciência se quisesse algum resultado positivo.

*“Vou enfiar outra coisa, meu bem.”*

Ri alto assim que enviei aquela.

*“O quê? O pau do mucamo? Faça bom proveito.”*

Affe. Que idiota!

Fiquei tão irritada que simplesmente desliguei o celular. Tentei dormir, mas não consegui, apesar do cansaço. Mudei de posição tantas vezes que me senti agoniada. Por fim, liguei o celular e digitei uma nova mensagem. Era quase uma e meia da manhã.

*“Estava pensando mesmo era no seu pau. Mas enfim... Sei que o terei daqui a uma semana, quando estiver assistindo ao seu ego caindo no chão. Vou cobrar cada item da aposta, Henrique Farias.”*

Ele me respondeu na hora. Sério, não deu nem um minuto direito.

*“Laura Diniz, continua sendo idiota em achar que vai conseguir alguma coisa. Essa maldita aposta está rompida há séculos.”*

Fiz cara feia.

*“Rompida é o cacete. Está com medo? Cadê a sua palavra de homem?”*

O desgraçado demorou mais de dez minutos para responder:

*“Vou te castigar muito pelo que me fez. Prepare-se, Laura Diniz. Você nunca me viu dominando de verdade.”*

Sorri amplamente. O maldito desafio estava de pé. De novo. Quase não pude me conter. Era estranho sentir alegria com algo que deveria estar me trazendo receio e confusão. O sabor do desafio ainda era doce, apesar de tudo. Incrivelmente doce. Acreditei que isso era algo que jamais mudaria em mim.

Amo desafios. Amo vencer. Fodam-se as malditas consequências.

*“Nem você. As últimas palavras são minhas: eu te amo mesmo, Cinderela. Vou te fazer sentir este amor quando estiver sob o meu comando. Acredite, você nunca mais vai esquecer.”*

Desliguei o celular e, desta vez, consegui dormir.

\*\*\*

O domingo me trouxe mais um desafio a ser travado. Foi o dia que separei para fazer o que ainda precisava ser feito, começando com um problema chato: o maldito cafajeste do Luiz Fábio. Resolvi dirigir novamente, fazendo a Jane me guiar até a casa do infeliz. Não fiquei surpresa quando paramos de frente a um prédio luxuosíssimo.

Ainda bem que eu tinha escolhido roupas elegantes. Obriguei a Jane a se vestir superbem também. Não queria que pensassem que estávamos ali pedindo dinheiro ou algo assim. Imagina só, duas negras mal vestidas entrando na casa de gente rica e branca? Deus me livre. Só queria responsabilidade e maturidade. Dinheiro eu já tenho, obrigada.

O porteiro não encencou conosco, muito pelo contrário, foi gentil até demais. É disso que estou falando, roupas são superestimadas por essa sociedade hipócrita de merda. Só faço parte dela porque não tem outro jeito, mas ainda tenho vontade de sumir para algum lugar bem distante de tudo. Identifiquei-me como Doutora Laura Diniz, alegando que tinha um assunto muito importante a tratar.

Depois de alguns minutos aguardando autorização dos donos da casa, o porteiro nos pediu para subir. Vou te dizer, até o elevador era chique. Muito diferente do da CMD, e olha que o de lá era bem bacana mesmo. Jane reparava em tudo com os olhos esbugalhados, estava encantada até com o chão reluzente encerado com algum produto cheiroso.

– Não faça essa cara de pobre, pelo amor de Deus. Também não fale que vocês iam fugir. Aliás, não fale nada. Deixa que eu resolvo.

– Ok, mamãe – ela falou aquilo ironicamente, mas mesmo assim eu curti.

– Você nunca esteve aqui, certo?

– Não...

Assenti. Foi o que imaginei. O otário não teria coragem de apresentar Jane aos pais. Ela é tão estúpida que sequer havia reparado nos sinais evidentes diante de si: aquele imbecil só queria diversão.

Caio, o pai do Luiz Fábio, estava de saída, mas pedi para que ficasse por mais alguns minutinhos. A mãe, que se chamava Nadir, nos olhou com carinha de nojo, toda desconfiada. Tinha jeito de perua: loira, maquiada logo pela manhã, unhas longas e esmalte vermelho. Não fazia ideia do que nós queríamos com eles, mas mesmo assim nos guiaram até uma sala de estar ampla. Sentamos em sofás tão macios que quase dormi ali mesmo.

– Vocês querem beber alguma coisa? Suco, café, refrigerante...?

– Não, obrigada – respondi.

– Não... – Jane falou de um jeito viajado, estava muito nervosa. Segurei a sua mão e apertei, tentando lhe dar algum conforto. Sou péssima nisso, mas tinha de me acostumar a ser legal novamente. Jane dependia de mim.

– Bom... O que tenho para dizer não é fácil – decidir ser sucinta. – A minha irmã Rejane, que é praticamente a minha filha, está grávida. – Parei um pouco só para gerar um suspense. – Do filho de vocês.

Nadir levou uma mão à boca, horrorizada. Caio fez uma careta incrédula.

– Qual... Qual filho? – a mulher perguntou. Eu nem sabia que eles tinham mais de um.

– Luiz Fábio. Ele sabe muito bem da situação, mas decidi largá-la mesmo assim. – Acabei deixando um pouco clara a minha irritação. O meu timbre de voz não negou. – Não acho isso certo, e é por isso que estamos aqui. Não queremos nada além de que ele se comporte como um homem e assuma a paternidade. Não é direito uma garota cuidar de um filho sozinha.

Àquela altura Nadir já chorava. Incrível como não senti um pinguinho sequer de pena. Caio continuou rígido, plantado no sofá sem conseguir se mexer. Por isso que levei um susto quando ouvi o seu grito:

– Luiz! Luiz, venha aqui na sala!

Depois de alguns segundos, ouvimos a resposta:

– Já vou!

O projeto de cafajeste ficou ainda mais branco do que já era quando nos viu ali. Começou a gaguejar alguma coisa ininteligível, tentando explicar uma situação que já estava clara para todo mundo.

– É verdade o que esta mulher disse? A garota está grávida de um filho seu? – Dava para perceber que o Caio estava quase batendo no Luiz. E eu acharia ótimo. Estava doida por um segundo *round* desde que vi sua cara de sonso.

– Vai saber, pai! – ele conseguiu berrar depois da série de gaguejos. – Vai saber com quem ela dormiu!

– Filho de uma... – murmurei, mas parei antes que piorasse.

Nadir fez cara feia para mim.

– Como pode dizer uma coisa dessas, Luiz? – Jane se pôs de pé, já soluçando. – Sabe muito bem que este filho é seu! Éramos namorados. Sempre fui fiel!

Luiz prendeu os lábios. Ora encarava o pai, ora a Jane.

– Não sei... Não... Não coloco a minha mão no fogo.

Franguinho de merda. Queria matar aquele moleque.

– Como pode? – Jane berrou e avançou na direção dele, mas consegui segurá-la a tempo. Fiz com que voltasse a se sentar no sofá e a abracei. Ela enterrou o rosto em mim, iniciando um choro profundo, cheio de soluços.

– Fale a verdade Luiz! – Nadir gritou com o filho. Havia caído em um chororô ruidoso que me deixava agoniada a cada segundo.

– É verdade, mãe. Eu não sei! Pode ser que sim ou que não. Essa maluca sempre quis o meu dinheiro. É uma aproveitadora.

Desta vez fui eu que me ergui. Jane quase caiu com a cara no sofá por causa da minha ausência repentina. Fui até o cretino,

mesmo com o joelho fodido, e lhe segurei a gola da camisa. O pai se aproximou, mas não me segurou. A mãe só assistiu à cena.

– Ninguém aqui quer dinheiro de ninguém. Jane tem o que quer, sempre teve, pois eu sempre lhe dei. Seja um homem, maldito!

Comecei a chacoalhá-lo, e foi então que o pai se aproximou para me tocar. Soltei um rosnado, furiosa. Não permiti o seu toque nem fodendo. Larguei o Luiz com força, quase não contendo a minha vontade de dar um chute bem no seu saco. Ele nunca mais faria um filho de novo.

– Vamos, Jane. Vamos embora daqui – rosnei, morrendo de ódio. Já não enxergava um palmo diante de mim. – Não quero nada dessa gatinha.

Jane ainda chorava muito, mas se levantou do sofá e veio ao meu encontro. Abracei-lhe e encarei o Caio. Ele estava analisando o Luiz com muita irritação. Acho que ia fazer com ele o que eu estava doida para fazer: dar-lhe uma surra muito bem dada.

– Doutora Laura, iremos manter contato – Caio falou, desviando os olhos agora para nos analisar. – Aqui está o meu cartão. Se tiver qualquer dificuldade não hesite em ligar. – Entregou-me um pedaço de papel estúpido. – Iremos fazer o DNA quando a criança nascer, mas não queremos que a Rejane fique desamparada. Ajudaremos no que precisarem.

– Ninguém vai ficar desamparada. Já disse que não precisamos de nada. Nem sei se quero o nome deste nojento na certidão do meu sobrinho – dei um murro no Luiz, só que mentalmente. Olhei-o com tanta raiva enrustida que não sei como o maldito não explodiu.

– Não fale assim do meu filho! – Nadir berrou, fuzilando-me com os olhos. Fiz o mesmo.

– Vamos ter uma conversinha séria com ele – Caio parecia o mais centrado ali dentro. – Entramos em contato em breve. Tudo



bem?

– Certo... – foi o que me restou: concordar com a palhaçada.

O encontro foi tão rápido quanto ridículo, de modo que me senti uma otária quando saí daquele prédio. Não devia ter ido tirar satisfações. Estava arrependida de procurar por aquela gente, com certeza o meu sobrinho não cresceria bem envolvida com a família do pai. Nadir era mesmo uma perua fútil que havia mimado o moleque, imagina o que faria com o neto? E o Luiz? Seria horroroso, o filho da Jane cresceria cheio de traumas com relação ao pai. E isso já basta a Jane e eu.

– Como fui idiota! – Jane choramingou quando entrou no carro.  
– Caí como uma patinha na conversa dele!

– Pois é... Não queria dizer isso, mas eu avisei. Agora levante essa cabecinha e pense no bebê – falei seriamente e dei partida. Tinha outro assunto importante para resolver. Não queria levar a Jane, mas acabei fazendo. Deixá-la em casa para depois ir aonde eu queria só atrasaria as coisas.

Jane soltou vários soluços.

– Acalme-se, não é o fim do mundo.

– Ninguém vai me querer! Ninguém quer uma mulher que é mãe solteira!

Bufei.

– Em que século você vive, Rejane? – Ela deu de ombros. – Claro que vai. Só que não quero que pense nisso agora. Uma coisa de cada vez, precisa se dedicar ao seu filho.

– Não quero... Não sei se quero ter um filho. Não vai dar certo – berrou como uma criancinha, entre lágrimas.

Putá merda, hein? Jane era infantil demais. Precisava crescer muito ainda, e aquele filho com certeza lhe traria a maturidade.

– Cale a boca – foi o que consegui dizer. Estava indignada, pela milésima vez em minha vida, com o fato de não poder estar grávida. Daria qualquer coisa para ter aquele bebê no lugar dela.

– Falo sério, Laura... Muito sério.

Olhei-a, aproveitando um sinal fechado.

– Eu também. Cale essa maldita boca antes que fale mais besteira. Você vai ter este filho sim. Seja uma mulher, assuma a responsabilidade. Reclama do Luiz, mas está fazendo a mesma coisa que ele, sendo uma imbecil, uma fraca que não assume o que faz.

Ela aquiesceu, finalmente compreendendo o que eu queria dizer. Ficou quieta e, depois de alguns minutos, parou de chorar. Deixei-a no carro quando cheguei ao meu destino, pois não pretendia demorar muito. Peguei tudo o que eu queria em menos de dez minutos, e só assim retomamos o caminho de volta para casa. Estava gostando de ter a liberdade de dirigir. Não precisei de nada além da ausência de medo. Não sentia mais medo de ter um ataque, e, portanto, fazia coisas que pensei que nunca mais conseguiria fazer de novo. Nem mesmo o meu novo joelho bichado havia me impedido de sair de casa.

– A gente devia almoçar fora – Jane soltou a proposta. – Estou com tanta fome, mas é uma fome de coisa gostosa. Nada daquela comida saudável que temos em casa...

– Mas você precisa dela.

– Também preciso de algo gorduroso.

– Já comeu pizza ontem.

– Eu sei. Affe, está bem – revirou os olhos e ligou o som.

No último instante, decidi pegar outro caminho. O cruzamento estava bem diante de mim, e só precisei me permitir, dar a mim

mesma e a Jane uma oportunidade. Ela estranhou muito quando chegamos muito perto da antiga comunidade onde morávamos.

– Lembro-me deste lugar... Por que não me é estranho?

– Porque nascemos aqui. É o nosso lugar.

– Uau! – Jane riu e me olhou de um jeito esquisito. – O que vamos fazer aqui?

– Podemos ir a qualquer restaurante do mundo, mas nenhum tem uma comida tão boa quanto o mini-bistrô da Dona Betinha. – Sorri. – Nem sei se ainda existe, mas vale a pena tentar.

Jane ficou muito feliz. E eu fiquei mais feliz ainda quando percebi que o bistrô havia se transformado em um restaurante relativamente grande. Ainda estava no mesmo lugar, incrível. Estacionamos o carro na frente da pracinha onde eu costumava levar a Jane. Tudo por ali era simples: as casas, as ruas, os estabelecimentos... Tudo. Era um bairro composto por gente humilde, cheia de dificuldades. O sentimento nostálgico não me deixou nem por um segundo.

Dona Betinha ainda estava viva da Silva e fazendo os seus quitutes como ninguém. Ela não se lembrou de mim quando foi nos cumprimentar – fazia questão de cumprimentar os clientes desde sempre –, mas não me importei. Eu me lembrava dela, e isso já é mais do que o suficiente.

Depois de um almoço delicioso, compramos picolés, que um velhinho vendia na praça, e resolvemos dar uma volta. Estávamos arrumadas demais para circular naquele lugar, mas nenhuma de nós ligou. Jane até se sentou em um balanço, lembrando-se de que aquele era o seu preferido na infância. Aos poucos, começou a recordar os momentos que viveu ali.

Eu sempre quis esquecer aquela época. Sempre. Percebi que aquele era o instante certo para voltar a me lembrar do que fui. Não podia largar as minhas raízes. Foi um erro que cometi durante

longos anos, mas, como todos os outros, estava disposta a corrigi-lo.

Acabei me sentando no balanço ao lado dela. O parquinho estava meio vazio àquela hora, por isso eles – os balanços – não estavam sendo disputados por crianças barulhentas.

– Laura... – Jane parou de lamber o seu picolé e me olhou com seriedade. – Onde está a mamãe?

Parei de me lambuzar com o meu. Todo o sangue pareceu deixar o meu corpo. Engoli em seco. Não sabia se estava pronta para aquilo. Jane me perguntou sobre a mamãe até os quinze anos, depois simplesmente desistiu. Nunca obtive uma resposta.

Suspirei profundamente.

– Está presa.

Ela arregalou os olhos.

– Pre... Presa? Mas... O... O que aconteceu?

Meus olhos se encheram de lágrimas. Olhei para o céu azul e observei, no topo de uma árvore, um pássaro brincar em seu ninho. Suspirei mais uma vez, tentando me manter firme.

– Ela se envolveu com tráfico de drogas. Começou a roubar... Fez parte de uma quadrilha. Por fim, matou uma pessoa.

Jane levou uma mão à boca, começando a chorar. Seu espanto me deixou ainda mais assustada.

– Quando?

– Há alguns anos... Uns cinco, não sei. A pena é grande. Ela vai mofar lá dentro. Está velha, é capaz de que morra por lá.

O silêncio invadiu a praça e o meu coração. Tudo se tornou escuro e vazio. Mal sabia o que pensar. Por fim, continuei tomando o meu picolé. Era difícil demais voltar ao passado. Por causa disso

que tinha evitado por tanto tempo. As feridas dentro de mim eram tão profundas que jamais chegaram a cicatrizar de verdade. Eu só as tampava com muita gaze, mas as malditas ainda sangravam.

– Nunca... Nunca a visitou?

Balancei a cabeça. Fiz questão de fingir que não tinha uma mãe.

– Nunca, Laura? Deixou-a sozinha? Esse tempo inteiro? – Jane chorava muito. Sua angústia se tornou visível.

– Sim.

Ela se levantou e caminhou até um lixeiro. Jogou o restante do picolé fora. Virou-se para me encarar. Obviamente, só encontrei decepção e tristeza em seu rosto. Eu sou mesmo desprezível. Mereço que as pessoas se decepcionem comigo. Eu mesma estava decepcionadíssima.

– Hoje é domingo. Deve ser dia de visita... – falou, meio rouca.

Levei um susto.

– Não. Não, Jane... Por favor, não.

– Laura... É a nossa mãe. Meu Deus, como conseguiu? Como pode abandoná-la?

Dei de ombros.

– Ela nos abandonou, Rejane. Se não tivesse a afastado de nós, teríamos terminado do mesmo modo. Não queria isso para você.

Jane soluçou alto, aproximando-se devagar.

– Você é a minha heroína – murmurou. Encarei-a com espanto. Seus olhos já não expressavam decepção, mas uma admiração que não tive certeza de ser merecedora. – É a mulher mais incrível que conheço.

Não consegui deixar de sorrir, mas as lágrimas também tomaram conta. Levantei-me e a abracei com força. Deixei meu picolé cair sem querer, mas não liguei. Acredito que nunca tinha abraçado alguém com tanta vontade em toda a minha existência. Chorei ruidosamente.

– Me desculpe! – choraminguei. – Fui tão idiota contigo... Fui péssima nos últimos anos! Nunca quis te abandonar. Nunca quis te evitar, eu juro. Só achei que você estaria melhor sem mim. Quis sentir tudo sozinha... Quis evitar que se sentisse assim também. Quis te proteger do mundo e acabei te deixando vulnerável.

– Laura... Laura... Você só estava me protegendo esse tempo todo... – Jane também chorava muito. Apertou a minha cintura com força. Percebi que estava bem mais alta que eu. O meu orgulho.

– Eu te amo tanto, Rejane. Não faz ideia do que posso fazer por você. Sei que sou estúpida, sei que fui a pior de todas as irmãs, mas sou capaz de matar e morrer para não deixar que passe pelas coisas que passei.

– Eu sei... Eu sei... Também te amo. Amo muito, muito... Eu sei, está bem?

Choramos bastante no meio do parquinho. A gente foi se acalmando aos poucos, consolando uma a outra, enxugando nossas lágrimas. Emocionadas até demais, decidimos que daríamos um tempo antes de visitarmos a nossa mãe. Precisávamos estar preparadas de verdade, e iríamos fazer aquilo juntas. Sentime aliviada. Não queria mesmo enfrentar a barra sozinha, por mais que não quisesse a Jane sofrendo. Sei que seria inevitável, pois a vida é isso mesmo. Não posso protegê-la de sentir o que a vida lhe reservou. Só posso ajudá-la a superar.

Por fim, entendi que a minha relação com a Jane nunca mais voltaria a ser como antes. Estávamos juntas. Unidas de novo. A barreira que nos separava foi ao chão. A compreensão foi mútua, e

graças a Deus pude sentir que ela me perdoou por anos de afastamento. Eu precisava daquele perdão como o ar que respiro.

A nova Laura jamais seria boa o suficiente se não o obtivesse.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

– Bom dia, Henrique! – Laura surgiu de bom-humor em uma segunda-feira logo pela manhã. Improvável. Era mais fácil uma formiga carregar um elefante, entretanto lá estava a maluca: sorridente e de bem com a vida.

Totalmente diferente de mim, que estava em um estado crônico de raiva.

Sequer respondi a sua saudação, achando o máximo o fato de o mundo ter girado. Antes eu era ignorado, agora a Laura é a ignorada. De repente, meu humor melhorou bastante. Faria com a filha de uma mãe exatamente o que ela fez comigo, assim eu teria a minha gloriosa vingança. Se bem que, vingança de verdade, só quando chegasse o fim da semana e eu saísse vitorioso.

Só de pensar nisso o meu pau já dava sinal de vida. Estava com saudades. Sentir a Laurinha em mim de novo seria perfeito. Ter Laura sob os meus domínios era como um sonho que parecia durar toda uma eternidade para ser realizado. Claro que valeria a pena quando a maldita sentisse a força do meu chicote bem na sua bunda grande.

– Ah, paredes, cansei de falar com vocês! Vou trabalhar que é o melhor que eu faço. Espero que ninguém tenha mexido nas minhas coisas hoje, só para variar.

Laura foi murmurando alegremente, pegando uma xícara de café, sentando-se à mesa e admirando a vista da cidade. Acho que aquilo nunca mudaria, era a rotina da maluca. Passei um tempo tragado pela visão dela olhando através da janela. Estava

chovendo, e o céu nublado deixava a cidade escura como se fosse noite. A luz da sala até estava acesa por causa disso.

Laura ligou o computador depois de um tempo e revirou seus papéis. Armou um monte de cartolina em cima da sua mesa experimental e se levantou. Pegou uma régua, começando a medir tudo, e fez uma careta. Depositou uma lapiseira por trás da orelha. Era legal observá-la. Parecia ainda mais inteligente quando estava projetando. Percebi que sentia saudade da intelectualidade da maldita, não somente de sua vagina deliciosa pulsando sobre mim.

– A decisão da direção vai ser na sexta – ela disse como se soubesse que eu estava a admirando durante todo aquele tempo. – Espero que tenha conseguido refazer os cálculos.

– Estão prontos – respondi com mau humor. Não consegui ser natural. Sei lá... Ela ainda me irritava. Estar tão absorto em seus movimentos me deixava indignado. – Já os enviei ao sistema. Também tirei algumas cópias. Se acontecer de novo, vou ter tudo pronto.

– Ótimo. Vou fazer uma cópia geral do projeto agora mesmo.

Sentou-se e mexeu no computador ainda sem me olhar. Tentei prestar atenção nas infundáveis notas fiscais diante de mim. Até que consegui durante uns cinco ou seis minutos, mas logo me desvirtuava e ficava olhando a doida trabalhar. Uma merda. Devia ter fodido aquela negra da academia. Só assim estaria com os meus hormônios mais calmos. Mas não... Parecia um animal no cio, olhando a Laura como se fosse comê-la com os olhos.

Bom... Eu podia comê-la com outra coisa. Seria muito mais útil.

Levantei-me rapidamente, pensando muito pouco no que estava prestes a fazer, e fui até a porta. Abri só para conferir se o Agenor estava circulando pelos corredores como costumava fazer. Não o identifiquei, por isso voltei a fechar a porta e a tranquei ruidosamente. Virei-me na direção da Laura, que já me olhava com curiosidade.



– Paredes... Acho que alguém está carente hoje.

Sorri. Ela arfou de leve e balançou a cabeça, gesticulando negativamente com as mãos.

– Nem pensar, Henrique. Já voltou com as suas gracinhas?

– Qual é a graça de te ter como desafio se não posso soltar as minhas gracinhas? Você bem que gosta delas... – fui me aproximando devagar. Tinha consciência de que os meus olhos ferviam de tanto desejo. – Sei que as ama.

– Não – disse seriamente.

– Qual é, Laura? Foi você que sugeriu.

Ela se levantou e deu um passo para trás. Estava com saudades daquele olhar rígido, implacável. Quase inexpressivo. Sua defesa era tão poderosa que mais parecia um ataque.

– Sugeri o quê? Endoidou?

– Que transássemos naquela mesa – parei bem na frente dela.  
– Também sempre fantasiei isso... Quero te comer todinha lá.

Segurei seu queixo com o polegar e o indicador. Ela continuou bem rígida e séria. Os lábios me chamaram para um beijo, e acabei atendendo ao pedido. Aproximei-me e curvei o meu corpo, encostando nossos lábios com velocidade. O choque foi cruel, e nossas línguas brincaram até nos arrancar o fôlego. Não cheguei a tocá-la em parte alguma além do queixo, apenas nossas bocas se movimentaram habilmente.

– Henrique... – Laura se distanciou, como sempre. Estava ofegante. – Você sabe que preciso de um tempo. Está tudo rápido demais.

– Que tempo? Não tenho tempo pra nada, só para te odiar e matar essa merda de desejo que não me deixa em paz. Precisamos foder naquela mesa antes da decisão, você sabe bem disso.

– Não posso – definiu e voltou a se sentar à própria mesa. – Já disse que não posso.

Argh. Eu não tinha mais paciência com a Laura Diniz. Toda ela tinha se esvaído há muito tempo, e a culpa era toda da desgraçada.

Rosnando de raiva, puxei seu braço direito e a obriguei a se levantar. Envolvi meus braços em sua cintura e a encaixei em meu tronco. A doida se debateu um pouco, mas logo parou, analisando-me com olhos bem abertos. Estava assustada?

– Será que você faz doce assim para o serviçal? – Posso ser bem ridículo quando quero, admito.

Ela prendeu os lábios. O rosto ficou vermelho, e sabia que estava morrendo de ódio. Preferia assim. Aquela era a Laura Diniz que eu conhecia.

– Nojento! Largue-me agora, infeliz.

– Vou te largar em cima da porra daquela mesa. Vou te foder todinha, e você vai gostar.

– Vai fazer tudo isso contra a minha vontade? Parabéns, Henrique, você continua o mesmo idiota de sempre. Minha nossa, como quero que chegue a sexta! Vou colocar todo esse seu ego em um buraco tão fundo que nunca mais vai sair dele. Largue-me, maldito, ou juro que começo a gritar aqui mesmo.

Soltei-a com força. Cerrei os meus punhos, tentando controlar o misto de emoções estranhas que me invadiam. Não estava racionando direito. Só pensava em comê-la em cima da mesa, nada mais.

– Pensei que tivéssemos passado desta fase.

– Que fase? – rosnou, morrendo de raiva. Aprumou o terno feminino que vestia e passou as mãos pelo cabelo preso no já conhecido coque.

– Fale a verdade, Laura. Qual é o real motivo de você não me querer agora? Estou cansado de tudo isso. Eu que não vejo a hora de chegar a sexta. Quando tudo acabar vai ser como se abrissem a porta de uma gaiola. Finalmente me verei livre de tudo, até mesmo de você, quando a nossa noite do pagamento da aposta tiver fim.

– É isso o que está em seus planos? Se ver livre de mim? – Laura pareceu realmente chateada. Até mesmo triste.

– Por que achou o contrário? Não vejo a hora de estar livre de você – acabei falando, mesmo que não estivesse sendo tão sincero assim.

– Estou impressionada com o tamanho do amor que sente por mim. É tão pequeno que não dá para ver nem usando um microscópio.

– Está falando de amor? À essa altura? Esqueça o amor, Laura. Isso é um jogo. Sempre foi, não?

Ela balançou a cabeça, agora chateada de verdade.

– Acaba de atingir o limite da idiotice. Vai buscar o seu troféu de babaca na puta que te pariu e me deixe em paz.

Ignorei o que ela falou em parte. Fui buscar o meu troféu em outro lugar: na boca dela. Puxei-lhe pela cintura e fiz nossas línguas se encontrarem de novo. Laura resistiu muito, mas acabou cedendo. Tirei toda a capacidade que ela tinha de se movimentar, puxando suas pernas para que terminassem envolvidas à minha cintura. Usamos línguas e lábios em demasia. O beijo era tão quente que o ar-condicionado parou de fazer efeito. Um calor insuportável tomou conta do meu corpo.

Separei nossos lábios para tentar respirar, mas acabei afundando o meu rosto em seu pescoço. Aspirei aquele cheiro incrível com muita nostalgia. Sentime embriagado instantaneamente.

– Vou fazer algumas perguntas – murmurei. – Seja sincera. Muito sincera.

Laura aquiesceu, balançando a cabeça. Prendeu seus dedos nos meus cabelos e puxou. Ela estava toda pendurada em mim, mas o peso não me incomodou nem um pouquinho.

– Ainda me deseja?

– Sim... – ela respondeu entre murmúrios. Ficou tentando arrancar o meu terno, mas não podia deixar de segurá-la para facilitar o processo.

– Quer foder comigo naquela mesa?

– Não.

– Por quê?

– Porque eu transei com o Jaime não faz uma semana. – Rosnei alto de indignação antes mesmo que concluísse o pensamento. – Não quero expor vocês. Preciso atualizar exames... Enfim.

– Odeio aquele cara. Odeio o fato de você não conseguir se livrar dele, odeio saber que as últimas lembranças que o seu corpo possui são do otário. O maldito gozou em você? Puta merda, Laura, como odeio isso!

– Não posso fazer nada.

– Pode fazer muita coisa.

– Preciso de um tempo.

– Até quando?

– Breve.

Ergui a minha cabeça para encará-la.

– Juro que tento acreditar em você, Laura Diniz, mas é muito difícil. Pode me ligar hoje mesmo dizendo que dormiu com ele, e sou eu que não vou poder fazer nada.

– Confie em mim – murmurou com firmeza, analisando-me.

Balancei a cabeça.

– Não estou entendendo mais nada – fui muito sincero. – O que é isso que está acontecendo? O que será de nós dois depois da maldita decisão?

– Não era você que queria se ver livre de mim? É o que acontecerá conosco.

Permaneci calado. Laura deve ter sentido o tamanho da minha dor, pois acabou completando com seriedade:

– Confie em mim, Henrique.

– Eu quero ganhar, Laura. Sou muito egoísta.

– Não há nada de errado com isso. Eu também quero ganhar. Somos egoístas e orgulhosos, então que vença o melhor.

– Tenho medo de te machucar. Penso em desistir o tempo todo, e só não o fiz porque preciso desse emprego.

Laura se agitou em meus braços de modo que quase caiu no chão. Gemeu alto quando se pôs de pé, sentando-se na cadeira logo em seguida. Ergueu um pouco a saia, e percebi uma faixa envolvendo o seu joelho.

– Como está isso aí?

– Melhorando, eu acho. Às vezes dói muito – respondeu, mas pareceu aérea. – Faça o seu melhor, Henrique. Sem medo. Não sou fraca. Sou digna do desafio, já te provei diversas vezes. Não tenho medo de perder, ao contrário de você, que morre de medo de tudo. Apenas viva... Vou sobreviver. Aprenda a sobreviver também.

– Sei que não é fraca. – Toquei no seu joelho. Foi mais uma carícia do que qualquer outra coisa. – Você foi incrível, Laura. Eu estive lá.

Ela balançou a cabeça como se soubesse aquele tempo todo que assisti a sua apresentação do começo ao fim. Surpresa, admiração e amor foram tudo o que senti quando vi toda a desenvoltura daquela mulher impressionante. A música, os passos, os saltos... Nunca me senti tão apaixonado e perdido. Literalmente babei por ela. Quase morri quando percebi que havia se machucado.

– Você é muito idiota – definiu pela milésima vez.

Sorri.

– Ele estava lá... – suspirei. – No hospital.

– Quem?

Fiz cara de nojo.

– Jaime. Não quis olhar para o sujeito.

– Supere, Henrique.

– Não. – Ergui-me prontamente. – Não supero. Posso superar qualquer coisa, Laura Diniz, mas nunca o que este homem significa na sua vida. Já basta ter me procurado para me ameaçar e tentar me afastar de você. O cara faz o possível e o impossível para...

– O QUÊ? – Laura gritou alto, e só depois percebeu que havia exagerado no volume. – O que disse?

– Que não vou superar que esse cara ainda esteja na sua vida.

– Não, não isso... Ele te procurou? Te ameaçou?

– Semana passada. Você estava doente. – Laura se levantou devagar e caminhou até a janela. Passou as mãos nos cabelos. – Suponho que não chegou a saber disso.

– Não, claro que não. Não autorizei o envolvimento dele neste caso.

Soltei todo o ar dos meus pulmões, aliviado. Eu sabia que a Laura não havia preparado aquela emboscada, mas ter uma confirmação me encheu de júbilo.

– Ele estava te protegendo – admiti em voz alta. – Fez o que não posso fazer por você. E é por isso que quero me livrar de tudo depois do desafio. É o mais justo.

– Está decidindo por mim. A escolha é minha.

Dei de ombros.

– Você fez a sua escolha. Dormiu com ele. Qual é a sua, Laura, pelo amor de Deus?! Qual é o meu lugar na sua vida?

Senti o desespero criar vida dentro de mim. Estava cansado de me desesperar pelos mesmos motivos. Cada segundo que se passava tinha mais certeza de que precisava de uma nova submissa. Chega de Laura Diniz. Chega de tanta confusão. Mas, em contrapartida, como desistir de alguém que foi capaz de me modificar tanto em tão pouco tempo?

Laura procurou por alguma coisa em cima da própria mesa. Encontrou a sua bolsa de couro e vasculhou os trocentos objetos femininos que lá jaziam. Não consegui ver o que ela pegou, mas a maldita foi andando até a mesa maior, a que fazia parte de nossas fantasias mais obscuras.

A doida se sentou sobre a mesa, sendo ajudada por uma das cadeiras que a cercava. Agitou a mão que segurava um preservativo com embalagem preta. Meu estômago se contorceu, e todo o meu raciocínio se esvaiu em questão de milésimos de segundos. O que a desgraçada pretendia?

– Neste momento, quero que ocupe algum lugar em cima desta mesa. – Deu algumas batidinhas na madeira com a mão livre.  
– Está bom para você?

– Quer resolver este assunto com sexo? – fingi indignação. A verdade era que eu queria resolver qualquer assunto com sexo. Para que me estressar com algo que não tem solução? Eu só queria foder. Meus hormônios queriam foder. Meu cérebro queria foder. Meu coração queria foder. Eu sou um homem, afinal.

– Quero resolver este assunto com sexo proibido e selvagem.

Sua resposta me fez sorrir maliciosamente. Aproximei-me.

– Isso não vai resolver nada, você sabe – falei por falar.

Laura deu de ombros.

– Vai resolver o nosso problema com a mesa. Em poucos dias um de nós dois nunca mais vai olhar para ela de novo.

Meu corpo tremeu com aquela sentença.

– E o outro vai recordar eternamente.

– Ambos irão, acho.

– Eu vou – informei, aproximando-me até encaixar o meu corpo entre as pernas dela. Laura me envolveu com facilidade e se deitou devagar. Ficou deliciosamente servida diante de mim.

– Eu vou – murmurou baixinho.

Inclinei-me até fazer os meus joelhos se apoiarem perto da beirada da mesa. Subi em cima da Laura em um pulo – ouvi alguns estalidos, mas a madeira continuou firme –, e logo lhe invadi a boca. Saí empurrando o seu corpo até alcançarmos o centro, assim teríamos mais espaço e a mesa ficaria mais equilibrada com o nosso peso. Todo o meu corpo relaxou de encontro ao dela. A saudade sendo saciada me trazia alívio, alegria e uma paz que há muito tempo não era sentida.

Eu estava completo. De novo. Com a Laura me sentia assim; simplesmente eu mesmo. Sem tirar e nem por. Não havia dúvidas ou confusão quando nossos lábios se juntavam. O desejo era a



nossa melhor solução, o remédio para as feridas que abríamos um no outro o tempo todo. A união dos nossos corpos era a nossa pior perdição, mas a única salvação. E podia ser estranho se não soasse tão natural.

Éramos como uma chama, certos como o calor do fogo. E não teria graça alguma se não fosse assim.

Fui desabotoando os primeiros botões da camisa dela. Laura ficou me observando com os olhos repletos de desejo e os lábios entreabertos, tentando buscar fôlego. Seu sutiã apareceu depois de um tempo e, por estarmos na empresa, decidi não tirar a sua roupa inteira. Acabei puxando o sutiã para baixo até que os seus seios se tornaram expostos. Era o bastante para mim.

Minha boca invadiu o bico escurecido do primeiro seio. Suguei-o com tanta vontade que ele se arrebitou inteirinho. Procurei o outro seio e comecei uma série de lambidas deliciosas. Era tão bom senti-los novamente. Era incrível. Bom demais para ser verdade.

Laura gemia tão baixinho que quase não dava para escutar. Assanhou-me os cabelos, como sempre, e deu duas mordidas leves na minha testa assim que teve a oportunidade. Segurei-lhe ambos os seios e os apertei. Depois, fiz movimentos circulares que os balançaram de um modo que só me deixou mais excitado.

Beijei aquela boca carnuda mais uma vez, e senti quando Laura desceu as mãos até a lateral da minha calça. Foi descendo para os lados, seguindo o trajeto do meu cinto, querendo alcançar a fivela o mais rápido possível. Apoiei-me nos joelhos e ergui um pouco a cintura para facilitar. Laura abriu o meu cinto com habilidade e foi logo procurando o botão da minha calça.

Continuei a beijando e massageando os seus seios. Sentia o seu toque com a maior paciência do mundo, achando incrível a maneira como o meu corpo pertencia a ela. Laura conseguiu enfiar sua mão safada dentro da minha calça. Senti o meu pau latejando

insistentemente diante do seu toque. Parei de beijá-la apenas para enterrar o meu rosto em seu pescoço, abaixo do queixo.

Guiei uma mão até aquelas coxas firmes, disposto a subir ainda mais a saia social que vestia. Quanto mais a peça subia, mais Laura abria as pernas ao meu redor. Não suportei tanto desejo e fui logo escorrendo os meus dedos em sua calcinha. Era de renda, deu para sentir. Verdadeira delícia.

Afastei o tecido e gemi quando a Laurinha recebeu as minhas carícias. Cerrei os olhos, angustiado, pois a louca ainda agitava o meu pau entre os dedos.

– Quero te foder agora... – murmurei sofregamente.

Laura agitou o preservativo mais uma vez, só que o ignorei. Movimentei o meu quadril e terminei de livrar o meu pênis. Afastei a calcinha o máximo que pude e simplesmente me perdi dentro dela. Foi rápido demais. A doida se contorceu e gemeu alto. Dei uma estocada poderosa, mal conseguindo me conter.

– Não, Henrique! Enlouqueceu?

Rosnei em resposta, dando outra estocada violenta. Laurinha estava muito tímida, impedindo a invasão repentina. Meu desejo só fez aumentar diante disso, confesso.

– Eu vou gozar em você – a minha sentença soou como uma ordem.

– Não quero expor voc...

– Eu vou gozar em você! – falei ainda mais alto e severamente, encarando-a de perto com olhos fatais. – Você é minha, Laura.

Ela se debateu como nos velhos tempos, mas não me importei. Impedi seus movimentos com uma facilidade impressionante.

– Não! Saia!

Continuei a invadindo sem pausas.

– Pare, Henrique! – Percebi que a Laura já estava com lágrimas nos olhos.

Parei instantaneamente. Desencaixei-nos, porém continuei em cima dela. Suas lágrimas começaram a escorrer, e tentei não sentir nada com aquilo. Só tentei, deixo bem claro. Não significa que tenha conseguido.

– Não vai dar certo – falou entre murmúrios. – Jamais dará.

Fiz uma careta. Só podia ser brincadeira.

– Do que está falando? O que você tem, Laura? Isso aqui foi ideia sua... Não aja como se eu estivesse te abusando. Posso ser impulsivo, mas nunca faria isso.

Ela enxugou as lágrimas, passando a respirar profundamente. E eu só queria entender o que estava acontecendo. Naquele momento a cabeça de baixo era a única que funcionava, e muito bem.

– Nada vai mudar – continuou choramingando. – Você é igual a ele.

Não sei de quem a maldita estava falando, mas queimei de ódio mesmo assim. Odeio qualquer tipo de comparação, e preferia morrer de vez se estivesse falando que o nosso sexo era igual ao dela com o Jaime. Ou que eu sou igual, de qualquer outra forma, ao infeliz.

– A quem?

– Ao Celso! – Laura resmungou e empurrou o meu peitoral com as duas mãos. Fiquei tão surpreso que me afastei totalmente. Desci da mesa e, decepcionado, comecei a me recompor: guardei o meu pênis, abotoei a calça e fechei o cinto.

Laura assistiu aos meus movimentos sem nada dizer. A saia ainda estava levantada, exibindo suas belas pernas, só o sutiã que foi aprumado, devolvendo-lhe certa compostura.

– Eu parei, não parei? – respondi em meio ao ódio mortal.

– Não é isso, Henrique... É tudo. Você mexe com as minhas vontades... Fica me manipulando o tempo todo. Toma suas decisões sem me consultar. O corpo é meu. Sou minha. Pertencço a mim, a ninguém mais.

Encarei-a por longos segundos, sem acreditar que ela estava sendo capaz de dar aqueles passos para trás. E bem na hora H. O balde de água fria me causou alguma coisa além de incômodo; era uma espécie de tristeza. Ser comparado com o ex-dom filho da puta foi o fim da picada.

Balancei a cabeça em negativa.

– Não... Não dá para crer. Não acredito que está fazendo isso. Não podia entrar em crise depois do sexo? Deus me livre.

– Estou falando muito sério – continuou sem se mover, encarando-me com a seriedade que tinha acabado de mencionar.

– Aposto que sim. Quer saber, Laura? Deixa quieto.

Obviamente, eu estava indignado.

– Tente me compreender! Eu não queria transar contigo em cima dessa mesa há alguns minutos, mas você modificou as minhas vontades sem precisar fazer muita coisa. Em nome do que sinto decidi me permitir. Não faz ideia das tantas vezes que o Celso fez isso comigo, Henrique... Começou deste mesmo modo, até que perdi o total poder de escolha – ela estava chocada, como se o fato de expor aquilo lhe causasse um entendimento maior ainda. – Decide foder sem camisinha mesmo depois de eu ter explicado que não era a coisa certa a ser feita. E eu estava quase aceitando... De novo. Mas não está certo, você não me consultou, sequer pensou sobre o que eu acharia disso. Não pode ser assim. Não quero que as coisas voltem a acontecer. Seu ciúme e sua vontade de tomar posse de mim são doentios. Eu quero respeito. Preciso dele para continuar.

Alguma parte do meu cérebro entendeu o que Laura queria dizer. Mas a maior já estava cansada, e não queria conversa. Chega de tantas conversas. Aquela mulher diante de mim era uma máquina de decepções, não podia deixar que me atingisse tão facilmente.

– Eu sou assim, Laura. Não sou como ele, mas sou assim: possessivo, ciumento... Você também é, que droga! Desculpe se te desrespeitei agora, mas não precisa se estressar muito comigo. Os meus dias na sua vida estão contados. Isso aqui é só sexo. Mesmo sem merecer, e talvez por causa do não merecimento, ainda desejo te ter o tempo todo.

Laura fez uma careta horrorosa. Depois, fechou as expressões. Não exalou mais nada além de indiferença. Como ela conseguia fazer aquilo tão rápido? Devia ser anos de treino intensivo.

– Eu te magoei muito, não foi? É por isso que age como se nada mais entre nós estivesse acontecendo. Você me ama, esqueceu? – falou de um jeito sarcástico que me incomodou um pouco, afinal, eu sabia que o seu timbre não indicava ausência de verdades, mas sim o excesso delas.

– Magoou – só lhe respondi a primeira pergunta. – Muito.

Laura permaneceu me olhando.

– Só estou tentando imaginar um futuro para nós... – murmurou e desviou os olhos. Era difícil de acreditar que a louca estava dizendo, sugerindo ou cogitando um maldito futuro que me incluía em sua vida.

– Mas não temos – espantei as possibilidades por falta de coragem de assumir que um futuro tranquilo com ela era o que eu mais queria no mundo. – Você mesma acabou de dizer. Não sei por que só agora reclama de algo que já sabia há muito tempo: eu sou um dominador. O futuro que você quer é com um submisso ou, no mínimo, com alguém normal. Não posso mudar o que já faz parte de mim.

Ela contorceu o rosto, deixando transparecer seu horror.

– Só estou falando sobre isso agora por que não faz tanto tempo assim que descobri o que sinto por você. É a primeira vez que imagino algo além contigo, então não me julgue. E não, não é mudar, é se adaptar. Eu te entendo mais do que ninguém, sou uma dominatrix. Nossa relação precisa de democracia. É a minha ideia para uma solução eficaz.

Franzi a minha testa.

– Democracia? Somos apenas você e eu, dois orgulhosos que não pretendem ceder. Quem vai nos desempatar? O seu capacho?

Laura me olhou com fúria evidente nos olhos.

– Infantil – rosnou. – Quer que eu desenhe? As decisões precisam ser tomadas em conjunto, ou seja, você e eu entrando em consenso, adaptando nossas personalidades e se completando. Como deve ser – sorriu um pouco no fim, e senti o meu coração esquentar. Um calor diferente, que fez com que me sentisse vivo.

Mas o meu cérebro ainda não conseguia processar a Laura modificada bem diante de mim. Eu não conhecia aquela doida. A maldita parecia estar ainda mais perturbada do que a anterior. Não sabia se ela era o meu tipo de mulher perfeita ou apenas mais uma cilada. A segunda opção era mais fácil de aceitar.

– Não vamos a lugar algum, não somos um projeto. Foi isso o que eu quis dizer, Laura: não há senso comum entre nós.

Ela revirou os olhos e assoprou.

– É uma questão de vontade, Henrique. Não vai ser fácil, mas se é algo que queremos, podemos tentar. A pergunta correta é: você quer ou não quer?

Pensei um pouco. É claro que eu queria dar certo com a Laura, apesar de tudo o que nos aconteceu, só não gostaria mais de me

iludir. Tentei de todas as formas fazer a nossa relação seguir adiante, mas nenhuma tentativa foi boa o suficiente.

– Eu quero – ergui os braços, vencido. Soltei todo o ar dos pulmões. – Eu sempre quis, porém não sei mais o que fazer, Laura.

Ela sorriu um pouco, e achei que fosse morrer. Não deixava de admirá-la sentada sensualmente naquela mesa, mesmo estando chateado. O efeito que tem sobre mim é devastador.

– Confie – Laura ergueu a mão, mostrando o maldito preservativo.

Perdi o meu juízo pela milésima vez por causa dela. Aproximei-me um pouco.

– Espero que saiba mesmo o que fazer – sussurrei.

– Eu sei. – Parei entre as suas pernas.

– O que é?

– Apenas confie. – Ela rasgou o pacote entre os dentes e se inclinou para tocar o meu pau.

Custei a acreditar que continuaríamos de onde havíamos parado. Nossa relação é uma montanha-russa comprida demais; no começo gera diversão, mas depois de um tempo se torna cansativa. As emoções precisam de estabilidade e equilíbrio. Eu não conseguia enxergar nem um dos dois em nosso futuro, mas, se Laura sabia qual era o caminho a seguir, só me restava fechar os olhos e deixá-la me guiar.

Ela abriu bem as pernas ao meu redor. Segurei-lhe as coxas.

– É sério? – Eu ainda estava na dúvida.

– O quê?

– Vamos continuar mesmo? Sem interrupções? – sussurrei enquanto beijava o seu pescoço. Aquela pele morena Nescou me

deixava louco. Sempre foi assim.

Laura riu um pouquinho. Havia prendido seus dedos nos meus cabelos. Escorreu as mãos pelo meu tronco e começou a desabotoar a minha camisa por dentro do terno. A gravata ficou, o que não me surpreendeu. A doida adora me ver relativamente preso a alguma coisa. Explorou o meu peitoral e abdome com mãos habilidosas, depois afundou o seu rosto, cheirando a minha pele por ali.

– Saudade? – murmurei a pergunta com ar divertido e excitado ao mesmo tempo.

– Muita – respondeu me olhando, mas sem tirar os lábios do meu peitoral. – Precisamos transar nesta mesa. Só saio daqui com, no mínimo, um orgasmo.

– É por isso que continuou aí?

– É – gargalhei diante de sua resposta. – Cale a boca e vamos logo. Estou toda molhada, louca de tesão por você.

Afastei só o bastante para conferir o que me disse: voltei a colocar meus dedos por dentro de sua calcinha. Laura retirou o meu cinto pela segunda vez. Dei uma inclinada para que o processo fosse mais rápido. Logo, meu pênis ficou exposto novamente.

Laura encaixou a camisinha em mim. Aquilo não fazia muito sentido, afinal, eu já havia a penetrado sem proteção. Mas se era daquela forma que ela se sentiria bem, então que seja. Não quero confusão por causa de uma besteira. Já bastavam todos os motivos que tínhamos para discutir.

Por falar nisso, não acho que eu tente manipulá-la, só me comporto de acordo com a minha personalidade. Se aceita ou não, aí já é um problema dela, não meu. É assim que penso. Não vou podar as minhas ideias só porque a Laura pode se ofender com elas.



Foi pensando nisso que encostei o meu pau em sua entrada e o empurrei todo de uma vez. Laura arfou, soltando um gemidinho pequeno.

– Saudade? – perguntei novamente.

– Muita.

Sorri.

Eu também estava, claro, mas não ia dizer em voz alta. Não a havia perdoado pelas besteiras que me fez. Sou um cara insistente, mas tem hora que cansa. Laura precisava fazer o que disse que faria: provar que me quer de verdade. Se não o fizer, então saberei que só brincou comigo o tempo todo. E se fizer... Bom, terá de ser algo muito convincente. Meu ego não se satisfaz com qualquer coisinha.

Movimentei o meu quadril com leveza, sentindo a Laura tremendo, cedendo à minha invasão. Inclinei-me para frente, o que quase a fez deitar, e lhe beijei a boca utilizando um excesso louco de lábios. Toquei a sua nuca e tive a ideia de soltar seus cabelos. No início ela detestou, porém acabou cedendo. Ele estava incrivelmente estirado, e escorreu ao longo de suas costas. Joguei o elástico que prendia a juba do meu leãozinho bem longe.

Fui acelerando o ritmo gradativamente. Apoiei as minhas mãos por trás de seus ombros e soquei fundo, contendo a excitação para não tornar o momento rápido demais. Laura não provocava ruído algum, mas as expressões que fazia eram maravilhosas. Eu estava evitando um pouco o seu olhar, queria que o instante fosse menos intenso do que de fato era.

Difícil demais de admitir, mas somos completamente explosivos, intensos e cheios de química juntos. É duro resistir a nós dois. Por mais que não mereça, Laura consegue arrancar de mim tudo o que posso ser. E eu me ofereço como se a minha vida dependesse disso.

Puxei as suas pernas, forçando-as a se abrirem ainda mais para mim. Laura gemeu de um jeito diferente e se deitou na mesa de vez.

– Ai... Meu joelho.

Deixei a perna que tinha o joelho machucado em paz e abri bem a outra. Reparei que a maluca estava usando sapatos pretos de salto alto aquele tempo inteiro.

– Não devia estar usando salto, Laura.

– É o mal das baixinhas – gemeu.

– Pode te prejudicar... – Fiz questão de tirá-los e jogá-los no mesmo destino que o elástico seguiu.

Agarrei a perna boa com vontade. Laura fez questão de esticá-la até ficar totalmente disposta na beirada da mesa. Uma flexibilidade que ainda me espantava. Tive uma visão espetacular da Laurinha sendo invadida por mim. O vai e vem ritmado de nossos corpos era incrível.

Coloquei uma mão no seu clitóris e o estimulei mais rapidamente do que a velocidade da penetração. Ela gemeu bastante, inclinando a cintura e arqueando as costas. Seus braços se esticaram ao longo da mesa, e a cena diante de mim estava me enlouquecendo: Laura Diniz totalmente entregue ao desejo que nos consumia.

Depois de um longo tempo, decidi voltar à posição inicial e nos desencaixei. Subi na mesa e puxei a Laura comigo até o centro. A maluca aproveitou a oportunidade para vir por cima. No entanto, assim que me deitei e ela abriu as pernas ao redor de mim, soltou um grito curto meio fino.

Levei um susto.

– Meu joelho... Que caralho! – choramingou, deitando-se de lado, meio frustrada.

Puxei-a para mais perto de mim e girei seu corpo. Queria que ficasse de costas para mim. Ela entendeu o que eu queria e veio sem pestanejar. Nossos corpos vestidos demais para o meu gosto se encontraram, e a abracei lateralmente, erguendo-lhe a perna boa.

Laura depositou a cabeça sobre o meu ombro e me observou de lado.

Encarei-a contra a vontade enquanto usava uma mão para nos encaixar novamente. Ela fechou os olhos quando foi invadida e suspirou. Assim que voltou a me olhar pude perceber alguma coisa diferente em sua expressão. Aquela era nova, com certeza. Não consegui decifrá-la de modo algum, o que me deixou muito perturbado. Desviei o rosto.

Movimentei o meu quadril com habilidade, fazendo nossos sexos provocarem ruídos aleatórios. Era disso que eu estava precisando; a falta de sexo me impede de pensar com clareza. Esperava poder refletir melhor depois daquele momento, mesmo que tenha ainda mais coisas para refletir quando ele tivesse fim.

Segurei um de seus seios e puxei a ponta com força. Fui percorrendo, com sintomas de posse, as minhas mãos pelo seu corpo, até que parei para continuar a estimulando. Laura mordeu o meu queixo, de repente. Foi uma abocanhada que eu não estava esperando, mas gostei. Não mordeu tão forte quanto costumava morder antes.

Beijei-a assim que largou o meu queixo. Arquejou inúmeras vezes e gemeu entre os meus lábios. Foi do nada que seu corpo deu uma leve contorcida e a perna, que eu segurava, começou a tremer. Soltou ainda mais gemidos, e, embora baixinhos, eles foram capazes de jogar para os ares qualquer resquício de juízo que havia me sobrado.

– Gozei muito gostoso... – sussurrou depois do êxtase, ainda tomada pela falta de fôlego.

– Tem certeza de que quer que eu goze na borracha? – perguntei de um jeito meio trôpego. Estava muito excitado, quase gozando também.

Laura me observou por alguns segundos, acho que pensando sobre o que ia dizer.

– Não me manipule.

– Escolha. Tem cinco segundos... – Acelerei o ritmo de propósito. Meu clímax bateu na porta. Rosnei, fazendo força para não gozar.

Laura se afastou depressa e nos desencaixou. Fez um malabarismo meio doido – que lhe custou nova dor no joelho e um palavrão – para conseguir terminar com o seu rosto bem no meu pau. Retirou a camisinha – novamente não fazendo sentido, pois sexo oral sem preservativos também é arriscado – e me invadiu com a aquela boca impressionante.

Seu corpo estava ao lado do meu, por isso procurei pela Laurinha desesperadamente. Apertei-lhe a bunda, mas não conseguir deixar o meu rosto perto o bastante para chupá-la. Sua estatura pequenina, combinada a minha de um e oitenta e cinco, não era compatível para um sessenta e nove justo.

Acabei lhe introduzindo um dedo. Laura gemeu e abriu a perna, colocando a com joelho machucado para cima. Seu quadril se movimentou sobre o meu dedo.

Confesso que tentava me distrair só para ter aquela boca em mim por mais tempo. Laura era tão boa no sexo oral que seria milionária se começasse a ganhar dinheiro com isso. Certo, às vezes tenho ideias estúpidas. Jamais permitira que aquela mulher saísse chupando por aí. O tesouro é meu. Ou não. Precisava deixar de ser tão possessivo com relação a ela.

E precisava, definitivamente, parar de dar valor àquele momento. Era só sexo. Somente.

Chacoalhei o meu quadril contra a sua boca antes de parar e entrar num clímax intenso. Desta vez fui eu quem se manteve calado. Só fechei os olhos e aproveitei a sensação, até que, rápido demais, ela foi embora. Deixou-me apenas com o vazio e a responsabilidade de ter que engolir que aquilo tudo havia sido mesmo só sexo.

Laura voltou a ficar com a cabeça do mesmo lado em que estava a minha. Sorriu. Achei o máximo ela ter engolido o meu sêmen. As mulheres geralmente não topam – não que eu não respeite, cada um tem o direito de não gostar de certas coisas –, mas a Laura... A Laura é muito Laura. Ela é o adjetivo de seu próprio sujeito.

A perturbada alisou os meus cabelos, ainda sorrindo. Eu não sentia a menor graça, por isso tive a ideia de procurá-la em sua boca. Beije-a intensamente, e só parei quando percebi que o gosto meio diferente que senti tinha vindo de mim mesmo. Eu, hein?

– Eu te amo... – ouvi-a dizer. Meu corpo entrou em combustão absoluta. Foi difícil encará-la, pois não queria enxergar a mentira inclusa em sua frase. Também foi complicado e mil vezes mais chocante ouvir aquilo ao vivo.

Desviei o rosto, ignorando a declaração.

Ouvi um suspiro, que partiu dela.

– Você não acredita – foi uma afirmação, e não uma pergunta.

Continuei calado, evitando os seus olhos amarelos. Laura puxou o meu cabelo até me obrigar a observá-la. Não mostrei resistência.

– Eu te amo, Henrique – repetiu. Prendi os lábios e tentei controlar os batimentos cardíacos. – Não faz ideia do quanto é difícil dizer isso para alguém de novo, depois de tantos anos...

A dificuldade estava mesmo estampada em seu rosto. Pude vê-la perfeitamente.

– Não faz ideia do quanto é difícil escutar.

– Tudo bem. Não vou repetir. Só queria que soubesse.

Deitei de vez na mesa, virando a barriga para cima. Apoiei a minha cabeça em um braço, observando o teto da nossa sala. Por um momento me esqueci de que estávamos ali dentro.

– Não sei de nada – murmurei, sentindo o sabor amargo do desgosto.

– Por quê? Não é óbvio para você? Só duvida porque dormi com o Jaime ou existe algum outro motivo?

– Quer um maior do que esse? – fiz uma careta.

– Eu realmente fiz o que precisava ser feito. – Laura apoiou a cabeça no meu peito como se estivéssemos conversando sobre futilidades. Pensei em me afastar, mas a sua frase ainda girava dentro da minha cabeça. Desde o começo sempre quis ouvir aquilo partindo dela. E talvez por isso tenha me atingido mais do que devia. – Eu nunca o amei, mas Jaime nunca deixou de ser a minha responsabilidade. Entenda, Henrique... Você é um dominador, sabe do que estou falando.

Suspirei. Só de ouvir aquele nome tinha vontade de sair correndo. Não conseguia entender. Imaginá-la com ele me causava verdadeira repulsa. Tinha nojo. Dele, dela, de mim mesmo.

– Você quebrou o nosso trato. O único que temos além da aposta.

Ela ficou calada por um tempo.

– Eu sei.

– Está difícil confiar assim. É muita instabilidade, a minha cabeça não processa. Você é problemática demais para mim.

Laura se apoiou nos cotovelos, afastando-se. Observou-me longamente, e seus olhos já não exalavam a doçura anterior. Muito

pelo contrário, brilhavam de raiva e ressentimento. Aquela expressão rígida fez o meu coração acelerar bastante. Não queria mais confusão, mas soube que viria. E veio.

– Sabia disso desde o início. Então por que insistiu tanto? Por que me fez ficar apaixonada? Não mediu esforços... Fez isso sem a mínima intenção de ficar comigo quanto tudo acabasse? – Ela já tinha lágrimas nos olhos, apesar da frieza congelante em sua voz.

Que droga. A maldita não entendia nada.

– Sei lá porque eu fiz, Laura. Só sei que não pretendo fazer mais.

Ela soltou um soluço pequeno, mas ainda não chorava.

– Agora que já é tarde. Agora que decidi deixar todos os meus medos de lado, inclusive o de amar de novo.

Prendi a minha respiração. Juro que foi difícil de acreditar. Permaneci calado e desviei os meus olhos dela. Arrumei a minha cueca e fui abotoando a minha calça. Depois fiz o mesmo com a camisa.

– Eu não me arrependo, Henrique.

Olhei-a, desistindo de por a camisa por dentro da calça. Faria aquilo quando estivesse em pé.

– De ter transado com ele ou de ter transado comigo?

– De ambos.

Ri só por falta de opção melhor.

– Claro, você não se arrepende de nada.

– Não, eu me arrependo de muitas coisas. De verdade. Só tento não me fazer de vítima dos acontecimentos. Suportar as consequências é mais digno do que choramingar pelo que

aconteceu. Não posso mudar o passado, só ajustar o presente e tentar fazer um futuro menos doloroso.

Era impossível deixar de admirá-la. A sua personalidade tanto me encantava quanto me retraía. Era difícil viver tão perto da Laura, mas algo dentro de mim dizia que pior ainda seria viver sem ela. O mundo não teria cor alguma se aquela maluca não respirasse.

– Eu me arrependo de ter feito você se apaixonar por mim – soltei sem pensar. Laura ficou tão calada que precisei voltar a olhar para ela. Como previ, suas lágrimas tinham começado a escorrer. Meu coração afundou em um poço escuro e vazio. Senti ódio dela e de mim mesmo. – Se é o que realmente aconteceu.

De repente, Laura sorriu. Continuou chorando, mas sorriu tão amplamente que fiz uma careta.

– Você entra em contradição o tempo todo. Deus me livre, Henrique. – Enxugou as lágrimas e foi se levantando. Primeiro sentou na mesa e ajustou o sutiã. Fechou os botões do terninho e só então ficou de pé. Fez uma careta, provavelmente por causa do joelho. – Nós nos amamos. Admita.

– Nós nos amamos – repeti. – Mas não significa que vamos ficar juntos.

Ela espalmou uma mão para frente.

– Não, tudo bem. Não importa. Vamos conversar sobre o que interessa: o nosso desafio. Precisamos resolver os pontos da nossa aposta, já que a decisão será nesta sexta.

Sentei-me na mesa, franzindo a testa. Meu cérebro girou com a sua mudança de assunto e de humor.

– Como quiser.

– Quando a aposta será... Hum... Consumada? – perguntou.

– Acho melhor no sábado. Teremos um dia para nos preparar.



– De acordo. Quais são as regras? – Pegou os sapatos em algum lugar da sala e começou a calçá-los, sentada em uma das cadeiras ao redor da mesa.

Peguei a camisinha usada e fui caminhando até o banheiro.

– A do “não” não vai funcionar – alertei.

– Certo, mas precisamos de uma palavra de segurança.

Joguei o preservativo no lixo e voltei para sala.

– Vamos simplificar, o “não” fica sendo a palavra de segurança.

– Combinado. Algum limite rígido?

– Todos. Qualquer coisa que fizer comigo, caso eu perder, será um limite rígido ultrapassado, Laura. – As minhas próprias palavras me sufocaram. Não podia perder. Seria vergonhoso demais. – Só não introduza nada na minha bunda. Nem tente me matar ou algo assim.

Ela riu maliciosamente.

– Certo. Quanto a mim... Faça o que quiser.

Hã? Tinha escutado direito?

A careta que eu fiz foi tão medonha que ela riu de mim.

– Pense bem, já vou estar sem o cargo. Não terei nada a perder – explicou-se. Pegou uma toalhinha de dentro da própria bolsa e começou a passá-la na mesa. Não que tenhamos sujado alguma coisa. – Sei que não vai me machucar tanto assim, você é um dominador horrível.

Bufei.

– Você me subestima tanto.

– Pelo menos estou mais acostumada a ser dominada do que você. Vou superar.

Não senti tanta firmeza assim em sua voz. Ela nem olhou para a minha cara quando disse aquilo. Eu conhecia a Laura o suficiente para ter certeza de que aquela conversa estava sendo mais complicada do que parecia.

– Onde acontecerá? – perguntei, deixando o assunto seguir adiante.

– No seu quarto BDSM.

Congelei. Não queria entrar ali de novo por um bom tempo, mas não pude fazer nada além de concordar.

Laura guardou a toalha e se aproximou de mim. Ergueu as mãos, envolvendo-a no meu pescoço. Inclinei-me um pouco só por impulso. Ela me deu um beijo molhado e curto.

– Vou me limpar – sussurrou e me deixou sozinho, entrando no banheiro. Sorriu para mim antes de fechar a porta.

Localizei a minha carteira e encontrei o que queria: uma camisinha intacta. Ri de mim mesmo e das minhas ideias. Abri a porta do banheiro e encontrei a Laura retirando a saia. Não havia trancado a porta.

– O que faz aqui? – fez careta.

Chacoalhei o preservativo em minhas mãos.

– Temos outros lugares para batizar antes do fim. O banheiro é um deles.

Ela sorriu, e eu já sabia que toparia.

– Quando começaremos a trabalhar, Henrique Farias?

Dei de ombros.

– Isso importa, Laura Diniz?

Ela balançou a cabeça negativamente. Aproximei-me por trás dela, encaixando o meu quadril em sua bunda. Abracei-a e lhe beijei

o pescoço.

O trabalho que se explodisse.

## 23º Capítulo

*NÃO COMPARTILHE O PDF DESTA OBRA. PIRATARIA É CRIME.*

*Doutora Laura Diniz*

Estacionei na minha garagem e suspirei. Tinha uma coisa importante e difícil para fazer. A minha vontade real era de fugir daquela responsabilidade, mas não faria isso. Precisava encarar, como fiz com todas as coisas na minha vida. Aquela segunda-feira havia sido longa, mas o sexo com o Henrique logo cedo me deu ânimo e disposição na CMD.

Contudo, naquele instante, estava desanimada e indisposta. Triste também. O joelho latejava, porém não havia me impedido de dirigir. Meu cansaço físico e psicológico só se intensificou quando cheguei a minha casa, percebendo que, dali em diante, tudo seria diferente.

Era a hora da verdade.

Abri a porta do carro, saí e fechei. Apoiei os meus braços na lataria, dando a mim mesma um segundo a mais para tomar fôlego. Escondi o meu rosto em minhas mãos, travando uma guerra interna em que o vencedor já estava definido. Ou seja, era tudo em vão. Nada mudaria o fato de que precisava estar pronta para aquilo.

A primeira lembrança surgiu clara e absoluta. Ainda me lembrava perfeitamente, como se fosse ontem. Mas foi há pouco mais de três anos. Três eternos anos. Precisamente numa terça-feira de outubro.

A depressão tinha tomado conta de mim. Vivia assustada, temendo a minha própria sombra. O trabalho era a única saída que

a minha mente encontrava para se refugiar das tristes e dolorosas lembranças do acontecido. Havia sido há quatro anos, na época, mas a ferida ainda sangrava. O meu corpo doía, sentia cada toque grosseiro, cada marca da tortura sofrida. Aqueles malditos dias foram revividos repetidas vezes, e em cada uma delas me via desesperada e sem rumo. Sem um futuro normal. Eu jamais seria uma pessoa comum.

Às vezes me esquecia de comer. De dormir. Até de respirar. Principalmente de existir. Fechei-me para o mundo. Era como um zumbi; vagando pelo mundo sem direção, estava viva apenas por causa da própria sorte. Ou do próprio azar. Naqueles tempos cruéis achava a segunda opção bem mais correta.

Foi por acaso que vi aquele outdoor. Bendita seja aquela terça-feira, em que seguia para o trabalho em um táxi, encarando o trânsito da cidade sem ter ânimo sequer para sentir impaciência. Eu não sentia nada.

“Aprenda a se proteger. Defenda-se!”, era o título gigante do cartaz que mostrava uma mulher com luvas de boxe e um semblante guerreiro. Eu não me vi naquela mulher. Não no início. Entretanto, bem lá no fundo, quis ser como ela. Eu queria aprender a me proteger. Das lembranças. Das pessoas. De mim mesma.

A vulnerabilidade que me assustava estava começando a me irritar. Como sempre, a raiva era o único sentimento que me fazia entender que podia ser capaz de sentir alguma coisa.

A minha vida tinha sido destruída de todas as formas, em todos os âmbitos – menos no profissional –, mas não era por causa disso que eu deixaria alguém acabar com o que havia sobrado. Jane, de alguma forma, ainda precisava de que eu continuasse respirando. Eu precisava fazer alguma coisa para continuar respirando.

Naquele mesmo dia, depois do expediente, resolvi aparecer no local indicado pelo outdoor. Tratava-se de uma academia grande e cara, que oferecia diversas modalidades de luta, e também a

bendita defesa pessoal. Conversei com a recepcionista e achei o valor razoável. Ela me informou que o professor só estava disponível aos sábados – por causa da grande procura do público –, e aceitei o desafio. Achei até bom não precisar dar adeus à ginástica que costumava praticar à noite.

Aquela manhã chuvosa de sábado mudaria a minha vida para sempre. Enxugando as lágrimas incessantes, ainda encostada no carro, descobri que ele havia mesmo mudado a minha vida. Se não fosse o Jaime, eu não teria ido tão longe.

– Doutora Laura? – ouvi a sua voz sempre suave atrás de mim.

Fechei os olhos e suspirei de novo. Como é difícil fazer o que é preciso! Às vezes preferia canalizar a dor que causaria para que eu mesma a sentisse. Seria mais justo. Fazê-lo sofrer ia ser um trauma não para ele, mas para mim mesma. Aquilo me assombraria por muito tempo.

Eu nunca quis magoá-lo. Mas seria inevitável.

Assoprei, terminei de enxugar algumas lágrimas e me virei. Prendi a respiração. Ele ainda era belo aos meus olhos. E estava encantador usando jeans e camiseta preta. Os olhos escuros contrastavam com o cabelo claro. A expressão era a de sempre: mostrava a sua total submissão a mim. Eu era a sua deusa, e naquele momento me senti imortal.

Durou pouco. Uma deusa jamais agiria com tão pouca misericórdia. Uma deusa nunca seria tão injusta, inconsequente e destruidora. Alguém superior nunca desceria tão baixo, perdendo toda e qualquer dignidade. Eu não era rainha de ninguém. Não passava de uma otária que tentava, sem sucesso, se encontrar. E para isso precisou machucar quem menos merecia.

Não era merecedora de tanta dedicação. De tanto amor.

– Aconteceu alguma coisa? – ele quis saber, já preocupado.

Não merecia tanta preocupação também.

Balancei a cabeça em negativa. Ainda o admirava.

Na primeira vez que o vi achei que fosse morrer de tanto desejo. Jaime estava suado e meio vermelho, com a camiseta regata branca grudada ao corpo perfeito, escultural. Tinha acabado de dar uma aula, e a minha seria logo em seguida. Todo educado, limpou as mãos em uma toalha para me cumprimentar. Foi então que realmente me olhou.

Jaime me pertenceu a partir daquele momento.

Eu não admirava um homem desde bem antes do Celso, e o meu corpo não sentia falta de um companheiro até então. Meio que vivia uma espécie de celibato, cultuando a minha solidão e achando que nunca mais me envolveria com um homem novamente.

Jaime acordou a mulher que habitava em mim. Mais do que isso, despertou a dominatrix que havia sido sufocada pelas garras do Celso durante anos. Eu nem sabia que podia ser mais do que era. Não fazia ideia do meu real poder.

– Precisamos conversar – murmurei baixinho. – Uma conversa meio difícil.

Ele aquiesceu tristemente. Uma ruga de preocupação cresceu em sua testa. Mesmo bastante jovem, envelheceu alguns anos após a minha sentença.

Caminhei devagar através do meu jardim. Sentia a sua presença ansiosa logo atrás. Retirei os meus sapatos quando cheguei à beira da piscina e me sentei no chão de pedra. Despi o terninho e a gravata, ficando um pouco mais à vontade.

Jaime se sentou na minha frente, apoiando as mãos nos joelhos, e esperou. Não tínhamos uma conversa séria há algum tempo, e elas só aconteciam quando queríamos ajustar alguns pontos da nossa relação.

Encarei-o. Meus olhos dispensaram o uso da dominação. Não quis submetê-lo. Aquele momento seria entre duas pessoas

comuns, colocadas no mesmo patamar, o que de fato era a realidade. Qualquer coisa diferente disso seria uma ilusão.

– Não sei como começar... – arfei, tentando manter a calma. – Eu... Eu...

– Não precisa começar. Sei bem que a senhora não está aqui para um começo. Só consigo sentir cheiro de fim. – Seus olhos foram marejando conforme falava.

Assenti com pesar. Uma lágrima escorreu pela sua face diante da minha confirmação.

– Não... Não, por favor.

– Jaime...

Ele desviou os olhos dos meus e começou a respirar com força. Mais lágrimas surgiram, e logo se transformaram em cachoeiras.

– Desobedeci à senhora. Fiz o que me ordenou para não fazer.

Só me restou franzir o cenho.

– Eu me apaixonei. Profundamente. Loucamente. Insensatamente... – concluiu, e abriu os olhos ao máximo. Sabia que aquilo tinha acontecido, mas a certeza ainda me chocava. – Eu a amo. Amo mais do que a mim mesmo. Amei ser seu a cada suspiro. Vou amar enquanto houver lembranças neste mundo.

Minha seriedade diante de suas palavras durou apenas alguns segundos. Acabei caindo em um choro que mais parecia ser de criança. Em vez de consolar o Jaime, foi ele quem me consolou: aproximou-se lateralmente, mantendo sua posição transversal à minha. Abraçou-me. Senti o seu cheiro, aquele que eu conhecia tanto quanto me conheço.

– Me desculpe – choraminguei. – Me desculpe, por favor... Sou tão, tão estúpida!



O corpo dele tremia de encontro ao meu. Sabia que também chorava, mas sua tristeza era mais digna.

– Nunca quis te enganar, nem te machucar... – engoli o nó na minha garganta e me afastei só para vê-lo de perto. – Lembra... Lembra de quando começamos?

Jaime assentiu.

– Seria um louco se me esquecesse.

– Então deve saber o quanto você me fez bem. O quanto me modificou. Salvou a minha vida, Jaime. Nunca fui capaz de te dizer isso antes, mas é a verdade.

Ele olhou para baixo, mas voltou a me observar.

– Não me deixe, Doutora Laura... Não me deixe. Eu juro... Juro que vou me esforçar em dobro para te fazer feliz.

Precisei negar.

– Jaime... Eu te amo. Sei que isso não é menos do que amor, mas é um tipo diferente. Não podemos prosseguir assim. É por te amar que quero que vá embora. Quero que seja livre... – Segurei as laterais do seu rosto.

– Não. Por favor, não. – O coitado estava mesmo desesperado. A face estava quente e vermelha de um jeito preocupante. – Não posso viver sem a senhora.

– Sei que não – completei. – Fui egoísta, como sempre. Tirei as suas pernas, deixei que ficasse totalmente dependente de mim. Chegou a hora de andar de novo, Jaime. Vou devolver tudo o que roubei da sua vida.

– Do que está falando? A senhora não me roubou nada, fui eu que ofereci tudo o que sou.

– Não foi justo. Não é justo.

– O que posso fazer para que não me mande embora? Diga-me, por favor... Eu faço qualquer coisa. Qualquer coisa.

Meu Deus. Precisei olhar para o céu escuro e pedir um pouco de clareza. Jaime estava tornando as coisas ainda mais difíceis, mas a culpa era toda minha.

– Não posso – tentei soar decidida. – Não posso ficar contigo.

Sua expressão se modificou um pouco.

– É por causa dele, não é? Henrique Farias. Eu sabia... Sabia...

– Não foi por caus...

– Não me conformo! Não me conformo de te perder para aquele idiota. Ele está te enganando... Te fazendo sofrer... Te afastando de mim. Como o odeio!

Suspirei fundo.

– Ele só me fez entender que não posso mais te iludir, Jaime. Não consegui me apaixonar por você. Eu queria, mas não deu. Não aconteceu. E a culpa não foi sua, foi totalmente minha. Você é perfeito, mas não é para ser meu. Não está certo te deixar preso ao que sente por mim.

Jaime passou as mãos pelos cabelos nervosamente. Soltou um soluço dolorido.

– O que te fiz de tão errado? Sou tão... Tão ruim assim?

– Claro que não! – apressei-me em responder. – Você é tudo aquilo que uma mulher pode desejar, mas eu sou complicada demais. Sabe bem disso.

– Não vem com essa de que a culpa é sua. Dói ainda mais.

Calei-me. Não sabia mais como fazê-lo entender.

– Esse cara vai te magoar... E eu nunca vou me perdoar por isso.

– Esqueça o Henrique – pedi.

– Não dá! Eu sabia... – caiu em um novo chororô. – Sabia que estava se despedindo de mim na semana passada. Sabia que aquele sexo era um adeus. Nunca me senti tão longe de você. Escorri pelas suas mãos no exato momento em que escolheu não me submeter.

Massageei a lateral da minha testa.

– Me desculpa. Você estava tão vulnerável, tão... Achei que precisávamos de neutralidade. Eu nunca te dei a chance de um sexo normal. Precisei te mostrar o quanto é importante para mim, o quanto me importo contigo. Queria te sentir, de verdade, sem medo. Mas é claro, fui egoísta do mesmo modo de sempre. Nunca acerto.

Jaime bufou, arrasado.

– Deve ter sido horrível para você. Fui um estorvo.

Voltei a segurar a lateral do seu rosto.

– Ei... Não. Não foi. Jamais irei me arrepender de ter estado presente quando precisou de mim.

– Doutora Laura...

– Laura. Apenas Laura, Jaime.

Ele soluçou de novo.

– Não... Não...

Alisei-lhe a bochecha.

– Eu quero que seja feliz.

– Não...

– É a minha última ordem, Jaime – falei com rigidez calculada. Ele me olhou com mais atenção, notando a minha mudança de timbre: – Vá e seja muito feliz – comecei a chorar de novo. – Tão feliz... Quanto... Jamais imaginou...

– Não...

– Sem mim.

– Não me ordene algo assim... Não sei ser feliz de outro modo.

– Aprenda.

Ele deu de ombros. Fechou os olhos e tentou, por um longo tempo, ficar calmo. Virou o rosto na direção da casa e se afastou um pouco. Parei de tocá-lo.

– Estou perdido. Não tenho para onde ir.

Cheguei ao momento de dizer mais uma coisa complicada, porém necessária. Tomei fôlego.

– Na verdade, tem. Aluguei um apartamento perto da sua faculdade. – Jaime voltou a me olhar. – Todo mobiliado e quitado por doze meses.

Ele fez cara de dor. Eu sabia que aquilo iria lhe entristecer. Mas eu não podia atirá-lo na rua com uma mão na frente e a outra atrás, tampouco conseguiria seguir adiante com a sua presença em minha casa.

– Paguei o restante da sua faculdade – completei. – Não deixe de terminar os estudos, Jaime. No fim, conhecimento é tudo o que temos.

– Tudo o que tenho é o meu amor por você – definiu com muita seriedade. Tocou o meu rosto, alisando-me os lábios. – Mas não vou atrapalhá-la. Se a senhora não me quer mais em sua vida... Nada posso fazer. Só me resta esperar que seja feliz com ele. Que ele te faça sorrir como jamais consegui.

– Jaime...

Colocou o dedo indicador na minha boca. Olhou-me apaixonadamente e lambeu os próprios lábios.

– Estarei de volta assim que me chamar – avisou.

– Não vai funcionar assim.

Preferia dar um tiro na minha cabeça a ser egoísta com ele de novo. Mesmo que tudo desse errado na minha vida amorosa, o que era o mais plausível de acontecer, não pretendia voltar atrás e fazer o Jaime se prender à minha personalidade instável novamente.

– Não hesite em me procurar. Prometa, Laura. Prometa que vai me procurar se me quiser de volta, algum dia.

Suspirei. Resolvi prometer, pois sabia que não o quereria de volta. Bom, tudo podia acontecer.

– Prometo.

– Se precisar de um amigo... De um amante... – ele não conseguiu concluir. Começou a chorar.

Enxuguei suas lágrimas com as pontas dos dedos.

– Estarei sempre aqui se precisar de uma amiga.

– Eu sei.

Aproximei nossos rostos devagar. Ficamos testa com testa durante algum tempo. Eu mesma tomei a iniciativa de juntar nossos lábios. Entre muitas lágrimas, dei o beijo de despedida mais intenso e triste que podia existir.

Jaime nos separou antes mesmo de eu me sentir pronta.

– Adeus, Laura. Obrigado. Por tudo.

– Adeus... – choraminguei. Ele me abraçou.

– Tem certeza de que é isso o que quer?

Assenti com a cabeça.

Levantamos da beira da piscina, e então peguei a minha bolsa para lhe entregar as chaves do apartamento, o endereço indicado e todas as faturas pagas da faculdade.

Ele aceitou tudo sem questionamentos. Também, não tinha o que questionar. Já estava feito. Tentou me agradecer, mas foi tomado por lágrimas e desistiu. Partiu para a casa dos fundos, e eu simplesmente não consegui ajudá-lo a fazer as malas.

Assinei um cheque gordo e o coloquei em um envelope. Fiquei apenas esperando, deitada na espreguiçadeira. Olhando para o céu. Ele demorou quase duas horas para surgir com uma mala grande de rodinhas e uma mochila recheada nas costas.

Tive vontade de morrer quando vi o tamanho da dor estampada em seus olhos.

Jaime parou diante de mim. Levantei-me e lhe entreguei o envelope. Ele rejeitou depois que conferiu o que tinha dentro.

– Não posso aceitar. A senhora já fez muito por mim. Agora fica por minha conta.

Concordei. Sabia que o Jaime iria arranjar um emprego rápido. Era lindo, inteligente e prestativo. Mesmo assim, não deixava de me preocupar, mas tinha de lhe dar crédito. Confiar no destino.

– Lembre-se da promessa – sussurrou. Quase não conseguia falar de tão embargada que estava a sua voz.

– Lembre-se da última ordem.

Jaime fez uma reverência.

– Como quiser, senhora.

E eu soube que ele ao menos se esforçaria para me obedecer.

Pensei que vê-lo partir me causaria uma dor profunda, mas, dez minutos depois que se foi, acompanhei toneladas de concreto ser retiradas do topo minha cabeça.

Suspirei de alívio e sorri.

Libertá-lo havia sido muito mais libertador para mim. Tinha acabado de arrancar as minhas próprias algemas.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

Eram quase onze horas da noite quando o meu celular tocou insistentemente. Eu estava na minha cama, revirando para lá e para cá, sem conseguir pregar o olho. Pensava na Laura. No fim do desafio. Na consumação da aposta, que por algum milagre ainda estava de pé.

Tudo o que conseguia sentir, além de saudade dos lábios dela, era medo. Como um covarde perdido, escondia-me no casulo que o meu ego criou para fugir daquilo. Tirei de mim toda a responsabilidade de fazer dar certo – como se aquele item já estivesse esgotado no meu estoque, e eu não tivesse mais como fornecê-lo –, colocando-a na Laura.

Sabia que estava errado. Só não sabia o que fazer para reverter a situação.

Não conseguia parar de sentir ódio dela. Aliás, estava odiando o mundo, como se aquela maluca tivesse me contagiado com a sua doença destrutiva. Quanto mais pensava nas coisas que nos aconteceriam, mais raiva tinha daquela existência azarada.

– Alô? – murmurei distraidamente. O número era desconhecido, portanto sabia que não era uma ligação da Laura. E bem, qualquer ligação era menos interessante do que uma dela, por isso não encontrei ânimo para atender.

– Henrique... É a Helena.

Fiquei imediatamente em alerta. Só podia vir merda daquela ligação. Cheguei até a me sentar na cama.

– Oi.

– Preciso falar com você.

– Hum. Pode falar.

Ela demorou um pouco para rebater:

– Precisa ser pessoalmente – sua voz era séria. Tão firme quanto nunca foi. Claro que temi alguma rebordosa. Estava cheio de tantas surpresas ruins.

– Certo, amanhã nos falamos na CMD.

– Não – foi irreduzível. Meu corpo detestou, de verdade, o seu timbre. O que aquela idiota estava aprontando? – Preciso de que seja agora.

– O que está acontecendo?

Fiquei muito preocupado com as ideias que foram surgindo na minha cabeça. Pensei logo na Laura. Temi que estivesse correndo perigo, afinal, Helena estava com ódio da gente e podia tentar alguma coisa estúpida contra nós, principalmente contra ela. Foi difícil demais manter a calma.

– É sobre a CMD. Você vai querer saber.

– Fale por aqui.

– Não. Estou na frente do seu condomínio, em uma espécie de parque. Claro que deve saber onde é. Vou te esperar.

Desligou o telefone sem esperar respostas. Passei alguns segundos tentando compreender o que tinha acabado de acontecer. Aquilo cheirava a cilada. Tinha todo o jeito de armadilha, não ia cair



tão fácil. Não sou nenhum otário. Tentei ligar de volta para o mesmo número, mas caiu na caixa postal.

Droga!

Pensei em tantas coisas em tão pouco tempo que me senti pirando. Enlouquecendo de verdade. Podia ligar para Laura só pra confirmar que estava bem, e foi o que acabei fazendo. Para o meu desespero, a maldita não me atendeu. Péssimo sinal.

Depois disso resolvi encontrar a Helena. Não ficaria em paz se a minha curiosidade não fosse aniquilada. E nem se a Laura estivesse em perigo e eu me recusasse a socorrê-la. Isso eu jamais engoliria.

Peguei as chaves da moto – apesar do parque ser muito perto do condomínio, bem em frente mesmo, não queria ficar sem um meio de fugir depressa – e saí de casa pedindo aos céus para que nada tivesse acontecido com a Laura. Era só isso o que eu queria. Só isso que importava de verdade. Nem me preocupei com a minha roupa. Fui com a calça de moletom bege que já estava vestindo, pus uma camiseta branca e calcei chinelos.

Encontrei a Helena muito depressa. Estava sozinha, sentada em um dos bancos de concreto. Era noite de segunda-feira, claro que não tinha movimentação alguma por ali. Sinistro. Um cenário bizarro e perfeito para uma emboscada.

Estacionei a moto bem perto. Desci, retirei o capacete e a encarei dali mesmo. Helena sorriu. Um sorriso infantil que não parecia ser de uma psicopata. Menos mal, porém não significava nada. Tudo podia acontecer.

– O que quer comigo?

– Precisamos conversar seriamente.

Isso eu já tinha entendido.

– O que pretende, Helena? – perguntei sem paciência. Fui meio grosso mesmo. – Já estamos conversados.

– Há algo que preciso dizer.

– Diga logo, que merda!

– Acho melhor se sentar – continuou sorrindo, mas olhou para o espaço vazio no banco. Sentei-me a contragosto, só para acabar com aquilo de uma vez por todas. Não queria demoras.

– Fui demitida.

Arregalei os meus olhos. Por aquela não esperava, mas não era uma notícia ruim. Na verdade meio que tive vontade de rir da cara dela. Só não o fiz porque ainda queria saber o que a idiota pretendia com aquele encontro no meio do nada.

– Por quê?

– Fiz algumas coisas que não devia.

Eu sabia. Tinha certeza de que a Helena era culpada por ter mexido nas nossas coisas e invadido o sistema. Era óbvio.

– O que fez?

Ela parou um pouco. Os olhos marejaram. Ficou desconcertada, e quase fui embora por não aguentar assistir ao seu cinismo.

– Ana estava me pagando para destruir o projeto. Atrasá-lo, enfim. Atrapalhar ao máximo.

Admiração foi pouco para definir o que senti naquele instante.

– Como é que é?

Helena suspirou.

– Ana Vitória Salazar. Ela é uma bruxa! Procurou-me assim que vocês começaram a concorrer ao cargo e me prometeu um

monte de coisas, inclusive o cargo de coordenadora da contabilidade. Ela queria que você ganhasse a qualquer custo. Aceitei a proposta porque queria que ganhasse também... Fiz por você, Henrique. – Seus olhos brilharam por causa das lágrimas de novo. – Gosto mesmo de você. Queria... Queria tanto que ficássemos juntos que não medi as consequências.

Não senti sequer um pingo de pena dela. Seus sentimentos por mim não me abalaram, pois Helena se mostrou uma pessoa com caráter duvidoso. Não me interessa se o que fez foi por mim, não tira o fato de que foi muito errado. E de que acabou me prejudicando até demais.

Eu que queria vencer de forma justa... Sendo manipulado por duas malucas durante todo aquele tempo. Só consegui sentir raiva mesmo. Não era para nada ter acontecido da maneira como aconteceu.

Fiquei calado, olhando para Helena com desgosto. Ela chorou um pouco, mas se recompôs. Continuei a observando.

– Ana ligava para mim e passava um tempão falando sobre você. Era um inferno, mas por outro lado ficava feliz por você nunca ter dado bola para a imbecil. Vocês nunca tiveram nada, enquanto que eu tive tudo contigo... – parou e ficou me olhando. Continuei muito quieto. Foi impossível não me lembrar do seu corpo nu estirado na minha mesa e do meu pau a invadindo na maior velocidade. Argh. Aquilo nunca devia ter acontecido. – Quando recebi aquelas flores... Decidi mudar o rumo da minha vida. Meu casamento estava uma porcaria, muito desgastado... Acabei me separando e pedindo o divórcio. Queria estar livre para você.

– Helena, sobre as flores...

Ela ergueu uma mão para frente e estalou os lábios.

– Eu sei. Não quero ouvir de novo que foi um engano.

Suspirei. Laura só fazia merda. Tinha que ter dado as malditas flores para Helena? Não podia ter ficado com elas, como qualquer pessoa normal faria?

– Desculpa – só podia me desculpar por aquela confusão. Não que tenha sido culpa minha.

– Agora não me restou mais nada.

Helena desviou os olhos e suspirou mais uma vez. Voltou a me observar para, de repente, soltar uma informação mais do que bombástica:

– Você vai perder.

Fiz uma careta.

– Hã?

– O cargo. A presidência já se decidiu. Laura será a nova diretora geral.

Acho que passei a eternidade olhando para a Helena sem que de fato conseguisse enxergá-la. Chegou a falar algumas coisas que não entendi. Parei no tempo. Congelei. Todo o meu corpo se esqueceu de existir.

– Como... Como sabe? – murmurei com a voz abafada. – Tem certeza?

– Ana me disse. Ela é louca, Henrique. Tentou de tudo para fazê-lo ganhar, até invadiu o sistema de vocês. Não concordei com essa parte, acabamos brigando por causa disso. Ela fez por conta própria, pedindo socorro a alguns membros da equipe de desenvolvimento. A influência dela é impressionante dentro da CMD.

– Puta merda... – Balancei a cabeça, tentando engolir a novidade.

– Ana fez aquela confusão com a Laura logo após a decisão. Ficou louca assim que percebeu que apenas ela votou em você.

Tentou de tudo para fazer o Sr. Delacox reconsiderar, e acabou entrando em desespero. Ela é ridícula, infantil... Cavou a própria cova. Bem feito ter sido afastada. – Deu de ombros. – Pena que me levou junto.

Eu ainda não conseguia acreditar.

Passei alguns segundos montando um cenário na minha mente. Laura Diniz trajando a sua lingerie vermelha – a mesma que havia usado no casamento, e que eu não aproveitei, por sinal – e uma máscara negra em que só se viam a sua boca carnuda e o amarelo brilhante de seus olhos dominadores. Eu, algemado à cama, totalmente entregue, recebendo chicotadas enquanto me excitava mais ainda.

Era difícil crer que aquilo estava prestes a acontecer. Os dias estavam contados, e não havia nada que eu pudesse fazer para evitar. Sou um homem de palavras. Além do mais, queria mesmo evitar? Até que ponto chegaríamos? Qual é o limite do prazer? Odiaria? Amaria? Sentiria os dois, como sempre?

Ela não ia me poupar. Eu não a pouparia se fosse o contrário, domaria aquela maluca como sempre quis fazer. Sei que ela é bem violenta, talvez mais do que eu. Mas sei também o quanto é perfeita em tudo o que faz. Sei que sentiria um prazer que nunca senti na minha vida. Em contrapartida, sei que o meu ego ficaria em frangalhos. E, definitivamente, não sei como ficaria a nossa relação depois.

– A minha vida acabou – Helena disse com pesar. A frase podia ser minha se eu não tivesse esperanças de que a situação se tratava de mais um começo. – Eu me preparei para ser a sua submissa, mas... não deu.

Abri bem os meus olhos. Helena sorriu, tímida.

– Sim, eu sei que você é dominador. Já desconfiava, mas depois... – fez uma careta. – Depois daquele lance na sala em que a Laura apareceu... Ela também é, certo?

Dei de ombros. Não ia expor a Laura, principalmente à Helena. Ninguém precisava saber de sua vida ou de seus gostos. Não interessa.

Meu cérebro não conseguia processar tudo. Ainda imaginava a maldita me dominando. Ouvia a minha própria voz gritando no meu consciente: a filha de uma mãe conseguiu! Conseguiu exatamente o que queria!

– Bom... Pesquisei sobre isso – Helena continuou, estava ignorante aos meus pensamentos conturbados. – Aprendi tudo, e estava disposta a te ter como dominador – de repente, riu. – Ana não sabe disso. Sequer imagina! Coitada... Não conhece nada sobre você.

Suas palavras meio que me abalaram. Quer dizer, ainda mais, visto que já estava abalado desde que soube que havia perdido o desafio. Perguntava-me se sairia daquele encontro psicologicamente vivo. Meu palpite era que não.

– Eu realmente peço desculpas por ter te feito achar que queria algo mais contigo. Mesmo assim, você também cavou a própria cova. Não sou culpado pelo seu desvio de caráter. Se te anima, aceitaria que fosse a minha submissa se não tivesse sido tão ridícula. Uma submissa é alguém de confiança. Não confio em você.

Helena começou a soluçar. Não liguei. Fui mais do que sincero. Eu precisava de uma submissa, e a Helena podia ser uma opção. Ainda mais porque a Laura ficaria puta da vida, o que me traria, em condições normais, uma sensação revigorante de vingança. Porém não podia ter nada com alguém que me sacaneou. Isso não existe.

– Sou do bem, Henrique... – choramingou. – Sempre fui, você me conhecia. Eu sou aquela garota que entrou na sua sala e se encantou com a sua beleza logo de cara. Não estou te culpando por ter estragado tudo, não vim aqui para que sinta pena de mim. Só

vim dizer a verdade e dar o meu adeus. Queria te ver uma última vez.

Balancei a cabeça, mostrando compreensão.

– Ótimo.

– O que fiz foi errado, admito o meu erro e estou arrependida. Sei que não vai me perdoar do jeito que quero, mas não precisa. Não pretendo te ver de novo. Quero virar essa página da minha vida.

– Faz muito bem.

Pelo menos ela estava mostrando ter um pouquinho de dignidade. Helena sorriu, encarando o horizonte além do parque.

– Olha... Eu odeio a Laura. De verdade. Tenho muitos motivos para isso, mas sei que você a ama, e, sinceramente... Por trás daquela arrogância sei que ela é louca por você. Ela sabe te defender, sabe lutar pelo que quer. – Ouvir aquilo me deixou tão alegre quanto triste. – Eu queria ser como ela em alguns pontos, sabe? Sempre fui tão fraca, tão idiota... Tão besta. É por isso que estou me afastando. Sei lá, Laura passou por aquela situação que vimos na matéria... Parece ter superado, dado a volta por cima. É isso o que quero para a minha vida. Estava afundada em um casamento sem futuro e empurrando com a barriga, satisfeita em ser uma simples secretária. Sei que posso ir além. Posso me superar.

Engoli um nó que cresceu na minha garganta. A Laura era mesmo inspiradora. Até eu me sinto diferente por causa dela. A minha vida, as minhas concepções, haviam mudado bastante.

– Quero ser uma guerreira. Não vou desistir ou me lamentar... E quero realmente que você seja feliz, Henrique. – Olhou-me intensamente. – Sei que jamais seria com a Ana, mas com a Laura... Tenho certeza de que vai.

Eu não tinha certeza alguma. Na verdade todas as frases que tinham a palavra Laura estavam confusas e loucas demais para a minha cabeça compreender.

– Obrigado por te me contado – murmurei. – Espero que encontre a felicidade que deseja.

Helena tocou a lateral da minha face. Eu deixei, não sei dizer por que. Sorriu um pouco, mas também chorou. Consegui ver uma espécie de admiração em seus olhos, e me perguntei se ela realmente sabia quem eu era. O cara que me identificava não merecia tanto encantamento. Ele era um idiota.

– Estou me mudando amanhã. Sigo para outro estado... Vou passar uns tempos com a minha irmã, ver algumas possibilidades de emprego... Não pretendo voltar.

– Boa sorte.

– Você também. – Sorriu mais amplamente e se aproximou. Beijou a minha bochecha sem pressa. – Adeus.

Aquiesci.

Fiquei acompanhando os seus movimentos quando se levantou e caminhou a passos largos até o seu carro, estacionado do outro lado do parque. Não olhou para trás. Acho que estava mesmo decidida. Ainda bem. Não queria olhar para a cara dela de novo.

Devo ter soltando uns trezentos suspiros e batido meus pés no chão bem umas mil vezes. Um tique nervoso insuportável.

A boa notícia era que a Laura não corria perigo.

A péssima notícia era que *eu* corria perigo.

Peguei a minha moto e, em vez de ir para casa, rodei pela cidade sem rumo definido. Precisava clarear as minhas ideias, absorver as novas informações e entrar em consentimento comigo



mesmo. A noite tranquila me inspirou a não permitir que as contradições dos meus sentimentos continuassem me importunando.

No início confesso que senti medo. Cheguei a me apavorar, mas depois os sentimentos negativos foram se anuviando. Agora que sabia o resultado, só havia um rumo para onde meus pensamentos deveriam seguir. Tudo o que precisava fazer era me preparar para aquilo. Preparar-me para ser dominado, além de sofrer piadinhas e demais eventualidades no trabalho. Bom, isso não me importava muito, só a primeira parte que me tirava do sério.

Para quê tinha feito aquela maldita aposta? Fui derrotado pelo meu próprio ego. Se eu me achasse menos, se fosse um tantinho mais modesto, não teria entrado naquela confusão toda. Não tinha como culpar a Laura, a aposta havia sido ideia minha.

“Quem sabe que vai ganhar aposta qualquer coisa”, foi o que ela disse quando lancei a proposta. Ri sozinho, achando incrível a capacidade que a maldita tinha de vencer apenas colocando na cabeça que a vitória já era um fato. A minha derrota foi tão feia que era melhor rir para não chorar.

Entretanto, as coisas tinham mudado de figura. Nada mais era igual ao início. Éramos outras pessoas, tínhamos outras prioridades. As minhas, particularmente, haviam se transformado da água para o vinho. Eu nem ligava por ter perdido o cargo, o que mais me preocupava mesmo era a dominação. A humilhação que sofreria partindo de quem eu menos queria que partisse. O medo de gostar, talvez. O temor de concluir a nossa história como um submisso. Um capacho de merda.

Depois de muito raciocinar, percebi que perder era a minha melhor opção. Se eu ganhasse ia ser o maior inferno. Eu teria a Laura submetida, sim. Estaria mais do que satisfeito profissionalmente. Mas só. Uma grande parte da minha vida, aquela que começou a ser a mais importante, indo acima de todas as outras, seria fortemente abalada.

Laura jamais me perdoaria depois que eu a dominasse. Era uma certeza que me martirizava. Talvez nunca se recuperasse, afinal, seria uma espécie de invasão. Mais uma em sua vida já sofrida demais. Todavia, sei bem que se eu não a dominasse, mesmo com a vitória, a maldita orgulhosa transformaria a minha vida em um inferno. Ela não aguenta ser tratada como uma pessoa frágil. O clima ia ficar chato e nos distanciariamos, sem dúvidas. Além de que, se a Laura perdesse o cargo, tinha quase certeza de que não continuaria na CMD. Ela não consegue ouvir desaforos. Não manteria a calma diante das piadinhas, entraria em confusão e tudo daria em merda.

A minha derrota era a melhor coisa que podia acontecer conosco. Talvez fosse o destino agindo ao meu favor. Eu só precisava estar calmo. Confiar nele e nos meus sentimentos. Precisava apenas de uma noite livre do meu orgulho. Deixaria o meu amor por aquela mulher tomar conta de mim. Oferecer-me a ela de um jeito que só aquele sentimento era capaz de fazer.

Foi naquele instante que percebi que amava a Laura de verdade. Com todas as minhas forças. Como nunca fui capaz de amar alguém. Eu jamais me deixaria dominar – de corpo e alma, não apenas de corpo, afinal, qualquer um pode ter seu corpo dominado, querendo ou não – se não a amasse tanto.

Quando menos percebi, estava na frente da casa dela. O meu inconsciente havia me levado até ali; o destino deu a ordem e eu, já tentando me acostumar, obedeci. Se aquele era o lugar onde precisava estar, então que seja. Eu realmente queria estar onde precisava.

Ri de mim mesmo, achando estranho estar me comportando como um submisso. É assim mesmo que funciona a dominação, o submisso realmente quer fazer o que lhe mandam. Seu prazer é obedecer. E lá estava eu, obedecendo com um sorriso nos lábios, enquanto estacionava a minha moto e prendia o capacete no bagageiro.

Já devia ter passado da meia-noite, mas quem se importa? Ela não estava dormindo. Laura é bem noturna, como eu. A maluca não estava sentada na varanda, por isso toquei a campainha. Não ia lhe telefonar. Sequer pensei que podia encontrá-la com o capacho. Senti, pela primeira vez na vida, que podia estar naquele lugar sem deixar recado antes. Que tinha o direito de invadir a sua privacidade.

Sentime parte da vida dela. Em algum lugar indefinido, mas incluso de um modo especial. Ela me amava, certo? Tinha me dito aquilo mais cedo logo após ser devidamente fodida por mim. Ou sei lá, ela que me fodeu. Não dava para definir quem era quem quando nos amávamos: eu era ela, ela era eu. Não importava, sinceramente. A gente se submetia. Ou se dominava. Deixávamos de ser quem éramos para ser além do que podíamos imaginar.

Aquela mulher havia me fodido mesmo. E eu nunca estive tão feliz.

Toquei a campainha apenas uma vez. Para a minha absoluta surpresa, Laura atendeu a porta. Arregalou os olhos ao máximo quando me viu. Eu não sorri ou mostrei qualquer outra reação. Só a olhei. Um filme enorme passou pela minha cabeça na velocidade da luz, e o “the end” terminava com um beijo fantástico. Se aquele era o nosso fim eu não podia definir, mas, se fosse, queria estar onde o destino tinha me levado: nos braços dela.

Laura sorriu um pouquinho. Seus olhos marejaram. Percebi que estava um pouco estranha. Sei lá, as expressões estavam meio tensas.

– Era para eu estar aqui? – murmurei a pergunta.

– É para você estar em qualquer lugar onde eu estiver.

Não evitei um sorriso. Depois, simplesmente me atirei contra ela, e acabamos ultrapassando algumas plantas de seu pequeno jardim. Paramos em uma face das paredes do muro alto que rodeava a sua bela casa. A minha boca invadiu a dela, ou a dela

invadiu a minha. O alívio que senti por estar ali me trouxe calma para tocá-la com cuidado, como se fosse feita de cristal.

Laura cruzou seus braços no meu pescoço e pulou, equilibrando-se sobre mim. Minhas mãos apoiaram as suas coxas grossas. O nosso beijo se tornou tão louco que fiquei mais aliviado ainda. Aliviado porque ainda éramos nós mesmos; intensos, sem juízo e com muito tesão. Isso nunca havia mudado, e suspeitei que jamais mudaria.

Foi Laura que se afastou, mas só um pouco. Estava ofegante.

– Aconteceu alguma coisa? Você está estranho... O que houve?

Claro que ela perceberia o meu estado catatônico. Não me surpreendi. Pensei em tudo o que tinha acontecido, chegando à conclusão de que nada valia mais a pena do que aquilo que estava acontecendo naquele momento.

– Nada.

Laura fez uma caretinha. Aproveitei para beijá-la um pouco mais. Separou-se novamente, e vi quando uma lágrima escorreu em sua face.

– O que houve, Laura Diniz? – perguntei tão baixinho que ela quase não ouviu.

Soltou um longo suspiro e sorriu, encarando-me com olhos amarelos apaixonados. Respondeu depois de um bom tempo apenas me matando com aquele olhar:

– Nada.

## 24º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Foi a primeira vez que passei uma noite inteira com um cara sem transar com ele. A vez que dormi na casa do Henrique, logo após o casamento de sua irmã, não conta. Ele estava tão péssimo que foi a mesma coisa de ter ficado sozinha. Estou falando de uma noite de verdade, com direito a vinho – nem acredito que me permiti três taças –, televisão e conversa fiada. Aliás, não me lembro de quando foi a última vez que passei horas tão agradáveis.

Claro que não falamos sobre nós. Nem sobre a CMD. Muito menos sobre o desafio. A única coisa importante de verdade que fez parte da conversa foi a Jane. Conteí que tinha procurado pelos pais do Luiz Fábio, e Henrique ficou indignado com o que aconteceu. Também achava que eu não devia ficar mendigando a atenção de gente esnobe. Fiquei contente por ter o seu apoio com relação a isso. É tão difícil para mim falar sobre família. A sensação que tinha era a de que estava errando de novo com a Jane, mas ele me tranquilizou muito quando disse que eu finalmente estava agindo corretamente. O alívio foi enorme.

Era tão difícil criar a Jane sozinha. Precisava de alguém centrado como o Henrique para não me deixar sair dos trilhos. A minha personalidade estava sofrendo alterações que não me traziam segurança o bastante para ter certeza de que agirei bem em todas as situações. Posso ser muito impulsiva e acabar machucando sem perceber. Tenho experiência o suficiente para saber que a minha relação com a Jane teria momentos de tensão, isso é normal. Claro que nem tudo seria perfeito, mas eu só não queria perdê-la de novo, principalmente por causa de mim.

Henrique era o cara certo para me ajudar a não afastá-la de novo.

Depois de esvaziarmos a primeira garrafa – e a única, visto que não queria embebedá-lo, e ele concordou comigo quando pedi para que não se alterasse demais – Henrique me contou sobre a demissão da Helena. Falou que esteve com ela e narrou uma série de acontecimentos malucos que quase não pude acreditar. Sabia que aquelas duas vacas iam aprontar alguma, só não fazia ideia de que estavam juntas no plano maligno de acabar com a minha raça.

– Já foram tarde – falei naturalmente. Henrique estava sentado no sofá, bem ao meu lado. – Eu te disse, não disse?

– Disse. É por isso que não estou tão decepcionado. Só feliz por ter me livrado dela antes do fim.

Fim? Fim do quê? Do desafio? Ou de nós dois?

– Nem eu. – Espantei os pensamentos que me acometeram. Estou virando uma mulherzinha abobalhada. Lamentável. – Espero que sumam da minha vida. As duas.

– Espero que sumam das nossas vidas – Henrique completou.

Aquiesci.

A palhaçada que aquelas vadias havia nos feito era absurda. Mesmo assim, fiquei menos surpresa e demonstrei menos indignação do que na verdade sentia. Não queria que a noite tomasse rumos confusos. Não me interessava o que a Helena ou a Ana tinham feito, além de elas já estarem fora da jogada, não ia valer a pena se estressar a alguns dias da decisão final.

Aquilo sim estava me dando nos nervos. Sabia que tudo ia mudar depois da sexta-feira, e tentava me preparar ao máximo. Era difícil, mas não impossível. Nada é impossível para quem quer de verdade. A mudança era necessária, e se já tinha realizado tantas transformações em minha vida, com certeza poderia realizar mais uma. A última da minha lista.

E depois era só rezar para que tudo desse certo.

– Henrique... Preciso fazer uma pergunta bem séria.

Ele prestou mais atenção em mim e esperou. Largou a última taça na mesa de centro.

– Você teve alguma coisa com a Helena... Ou com a Ana Vitória após travarmos o desafio?

– Não.

– Mesmo?

– Mesmo. Não confia em mim?

Admirei seus olhos azuis por algum tempo.

– Confio.

Mudamos de assunto no mesmo instante. Evitei a conversa sobre o Jaime. Ele tinha acabado de ir embora, certamente estava passando uma noite péssima, mas tentei não me sentir culpada por estar me divertindo quando deveria estar me lamentando. Mas é que cansei de me sentir triste. Só queria tentar ser feliz, e, na companhia do Henrique, achei que isso pudesse ser possível.

Tínhamos um problemão bem diante de nós, mas nos presenteamos com o direito de não pensar sobre ele. O engraçado foi isso ser mútuo e não termos precisado combinar nada. Henrique fugia dos assuntos difíceis tão bem quanto eu, de modo que o ambiente permaneceu leve, o clima continuou suave.

Foi impossível não notar no quanto ele estava mudado. Nem parecia a mesma pessoa que eu havia transado loucamente pela manhã, e que não acreditava nos meus sentimentos. Ele estava carinhoso. Abraçava-me com constância e me beijava vez ou outra. Acredito que jamais havíamos passado por momentos tão normais. Seria assim a nossa rotina caso ficássemos juntos?

Estava torcendo para que sim. Preciso de normalidade e equilíbrio na minha vida, só assim me lembraria de que precisava agir de forma normal e equilibrada. É difícil segurar o meu gênio quando todas as coisas se rompem diante de mim, fazendo-me perder o controle. Só a estabilidade me faria bem na nova fase da minha vida. A calma e a segurança seriam as minhas salvaçãoes.

Após longas horas de um papo ameno, estávamos parcialmente deitados no sofá da sala, no andar de cima. A TV estava ligada em um programa qualquer, e as taças vazias ainda estavam na mesa de centro. Jane estava dormindo há algum tempo, e não apareceu nem uma vez sequer. Seu sono havia ficado bem pesado por causa da gravidez.

Eu havia retirado a camiseta do Henrique, e só. Ele não me tirou nada: continuei trajando um short curto de helanca e a parte de cima de um baby doll antigo e florido. Roupa de casa total, mais à vontade e natural impossível. Uma noite comum na vida de pessoas comuns.

A minha cabeça estava afundada em seu peito forte, e o meu nariz fazia questão de roubar o cheiro masculino do seu corpo delicioso. Estava de costas para a TV, pois tinha algo mais interessante para ser apreciado. Gostava de assistir a filmes de vez em quando, mas naquele fim de noite conturbada só estava disposta a fingir que não existia amanhã. Estava curtindo um estado de preguiça bem raro para alguém como eu, pois não me permito corpo mole.

– São três da manhã – Henrique murmurou, alisando-me a bochecha. – Acho que já vou. Precisamos estar inteiros amanhã.

– Dorme aqui.

Ele me olhou com mais atenção.

– Não quero arriscar.

– Arriscar o quê? – fiz uma careta divertida.



– Tirar a sua roupa e te comer aqui mesmo. Claro que vou querer fazer isso, quis fazer até então, mas não quero estragar a nossa noite.

Achei que não tinha entendido direito.

– Sexo estraga a sua noite?

– Não, meu amor – sorriu e desceu suas mãos pelos meus braços. Minha pele se esquentou, mais ainda por ter me chamado daquilo. A nova forma carinhosa com a qual me tratava trazia uma energia boa, diferente de tudo o que já senti. – Mas nosso sexo é imprevisível. Há a possibilidade de estragar.

Fiquei algum tempo apenas o encarando. Meu peito apertado quase me sufocou, mas tentei fingir que estava normal. Não consegui.

– O que foi? – Apertou a ponta do meu nariz. – Não precisa se chatear.

– Você tem medo do nosso sexo?

Henrique refletiu antes de responder. Refletiu até demais, na verdade. Levou a pergunta realmente muito a sério. Não sei se fiquei satisfeita ou assustada com a sua seriedade.

– Não, não é medo. – Suspirou. – Talvez seja, não sei definir. Enfim... Hoje, só quero normalidade contigo.

Aquiesci, achando legal ter pensado o mesmo durante todo aquele tempo. Podíamos dar certo se quiséssemos. Era uma questão de escolha, de força de vontade. Quando um não quer, dois não brigam; acredito que se um de nós estivesse sempre disposto a se dar bem, todo o restante se resolveria mais facilmente.

Porém admito que fiquei meio frustrada. Eu gosto tanto de sexo, e só estava evitando porque queria um tempo calmo com ele, não porque temia ou coisa assim. Aquele era o problema? O que o Henrique tanto temia? Ser dominado? Machucado? Até o nosso

sexo violento era gostoso, mesmo que meio traumatizante. Meus pulsos ainda guardavam marcas do nosso momento de maior loucura no quarto BDSM dele.

Eu faria de novo. Sem sombra de dúvidas. Mas acho que o Henrique não faria. Talvez eu tivesse exagerado, mas... Sinceramente, só havia sido eu. E se ele tivesse me dado mais abertura, seria muito pior. Fiz apenas o que consegui fazer.

– Não gosta de transar comigo? – perguntei logo de uma vez. Para quê ficar encucada? Amo transparência.

Henrique riu.

– Está maluca, Laura? Nem acredito que me perguntou isso. Minha nossa, eu não gosto, eu *amo* transar contigo. Você não entendeu o que quis dizer... Só não quero que a gente se machuque. Estamos na beira de um precipício, não podemos tentar nos empurrar agora. Só precisamos dar um jeito de sairmos de perto do perigo, juntos.

Suspirei. Ainda estava cismada, porém não quis discutir. Como ele mesmo disse, não queria estragar aquela noite.

Beijamo-nos uma última vez, haja vista que não quis mais insistir para que ficasse. Talvez fosse melhor mesmo ele ir embora. Vai que algo desse errado e, do nada, déssemos passos para trás? Não era bom arriscar.

O maior problema foi que a situação me fez pensar no futuro. Até quando viveríamos com medo de nós mesmos? A nossa relação explosiva precisava ser controlada. Deveria haver mais confiança, só que, infelizmente, apenas o tempo traria a rotina para as nossas vidas e faria a tal confiança ser ampliada até atingir o nível de que precisávamos para dar certo.

Era muito claro para mim que não seria fácil. Acredito que o Henrique também sabia disso.

A ficha ainda não tinha caído com relação à sua mudança de atitude. A transformação havia sido muito drástica. Não conseguia tirar da cabeça que alguma coisa tinha acontecido, algo que o Henrique não me contou. Tive vontade de lhe perguntar, pois não era possível que tivesse me perdoado tão depressa. Só não perguntei porque... Bom, não queria estragar a merda da noite.

Eu tinha tudo para estar triste e depressiva, mas não me permiti. Henrique ajudou, claro, mas escolhi ficar bem. Como disse a Jane, o sofrimento é uma questão de escolha. Tinha tantos motivos para chorar que era melhor apenas sorrir. Foi o que fiz quando acompanhei o Henrique até a porta e o vi partindo com a sua moto. Foi o que fiz quando deitei em minha cama. E quando lhe escrevi uma mensagem:

*“Eu te amo. Só não te disse pessoalmente porque não queria estragar a noite.”*

Henrique demorou bons quinze minutos para responder. Certamente foi o tempo que levou para chegar a sua casa.

*“Você tem medo do nosso amor?”*

*“Estou me livrando do medo. Mas confesso que há apenas uma coisa que não consigo deixar de temer.”*

Pensei na minha resposta depois de tê-la enviado. Percebi que estava sendo mais do que sincera.

*“Baratas? Ratos?”*

*“Não... Aranhas.”*

Sorri. Bom senso de humor é tudo. Não podia acreditar que tinha vivido tanto tempo da minha vida sem um pinguinho de diversão. Tudo era tão sério, tão preto no branco. Henrique pintou o meu mundo. Coloriu a minha história.

*“É sério, que medo é esse?”*

Ele é tão curioso!

*“Segredo. Conto depois da decisão.”*

*“Promete?”*

*“Sim.”*

Suspirei e peguei o edredom. Precisava dormir urgentemente. Dali a algumas horas precisaria estar esperta para encarar mais um dia de trabalho.

*“Boa noite, Madrasta má (que está ficando boa).”*

Foi impossível não sorrir. Ele me divertia. Admito, desde o início sempre amei isso nele.

*“Boa noite, Cinderela. Sonhe comigo fantasiada de anjo: vestida apenas com asas grandes, nada mais. E não tenha medo, irei apenas te salvar.”*

*“Nossa... Meu pau adorou.”*

Ri. Virei-me de lado e entrei em um estado meio sonolento. Sim, aquela era a nossa normalidade. Estranha e singular, mas não deixava de ser normal.

Eu me acostumaria com ela?

Eu me acostumaria com ela.

\*\*\*

*Senhor Henrique Farias*

– Entra! – falei quando ouvi batidas na porta. Laura estava tão concentrada na conclusão do projeto que acredito que não escutou. A terça-feira havia sido corrida para nós dois, mas tudo se encaixou. Não brigamos, não falamos sobre nós, não nos martirizamos, nem transamos em cima da mesa. Infelizmente para este último ponto, e felizmente para todos os outros.

Edmundo Bittencourt entrou na nossa sala, acompanhado pelo Agenor – com sua cara de mané de sempre – e por um rapaz, que não soube quem era, mas, pela sua farda, supus que fosse alguém da equipe de reparos.

– Bom dia, Henrique... – Edmundo saudou, e o saudei de volta.  
– Laura...

Ela nem se deu o trabalho de olhar para eles. Estava realmente muito envolvida, não queria ser atrapalhada de modo algum. Seu jeito sempre rude era tão normal dentro da CMD que nem o Agenor e nem o Edmundo estranharam. Na verdade eles entraram e foram logo apontando para o canto esquerdo na sala.

– Está ali.

Olhei junto por pura curiosidade. Para a minha surpresa, havia uma câmera que, juro por Deus, não tinha percebido que estava ali aquele tempo todo. Perguntei-me quando havia sido instalada, e o Edmundo, como se adivinhasse os meus pensamentos, foi logo informando:

– Solicitei a implantação do equipamento no sábado, como me pediram – disse olhando para mim, depois se virou na direção do técnico. – Seu Francisco veio instalar.

O rapaz balançou a cabeça e analisou a câmera de longe, até que foi se aproximando. Eu mal consegui acompanhar seus passos, pois cada músculo do meu corpo se enrijeceu.

– Vocês instalaram esta câmera no sábado? – Laura perguntou antes que eu pudesse ter forças para fazê-lo. Pelo visto estava prestando mais atenção em seu redor do que imaginei. Seu semblante era sério, mas sei que devia estar pirando com essa informação.

A não ser que tenha se esquecido de que transamos loucamente em cima da mesa na manhã do dia anterior, o que significa que tivemos plateia.

Meu rosto deve ter corado bastante, pois Laura me olhou durante alguns segundos e sorriu de leve. Como ela conseguia sorrir diante daquilo? Eu estava tão desconcertado, com tanta vergonha, que tive vontade de sumir. Evaporar, do nada.

– Sim, mas parou de funcionar ontem, antes do expediente – Agenor alertou, olhando para a câmera também. – Não sei o que houve com ela, é novinha em folha.

Foi impossível não suspirar de alívio. Continuei bem vermelho, pois sentia o meu rosto quente, mas meu sangue voltou a circular pelas minhas veias. Encarei a Laura, e ela ainda estava me olhando. Continuou com a mesma expressão. Sinceramente, a doida devia me ensinar a fazer aquilo. Não consigo me manter impassível.

Edmundo estava me observando quando decidi desviar os olhos da Laura. Ele balançou um pouco a cabeça, como se soubesse de alguma coisa, e depois foi ter com o técnico. Segundo ele, havia alguma coisa errada na programação do equipamento. E claro que um nome me veio à cabeça: Ana Vitória Salazar. Ela estava infiltrada até o último fio de cabelo naquela história, e depois que foi capaz de invadir o sistema, creio que seja capaz de invadir qualquer coisa dentro daquela empresa.

Pelo menos sua invasão nos trouxe uma vantagem. Foi muita sorte aquela câmera não estar funcionando. Imagina só, um vídeo amador que era um prato cheio para todos os punheteiros do mundo. Não fazia ideia de quem vistoriava as filmagens, mas a certeza de que aquilo pararia em algum site pornô era evidente. Isso sem contar que podia nos render, no mínimo, uma bela demissão.

O técnico demorou quase meia hora para reajustar e testar a câmera. Saiu de lá satisfeito, com tudo nos conformes. Agora sim estávamos seguros. Ou não. Algo me dizia que não ficaríamos seguros na CMD até o momento da decisão final. Ana Vitória havia sido afastada, e não demitida. Ninguém garante que ela não circule mais naqueles corredores, vistoriando tudo o que acontece.

Continuávamos vulneráveis. Ainda bem que a decisão já havia sido feita. Duvido muito de que a concepção que a presidência tem da Laura se modifique até lá. A mulher é perfeita em tudo o que faz. É a profissional mais empenhada que já conheci, alguém que não se cansa e nem reclama por ter que trabalhar. Sua vitória era fruto direto de seu merecimento.

Depois que os três saíram da nossa sala, Laura e eu falamos juntos:

– Caralho...

– Puta que pariu! – ela berrou. – Que porra foi essa?

Encaramo-nos durante alguns segundos. De repente, começamos a rachar de rir. Eu, particularmente, estava rindo porque as expressões dela se modificaram muito. Assim que eles saíram Laura voltou a ser aquela que tentava deixar os sentimentos crescerem dentro de si. Seu espanto foi tão visível que eu não soube onde ela tinha o escondido aquele tempo inteiro.

– Você sabe que isso não tem graça, né? – falei, ainda rindo. – A coisa foi séria.

– Eu sei, mas... É impossível parar! Que sorte do caralho! Minha nossa, não podemos mais fazer nada nesta sala. Eu nem tinha visto aquela droga – apontou para a câmera atrás de si.

– Nem eu!

E o equipamento nem era tão pequeno assim. Acho que estávamos tão empolgados um com o outro, além de preocupados com o desafio, que nem reparamos melhor nas coisas. Eu nem me admiro por não ter percebido, sou um cara meio desligado, mas a Laura é bem esperta e mesmo assim não tinha visto. Impressionante.

Rimos durante algum tempo, exaltando o tamanho da nossa sorte. Só conseguimos parar quando ouvimos novas batidas na porta: era o Edmundo. Retornou sozinho, acompanhado apenas por

uma careta indecifrável. Achei que viria merda dali. Laura deve ter achado a mesma coisa, pois voltou a fechar as expressões e se sentou à mesa maior, pronta para o que desse e viesse.

– Preciso conversar seriamente com os dois.

Não sei a Laura, mas eu congelei com aquela frase. Sentei-me à mesa também, sem mais nada dizer, e o Edmundo se sentou entre nós dois. Ele foi bem direto; contou sobre o que a Ana Vitória andou fazendo conosco. Já sabíamos da parceria com a Helena, da chave extra copiada, da invasão do sistema. Só adicionamos o boicote à câmara da nossa sala. Não me senti surpreendido em nenhum momento.

– Por que acho que vocês já sabiam de tudo isso? – Edmundo concluiu a sua narrativa com essa pergunta.

– Porque já sabemos – Laura respondeu. – Sabíamos de tudo o que estava acontecendo. Por isso que as coisas não se tornaram piores. O projeto está concluído, nós estamos bem... Vai dar tudo certo.

Edmundo afundou na cadeira.

– Não fazem ideia do quanto estou chateado com a situação. Conheço a Ana há muitos anos. Ela sempre foi geniosa, mas o que ela fez com vocês... Não tem explicação. Ainda estou tentando entender o que houve. Descobrimos outras situações a envolvendo... Ana fazia o que queria aqui dentro. Já houve mais de cinco demissões de ontem para hoje.

Assobieei. A CMD estava mesmo em crise, afinal, estávamos falando de um membro importante da presidência. Um escândalo deste tipo não faz bem para o andamento da construtora. Em contrapartida, estava satisfeito porque todo mundo descobriu a tempo de dar em merda. Tudo o que tentaram fazer conosco não funcionou. Na verdade creio que só nos fortaleceu, aumentou a nossa vontade de querer que desse certo.



O que quase nos destruiu foi apenas o nosso orgulho. O que talvez nos destruísse continuava sendo ele.

Ah, e também tinha o Jaime. Não era a Ana ou a Helena que nos separaria, mas o Jaime podia fazer isso muito bem. Na verdade, só de pensar nele, acabei encarando a Laura com raiva. Não fazia ideia de quais eram os motivos da maluca ainda não ter terminado com o idiota. A demora não me entrava na cabeça.

Tentei espantar os meus pensamentos, pois toda vez que seguia aquele rumo, pensava em desistir. Era o único ponto que me fazia desconfiar totalmente da Laura, como se tudo o que conhecesse dela fosse mentira. Mas eu queria confiar – havia decidido isso assim que a Helena falou da minha derrota –, queria me manter firme até a decisão. Contudo, a esperança que eu nutria se rompia completamente com a presença do escravo sexual na vida dela.

– Vamos ficar espertos – Laura falou, mas estranhou um pouco quando olhou para mim. Com certeza por causa da minha imensa cara de bunda. – Ela não vai nos atingir.

– Eu mesmo vou cuidar para que isso não aconteça – Edmundo estava mesmo resolvido a nos ajudar naquela. – Não só apenas até a sexta-feira, mas vocês irão precisar de segurança após a decisão.

– É verdade – murmurei. Ainda pensava no “*personal fodation tabajara*”. Todas as lembranças que eu tinha daquele cara me assombravam. O desânimo invadia a minha alma quando imaginava o imbecil e a Laura juntos.

Edmundo foi embora depois de ter pedido mil desculpas por tudo, em nome da empresa. Continuei com a minha cara de poucos amigos.

– O que aconteceu? – claro que a Laura foi logo perguntando.

– Nada.

– Anda. – Apoiou os cotovelos na mesa e fez as rodinhas da cadeira se agitarem até se aproximar de mim.

– Já disse que não é nada.

– Affe... Não tenho tempo não, Henrique. Vamos, diga logo. Que bicho te mordeu? Algo errado no que o Edmundo falou?

– Não. – Levantei-me da cadeira e bufei. – Preciso ir à contabilidade verificar como as coisas estão funcionando depois da saída da Helena.

Laura fez cara feia. Não gostou do meu desvio de assunto nada triunfal.

Levantou-se da mesa também e se aproximou demais de mim. Afastei-me, dando alguns passos para trás, e apontei para a câmara. Gemeu em frustração.

– Argh. Nem um beijinho?

– Nem pensar, Laura Diniz.

Dei as costas e fui embora antes que colocasse alguma coisa a perder.

Eu havia me esquecido do Jaime e da indecisão da Laura. Estava fazendo mil planos como se as coisas dependessem apenas de mim, mas a verdade é que nada vai dar certo se a Laura não se livrar do mucamo particular.

As ideias me irritaram tanto que passei a terça-feira inteira afastado da diretoria. Aproveitei que a contabilidade estava um caos sem a Helena e fui reorganizando tudo, tentando me distrair como podia. Decidi que pegaria as minhas coisas na direção e retornaria à minha sala quente de sempre só após a decisão. Não queria dar bandeira, deixar a Laura desconfiada. Ela não podia saber do resultado antes da hora, não ia dar certo. Não me sentia bem por estar omitindo uma informação tão importante, mas o fato de ela saber que vai me dominar pode colocar muitas coisas a perder.

Podemos nos magoar antes do pagamento da aposta. Além de que não sei se estou pronto para as coisas que ela vai me dizer quando souber. O meu ego estava desesperado, e o meu orgulho, idem. Apenas o amor se sentia o máximo, estava ansioso e relativamente tranquilo.

Contudo, de um modo geral, sentia-me uma verdadeira bomba relógio. Podia explodir a qualquer momento: amanhã, depois de amanhã, no mês que vem. Era algo muito indefinido, portanto não era prudente correr riscos.

À meia-noite da terça, depois de ter passado o dia inteiro evitando a Laura, decidi lhe mandar uma mensagem:

*“Olha só quem está voltando a te sacanear nas doze badaladas.”*

Laura demorou a responder. Logo pensei que talvez estivesse com o escravo. Sentime um idiota completo, ainda mais porque não tinha conseguido dar o gelo que ela merecia. Eu devia estar muito menos romântico e bem mais indiferente.

*“Aleluia”*, respondeu depois de quase meia hora de arrependimento da minha parte.

Nosso contato naquela noite se resumiu a isso. Decepcionado, articulei vários cenários da vadia dando para o Jaime. Meu ódio crescia e crescia, os gemidos dela não saíam da minha cabeça. Cada segundo me martirizava.

Tentei dormir, mas não consegui. Era impossível não me desesperar. Seria dominado pela Laura no sábado, mas como fazer isso sem confiar nela? Como acreditar em nosso futuro? Quanto mais pensava e media os meus sentimentos dúbios, mais me dava conta de que tudo acabaria em merda.

Na quarta-feira me mantive retraído. Laura puxava assunto de vez em quando, porém estava tão ocupada que consegui ter paz durante todo o dia. Jane ligou, lembrando-a de que naquela tarde

estavam marcados médicos para ambas, por isso, após o almoço, trabalhei sozinho até o fim do expediente. Laura conseguiu uma dispensa com muita facilidade.

De novo, assim que o meu relógio de cabeceira marcou meia-noite, dei uma de otário e acabei mandando outra mensagem:

*“Como foi no médico? Espero que esteja bem.”*

Demonstrar a minha preocupação só me fez mal. Não saber se a Laura merecia aquilo era tão ruim quanto se soubesse que não merecia. Contudo, daquela vez, ela respondeu rápido:

*“Aparentemente não terei outro ataque.”*

*“Isso é bom”,* respondi.

*“Sim. Estarei inteira para acabar com a sua raça.”*

Congelei. Caramba, ela não fazia ideia de que realmente acabaria com a minha raça. E eu já não sabia mais de que forma me preparar para aquilo. O tempo passava e eu me sentia cada vez menos pronto, em vez de o contrário.

Não tive coragem de responder nada, por isso a Laura continuou:

*“Não precisa temer o nosso sexo.”*

Não soube se ria ou se chorava. Respondi-lhe apenas com um “boa-noite” e desliguei o meu celular. A última palavra seria minha. Se bem que, àquela altura, não adiantava ter a última palavra, se a última ordem não me pertenceria.

\*\*\*

– Você está me evitando.

Laura concluiu o longo, cansativo e nervoso expediente de quinta-feira com esta frase. Estava inclinada sobre a minha mesa,

as mãos perto do teclado do meu computador e o olhar amarelado me desafiando como há algum tempo não fazia.

A decisão seria na tarde do dia seguinte, e eu estava tão perturbado que tinha decidido não pensar mais sobre aquilo. Só deixaria o tempo passar e torceria para que as coisas fossem mais fáceis do que pareciam ser nos meus pensamentos. Sabia que a Laura estava uma pilha. Ela roeu algumas unhas depois que me avisou que o projeto estava pronto para ser entregue à análise. Além de que deve ter tomado mais de vinte xícaras de café.

Dei de ombros. Pensei em trezentas mil respostas, mas nada conseguiu sair da minha boca.

– Que decepcionante, Henrique! Está com medo?

– E você não?

Ela se ergueu, ficando com a coluna ereta.

– Não.

– Duvido muito. – Resolvi desafiá-la, mesmo que, no fundo, não estivesse em condição de fazê-lo. – Deve estar morrendo de medo. Sonhando com o meu chicote bem na sua bunda.

Conseguí fazer o que queria, e me diverti internamente. Laura esbugalhou os olhos, demorando um pouco para se recompor e voltar a me encarar com firmeza. Só porque perdi não significava que não podia brincar um pouco. Pressão psicológica na Laura é o meu hobby mais legal. Sempre foi.

– Pois fique sabendo que não estou com medo.

O modo como disse a frase já negou logo de cara. A mulher estava tão nervosa que mal raciocinava com clareza.

– Não está com medo? Mesmo? – falei em tom de desafio. Na verdade quase rosnei.

Levantei-me da cadeira e deixei meus olhos sobre os seus durante um bom tempo. O Henrique dominador estava abalado, mas ele existia e podia sobreviver até o sábado. Ainda era quinta e podia fazer o que bem entendesse, inclusive fingir que não tinha perdido o controle. Inclusive ter o controle.

Foi então que uma ideia maravilhosa veio à minha mente.

– Estamos em uma sala monitorada, mas sei de um lugar onde você pode me provar que não está com medo.

Laura sorriu maliciosamente. Continuei sério, tentando deixar os meus olhos sempre firmes, mostrando que irão comandar assim que tiverem um pouco de abertura.

– Onde?

Olhei para os lados como se tentasse achar alguma coisa, mas não parei para ver nada em específico.

– Encontre-me daqui a dez minutos em frente ao elevador de serviço.

Ela aquiesceu. Continuou sorrindo, sem fazer ideia do meu plano. Se soubesse, aposto tudo o que tenho que a louca não sorriria assim.

Já passava das sete e meia da noite, o expediente normal havia acabado e o andar da direção estava vazio. Deixei Laura na nossa sala e fiz uma vistoria completa, queria ter a certeza de que não haveria imprevistos. Parei em frente ao elevador de serviço e o chamei. Ninguém que não equipe de limpeza e manutenção usa aquele elevador, e àquela hora todos já deviam estar em seus devidos lares.

Ele chegou em menos de dois minutos. Não estava tão longe assim do andar da direção. Foi o tempo que a Laura levou para aparecer toda desconfiada.

– O que está fazendo?

– Por enquanto, nada. – Sorri. – Podemos ir? – Coloquei a mão na porta que se abriu depois que o elevador chegou.

– Para onde? – Fez uma careta feia.

– Vem. – Peguei a sua mão e entramos. Apertei o botão da garagem, pois provavelmente era o andar mais deserto e seguro. Teríamos tempo caso alguém chamasse o elevador.

Assim que as portas se fecharam, virei-me e encarei a Laura por um segundo eterno e sufocante. Ela estava um pouco assustada, mas não hesitei. Quase me atirei em cima dela; encontrei a sua boca e a levei até uma das paredes do elevador. O espaço era pequeno, mas o bastante para o que eu queria. Dava de sobra.

Levantei a saia dela e puxei suas pernas para cima. Apertei-as até lhe provocar dor, e até que entendesse quem era que estava mandando. Sua reação foi grosseira, começou a se debater, mas em vão. As mãos puxaram o meu cabelo até separar nossos rostos.

– Enlouqueceu?

– Desde que te conheci – rosnei alto e afundei o meu rosto em seu pescoço. Comecei a distribuir mordidas sem pena.

Laura gritou.

– Saia! Vamos, saia!

Empurrou o meu peitoral com força. Absorvi a dor e continuei a apertando enquanto mordida. O meu pênis já estava ereto desde que tinha imaginado a cena. Naquele momento, então, chegava ao ponto de me incomodar.

– Vou te foder todinha – murmurei em seu ouvido, louco de tesão.

Ela rosnou, mas parou de chacoalhar a perna. Puxou o meu cabelo com tanta força que fiz uma careta.

– Se continuar me tocando assim vai se arrepender.

– Tente fazer eu me arrepender disso. Este é o nosso sexo, Laura. Nosso verdadeiro sexo. – A frase foi mais do que um recado. Queria que ela entendesse que éramos dois dominadores, independentemente de apostas ou sentimentos. a verdadeira liberdade da qual gozávamos só seria ampla se agíssemos de acordo com o que somos.

Eu queria a chance de ser eu antes do fim. Precisava submetê-la, mesmo havendo consequências. Claro que tinha medo de me machucar e de machucá-la, eu havia cultivado o medo durante toda a semana. Aquele ato foi movido pelo desespero, mas eu estava precisando alcançar o auge de nós dois. O limite do nosso orgulho e poder. O modo mais autêntico como podíamos nos amar.

Encontrei seus lábios novamente, e ela me mordeu. Rosnei.

– Eu te odeio! – murmurei e apertei-lhe a bunda com força, como se quisesse rasgar a sua pele. Ela gemeu, e sentimos o elevador parar. Havíamos chegado à garagem. A porta se abriu, mas a Laura se inclinou e apertou o botão para que fossem fechadas. No caminho, abocanhou a minha testa. – Argh!

– Eu te odeio pra caralho! – vociferou depois que desistiu de engolir a minha cabeça. – Vou acabar contigo!

Sim, ela ia acabar comigo, mas eu teria a minha chance antes disso.

– *Eu* vou acabar contigo – foi a resposta dada por mim antes de perceber que suas pernas estavam esmagando a minha cintura. Mantive a naturalidade e aproveitei a chance para lhe soltar as coxas.

Laura vestia uma blusa azul-marinho feita de um tecido gostoso. Tinha alças largas, e o corte combinava com a saia preta social. Não podia despi-la por completa por causa da exposição



demasiada, mas ergui o tecido junto com um sutiã preto, e caí de boca em seus deliciosos seios.

Minhas mãos navegaram o seu corpo enquanto tentava arrancar o meu terno. Foi complicado, mas facilitei um pouco para que conseguisse. Estava cada vez mais quente dentro do elevador, por isso foi muito bom me livrar de uma vestimenta demasiadamente quente.

Laura ergueu a minha camisa até onde deu e encontrou a gravata. Enrolou-a na mão, mantendo a rédea curta. Dei lambidas prolongadas na ponta de um seio e a encarei enquanto o fazia. Ela estava com uma expressão desejosa, com direito a lábios carnudos entreabertos.

– E se alguém nos vir? – perguntou em um sussurro que foi quase um gemido.

– Foda-se.

Sorriu maliciosamente e, num raio de segundo, fechou as expressões. O olhar dominador retornou com força total. Precisava me acostumar com ele, embora fosse impossível, pois era o que eu veria no sábado.

Foi então que eu me lembrei do infeliz do Jaime. Será que aquele era o mesmo olhar que ela usava para submetê-lo. Provavelmente, sim.

Afastei-me um pouco, mas não adiantou. Laura, que estava presa a mim, acabou vindo junto, apoiando-se no meu pescoço. Novamente, fiquei admirado com o fato de ela ser tão pequena e leve. Minhas mãos deixaram os seus seios e a apoiaram pelas costas. Bufei, frustrado. Um ódio tão grande se apossou de mim que eu não soube se ia embora ou se acaba com aquilo de vez. Escolhi a segunda opção porque... Bom, porque sou homem e era questão de honra foder aquela mulher até ela pedir arrego.

Ouvi um gemido alto e sofrido.

– Não vou te poupar, Laura Diniz – falei como um louco.

Ela gemeu ainda mais alto e se debateu, obrigando-me a apoiá-la novamente na parede do elevador. Usou a coluna para se firmar e movimentou as pernas com habilidade. Não sei como a maldita fez aquilo, mas consegui escalar o meu corpo. Terminou com as pernas em volta do meu pescoço. Precisei apoiá-la pela bunda de novo. Foi muito louco.

Puxou o meu cabelo e a minha boca encontrou o tecido cor-de-rosa de sua calcinha. Laura ergueu ainda mais a saia, deixando-a na altura da cintura. Prendeu-me com tanta força que fiquei meio sem fôlego.

– *Eu* não vou te poupar, Henrique Farias.

Ela mesma puxou a calcinha para o lado. Usou muita força, por isso o tecido estalou. Com uma mão, ajudei-a a concluir o serviço: a calcinha se partiu em duas. Cheguei a sorrir quando aconteceu.

– Você vai me chupar até me fazer gozar na sua boca – foi a sua primeira ordem. E o timbre da sua voz não deixou dúvidas: havia sido mesmo uma ordem.

Pensei em não acatá-la, afinal, aquele era o meu momento, o dela só viria depois. Mas eu tinha dois grandes motivos para enfiar a minha língua na Laurinha e chupá-la loucamente:

1 – Eu realmente queria que gozasse na minha boca.

2 – Haveria consequências para ela também.

A primeira consequência veio depois de dois minutos afundado na Laurinha, tendo uma cintura se contorcendo como louca bem diante de mim e arquejos misturados com gemidos. A tapa que eu dei em sua bunda ecoou dentro do elevador. Nem esperei a rebordosa e já fui desferindo a segunda.

Laura se agitou bastante, apertando ainda mais os meus cabelos. Quase morri sufocado quando forçou a minha cabeça

contra a Laurinha. Dei o terceiro tapa. Aquele doeu até em mim, literalmente, visto que senti a minha mão assar. Agitei a minha cabeça, procurando movimentos mais velozes.

– Assim... Continua – pediu. Ou mandou, sei lá. Sua voz estava mais suave, porém eu obedeci mesmo assim.

Prossegui com os movimentos até sentir a Laura começar a tremer. Curvou-se para frente, e precisei segurá-la com mais força para que não caísse. Senti o líquido do seu prazer em minha língua. Quase pirei. Ela gozou rosnando em vez de gemendo, pareceu um animal feroz.

Segurei a parte interna de suas coxas, obrigando-a a me soltar. Coloquei-a de pé com cuidado, mas logo voltei a lhe puxar os cabelos com uma mão. Abracei a Laura pela cintura só para despistar, depois a empurrei para baixo até que se ajoelhou com força no chão.

– Meu joelho!

Encarei-a de onde estava. Meus olhos pegaram fogo. Estava pouco me lixando, sério. Só pensava na minha dominação.

– É pra sentir dor mesmo – sussurrei baixinho enquanto me livrava do cinto. Desabotoei a calça e abaixei a minha cueca, deixando o meu pênis livre. Laura o olhou por um tempo prolongado, sem nada fazer. – Chupe – mandei.

– Não vou me ajoelhar diante de você, Henrique.

– Chupe – mandei com mais firmeza. Nem eu reconheci a minha voz. Laura segurou o meu pau com as duas mãos. Chacoalhou-o um pouco. Pareceu muito indecisa. – Tente me desobedecer, Laura.

Encarou-me. Seus olhos não estavam mais dominadores, muito pelo contrário, exalavam um medo avassalador. Não me atingiu. Aquele era o meu momento.

Toquei-lhe o queixo, apertando-o com força calculada.

– É assim que não teme o nosso sexo? Você morre de medo de nós, Laura Diniz. – A mão que lhe prendia os cabelos pendeu para o lado. A cabeça dela foi junto, fazendo-a gritar.

– Filho de uma puta. Cretino.

Depois de mais alguns movimentos loucos, empurrei seu rosto de encontro ao meu pênis ereto. Ela enfim decidiu me obedecer: abriu a boca e me envolveu até onde conseguiu. Olhou para mim novamente, e amei admirar o terror dentro deles. Sua boca começou a trabalhar daquele jeito que só ela sabia fazer. A sensação que eu tinha era a de que morreria a qualquer momento, mas o meu coração batia tão forte e a vida me parecia tão atraente que, sem explicações, permanecia vivo.

Ela guiou suas mãos pela lateral da minha cintura, subindo e manuseando a minha pele entre os dedos. Parou na minha barriga. Estava despreparado quando cravou as unhas em mim. Senti muita dor, por isso rugi. Quando olhei para Laura novamente, a maldita continuava me chupando, porém seus olhos haviam mudado de novo. Era incrível como ela conseguia fazer aquilo. Não deixava de me admirar com a sua capacidade de me tirar do sério.

Continuei gemendo e rosnando, tentando sentir alguma coisa boa com a mistura explosiva que compunha a dor e o prazer. Confesso que senti um tesão dos infernos. Movimentei meu braço para frente e para trás, fazendo-a me chupar duro, na velocidade que eu queria. Na verdade queria tê-la em mim, mas a sua boca era tão perfeita que não tinha pressa alguma de pular a etapa. Só me concentrava para não gozar quando a vontade aparecia, vinda da profundidade das minhas entranhas.

Laura permaneceu ajoelhada diante de mim, exatamente como disse que não faria. Só isso me trazia um júbilo fora do comum. Ganhei a minha noite exatamente naquele instante, embora soubesse que só estávamos no começo.

Ela começou a usar mais língua do que lábios, atiçando-me completamente. As mãos ainda percorriam o meu corpo e me provocavam dor em diversos pontos. Eu ficaria todo arranhado, com direito a manchas vermelhas e tudo, mas pouco me importava. Deixei o depois para depois.

– Eu vou gozar na sua boca, mas não agora – alertei, puxando-a de volta para cima.

Laura se levantou meio trôpega, quase caiu no chão de novo. Eu não estava sendo cauteloso, tocava-a com firmeza e resquícios de grosseria. De alguma forma, aquilo estava fazendo com que eu colocasse todo o meu ódio para fora. Puxei-a pela cintura. Foi do nada que a Laura simplesmente me deu um tapa na cara.

Pendi para o lado e a soltei, mas a maldita me segurou pela gravata de novo. Puxou-me com força até fazer nossos corpos colarem. Não sabia o que aquela baixinha metida a merda queria, estava puto de ódio pelo tapa, mal acreditando que pudesse ser tão inconsequente.

Ela escalou o meu corpo novamente, dando um pulo calculado para envolver as pernas na minha cintura. Nossos sexos se encostaram, meio sem jeito. Segurei-a porque não havia outra opção, ainda estava indignado com a tapa. Seu rosto parou diante do meu.

Tive uma ideia fantástica. Juntei um monte de cuspe e, segurando-me para não rir antes de concluir a minha façanha, cuspi bem na cara dela.

– Argh! Infeliz! – Limpou um olho e parte da bochecha com a ponta da minha gravata e se remexeu como uma maníaca, tentando sair de mim. Pena que eu já estava a segurando com firmeza.

Minhas mãos lhe apertaram a bunda. Afastei-a um pouco só para conseguir nos encaixar. Consegui depois da terceira tentativa, e depois que a Laura desistiu de tentar fugir. Não tinha escapatória. Aquele era o nosso sexo, ou ela aceitava que tudo que me fizesse

teria consequência, ou se afastava de mim de uma vez por todas. O mesmo servia para mim. Tudo que eu fizesse teria consequências, tinha consciência disso. Comecei aquilo totalmente ciente.

O primeiro choque foi incrível. Senti a Laura de uma vez, sem lhe dar um tempinho para conseguir me envolver todo. Simplesmente empurrei sua boceta deliciosa conta o meu pau... Ops, a Laurinha. Ri dos meus próprios pensamentos enquanto movimentava a sua bunda, guiava nossos choques e enlouquecia com cada um deles.

Afastei a Laura da parede para lhe remover qualquer espécie de apoio. Seu corpo pendeu sobre o meu, e minhas mãos comandaram todo o movimento. Ela gemeu e berrou, chamando-me de nomes feios, jurando que acabaria comigo e, contradizendo tudo, mandando-me ir mais rápido. Tentei e tentei ir mais depressa. Quanto mais rápido íamos mais eu dava um jeito de acelerar.

Laura mordeu o meu queixo em certo momento, e seu corpo voltou a tremer. Percebi que estava gozando quando quase arrancou a minha pele. Não provocou ruído algum, mas o modo como seu corpo estava sobre o meu não negava que havia gozado deliciosamente.

Precisei me controlar ao máximo para não ir junto. Já estava todo suado pelo grande esforço, mas não queria parar nem tão cedo. Ela também estava suada. O perfume feminino que exalava me fazia surtar. Seu cheiro era delicioso, e eu já era capaz de reconhecê-lo há algum tempo.

Depositei-a no chão e a virei de costas para mim. Dei um verdadeiro abraço de urso, fazendo seu corpo magnífico ficar inteiro contra o meu. Beijeilhe o pescoço e fui descendo pelos seus ombros.

- Nem pensar, Henrique – avisou.
- Estou pensando muito hoje, Laura.

Com uma mão consegui fazer o meu pau penetrá-la por trás. Laura se agitou muito, novamente tentando fugir. Não me importei, só queria fodê-la e ponto final. Retomei o nosso vai e vem em um ritmo acelerado. Ela demorou muito a se render à posição, mas enfim parou de se debater.

Distribuí mordidas em toda parte de sua pele que encontrei exposta, mesclando-as com beijos e lambidas. Senti o ar faltar nos meus pulmões, e só então reparei que ela tinha começado a me puxar pela gravata. Eu estava quase morrendo sufocado daquele jeito, mas a maldita não me largou por nada. Comecei a fodê-la com ainda mais grosseria.

Seus gemidos se intensificaram bastante. Sem pensar em nada, desferi-lhe um golpe certeiro no rabo empinado só para mim. O ruído que provocou me fez fechar os olhos e quase gargalhar. Só não o fiz porque tentava respirar como podia. Algo me dizia que a Laura não me largaria por nada, e eu seria idiota se a subestimasse.

Eu estava quase gozando quando ela decidiu se debater de novo. Pegou-me desprevenido, e a força que colocou para me empurrar fez com que eu parasse na parede oposta do elevador. Meu corpo terminou curvado para frente, visto que fiquei preso pela gravata.

Laura se virou e caminhou vagarosamente até mim, observando-me com o modo dominador ligado. Usando muita força, empurrou a gravata para baixo. Tentei não seguir o caminho até o chão, mas eu estava realmente sem ar. Só me restou fazer o que ela queria, e não achei tão ruim quando, recusando-me a ficar de joelhos diante dela, decidi me sentar de uma vez. Ela veio como uma leoa para cima de mim, encaixando nossos sexos novamente.

Os sapatos de salto alto que calçava ficaram na lateral do meu corpo, apoiando pernas lindas totalmente arqueadas. Sei que o joelho dela devia estar doendo – o fato de ela não estar usando a faixa não significava que estava cem por cento curada –, mas a maluca se movimentou sobre mim como uma condenada.

Só largou a minha gravata quando percebeu que eu estava morrendo. Não apenas de tanto tesão. Sentia o meu rosto gelado, como se tivesse ausente de sangue. Ela apoiou suas mãos nas minhas pernas, atrás de si, e acelerou ainda mais os choques. O barulho que nós provocávamos ecoava de um jeito legal pelo elevador.

– Não dá, eu vou gozar... – murmurei e me curvei para frente, a fim de voltar a enrolar seus cabelos em minha mão. Consegui com algum custo. Puxei sua cabeça para o lado e a empurrei com a outra mão, forçando-a a nos desencaixar. – Quero a sua boca.

Laura obedeceu. Esgueirou-se e me abocanhou com vontade. Não demorou nem um segundo e eu já a preenchia. Fechei os olhos e subi ao paraíso com aquela boca carnuda me tomando. Quando voltei, Laura já tinha subido em cima de mim de novo, porém sem nos encaixar. Desta vez, estava apoiada no chão pelos joelhos, e não pelos saltos. Seus olhos amarelos me observavam com curiosidade. Eu havia gozado tão gostoso que tinha perdido um pouco a noção do que era real.

Toquei-lhe a lateral do rosto. Era difícil definir o que eu estava sentindo. Não era ódio. Não era decepção. Não era nada que me fazia sentir arrependimento. Muito pelo contrário, era uma coisa que fazia com que eu me sentisse grato por estar vivo. E, principalmente, por estar com ela.

– Diga, Henrique. Por favor. – Alisei a sua boca com a ponta dos meus dedos.

– Dizer o quê?

– O oposto do que me disse quando essa loucura começou.

Laura juntou nossas testas. Entendi na hora o que ela queria. Suspirei. Abri a boca e a fechei logo em seguida. Não conseguia. Ela aquiesceu e nos afastou um pouco. Olhos frustrados me encararam com tristeza.



Laura tentou se levantar, mas segurei as suas mãos. Curvei-me para frente e a trouxe para ainda mais perto. Apoiei-a em minhas pernas, enquanto senti as dela ir para frente e circundar a minha cintura.

– Eu te amo – falei, e senti meus olhos marejarem. Foi uma frase forte demais, muito significativa. Nunca a senti com tanta força.

Laura arfou. Balançou a cabeça em negativa.

– Eu te amo pra caralho... – murmurou e sorriu tristemente. – E não tenho medo do nosso sexo.

Claro que não tinha. O nosso direito de defesa existia em nosso sexo, e Laura sabia se defender. Percebi que eu não o temia, na verdade. Temia mesmo era perder a minha defesa, como sei que iria acontecer no sábado. Ela também temia perder a sua defesa, sei disso.

– Se você ganhar... Não me poupe, Henrique.

Sorri. Se ela soubesse... Bom, mas as suas palavras serviram para que eu confirmasse a minha teoria de que ela jamais permitiria que eu não consumasse a nossa aposta como se deve. Laura é muito corajosa.

A sua coragem acabou me atingindo. Estava sendo um medroso covarde temendo a sua dominação. Ainda mais sabendo que ela encararia a minha com a cabeça erguida.

– Não me poupe, Laura.

Eu ia encarar com a cabeça erguida. Em nome do nosso futuro. Em nome de tudo o que somos.

O fim não podia ser aquele.

## 25º Capítulo

*Doutora Laura Diniz*

Sentia o peso do fim bem nas minhas costas. A carga era tão pesada que me deu dor de cabeça assim que o sexo louco com o Henrique no elevador terminou. Conseguia visualizar todo o nosso desespero; a verdade era que nós dois morríamos de medo de tudo, só éramos orgulhosos demais para admitir em voz alta.

– Deixei as minhas coisas lá em cima – avisei depois que conseguimos vestir nossas roupas. Estava quente pra caralho naquele elevador, e o cheiro de sexo misturado com o nosso perfume pairava no ar.

– Vamos subir.

Henrique apertou o botão que indicava o andar da diretoria. Abraçou-me lateralmente e não me largou nem quando as portas se abriram. Saímos juntos, e ele fez nossas mãos permanecerem entrelaçadas. Se aquilo não fosse tão reconfortante diria que era estranho. Parecíamos ter dado trezentos passos para frente, mas sabemos que apenas um para trás era o bastante para nos distanciarmos de vez.

Nosso relacionamento era uma corda bamba. Precisávamos de um equilíbrio perfeito, uma harmonia que só a experiência e muito treino podia nos dar. Evoluímos nossa relação no meio de uma montanha-russa, fizemos malabarismos e concluímos como dois loucos profundamente apaixonados e temerosos, que não abrem mão de seus orgulhos e muito menos um do outro. Somos uma contradição tão grande – somos tão diferentes em tantos sentidos, mas ao mesmo tempo tão iguais – que a única coisa que nos sobra é a vontade de fazer dar certo.

Eu me sentia pronta para fazer a minha parte.

Caminhamos pelo corredor principal do andar da diretoria. Não havia ninguém por ali, e, por um minuto, aquele ambiente era só nosso. Olhamo-nos algumas vezes, ora sorrindo ora muito sérios. O percurso até a nossa sala nunca foi tão longo, mas ao mesmo tempo tão perto. Conversamos sobre muitas coisas sem nada precisarmos falar.

Foi quando chegamos próximos à nossa sala que visualizamos um vulto. Eu levei um susto, e o Henrique, mais controlado, acendeu a luz daquele corredor. Nosso espanto foi enorme. Ana Vitória Salazar, a cachorra vadia em pessoa, estava ali, bem na nossa frente.

Minha primeira reação foi verificar a porta da nossa sala. Estava aberta.

Não era de se admirar que a raiva crescesse dentro de mim. O que aquela nojenta estava fazendo? Qual era a sua mais recente maldade?

– O que faz aqui, sua miserável? – berrei, já me aproximando. Senti a mão do Henrique deixar a minha; ele estava me dando sinal verde para acabar com a raça dela. Nunca me senti tão bem por causa disso. Ele confiava em mim, sabia que eu era boa de briga.

Sentime invencível. Ainda mais capaz de colocar aquela cara sebosa no chão. Qual homem deixaria a sua mulher entrar numa briga, assim? Nenhum. Eles não confiam que a gente possa ganhar um embate físico. Ficam com medo, temerosos. Mas não o Henrique. Ele me conhece. Naquele instante, percebi que ele realmente me conhecia e confiava em mim.

Ana Vitória nos analisava com pavor encravado nos olhos. Deu alguns passos para trás. Sua covardia me enojou, mas me fez não lhe dar um murro na cara tão depressa. Só parei diante dela e esperei, atenta a tudo.

– Vou verificar o que ela fez em nossa sala, Laura – Henrique disse e entrou. Fiquei satisfeita. Ele não somente acreditava que eu venceria a briga, como me deixou sozinha com ela, sabendo que eu me viraria bem.

– Você só pode ter comido bosta estragada – murmurei, morta de ódio. – Pirou de vez. Desista, Ana.

Ela sorriu de um jeito bem azedo.

– Quero ver esse namorinho de vocês durar. – Sua voz estava muito esquisita. – Amanhã é a decisão, e eu perdi a minha voz na presidência. Por culpa sua. Não pense que vai ficar barato, Laura. Sua vitória vai te colocar no chão muito rápido.

Fiz uma careta.

– Do que está falando?

– Quero ver o Henrique te defender quando você for a chefe dele. Sei o quanto é terrível e gosta de pisar. Esse relacionamento de merda não dura nem mais um mês. E se durar, eu mesma cuidarei para que não passe disso.

Eu estava totalmente mortificada. O que a Ana estava tentando me dizer? Que eu ganhei o desafio? Que vou ser a nova diretora geral?

Fiquei olhando para ela como uma babaca. Não podia acreditar no que tinha acabado de falar. Suas ameaças não me abalaram, não do mesmo modo como saber que havia vencido. Engoli em seco, tentando manter o controle do meu corpo. Estava quase pirando, mas nunca daria uma de fraca na frente dela.

– Fique sabendo, sua bandida, de que nada que fizer irá nos atingir.

A maldita de uma figa sorriu, e então o Henrique apareceu.

– Está tudo no lugar. O que fez, Ana? Vamos, não temos tempo para você.

– Não fiz nada. Não deu tempo. – Ela foi passando por nós, indo na direção dos elevadores comuns. – Você vai me agradecer um dia, Henrique. Quando essa louca sair da sua vida, vai me agradecer.

Ele fez uma careta irônica bem engraçada, que dizia: “sério, maluca?”, e voltou a me abraçar lateralmente.

– Vamos, Laura.

Entramos em nossa sala e fechamos a porta. Eu ainda estava fora do ar com o que a vadia tinha me dito. Sentia uma cachoeira de emoções que me fizeram perder a noção de tudo e de todos.

– Você está bem? – Henrique perguntou baixinho.

– Estou.

Só me restava omitir aquilo até descobrir o que fazer a respeito.

Pegamos as nossas coisas em silêncio e voltamos à garagem pelo elevador comum. Aparentemente não havia adiantado de nada termos trocado a maçaneta da nossa sala, por isso recolhemos tudo o que era muito importante e resolvemos levar para casa. O nosso projeto já estava salvo e em segurança, portanto não havia possibilidade de perdermos o trabalho.

Henrique começou a rir do nada.

– O que foi?

– O elevador. Era a minha ideia inicial.

– Como assim?

– Quando tudo começou... Pensei em mil maneiras de transar contigo o mais depressa possível, e tinha combinado de te arrastar

até o elevador de serviço. Passei uma semana estudando a possibilidade, mas acabou dando tudo errado.

Sorri em resposta.

– Você é tão idiota. – Ele se calou, porém continuou rindo. – Mas eu amo. – Segurei a lateral do seu rosto, soltando-a depressa porque as sacolas que eu carregava estavam pesadas. Ele nem podia me tocar por estar carregando uma caixa recheada de documentos.

– Como vai para casa? – perguntou.

– Dirigindo, oras. – Pisquei um olho.

Ele fez cara de total espanto.

– Como assim, dirigindo?

Parei de repente. Estávamos diante do meu carro. Enrolei-me toda para alcançar as chaves dentro da minha bolsa. Henrique ainda esperava a resposta, mas só a forneci quando achei as chaves e consegui desligar o alarme.

– Voltei a dirigir.

– Quando?

– Quando decidi me livrar de todos os meus medos.

Abri o porta-malas e fui colocando as sacolas dentro dele.

– Não é perigoso?

Encarei-o.

– Uma medrosa que não vive porque tem medo de ter um ataque ao volante é perigoso. Uma mulher corajosa que sabe que não vai ter um ataque ao volante não representa perigo algum.

Ele sorriu de um jeito lindo. Muito lindo mesmo. Precisei pular no pescoço dele depois que descarreguei todas as sacolas. Dei-lhe

um beijo meio sem jeito por conta da caixa que ainda segurava, mas deve ter entendido que eu estava feliz porque ele estava feliz por mim.

Foi olhando em seus olhos que descobri que não devia me sentir confusa com o que a Ana havia me dito. Eu sabia a solução há algum tempo. Tudo daria certo. O controle estava comigo. Não podia ser mais pertinente ter ganhado o cargo. Alguém lá em cima tinha me dado a chance de voltar a ser feliz. E eu iria aproveitá-la. Não a deixaria escapar.

– Sabe... Acho que não funcionaria – falei depois que lhe larguei.

– O quê?

– A ideia do elevador. Naquela época não funcionaria como funcionou hoje.

Sorriu.

– Com certeza não.

– Prova de que tudo só acontece quando tem de acontecer.

Henrique continuou sorrindo lindamente, até que parou e franziu a testa.

– O capacho particular não deve ter gostado da sua liberdade de ir e vir.

O meu corpo meio que congelou. Estava evitando aquela conversa difícil. Uma parte porque queria respeitar a dor do Jaime – portanto não provocaria alegria no Henrique falando de nosso rompimento – e também porque queria pagar para ver qual realmente era o nosso problema; o que nos separava era o Jaime ou nós mesmos?

Tomei fôlego e decidi acabar logo com aquilo. Esconder não ia adiantar de nada. Talvez só dificultasse.

– Não tenho mais capacho particular. Nunca mais quero ter um.

Henrique abriu bem os olhos. Colocou a caixa no chão, com cuidado, e depois voltou a me olhar. Seu espanto me fez sorrir. Depois me lembrei do Jaime e fechei as expressões. Era como se não pudesse me sentir bem com aquilo. Sabia que ele estava sofrendo muito, não ia usar o que aconteceu ao meu favor, mesmo que no fundo tenha sido a coisa mais justa que fiz em muito tempo.

Ele passou as mãos pelos cabelos.

– Preciso ir. – Fechei o porta-malas e fui andando até a porta do motorista. Henrique permaneceu no mesmo lugar, acho que ainda sem acreditar no que tinha ouvido.

– Desde quando?

Abri a porta.

– Segunda-feira.

– Por que não me disse antes?

– A vida é injusta por si só. A alegria de muitas pessoas depende da tristeza de outras. Não quero a nossa felicidade como sombra da tristeza de alguém. Não quero que fique contente, Henrique, quero que guarde a informação e entenda que eu fiz a minha verdadeira escolha: escolhi a mim mesma. Fiz isso por mim, em primeiro lugar. Vou me colocar sempre na frente, tenha certeza disso. Preciso me amar se quiser te amar ou amar qualquer outra pessoa. Eu quero te amar até o fim, portanto tenho que me amar bem além dele. – Como Henrique nada falou, apenas concluí o meu lapso filosófico: – Até amanhã!

Cheguei cansada a minha casa, mas a nova rotina necessitava do meu esforço absoluto. O jantar não estaria pronto como acontecia quando o Jaime estava por perto. A faxineira era paga apenas para limpar, então pelo menos não precisaria me preocupar com algo tão chato quanto a limpeza. Mas a comida ficaria por minha conta dali em diante. E as roupas também. Jane havia dito que iria me ajudar,



mas a coitada estava tão enjoada nos últimos três dias que decidi que tomaria conta de tudo até que se sentisse bem novamente.

Estava preparando uma salada bem gostosa quando ela entrou na cozinha, pegando uma maçã na cesta de frutas. Ficou me analisando com ar divertido.

– Não vai ter fome de salada se comer a maçã – murmurei, concentrada demais em picotar o pimentão em partes pequeninas.

– Eu nunca tenho fome de salada, só de Big Mac ou algo assim. Mas vou comer porque faz muito tempo que não vejo a minha irmã cozinhando. Que cheiro bom é esse?

A emoção que senti com o que ela disse foi tão grande que só consegui permanecer com a mesma expressão. Não faz sentido, eu sei.

– Carne de molho. É para o almoço de amanhã.

– Meu Deus! Carne de molho feita por você? Só posso estar sonhando! Ah, me deixa comer agora!

– Só se comer a salada toda.

Jane beijou os dedos entrelaçados.

– Juro!

Levantou-se e ligou o pequeno som quase nunca utilizado da cozinha. Tomou a iniciativa de colocar a mesa, mas não a da sala de jantar. Organizou a mesa diminuta que havia na própria cozinha, selecionando os pratos, copos e talheres de modo que ficassem com as cores combinando.

– Como está hoje? – perguntei.

– Vomitei pela manhã, mas aquele remédio que o médico passou funciona. O enjoo foi embora há algumas horas, e agora estou bem. Só estou cheia de gases, fico arrotando o tempo todo. Pior que uma porca.

Comecei a rir.

– Eca!

– Um nojo mesmo. E a minha irmãzinha, como está?

Parei um pouco e pensei. Medí os meus sentimentos, meu estado físico e o emocional. Estava cansada fisicamente, o joelho ainda ardia, as tapas que levei na bunda haviam deixado marcas e alguma coisa estranha acontecia com o meu pulso. Acho que tinha segurado a gravata do Henrique com muita força. Psicologicamente falando, estava me sentindo meio esquisita. Não parava de pensar na Ana, no Henrique, na CMD. Ainda tinha as contas para pagar, a gravidez da Jane, meus afazeres em casa.

Sinceramente, nunca me senti tão leve. Aquela era a minha vida. As batalhas não me enfraqueciam, apenas me tornavam mais forte. E eu sabia que, dali em diante, encararia qualquer coisa com um sorriso no rosto. Realmente cheguei a pensar que me esconder em meu casulo orgulhoso era prova do meu amor por mim mesma. Ledo engano. Só comecei a me amar quando parei de culpar o mundo, admiti os meus erros, corriji-os e reassumi todas as coisas que a vida me ofereceu sem precisar ser arrogante.

– Estou ótima! – fui muito sincera. – Amanhã é um dia decisivo na empresa, mas estou confiante.

Jane deu mais um daqueles seus sorrisos de menina divertida.

– Estou feliz por você, maninha. Nem acredito que deu um pé na bunda do Jaime. Ele era legal e tals, mas tenho um relacionamento de puro amor com o Henrique. Por falar nisso... Quando o verei circulando por aqui?

Suspirei.

– Não sei.

– Ah, por favor. O que falta para o felizes para sempre?

– Falta... Nem sei direito o que falta. Talvez uma resposta. – Desliguei o fogão e fui despejando a carne, que realmente estava cheirosa, em uma travessa de vidro.

– E quando vai ter essa resposta? Pergunta logo, pela fé!

– Vou perguntar no momento certo – defini assim que falei. Não sabia direito como proceder, mas realmente pirava só com a ideia de ter o Henrique circulando por aquela casa.

Era a única coisa que faltava na minha nova vida.

– Tá bom, agora me passa logo essa travessa, senão seu sobrinho vai nascer com cara de carne de molho.

Gargalhamos juntas.

Acabamos estendendo o jantar e decidimos assistir a um filme. Jane escolheu um de guerra, pois estava evitando romances. Respeitei sua escolha, e até que gostei de ver a bunda do Brad Pitt em “Tróia”. Parecemos duas doidas gritando por causa daquelas nádegas.

Passava da meia-noite quando deitei na minha cama. Peguei o meu celular pela força do hábito, e sorri quando vi que tinha uma mensagem do Henrique, enviada exatamente à meia-noite em ponto.

*“Como todo egoísta que não liga para a tristeza do mundo, só posso dizer uma coisa: estou feliz pra cacete.”*

Tenho certeza de que dormi sorrindo.

Acordei me sentindo renovada. Coloquei o meu melhor terninho, sapatos pretos de salto e fiz questão de ir com os cabelos soltos. Nem fiz chapinha, fui ao natural, ativando os cachos com um mousse. Prendi a franja com uma presilha dourada, que combinava com os brincos, e parti para a decisão.

Henrique já estava na CMD. Caixas e mais caixas embalavam suas coisas. A mesa individual não estava mais lá.

– Bom dia... O que está fazendo?

Ele me olhou meio atravessado. Estranhei bastante.

– O novo coordenador da contabilidade precisa estar com as coisas no lugar.

Fiz uma careta. Nem sei dizer se tive pena, foi algo esquisito o que senti. O coitado estava mesmo contando com a vitória. Que decepção seria para ele. Fiquei me sentindo pior ainda por não ter coragem de lhe dizer o que eu sabia. Mas me senti bem porque tudo daria certo no fim.

– Vou fazer o mesmo – enrolei. – O novo coordenador da estratégia não pode ganhar uma sala vazia. Tem mais caixas por aí?

Henrique me olhou significativamente.

– É nesse momento que eu te beijaria – falou depois de um tempo. – Mas a câmera ainda está lá, e funcionando.

Olhei para trás só para conferir. Estava mesmo lá.

– Eu pegaria no seu pau. – Gargalhei quando ele franziu a testa por causa do que falei. – Mas aí teríamos mais plateia além da secretária velhota da presidência, e bem... Ela já vale por muitos.

Ele riu, mas senti resquícios de nervosismo em seu semblante. Não pude fazer nada para converter a situação. Henrique precisava ser forte até o momento da decisão final. O dia pareceria durar mais do que o normal – eu também estava ansiosa –, mas ele teria fim, como todos os outros.

Breno e Júnior vieram nos parabenizar e mostrar apoio. Preparamos, juntos, o arquivo que entregaríamos para o departamento de análise e a cópia que seguiria direto rumo à presidência. Nosso trabalho havia sido um sucesso. Eu estava mais

do que satisfeita com o resultado final. Nossa pequena confraternização durou até o almoço; decidimos partir para um restaurante e comemorar a nossa vitória em conjunto. O clima ficou bem mais leve entre mim e o Henrique com a presença deles, facilitando um pouco para que sobrevivêssemos àquele dia.

Depois do almoço, no entanto, precisamos de nos despedir. Henrique e eu sentamos no sofá da nossa sala, que agora estava vazia, e simplesmente esperamos.

– Nervosa? – perguntou depois de quase meia hora sem fazermos nada específico. Ele jogava aqueles games ridículos do facebook enquanto eu lia um artigo sobre urbanismo em meu celular.

– Não.

Pensei em perguntar de volta, mas não o fiz. Seu nervosismo era tão evidente que seria babaquice da minha parte fazer questão de ouvir uma mentira.

Foi perto das três horas da tarde que o Agenor apareceu na nossa sala. Estava sorridente, acho que feliz por ter seu último dia na CMD. A partir de segunda-feira ele já não estaria mais conosco. Ficaria livre para pôr em ordem a sua tão sonhada empresa própria. Não lhe desejo o mal, muito pelo contrário. Espero que se dê bem. Mas também espero que se exploda toda vez que tratar seus funcionários como tratou a mim e o Henrique.

– Vamos? Sr. Delacox os aguarda na presidência. – Levantamo-nos juntos. – Mas antes eu queria parabenizá-los. Vocês foram muito bons. Estou contente por ter selecionado duas pessoas capazes de ocupar o meu lugar.

Affe. Infeliz. Ele bem que devia se matar logo.

– Obrigado, Agenor, pelo voto de confiança – Henrique era tão educado. Devia ganhar o cargo só pela educação. O mesmo sentimento de gratidão não me atingiu, e eu não consigo ser falsa, por isso apenas aquiesci.

O caminho até a presidência foi o mais longo da minha vida. Durou uma eternidade. Agora que estávamos tão pertos, não deixei de sentir um nervosismo absoluto. Meus braços tremiam bastante. Piorou quando visualizei a secretária velhota e ela sorriu falsamente para mim. Tremeliquei de pavor e raiva.

Entramos na grande sala da presidência. Marcos e Sara Delacox, além do Edmundo Bittencourt, levantaram-se para nos saudar. Não havia sinal da Ana. Recebemos elogios, congratulações e sorrisos que achei serem sinceros. Sentamo-nos à mesa lado a lado. Desta vez, Henrique segurou a minha mão.

Fui reportada para o momento em que entramos juntos naquela sala pela primeira vez. Éramos verdadeiros combatentes. Queríamos aquele cargo, precisávamos dele como se significasse tudo em nossas vidas.

Meu Deus, eu havia mudado tanto. Graças a ele.

Olhei-o de soslaio. Ele fez o mesmo, e sorrimos. Henrique também tinha mudado bastante. Não tenho problema algum de dizer que foi graças a mim. Nós fomos capazes de nos modificar. Fizemos tudo o que prometemos não fazer: apaixonamos-nos, mudamos nossas prioridades, deixamos nosso orgulho de lado.

Aquele momento tinha tudo para nos separar, mas algo forte me dizia que só nos uniria ainda mais. Prova disso era a sua mão apertando a minha como se dissesse: “tenha calma, tudo vai ficar bem”.

– Vocês foram perfeitos – foi Marcos Delacox que tomou a palavra para si, sem pedir licença. Ele não precisava, afinal. – Sei que não deve ter sido tão fácil quanto pareceu.

Sorri. Não foi mesmo.

– No início, não imaginei que vocês conseguiriam realizar esse projeto com tanto empenho. Achei que a competição prejudicaria o andamento, mas me enganei. Não apenas concluíram em tempo

record como também fizeram tudo em equipe. Os dois estão de parabéns. Independente do resultado, a CMD tem muito orgulho de tê-los conosco. São dois profissionais excelentes.

Meus olhos se encheram de lágrimas com as palavras do poderoso chefe. Aquilo era tudo o que eu precisava escutar. O reconhecimento era o suficiente para mim. Não era o que eu queria? Ser reconhecida? Receber um elogio daquele porte do próprio Marcos Delacox não era para qualquer um.

Todos os esforços que fiz para manter os meus estudos valeram a pena naquele exato momento.

– Iremos escolher a pessoa que achamos se encaixar melhor no papel do diretor geral. É um cargo que exige dedicação total, além de muito conhecimento. Quero deixar claro que o não escolhido não é incapaz de exercê-lo, muito pelo contrário. Apenas precisamos fazer uma escolha difícil, e utilizamos critérios rígidos e muito variados para fazer a certa.

– Ah, por favor, Marcos... Não vamos demorar tanto. Olha as carinhas deles! – Sara apontou para nós, sorrindo largamente. Todos na sala riram. – Acabe logo com esta tortura, até eu estou nervosa.

– Muito bem – Sr. Delacox concordou com a esposa. – Vamos ao... – Ergui a minha mão. Marcos interrompeu a sua fala e balançou a cabeça na minha direção. – Sim?

Levantei-me, largando a mão do Henrique. Tomei fôlego.

– Eu me demito.

\*\*\*

### *Senhor Henrique Farias*

A sala ficou muito quieta durante longos segundos. O meu mundo, então, nem se fala, tudo congelou como se tivessem apertado o

“pause”. Olhei para Laura e não acreditei que viveria para presenciar uma cena daquelas. Era impossível. Inimaginável.

– Laura, já conversamos sobre isso e... – Edmundo se ergueu e esticou a mão para frente.

– Quero a demissão. É definitivo. Não me importa o resultado.

Sara Delacox pareceu desesperada. Levantou-se também.

– Mas, Laura, aconteceu alguma coisa que...

– Aconteceram muitas coisas, e uma delas é que não quero mais trabalhar na CMD. Agradeço muito por tudo, mas espero que saibam valorizar o trabalho do Henrique Farias, sei que será um ótimo diretor.

Ela foi se afastando depressa, e Edmundo foi o único que conseguiu se mexer. Pegou na mão da Laura para tentar impedi-la de ir embora.

– Laura...

– Avisei que era melhor assim, Edmundo. Agora tenho certeza de que é. Estou decidida, nada vai me fazer ficar.

Ele acabou petrificado, e então Laura conseguiu sair da sala. Mais alguns segundos de puro silêncio. Edmundo soltou longos suspiros, depois se virou na direção do Sr. Delacox. Deu de ombros, voltando a se sentar em sua cadeira.

Levantei-me assim que ele sentou, como se tivesse sido programado.

– Eu... Eu... – pareci um idiota.

– Sente-se, Henrique – Sara pediu, e acabei obedecendo.

Meus braços tremiam. Minhas pernas, idem. Sabia que não devia estar naquele lugar. Devia acompanhar a Laura, tentar fazê-la



ficar, sei lá. Precisava fazer alguma coisa que não era continuar ali, escutando o que qualquer membro da presidência tivesse a dizer.

– Bom... Se ela está decidida nada podemos fazer – Sr. Delacox concluiu. – Não podemos obrigá-la a ficar. É uma pena, visto que foi a nossa escolhida para ocupar o cargo. – Olhou-me significativamente, como se eu não soubesse daquilo. Permaneci sem reação.

– Acho que alguém precisa falar com ela – Agenor se intrometeu. – Deve ter desistido por puro medo do resultado. Se soubesse que venceria não sairia assim...

– Engano seu – Edmundo o interrompeu. – Laura me ligou há uma semana pedindo a demissão. Tentei acalmá-la... Até disse que era provável que ganhasse. Acredito que sabia que suas chances eram altas. Além de que a conheço o bastante para ter certeza de que não desistiria assim.

– Ela não desistiria assim... – confirmei num sussurro. Todos olharam para a minha cara. Sentime desconfortável, como se devesse explicações. Talvez devesse, mas não queria explicar nada a ninguém.

Mal sabia se queria existir. Estava em dúvida. Laura havia estragado tudo. Tudo.

– Bem... – Sr. Delacox pigarreou e moveu uma caneta entre os dedos. – Sendo assim, Henrique, creio que possa ocupar o cargo.

Olhei-o, boquiaberto. Não. Estava errado. Não podia ser daquele jeito. Não podia ocupar aquele cargo. Seria a mesma coisa que ganhar o desafio. Eu não estava pronto para ganhar, só para perder. Havia me preparado para a derrota. A vitória só me traria confusão e desespero.

– Pessoal... Desculpem-me, mas não fico aqui sem a Laura. – Levantei-me mais do que depressa. Caminhei até a porta também,

porém ninguém veio atrás de mim. – Não vou ocupar o lugar dela. Laura é insubstituível.

Abri a porta, desesperado. Foi quando ouvi a voz da Sara Delacox.

– Henrique, traga-a de volta. – Olhei para trás. A mulher parecia muito nervosa, totalmente desconcertada. Tinha o rosto vermelho. – Traga-a de volta, e prometo que ambos poderão ocupar o cargo na direção.

Estaquei.

– O quê?

Marcos Delacox ainda tentou questionar a esposa, mas foi devidamente interrompido por um gesto com as mãos.

– Os dois ocuparão este cargo. Sabia que isso não ia dar certo, sei que se gostam e que vão se respeitar. Nossa empresa precisa de trabalho em equipe, de profissionais dedicados como vocês. Não podemos perder nenhum dos dois.

Aquiesci, mal acreditando no que tinha acabado de ouvir.

– Vou trazê-la de volta – foi o que consegui responder antes de dar as costas e ir embora.

O elevador demorou uma eternidade para chegar ao andar da presidência. Foram mais de dez minutos esperando o maldito. Quase coloquei a presidência no chão de tanta raiva que senti. O desespero tomava conta de mim como se estivesse em um jogo de vida ou morte.

Enfim, quando tive a ideia de descer pelas escadas, saí como um louco desesperado, pulando os degraus e quase caindo várias vezes. Precisava encontrar a Laura urgente. Saquei meu celular em algum ponto, quando decidi ser razoável e raciocinar direito. Liguei para ela. A maldita não me atendeu. Liguei de novo. Nada.

Droga!

Continuei correndo escada abaixo até chegar à direção. Quando abri a porta da nossa sala, não havia nada lá. Nem sinal da Laura. Nem sinal das coisas dela. Só o vazio de um ambiente que fazia parte de nós. A mesa estava lá, guardando nossas lembranças. A cafeteira também, e me lembrei de que nunca tinha tomado tanto café quanto naquele período em que trabalhei com ela.

Voltei pelos corredores. Pedi o elevador. O maldito estava no andar da presidência. Puta que pariu!

Tentei ligar para ela de novo, só que desta vez foi direto para a caixa postal. Por que Laura precisava ser tão idiota? Não podia me atender para resolvermos logo a situação? Não, tinha que dar uma de doida e sair correndo como um foguete. E por que raios havia pedido demissão? Meu Deus, que burrice!

Entrei no elevador assim que ele chegou, e decidi ligar para Jane. Pedi para que me ligasse se a Laura chegasse a sua casa. Não expliquei muita coisa, só pedi pelo amor de Deus que me ligasse assim que ela chegasse. Jane entendeu e prometeu que me ligaria.

Desci até a garagem e, não a encontrando, não soube o que fazer. Parei para tomar fôlego em frente à minha moto. Resolvi ligar para o Edmundo Bittencourt.

– Aparentemente ela não está mais na CMD – expliquei nervosamente. – Vou tentar encontrá-la.

– Tudo bem, encerraremos a reunião. Pode me ligar assim que a encontrar, não importa a hora.

– Certo.

Tive uma ideia. Subi ao andar do departamento de estratégia. Ela podia estar resolvendo alguma coisa por lá antes de ir embora. Foi o meu último tiro, que infelizmente passou longe do alvo. Laura Diniz não havia aparecido por lá recentemente. A sala da coordenação de estratégia estava só com as coisas que ela tinha colocado naquela

manhã. Perdi bons vinte minutos da minha vida correndo atrás do nada.

Foi quando retornei à garagem que o meu celular tocou. Era a maldita.

– Caralho, Laura, onde você está?

– Na sua casa. Estou pronta.

– Não viaja! – Mal deu tempo de terminar a frase e ela desligou. Puta merda... Só podia ter pirado de vez.

Peguei a minha moto e saí pela cidade como um alucinado. Não sabia por que estava com tanta pressa. O mundo esperaria por nós. A CMD precisava de nós dois. Então por que me sentia tão perdido, tão sem chão? Havíamos ganhado. Juntos, ganhamos aquele cargo maldito. Com muito custo e chantagem emocional, mas lá estávamos nós, exatamente onde queríamos.

Cheguei a minha casa e logo vi o carro da maluca estacionado bem na frente. Nem lembro direito se consegui desligar a moto, sequer percebi onde havia a colocado. Só sei que pulei, joguei o capacete em qualquer lugar e corri até ela. Estava parada na frente da porta de entrada. E só Deus sabe como passou pela portaria.

– Maluca! Você é uma doida! – berrei e imprensei o meu corpo contra o dela. Beije a sua boca loucamente. – Pirada! – resmunguei entre seus lábios.

Ela riu timidamente.

– Vamos, abra logo essa porta.

– Precisamos conversar.

– Depois. Abra logo antes que eu desista.

As chaves estavam no meu bolso, mas demorei séculos para me lembrar deste fato. Abri a porta com muito custo, nervoso sabe-se lá por que, e a Laura correu, subindo as escadas na maior velocidade.

Não entendia mais nada. Respirei profundamente, fechei a porta e subi. O que estava acontecendo? Alguém deveria me dar um mapa, uma explicação. Qualquer coisa!

Não achei a Laura no meu quarto. Procurei no banheiro e até embaixo da cama. Parecia um maluco. Em certos momentos não conseguia enxergar um palmo à minha frente. Depois de alguns minutos, percebi que a porta do meu quarto BDSM estava aberta aquele tempo todo.

E lá estava a Laura.

Congelei quando me aproximei e vi que retirava as peças de sua roupa, mostrando uma lingerie branca de tirar o fôlego. Contrastava com a sua pele negra de um jeito sensacional. O que a louca queria? O que pensava que estava fazendo?

Entrei no quarto a contragosto, lembrando tudo o que tínhamos vivido naquele lugar. Por incrível que pareça, nosso amor só se tornou mais óbvio ali. Foi naquele pedaço perdido de mundo que descobri que a Laura era a mulher da minha vida. A ideal. A que eu estava procurando e precisando.

Assim que terminou de se despir, desfilou a lingerie até a beira da cama. Ajoelhou-se no chão, colocando os braços no colchão forrado com os mesmos lençóis escarlates. Abriu um pouco as pernas e juntou os punhos.

Foi então que eu entendi. Entendi perfeitamente que aquela mulher diante de mim era a Laura submissa.

– O que pensa que está fazendo?

Ela não me respondeu. Continuou com a cabeça baixa, a posição significando submissão completa. Aproximei-me depressa, sem poder suportar um segundo sequer de sua condição. Ajoelhei-me a seu lado e a puxei para mim.

– Nunca mais faça isso. Nunca mais. – Seus olhos se recusavam a encontrar os meus. – Olhe para mim, Laura!

Ela obedeceu. Já estava chorando. Tive vontade de morrer. O que aquela doida estava pensando? Não fazia sentido algum!

– Eu perdi. Não quero esperar até amanhã. Estou pronta... – choramingou. – Pode fazer de mim o que quiser, Senhor Henrique Farias.

Prendi os lábios. Só podia ter entendido tudo errado. Ou estar sonhando. Ou tendo um pesadelo. A realidade fugiu das minhas concepções durante os segundos que levei para entender que estava mesmo acontecendo.

No impulso, fiz com que se sentasse na beira da cama. Seu corpo, totalmente submetido, acompanhou o movimento na maior facilidade do mundo. Continuei ajoelhado diante dela e a encarei de baixo.

– Doutora Laura Diniz, quem ganhou foi você. Pode fazer o que quiser comigo.

Ela soltou um soluço alto.

– Não... Não, por favor.

– Por que pediu demissão, Laura? Por favor, me faça entender. Por quê?

– Porque eu ia ganhar.

Balancei a cabeça em negativa.

– Laura... Eu já sabia da sua vitória desde a segunda-feira.

Ela abriu os olhos ao máximo, espantadíssima. Soltou mais um soluço e chorou. Não conseguiu falar nada, então decidi deixar claro:

– Estava pronto para ser seu, meu amor.

– Não posso te machucar. Não preciso mais te machucar, não preciso te provar que sou capaz de nada. Só quero ser eu quando

estou contigo.

Aquiesci, compreendendo totalmente. Eu queria a mesma coisa.

– Nós ganhamos... Ganhamos tudo. Eles querem que a gente exerça o cargo. Nós dois, meu amor... – Toquei as laterais do seu rosto. – Nós dois, juntos.

– Jura? – Piscou os olhos diversas vezes.

– Sim... Vai dar tudo certo... Deu tudo certo. Não precisamos disso. Não precisamos dominar nem nos submeter.

– Não quero te dominar. Eu fui dominada por você durante todo esse tempo. Não há prova maior de dominação do que a mudança que aconteceu aqui dentro. – Tocou o próprio peito, e toquei a sua mão. – Eu sou tão sua quanto nenhum submisso conseguiu ser de seu senhor.

– Ah, Laura... – Não consegui conter as lágrimas. – Acabou tudo. Quando o amor acontece não há submissão. Só amor.

– Eu sei. – Balançou a cabeça positivamente. – É o que somos agora... Dominados. Apaixonados.

– Isso... Isso, meu amor. Minha vida.

Ela sorriu, mas continuou chorando. A voz embargada cochichou:

– Agora posso te dizer qual é o meu único medo. – Olhei-a atentamente. – Consegui me livrar de todos eles, sabe... Um a um. Você me fez vencer, Henrique... Mas não consigo me livrar do medo de te perder. Acho que sempre vai me acompanhar. Eu nem sabia que não podia viver sem você até precisar fazê-lo. Agora eu não quero nunca mais... Nunca mais.

– Não vai acontecer, Laura... Não vai. Não vou deixar que aconteça.

Ela também segurou o meu rosto.

– Fica comigo? Pelo tempo que durar um amor? – Seu desespero diante do pedido me atingiu em cheio. Minhas lágrimas caíram em enxurradas.

– Vou ficar contigo pra sempre... – Atirei-me em cima dela. Terminamos deitados na cama, beijando-nos como loucos. Murmurei entre seus lábios: – Não sou perfeito, mas eu te amo tanto que não admito brevidade.

Laura mordeu o meu queixo. Assim, do nada. Olhos amarelos deram adeus às lágrimas para deixar o desejo os consumir. Ela é doida.

Ela é minha.

*Fim*



Gostou do livro? Detestou? Tem algo a dizer?

Vou adorar receber seu comentário!

Facebook Dominados: <https://www.facebook.com/pages/Dominados-Mila-Wander/509157252532923?ref=hl>

Skoob Dominados: <http://www.skoob.com.br/livro/371904-dominados>

*Conheça as outras obras da autora:*

*Trilogia Despedida de Solteira e Em contos de Amor*

## Sobre a autora:

Mila Wander nasceu e mora em Recife. É professora, maquiadora profissional e escritora. “Meu Conselheiro de Luz” foi sua primeira obra concluída e publicada em 2012. É organizadora da coletânea “Em Contos de Amor”, contando com a participação de quinze autores nacionais. “Despedida de Solteira” foi seu romance de estreia na literatura erótica, e em “Dominados” Mila promete surpreender os leitores que amam o gênero adulto.

**CONTATO: [camilavnw@gmail.com](mailto:camilavnw@gmail.com)**

Copyright© – Todos os direitos reservados. Qualquer cópia parcial ou total é proibida.

NÃO COMPARTILHE O PDF DESTA OBRA.  
PIRATARIA É CRIME.